

ROBERT  
MUSIL



O HOMEM  
SEM  
QUALIDADES



ROMANCE



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

4ª IMPRESSÃO

ROBERT MUSIL

**O HOMEM  
SEM QUALIDADES**

ROMANCE

**Livro I/II**

Tradução de  
LYA LUFT

e

CARLOS ABBENSETH

EDITORA  
NOVA FRONTEIRA

Título original: DER MANN OHNE EIGENSCHAFTEN  
© 1978, by ROWOHLT VERLAG - Gmbh, Reinbeck bei Hamburg

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A  
Rua Bambina, 25 - CEP 22251 - Botafogo - Tel.: 286-7822  
Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR  
Rio de Janeiro, RJ

Tradução do Livro Primeiro e capítulos 1 a 38 do Livro Segundo feita  
por Lya Luft, com revisão de Carlos Abbenseth.  
Tradução da obra póstuma feita por Carlos Abbenseth, com revisão  
de Cristina Blink.

Organização da edição brasileira:

Carlos Abbenseth, de acordo com a edição original alemã de Adolf Frisé.

Revisão tipográfica  
CRISTINA BLINK  
VERA LÚCIA SANTANA DE SOUZA  
VALDETE LIMA  
TEREZA BATISTA DA ROCHA

Capa: Victor Burton

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M975h Musil, Robert 1880-1942  
O homem sem qualidades / Robert Musil; tradução de Lya Luft e  
Carlos Abbenseth. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.  
(Grandes romances)

Tradução do original.

1. Romance alemão. I. Luft, Lya. 1938. II. Abbenseth, Carlos.  
III. Título. IV. Série

CDD - 833 89-0726

# **LIVRO PRIMEIRO**

**PRIMEIRA PARTE**

# **UMA ESPÉCIE DE INTRODUÇÃO**

## DO QUAL SINGULARMENTE NADA SE DEPREENDE

Uma pressão barométrica mínima pairava sobre o Atlântico; dirigia-se para leste, rumo à pressão máxima instalada sobre a Rússia, e ainda não mostrava tendência de se desviar dela para o norte. As isothermas e isóteras cumpriam suas funções. A temperatura do ar estava numa relação correta com a temperatura média do ano, a do mês mais Mo e a do mês mais quente e a oscilação aperiódica mensal. O nascer e o pôr do Sol e da Lua, a variação do brilho da Lua, de Vênus, do anel de Saturno, e outros fenômenos importantes transcorriam segundo as previsões dos armários de astronomia. O vapor d'água no ar estava na fase de maior distensão, a umidade era baixa. Numa frase que, embora antiquada, descreve bem as condições: era um belo dia de agosto de 1913.

Automóveis emergiam disparando das ruas estreitas e fundas para a rasa claridade das praças. A mancha escura de transeuntes formava fios nevoentos. Onde riscos de velocidade maior cruzavam aquele ritmo negligente, os fios se adensavam, corriam mais depressa, retornando depois de algumas pulsações ao ritmo regular. Centenas de sons enroscavam-se, produzindo um rumor metálico do qual brotavam pontas isoladas, correndo ao longo de suas beiradas cortantes e recolhendo-se outra vez; saltavam dele lascas de tons claros, que logo sumiam esvoaçantes. Nesse rumor, sem poder defini-lo, alguém que tivesse estado ausente vários anos teria, de olhos fechados, reconhecido a capital do Império, Viena, a Residência. As cidades se reconhecem pelo andar, como as pessoas. Abrindo os olhos, o recém-chegado deduziria o mesmo da vibração do movimento nas ruas, muito antes do que de qualquer detalhe típico. Ainda que fosse só imaginação, não importa. A supervalorização da pergunta: onde estou? vem do tempo dos nômades, em que era preciso registrar os locais de pastagem. Seria importante saber por quê, ao falarmos num nariz vermelho, nos contentamos que seja vermelho, sem nos importarmos com o tom especial de vermelho, embora este possa ser descrito com exatidão em micromilímetros, pela frequência das ondas. Mas numa coisa tão mais complexa como a cidade em que nos encontramos, sempre gostaríamos de saber exatamente que cidade é. Isso nos distrai de pontos mais importantes.

Portanto, não se dê valor maior ao nome da cidade. Como todas as cidades grandes, era feita de irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos, como uma bolha fervente pousada num recipiente feito da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas.

As duas pessoas que subiam uma rua larga e movimentada não tinham naturalmente essa impressão. Via-se que eram de uma camada privilegiada da sociedade, elegantes no vestir, na postura, no modo de conversar; as iniciais de seus nomes estavam caprichosamente bordadas em sua roupa branca; da mesma forma, sem exibição, mas na fina roupa de baixo de sua consciência, sabiam quem eram, e que seu lugar era ali, na capital e Residência. Presumindo que se chamassem Arnheim e Ermelinda Tuzzi — o que não é verdade porque em agosto a Sra. Tuzzi estava com o marido em Bad Aussee, e o Dr. Arnheim ainda em Constantinopla — deparamos com o enigma da identidade deles. Pessoas curiosas freqüentemente encontram esse tipo de enigma nas ruas. A maneira como se resolvem é digna de nota. São esquecidos, caso nos próximos cinquenta passos não consigamos lembrar onde já vimos os dois. Quanto àqueles dois, eles pararam de súbito, percebendo um tumulto à frente. Já um segundo antes, alguma coisa saltara do alinhamento, obliquamente; qualquer coisa se virará, derrapara para o lado, e agora, que estava encalhada ali, com uma das rodas sobre a calçada, via-se que era um pesado caminhão, que freara bruscamente. Logo se juntaram pessoas à volta, como abelhas na entrada da colméia, uma multidão que deixava o centro livre. O motorista descera do veículo e postara-se ali no meio, cinzento como papel de embrulho, explicando o acidente com gestos desajeitados. Os que vinham olhavam para ele, depois baixavam o olhar, cautelosos, para o fundo do buraco onde haviam colocado, na beira da calçada, um homem que parecia morto. Todos admitiam que fora atropelado por estar distraído. Ajoelhavam-se junto dele, alternadamente, querendo fazer alguma coisa; abriram seu casaco, fecharam-no outra vez; tentaram sentá-lo ou, ao contrário, deitá-lo novamente; na verdade todos queriam apenas passar o tempo até que, com a ambulância, viesse uma ajuda competente e autorizada.

Também aquela dama e seu acompanhante tinham chegado perto e, por cima das cabeças e costas baixadas, olhado o homem deitado. Depois recuaram e ficaram por ali, hesitantes. A dama estava com uma sensação ruim no coração e no estômago, que tinha o direito de considerar compaixão; uma sensação vaga, paralisante. Depois de algum tempo, o cavalheiro disse:

— Os caminhões pesados que se usam aqui têm um tempo de freagem longo demais.

A dama sentiu-se mais aliviada, e agradeceu com o olhar. Devia ter ouvido antes aquela expressão, mas não sabia o que era, nem queria saber; bastava-lhe que aquilo explicasse o terrível acidente, reduzindo-o a um problema técnico, que já não a interessava diretamente. Ouviram a sirene estridente da ambulância e todos ficaram satisfeitos com a rapidez de sua chegada. São admiráveis essas instituições sociais. Colocaram o acidentado numa maca e enfiaram-na no carro. Homens com uma espécie de uniforme cuidaram dele, e o interior do veículo, que se divisava rapidamente, parecia limpo e ordenado como um quarto de hospital. Afastaram-se quase com a justa impressão de que acontecera um fato dentro da ordem e legalidade.

— Segundo as estatísticas americanas — comentou o senhor —, morrem lá anualmente 190.000 pessoas em acidentes de automóvel, e 450.000 ficam feridas.

— Acha que ele está morto? — perguntou sua acompanhante, ainda com a sensação injustificada de ter visto algo fora do comum.

— Espero que esteja vivo — respondeu o senhor. — Parecia vivo quando o colocaram no carro.

## 2

### CASA E MORADIA DO HOMEM SEM QUALIDADES

A rua em que acontecera o pequeno acidente era um daqueles longos e sinuosos rios de trânsito que brotam como raios do coração da cidade, varam os bairros afastados e acabam nos subúrbios. Se o elegante casal seguisse por ela mais um pouco, teria visto algo que certamente lhe agradaria. Era um jardim do século XVIII, ou até XVII, ainda parcialmente conservado; passando diante de suas grades de ferro batido, via-se entre as árvores, sobre relvados cuidadosamente aparados, algo que parecia um castelinho de alas curtas, um castelinho de caça ou de amor, de tempos passados. Para ser exato, as abóbadas de sustentação eram do século XVII, o parque e o andar superior pareciam do século XVIII, as fachadas tinham sido renovadas e um pouco prejudicadas no século XIX; portanto o todo estava um tanto confuso, como em retratos fotografados uns por cima dos outros; mas acabava-se parando ali, infalivelmente, e dizendo: “Ah!” E quando aquela coisa alva, graciosa e bela estava de janelas abertas, avistavam-se as paredes de livros, nobres e silenciosas, da casa de um homem de cultura.

A moradia e a casa pertenciam ao homem sem qualidades.

Ele estava postado atrás de uma janela, e através do filtro verde-pálido do ar do jardim contemplava a rua pardacenta; há dez minutos contava com o relógio os automóveis, carruagens, bondes e os rostos de transeuntes embaciados pela distância, que cobriam a retina com um rápido redemoinho; avaliava as velocidades, os ângulos, as forças vivas das massas que passavam, que atraíam o olhar com a rapidez de um raio, prendiam-no, soltavam-no e, durante um tempo para o qual não existe medida, forçavam a atenção a resistir-lhes, desprender-se, saltar para o que viesse em seguida e jogar-se atrás dele; em suma, depois de calcular mentalmente por um momento, ele meteu o relógio no bolso, rindo, e constatou que estivera fazendo uma tolice.

Se se pudessem medir esses saltos da atenção, a atividade dos músculos dos olhos, os movimentos pendulares da alma, e todos os esforços que um ser humano precisa executar para se manter em pé na torrente de uma rua, resultaria presumivelmente — fora isso que ele pensara, tentando, por uma brincadeira, calcular o impossível — uma grandeza comparada à qual a força de que Atlas necessita para sustentar o mundo é insignificante; e poder-se-ia avaliar que gigantesca façanha realiza hoje em dia uma pessoa que não faz coisa alguma.

Pois nesse momento o homem sem qualidades era uma dessas pessoas.

E alguém que faz?



“Podem-se deduzir duas coisas”, disse ele para si mesmo.

A atividade muscular de um cidadão que segue calmamente seu caminho um dia inteiro é muito maior do que a de um atleta que sustenta uma vez ao dia um peso enorme; isso foi comprovado fisiologicamente, e é provável também que as pequenas atividades cotidianas, na sua soma social e nessa capacidade de serem somadas, ponham muito mais energia no mundo do que as ações heróicas; sim, o heróico parece minúsculo como um grão de areia colocado sobre uma montanha com extraordinária ilusão. Essa idéia lhe agradou.

Deve-se acrescentar, porém, que ela não lhe agradava por ele amar a vida burguesa; ao contrário, gostava apenas de contrariar suas inclinações, que outrora tinham sido diferentes. Talvez seja exatamente o pequeno-burguês quem prevê o começo de um heroísmo coletivo, de formigueiro, extraordinariamente novo. Vão chamá-lo de heroísmo racionalizado, e achar tudo muito bonito. Hoje em dia, quem pode saber?! Mas naquele tempo havia centenas de indagações irrespondidas desse tipo, da maior importância. Pairavam no ar, ardiam sob os pés. O tempo corria. Pessoas que ainda não viviam então não hão de querer acreditar, mas já então o tempo se movia com a rapidez de um camelo de montaria; isso não é de hoje. Apenas não se sabia para onde corria. Nem se podia distinguir direito o que estava em cima ou embaixo, o que ia para diante ou para trás.

“A gente pode fazer o que quiser”, disse o homem sem qualidades para si mesmo, dando de ombros, “que isso não tem a menor importância nesse emaranhado de forças!” Depois afastou-se, como uma pessoa que aprendeu a renunciar, quase mesmo como um enfermo que teme qualquer contato forte; e quando, atravessando o quarto de vestir anexo, passou por um *punching ball* ali pendurado, deu-lhe um soco rápido e forte, que não é propriamente comum em momentos de resignação ou estados de fraqueza.

### 3

## TAMBÉM UM HOMEM SEM QUALIDADES TEM UM PAI COM QUALIDADES

Ao voltar há algum tempo do estrangeiro, o homem sem qualidades, só por capricho e por detestar moradias vulgares, alugara aquele castelinho, outrora residência de verão fora dos portões da cidade; ele perdera sua função quando a cidade grande, crescendo, o ultrapassara, e ultimamente era apenas propriedade desabitada e baldia, à espera de que subissem os preços dos terrenos. O aluguel era tão baixo quanto se podia imaginar, mas custara muito dinheiro arrumar tudo de novo segundo as exigências atuais; fora uma aventura, que o obrigara a pedir ajuda ao pai, o que não lhe agradava, pois gostava de ser independente. Tinha trinta e dois anos, e seu pai sessenta e nove.

O ancião ficou horrorizado. Não diretamente por causa do repentino pedido, embora em parte também por isso, pois detestava coisas irrefletidas; nem por causa da contribuição que teria de fazer, pois no fundo apreciava que seu filho quisesse aconchego e ordem. Mas a aquisição de uma casa que, embora no diminutivo, só se

podia chamar de castelo, feria seus sentimentos e assustava-o como uma arrogância de mau agouro.

Ele próprio começara como preceptor em casas da alta aristocracia, quando estudante e depois como jovem assistente de advogado, e na verdade fizera isso sem precisar, pois seu pai já fora homem de posses.

Quando mais tarde se tornara professor universitário e catedrático, sentira-se recompensado por tudo aquilo, pois o cultivo cuidadoso dessas relações fez com que aos poucos se tornasse consultor jurídico de quase toda a nobreza feudal de sua terra, embora nem precisasse mais dessa profissão secundária. Sim, muito depois que a fortuna assim conseguida já se podia comparar com o dote matinal\* de uma família de industriais renanos, que a mãe de seu filho, prematuramente falecida, trouxera para o casamento, aquelas relações, conquistadas na juventude e fortalecidas na idade adulta, não se apagaram. Embora o mestre agora coberto de honrarias se tivesse retirado da advocacia, e só eventualmente exercesse alguma atividade muito bem paga, como consultor, todos os acontecimentos relacionados ao círculo de seus antigos benfeitores eram cuidadosamente registrados por sua própria mão, passando com grande esmero de pais para filhos e netos; e nenhuma distinção, nenhum casamento, nenhum aniversário ou onomástico se passavam sem registro escrito, congratulando a pessoa em questão com uma terna mistura de veneração e lembranças comuns. Breves respostas escritas chegavam com igual pontualidade, agradecendo ao querido amigo e admirado mestre. Desse modo, seu filho conhecera desde a juventude esse talento aristocrático de uma altivez quase inconsciente mas segura em seus juízos, que sabe dar valor a uma gentileza; e a subserviência de uma pessoa da aristocracia espiritual diante dos donos de cavalos, campos e tradições sempre o irritara. Mas não fora o calculismo que tornara seu pai insensível a isso; por impulso natural, realizara assim uma grande carreira, tornara-se não apenas professor catedrático, membro de academias e muitas comissões científicas e governamentais, mas também cavalheiro, comendador; sim, fora até condecorado com uma Grã-Cruz, e por fim Sua Majestade o elevara à nobreza hereditária, nomeando-o antes disso membro do Senado. Lá o distinguido intelectual se ligara à ala burguesa liberal que por vezes se opunha aos nobres, mas significativamente nenhum dos seus benfeitores da nobreza levava isso a mal, nem se admirava; nunca tinham visto nele senão o espírito da burguesia que desejava ascender. O velho senhor participava ativamente dos trabalhos especializados de legislação, e mesmo que uma dura votação o mostrasse do lado burguês, do outro lado não se irritavam com isso, tinham a impressão de que ele não fora convidado. Na política não fazia senão o que já fora seu ofício, unir uma sabedoria superior, por vezes sutilmente pedagógica, à impressão de que apesar de tudo podiam confiar na sua dedicação pessoal; como afirmava seu filho, ele passara sem grandes alterações de professor particular a professor do Senado.

Sabendo da história do castelo, ele a considerou infração de uma fronteira tácita mas tanto mais respeitável, e fez ao filho acusações ainda mais amargas do que as muitas que lhe fizera no curso dos anos, quase a profecia de um mau final que agora iniciava. Ferira-se o sentimento fundamental de sua vida. Como acontece com muitos homens que conseguem algo notável, esse sentimento, longe de ser interesse

---

\* No original, *Morgengabe*: segundo o Direito alemão antigo, presente do marido à esposa na manhã após o casamento. (N. da T.)

pessoal, era um profundo amor ao chamado interesse geral e suprapessoal; em outras palavras, um respeito honesto por aquilo sobre que se constróem as próprias vantagens, não por serem vantagens, mas por razões gerais que se harmonizam com elas. Isso é muito importante; até um cão nobre procura seu lugar debaixo da mesa de jantar, sem ligar para os pontapés, não por servilismo canino mas por devoção e lealdade; e as pessoas frias e calculistas não conseguem na vida metade do sucesso daquelas personalidades bem dosadas, capazes de ter sentimentos profundos por pessoas e circunstâncias que lhes trazem vantagens.

#### 4

### SE EXISTE SENSO DE REALIDADE, TEM DE HAVER SENSO DE POSSIBILIDADE

Quem deseja passar bem por portas abertas deve prestar atenção ao fato de elas terem molduras firmes: esse princípio, segundo o qual o velho professor sempre vivera, é simplesmente uma exigência do senso de realidade. Mas se existe senso de realidade, e ninguém duvida que ele tenha justificada existência, tem de haver também algo que se pode chamar senso de possibilidade.

Quem o possui não diz, por exemplo: aqui aconteceu, vai acontecer, tem de acontecer isto ou aquilo; mas inventa: aqui poderia, deveria ou teria de acontecer isto ou aquilo; e se lhe explicarmos que uma coisa é como é, ele pensa: bem, provavelmente também poderia ser de outro modo. Assim, o senso de possibilidade pode ser definido como capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser, e não julgar que aquilo que é seja mais importante do que aquilo que não é. Vê-se que as conseqüências dessa tendência criativa podem ser notáveis, e lamentavelmente não raro fazem parecer falso aquilo que as pessoas admiram, e parecer permitido o que proíbem, ou ainda fazem as duas coisas parecerem indiferentes. Essas pessoas com senso de possibilidade vivem, como se diz, numa teia mais sutil, feita de nevoeiro, fantasia, devaneio e condicionais; crianças com essa tendência são educadas para se libertarem dela, e lhes dizemos que tais pessoas são utopistas, sonhadores, fracos, e presunçosos ou críticos mesquinhos.

Quando os queremos elogiar, também chamamos esses loucos de idealistas, mas obviamente tudo isso apenas se relaciona aos espécimes frágeis, que não podem entender a realidade, ou talvez fujam dela; portanto, pessoas nas quais a ausência de senso de realidade é uma falha. Mas o possível não abrange apenas os sonhos de pessoas de nervos fracos, e sim os desígnios divinos ainda desconhecidos. Uma experiência possível, ou uma verdade possível, não são iguais à experiência real e verdade real menos o valor da realidade; ao contrário, ao menos do ponto de vista de seus seguidores, têm em si algo divino, um fogo, um vôo, um desejo de construção e uma utopia consciente, que não teme a realidade mas a trata como missão e invenção. Afinal, a Terra não é velha, e aparentemente nunca foi muito abençoada. Se quisermos distinguir entre si as pessoas com senso de realidade e senso de possibilidade, basta pensar em determinada quantia de dinheiro. Tudo o que mil marcos contêm em

possibilidades está ali contido, sem dúvida, não importa se possuímos os mil marcos ou não; o fato de o Sr. Eu ou o Sr. Você os possuírem acrescenta tão pouco aos mil marcos quanto acrescentaria a uma rosa ou uma mulher. Mas um louco os enfiará na meia, dizem as pessoas realistas, e um empreendedor há de realizar alguma coisa com eles; até a beleza de uma mulher sofrerá indubitavelmente acréscimo ou perda segundo quem a possua. É a realidade que traz as possibilidades, e nada mais errado do que negar isso. Mesmo assim, no total ou na média serão sempre as mesmas possibilidades repetidas, até chegar uma pessoa para a qual uma coisa real não signifique mais do que o imaginado. Será ela quem dará sentido e destinação às novas possibilidades, que há de provocar.

Mas um homem desses não é um caso muito claro. Já que, na medida em que não forem devaneios ociosos, suas idéias são apenas realidades ainda não nascidas, naturalmente também ele tem senso de realidade; mas é um senso para a realidade possível, e chega ao seu objetivo muito mais devagar do que o senso para possibilidades reais, que a maioria das pessoas possui. Ele deseja a floresta toda, o outro quer as árvores; e floresta é algo difícil de expressar, enquanto árvores significam tantos e tantos metros cúbicos de determinada qualidade. Ou talvez se exprima isso melhor de outro modo, e o homem com senso comum de realidade se assemelha a um peixe que abocanha o anzol sem ver a unha, enquanto o homem com aquele senso de realidade, que também se pode chamar senso de possibilidade, puxa uma linha pela água e não tem idéia se existe uma isca presa nela. Uma extraordinária indiferença em relação à vida que morde a isca traz consigo o perigo de fazer coisas totalmente aleatórias. Um homem sem senso prático — ele não apenas parece assim, mas é assim — é inconfiável e imprevisível no trato com as pessoas. Cometerá atos que lhe significam outra coisa do que para os demais, mas tudo o que deixa tranqüilo, desde que possa ser sintetizado numa idéia extraordinária. Além disso, ele hoje ainda está muito longe de ser conseqüente. É bem possível que um crime que prejudique a outros lhe pareça apenas um erro social, cuja culpa não cabe ao criminoso mas à ordem social. Mas é de duvidar que, recebendo uma bofetada, ele a considere insulto da sociedade, ou tão impessoal quanto lhe pareceria a mordida de um cão; provavelmente, primeiro ele devolverá a bofetada, depois pensará que não devia ter feito isso. E por fim, se lhe roubarem uma amada, ele hoje ainda não conseguirá ignorar inteiramente a realidade desse fato e consolar-se dessa perda com uma emoção nova e surpreendente. Essa evolução ainda está em curso, e para o indivíduo representa ao mesmo tempo fraqueza e força.

E como a posse de qualidades pressupõe certa alegria por serem reais, podemos entrever como uma pessoa que não tenha senso de realidade nem em relação a ela própria pode sentir-se de repente um homem sem qualidades.

## ULRICH

O homem sem qualidades de quem estamos falando chamava-se Ulrich, e Ulrich — não é agradável chamar alguém o tempo todo pelo nome de batismo, se o conhecemos tão pouco por enquanto!, mas seu sobrenome será omitido em consideração a seu pai — dera, na fronteira da meninice e adolescência, numa composição escolar, a primeira prova de sua maneira de ser. A composição tinha como tema um pensamento patriótico. Na Áustria o patriotismo era assunto muito especial. Pois crianças alemãs aprendiam simplesmente a desprezar as guerras das crianças austríacas, e ensinavam-lhes que as crianças francesas eram netas de libertinos sem fibra, que fogem aos milhares quando um soldado alemão barbudo avança sobre eles. E com papéis trocados, bem como as modificações desejáveis, aprendiam a mesma coisa as crianças francesas, russas e inglesas, que também tinham sido freqüentemente vencedoras. Mas crianças são fanfarronas, gostam de brincar de polícia-e-ladrão, e estão sempre dispostas a considerar a família X da rua Y a maior família do mundo, caso façam parte dela. Assim, se deixam influenciar facilmente pelo patriotismo. Mas na Áustria isso era um pouco mais complicado. Pois os austríacos também tinham vencido todas as guerras da sua história, mas depois da maioria dessas guerras tinham feito algum tipo de concessão. Isso faz pensar, e na sua composição sobre amor à pátria Ulrich escreveu que um verdadeiro patriota nunca devia considerar sua pátria a melhor de todas; sim, com um lampejo que lhe pareceu especialmente belo, embora ficasse mais ofuscado por seu brilho do que visse o que estava contido nele, acrescentara àquela frase suspeita mais outra: que provavelmente também Deus gostava de falar do seu mundo no *conjunctivus potentialis* (*hic dixerit quispiam* = aqui se poderia objetar...), pois era Deus quem fazia o mundo, pensando que bem podia ser de outra maneira.

Ele sentira muito orgulho dessa frase, mas talvez não se tivesse expressado de maneira muito compreensível, pois causara grande agitação, e quase o afastaram da escola, embora não chegassem a tomar essa decisão por não descobrirem se aquele comentário inadequado era blasfêmia contra a pátria ou contra Deus. Naquele tempo, ele estava sendo educado no aristocrático Ginásio Teresiano, que fornecia os mais nobres esteios do Estado. E seu pai, furioso com a vergonha causada por aquele filho degenerado, mandou Ulrich para o estrangeiro, para um pequeno colégio belga, localizado numa cidade desconhecida e que através de uma administração inteligente e espírito comercial, conseguia a preços baixos grande número de alunos transviados. Lá Ulrich aprendeu a ampliar internacionalmente seu desprezo pelos ideais alheios.

Desde então tinham-se passado dezesseis ou dezessete anos, rápidos como nuvens no céu. Ulrich não lamentava por eles, nem deles se orgulhava; simplesmente os contemplava com espanto, no seu trigésimo segundo ano de vida. Entrementes estivera em vários lugares, algumas vezes por breve tempo ficara em casa, e por toda parte fizera coisas de valor e coisas inúteis. Já se insinuou que era matemático, e não se precisa por enquanto dizer mais sobre isso, pois em toda a profissão que não é exercida por dinheiro mas por amor, chega um momento em que o acúmulo dos anos

parece levar a nada. Como esse momento se estendia por um período mais longo, Ulrich lembrou que se atribui à terra natal a capacidade misteriosa de dar raiz e autenticidade aos pensamentos, e instalou-se nela com a sensação de um peregrino que se senta num banco para toda a eternidade, embora saiba que logo vai se levantar dali.

Quando, então, arrumou sua casa, como diz a Bíblia, teve uma experiência pela qual na verdade estava esperando. Entregara-se à agradável atividade de organizar sua devastada pequena propriedade a partir do zero, segundo seu próprio capricho. Desde a reconstrução em estilo puro até a arbitrariedade total, possuía todas as premissas para fazer o que quisesse, e na sua mente ofereciam-se todos os estilos, desde o assírio ao cubista. O que escolher? O homem moderno nasce e morre numa clínica; portanto, também deve morar como numa clínica! Um arquiteto famoso acabava de estabelecer este postulado; outro decorador reformista exigia que se colocassem paredes móveis, dizendo que o homem, convivendo com outros, tinha de aprender a confiar, e não devia confinar-se de maneira separatista. Naquele momento começara uma nova era (pois elas começam a todo instante!), e uma nova era pedia um novo estilo. Para sorte de Ulrich, o castelinho, assim como estava, já constava de três estilos superpostos, de modo que não se podia obedecer a todas essas exigências; ainda assim ele se sentia instigado pela responsabilidade de organizar uma casa, e a ameaça “Dize-me como moras e dir-te-ei quem és”, que lera tantas vezes em revistas de arte, pairava sobre sua cabeça. Depois de muito se ocupar dessas revistas, decidiu que era melhor trabalhar pessoalmente na construção da sua personalidade, e começou a desenhar seus futuros móveis. Mas assim que imaginava uma forma impressionante e impetuosa, ocorria-lhe que podia em seu lugar colocar uma forma utilitária, técnica e menor; e quando desenhava uma despojada forma de concreto, lembrava-se das magras formas primaveris de uma menina de treze anos, e começava a sonhar em vez de tomar decisões.

Era — numa circunstância que não o afetava muito a sério — a conhecida incongruência das idéias, e sua difusão sem um ponto central, característica da atualidade, cuja singular aritmética vai de cem a mil sem ter a unidade. Por fim ele só conseguia imaginar salas inexecutáveis, quartos giratórios, decorações caleidoscópicas, caixas de mudança para a alma, e suas idéias eram cada vez mais inconsistentes. Finalmente chegara ao ponto que o atraía. Seu pai teria dito mais ou menos assim: aquele a quem permitem fazer tudo o que deseja, em breve não sabe mais o que desejar. Ulrich repetia isso com grande prazer. Aquela sabedoria de velho lhe pareceu uma idéia extraordinariamente nova. O homem precisa ser limitado em todas as suas possibilidades, planos e sentimentos, por preconceitos, tradições, dificuldades e limitações de toda sorte, como um louco na sua camisa-de-força; e só então aquilo que tem a produzir talvez tenha valor, coerência e solidez; na verdade, é difícil perceber o alcance dessa idéia! Bem, o homem sem qualidades, que voltara à sua terra, deu também o segundo passo para se deixar modelar de fora, pelas condições da vida. Nesse momento entregou a decoração de sua casa ao capricho dos fornecedores, convencido de que cuidariam da tradição, dos preconceitos e limitações. Apenas renovou pessoalmente linhas providas de tempos remotos, as escuras galhadas de cervos sob as abóbadas brancas do pequeno vestibulo, ou o severo teto do salão, e acrescentou tudo o que lhe parecia útil ou confortável.

Quando estava tudo pronto, pôde balançar a cabeça e indagar-se: “Então é isso que vai ser a minha vida?”

Possuía um pequeno palácio encantador — quase se teria de chamá-lo assim, pois era tudo o que se pensa de uma residência de bom gosto para uma capital, segundo imaginação dos mais importantes vendedores de móveis, tapetes e instalações. Faltava apenas um fator: não tinham dado corda àquele fascinante relógio; pois, se tivessem, haveria coches de altos dignitários e damas aristocráticas subindo a rampa de acesso, haveria lacaios saltando dos estribos e perguntando a Ulrich, com certa suspeita:

— Moço, onde está o seu patrão?

Ele voltara da lua e imediatamente se estabelecera como se ainda estivesse lá.

## 6

### LEONA, OU UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA

Quando se arruma a casa, também se deve encontrar uma mulher. A amiga de Ulrich, naqueles tempos, chamava-se Leontina e era cantora num pequeno teatro de variedades; era grande, esbelta e cheia de corpo, de uma apatia irritante; ele a chamava Leona.

Ela despertara seu interesse pelo negrume úmido dos olhos, uma expressão dolorida e apaixonada do belo rosto longo e regular, e pelas canções sentimentais que cantava em lugar de canções lascivas. Todas aquelas cançõezinhas antiquadas falavam de amor, sofrimento, fidelidade, abandono, rumores de florestas e cintilações de trutas. Leona colocava-se, alta e solitária, no pequeno palco, cantando com voz de uma dona de casa pacientemente em direção ao público; e quando deixava escapar pequenas ousadias morais, pareciam mais fantasmagóricas ainda, porque a moça acompanhava emoções trágicas ou travessas com os mesmos gestos penosamente soletrados. Ulrich recordou imediatamente retratos antigos ou belas mulheres de velhas revistas para famílias; observando o rosto daquela mulher percebeu nele uma porção de pequenos traços que não podiam ser reais, mas que o caracterizavam. Naturalmente todas as épocas têm todas variedades de rostos; mas a moda destaca sempre um deles, fazendo-o modelo de felicidade e beleza, e os demais tentam imitá-lo; até as feias o conseguem com ajuda de roupa e penteado, só as que nasceram para coisas especiais não o conseguem nunca — nelas manifesta-se sem concessões o ideal de beleza banido e aristocrático de tempos passados. Esses rostos andam como cadáveres de antigos prazeres sensuais na grande ilusão da troca amorosa; e os homens que, boquiabertos, fitavam o tédio imenso das canções de Leontina, inconscientes disso fremiavam as narinas com emoções bem diferentes do que as que lhes inspiravam as atrevidas cantoras com penteados de dançarina de tango. Ulrich decidiu chamá-la Leona, e possuí-la lhe pareceu mais desejável do que possuir um leão empalhado pelo taxidermista.

Mas, iniciada a sua relação, Leona revelou outra característica: era incrivelmente comilona, vício que há muito saíra de moda. Nascera do desejo reprimido da criança pobre de comer guloseimas, mas assumira a força de um ideal que finalmente rompe as grades e domina a personalidade. O pai dela parecia ter sido um honrado pequeno-burguês, batia-lhe sempre que a via com admiradores; mas Leona saía com ra-

pazes apenas porque adorava sentar-se no terraço de uma confeitaria comendo sorvete enquanto observava dignamente os transeuntes. Não se poderia dizer que não fosse sensual, mas, como em todas as coisas, também nisso era preguiçosa e detestava atividade. Qualquer excitação em seu avantajado corpo precisava de muito tempo até chegar ao cérebro, e às vezes no meio do dia seus olhos começavam a se enevoar sem motivo, enquanto à noite tinham-se fixado imóveis num ponto do teto, como se observassem uma mosca ali pousada. Assim, também podia começar a rir, em pleno silêncio, de uma anedota que só então entendia embora a tivesse escutado dias atrás, quieta, sem a compreender. Quando não tinha nenhum motivo para fazer o contrário, era portanto muito decente. Nunca contara como chegara àquela profissão. Aparentemente, tinha esquecido. Via-se apenas que considerava a atividade de cantora parte necessária de sua vida, ligando-a a tudo o que de grandioso jamais ouvira sobre arte e artistas, de modo que lhe parecia uma atividade correta, edificante e nobre, postar-se cada noite num pequeno palco imerso em fumaça de charutos, e apresentar canções que nunca deixavam de emocionar os outros. Naturalmente, como é necessário para temperar a decência, não recuava diante de uma indecência eventual, mas estava firmemente convencida de que a prima-dona da Ópera Imperial fazia a mesma coisa.

Na verdade, se teimarmos em chamar prostituição alguém entregar-se por dinheiro, não, como é comum, com toda a sua pessoa, mas apenas o seu corpo, então de vez em quando Leona se prostituía. Mas quem durante nove anos, como ela fazia desde os dezesseis, conhece a mesquinha dos ordenados que se pagam por dia nos cabarés vagabundos, e leva em consideração o preço das roupas, os descontos, a avareza e arbitrariedade dos proprietários, a porcentagem sobre a comida e bebida de clientes animados e sobre as contas dos quartos do hotel vizinho, quem tem de lidar com tudo isso diariamente, brigar e calcular tudo comercialmente, sabe que aquilo a que os leigos chamam devassidão é uma profissão plena de lógica; objetividade e regulamentos. Exatamente a prostituição é um fenômeno no qual faz grande diferença se o encaramos de cima ou de baixo.

Mas embora Leona tivesse uma concepção absolutamente objetiva da questão sexual, não era desprovida de romantismo. Apenas todo o excesso, vaidade, desperdício, os sentimentos de orgulho, inveja, sensualidade, ambição, entrega, em suma, os instintos da personalidade e da ascensão social, se tinham nela ligado, por um capricho da natureza, não ao coração, mas ao *tractus abdominalis*, aos processos da alimentação; com os quais, aliás, em tempos antigos estavam regularmente ligados, o que hoje ainda se observa nos povos primitivos ou nos camponeses glutões que conseguem expressar a nobreza, e tudo o que distingue o ser humano, numa refeição festiva na qual se come em excesso, com toda a solenidade e todos os fenômenos concomitantes. Nas mesas do cabaré de segunda categoria, Leona cumpria o seu dever; mas sonhava com um cavalheiro que lhe permitisse, através de uma relação que durasse o tempo de seu contrato, sentar-se em fina postura diante do fino cardápio de um restaurante fino. Então teria gostado de comer de uma só vez de todos os pratos, e provocava-lhe uma satisfação dolorida e contraditória poder mostrar, ao mesmo tempo, que sabia escolher os pratos, e compor um menu sofisticado. Só nas sobremesas podia soltar a fantasia, e habitualmente, numa sequência inversa, estas se tornavam um lauto segundo jantar. Com café preto e bebidas Leona recuperava sua capacidade de comer e excitava-se com surpresas, até saciar sua paixão. Então seu corpo quase estourava de coisas finas. Ela olhava em torno, indolente e radiante, e



embora nunca falasse muito, nesse estado gostava de comentar as delícias que comera. Quando dizia *Polmone à la Torlogna* ou *Maças à la Melville*, pronunciava isso como outra pessoa diria, em tom calculadamente casual, que falara com o príncipe ou lorde do mesmo nome.

Como aparecer em público com Leona não fosse exatamente do agrado de Ulrich, ele habitualmente a alimentava em sua casa, onde ela poderia comer em honra das galhadas de cervo e dos móveis de estilo. Mas assim, Leona sentia-se frustrada em seu prazer social, e quando o homem sem qualidades a excitava com os mais estranhos pratos que um cozinheiro consegue produzir, levando-a a solitários excessos, ela se sentia usada, como uma mulher que sabe que não é amada por suas qualidades espirituais. Era bonita, era uma cantora, não precisava se esconder, e todas as noites era objeto dos desejos de algumas dúzias de homens que lhe teriam dado razão. Mas aquele homem, embora quisesse ficar sozinho com ela, nem ao menos dizia: “Santo Deus, Leona, a tua b... me deixa louco!”, lambendo os bigodes de apetite só de a contemplar, como habitualmente faziam os cavalheiros. Leona o desprezava um pouco, mas naturalmente lhe era fiel, e Ulrich sabia disso. Aliás, sabia muito bem o que fazer em companhia de Leona, mas passara há muito a época em que teria dito uma coisa daquelas e usara bigode. E quando não se consegue repetir o que se fazia em outros tempos, por tolo que seja, é como perder o uso da mão ou da perna.

Os olhos dele tremeluziam ao ver sua amiga depois que comida e bebida lhe tinham subido à cabeça. Podia-se separar cuidadosamente a beleza dela da pessoa dela. Era a beleza da duquesa que o Ekkerhard de Scheffel carregara sobre a soleira do convento, a beleza da castelã com o falcão pousado na luva, a beleza da lendária imperatriz Elisabete com sua pesada coroa de cabelos, uma delícia para pessoas já mortas. Para ser mais exato, ela também lembrava a divina Juno, mas não uma Juno eterna e permanente, e sim aquilo que num tempo passado ou quase se pensava de Juno. Assim, o sonho do ser fora emborcado apenas frouxamente sobre a matéria. Mas Leona sabia que um convite refinado merece recompensa, mesmo que o anfitrião nada espere, e que não devia apenas deixar-se olhar daquele jeito; por isso, assim que conseguia fazê-lo novamente, punha-se de pé e começava a cantar sem emoção mas com voz forte.

Para seu amigo, noites como aquela pareciam folhas arrancadas, animadas por toda a sorte de idéias e fantasias, mas mumificadas como tudo que é retirado de um contexto; e cheias daquela tirania do que se fixou eternamente e que constitui o fantasmagórico encanto dos quadros vivos, como se tivessem dado um sonífero à vida, e agora ela estivesse parada ali, hirta e cheia de alusões, com contornos nítidos, mas monstruosamente desprovida de sentido no quadro geral.

## NUM MOMENTO DE FRAQUEZA, ULRICH ARRANJA OUTRA AMANTE

Certa manhã, Ulrich chegou em casa em péssimo estado. Suas roupas pendiam rasgadas, teve de fazer compressas molhadas na cabeça ferida, faltavam-lhe relógio e carteira. Não sabia se os três homens com quem brigara os tinham roubado ou se algum silencioso benfeitor os pegara quando ele estava desmaiado no asfalto. Deitou-se na cama, e enquanto o corpo abatido se sentia abrigado e cuidado, Ulrich refletiu mais uma vez sobre toda a aventura.

De repente, tinham aparecido três sujeitos: talvez tivesse roçado num deles na rua, numa hora tardia e solitária, pois estava distraído com outras idéias; mas mesmo assim, aqueles rostos, contorcidos à luz do lampião, expressavam uma raiva mais antiga. Ele cometera então um erro. Deveria ter recuado imediatamente, como quem tem medo, mas empurrando com as costas o sujeito que se metera atrás dele, ou enfiando o cotovelo em seu estômago, tentando ao mesmo tempo fugir, pois contra três homens fortes não se luta. Em vez disso, hesitara um instante. Era a idade: trinta e dois anos. A essa altura, hostilidade e amor exigem mais tempo. Ele não acreditava que os três rostos que o encaravam na noite com raiva e desprezo quisessem apenas seu dinheiro, imaginou que era ódio, ódio que confluía contra ele e se personificara; enquanto os malandros o insultavam com palavras grosseiras, pensou que podiam nem ser malandros mas cidadãos como ele, apenas bêbados e liberando suas inibições, e que, notando o vulto dele ao passar, descarregavam sobre ele o ódio que está sempre em todo mundo à espera de qualquer pessoa estranha, como uma tempestade iminente no ar. Ele próprio já sentira algo parecido. Hoje em dia, muitíssimas pessoas se sentem numa lamentável oposição a muitíssimas outras. É um traço fundamental de nossa cultura o homem desconfiar profundamente de pessoas fora do seu próprio meio; portanto, não só um ariano considera um judeu um ser incompreensível e inferior, mas um jogador de futebol sente o mesmo diante de um pianista. Afinal, cada coisa só existe dentro de seus limites, afirmando-se como ato relativamente hostil contra o ambiente; sem Papa não teria havido Lutero, sem pagãos não teria havido Papa; por isso, não se pode negar que a mais intensa inclinação do homem por seus irmãos se baseie na repulsa deles.

Ulrich não pensou em tudo isso tão minuciosamente, é claro; mas reconhecia aquela vaga hostilidade que inunda nossa civilização; e quando ela de repente se cristaliza em três desconhecidos que atacam como raios e trovoadas, sumindo depois para sempre, quase nos sentimos aliviados.

Mesmo assim, em se tratando de três malandros, a reflexão parece ter sido um tanto excessiva. Pois quando o primeiro atacou, e voou de volta porque Ulrich se adiantara dando-lhe um soco no queixo, teria sido necessário eliminar imediatamente o segundo; mas este foi apenas roçado pelo punho de Ulrich, a quem um golpe vindo de trás quase rachou o crânio. Ele caiu de joelhos, foi agarrado, conseguiu levantar-se com força quase sobrenatural, como em geral acontece depois do primeiro choque, esmurrou uma massa indefinida de corpos estranhos e acabou abatido por punhos que lhe pareciam crescer cada vez mais.

Constatado o erro que cometera, e que se limitava ao campo esportivo, como quando se dá um salto curto demais, Ulrich, com nervos excelentes, adormeceu tranqüilamente, atraído pelas mesmas espirais flutuantes da inconsciência que o tinham engolido quando fora derrubado.

Ao acordar, certificou-se de que os ferimentos não eram graves, e refletiu de novo sobre o acontecido. Uma briga sempre deixa uma sensação ruim, por assim dizer de uma intimidade precipitada, e Ulrich sentiu que, mesmo tendo sido atacado, não se portara adequadamente. Mas adequar-se a quê? Junto das ruas onde a cada trezentos passos um policial pune a menor infração da ordem, há outras que exigem força e atenção, como uma floresta virgem. A humanidade produz bíblias e armas, tuberculose e tuberculina. É uma democracia com reis e aristocratas; constrói igrejas, mas constrói universidades que as combatem; transforma mosteiros em casernas, mas nas casernas coloca capelães militares; naturalmente também coloca nas mãos de bandidos mangueiras de borracha recheadas de chumbo, para atormentarem outras pessoas, e depois prepara cobertores macios para as vítimas desses maus-tratos, como as cobertas que agora envolviam Ulrich com carinho e proteção.

Tudo isso é o conhecido fato dos paradoxos, da incoerência e imperfeição da vida, que nos fazem rir ou chorar. Ulrich porém não era assim. Odiava aquela mescla de desapego e exagerado apego à vida, com que suportamos suas contradições e meias-verdades, como uma tia solteirona tolera as má-criações de um jovem sobrinho. Mas não saltou da cama ao ver que ficar deitado nela era tirar vantagem da desordem nas relações humanas; pois evitar pessoalmente o mal e fazer o bem, mas não se importar com a ordem geral é, em muitos sentidos, um compromisso precipitado com a consciência à custa da causa, um curto-circuito, uma fuga para o mundo particular. Depois daquela involuntária experiência, Ulrich chegou a pensar que valia muito pouco eliminarem-se armas, ou reis, e reduzir a ignorância e maldade humanas com o progresso; pois as objeções e maldades são sempre substituídas por outras, como se uma perna do mundo escorregasse para trás cada vez que a outra avança. Seria preciso entender a causa e mecanismo secreto desse processo! Isso seria mais importante do que ser um bom homem segundo princípios breves superados; assim, em assuntos de moral Ulrich preferia o serviço no estado-maior ao heroísmo cotidiano da prática do bem.

Recordou mais uma vez a continuação daquela aventura noturna. Quando voltara a si depois da briga de final infeliz, um táxi parará à beira da calçada; o motorista tentara erguer pelos ombros o estranho ferido, e uma dama de expressão angelical inclinara-se sobre ele. Nesses momentos em que a consciência volta de muito fundo, tudo nos parece um livro de contos de fadas; mas logo o desmaio cederá à lucidez, e a presença daquela mulher que se interessava por ele bafejou Ulrich, reanimando-o como água-de-colônia; ele logo viu que não estava muito machucado, e tentou pôr-se de pé da melhor maneira possível. Não conseguiu isso logo como desejava, e a dama ofereceu-se, preocupada, para levá-lo a algum lugar onde encontrasse ajuda. Ulrich pediu que o levassem para casa, e como ainda parecesse desamparado e confuso, a dama consentiu. No carro ele se recuperara depressa. Sentia nela uma presença maternal, uma doce nuvem de romântica solicitude, em cujo calor agora começavam a formar-se os pequenos cristais de gelo da dúvida e do medo de um ato irrefletido, enquanto ele voltava a ser um homem, e os cristaisinhos enchiam o ar, macios como neve caindo. Contou sua experiência, e a bela mulher, só um pouco mais jovem do que

ele, portanto com talvez trinta anos, lamentou a brutalidade das pessoas, e sentiu uma pena imensa.

Naturalmente Ulrich começou a justificar vivamente o que acontecera e declarou à suprendida beldade maternal que brigas não podiam ser avaliadas segundo seu resultado. O encanto delas residia no fato de que em um pequeno lapso de tempo é preciso agir com uma rapidez que habitualmente não tem lugar na vida burguesa e, guiado por sinais quase imperceptíveis, executar tantos movimentos variados, violentos, mas ainda assim exatos, que é totalmente impossível controlá-los com a consciência. Ao contrário, qualquer esportista sabe que já alguns dias antes de uma competição é preciso parar com o treinamento, para que os músculos e nervos possam fazer um último acordo entre si, sem que a vontade, a intenção e a consciência estejam presentes ou possam intervir. No momento da ação é sempre assim, descreveu Ulrich: os músculos e nervos saltam e lutam com o eu; mas este, o corpo como um todo, a alma, a vontade, toda essa pessoa limitada como individualidade pelo direito civil, é carregada por eles como Europa sentada sobre o touro; e se não fosse assim, se infelizmente o menor raio de reflexão caísse nessa treva, a empresa fracassaria.

Ulrich dissera tudo isso sempre mais entusiasmado. No fundo, afirmou então, achava que aquela experiência de total retraimento ou ruptura da consciência se ligava a experiências perdidas que os místicos de todas as religiões conheciam, portanto de certa forma eram um substituto atual de necessidades eternas; e embora fossem um mau substituto, ao menos era alguma coisa; e o boxe, ou esportes semelhantes, que colocam isso num sistema racional, seriam uma espécie de teologia, embora não se possa esperar que todo mundo compreenda isso.

Talvez Ulrich falasse tão vivamente com sua companheira por desejar fazê-la esquecer a triste situação em que o encontrara. Nessas circunstâncias era difícil para ela saber se ele falava a sério ou de brincadeira. De qualquer modo, parecia-lhe natural ele tentar explicar a teologia com o esporte, e talvez até fosse interessante, pois esporte é uma coisa moderna, e teologia algo misterioso, embora inegavelmente ainda existam muitas igrejas. E, fosse como fosse, ela achava que um acaso feliz a fizera salvar um homem muito brilhante; mas também ficou pensando se ele não teria sofrido uma comoção cerebral.

Ulrich, querendo dizer alguma coisa sensata, aproveitou a ocasião para comentar, em tom casual, que também o amor fazia parte das experiências religiosas e perigosas, porque tirava os homens dos braços da razão para deixá-los flutuando no ar.

Sim, disse a dama, mas esporte era uma coisa rude.

Certamente, admitiu Ulrich depressa, esporte era uma coisa rude. Podia-se dizer que nas competições se descarrega um ódio sutilmente distribuído, um ódio generalizado. Naturalmente afirmava-se o contrário, que o esporte une, faz camaradas, e coisas assim; mas isso no fundo apenas comprovava que rudeza e amor não estão mais distantes um do outro do que as duas asas de um grande pássaro colorido e silencioso.

Ele acentuara as asas e o colorido pássaro silencioso — idéia sem muito sentido, mas cheia daquela incrível sensualidade com que a vida, em seu corpo desmedido, une todos os contrários rivais. Notou que sua vizinha não compreendia nada disso; a macia sensação de neve caindo, que a presença dela espalhava pelo carro, tomara-se entretanto ainda mais densa. Então ele se virou bem para ela e perguntou se não gostava de falar em assuntos do corpo. O corpo estava se tomando moda, e no fundo isso dava uma sensação sinistra, pois ele, quando muito bem treinado, assumia o coman-

do e reagia a cada excitação, sem nada perguntar, com movimentos automatizados, com tamanha segurança, que ao seu dono restava apenas a inquietante sensação de observar, enquanto seu caráter se evadia junto com uma parte qualquer do corpo.

Pareceu realmente que essa pergunta tocara fundo a jovem; ela se mostrou excitada com essas palavras, ficou de respiração agitada e afastou-se um pouquinho, cautelosa. Um mecanismo semelhante ao descrito acima, uma inspiração funda, um rubor da pele, pulsações do coração, e talvez alguma coisa mais, parecia estar agindo nela. Mas exatamente nesse momento o carro parará diante da casa de Ulrich. Ele apenas pôde sorrir e pedir o endereço de sua salvadora, para o devido agradecimento, mas para seu espanto ela não lhe concedeu esse favor. Assim, o portão de ferro preto batido fechou-se atrás de um estranho surpresa. Provavelmente depois disso as árvores de um parque antigo tinham-se erguido, altas e escuras, na luz de lâmpadas elétricas, janelas se haviam acendido, e as alas inferiores de um castelinho semelhante a um *boudoir* haviam-se estendido sobre um relvado verde-esmeralda bem aparado, um pouco das paredes aparecera, cobertas de quadros e prateleiras de livros coloridos, e o companheiro de viagem, depois das despedidas, fora absorvido por aquela existência inesperadamente bela.

Assim tinha acontecido; mas enquanto Ulrich ainda refletia sobre a inconveniência de vir a ter perdido tempo com mais uma dessas aventuras amorosas das quais estava cheio, foi-lhe anunciada uma dama que não queria dizer o nome e entrou coberta por um longo véu. Era ela, que não tinha mencionado nome nem endereço, e que agora, com o pretexto de ver como ele estava, tomava, romântica e caridosa, a iniciativa de prosseguir a aventura.

Duas semanas depois, Bonadéia já era amante dele há catorze dias.

## 8

### KAKÂNIA

Na idade em que ainda se levam a sério coisas como alfaiate e barbeiro e se gosta de olhar no espelho, muitas vezes nos imaginamos em algum lugar onde gostaríamos de passar a vida, ou pelo menos um lugar onde é elegante viver, mesmo sentindo que, pessoalmente, não seria tão bom estar lá. Uma dessas obsessões é há muito tempo uma espécie de cidade superamericana, onde todo mundo corre ou pára com cronômetro na mão. Céu e terra formam um formigueiro varado pelos diversos andares de ruas sobrepostas. Trens aéreos, trens terrestres, trens subterrâneos, pessoas transportadas por correio pneumático, comboios de automóveis disparam na horizontal, ascensores rápidos bombeiam verticalmente massas humanas de um nível de trânsito a outro; salta-se de um meio locomotor a outro nos pontos de junção, sem pensar, sugado e arrebatado pelo ritmo dos veículos, que entre duas corridas trovejantes fazem uma síncope, uma pausa, uma pequena brecha de vinte segundos; trocam-se algumas palavras nos intervalos desse ritmo geral. Perguntas e respostas articulam-se como peças de máquina, cada pessoa tem apenas tarefas bem determinadas, as profissões estão agrupadas em lugares certos, come-se em pleno movimento, as diversões estão reunidas noutras partes da cidade, e em outros locais encontram-se as torres onde ficam esposa, família, gramofone e alma. Tensão e distensão, atividade e

amor são minuciosamente separadas no tempo, e equilibradas segundo experiências de laboratório. Caso haja alguma dificuldade em qualquer dessas ações, simplesmente se larga tudo; pois encontra-se outra coisa, ou eventualmente algum caminho melhor, ou outro encontrará o caminho que nós não achamos; não tem nenhuma importância, uma vez que nada causa tanto desperdício da força comum quanto presumir que se tem missão de não largar determinado objetivo pessoal. Numa comunidade através da qual correm energias, todo caminho leva a um bom objetivo, desde que não se hesite nem reflita demais. Os objetivos são a curto prazo; mas também a vida é curta, e assim conseguimos arrancar dela um máximo de realização. A pessoa não precisa mais que isso para ser feliz, pois aquilo que se obtém modela a alma, enquanto aquilo que se deseja, sem conseguir, apenas a deforma; para a felicidade importa muito pouco o que se deseja, mas apenas que seja obtido. Além disso, a zoologia ensina que de uma soma de indivíduos reduzidos pode resultar um todo genial.

Não é certo que tudo tenha de acontecer dessa maneira, mas esse tipo de idéias faz parte dos sonhos de viagem, nos quais se espelha a impressão de movimento incessante que nos arrebatava. São superficiais, inquietas e breves. Sabe Deus o que virá. A cada minuto pensamos ter na mão um começo, e achamos que deveríamos traçar um plano para todos nós. Se as velocidades não nos agradam, inventemos outra coisa! Por exemplo, algo bem lento, uma felicidade nevoenta como uma serpente marinha misteriosa e com o profundo olhar bovino com que já os gregos sonhavam. Mas não é nada disso. A marcha do tempo nos domina. Andamos com ela dia e noite, e fazemos dentro dela todo o resto; nos barbeamos, comemos, amamos, lemos livros, exercemos nossa profissão, como se as quatro paredes estivessem imóveis; e o inquietante é saber que as paredes se movem, sem notarmos nada, lançam seus trilhos à frente como longos fios sinuosos, tateiam, sem que se saiba para onde. Além disso queremos se possível fazer parte das forças que determinam o curso do tempo. É um papel obscuro, e acontece, quando olhamos para fora após um intervalo mais longo, que a paisagem mudou; o que passa voando o faz porque só pode ser assim, mas apesar da resignação cresce a sensação incômoda de que seguimos além de nossa meta ou entramos por um caminho errado. E um dia, surge a necessidade urgente: desembarcar! Saltar! Ânسيا de parar, de não avançar mais, de ficar atolado, de voltar a um ponto antes daquela encruzilhada falsa! Nos bons velhos tempos do Império Austríaco podia-se saltar do trem do tempo, entrar num trem comum e voltar à terra natal.

Na Kakânia, esse país desaparecido, incompreendido, em tantas coisas exemplar mas não reconhecido, havia dinamismo, mas não demais. Sempre que, indo para o exterior, se pensava naquela terra, pairava diante dos olhos a imagem das estradas alvas, largas e nobres do tempo das caminhadas e diligências, cortando o país em todas as direções como rios ordenados, claras fitas de tecido riscado, rodeando as terras com o alvo braço de papel da administração. Que províncias aquelas! Havia geleira e mar, aluvião e trigais da Boêmia, noites do Adriático cricrilando com a inquietação dos grilos, aldeias eslovacas onde a fumaça sobe de chaminés como de narinas arrebitadas e a aldeia se agacha entre duas colinas baixas como se a terra abrisse os lábios para soprar calor em sua filha. Naturalmente também corriam automóveis nessas estradas, mas não muitos; também ali se preparavam para conquistar os ares, mas não com muita ênfase. Aqui e ali mandava-se um navio para a América do Sul ou Ásia Oriental, mas não muito seguidamente. Não se tinham ambições de economia mundial nem potência mundial; estávamos instalados no centro da Europa onde se cruzam os

velhos eixos do mundo; as palavras “colônia” e “além-mar” pareciam algo novo e remoto. Apreciava-se o luxo, mas nem de longe tão sofisticado como o dos franceses. Praticavam-se esportes, mas não com a loucura dos anglo-saxões. Gastavam-se imensas somas com o exército, mas só o suficiente para continuar sendo a penúltima das grandes potências. Também a capital era um pouquinho menor do que todas as demais maiores cidades do mundo, mas um pouquinho maior do que são as meras grandes cidades. Esse país era governado de maneira esclarecida, quase imperceptível, limando prudentemente toda as arestas, pela melhor burocracia da Europa, que só se podia acusar de um erro: o gênio e o espírito genial de iniciativa em indivíduos particulares, que não tinham por nascimento aristocrático ou missão oficial esse privilégio, eram considerados por ela um comportamento petulante e presunçoso. Mas quem gosta de deixar que incompetentes se metam em sua vida? E na Kakânia só se tomava um gênio por patife, nunca se tomava um patife por gênio, como acontecia em outras partes.

Aliás, quanta coisa singular se podia dizer sobre essa Kakânia submersa! Por exemplo, ela era *kaiserlich-königlich* e *kaiserlich und königlich*, ou seja, imperial e real; um dos dois sinais, *K.K.* ou *K. e K.*, marcava cada pessoa e coisa, mas mesmo assim era preciso uma sabedoria secreta para poder distinguir sempre com segurança que instituição ou pessoa se devia chamar *K.K.* ou *K. e K.* Por extenso, chamava-se Monarquia Austro-Húngara, mas popularmente era chamada Áustria, com um nome, portanto, a que havia renunciado com um solene juramento de estado, mas que mantinha em todos os assuntos sentimentais, para mostrar que sentimentos são tão importantes quanto o direito público, e que regulamentos não são a coisa realmente séria da vida. A constituição era liberal, mas o regime era clerical. O regime era clerical, mas se vivia de forma liberal. Todos os cidadãos eram iguais diante da lei, mas nem todos eram cidadãos. Havia um parlamento que fazia tamanho uso de sua liberdade, que habitualmente o mantinham fechado; mas também havia um parágrafo de exceção com ajuda do qual passavam sem o Parlamento, e quando todos já estavam contentes com o absolutismo, a Coroa invariavelmente determinava a volta do regime parlamentar. Havia muitas dessas singularidades naquele país, e entre elas estavam as brigas nacionais, que chamavam justamente a atenção da Europa, e hoje são descritas de maneira tão errada. Eram tão fortes, que por sua causa a máquina do estado parava várias vezes ao ano, mas nos intervalos e pausas de governo todos se davam magnificamente bem, fazendo de conta que nada acontecera. E não acontecera mesmo nada de real. Apenas a resistência de todo ser humano contra os esforços de outro ser humano, que hoje é geral, tinha naquele país já muito cedo se desenvolvido; podemos mesmo dizer que se tornara um cerimonial sublimado, que poderia ter conseqüências bem maiores se sua evolução não tivesse sido interrompida antes do tempo por uma catástrofe.

Pois não apenas a repulsa aos concidadãos ascendera ali à condição de sentimento comunitário: também a desconfiança com relação à própria pessoa e destino assumira caráter de profunda convicção. Naquele país, sempre se pensava uma coisa e fazia outra — e isso até mesmo de forma extremamente apaixonada, sem medir conseqüências — ou se fazia uma coisa e pensava outra. Observadores desinformados julgavam isso cortesia, ou até fraqueza do que pensavam ser o caráter austríaco. Mas era falso; e sempre é falso explicar os fenômenos de um país através do caráter de seus habitantes. Pois um habitante tem no mínimo nove caracteres, o profissional, o

nacional, o estatal, o de classe, o geográfico, o sexual, o consciente e o inconsciente, e talvez ainda um caráter particular: reúne todos em si, mas eles o desagregam; na verdade, ele não passa de uma pequena cova lavada por muitos riachinhos, que desaparecem nela, para depois voltarem a brotar e, junto com outros riachinhos, encherem outra cova. Por isso, todo habitante da terra tem ainda um décimo caráter, que não é senão a fantasia passiva de espaços não preenchidos; este permite tudo ao ser humano, menos uma coisa: levar a sério aquilo que seus outros nove — no mínimo — caracteres fazem, e o que acontece com eles; em outras palavras, exatamente aquilo que o deveria preencher. Esse espaço que, como se vê, é de difícil descrição, varia na cor e na forma, por exemplo da Itália para a Inglaterra, na medida em que variam a cor e a forma daquilo que dele se destaca, mas, de fato, é sempre idêntico, um aposento vazio e invisível, no qual se posta a realidade como uma cidadezinha de blocos, de brinquedo, que a fantasia tenha abandonado.

Na medida em que possa ser visível aos olhos de todos, isso acontecera na Kakânia, e nesse ponto, sem que o mundo soubesse, a Kakânia era o estado mais adiantado; era o estado que de alguma forma ia apenas se levando; nele, as pessoas eram negativamente livres, constantemente envoltas na consciência dos motivos insuficientes da própria existência, e banhadas pela grande fantasia do não-acontecido, ou do ainda-não-definitivamente-acontecido, como pelo sopro dos oceanos dos quais surgiu a humanidade.

“Passou-se”, diziam lá, quando outras pessoas, de outros lugares, acreditavam ter acontecido não se sabe que milagre; era uma expressão singular, que não aparece em nenhum outro lugar de língua alemã, nem em outros idiomas; em seu sopro, fatos e golpes do destino se tornavam leves como plumas e pensamentos. Sim, apesar de muita coisa que depõe em contrário, a Kakânia talvez ainda fosse um país para gênios; e provavelmente foi isso que a arruinou.

## 9

### PRIMEIRA DE TRÊS TENTATIVAS DE TORNAR-SE UM HOMEM IMPORTANTE

Esse homem que voltara para casa não conseguia lembrar nenhum período de sua vida que não tivesse sido animado pela vontade de se tornar uma pessoa importante; Ulrich parecia ter nascido com esse desejo. É verdade que nesse desejo também se podem esconder vaidade e ignorância; apesar disso, não é menos verdade que é um desejo belo e correto, sem o qual provavelmente não haveria muitas pessoas importantes.

O fatal era apenas que ele não sabia como a gente se torna importante, nem o que é um homem importante. Nos seus tempos de escola, pensava que Napoleão o fosse, em parte devido à natural admiração dos jovens pelo crime, em parte porque os professores apontavam esse tirano, que tentou colocar a Europa de cabeça para baixo, como sendo o pior criminoso da história. O resultado foi que, assim que escapou da escola, Ulrich se tornou alferes de um regimento de cavalaria. Naquela época, se indagassem dos motivos dessa escolha, ele provavelmente não teria mais respondido: para me tornar um tirano; mas esses desejos são jesuíticos; o gênio de Napoleão ape-



nas começou a se desenvolver depois que ele se tornara general, e como é que Ulrich, simples alferes, teria podido convencer seu comandante da necessidade de chegar a essa condição?! Já nos exercícios de esquadrão, via-se não raro que o comandante pensava de outro modo. Apesar disso, Ulrich não teria amaldiçoado a praça de exercícios, em cujo pacífico relvado não se distingue presunção de vocação, se não fosse tão ambicioso. Naquele tempo, não dava o mínimo valor a expressões pacifistas como “educação armada do povo”, mas recordava com paixão os tempos heróicos de feudalismo, violência e orgulho. Participava de corridas de cavalo, duelava, e distinguia apenas três espécies de pessoas: oficiais, mulheres e civis; os últimos eram uma classe fisicamente não desenvolvida e espiritualmente desprezível, cujas mulheres e filhas eram arrebatadas pelos oficiais. Entregou-se a um pessimismo sublime: parecia-lhe que se a profissão de soldado é um instrumento aguçado e ardente, era preciso queimar e cortar o mundo com esse instrumento, para seu próprio bem.

Teve sorte de mesmo assim não lhe acontecer nada de mal naquele tempo, mas certo dia passou por uma experiência. Sofreu, numa reunião, uma pequena desavença com um conhecido financista, e quis resolver tudo à sua maneira grandiosa, verificando então que também entre os civis há homens que sabem defender os membros femininos de suas famílias. O financista teve uma conversa com o Ministro da Guerra, a quem conhecia pessoalmente, e o resultado foi que Ulrich teve um longo encontro com seu superior, no qual lhe explicaram a diferença entre um arquiduque e um simples oficial. A partir dali, a profissão militar não lhe agradou mais. Esperara encontrar-se num palco de aventuras que abalassem o mundo, cujo herói seria ele próprio, e de repente via um jovem embriagado fazendo desordem numa grande praça vazia, onde só as pedras lhe respondiam. Percebendo isso, despediu-se daquela carreira ingrata, na qual acabara de chegar a tenente, e deixou o serviço militar.

## SEGUNDA TENTATIVA. INÍCIOS DE UMA MORAL DO HOMEM SEM QUALIDADES

Mas, ao passar da cavalaria para a técnica, Ulrich apenas trocou de cavalo; o novo tinha membros de aço, e corria dez vezes mais depressa.

No mundo de Goethe, o ruído dos teares ainda perturbava, mas no tempo de Ulrich começava-se a descobrir a canção das salas de máquinas, martelos de arrebite e sirenes de fábrica. Não se acredite com isso que as pessoas tenham imediatamente notado que um arranha-céu é maior do que um homem a cavalo; ao contrário, ainda hoje, quando se querem dar importância, não se sentam sobre um arranha-céu e sim sobre um cavalo alto\*, são rápidas como o vento e têm visão aguçada, mas não como um telescópio gigante, e sim como uma águia. Sua emoção não aprendeu ainda a servir-se da razão, e entre as duas há uma diferença de evolução tão grande como entre o apêndice e o córtex cerebral. Portanto, não é uma grande sorte descobrir, como Ulrich logo depois da adolescência, que em tudo o que considera superior o homem é bem mais antiquado do que suas máquinas.

---

\* Expressão idiomática alemã, significando: querer parecer ou julgar-se acima dos demais. (N. da T.)

No momento em que iniciou o estudo de mecânica, Ulrich sentiu um entusiasmo febril. Para que se precisa do *Apolo del Belvedere*, se temos diante dos olhos novas formas de um turbo-dinamo ou o jogo de pistões de uma máquina a vapor? Quem se encantaria com a milenar conversa sobre o bem e o mal depois de constatar que não são “constantes”, mas “valores funcionais”, de forma que o valor das obras depende das circunstâncias históricas, e o valor das pessoas depende da habilidade psicotécnica com que avaliamos suas qualidades? O mundo é realmente cômico, analisado do ponto de vista da técnica; nada prático nas relações humanas, altamente antieconômico e inexato em seus métodos; e quem estiver habituado a resolver seus problemas com a régua de cálculo, simplesmente não pode mais levar a sério metade das afirmações dos homens. A régua de cálculo consta de dois sistemas de cifras e traços combinados com inaudita argúcia, de duas varetas laqueadas de branco, que deslizam uma sobre a outra, dois recortes em forma de trapézio, com ajuda dos quais se resolvem num instante as tarefas mais complicadas, sem desperdiçar nem um pensamento; a régua de cálculo é um pequeno símbolo que se carrega no bolso interno do casaco, e se sente sobre o coração como um traço branco e duro: quem possui uma régua de cálculo, e encontra alguém que faz afirmações grandiosas ou tem sentimentos grandiosos, diz: um momento, primeiro vamos calcular as margens de erro e o valor mais provável de tudo isso!

Era sem dúvida uma concepção vigorosa da engenharia. Formava a moldura de um belo futuro auto-retrato, mostrando um homem com traços decididos, cachimbo entre os dentes, gorro de esporte na cabeça, movendo-se entre a Cidade do Cabo e o Canadá em magníficas botas de montaria, concretizando grandes projetos para a sua empresa. Entrementes, ainda há tempo para extrair do pensamento técnico algum conselho para a organização e governo do mundo, ou formular ditos como o de Emerson, que se devia pendurar em todas as oficinas: “As pessoas andam pelo mundo como profecias do futuro, e todos os seus atos são tentativas e experiências, pois cada ação pode ser superada pela ação seguinte!”

Para ser exato, essa frase fora fabricada por Ulrich, com várias frases de Emerson.

É difícil dizer por que engenheiros não correspondem exatamente a essa imagem. Por que, por exemplo, usam tão freqüentemente a corrente de relógio subindo numa curva vertical do bolsinho do colete até um botão mais alto, ou a deixam cair sobre o ventre formando uma sílaba longa e duas curtas, como num poema? Por que gostam de usar alfinetes de lapela com dentes de cervo, ou colocar pequenas ferraduras nas gravatas? Por que seus ternos são feitos como os primeiros automóveis? E, finalmente, por que é raro falarem de outra coisa além da sua profissão? E, quando o fazem, por que têm essa maneira de falar especial, rígida, indiferente, alheada, apenas da boca para fora? Naturalmente isso não vale para todos, mas para muitos, e os que Ulrich conheceu ao começar o trabalho num escritório de fábrica eram assim, e no seu segundo emprego também eram. Mostravam-se estreitamente ligados às pranchetas de desenho, amantes da sua profissão, com uma admirável eficiência; mas, se lhes sugerissem aplicar a si próprios e não às suas máquinas aquelas idéias audaciosas, achariam isso tão antinatural quanto usar um martelo para matar.

Assim, terminou depressa a segunda tentativa, mais madura, de Ulrich tornar-se um homem extraordinário, usando o caminho da técnica.

## A TENTATIVA MAIS IMPORTANTE

Pensando naquele tempo, Ulrich poderia hoje sacudir a cabeça, como se lhe falassem da transmigração de sua alma; sua terceira tentativa era diferente. Entende-se que um engenheiro se deixe absorver por sua especialidade, em vez de entregar-se à liberdade e amplidão do mundo dos pensamentos, embora suas máquinas sejam entregues até nos confins do mundo; pois precisa tão pouco ser capaz de transportar para sua alma particular o que há de audacioso e novo na alma de sua técnica, quanto uma máquina é capaz de aplicar a si mesma as equações infinitesimais que serviram para a sua criação. Mas da matemática não se pode dizer isso; nela reside a nova lógica, o próprio espírito, nela estão as fontes do tempo e a origem de uma extraordinária transformação.

Se for a concretização de sonhos ancestrais voar e viajar com os peixes, atravessar montanhas gigantescas, enviar mensagens com velocidade de deuses, ver o invisível a distância e ouvi-lo falar, ouvir falarem os mortos, deixar-se mergulhar em miraculosos sonos terapêuticos, poder ver como pareceremos vinte anos após nossa morte, saber em noites estreladas que há milhares de coisas acima e debaixo desta terra, das quais ninguém outrora tinha conhecimento; se luz, calor, força, prazer, conforto, forem sonhos ancestrais do homem — então a pesquisa atual não é apenas ciência mas magia, uma cerimônia de altíssima força emocional e cerebral diante da qual Deus desdobra uma a uma as pregas do seu manto, uma religião, cujo dogma é repassado e impelido pela dura, corajosa e flexível lógica matemática, fria e afiada como um bisturi.

Na verdade, não se pode negar que esses sonhos ancestrais, na opinião dos não-matemáticos, se concretizaram de repente de um modo bem diverso do que se imaginara. A cometa do postilhão de Münchhausen era mais bela do que a voz em conserva, industrial; a bota de sete léguas, mais bela do que um caminhão; o reino de Larino, mais belo do que um túnel de ferrovia; a mandrágora, mais bela do que um foto-telegrama; comer o coração da própria mãe para compreender os pássaros era mais belo do que estudar psicologia animal sobre a expressividade dos pios. Ganhou-se em realidade, perdeu-se em sonho. Não nos deitamos mais sob a árvore, espiando o céu entre o dedo grande do pé e o dedo médio, mas trabalhamos; também não devemos passar fome nem sonhar demais, se quisermos ser eficientes, mas comer bifês e fazer exercício. É exatamente como se a velha humanidade ineficiente tivesse adormecido sobre um formigueiro; quando despertou a humanidade nova, as formigas tinham entrado no seu sangue, e desde então ela precisa fazer movimentos incessantes, sem conseguir se livrar desse chatíssimo ímpeto de fanatismo pelo trabalho. Realmente não é preciso falar muito a respeito; a maioria das pessoas sabe perfeitamente, hoje, que a matemática entrou em todos os campos de nossa vida, como um demônio. Talvez nem todas essas pessoas acreditem na história do Diabo a quem se pode vender a alma; mas todas as pessoas que entendem alguma coisa de alma, por serem sacerdotes, historiadores e artistas, e tirarem boas vantagens disso, testemunham que foi a matemática que arruinou a alma, que a matemática é a fonte de uma inteligência perversa que faz do homem senhor da terra mas escravo da máquina. A secura interior, a

monstruosa mistura de sensibilidade para os detalhes e indiferença para o todo, o enorme desamparo do ser humano num deserto de minúcias, sua inquietação, maldade, a incrível frieza do coração, cobiça, crueldade e violência que caracterizam nossa era, seriam, segundo esses relatos, resultado dos prejuízos que um aguçado pensamento lógico traz à alma! E assim, já no tempo em que Ulrich se tomou matemático, havia pessoas que profetizavam a derrocada da cultura européia, porque nenhuma crença, nenhum amor, nenhuma candura restavam no ser humano; e significativamente todos foram maus matemáticos na juventude e nos anos escolares. Isso provou para eles, mais tarde, que a matemática, mãe da ciência natural exata, avó da técnica, também é mãe ancestral daquele espírito do qual finalmente brotaram os gases venenosos e os pilotos de guerra.

Só os próprios matemáticos e seus discípulos, os cientistas naturais, que sentiam em suas almas tão pouco disso tudo quanto os corredores de bicicleta, que pisam no pedal e nada vêem do mundo senão a roda traseira do concorrente diante deles, viviam na ignorância desses perigos. Ulrich, porém, com certeza amava a matemática, por causa das pessoas que não a suportavam. Era menos um cientista do que alguém humanamente apaixonado pela ciência. Via que em todas as questões que esta julga de sua competência, cultivava um pensamento diverso do das pessoas comuns. Se colocássemos, em lugar de idéias científicas, idéias filosóficas, em vez de hipótese, experiência, e em vez de verdade, ação, não haveria obra de cientista natural ou matemático respeitável que, por sua coragem e força revolucionária, não superasse em muito as maiores façanhas da história. Ainda não nasceu o homem capaz de dizer aos seus discípulos: Roubem, matem, sejam lascivos... nossa doutrina é tão forte que transforma o estrume desses pecados em claros e espumantes riachos de montanha; mas na ciência acontece periodicamente que algo que até então era considerado erro, de repente inverte todas as idéias, ou quê um pensamento insignificante e desprezado começa a dominar todo um novo reino de idéias; e esses fatos não são apenas revoluções, mas constituem um caminho ascendente, como uma escada para o céu. Na ciência as coisas são tão fortes, superiores e magníficas como num conto de fadas. E Ulrich sentia: as pessoas apenas não sabem disso; não têm idéia de como se pode pensar; se pudéssemos ensiná-las a pensar diferente, também viveriam de modo diferente.

Certamente há de se perguntar se o mundo é tão errado que se precise mudá-lo a toda hora. Mas o próprio mundo já deu duas respostas. Pois desde que ele existe a maior parte das pessoas foi favorável à mudança, na juventude. Acharam ridículo que os mais velhos se prendessem às coisas permanentes e pensassem com seu coração, aquele pedacinho de carne, em vez de pensarem com o cérebro. Esses jovens sempre perceberam que a ignorância moral dos mais velhos é uma falta de capacidade para estabelecer novas ligações, como a habitual ignorância intelectual, e que a sua própria moral natural é uma moral de realizações, heroísmo e transformação. Contudo, assim que chegavam à idade de concretizar, não sabiam mais nada de tudo aquilo, nem queriam saber. Por isso, muitas pessoas para quem a matemática ou a ciência natural são profissões julgariam abusivo decidir-se pela ciência por motivos como os de Ulrich.

Apesar disso, na opinião dos especialistas não foi pouco o que ele fez nessa terceira profissão, desde que a abraçou, há anos.

## A DAMA CUJO AMOR ULRICH CONQUISTOU DEPOIS DE UMA CONVERSA SOBRE ESPORTE E MÍSTICA

Afinal, também Bonadéia aspirava às grandes idéias.

Bonadéia era a dama que salvara Ulrich naquela sua infeliz noite de boxeador, e na manhã seguinte o visitara, coberta de espessos véus. Ele a batizara Bonadéia, a boa deusa, por ter entrado daquele modo em sua vida, e também segundo o nome de uma deusa da castidade que tivera, na velha Roma, um templo que, por uma bizarra inversão, se tornara centro de todos os excessos. Aquele nome sonoro que Ulrich lhe dera agradou à dama, e ela o usava nas suas visitas, como um traje luxuosamente bordado.

— Então eu sou a sua boa deusa — perguntou —, a sua *bona dea*? — E para pronunciar corretamente essas duas palavras passava os braços pelo pescoço dele e o encarava, emocionada, a cabeça levemente inclinada para trás.

Era esposa de um homem importante, e mãe carinhosa de dois belos meninos. Sua expressão preferida era “decentíssimo”, e aplicava-a a pessoas, criados, negócios e sentimentos, sempre que queria fazer-lhes um elogio. Era capaz de dizer “o que é verdadeiro, bom e belo” com a mesma freqüência e naturalidade com que as outras pessoas dizem “quinta-feira”. O que mais satisfazia à sua necessidade de idéias era imaginar uma vida sossegada e idealizada no círculo do marido e dos filhos, e, muito abaixo, o mundo sombrio do “não me deixes cair em tentação”, com seu horror enevoando aquela felicidade radiante, transformando-a em fraca luz de lâmpada. Ela só tinha um defeito: a simples visão de um homem a excitava de maneira incrível. Não que fosse lasciva; era sensual, como outras pessoas têm lá seus problemas, por exemplo, transpirar nas mãos ou corar com facilidade. Aparentemente nascera assim, e não o conseguia evitar. Quando conhecera Ulrich, em condições tão romanescas que lhe excitavam a fantasia, tornara-se no mesmo momento vítima de uma paixão que começara como piedade, mas depois de breve e intensa luta transformou-se em emoções secretas e proibidas, continuando então como alternantes acessos de pecado e remorso.

Ulrich era mais um dos incontáveis casos em sua vida. Os homens, percebendo uma tal situação, costumam tratar essas mulheres sedentas de amor como tratariam idiotas a quem se engana com os truques mais tolos, fazendo-os cair sempre no mesmo tropeço. Pois os mais delicados sentimentos masculinos são mais ou menos como o rosnado de um tigre diante de um naco de carne, e qualquer coisa que os perturba os irrita imensamente. Assim, muitas vezes Bonadéia levava uma vida dupla, como qualquer cidadão respeitável que nas fiestas mais sombrias da consciência é um assaltante de trens; portanto, sempre que não estava nos braços de um homem, aquela dama tranqüila e majestosa sentia-se sufocar de autodesprezo devido às mentiras e humilhações a que se expunha para ser abraçada. Quando excitada, era melancólica e bondosa, numa mescla de fervor e lágrimas, brutal naturalidade e inevitável remorso.

Quando seu fervor se retraía à depressão iminente, ela adquiria um encanto excitante como o rufar de um tambor envolto em panos negros.

Mas no intervalo entre duas crises, no remorso entre duas fraquezas, quando sentia sua impotência, ela assumia muitas pretensões à respeitabilidade, que tornavam o convívio complicado. Queria que todos fossem bons e verdadeiros, compassivos para com as desgraças, amantes da família imperial, respeitando tudo o que era respeitável e tão delicados em assuntos morais como quem estivesse à cabeceira de um doente.

Mas mesmo que isso não acontecesse, nada mudava no curso dos fatos. Para desculpar-se, inventara a lenda de que, nos primeiros inocentes anos de casados, o marido é que a deixara naquele triste estado. O marido, muito mais velho e fisicamente maior que ela, parecia então um monstro de brutalidade, e já nas primeiras horas do novo amor ela mencionara isso a Ulrich, com uma tristeza ambígua. Só mais tarde ele descobriria que o marido era um jurista respeitado e conhecido, eficiente na profissão, um inofensivo aficionado de caçadas, visitante muito querido de várias rodas de caçadores e de juristas, onde se debatiam questões masculinas em vez de arte e amor. O único erro desse homem bondoso e alegre, um tanto ingênuo, era ser casado com aquela esposa, e por isso mais freqüentemente do que outros homens manter com ela aquela relação que em linguagem jurídica se chama de “relação de circunstância”. O efeito moral de submeter-se anos a fio a uma pessoa com que se casara mais por esperteza do que por afeto formara em Bonadéia a ilusão de ser fisicamente superexcitável, tornando essa idéia quase que independente de sua consciência. Uma força interior, que ela mesma não entendia, ligava-a àquele homem favorecido pelas circunstâncias; desprezava-o por sua própria fraqueza de vontade, e sentia-se fraca demais para o poder desprezar; traía-o para fugir dele, mas nos momentos mais inadequados falava dele e dos filhos que tivera com ele, e nunca conseguia libertar-se dele inteiramente. Por fim, como muitas mulheres infelizes, num espaço oscilante, apoiava-se exatamente naquela repulsa pelo sólido esposo, e transferia seu conflito com ele para cada nova experiência que a deveria dele livrar.

Praticamente, nada restava para acalmar suas dores do que lançar-se rapidamente da depressão para o fervor. Mas aos homens que isso concretizavam e se aproveitavam de sua fraqueza, ela negava ao mesmo tempo qualquer intenção nobre; e quando se “inclinava” para esse novo homem, como costumava dizer com objetividade científica, o sofrimento cobria seus olhos com um véu de úmida ternura.

## UM CAVALO DE CORRIDA GENIAL FAZ AMADURECER EM ULRICH A IDÉIA DE SER UM HOMEM SEM QUALIDADES

Não era sem importância Ulrich poder dizer que realizara muitas coisas na ciência. Seus trabalhos lhe tinham granjeado reconhecimento alheio. Esperar admiração seria pedir demais, pois mesmo no reino da verdade só se admiram sábios mais velhos, dos quais depende conseguirmos ou não o mestrado ou a cátedra. Para ser exato,

ele continuava sendo o que se chama de uma esperança, e, na república dos espíritos, consideram-se uma esperança aqueles republicanos, propriamente ditos, que imaginam ter de dedicar à causa todas as suas forças, em lugar de empregar a maior parte delas para fazer carreira; esquecem que as contribuições individuais são pouca coisa, enquanto a carreira é desejo de todos, e negligenciam o dever social de lutar para subir na vida, começando como carreirista, para, nos tempos de sucesso, poder ser apoio e instigação para outros tentarem subir.

Certo dia, Ulrich deixou de querer ser uma esperança. Naquela época já se começava a falar de gênios do futebol ou do boxe, mas para no mínimo dez inventores, tenores ou escritores geniais, os jornais não citavam mais do que, no máximo, um centro-médio genial, ou um grande tático de tênis. A nova mentalidade ainda não estava muito segura de si. Mas foi exatamente aí que Ulrich leu em alguma parte, como antecipação de verão, a expressão “cavalo de corrida genial”. Era uma notícia sobre um grande sucesso nas pistas de corrida, e o autor talvez nem tivesse consciência de toda a dimensão da sua idéia, que o espírito dos tempos lhe inspirara. Mas Ulrich compreendeu que ligação inevitável existia entre a sua vida e aquele cavalo de corrida genial. Pois o cavalo sempre fora o animal sagrado da cavalaria, e na sua juventude de militar Ulrich praticamente só ouvira falar de cavalos e mulheres, e fugira para se tornar um homem importante; e quando agora, depois de variados esforços, poderia sentir bem próximo o cume de suas aspirações, de lá o saudava o cavalo, que a ele se antecipara.

Isso se justifica cronologicamente, pois não faz muito imaginava-se, como espírito viril digno de admiração, uma criatura cuja coragem fosse ética, cuja força fosse persuasão, cuja firmeza fosse a do coração e da virtude; julgava-se a velocidade coisa de adolescentes, a trapaça coisa proibida, e a agilidade e o ímpeto eram considerados indignos. Por fim, essa criatura existia apenas no corpo docente de algum ginásio e em expressões escritas; tornara-se um espectro ideológico, e a vida teve de construir uma nova imagem de homem. Olhando em torno, ela descobriu porém que os golpes e manhas que uma cabeça inventiva aplica num cálculo lógico não se distinguem muito dos ataques de um corpo bem treinado, e que há uma força de combate espiritual geral que as dificuldades e improbabilidades tornam fria e sábia, quer adivinhe o ponto fraco de um problema, ou de um inimigo físico. Se analisássemos, do ponto de vista psicotécnico, um grande intelecto ou um campeão de boxe, a esperteza, coragem, exatidão e capacidade de estabelecer associações bem como a rapidez de reações num terreno que lhes é importante serão provavelmente as mesmas nos dois; nas virtudes e capacidades que lhes significam um êxito especial, os dois não se distinguiriam de um cavalo de salto famoso, pois não se deve menosprezar as muitas qualidades em jogo quando se salta uma sebe. Mas um cavalo e um campeão de boxe têm vantagem sobre um intelecto, pois sua importância e suas realizações se podem medir diretamente, e se reconhece o melhor entre eles como sendo realmente o melhor; dessa forma, o esporte e a objetividade se adiantaram merecidamente, substituindo os conceitos antiquados de gênio e grandeza humana.

Quanto a Ulrich, deve-se dizer que ele nesse ponto estava bastante à frente de seu tempo. Pois fora exatamente assim, melhorando o próprio recorde em uma vitória, um centímetro ou quilo, que trabalhara quando se dedicava à ciência. Provara ter espírito forte e aguçado, e realizara trabalho de fortes. Esse prazer na força do espírito era uma expectativa, um jogo belicoso, uma espécie de indefinido mas impe-

rioso direito sobre o futuro. Ele não sabia bem o que faria com essa força; podia-se fazer tudo ou nada, ser um salvador do mundo ou um criminoso. E provavelmente essa é a condição psíquica geral da qual se originam novos reforços para o mundo das máquinas e descobertas. Ulrich encarava a ciência como preparação e endurecimento, uma espécie de treinamento. Se visse que esse pensamento científico era demasiadamente seco, áspero e limitado, sem maior campo de visão, aceitá-lo-ia como se aceita a expressão de tensão e privações nos rostos durante grandes realizações do corpo e da vontade. Anos a fio ele amara o ascetismo espiritual. Odiava pessoas que não seguem a expressão de Nietzsche: “passar fome na alma, por amor à verdade”; os que recuam, fracassam, os moles que se consolam com doces palavras sobre a alma, e a alimentam com sentimentos religiosos, filosóficos e poéticos que são como pãozinhos desmanchados no leite, por recearem que a razão lhes dê pedras em vez de pão.

Ele pensava que neste século toda a humanidade se encontrava numa expedição, e o orgulho exigia que a todas as perguntas inúteis se respondesse “ainda não” e que se vivesse uma vida baseada em conceitos provisórios mas consciente de um objetivo que seus descendentes atingiriam. A verdade é que a ciência desenvolveu um conceito de força espiritual dura e lúcida, que torna insuportáveis todos os antigos conceitos metafísicos e morais da humanidade, embora em seu lugar só possa colocar a esperança de que haverá um dia longínquo, em que descerá aos vales da fertilidade espiritual uma raça de conquistadores espirituais.

Mas isso só funciona enquanto não somos forçados a afastar o olhar das distâncias visionárias para a proximidade atual, lendo que um cavalo acaba de se tornar genial. Na manhã seguinte Ulrich levantou de pé esquerdo, e com o direito tentou pescar, indeciso, o chinelo. Fora numa cidade e rua diferentes daquela onde morava agora, mas não fazia mais que algumas semanas. Já passavam automóveis disparando no asfalto marrom sob sua janela; a pureza do ar matinal começava a encher-se com o azedume do dia, e naquela luz luminosa que entrava pelas cortinas, pareceu-lhe indizivelmente insensato fazer como de costume, movendo seu corpo nu para frente e para trás, erguendo-o do solo com os músculos da barriga, deitando-se de novo, e por fim batendo os punhos contra um *punching ball*, como fazem tantas pessoas à mesma hora antes de irem ao escritório. Uma hora por dia, é um doze avôs da vida consciente, e basta para manter um corpo treinado como o de uma pantera, capaz de enfrentar qualquer aventura; mas é desperdiçada numa expectativa insensata, pois nunca chegam aventuras dignas de tal preparativo. O mesmo acontece com o amor, para o qual o ser humano é preparado da maneira mais monstruosa.

Por fim, Ulrich ainda descobriu que também na ciência parecia um homem que escalou uma montanha após a outra sem avistar seu objetivo. Possuía fragmentos de uma nova maneira de pensar e sentir, mas a nova visão, inicialmente tão forte, perdera-se em detalhes cada vez mais abundantes; e se ele acreditara estar bebendo da fonte da vida, esgotara agora quase todas as suas expectativas.

Foi então que interrompeu pela metade um grande e promissor trabalho. Seus colegas lhe pareciam em parte furiosos e implacáveis promotores públicos e chefes-de-segurança da Lógica, e em parte viciados em ópio ou alguma droga rara, que povoava seu mundo com visões de cifras e equações abstratas. “Meu Deus!”, pensou, “nunca tive intenção de ser matemático durante a vida inteira.”

Mas que intenção tivera, afinal? Naquele momento, só poderia se voltar para a filosofia. Mas a filosofia, no estado em que então estava, lembrava-lhe a história de



Dido, na qual se corta um couro em tiras sem saber ao certo se estas poderão rodear um reino; e o que se fazia de novo parecia-se com aquilo que ele próprio fizera, e não o conseguia atrair. Ele só sabia que se sentia mais distante daquilo que desejara ser do que se sentia quando jovem, se é que uma vez soubera o que desejava. À exceção da capacidade de ganhar dinheiro, de que não precisava, via em si próprio com incrível nitidez todas as capacidades e qualidades que seu tempo prestigiava. Mas a capacidade de aplicá-las perdera-se; e como, finalmente, agora que jogadores de futebol e cavalos de corrida têm gênio, apenas o uso que dele se fizer nos resta para salvarmos nossa singularidade, decidiu tirar um ano de férias da sua vida, e procurar uma aplicação adequada para suas capacidades.

## AMIGOS DE JUVENTUDE

Depois de seu regresso, Ulrich já estivera algumas vezes com seus amigos Walter e Clarisse, pois apesar do verão não tinham viajado, e ele não os via há vários anos. Sempre que chegava, estavam tocando piano. Achavam natural não lhe dar atenção enquanto não concluíam a sua peça. Dessa vez era o *Hino à Alegria*, de Beethoven; como descreve Nietzsche, milhões caíam no pó cheios de horror, as fronteiras hostis se desfaziam, o evangelho da harmonia universal reconciliava, e reunia os separados; tinham desaprendido a andar e falar, estavam na iminência de voar pelos ares, dançando. Os rostos manchados, os corpos entortados, as cabeças balançando para cima e para baixo bruscamente, e garras gélidas enfiando-se naquela massa de sons. O que acontecia era imensurável; uma bolha de contorno difuso e fervilhante de sentimento inchava até quase estourar, e as pontas dos dedos, excitadas, as rugas nervosas nas fronteiras, o tremor do corpo, irradiavam sensações novas naquele enorme turbilhão interior. Quantas vezes já se repetira isso?

Ulrich nunca apreciara aquele piano sempre aberto, com seus dentes expostos, ídolo de boca larga e pernas curtas, cruza de cachorro-lingüiça com buldogue, ao qual se submetera a vida de seus amigos, determinando desde os quadros da parede e o *design* esquelético dos móveis até o fato de não haver criada mas apenas uma diarista que cozinhava e varria. Atrás das janelas da casa subiam os vinhedos com renques de árvores velhas e casinhas tortas, em direção das florestas onduladas, mas ali perto tudo era desalinhado, despido, isolado e corroído como nos arredores de uma cidade grande, que entram campo adentro. Entre aquela zona próxima e a sublime distância do horizonte estendia-se o piano; com cintilações negras e lustrosas mandava para além das paredes colunas ardentes de ternura e heroísmo, embora, esfarelando-se em finíssima cinza de melodias, a poucas centenas de passos tombassem sem sequer atingir a colina com pinheiros, onde, a meio caminho da floresta, ficava uma estalagem. Contudo, a casa fazia o piano reboar, era um desses megafones através dos quais a alma brada para o universo como um cervo no cio, que não obtém como resposta senão o bramido igual de mil outras almas solitárias gritando aos céus.

A posição sólida de Ulrich naquela casa devia-se ao fato de ele declarar ser a música uma fraqueza da vontade e uma ruína do espírito, falando nela com mais des-

dém do que realmente sentia. Pois para Walter e Clarisse ela naquela época era suprema esperança e angústia. Desprezavam-no um pouco por isso, e em parte o veneravam como a um mau espírito.

Dessa vez, quando pararam de tocar, Walter continuou sentado em sua banquetta meio virada, diante do piano, amolecido, esgotado e distraído, mas Clarisse levantou-se e cumprimentou animadamente o intruso. Nas suas mãos e rosto ainda vibrava a carga elétrica da música, seu sorriso era forçado, na tensão entre o entusiasmo e a repulsa.

— O Rei Sapo! — disse ela, e a cabeça indicou alguma coisa as suas costas, não se sabia se era Walter ou a música. Ulrich sentiu novamente esticado entre si e a moça o antigo fio elástico de um laço. Na última visita ela lhe contara um sonho terrível; uma criatura viscosa a queria violentar no sono, com uma barriga macia, a um tempo tenro e horrendo, e aquele grande sapo era a música de Walter. Os dois amigos não tinham muitos segredos para Ulrich. Mal o cumprimentara, Clarisse se afastou, voltou depressa para junto de Walter, deu várias vezes seu grito de guerra “Rei Sapo”, que Walter pareceu não entender, e puxou-lhe os cabelos com mãos ainda trêmulas de música, num gesto doloroso e que fazia doer. O marido fez um ar amavelmente espantado, e deu mais um passo de volta naquele escorregadio vazio da música.

Depois, sem ele, Clarisse e Ulrich foram passear na chuva de raios oblíquos do sol crepuscular; ele ficou ao piano. Clarisse disse:

— Poder renunciar a algo que nos faz mal é prova de força vital! As coisas perniciosas atraem aos exaustos! O que você acha? Nietzsche afirma que é sinal de fraqueza um artista se ocupar demais com a moral de sua arte. — Ela se sentara num montinho de terra.

Ulrich deu de ombros. Quando há três anos Clarisse se casara com o amigo de juventude dele, estava com vinte e dois anos, e ele próprio lhe dera a obra de Nietzsche como presente de casamento.

— Se eu fosse Walter, desafiaria Nietzsche para um duelo — respondeu ele, sorrindo.

O dorso esguio de Clarisse, que ondulava sob o vestido em linhas delicadas, ficou tenso como um arco, e seu rosto também estava extremamente tenso; ela o desviava medrosamente do amigo.

— Você ainda é como uma menina, e ao mesmo tempo uma heroína... — acrescentou Ulrich; era uma indagação, ou não, em parte brincadeira, em parte terna admiração; Clarisse não entendeu bem o que ele queria dizer, mas aquelas duas palavras, que ele já usara uma vez, entraram nela como lanças ardentes num telhado de palha.

Vez por outra chegava até eles uma onda de sons desordenados. Ulrich sabia que quando Walter tocava Wagner, Clarisse se recusava a ele por semanas a fio. Apesar disso, ele tocava Wagner, de consciência pesada; como se fosse um pecado de adolescência.

Clarisse teria gostado de perguntar a Ulrich em que medida ele sabia disso; Walter não guardava segredos; mas teve vergonha de indagar. Ulrich se sentara perto dela num montinho de terra, e por fim ela disse uma coisa bem diferente:

— Você não gosta de Walter. Na verdade, nem é amigo dele. — O tom das palavras era desafiador, mas ela ria.

Ulrich deu uma resposta inesperada:

— Somos amigos de juventude. Você ainda era criança, Ciarisse, e nossa relação já era a de uma amizade juvenil claramente em decadência. Por muitos anos nós nos admiramos mutuamente, e agora desconfiamos um do outro por nos conhecermos bem demais. Cada um gostaria de se livrar da penosa impressão de ter um dia confundido o amigo consigo mesmo; e assim nos prestamos mutuamente o serviço de um espelho deformante que não se deixa subornar.

— Você não acredita que ele consiga realizar alguma coisa um dia — disse Clarisse.

— Não há melhor exemplo de fatalidade do que o de um jovem que se acomoda dentro dos limites de um velho comum; e isso sem golpe do destino, apenas por um processo de encolhimento ao qual estava predestinado!

Clarisse cerrou os lábios com força. O antigo lema juvenil entre eles, de que a convicção está acima do tato, animava seu coração, mas doía. Música! As melodias continuavam chegando. Ela prestou atenção. Agora, no silêncio, ouvia-se nitidamente o piano em ebulição. Quando não se prestava atenção, parecia que a “trêmula chama” do texto de Wagner subia dos montinhos da terra.

Seria difícil definir o que Walter era realmente. Uma pessoa agradável, com olhos expressivos e eloquentes, embora já tivesse passado dos trinta e quatro anos, e que há algum tempo tinha emprego em uma instituição de artes. Seu pai lhe arranjava esse cômodo cargo de funcionário público, com a ameaça de retirar-lhe toda a ajuda financeira se não o aceitasse. Pois na verdade Walter era pintor; junto com os estudos de história da arte na Universidade, freqüentara aulas de pintura na Academia de Belas-Artes, e mais tarde morara por algum tempo num ateliê. Também quando fora morar com Clarisse naquela casa sob o céu aberto, logo depois de terem se casado, continuava a ser pintor; mas agora, parecia, voltara a ser músico, e no curso dos seus dez anos de amor fora uma hora isso, outra hora aquilo; além disso, fora ainda poeta e editor de uma revista literária; para poder casar, fora empregado de uma agência teatral, mas poucas semanas depois desistira de sua intenção; ainda para poder casar, fora algum tempo depois chefe de orquestra de um teatro, mas meio ano mais tarde compreendera que também isso era impossível; fora professor de desenho, crítico musical, eremita e muitas outras coisas, até que, apesar de toda a tolerância, seu pai e seu futuro sogro não suportaram mais aquilo. Pessoas mais velhas, como eles, costumavam afirmar que ele simplesmente sofria de falta de vontade; mas seria o mesmo que afirmar que a vida toda ele fora apenas um amador em muitas coisas, e o singular era exatamente que sempre houvera gente especializada em música, pintura ou literatura, dando opiniões entusiasmadas sobre o futuro de Walter. Na vida de Ulrich, ao contrário, embora tivesse realizado algumas coisas, nunca chegara uma pessoa dizendo: “Você é o homem que sempre procurei, e pelo qual meus amigos esperam!” Na vida de Walter isso acontecera a cada três meses. Embora não tivessem sido opiniões das pessoas mais decisivas, tratara-se sempre de gente com influência, sugestões interessantes e empreendimentos florescentes, empregos, amizades e estímulo, oferecendo tudo isso ao Walter que tinham descoberto, cuja vida assumia, exatamente por isso, aquele curso em zigue-zague. Alguma coisa pairava sobre ele, vaga, parecendo ser mais do que uma realização determinada. Talvez fosse o talento especial de ser considerado um grande talento. E se isso for amadorismo, então a vida intelectual da nação alemã repousa em boa parte sobre amadorismo, pois esse talento existe

em todas as gradações, ascendendo até chegar às pessoas realmente talentosas, que em regra geral parecem ser as únicas dele desprovidas.

Mas Walter tinha até o talento de entender isso. Embora naturalmente estivesse, como todo mundo, disposto a acreditar em seu sucesso como merecimento pessoal, aquele dom de se entusiasmar tão facilmente por todos os acasos felizes sempre o inquietara como uma assustadora perda de peso; e sempre que trocava de atividade e de laços humanos, não era só por instabilidade, mas com grandes conflitos internos, acuado de medo, como se por amor à pureza do sentido interior tivesse de continuar peregrinando, em vez de se enraizar ali onde já se anunciava um sucesso ilusório. O curso de sua vida era uma cadeia de experiências abaladoras, das quais sobressaía a luta heróica de uma alma que resistia a toda mediocridade, sem noção de que assim servia à própria mediocridade. Pois enquanto ele sofria e lutava pela moral de sua atividade espiritual, como convém a um gênio, empregando todas as forças do seu talento insuficiente para grandes realizações, seu destino silenciosamente o fizera descrever um círculo e voltar ao nada.

Por fim, ele atingira o ponto em que nada mais o impedia; o serviço sossegado, recolhido, protegido de todas as impurezas do mercado de arte, no seu cargo vagamente intelectual, lhe dava bastante independência e tempo para atentar inteiramente à sua voz interior; a posse da amada tirava os espinhos do seu coração; a casa “à beira da solidão”, onde fora morar com ela depois do casamento, parecia feita para o ato de criação; mas, quando não havia mais nada para superar, aconteceu o inesperado: as obras há tanto tempo prometidas por suas grandes intenções não surgiram. Walter parecia não poder mais trabalhar; escondia e destruía o que fizera; trancava-se horas a fio todas as manhãs ou tardes, quando chegava em casa, dava passeios de várias horas com o caderno de desenho fechado, mas ocultava ou rasgava o pouco que esboçava nele. Havia para isso cem motivos diferentes. Mas também suas idéias começavam a mudar drasticamente nesse tempo. Ele não falava mais de “arte contemporânea” e “arte do futuro”, idéias que para Clarisse se ligavam com ele desde os quinze anos, mas fazia um traço em algum momento — na música, no tempo de Bach; na literatura, no de Stifter; na pintura, em Ingres — e declarava que tudo o que viera depois era sobrecarregado, degenerado, exagerado e decadente; afirmava cada vez com maior veemência que numa época tão envenenada em suas raízes espirituais como a atual, o puro talento criador deveria se abster. Mas, embora sua boca pronunciasse aquela opinião severa, ele se traía porque, assim que se encerrava em seu quarto, de lá começavam a soar, sempre mais freqüentes, as melodias de Wagner, isto é, música que outrora ele ensinara Clarisse a desprezar como exemplo de uma época degenerada e excessivamente burguesa, mas à qual agora se rendia, como a uma bebida espessa, quente e inebriadora.

Clarisse rebelava-se contra isso. Odiava Wagner, até por causa de seu casaco de veludo e de seu gorro. Era filha de um pintor cujas maquetes de cenários teatrais eram famosas no mundo todo. Passara a infância num reino onde pairava o aroma dos bastidores e o cheiro de tintas, entre três diferentes jargões artísticos, o do ator, o da ópera e do ateliê de pintura, rodeada de veludo, tapetes, genialidade, peles de pantera, bibelôs, leques de pavão, arcas e alaúdes. Por isso detestava com toda a alma a sensualidade da arte e era atraída por todas as coisas magras e severas, fosse a metageometria da nova música atonal, ou a descascada e dissecada vontade das formas clássicas. Walter trouxera para aquela prisão virginal a primeira mensagem desse mundo. Ela o

chamara “Príncipe da Luz”, e, quando ainda era menina, ela e Walter tinham jurado não se casar enquanto ele não fosse rei. A história das transformações e tentativas dele era uma história de imensuráveis sofrimentos e delícias, e o prêmio dessa luta era ela. Clarisse não era talentosa como Walter, sempre sentira isso. Mas considerava gênio uma questão de vontade. Com feroz energia tentara estudar música; era possível que ela não tivesse nenhum ouvido musical, mas tinha dez musculosos dedos de pianista, e força de vontade; exercitava-se dias inteiros e impelia seus dedos como dez bois magros que têm de arrancar do solo algo extraordinariamente pesado. Da mesma forma, começou a pintar. Desde seus quinze anos considerara Walter um gênio, porque sempre pretendia casar-se só com um gênio. Não lhe permitia não ser um gênio. E ao perceber o seu fracasso, rebelava-se loucamente contra essa modificação lenta e sufocante em sua vida. Exatamente então Walter precisaria de calor humano, e quando sua impotência o torturava, ele a procurava como uma criança procura leite e sono, mas o pequeno corpo nervoso de Clarisse não era maternal. Sentia-se explorada por um parasita que se queria aninhar dentro dela, e se negava. Desprezava aquele calor doméstico em que ele procurava consolo. Talvez fosse cruel. Mas queria ser companheira de um grande homem, e agora lutava contra seu destino.

Ulrich lhe oferecera um cigarro. O que mais poderia dizer, depois de ter afirmado tão rudemente o que pensava? As fumaças de seus cigarros, atraídas pelos raios do sol crepuscular, uniam-se a pouca distância deles.

“O que é que Ulrich realmente sabe a respeito de tudo isso?” pensava Clarisse em seu montinho de terra. “Ora, o que poderia entender dessas lutas!” Lembrou-se de como o rosto de Walter se desfazia dolorosamente até quase se anular, quando os tormentos da música e da sensualidade o oprimiam, e a resistência dela não lhe permitia nenhuma saída; não — presumiu ela — Ulrich nada sabia daquele monstruoso jogo de amor nos picos de um Himalaia, feito de amor, desprezo, medo, e dos deveres impostos pela altura. Ela não tinha a matemática em grande conta, e jamais o considerara tão talentoso quanto Walter. Era sensato, era lógico, sabia muitas coisas; mas isso seria algo mais do que barbárie? Ele sempre jogara tênis muito melhor do que Walter, e ela se recordava de ter sentido, observando a violência de suas jogadas: “esse aí vai chegar onde quer”, coisa que jamais sentira em relação à pintura, música ou idéias de Walter. E pensou: “Talvez ele saiba de tudo a nosso respeito, mas não queira dizer nada!” Afinal, ele acabava de aludir claramente ao heroísmo dela. O silêncio entre os dois era incrivelmente tenso.

Mas Ulrich pensava: “Como Clarisse era simpática há dez anos; quase uma criança, e com aquela ardente fé no futuro de nós três.” Na verdade, só uma única vez ela lhe parecera desagradável, quando Walter e ela se tinham casado; mostrara então aquele desagradável egoísmo a dois, que muitas vezes torna jovens casadas e apaixonadas pelos maridos tão intragáveis para outros homens. “Isso melhorou muito de lá para cá”, pensou Ulrich.

## REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Walter e ele tinham sido jovens naquela época esquecida, logo depois da virada do século, quando muitas pessoas imaginavam que o século também era jovem.

O que acabava de ser sepultado não se distinguira muito na sua segunda metade. Fora inteligente em técnicas, comércio e pesquisa, mas além desses focos de energia, quieto e enganoso como um pântano. Pintara como os antigos, fizera poemas como Goethe e Schiller, construía casas em estilo gótico e renascentista. A exigência do ideal reinava como uma espécie de delegacia de polícia sobre todas as manifestações de vida. Mas, através daquela lei secreta que impede os homens de fazerem imitações sem colocar nelas algum exagero, tudo naquele tempo era feito com tamanha obediência às regras da arte como nem nos admirados modelos antigos se vira; era um método cujos resquícios ainda podemos ver em ruas e museus, e que, não sabemos se tendo relação com isso ou não, fazia as castas e tímidas mulheres usarem roupas que as cobriam das orelhas aos pés, mas apresentando seios grandes e traseiros abundantes. De resto, não há período passado do qual se saiba, por vários motivos, tão pouco quanto daquelas três a cinco décadas situadas entre nossos vinte anos e os vinte anos de nossos pais. Por isso, é bom lembrar que em tempos maus se fazem as piores casas e os piores poemas, seguindo princípios tão belos quanto os dos melhores tempos; todas as pessoas ocupadas em destruir os êxitos de um período positivo precedente pensam que os estão corrigindo; e os jovens pálidos dessa época têm tanta presunção, com seu sangue jovem, quanto os moços de todos os tempos.

E é sempre como um milagre, quando depois de um desses períodos de decadência de repente a alma se alteia um pouco, como aconteceu então. Do espírito estagnado das duas últimas décadas do século XIX surgira por toda a Europa, repentinamente, uma febre que dava asas a todos. Ninguém sabia exatamente o que acontecia; ninguém podia dizer se seria uma nova arte, um novo homem, uma nova moral, ou talvez uma alteração nas camadas sociais. Por isso, todos diziam o que lhes convinha melhor. Mas por toda parte pessoas erguiam-se para combater as coisas antigas. Aqui e ali aparecia de repente o homem certo no lugar certo; e, o que é tão importante, homens com senso prático e empreendedor encontravam-se com intelectuais empreendedores. Surgiam talentos antigamente sufocados ou que nem participavam da vida pública. Eram muito diversificados, e as contradições de seus objetivos eram insuperáveis. Amava-se o super-homem e também o subhomem; adoravam-se a saúde e o sol, adorava-se a fragilidade de mocinhas tuberculosas; havia entusiasmo pelo herói e pelo homem comum; havia a um só tempo crentes e céticos, naturalistas e sofisticados, robustos e mórbidos; sonhava-se com velhas alamedas de castelos, jardins outonais, lagos de vidro, pedras preciosas, haxixe, doença, demônios, mas também com prados, horizontes imensos, forjas e laminadoras, lutadores nus, rebeliões de operários escravizados, casais primitivos e destruição da sociedade. Eram realmente contradições e gritos de guerra muito diversos, mas tinham, todos juntos, um ritmo comum; se alguém dissecasse aquele tempo, a insensatez apareceria como um círculo quadrado que quer consistir de madeira de ferro, mas na verdade tudo se fundia num único significado cintilante.

Essa ilusão corporificada na data mágica da virada do século era tão forte que uns se precipitavam entusiasmados para o século novo, ainda intacto, e outros aproveitavam para se comportar no século velho como numa casa da qual vamos nos mudar, sem que essas duas atitudes parecessem muito diferentes entre si.

Portanto, se não quisermos não precisaremos supervalorizar esse “movimento”. Aliás, ele não atingiu as massas, ficando circunscrito à tênue e frágil camada dos intelectuais, desprezada pela camada de pessoas que graças a Deus voltou a dominar, aquelas que têm uma cosmovisão indestrutível, apesar de todas as variantes. Mesmo assim, embora não tenha chegado a ser um acontecimento histórico, foi um acontecimentozinho, e os dois amigos, Walter e Ulrich, quando jovens tinham vivido um seu reflexo. Através daquela confusão de crenças perpassou alguma coisa, naquele tempo, como quando muitas árvores se dobram a *um só* vento; foi um espírito de seitas e de reformadores, a feliz consciência de uma irrupção e de um início, um pequeno renascimento e reforma, como só acontecem nos melhores períodos; e quando naquele tempo se entrava no mundo, já se sentia, na primeira esquina, o sopro do espírito no rosto.

## UMA MISTERIOSA DOENÇA DE ÉPOCA

Nem fazia tanto tempo que tinham sido rapazes — pensou Ulrich quando voltou a ficar sozinho —, que tinham as grandes idéias, não apenas antes de todo mundo, mas também simultaneamente, pois bastava um abrir a boca para dizer algo novo, e o outro acabava de fazer a mesma extraordinária descoberta. São singulares, essas amizades da juventude, são como um ovo que sente na gema seu magnífico futuro de pássaro, mas mostra ao mundo apenas aquela linha de ovo, inexpressiva, que não se distingue de nenhuma outra. Ele viu diante de si nitidamente o quarto de rapazes e estudantes, onde os dois se encontravam quando ele voltava por algumas semanas depois de suas primeiras incursões no mundo. A escrivaninha de Walter, coberta de desenhos, anotações e folhas pautadas, irradiando antecipadamente o brilho futuro de um homem famoso, e diante dela a estreita prateleira de livros, à frente da qual Walter se postava às vezes, cheio de fervor, como São Sebastião amarrado ao pilar, a luz da lâmpada sobre a bela cabeleira que Ulrich sempre admirara secretamente. Nietzsche, Altenberg, Dostoievski ou quem quer que estivessem lendo naquele momento, tinham de se conformar e ficar jogados no chão ou sobre a cama, quando não eram mais necessários ou quando a torrente dos diálogos não tolerava a mesquinha interrupção de os recolocar em seus lugares. A arrogância da juventude, para quem os grandes espíritos servem apenas para serem usados a bel-prazer, parecia singularmente bela naquele momento. Ele procurou recordar as conversas. Eram como um sonho quando, ao acordar, ainda pegamos os últimos pensamentos do sono. Pensou então, com leve espanto: “Se naquele tempo fazíamos afirmações, tinham outro objetivo além de serem corretas: simplesmente o de nos afirmarmos!”

O impulso de *ser* luz era na juventude mais forte do que o de *ver* as coisas na luz; a lembrança da juventude, como um vôo sobre raios, lhe pareceu agora uma dolorosa perda.

Para Ulrich era como se no começo da idade viril tivesse entrado numa generalizada calmaria, que apesar de alguns redemoinhos eventuais, que rapidamente se amainavam, pulsava cada vez mais fraca e perturbada. Não se podia dizer direito de que constava aquela transformação. Haveria menos homens importantes, de repente? De modo algum! Além disso, nem se trata deles; o ápice de uma época não depende deles. Por exemplo, nem a falta de espiritualidade dos homens dos anos sessenta e oitenta conseguiu abafar o surgimento de um Nietzsche e um Hebbel, nem um deles conseguiu evitar a falta de espiritualidade de seus contemporâneos. Seria a vida, em geral, que marcava passo? Não: tornara-se mais poderosa ainda! Haveria mais paradoxos paralisantes do que antigamente? Era difícil! Não se teriam cometido enganos, antigamente? Muitos! Cá entre nós, naquele tempo as pessoas tomavam partido dos débeis e ignoravam os fortes, tolos chegavam a assumir o papel de líderes, e grandes talentos o papel de excêntricos. O alemão, imperturbado por aquela dor de parto que chamava de excessos decadentes e mórbidos, continuava lendo suas revistas para a família, e visitando, mais que as manifestações de arte independentes, os palácios de vidro e os salões de artistas conhecidos; a política, então, não dava qualquer atenção aos pontos de vista dos novos homens e a suas revistas, e as instituições oficiais defendiam-se das novidades como de uma doença.

Não se poderia dizer que desde então tudo melhorara? Pessoas antigamente dirigindo pequenas seitas eram hoje velhas celebridades; editores e *marchands* enriqueceram; coisas novas se inauguram a toda hora; todo mundo visita igualmente os palácios de vidro e as exposições dos independentes e suas secessões; nas revistas familiares aparecem mulheres de cabelo curto; estadistas gostam de se dizer versados em cultura e arte; jornais fazem literatura. Então, o que foi que se perdeu?

Algo imponderável. Um presságio. Uma ilusão. Como quando um ímã larga a limalha e esta se mistura toda outra vez. Como quando fios de romances se desmancham. Quando um cortejo se dispersa. Quando uma orquestra começa a desafinar. Não se poderiam provar detalhes que não tenham existido antigamente, mas todas as proporções tinham se deslocado um pouco. Idéias que antes possuíam magro valor engordavam. Pessoas antigamente ignoradas tornavam-se famosas. O grosseiro se suavizava, o separado se reunia, independentes faziam concessões, o gosto já formado sofria de inseguranças. As fronteiras nítidas se borravam, e uma nova capacidade indescritível de se agrupar produziu novas pessoas e novas concepções. Não eram ruins, certamente não; havia apenas um pouco de ruindade demais misturada ao que era bom, engano demais na verdade, flexibilidade demais nos significados. Parecia haver realmente uma porcentagem específica daquela mistura, à qual o mundo dava preferência; uma pequena, apenas suficiente dose de sucedâneo fazia o gênio ser genial e o talento ser uma esperança, assim como um pouco de café de figos ou chicória, na opinião de alguns, confere ao café a sua verdadeira qualidade de café; e de repente todos os lugares privilegiados e importantes do espírito estavam ocupados por esse tipo de gente, e todas as decisões eram tomadas em seu sentido. Não se pode responsabilizar nada por isso. Nem se pode dizer como tudo aconteceu. Nem se pode lutar contra determinadas pessoas ou idéias ou determinados fenômenos. Não falta talento nem boa vontade, nem mesmo faltam caracteres. Falta ao mesmo tempo tudo e nada; é



como se o ar, ou o sangue, tivessem mudado; uma doença misteriosa devorou a pequena genialidade dos velhos tempos, mas tudo cintila de novidade, e por fim não se sabe mais se o mundo realmente ficou pior, ou se apenas nós ficamos mais velhos. Então, definitivamente chegou uma nova era.

Portanto, os tempos mudaram como um dia que começa azul e radiante e se cobre suavemente de nuvens, e nem tiveram a gentileza de esperar por Ulrich. Este pagava na mesma moeda e considerava simples burrice a causa daquela mudança misteriosa que deixava doente sua época, devorando a genialidade. E isso não no sentido pejorativo. Pois se, vista de dentro, a burrice não se parecesse com talento, a ponto de se confundir com ele, e se, vista de fora, não pudesse parecer progresso, genialidade, esperança, melhoria, ninguém quereria ser burro, e a burrice não existiria. Ou, ao menos, seria fácil de combater. Mas infelizmente há nela algo incrivelmente natural e sedutor. Se, por exemplo, se julga uma reprodução mais artística do que um quadro pintado a mão, existe nisso uma verdade mais fácil de provar do que provar que Van Gogh foi um grande artista. Assim, é muito fácil e compensador ser um dramaturgo mais forte do que Shakespeare e um narrador mais equilibrado do que Goethe: e um verdadeiro lugar-comum é sempre mais humano do que uma nova descoberta. Não há nenhum pensamento importante que a burrice não saiba usar, ela é móvel para todos os lados e pode vestir todos os trajes da verdade. A verdade, porém, tem apenas um vestido de cada vez, e um só caminho, e está sempre em desvantagem.

Algum tempo depois, Ulrich teve uma idéia singular em relação a isso. Imaginou que o grande filósofo da Igreja Tomaz de Aquino, morto em 1274 depois de ter ordenado com indizível esforço os pensamentos de seu tempo, tivesse se aprofundado ainda mais, e acabasse nesse momento de concluir sua obra; permanecendo jovem por uma graça especial, ele apareceria saindo da porta em arco de sua casa, com muitos *in-fólios* debaixo do braço, e um bonde elétrico passaria disparando diante do seu nariz. O espanto e incompreensão do *doctor universalis*, como chamavam o famoso Tomaz no passado, divertiu Ulrich. Um motociclista veio pela rua vazia, braços e pernas em *O*, e passou tropejando. Seu rosto tinha a gravidade de uma criança a berrar por algo imensamente importante. Ulrich lembrou-se do retrato de uma famosa tenista, que vira há poucos dias numa revista; estava na ponta dos pés, expusera a perna até onde ficava a liga, a outra perna voava em direção da cabeça, enquanto ela brandia a raquete bem alto para pegar uma bola; e enquanto isso, tinha a cara de uma governanta inglesa. Na mesma revista mostrava-se uma nadadora, deixando-se massagear depois da competição; a seus pés e junto de sua cabeça havia duas mulheres sérias em traje de passeio, enquanto ela jazia nua na cama, joelhos puxados em posição de entrega, e o massagista ao lado pousava as mãos sobre ela, usava avental de médico e erguia o olhar para o fotógrafo como se aquela carne de mulher estivesse esfolada e pendurada num gancho. Naquele tempo começavam a se ver coisas desse gênero, e é preciso reconhecer que existem, assim como se reconhecem os altos edifícios e a eletricidade. “A gente não pode se zangar com seu tempo sem sair prejudicado”, pensou Ulrich. Estava sempre disposto a amar todas essas manifestações de vida. O que nunca conseguia era amá-las sem reservas, como exigia a sensação de bem-estar social; há muito pairava sobre tudo o que ele fazia e vivia um sopro de repulsa, uma sombra de impotência e solidão, uma náusea universal, para a qual não conseguia encontrar nenhuma inclinação compensadora. Por vezes, sentia-se como se tivesse nascido com um talento para o qual não havia objetivo no presente.

## EFEITO DE UM HOMEM SEM QUALIDADES SOBRE UM HOMEM COM QUALIDADES

Enquanto Ulrich conversava com Clarisse, os dois não tinham notado que a música atrás deles cessara. Walter foi até à janela. Não podia ver os dois, mas sentia que estavam perto do seu campo de visão. O ciúme o atormentava. Mas a embriagues vulgar da música sensual o chamou de volta. O piano às suas costas estava aberto como uma cama desalinhada por alguém que não queria acordar para não ter de encarar a realidade. O ciúme de um paralítico que sente os homens sadios andando o atormentava, e ele não conseguiu ir juntar-se aos dois; pois sua dor não lhe dava oportunidade de defesa.

Quando Walter se levantava de manhã e tinha de correr ao escritório, quando falava com pessoas durante o dia, e quando à tarde ia para casa no meio delas, sentia que era um homem importante, com vocação para coisas especiais. Então pensava ver tudo de outro modo; impressionava-se com coisas pelas quais os outros passavam sem notar, e quando outros pegavam alguma coisa sem muita atenção, para ele o simples movimento do próprio braço estava cheio de aventura intelectual ou de uma contemplação narcisista. Era sensível, e sua alma estava sempre repleta de devaneios, depressões, vales e montanhas ondulantes; nunca estava indiferente, mas via em todas as coisas felicidade ou desgraça, e por isso sempre tinha motivo para idéias agitadas. Pessoas assim exercem uma atração especial sobre outras, porque o movimento moral no qual estão constantemente empenhadas se comunica aos demais; em suas conversas tudo assume um significado pessoal, e como no contato com elas podemos nos ocupar ininterruptamente com nós mesmos, elas nos dão um prazer que de outro modo só obtemos com um psicanalista ou psicólogo individualista, em troca de altos honorários, e ainda por cima com a diferença de que com eles nos sentimos enfermos, enquanto Walter ajudava as pessoas a se sentirem muito importantes, e por razões que até aí elas haviam ignorado. Com essa qualidade de instigar o interesse das pessoas por elas mesmas ele também conquistara Clarisse, e com o tempo tirara do caminho todos os concorrentes; como tudo se lhe tornava movimento ético, ele sabia falar persuasivamente sobre a imoralidade do ornamento, sobre a higiene das formas lisas e o bafo de cerveja da música wagneriana, segundo o novo gosto artístico, e até seu futuro sogro, que tinha o cérebro de pintor de uma cauda de pavão, se assustava com isso. Portanto, sem dúvida Walter tivera seus sucessos.

Apesar disso, assim que chegava em casa, cheio de impressões e planos que talvez estivessem maduros e novos como nunca antes, sofria uma transformação desanimadora. Bastava colocar uma tela num cavalete, ou deitar papel sobre a mesa, e começava uma terrível debandada em seu coração. Sua cabeça continuava clara, e o plano lá dentro pairava ainda no ar transparente e nítido, sim, o plano se dividia, se transformava em dois ou mais planos, podendo lutar entre si pelo primeiro lugar; mas a ligação entre a cabeça e os primeiros movimentos necessários para realizar o que pretendia parecia cortada. Walter não conseguia mover um dedo. Simplesmente não se levantava do lugar onde estava sentado, e seus pensamentos escorregavam da

tarefa que se propusera como se fossem neve que derrete ao cair. Ele não sabia como o tempo passava, mas antes que notasse chegava a noite. Como depois de algumas dessas experiências já viesse com medo para casa, começaram a alinhar-se semanas inteiras num desolado entressono.

Retardado em todas as suas decisões e movimentos pela falta de perspectivas, ele sofria de amarga tristeza, e sua incapacidade se tornava uma dor que se aninhava atrás de sua testa como uma hemorragia nasal, sempre que ele queria decidir-se a fazer alguma coisa. Walter era medroso, e os fenômenos que percebia em si mesmo não só o prejudicavam no trabalho, mas também o assustavam muito, pois aparentemente eram tão independentes de sua vontade que muitas vezes lhe davam a impressão de serem o começo de uma desagregação mental.

Mas, enquanto no último ano seu estado piorava sempre mais, ele encontrara uma maravilhosa ajuda num pensamento que outrora nunca apreciara muito. Esse pensamento era que a Europa, na qual era obrigado a viver, estava inapelavelmente degenerada. Em épocas em que as coisas vão muito bem externamente, enquanto por dentro sofrem aquele retrocesso que provavelmente todas as coisas sofrem — também a evolução intelectual quando não lhe dedicamos esforços especiais e novas idéias — a questão mais importante deveria ser: o que se pode fazer contra isso? Mas a confusão de inteligente, ignorante, vulgar e belo fica tão densa e enovelada nessas fases, que obviamente parece a muitas pessoas muito mais fácil acreditar num mistério, falando assim da decadência irrefreável de qualquer coisa que foge a um julgamento exato, e é de uma solene nebulosidade. E, no fundo, é indiferente se essa coisa é a raça, o vegetarianismo, ou a alma. Pois como em todo o pessimismo saudável, pretende-se ;i penas ter algo inelutável em que se agarrar. Também Walter, embora em anos melhores tivesse podido rir dessas idéias, logo compreendeu suas grandes vantagens quando começou a adotá-las pessoalmente. Se até ali fora *ele* o incapaz, sentindo-se mal, agora *a época* é que era incapaz, e ele saudável. Sua vida, que não levava a nada, de repente ficou inteiramente explicada, obteve uma justificativa de dimensões seculares, digna dele; sim, assumia até um ar de grande sacrifício quando pegava o lápis ou a caneta na mão, largando-os logo a seguir.

Mas Walter ainda lutava consigo mesmo, e Clarisse o torturava. Não queria participar de conversas criticando a sua época, e acreditava cegamente na genialidade. Não sabia o que era isso; mas todo o seu corpo começava a tremer e retesar-se quando se falava nela; é algo que se sente ou não se sente, era a sua única prova. Para Walter, cia continuava a menina cruel dos quinze anos. Nunca entendera inteiramente os sentimentos dele, nem ele a conseguira dominar. Mas por mais fria e dura que fosse, e em outras ocasiões tão entusiasmada, com sua vontade cheia de fervor sem substância, possuía uma misteriosa capacidade de influenciá-lo, como se através dela viessem golpes de algum lugar que não cabia nas três dimensões do espaço. Às vezes, isso era sinistro. Ele o sentia especialmente quando tocavam piano juntos. Clarisse tocava de maneira dura, inexpressiva, obedecendo a uma lei de excitação estranha a ele; quando os corpos ardiam até se perceber de fora o brilho das almas, aquilo passava dela para ele, e era assustador. Algo indefinível se desencadeava dentro dela, e ameaçava sair voando junto com a sua alma. Vinha de alguma caverna secreta do ser, que era preciso manter medrosamente trancada; ele não sabia do que se tratava, nem porque o sentia; mas a coisa o atormentava com um medo indizível e a necessidade de combatê-la, o que não conseguia, pois ninguém senão ele notava coisa alguma.

Vendo através da janela que Clarisse voltava, ele tinha vaga consciência de que mais uma vez não resistiria à necessidade de falar mal de Ulrich. Este voltara num momento errado. Prejudicava Clarisse. Piorava dentro dela aquilo de que Walter não se atrevia a chegar perto, a caverna do mal, aquela genialidade pobre, doente e maldita de Clarisse, o secreto espaço vazio onde aquela coisa sacudia as correntes que um dia poderiam ceder. Agora ela estava diante dele, cabeça descoberta, acabara de entrar e trazia na mão o chapéu de jardim, e ele a contemplou. Os olhos dela estavam irônicos, claros, ternos; talvez um pouco claros demais. Por vezes ele sentia que ela tinha uma força que lhe faltava. Como um espinho que não o deixava em paz: assim ele a sentira quando menina, e obviamente nunca a quisera de outro modo; talvez fosse esse o segredo da vida dele, que os outros dois não entendiam. “Profundas são nossas dores!” pensou. “Acho que não é freqüente duas pessoas se amarem tanto como nós temos de nos amar.” E começou imediatamente a falar:

— Não quero saber o que Ulo lhe contou, mas posso dizer que essa força que você tanto admira nele não é senão um vazio!

Clarisse olhou para o piano e sorriu; involuntariamente, ele voltara a sentar-se junto do piano de cauda aberto. E prosseguiu:

— Deve ser fácil ter sentimentos heróicos quando por natureza se é insensível, e pensar em quilômetros quando não se sabe que plenitude pode ocultar-se em cada milímetro! — Às vezes o chamavam de Ulo, como tinham feito na infância, e ele gostava, como se conserva pela babá um respeito risonho.

— Ele parou em ponto morto! — prosseguiu Walter. — Você não nota isso; mas não pense que eu não o conheço!

Clarisse duvidava.

Walter disse, veemente:

— Hoje em dia está tudo em ruínas! Um abismo de inteligência! Ele também tem inteligência, admito isso; mas nada sabe do poder de uma alma. O que Goethe chama de personalidade, o que Goethe chama de ordem móvel, disso ele não tem idéia: “Esse belo conceito de poder e limites, de arbitrariedade e lei, de liberdade e medida, de ordem móvel...”

Os versos brotavam em ondas de seus lábios. Clarisse olhou aqueles lábios com espanto amigável, como se tivessem feito voar algum lindo brinquedo. Depois caiu em si e interveio, como uma dona de casa:

— Você quer cerveja?

— Sim, por que não? Sempre tomo uma cerveja.

— Mas não tenho nenhuma em casa.

— Pena você ter me perguntado — suspirou Walter. — Talvez eu nem tivesse pensado nisso.

Com isso a questão estava encerrada para Clarisse. Mas Walter se descontrolara, não sabia mais como continuar.

— Ainda se lembra da nossa conversa sobre o artista? — perguntou, inseguro.

— Qual?

— Faz alguns dias. Eu lhe expliquei o que significa um princípio vivo de forma numa pessoa. Não se lembra de como cheguei à conclusão de que antigamente, em vez de morte e mecanização lógica, devem ter reinado sangue e sabedoria?

— Não.

Walter ficou inibido, procurou, hesitou. De repente, explodiu:

- Ele é um homem sem qualidades!  
— O que é isso? — perguntou Clarisse, com uma risadinha.  
— Nada. Esse é que é o problema!

Mas Clarisse ficara curiosa com aquela expressão.

— Hoje há milhões assim — afirmou Walter. — É essa a raça que nossa época produziu! — A expressão imprevista também lhe agradara; como se começasse um poema, ela o impelia adiante, antes mesmo de ele ter encontrado seu sentido. — Olhe só para ele! O que pensaria que é? Parece um médico, um comerciante, pintor, ou diplomata?

— Mas ele não é nada disso — respondeu Clarisse, lúcida.

— Bom, acaso ele parece um matemático?

— Não sei, pois não sei como se parece um matemático!

— Muito acertado! Um matemático não tem cara de nada; isto é, ele vai parecer tão inteligente, de modo tão geral, que isso não terá nenhum sentido determinado! Com exceção dos padres católicos romanos, hoje em dia ninguém mais parece como devia ser, pois usamos nossas cabeças de maneira ainda mais impessoal do que nossas mãos; mas a matemática é o ponto culminante, ela sabe tão pouco a respeito de si mesma como, quando um dia comerem pílulas em vez de carne e pão, as pessoas haverão de saber a respeito de campos, vitelas e galinhas!

Entrementes, Clarisse colocara na mesa a frugal refeição da noite, e Walter comia com vontade; talvez isso lhe tivesse inspirado aquele exemplo. Clarisse ficou olhando os lábios dele. Lembravam os de sua falecida mãe, eram lábios femininos, fortes, que comiam como quem executa algum trabalho doméstico, encimados por um bigodinho aparado. Os olhos dele brilhavam como castanhas recém-descascadas, embora estivessem apenas procurando um pedaço de queijo na travessa. Apesar de pequeno, e de corpo antes mole do que delicado, Walter era daquelas pessoas que sempre parecem estar sob uma luz favorável. Ele continuou a falar.

— Não se consegue adivinhar nenhuma profissão pela aparência dele, mas por outro lado também não parece um homem sem profissão. Pense um pouco em como ele é: sempre sabe o que deve fazer; sabe olhar nos olhos de uma mulher; sabe refletir bastante sobre qualquer coisa a qualquer momento; sabe lutar boxe. É talentoso, cheio de vontade, despreconceituoso, corajoso, resistente, destemido, prudente. Não quero examinar isso em detalhes, acho que ele tem todas essas qualidades. Mas também não as tem! Elas fizeram dele aquilo que ele é, e determinaram seu caminho, mas não lhe pertencem. Quando fica zangado, alguma coisa nele ri. Quando está triste, ruma alguma coisa. Quando algo o comove, ele o rejeita. Qualquer má ação lhe parecerá boa em algum aspecto. É um possível contexto que vai determinar o que ele pensa de um assunto. Para ele, nada é sólido. Tudo é mutável, parte de um todo, de incontáveis todos, que provavelmente fazem parte de um supertodo, mas que ele absolutamente não conhece. Assim, todas as respostas dele são respostas parciais, cada um de seus sentimentos é apenas um ponto de vista, e para ele não importa o que a coisa é, e sim um secundário “como é”. Não sei se estou me fazendo entender.

— Sim — disse Clarisse. — Mas acho isso tudo muito simpático nele.

Walter falara, manifestando involuntariamente cada vez maior aversão; o velho sentimento de infância de ser o amigo mais fraco aumentava o seu ciúme. Pois embora estivesse convencido de que Ulrich jamais realizara nada exceto algumas demonstrações de inteligência, não se livrava da secreta impressão de ter sido sempre

inferior fisicamente. A imagem que agora dava do outro libertava-o, como se tivesse conseguido executar uma obra de arte; não era ele quem a criara de si mesmo; mas, ligadas à consumação misteriosa do início, as palavras se haviam enfileirado umas às outras, fora dele, e no seu interior libertava-se algo de que ele não tinha consciência. Quando terminara, reconhecera que Ulrich não significava senão essa substância dissolvida que hoje todos os fenômenos têm.

— Você gosta disso? — indagou numa dolorosa surpresa. — Não pode falar a sério!

Clarisse comia pão com requeijão; só conseguiu sorrir com os olhos.

— Ora — disse Walter —, antigamente também pensávamos assim. Mas não se deve ver nisso senão um primeiro degrau! Uma pessoa assim não é pessoa!

Clarisse terminara de comer.

— Mas ele mesmo diz isso! — afirmou.

— O que é que ele mesmo diz?

— Ora, sei lá! Que hoje em dia tudo está dissolvido. Ele diz que agora tudo está em ponto morto, não só ele. Mas não acha isso tão ruim quanto você. Uma vez ele me contou uma longa história: se dissecássemos a natureza de mil pessoas, haveríamos de encontrar duas dúzias de qualidades, sentimentos, estruturas e assim por diante, que constituem todas essas pessoas. E se dissecarmos nosso corpo, encontraremos apenas água e algumas dúzias de substâncias nadando nela. A água corre em nós como nas árvores, e forma os corpos dos animais como forma as nuvens. Acho isso muito bonito. Só não sabemos exatamente o que dizer de nós mesmos. Nem o que fazer — Clarisse deu uma risadinha. — Depois disso eu lhe contei que você passa dias pescando quando está de folga, deitado junto da água.

— E daí? Eu gostaria de saber se ele agüentaria isso, ao menos dez minutos. Mas *pessoas* — disse Walter com firmeza — fazem isso há dezenas de milhares de anos, ficam olhando o céu, sentindo o calor da terra e não ficam analisando isso, como não ficamos dissecando nossa mãe!

Clarisse teve de rir novamente.

— Ele diz que desde aqueles tempos as coisas se complicaram muito. Assim como na água, também nadamos num mar de fogo, numa tempestade elétrica, num céu de magnetismo, num pântano de calor e assim por diante. Mas tudo isso, sem sentir. Por fim restam apenas fórmulas. E não se pode expressar corretamente o que elas significam em termos humanos; só isso. Eu já esqueci o que aprendi no colégio, mas de alguma forma parece correto. E ele diz que se alguém hoje em dia quiser dizer “irmãos” aos pássaros, como São Francisco, ou você, não deveria pensar que é fácil, pois deveria também decidir-se a entrar num forno, saltar para a terra através do condutor de um bonde elétrico, ou escorrer para o canal através do esgoto!

— Pois é! — interrompeu Walter. — Primeiro, os quatro elementos se tornam dúzias, e por fim simplesmente nadamos sobre relações, acontecimentos, fantasmas de acontecimentos e fórmulas, qualquer coisa que nem se sabe se é uma coisa, um fenômeno, um espectro de pensamento ou sabe-deus-o-quê! Então já não haverá diferença entre o sol e um fósforo, entre a boca e a outra extremidade do canal digestivo! A mesma coisa tem cem lados, o lado cem relações, cada uma com outros sentimentos anexos. O cérebro humano terá então dividido muito bem as coisas; as coisas, porém, dividiram o coração humano!

Ele se levantara de um salto mas continuava parado atrás da mesa.

— Clarisse! — disse. — Ele é um perigo para você! Olhe, Clarisse, hoje em dia as pessoas precisam sobretudo de simplicidade, proximidade com a terra, saúde — e, sim, certamente, você pode dizer o que quiser — também de um filho, porque um filho nos liga à terra firme. O que Ulo anda lhe contando é desumano. Eu lhe asseguro, *tenho coragem* de, quando chego em casa, simplesmente tomar café com você, escutar os pássaros, passear um pouco, conversar com os vizinhos, deixar o dia terminar calmamente: isso é vida humana!

A ternura dessas imagens o aproximara lentamente dela; mas assim que instintos paternos começaram a se fazer ouvir de longe com sua doce voz de baixo, Clarisse ficou rígida. Seu rosto se fechou enquanto Walter se aproximava, e ela assumiu uma postura de defesa.

Quando ele chegou perto, irradiava uma cálida doçura, como um fogão de camponeses. Clarisse hesitou um momento naquele calor. Depois disse:

— Nada feito, meu caro! — Pegou da mesa um pedaço de pão e queijo, e beijou Walter rapidamente na testa.

— Vou dar uma olhada e ver se não há borboletas.

— Mas Clarisse — pediu Walter —, nessa época do ano não há mais borboletas.

— Ora, nunca se sabe!

Só o riso dela ficou no aposento. Ela se foi pelos campos com seu pedaço de pão e queijo; a região era segura, não se precisava de acompanhante. A ternura de Walter murchou como um suflê retirado prematuramente do forno. Ele deu um suspiro fundo. Depois, voltou a sentar-se ao piano, hesitante, e tocou algumas notas. Quisesse ou não, elas tornaram-se fantasias sobre motivos de óperas de Wagner, e no chapinhar dessa substância que jorrava descontroladamente, de que ele se privara nos tempos em que tinha orgulho, seus dedos rumorejavam e borbulhavam na torrente de sons. Não lhe importava que os ouvissem até longe! O narcótico da música paralisava sua medula e aliviava seu destino.

## MOOSBRUGGER

Naquela época, a opinião pública apaixonou-se pelo caso Moosbrugger.

Moosbrugger era um carpinteiro, um homem grande, de ombros largos, sem gorduras de sobra, cabelo parecendo pêlo de ovelha castanho, e grandes patas fortes e bondosas. Força bondosa e honestidade falavam também em seu rosto, e quem não as tivesse visto pelo menos teria cheirado essas qualidades pelo odor áspero, direito, seco, o aroma de oficina, que fazia parte daquele homem de trinta e quatro anos, e vinha de lidar com madeira, trabalho que exigia ponderação e esforço.

Todos paravam como que pregados ao chão ao verem pela primeira vez aquele rosto que Deus marcara com todos os sinais de bondade; pois habitualmente Moosbrugger andava acompanhado por dois policiais armados, e trazia as mãos amarradas

uma à outra diante do corpo, numa forte correntinha de aço, cuja ponta era segura por um de seus acompanhantes.

Quando ele percebia que o observavam, um sorriso passava sobre seu rosto largo e bondoso, com o cabelo desalinhado, a barbicha e o bigode; usava um casaco preto curto com calças cinza-claro, andava de pernas abertas e em postura militar, mas era aquele sorriso que mais interessava aos jornalistas no tribunal. Podia ser um sorriso constrangido ou astuto, irônico, traiçoeiro, dolorido, louco, sanguinário, sinistro: os jornalistas tateavam visivelmente, para poderem expressar algo contraditório, e pareciam procurar desesperadamente naquele sorriso algo que não encontravam no resto daquela figura tão honesta.

Pois Moosbrugger matara de maneira apavorante uma mulher, uma prostituta do mais baixo nível. Os jornalistas tinham descrito com precisão um ferimento no pescoço, que vinha da laringe até a nuca, assim como duas perfurações no peito, varando o coração, outras duas no lado das costas, e os seios quase decepados; tinham expressado sua repulsa, mas não pararam antes de contar os trinta e cinco golpes na barriga, e o corte que ia quase do umbigo ao sacro, continuando pelas costas acima em incontáveis cortes menores, enquanto o pescoço mostrava sinais de estrangulamento. Não conseguiam ligar aquele horror ao bondoso rosto de Moosbrugger, embora eles próprios fossem pessoas boas, e, apesar disso, descrevessem tudo de modo objetivo, profissional, e, obviamente, excitante ao extremo. Até da explicação mais imediata de que estavam diante de um louco — pois Moosbrugger já estivera algumas vezes em hospícios por crimes semelhantes — fizeram pouco uso, embora um bom jornalista hoje entenda bastante desse problema; era como se por enquanto não quisessem desistir de o considerar um celerado, e transferir o acontecido do mundo normal para o mundo dos enfermos; nisso concordavam com os psiquiatras, que já o haviam considerado tanto saudável como irresponsável várias vezes. E acontecera ainda uma coisa singular: as mórbidas aberrações de Moosbrugger já às primeiras notícias tinham sido consideradas como “até que enfim uma coisa interessante” por milhares de pessoas que censuravam o sensacionalismo dos jornais; e isso acontecia tanto com funcionários ocupados como com filhos de catorze anos e esposas entregues à vida doméstica. Todos suspiravam com esses horrores, mas intimamente ocupavam-se mais deles do que de sua própria atividade pessoal. Sim, naqueles dias, ao ir para a cama, um correto chefe de seção ou gerente de banco diria à sua sonolenta esposa: “O que você faria se eu agora agisse como Moosbrugger...?”

Ao deparar com aquele rosto de filho-de-Deus por cima das algemas, Ulrich voltara depressa, dera alguns cigarros a um dos guardas do tribunal ali perto, pedindo informações sobre o grupo que acabava de sair pelo portão; dessa forma ficou sabendo... Mas isso já devia ter acontecido antes, pois assim foi noticiado, e o próprio Ulrich quase chegou a acreditar; mas a verdade aceita era que apenas lera tudo no jornal. Demorou muito até conhecer Moosbrugger pessoalmente, e antes disso só o conseguira ver em pessoa uma vez durante o processo. É mais provável encontrar-se uma coisa fora do comum em jornais do que experimentá-la ao vivo; em outras palavras, hoje em dia as coisas mais importantes acontecem no abstrato, e as mais desimportantes no concreto.

O que Ulrich soube da história de Moosbrugger foi mais ou menos o seguinte:

Quando criança, Moosbrugger fora um pobre-diabo, um pastorzinho numa comunidade tão pequena que nem ao menos havia uma rua na aldeia, e era tão pobre que



nunca falara com uma moça. Só podia ver as meninas; mais tarde, como aprendiz, e depois nas suas andanças, tudo continuou da mesma maneira. É fácil imaginar o que isso significa. Algo que se deseja tão naturalmente como pão ou água, e que só se pode ver. Depois de algum tempo, esse desejo deixa de ser natural. A coisa desejada passa, as saias ondulam em torno das pernas. Ela salta sobre uma cerca, e a gente vê até os joelhos. Olhamos nos olhos dela, e são imperscrutáveis. A gente ouve seu riso, nos viramos depressa e vemos um rosto imóvel e redondo como um buraco na terra, por onde acabou de se enfiar um camundongo.

Era compreensível, pois, que já quando do assassinato da primeira moça Moosbrugger se justificasse dizendo ser constantemente perseguido por espíritos que chamavam por ele dia e noite. Arrancavam-no da cama quando dormia, perturbavam-no no trabalho; depois ele os ouviu falar entre si dia e noite, e discutir. Não era enfermidade mental, e Moosbrugger ficava enfurecido quando diziam que era. Ele próprio, é verdade, por vezes enfeitava o assunto com lembranças de sermões espirituais, ou recobria-o com as simulações que se aprendem na prisão, mas o material para aquilo estava sempre ali; apenas um pouco empalidecido, quando não se prestava atenção.

O mesmo acontecera durante suas andanças. No inverno, dificilmente há trabalho para um carpinteiro, e Moosbrugger ficava semanas a fio na estrada. De dia andava longe, chegava a um lugar, não encontrava onde ficar. Tinha de marchar mais ainda, noite adentro. Sem dinheiro para uma refeição, de modo que tomava aguardente até sentir duas velas acesas atrás dos olhos, e o corpo começava a andar sozinho. Não queria pedir pouso por uma noite num “albergue”, apesar da sopa quente, em parte por causa dos insetos, em parte por causa dos incômodos humilhantes; por isso preferia mendigar algumas moedas e esconder-se no monte de feno de algum camponês. Sem lhe pedir, naturalmente, pois para que haveria de pedir e ser ofendido? De manhã, muitas vezes havia brigas, e ele era acusado de violência, vagabundagem e mendicância, e por fim havia um registro cada vez mais gordo de antecedentes, que cada novo juiz abria com ares de importante, como se o registro explicasse alguma coisa de Moosbrugger.

E quem imagina o que significa passar dias e semanas sem poder se lavar direito? A pele fica tão dura que só permite gestos bruscos, mesmo quando se quer fazer gestos ternos, e a alma endurece sob essa casca. O juízo não é tão prejudicado, as coisas necessárias a gente faz bem direitinho; ele fica queimando como uma luzinha num enorme farol giratório, cheio de minhocas ou gafanhotos amassados no fundo, mas toda a pessoa também foi esmagada ali dentro, só a substância orgânica em fermentação continua se movendo. Então, quando andava pelas aldeias ou numa estrada solitária, Moosbrugger encontrava na sua peregrinação procissões inteiras de mulheres. Aqui uma, meia hora depois outra mulher, mas, embora viessem a grandes intervalos e não tivessem nada a ver umas com as outras, eram procissões. Iam de uma aldeia à outra ou só davam uma olhada fora de casa, usavam xales grossos ou casacos que lhes envolviam os quadris em linhas rígidas, entravam na sala aquecida ou empurravam as crianças à sua frente, ou estavam tão solitárias na estrada que se poderia jogar pedras nelas, como nas gralhas. Moosbrugger afirmava não poder ser um assassino sexual, porque sempre tivera repulsa contra essas fêmeas, e isso não parece improvável, pois também se entende um gato agachado diante de uma gaiola na qual saltita um canário gordo e louro; ou que pega um rato, o solta, pega de novo só para

o ver escapar mais uma vez; e o que é um cachorro que persegue uma bicicleta, e morde só de brincadeira, ele, amigo do homem? Existe na atitude para com o que é vivo e móvel, e rola diante da gente, mudo, ou que dispara silencioso, uma secreta aversão contra a criatura que está feliz. E além do mais, o que fazer se ela grita? Ou voltar a si, ou, quando não se pode, apertar o rosto dela no chão, e enfiar terra na sua boca.

Moosbrugger era apenas um oficial carpinteiro, um homem muito sozinho, e embora em todos os lugares onde trabalhava os camaradas gostassem dele, não tinha amigo. O mais forte dos instintos de vez em quando virava cruelmente pelo avesso o seu ser; mas talvez, como ele dizia, só lhe tivessem faltado educação e oportunidade de fazer disso outra coisa, ser um anjo exterminador, um incendiário de teatros, ou grande anarquista; pois aos anarquistas que se ligam a sociedades secretas ele considerava, com desdém, impostores. Era visível que estava enfermo; mas embora sua natureza doentia fosse o motivo do comportamento que o isolava dos outros, ele a experimentava como uma sensação mais intensa e mais elevada do seu Eu. Toda a sua vida era uma luta, desajeitada a ponto de fazer rir ou tremer de horror, para fazer valer esse fato. Já como rapazinho quebrara os dedos de um seu patrão, quando o homem o quisera punir. De outro, roubara dinheiro; por necessidade e justiça, dissera. Não agüentava muito tempo em lugar algum; enquanto, com sua calma lacônica e amável, ombros enormes, sempre trabalhando, como acontecia no princípio, mantinha as pessoas intimidadas, ele ficava; assim que começavam a tratá-lo de maneira familiar e desrespeitosa, como se soubessem quem ele era, ia embora, pois dominava-o uma sinistra sensação de não estar firme na própria pele. Uma vez, afastou-se tarde demais; quatro pedreiros numa construção decidiram humilhá-lo, empurrando-o do andaime do andar superior; ele já os ouvia chegando às suas costas, entre risadinhas, então lançou-se sobre os homens com sua força imensa, jogou um deles pela escada dois pisos abaixo, e a dois outros cortou todos os tendões do braço. Segundo disse, o fato de depois ter sido punido abalou sua personalidade. Emigrou para a Turquia; e voltou, pois por toda parte o mundo se aliava contra ele; não havia palavra mágica nem bondade que pudessem anular essa conspiração.

Aprendera, interessado, essas palavras em hospícios e prisões; cacos de francês e latim, que intercalava nas suas falas, nos lugares mais inadequados, desde que descobrira que era a posse dessas expressões que dava aos dominantes o direito de “decidir” sobre seu destino. Pelo mesmo motivo também se esforçava por falar um seletto alemão culto nas audiências; dizia, por exemplo, “isso deve servir como fundamento para a minha brutalidade”, ou “eu a imaginara ainda mais cruel do que normalmente julgo serem essas mulheres”; mas quando via que também isso não impressionava, não raro assumia uma grande pose teatral, e ironicamente declarava-se um “anarquista teórico”, que poderia se fazer salvar a qualquer momento pelos social-democratas, desde que quisesse aceitar algum presente desses judeus, os piores exploradores do povo ignorante e trabalhador. Então também ele tinha uma “ciência”, um terreno onde a petulância erudita dos seus juizes não o conseguia acompanhar.

Habitualmente isso lhe valia durante o processo o comentário de “inteligência notável”, e por fim punições mais severas, mas no fundo a sua vaidade considerava aquelas audiências os períodos mais honrosos de sua vida. Por isso, não odiava a ninguém tanto quanto aos psiquiatras, que achavam que toda a sua difícil existência se podia resolver com algumas palavras estrangeiras, como se para eles fosse um

caso cotidiano. Como sempre em tais casos, os pareceres dos médicos quanto ao estado de espírito dele eram fruto da pressão do mundo das leis, que lhes era superior em hierarquia. Moosbrugger não perdia nenhuma dessas oportunidades para provar em audiências públicas a sua superioridade em relação aos psiquiatras, desmascarando-os como bobalhões enfatuados e vigaristas, totalmente ignorantes, que, caso ele fosse simulador, deveriam recebê-lo em seus hospícios, em vez de o mandarem para a prisão, onde era realmente seu lugar. Pois não negava seus atos, queria que fossem compreendidos como desgraças numa concepção maior da vida. Especialmente as mulheres, sempre dando risadinhas, conspiravam contra ele; todas tinham os seus amantes, e não valorizavam a palavra de um homem sério, ou a consideravam uma ofensa. Fugia delas o quanto podia, para não se irritar, o que nem sempre era possível. Há dias em que, como homem, a gente fica com a cabeça bem confusa e não consegue realizar nenhum trabalho, porque nossas mãos suam de inquietação. E se então é preciso ceder, podemos estar certos de que logo ali, passando pela estrada como uma patrulha avançada enviada por outros, cruza um desses venenos ambulantes, uma impostora que secretamente ri do homem, enquanto o leva a fraquejar e faz uma encenação, quando não faz coisas piores, na sua falta de escrúpulos!

E assim chegara o fim daquela noite, uma noite passada em bebedeiras solitárias, com muito barulho para acalmar a inquietação interior. Mesmo sem estarmos bêbados o mundo pode ser inseguro. As paredes nas ruas oscilavam como cenários atrás dos quais alguma coisa espera a deixa para aparecer no palco. Na periferia da cidade tudo é mais calmo, começa o campo aberto, iluminado pelo luar. Moosbrugger teve que dar meia-volta para retornar numa curva até sua casa, e então, na ponte de ferro, a mocinha falou com ele. Era uma dessas mocinhas que se alugam aos homens nos campos, uma criadinha desempregada, fugida, uma criaturinha de quem só se viam dois atraentes olhos de camundongo abaixo do lenço. Moosbrugger afastou-a e apressou o passo; mas ela mendigou que a levasse para a casa dele. Moosbrugger continuou andando, seguiu em frente, dobrou a esquina, e por fim andava para lá e para cá, desamparado; dava passos grandes, e ela corria ao seu lado; parava, e ela parava como uma sombra. Na verdade, ele a arrastava atrás de si. Então fez mais uma tentativa de a espantar; virou-se e cuspiu-lhe duas vezes na cara. Mas não adiantou: ela era invulnerável.

Atravessavam aquele parque imenso, na parte mais estreita. Moosbrugger percebeu que devia haver algum protetor da moça por perto; pois de onde mais ela teria tirado coragem de o seguir, embora ele não quisesse? Pegou a faca no bolso da calça, pois o estavam querendo enganar; talvez atacá-lo de novo; sempre há atrás de uma mulher um homem querendo zombar da gente. Aliás, ela não parecia um homem disfarçado? Ele viu sombras móveis, ouviu gravetos estalando, enquanto aquela que se esgueirava a seu lado como um pêndulo de relógio vagaroso repetia seu pedido, a intervalos; mas não havia nada sobre que ele pudesse lançar sua força gigantesca, e começou a ter medo daquela sinistra calmaria.

Quando chegaram à primeira rua, ainda escura, havia suor em sua testa, e ele tremia. Não olhou para o lado, dirigindo-se para um bar ainda aberto. Bebeu um café preto e três conhaques um atrás do outro, e conseguiu ficar sentado quieto, talvez uns quinze minutos; mas, quando pagou, começou a pensar de novo no que faria se ela tivesse ficado à espera lá fora. Há pensamentos assim, como barbantes que se enroscam em nossos braços e pernas. E mal ele dera alguns passos na rua escura, sentiu

a mocinha a seu lado. Agora não estava mais humilde mas atrevida e segura de si; não pedia mais nada, estava calada. Então ele reconheceu que nunca mais se livraria dela, porque era ele próprio que a atraía. Sua garganta se encheu de um soluço de nojo. Caminhava, e aquela coisa atrás dele era ainda ele. Como sempre, quando encontrava procissões de mulheres. Uma vez cortara da própria perna uma grande lasca de madeira porque não tivera paciência de esperar o médico; de forma bem parecida sentiu agora de novo a faca, comprida e dura, em seu bolso.

Mas Moosbrugger, com um esforço quase sobrenatural, encontrou mais uma saída. Atrás da cerca de tábuas ao longo da qual seguia o caminho, havia um campo de esportes; lá ninguém via nada, e ele entrou. Deitou-se na estreita bilheteria e enfiou a cabeça no canto, onde estava mais escuro; aquele maldito e macio segundo Eu deitou-se ao seu lado. Por isso, fingiu dormir, para escapar depois. Mas quando rastejou para fora, cuidadosamente, com os pés primeiro, a coisa estava lá outra vez e passou os braços pelo seu pescoço. Ele sentiu alguma coisa dura no bolso dela, ou no seu; e tirou-a. Não sabia bem se era uma tesoura ou faca; atacou com ela. A moça dissera que era só uma tesoura, mas era a sua faca. Ela caiu com a cabeça dentro da barraquinha; ele a arrastou um pedaço para fora, sobre a terra macia, e esfaqueou-a até apartá-la inteiramente de si. Depois ficou parado junto dela talvez mais um quarto de hora, contemplando-a, enquanto a noite voltava a ficar calma e estranhamente lisa. Agora ela não poderia mais ofender nenhum homem, nem pendurar-se nele. Por fim, ele carregou o cadáver sobre a estrada e deitou-o diante de um arbusto para que fosse encontrado e enterrado mais facilmente, como disse, pois agora ela já não tinha culpa nenhuma.

No processo, Moosbrugger criou as maiores dificuldades para o seu defensor. Sentava-se no banco, escarrapachado como um espectador; gritava bravo para o promotor quando este conseguia provar, de um modo que lhe parecia digno, que o acusado era um perigo público; fez elogios às testemunhas que declararam nunca ter notado nele nada que fizesse pensar em irresponsabilidade. “O senhor é um sujeito bem engraçado”, dizia-lhe o juiz que dirigia o processo, num tom adulator, apertando cuidadosamente os laços em que o acusado se metera. Depois, Moosbrugger ficou imóvel um momento, espantado, como um touro acuado na arena; olhou em torno, e percebeu nos rostos dos presentes o que não conseguia entender, isto é, que mais uma vez aumentara a profundidade do poço de sua culpa.

Ulrich ficou particularmente interessado ao ver que a defesa obviamente se baseava num plano, vago, mas reconhecível. Ele não saíra com intenção de matar, nem queria, por questão de dignidade, ser considerado doente; não se podia falar de luxúria, mas de nojo e desprezo; portanto era um crime de homicídio, a que fora levado pelo comportamento suspeito da mulher, “essa caricatura de mulher”, como ele dizia. Se o estavam entendendo direito, ele até pedia que considerassem seu assassinato um crime político, e por vezes dava a impressão de não estar lutando por si próprio, mas por essa elaboração jurídica. A tática usada pelo juiz, em contrapartida, era a comum, de ver em tudo apenas os esforços desajeitados e astutos de um assassino que quer se esquivar da responsabilidade.

— Por que lavou as mãos depois do crime? Por que jogou a faca fora? Por que, depois do crime, vestiu roupas, e roupa de baixo limpas? Porque era domingo? Não porque o senhor estava ensanguentado? Por que foi se divertir depois? O crime não o impediu de fazer isso? O senhor sentiu algum arrependimento?

Ulrich compreendia bem a profunda resignação com que Moosbrugger nesses momentos acusava a sua educação precária, que o impedia de abrir os laços daquela rede tecida de incompreensão, o que o juiz comentava com tom de censura:

— O senhor só sabe culpar os outros!

Aquele juiz reunia todos os dados que vinham desde ocorrências policiais e vagabundagem, e considerava tudo culpa de Moosbrugger; mas para este tudo constava de incidentes isolados que nada tinham a ver uns com os outros, cada qual com uma razão diferente, que se encontrava fora de Moosbrugger, em algum lugar do conjunto do mundo. Aos olhos do juiz, os atos de Moosbrugger vinham dele próprio, aos olhos dele tinham vindo de fora para o atacar como pássaros que vão chegando. Para o juiz, Moosbrugger era um caso especial; mas ele próprio se considerava um mundo, e é difícil dizer algo de convincente sobre um mundo. Eram duas táticas lutando entre si, duas unidades e duas conseqüências lógicas; mas Moosbrugger estava na posição mais desvantajosa, pois nem mesmo alguém mais inteligente do que ele teria podido expressar seus estranhos motivos nebulosos. Eles brotavam diretamente da sua vida desordenada e solitária; e enquanto todas as vidas existem de cem maneiras — vistas pelos que as vivem e pelos que as testemunham — a vida dele, a verdadeira, só para ele existia. Era um sopro que se deforma constantemente, mudando de figura. Verdade que ele poderia ter perguntado aos seus juizes se as vidas deles eram essencialmente diferentes. Mas nem pensava numa coisa dessas. Diante da justiça, tudo o que parecera tão naturalmente encadeado dentro dele ficava lado a lado, de um modo desconexo, e ele se esforçava muito para lhe conferir um sentido que não ficasse, em nada, atrás da dignidade de seus nobres adversários. O juiz parecia quase bondoso em seu esforço para apoiá-lo nisso, e lhe fornecer conceitos, ainda que levassem às mais terríveis conseqüências para Moosbrugger.

Era como o combate de uma sombra com a parede, e por fim a sombra de Moosbrugger bruxuleava apenas, horivelmente. Ulrich assistiu àquela última sessão. Quando o presidente leu o parecer que o declarava responsável, Moosbrugger levantou-se e disse ao tribunal:

— Estou satisfeito com isso e atingi meu objetivo.

A resposta foi uma irônica incredulidade na sala, e ele acrescentou, irado:

— Por ter forçado a acusação, estou satisfeito com o processo!

O presidente, agora todo severidade e castigo, censurou-o dizendo que o tribunal não estava interessado na sua satisfação. Leu-lhe em seguida a sentença de morte, exatamente como se as tolices que Moosbrugger dissera para diversão de todos os presentes durante todo o processo agora finalmente merecessem uma resposta séria. Moosbrugger não disse nada, para não parecer assustado. O júri foi encerrado, e tudo acabou. Então, o espírito dele hesitou; ele recuou, impotente contra a arrogância daqueles que não o compreendiam; virou-se, e, enquanto os oficiais de justiça já o levavam para fora, lutou para encontrar palavras, ergueu as mãos e exclamou com uma voz que resistia aos empurrões dos guardas:

— Estou satisfeito, embora deva admitir que condenaram um louco!

Era uma incoerência; mas Ulrich ficou sentado, sem poder respirar. Era claramente demência, mas também claramente apenas uma ligação desfigurada dos elementos do nosso ser. Estava estraçalhado e sombrio; mas de alguma forma Ulrich pensou: se a humanidade pudesse sonhar como um todo, teria de surgir um Moosbrugger. Ele só voltou a si quando aquele “miserável palhaço de defensor”, como o

acusou o ingrato Moosbrugger uma vez durante o processo, anunciou que interporia' recurso devido a algum detalhe, enquanto seu gigantesco cliente era levado da sala.

## CARTA DE EXORTAÇÃO , E OPORTUNIDADE DE OBTER QUALIDADES. CONCORRÊNCIA DE DUAS ASCENSÕES AO TRONO

Assim, o tempo ia passando, até que Ulrich recebeu uma caria de seu pai.

“Meu querido filho! Passaram-se mais uma vez meses sem que eu pudesse deduzir, das suas poucas notícias, se você deu o menor passo em frente na carreira, ou se ao menos tal passo preparou.

Reconheço com alegria que no curso dos últimos anos tive a satisfação de ouvir, de várias pessoas que muito prezo, louvores às suas realizações, e por causa delas também ouvi comentar que você tem um grande futuro. Mas, de um lado, a sua tendência hereditária, embora não de mim herdada, de dar precipitadamente os primeiros passos sempre que uma tarefa o atrai, esquecendo em seguida inteiramente o que deve a si mesmo e aos que colocaram em você suas esperanças; e, de outro lado, o fato de não perceber nas notícias que me envia o menor sinal de algum plano para seu futuro, me enchem de grave preocupação.

Você não apenas está numa idade em que outros homens já conseguiram uma posição sólida na vida, mas posso morrer a qualquer momento. A fortuna que deixarei, a você e sua irmã, em partes iguais, não será pequena; mas, nas circunstâncias atuais, não tão grande que sua posse lhe assegure por si mesma uma posição social, que, portanto, você mesmo terá finalmente de conseguir. O fato de que, desde seu doutorado, você fale muito vagamente de seus planos, que se relacionam com os mais vários terrenos e que você, como de hábito, talvez supervalorize, mas nunca escreva que lhe daria satisfação obter um cargo de professor, nem sobre contatos com tal propósito feitos com alguma universidade, nem mesmo sobre contatos com círculos importantes, é o que por vezes me enche de grave preocupação. Certamente não posso ser colocado sob suspeita de desprezar a independência científica, logo eu, que há quarenta e sete anos rompi com os preconceitos da antiga escola de direito penal ao publicar a obra que você conhece, agora em sua 12ª edição, *A Doutrina de Responsabilidade de Samuel Pudendorf e a Jurisprudência Moderna*. Mas também não posso admitir, após a experiência de uma vida de muito trabalho, que alguém dependa só de si próprio, negligenciando as relações científicas e sociais que, só elas, apóiam o trabalho do indivíduo, que obtém assim uma continuidade fecunda e útil.

Por isso, espero, confiante, receber em breve notícias suas, e ver recompensadas as despesas que fiz para o seu progresso, na medida em que, depois de regressar a seu país, você restabeleça essas relações e não as negligencie mais. Também nesse sentido, escrevi a meu antigo e verdadeiro amigo e protetor, ex-presidente do Tribunal de Contas e atual presidente do Superior Tribunal Imperial da Família junto à Corte, sua Excelência Conde Stallburg, pedindo-lhe que receba com benevolência o pedido que você lhe fará em seguida. Meu importante amigo já teve a bondade de me respon-

der, e você tem sorte, porque ele não apenas o receberá, mas tem o maior interesse na sua carreira, que lhe descrevi. Com isso, na medida de minhas forças e possibilidades, presumindo que você saiba conquistar Sua Excelência e consolidar a opinião dos meios acadêmicos a seu respeito, seu futuro está assegurado.

Quanto ao pedido que certamente gostará de apresentar a Sua Excelência assim que souber do que se trata, é o seguinte:

No ano de 1918, provavelmente em torno do dia 15 de junho, haverá na Alemanha uma grande comemoração que imprimirá na lembrança do mundo a grandeza e poder do país, celebrando o jubileu de trinta anos de governo do Imperador Guilherme II. Embora falem vários anos, sabe-se de fonte segura que já hoje se fazem preparativos, ainda que, obviamente, de maneira não oficial. Você certamente também sabe que no mesmo ano nosso venerável Imperador completará setenta anos de sua ascensão ao trono, no dia 2 de dezembro. Com a excessiva modéstia que nós austríacos temos em todas as questões relativas à nossa própria pátria, é de se recear um segundo Königgrätz, isto é, os alemães poderão se adiantar a nós, com o seu estudado método de obter maior efeito, como então quando introduziram a espingarda de agulha antes que chegássemos a pensar em alguma surpresa.

Por sorte, meu receio, que acabo de lhe expor, já fora antecipado por algumas personalidades patrióticas importantes, e posso lhe revelar que em Viena está em curso uma ação para impedir que esse receio se concretize, destacando o peso de um jubileu de setenta anos, ricos em bênçãos e preocupações, diante de outro de apenas trinta anos. Como naturalmente não se poderia adiantar o 2 de dezembro ao 15 de junho, tivemos a boa idéia de declarar todo o ano de 1918 como Ano Jubilar de nosso Imperador da Paz. Estou informado disso apenas na medida em que as corporações a que pertencço tiveram oportunidade de assumir posição sobre esse projeto, maiores detalhes você mesmo terá quando se apresentar ao Conde Stallburg, que planeja lhe dar, no comitê de preparativos, uma posição que honrará a sua juventude.

Da mesma forma devo lhe recomendar que não demore, de maneira tão penosa para mim, em travar relações com a família do subsecretário Tuzzi, do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, que venho lhe recomendando há tanto tempo, e visite imediatamente sua esposa, que, como sabe, é filha de um primo da mulher de meu falecido irmão, portanto sua prima. Pois, segundo me dizem, ela tem uma posição destacada naquele projeto que acabo de lhe descrever, e meu venerado amigo Conde Stallburg já teve a enorme bondade de a prevenir da possibilidade da sua visita, motivo pelo qual não deve hesitar um só momento em fazê-lo.

De minha parte, nada mais há a noticiar; o trabalho na reedição do meu citado livro assume, além das minhas conferências, todo o tempo e o resto de força de que se dispõe na velhice. É preciso aproveitar bem o tempo, pois é curto.

De sua irmã, apenas ouvi dizer que está bem de saúde; tem um marido bom e trabalhador, embora ela nunca reconheça que deve ficar satisfeita com sua sorte e que se sente feliz assim.

Bênçãos de seu

Pai, que o quer muito.”

**SEGUNDA PARTE**

**A MESMA COISA ACONTECE**



CONTATO COM A REALIDADE.  
NÃO OBSTANTE A FALTA DE QUALIDADES, ULRICH PORTA-SE COM  
ENERGIA E FERVOR

A decisão de Ulrich, de apresentar-se ao Conde Stallburg, deveu-se em boa parte à sua curiosidade.

O Conde Stallburg tinha seu gabinete no castelo imperial e real, e o Imperador e Rei da Kakânia era um ancião lendário. Desde então, já se escreveram muitos livros sobre ele, e sabe-se exatamente o que ele fez, deixou de fazer, impediu que se fizesse; mas naquele tempo, no último decênio da vida dele e da Kakânia, por vezes jovens ligados a ciência e às artes duvidavam até da sua existência. O número de retratos que se via dele era quase tão grande quanto o número de habitantes de seus reinos; no seu aniversário comia-se e bebia-se tanto quanto no aniversário do Salvador, acendiam-se fogueiras nas montanhas, e as vozes de milhões de pessoas juravam amá-lo como a um pai; afinal, uma canção em sua honra era a única produção de literatura e música de que todo o morador da Kakânia conhecia algum verso. Mas essa popularidade e publicidade era tão superconvincente, que a crença nele facilmente poderia ser a crença numa estrela que vemos, embora não exista há milênios.

A primeira coisa que aconteceu quanto Ulrich se dirigiu ao castelo imperial foi a carruagem que o devia levar parar fora do castelo; o cocheiro quis ser pago porque afirmou que podia passar mas não estacionar dentro do pátio. Ulrich aborreceu-se com o cocheiro, a quem julgou mentiroso ou poltrão, e tentou obrigá-lo; mas foi impotente diante dessa amedrontada recusa, e de repente sentiu nela reflexos de um poder maior que o dele. Entrando no pátio interno, chamaram-lhe a atenção os incontáveis casacos, calças e penachos vermelhos, azuis, brancos e amarelos, parados ali ao sol, hirtos como aves num banco de areia. Até ali, considerara “Sua Majestade” uma forma de tratamento sem significação, exatamente como se pode ser ateu e ainda assim dizer “Meu Deus”; mas agora seu olhar subia pelos altos muros e via uma ilha cinzenta, isolada e armada, pela qual a agitação da cidade passava disparando, sem se dar conta.

Depois de ter anunciado seu desejo, foi conduzido por escadarias e corredores, salas e salões. Embora estivesse muito bem vestido, sentia que todos os olhares o

avaliavam implacavelmente. Ninguém ali confundia aristocracia intelectual com aristocracia legítima, e a Ulrich só restava a satisfação do protesto irônico e da crítica burguesa. Constatou que atravessava uma residência enorme, com pouco conteúdo; salas quase sem mobília, mas aquele vazio não tinha a secura de um grande estilo; passou por uma seqüência de guardas e criados formando uma proteção mais desajeitada do que pomposa, que seria mais eficiente se constituída de meia dúzia de detetives bem pagos e treinados; por fim, os criados vestidos com roupas e quepes cinzentos como contínuos de banco, que andavam entre lacaios e guardas, fizeram-no pensar num advogado ou dentista, que não separa suficientemente seu escritório da sua moradia. “A gente sente nitidamente”, pensou, “como isso antigamente deve ter impressionado pela pompa àqueles burgueses do começo do século passado; mas hoje não se pode comparar nem mesmo com a beleza e conforto de um hotel. Por isso fingem, muito espertos, discrição e rigidez aristocráticas”.

Mas quando entrou na sala do Conde Stallburg, Sua Excelência o recebeu num alto prisma oco, de proporções perfeitas, no centro do qual o homenzinho insignificante, calvo, um pouco curvado, joelhos dobrados como os de um orangotango, se postava com uma aparência que nenhum alto funcionário de família distinta pode ter por si, mas apenas se imitar algum modelo. Os ombros caíam para a frente, os lábios para baixo; parecia um velho contínuo ou um honesto contador. E de repente já não havia dúvidas quanto a quem ele fazia lembrar; o Conde Stallburg ficou transparente, e Ulrich entendeu que um homem que há setenta anos é o centro do maior poder deve ter certa satisfação em retirar-se para trás de si próprio, parecendo-se com o mais subalterno de seus súditos, fazendo com que, por boa educação diante dessa importantíssima pessoa, e por natural discrição, não se queira ter aparência mais pessoal que ela. Provavelmente por isso os reis gostavam de se dizer primeiro servidores do seu Estado. Com um olhar rápido Ulrich se convenceu de que Sua Excelência realmente usava as suíças grisalhas raspadas no queixo que todos os contínuos e porteiros de ferrovia da Kakânia exibiam. Pensava-se que desejavam ser parecidos com seus imperadores e reis, mas nesses casos a necessidade mais profunda repousa em reciprocidade.

Ulrich teve tempo de refletir nisso porque precisou esperar um momento até Sua Excelência se dirigir a ele. O impulso teatral de disfarce e transformação que faz parte dos prazeres da vida revelava-se a ele sem nenhum outro toque, nenhuma noção de pose teatral; isso foi tão forte, que o hábito burguês de construir teatros e transformar a representação numa arte que se aluga por hora lhe pareceu algo bem artificial, decadente e precário, diante daquela arte constante, e inconsciente, de auto-representação. E quando Sua Excelência por fim apartou um lábio do outro e lhe disse: “O seu estimado pai...” mas parou — embora sua voz ainda tivesse algo que fazia perceber suas mãos notavelmente belas e amareladas, e uma espécie de tensa moralidade em toda a sua figura —, Ulrich achou aquilo encantador, e cometeu um erro que intelectuais cometem facilmente. Pois Sua Excelência lhe perguntou o que fazia, e disse:

— Ah, muito interessante; em que escola? — quando Ulrich respondeu que era matemático, e quando Ulrich assegurou que não tinha nada a ver com escolas, Sua Excelência disse:

— Ah, muito interessante, entendo, cientista, Universidade.

E Ulrich achou aquilo tão familiar, exatamente como se imagina um bom diálogo; e sem perceber portou-se como se estivesse em casa, seguindo seus próprios

pensamentos em vez de obedecer às etiquetas daquela situação. De repente lembrou-se de Moosbrugger. Ali estava, próximo do poder de perdoar, e nada lhe pareceu mais fácil do que ver se podia apelar para ele.

— Excelência — perguntou —, posso pedir, nesta ocasião favorável, por um homem que foi condenado injustamente à morte?

O Conde Stallburg arregalou os olhos ao ouvir a pergunta.

— É verdade que se trata de um assassino sexual — confessou Ulrich, e nesse momento reconheceu que estava se portando pessimamente. — Naturalmente um doente mental — tentou corrigir depressa, e quase teria acrescentado, “Vossa Excelência sabe que nesse ponto nossa jurisprudência é atrasada, data de meados do século passado”, mas engoliu e ficou firme. Era um disparate esperar que aquele homem fizesse algum comentário como o fariam pessoas dedicadas a jogos intelectuais, muitas vezes sem maior motivo. Algumas palavras dessas, quando bem colocadas, podem ser tão fecundas como terra solta de jardim, mas naquele local tinham o efeito de um torrão de terra que alguém tivesse trazido àquela sala por descuido nos sapatos. O Conde Stallburg notou o seu constrangimento, e mostrou grande benevolência.

— Sim, sim, eu me lembro — disse esforçando-se um pouco, depois que Ulrich dera o nome do demente. — O senhor diz que é um doente mental, e gostaria de ajudar a esse homem?

— Ele não tem culpa.

— Sim, são sempre casos muito desagradáveis.

O Conde Stallburg parecia sofrer muito com esses problemas. Contemplou Ulrich com ar desesperançado, e perguntou se não havia mais nada a esperar, se Moosbrugger já recebera sentença definitiva. Ulrich teve de negar.

— Então, está vendo — prosseguiu ele, aliviado — então ainda há tempo —, e começou a falar do “papai”, deixando de lado, numa amável nebulosidade, o caso Moosbrugger.

Por um momento, Ulrich perdeu a presença de espírito por causa do deslize cometido, mas, singularmente, aquele erro não causara má impressão a Sua Excelência. O Conde Stallburg no começo quase perdera a fala, como se alguém tivesse tirado o casaco em sua presença; mas aquela franqueza num jovem tão bem recomendado acabou lhe parecendo enérgica e fervorosa, e ele ficou contente por ter encontrado aquelas duas palavras, pois queria muito ter boa impressão do outro. Escreveu-as (“Podemos esperar ter encontrado um auxiliar enérgico e fervoroso”) na carta de apresentação que redigiu para a personagem principal da grande Ação Patriótica. Quando recebeu o escrito alguns instantes depois, Ulrich sentiu-se como uma criança a quem se manda embora colocando-lhe na mãozinha um pedaço de chocolate. Segurava aquilo entre os dedos, e recebeu instruções para outra visita, o que podia tanto ser um pedido como uma ordem, sem oportunidade de retrucar. Teria querido dizer: “É um mal-entendido, eu não pretendia nem de longe...”, mas já estava voltando pelos grandes corredores e salões. Parou de repente, pensando: “Tudo isso me levantou como se eu fosse uma rolha e me largou num lugar onde eu não queria estar!”. Examinou, curioso, a enganosa simplicidade da decoração. Concluiu tranquilamente que, mesmo agora, não o impressionava nada; apenas um mundo que ainda não tinham guardado. Mas que qualidade forte e singular sentira ali? Diabo, praticamente não havia outro jeito de expressar aquilo: ela era surpreendentemente real.

A VERDADEIRA INVENÇÃO DA AÇÃO PARALELA PELO CONDE  
LEINSDORF

Porém a verdadeira força propulsora da grande Ação Patriótica — que a partir de agora, seja para abreviar, seja porque deveria “destacar o peso de um jubileu de setenta anos ricos em bênçãos e preocupações, em comparação a outro de apenas trinta anos”, também se chamará de Ação Paralela — não era o Conde Stallburg, mas seu amigo, Sua Alteza Conde Leinsdorf. No belo gabinete de trabalho desse grande senhor, com suas janelas altas, entre muitas camadas de silêncio, devoção, galardões de ouro e a solenidade da glória — no momento em que Ulrich fazia sua visita ao castelo, estava parado o secretário com um livro na mão, lendo para Sua Alteza um trecho que fora encarregado de encontrar. Dessa vez era algo de Joh.Gottl.Fichte, que descobrira nos “*Discursos à nação alemã*” e considerava muito adequado. “Para libertação do pecado original da preguiça”, leu ele, “e seu séquito, a covardia e falsidade, as pessoas precisam de modelos que lhes representem o mistério da liberdade, como foram os fundadores de religiões. A compreensão necessária de convicções morais acontece na Igreja, cujos símbolos não devem ser encarados como doutrinas, mas como instrumento de ensino para anúncio das verdades eternas”. Ele acentuara as palavras *preguiça*, *representar* e *Igreja*. Sua Alteza escutara benevolente, pediu para ver o livro, mas depois balançou a cabeça.

— Não — disse o Conde da Corte —, o livro estaria bem, mas esse trecho protestante sobre igreja não pode ser!

O secretário fez um ar de amargura, como um pequeno funcionário a quem a direção recusa pela quinta vez o rascunho de um documento, e objetou cautelosamente:

— Mas a impressão que Fichte causaria nos meios nacionais não seria excelente?

— Acho que por enquanto teremos de desistir disso — respondeu Sua Alteza. Fechando o livro, fechou também a cara, e com esse rosto mudo e imperioso também se fechou em dois o secretário, numa mesura respeitosa; e pegou o Fichte para o enfileirar outra vez na biblioteca ao lado, entre todos os outros sistemas filosóficos do mundo; pessoas nobres não metem as mãos na cozinha, deixam seus empregados fazerem isso.

— Então — disse o Conde Leinsdorf—, ficamos com quatro pontos: Imperador da Paz, marco da Europa, verdadeira Áustria, e propriedade e cultura. Componha a circular com base nisso.

Sua Alteza tivera nesse momento um pensamento político, e colocado em palavras significava mais ou menos: Eles virão por si! Referia-se àqueles círculos de sua pátria que sentiam pertencer menos a ela do que à nação alemã. Eles lhe desagradavam. Se seu secretário tivesse encontrado uma citação adequada, para agradar ao sentimento deles (pois para isso Joh.Gottl.Fichte fora escolhido), o trecho teria sido copiado; mas no momento em que um detalhe perturbador impedia isso, o Conde Leinsdorf respirou aliviado.

Sua Alteza era o inventor daquela grande Ação Patriótica. Quando chegara aquela excitante notícia da Alemanha, a primeira coisa que lhe ocorrera fora a expressão Imperador da Paz. Ela se ligara imediatamente à imagem de um governante de oitenta e oito anos, verdadeiro pai de seus povos, e um governo ininterrupto de setenta anos. Essas duas imagens naturalmente assumiam as feições familiares de seu senhor e imperador, mas a glória que sobre elas pairava não era a da majestade, e sim daquele fato, que tanto o orgulhava, de sua pátria ter o imperador mais velho e o governo mais prolongado do mundo. Pessoas incompreensivas podiam ser tentadas a ver nisso apenas o prazer de uma raridade (como se, por exemplo, o Conde Leinsdorf valorizasse mais a posse de um raríssimo “Saara” com marca d’água e listras diagonais, sem um dente, do que a de um El Greco, embora possuísse em casa as duas coisas, e não ignorasse totalmente a sua famosa pinacoteca), mas não entenderiam que um símbolo desses enriquecia mais do que a maior fortuna. Nesse símbolo do velho governante reunia-se para o Conde Leinsdorf ao mesmo tempo a sua pátria, a qual amava, e o mundo, para o qual ela deveria ser modelo.

Grandes e doloridas esperanças moviam o Conde. Não sabia se era dor pela pátria, que não via assumir seu verdadeiro lugar de glória na “família dos povos”, ciúme da Prússia, que tirara a Áustria desse lugar (no ano de 1886, através de perfídia!) ou se era simplesmente orgulho pela nobreza de seu velho Estado, e desejo de citá-lo como exemplo, a emoção que o movia; pois na sua opinião os povos da Europa se entregavam à confusão de uma democracia materialista, e diante dele pairava um símbolo sublime, que lhes deveria servir a um tempo de exortação e sinal de reflexão. Estava claro que era preciso alguma coisa para colocar a Áustria à frente de todos os outros povos, para que essa “brilhante manifestação de vida da Áustria” fosse um “marco” para o mundo inteiro, para que a Áustria ajudasse o mundo a reencontrar sua verdadeira natureza, e, tudo isso, por possuir um Imperador da Paz de oitenta e oito anos.

Na verdade, o Conde Leinsdorf por enquanto só tinha essa idéia vaga. Mas era certo que tivera uma grande idéia. Que não apenas inflamava sua paixão — coisa que devia deixar desconfiado um cristão de formação severa e responsável — mas era uma idéia que se derramava com brilhante evidência em imagens sublimes como a do governante, da pátria e da felicidade mundial. O que ainda havia de obscuro nessa idéia não conseguia inquietar Sua Alteza. Sua Alteza conhecia muito bem o ensinamento teológico da *contemplatio in caligine divina*, a contemplação na treva divina, que em si é infinitamente clara, mas para o intelecto humano representa ofuscamento e escuridão; de resto, era uma convicção de sua vida, que um homem que realiza grandes coisas habitualmente não sabe por que o faz — pois já Cromwell dizia: “Um homem nunca avança mais do que quando ignora aonde vai!” O Conde Leinsdorf satisfazia-se, pois, em saborear o símbolo que encontrara, cuja insegurança, sentia bem, o excitava mais do que a segurança.

Deixando os símbolos de lado, suas idéias políticas tinham uma extraordinária solidez, e aquela liberdade de uma grande personalidade que só se consegue na mais perfeita ausência de dúvidas. Era membro do Senado, por ser morgado, mas não era politicamente ativo, nem tinha cargo na Corte ou no Estado; era “apenas patriota”. Mas exatamente por isso, e pela sua fortuna pessoal, tornara-se centro de todos os outros patriotas, que seguiam, preocupados, a transformação do reino e da humanidade. O dever ético de não ser apenas um observador indiferente, mas de

“oferecer, lá de cima, a sua mão em ajuda” a essa transformação, impregnava sua vida. Estava convencido de que o “povo” era “bom”; como além de seus muitos funcionários, empregados e criados, ainda incontáveis outras pessoas dependessem dele para sobreviver economicamente, sempre conhecera o povo apenas por esse prisma; exceto nos domingos e feriados, quando ele brota dos bastidores numa multidão colorida e alegre, como num coro de ópera. O que não combinava com essa imagem, ele atribuía aos “elementos subversivos”, e considerava obra de indivíduos irresponsáveis, imaturos e sensacionalistas. Com educação religiosa e feudal, jamais lidando com burgueses que o questionassem, era bastante lido, mas, por efeito da pedagogia eclesiástica que protegera a sua juventude, ficara impedido, a vida toda, de ver num livro nada que não fosse absoluta confirmação, ou errôneo desvio, dos seus próprios princípios. Por isso, só conhecia a visão do mundo de seus contemporâneos pelas disputas no Parlamento ou na imprensa. E como soubesse o bastante para reconhecer as muitas superficialidades delas, fortalecia-se diariamente seu preconceito de que o verdadeiro mundo burguês, profundamente compreendido, não era senão aquilo que ele próprio pensava a seu respeito. Aliás, acrescentar “verdadeiro” a tendências políticas era uma das armas de que se valia para ajeitar-se num mundo criado por Deus, mas que tantas vezes o renegava.

Estava firmemente convencido de que até o verdadeiro socialismo concordava com sua concepção; fora desde o começo idéia pessoal sua, que em parte escondia até de si próprio, fazer uma ponte através da qual os socialistas marchassem para o seu lado. É claro que ajudar aos pobres é uma missão de cavaleiro, e que para o verdadeiro nobre no fundo “não há tanta diferença entre um empresário burguês e o seu operário; “bem no fundo somos todos socialistas” era uma de suas frases preferidas, e significava mais ou menos que no outro mundo não haverá diferenças sociais. Mas, neste mundo, julgava-as necessárias, e esperava dos operários que, atendidas suas necessidades materiais, desistissem dos lemas insensatos que lhes tentavam impor, e reconhecessem a ordem natural do mundo, segundo a qual todos têm deveres e conseguem progredir no meio que lhes foi determinado. O verdadeiro nobre lhe parecia tão importante quanto o verdadeiro operário, e a solução das questões políticas e econômicas para ele estava numa visão harmoniosa que ele chamava Pátria.

Sua Alteza não teria podido relatar o que pensara naqueles quinze minutos desde a saída de seu secretário. Talvez, tudo isso. O sessentão de estatura média sentava-se imóvel diante da escrivaninha, mãos cruzadas no colo, sorrindo sem notar. Usava colarinho baixo porque tinha tendência para bócio, e usava barbicha pela mesma razão, ou porque assim se assemelhava um pouco aos retratos de aristocratas da Boêmia do tempo de Wallenstein. Ao redor, um aposento alto, por sua vez rodeado pelos grandes aposentos vazios da ante-sala e da biblioteca, em torno dos quais, como cascas superpostas, havia mais espaços, silêncio, devoção, solenidade, e a guirlanda das duas escadas de pedra sinuosas; onde essas desembocavam, na entrada, postava-se num pesado casaco ornado de galardões, bastão na mão, o grande porteiro que pelo orifício do pórtico via a clara fluidez do dia, e os passantes nadando, como um aquário de peixes dourados. Nas fronteiras desses dois mundos passavam as ramagens caprichosas de uma fachada rococó, famosa entre os apreciadores de arte, não apenas pela beleza mas também por ser mais alta que larga; hoje, ela passa por ser a primeira tentativa de tecer a pele de um castelinho de campo largo e confortável por cima do estreito e alto esqueleto burguês de uma casa de cidade, sendo assim uma das mais importantes tran-

sições da pompa feudal para o estilo burguês democrático. Lá, a existência dos Leinsdorf se transportava, segundo testemunho dos livros sobre artes, para o espírito do século. Mas quem não sabia disso ignorava-o como a gota de água em disparada ignora as paredes do cano onde passa; perceberia apenas o orifício branco-acinzentado do pórtico na rua sólida, uma cavidade surpreendente, quase excitante, em cujo espaço rebrilhava o ouro dos galardões e o grande botão do bastão do porteiro. Com tempo bom, aquele porteiro se postava diante da entrada; lá ficava plantado como uma colorida pedra preciosa, que se avista de longe, incrustada numa feira de casas de que ninguém tinha consciência, embora sejam basicamente as paredes que transformam o incontável e anônimo movimento que passa, elevando-o à categoria de rua. Pode-se apostar que grande parte do “povo” por cuja boa ordem o Conde Leinsdorf velava com preocupação e constância confundia seu nome, quando o pronunciavam, com a lembrança daquele porteiro.

Mas Sua Alteza não se sentiria preterido com isso; ao contrário, possuir aquele porteiro deveria lhe parecer o “verdadeiro altruísmo” que convém a um homem nobre.

## 22

### A AÇÃO PARALELA, NA FORMA DE UMA DAMA INFLUENTE DE INDESCRITÍVEL GRAÇA ESPIRITUAL, DISPÕE-SE A DEVORAR ULRICH

Era a esse Conde Leinsdorf que Ulrich deveria visitar segundo desejo do Conde Stallburg, mas decidira não o fazer; em contrapartida, resolveu visitar a sua “ilustre prima”, segundo seu pai lhe recomendara, pois estava interessado em dar uma olhada nela. Não a conhecia, mas há algum tempo sentia especial repulsa por ela, pois repetidamente pessoas que sabiam desse parentesco e gostavam dele, lhe aconselhavam: “*Você devia conhecer essa mulher!*” E sempre o diziam sublinhando aquele “você”, querendo marcar o interpelado como alguém excepcionalmente apto a compreender aquela preciosidade; e podia significar tanto um sincero elogio quanto um disfarce para a certeza de que ele devia ser louco bastante para querer travar uma relação daquele tipo. Por isso, tentara informar-se das qualidades daquela mulher, mas jamais recebera resposta satisfatória. Ou diziam: “Ela tem uma indescritível graça espiritual” ou: “É a mais bela e mais inteligente das nossas mulheres”, e alguns diziam simplesmente: “É uma mulher ideal!”

— Mas que idade tem essa mulher? — indagava Ulrich, mas ninguém sabia, e habitualmente o interrogado espantava-se, porque nunca lhe ocorrera fazer a mesma pergunta.

— Mas afinal, quem é o amante dela? — indagou Ulrich, impaciente.

— Amante? — o rapaz nada inexperiente a quem perguntara isso espantou-se.

— Tem razão, ninguém pensou numa coisa dessas.

“Então é uma bela espiritualizada”, pensou Ulrich. “Uma nova Diotima.” E a partir de então chamou-a pelo nome daquela famosa mestra do amor.

Na realidade chamava-se Ermelinda Tuzzi, e, de verdade mesmo, Hermine. Ermelinda nem ao menos é tradução de Hermine, ela porém se julgara no direito de usar esse belo nome por intuição quando seu ouvido espiritual o escutara pela

primeira vez como se fosse uma verdade sublime, embora seu marido continuasse chamando-se Hans e não Giovanni, e apesar do sobrenome italiano apenas tivesse aprendido esse idioma na academia consular.

Ulrich sentia tanto preconceito contra esse subsecretário Tuzzi quanto contra sua esposa. Como funcionário do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, portanto o mais feudal dos ministérios do governo, Tuzzi era o único funcionário burguês num cargo decisório; dirigia o mais importante departamento lá dentro, diziam que era a mão direita e, segundo alguns, até a cabeça dos Ministros, um dos poucos homens com influência sobre o destino da Europa. Mas quando um burguês ascende a um posto tão alto, conclui-se que sua capacidade une vantajosamente o fato de ser indispensável como pessoa, e ter discrição e reserva. Ulrich imaginava aquele influente secretário como uma espécie de sargento da cavalaria que comanda cadetes nobres. Ao lado dele, a companheira que apesar dos elogios à sua beleza Ulrich calculava ser madurona, ambiciosa, fechada num espartilho de cultura burguesa.

Mas teve uma enorme surpresa. Quando a visitou, Diotima o recebeu com o sorriso indulgente da mulher importante que sabe que, além disso, é bonita, e perdoa aos homens, tão superficiais, por sempre pensarem no segundo fator.

— Eu já o esperava — disse, e Ulrich não soube direito se aquilo era uma censura ou uma amabilidade. A mão que ela lhe dava era gorda e leve.

Ele a segurou um segundo mais do que devia, o pensamento não se conseguia apartar logo daquela mão, pousada na dele como uma gorda pétala de flor; as unhas, pontudas como asas de besouro, pareciam capazes de levá-la voando para o improvável. A excentricidade daquela mão feminina o dominara, um órgão no fundo bastante despudorado, que apalpa tudo, como um focinho de cão, mas é sabidamente centro da lealdade, nobreza e ternura. Durante aqueles segundos constatou que o pescoço de Diotima tinha várias dobras recobertas de pele finíssima; seu cabelo estava enrolado num coque grego, hirtó, igual a um ninho de vespas. Ulrich sentiu hostilidade, desejo de irritar aquela mulher sorridente, mas não conseguiu esquivar-se por inteiro à beleza de Diotima.

Também ela o contemplou longo tempo, analisando-o. Ouvira muita coisa daquele primo, sombras de escândalo secreto, e além disso era seu parente. Ulrich percebeu que também ela não conseguia se esquivar inteiramente da impressão física que ele lhe causava. Estava habituado a isso. Tinha cara barbeada, era grande, ágil, flexível e musculoso, rosto calmo e impenetrável; numa palavra, ele próprio às vezes se sentia o exemplo do que as mulheres em geral pensam que deva ser um homem ainda jovem e de boa aparência, apenas nem sempre tinha força de as desiludir em tempo. Mas Diotima defendia-se disso, através do sentimento de superioridade espiritual. Ulrich observou que ela analisava a sua aparência e não se desagradava, pensando talvez que as qualidades nobres que ele parecia ter deviam estar oprimidas por uma vida irregular, e poderiam ser salvas. Embora não muito mais jovem que Ulrich, e fisicamente desabrochada, seu espírito irradiava algo de terra virgem, formando um singular contraste com sua segurança. Assim contemplaram-se mutuamente, mesmo quando já estavam falando.

Diotima começou a dizer que considerava a Ação Paralela uma oportunidade sem igual de realizar o que considerava mais importante e grandioso.

— Precisamos e queremos concretizar uma idéia muito grande. Temos oportunidades e não devemos nos esquivar!



Ulrich perguntou ingenuamente:

— Está pensando em alguma coisa determinada?

Não, Diotima não pensava em nada determinado. Como poderia? Ninguém que fala da coisa mais importante e grandiosa do mundo acha que ela realmente exista. Mas a que qualidade singular do mundo isso se compara? Tudo se resume em ser uma coisa maior, mais importante ou também mais bela ou mais triste do que outra, portanto, em uma hierarquia e comparação, sem que exista máximo nem superlativo. Mas se sobre isso chamarmos a atenção de alguém que está querendo falar do mais importante e mais grandioso, ele desconfiará de estar falando com uma pessoa sem sentimentos nem ideais. Foi assim com Diotima, e Ulrich falara assim.

Como mulher admirada por seu espírito, Diotima achou a intervenção de Ulrich desrespeitosa. Algum tempo depois sorriu, e respondeu:

— Há tantas coisas boas e grandes ainda não concretizadas, que não será uma escolha fácil. Mas criaremos comissões de todas as camadas sociais, que nos ajudarão. Ou não acredita, Sr. von... que é uma incrível vantagem e um enorme privilégio poder convidar uma nação, sim, na verdade o mundo todo, numa ocasião dessas, para lembrar o espiritual nessa vida materialista? Não pense que pretendemos fazer nada naquele velho e gasto sentido de patriotismo.

Ulrich esquivou-se com uma anedota.

Diotima não riu; apenas sorria. Estava habituada a homens espirituosos, mas eles não se limitavam a isso. Paradoxos como aquele lhe pareciam imaturos, e despertaram-lhe a necessidade de mostrar ao primo que a realidade era coisa séria, conferindo ao grande empreendimento patriótico dignidade e responsabilidade. Mudou de tom, concluindo um assunto e iniciando outro. Ulrich procurou involuntariamente entre as palavras dela aqueles fios amarelos e pretos com que nos ministérios se amarram umas às outras as folhas dos documentos. Mas da boca de Diotima saíram não só palavras de qualidade ministerial como também vocábulos intelectuais especializados, como “tempos sem alma, dominados pela lógica e pela psicologia”, ou “presente e eternidade”, e de repente também falou em Berlim e no “tesouro de sentimentos” que a Áustria ainda guardava, ao contrário da Prússia.

Ulrich tentou algumas vezes interromper aquela fala-do-trono, tão espiritual, mas o cheiro de sacristia da alta burocracia sempre se sobrepunha a qualquer interrupção, disfarçando delicadamente o quanto ela era indelicada. Ulrich estava espantado. Levantou-se; obviamente sua primeira visita chegara ao fim.

Nessa retirada Diotima o tratou com aquela benevolência branda, cautelosa e ostensiva, um pouco exagerada, que aprendera do marido; ele a utilizava no convívio com jovens aristocratas que eram seus subalternos mas um dia poderiam ser seus ministros. Havia na maneira dela o convidar a voltar algo da petulante insegurança do espírito diante de uma força vital mais rude. Quando ele segurou novamente na sua aquela mão branda e sem peso, os dois olharam-se nos olhos. Ulrich teve a certeza de que estavam destinados a causarem um ao outro grandes complicações de amor.

“Com efeito”, pensou, “uma hidra de beleza!” Pretendera deixar aquela grande Ação Patriótica esperar em vão por ele, mas de repente essa ação lhe parecia ter assumido a figura de Diotima, pronta a devorá-lo. Era uma sensação um pouco cômica; apesar da sua idade e experiência, ele se sentia como um pequeno inseto daninho ao qual uma grande galinha contempla atentamente. “Por amor de Deus”, pensou Ulrich, “não posso deixar que essa gigante espiritual me leve a cometer pequenos opróbrios!”

Bastava-lhe a sua ligação com Bonadéia, e prometeu a si mesmo ter a máxima reserva.

Ao sair da casa dela, consolou-se com a impressão agradável que já tivera ao chegar. Uma criadinha de olhos sonhadores o acompanhou. No escuro da ante-sala, os olhos dela tinham sido como uma borboleta negra, esvoaçando ao encontro dele pela primeira vez, num tatarar de pálpebras; agora, quando ele saía, baixaram pela sombra como flocos de neve negra. Naquela mocinha havia algo de árabe-judeu ou algeriano-judeu, uma idéia não muito nítida, algo secreto e encantador, e também desta vez Ulrich esqueceu-se de examinar melhor a moça; só quando estava na rua, sentiu que depois da presença de Diotima aquela mocinha tinha algo de incrivelmente vivo e refrescante.

## 23

### PRIMEIRA APARIÇÃO DE UM GRANDE HOMEM

Diotima e sua criada de quarto ficaram levemente excitadas depois da partida de Ulrich. Mas enquanto a lagartixinha preta, ao acompanhar à saída um distinto visitante, sempre se sentia como se pudesse subir rapidamente um grande muro cintilante, Diotima tratou a lembrança de Ulrich com a meticulosidade de uma mulher que não desgosta de ser injustamente tocada, porque se sente capaz de uma branda repreensão. Ulrich não sabia que no mesmo dia outro homem entrara na vida de Diotima, erguendo-se a seus pés como uma gigantesca montanha de onde se viam grandiosos panoramas.

O Dr. Paul Arnhein a visitara logo depois de chegar.

Era imensuravelmente rico. Seu pai era o homem mais poderoso da “Alemanha de ferro”, e até o subsecretário Tuzzi se permitira esse jogo de palavras: Tuzzi achava que se devia ser econômico na linguagem, e que trocadilhos, embora por vezes necessários numa conversa brilhante, nunca deviam ser bons demais, pois isso seria coisa de burgueses. Recomendara à esposa que tratasse bem aquele visitante; pois embora essa gente ainda não estivesse bem em cima no Império Alemão, não podendo se comparar aos Krupp quanto à influência na Corte, amanhã isso poderia acontecer; e comentou que, segundo um boato, aquele filho — que, aliás, já estava com bem mais de quarenta anos — não apenas aspirava à posição do pai, mas, amparado na evolução dos tempos e em suas relações internacionais, preparava-se para algum ministério. Segundo o subsecretário Tuzzi isso era impensável, a não ser que acontecesse alguma calamidade mundial.

Ele nem adivinhava a tempestade que desencadeara na fantasia da esposa. Naturalmente uma das convicções do meio que freqüentavam era que não se deve tratar bem demais a esses “comerciantes”; mas como todas as pessoas de mentalidade burguesa, ela admirava o dinheiro lá no fundo do coração, numa região livre de preconceitos; e o encontro com um homem tão desmesuradamente rico fora como se um par de asas de anjo douradas tivesse baixado junto dela. Ermelinda Tuzzi não estava desabituada de lidar com riqueza e glória, desde que seu marido subira tanto de posto; mas

glória nascida de realizações intelectuais rapidamente se desfaz assim que se conhece a pessoa gloriosa, e a riqueza feudal, quando não se resume às dívidas insensatas de jovens adidos, está presa a um estilo de vida tradicional, sem jamais chegar a constituir montanhas de dinheiro transbordantes, nem o arrepio do ouro derramado e cintilante com o qual grandes bancos ou indústrias mundiais fazem seus negócios. A única coisa que Diotima sabia de bancos era que até funcionários de meio escalão viajavam de primeira classe a serviço, enquanto ela sempre tinha de viajar de segunda classe quando não em companhia do marido; e devido a isso fantasiara o luxo que deveria rodear os déspotas supremos desse mundo de negócios de pompas orientais.

Sua criadinha Raquel — é lógico que, ao chamá-la, Diotima pronunciava esse nome à maneira francesa — ouvira coisas fantásticas. A menor das revelações fora que o nababo chegara com trem próprio, alugara um hotel inteiro, e levava consigo um negrinho escravo. A realidade era bem mais modesta; já porque Paul Arnheim nunca usava de ostentação. Só o menino mouro era verdade. Arnheim o tirara de uma trupe de dançarinos há alguns anos, numa viagem ao extremo sul da Itália, e levava-o consigo, num misto de desejo de enfeitar-se e de tirar uma criaturinha das profundezas sociais abrindo-lhe a vida do espírito, fazendo nela uma obra de Deus. Mas mais tarde perdera a vontade, e só usava o menino, que agora tinha dezesseis anos, como seu criado, enquanto que antes dos catorze anos dera-lhe a ler Stendhal e Dumas. Embora os boatos que a criada trouxera para casa fossem infantilmente exagerados, a ponto de fazerem Diotima rir, ela fez a moça repetir tudo, pois achou tão ingênuo como só poderia acontecer naquela capital única no mundo, “cultu até à ingenuidade”. E o menino mouro singularmente despertou até mesmo sua fantasia.

Diotima era a mais velha de três filhas de um professor de ensino médio sem fortuna, de modo que o marido lhe parecera um bom partido mesmo quando não passava de um vice-cônsul burguês e desconhecido. Em seus tempos de menina ela não tivera senão o seu orgulho, e como este por sua vez nada tivesse de que se orgulhar, na verdade fora apenas uma postura de fechada correção, estendendo para fora os espinhos da sensibilidade. Mas também uma tal postura esconde por vezes ambição e devaneios, e pode ser uma força imprevisível. Se no começo Diotima fora atraída pela possibilidade de remotas experiências em países distantes, a decepção não se fez esperar; poucos anos depois, só diante de algumas amigas que a invejavam pela aura de exotismo isso ainda era uma vantagem discretamente explorada, e não conseguia abafar a consciência de que, nas coisas principais, a vida nas missões consulares continua sendo a mesma vida que trouxemos de casa com o resto da bagagem.

Por longo tempo a ambição de Diotima quase se esgotara na distinta vida sem perspectivas de um funcionário de quinta categoria, quando começou, repentinamente e por um acaso, a ascensão de seu marido, porque um ministro benevolente e “progressista” levou o burguês para dentro da chancelaria presidencial da sede central. Nessa posição, muita gente procurava Tuzzi querendo alguma coisa dele, e a partir desse momento também em Diotima surgiu, para seu próprio espanto, um tesouro de lembranças de “beleza e grandiosidade espiritual”, que dizia ter recebido no culto ambiente da casa paterna e nos grandes centros do mundo; na verdade, aprendera tudo no liceu feminino, como aluna aplicada, e começou a usar cautelosamente esse tesouro. A mente sóbria mas infinitamente confiável do seu marido também chamara involuntariamente a atenção dos outros sobre a esposa, e ela agia totalmente inocente como uma esponjinha úmida que devolve o que acumulou sem grande uso, quando, ao notar

que percebiam seus traços intelectuais, entremeava suas conversas alegremente com pequenas idéias “muito intelectuais” nos lugares adequados. E paulatinamente, enquanto seu marido continuava subindo de posição, crescia o número de pessoas que o procuravam, e sua casa tornou-se um “salão” com fama de local onde se encontravam “sociedade e espírito”. Agora, lidando com pessoas importantes em vários campos, Diotima começou a descobrir de fato a si mesma. Aquela postura correta, que ainda prestava atenção como na escola, guardava bem o que aprendera e ligava tudo numa unidade amável, tornava-se por si mesma vida intelectual simplesmente pela ampliação, e a casa dos Tuzzi adquiriu uma posição reconhecida por todos.

## 24

### PROPRIEDADE E CULTURA; A AMIZADE DE DIOTIMA COM O CONDE LEINSFORD, E O OFÍCIO DE HARMONIZAR CONVIDADOS FAMOSOS COM A ALMA

Mas esse conceito só se firmou através da amizade de Diotima com Sua Alteza o Conde Leinsdorf.

Classificando-se amizades segundo partes do corpo, a do Conde Leinsdorf ficava entre cabeça e coração, de modo que se podia chamar Diotima de sua amiga do peito, se ainda se usasse essa expressão. Sua Alteza venerava o espírito e a beleza de Diotima, sem se permitir intenções proibidas. Pela simpatia dele, o salão de Diotima não apenas obteve uma posição inabalável, mas, como o Conde costumava dizer, exercia um ofício.

Sua Alteza o Conde imperial considerava-se “apenas um patriota”. Mas o Estado não consiste somente da Coroa e do Povo, com a Administração entre os dois, pois existe mais uma coisa nele: o Pensamento, a Moral, a Idéia!

Por mais religioso que fosse o Conde Leinsdorf, como espírito altamente responsável e, ainda por cima, empresário de fábricas em suas propriedades, ele reconhecia que hoje em dia em muitas coisas a mente se esquivou da proteção da Igreja. Pois não podia imaginar que, por exemplo, uma fábrica, um movimento da Bolsa de Cereais ou uma campanha de açúcar poderiam ser dirigidos conforme princípios religiosos; mas não se pode imaginar racionalmente uma grande propriedade fundiária moderna sem a Bolsa e sem a indústria: quando recebia o relatório de seu diretor administrativo, mostrando que ligando-se a algum grupo de especuladores estrangeiros fariam negócios melhores do que ao lado da nobreza rural da própria terra, Sua Alteza decidia-se geralmente pelo primeiro grupo, pois as relações objetivas seguem sua própria razão, que não se pode simplesmente contrariar por causa de emoções, pois ao dirigir uma grande empresa o homem não é responsável apenas por si mas por inúmeras outras vidas. Existe uma espécie de consciência profissional que em certas condições contraria a consciência religiosa, e o Conde Leinsdorf estava convencido de que até o cardeal arcebispo não agiria diferentemente. É verdade que o Conde Leinsdorf estava disposto a qualquer momento a lamentar isso numa sessão aberta do Senado, manifestando a esperança de que a vida voltaria a cultivar a simplicidade, o

natural e o sobrenatural, a saúde e a necessidade dos princípios cristãos. Sempre que abria a boca para tais pronunciamentos, era como quando se arranca um pino de tomada e a corrente passa para outro circuito elétrico. Aliás, isso acontece com a maior parte das pessoas quando se manifestam publicamente; e se alguém tivesse acusado Sua Alteza, dizendo que fazia em seu próprio favor coisas que combatia em público, o Conde Leinsdorf teria estigmatizado essa manifestação com sagrada convicção como uma fala demagógica de elementos subversivos, que não tinham a menor idéia das grandes responsabilidades da vida. Apesar disso, reconhecia que uma ligação entre as verdades eternas e os negócios, que são tão mais complicados do que a bela simplicidade da tradição, é da maior importância; também reconhecia que só a podemos procurar com uma sólida formação cultural burguesa; com seus grandes pensamentos e ideais no terreno do direito, do dever, da ética e do belo, ela abrangia as lutas cotidianas e as cotidianas contradições, e lhe parecia uma ponte feita de cipós. Não se podia andar sobre ela tão firmemente como sobre os dogmas da Igreja, mas não era menos necessária e responsável que eles, e por essas razões o Conde Leinsdorf não era apenas um idealista religioso, mas também um apaixonado idealista nos assuntos leigos.

A essas convicções de Sua Alteza correspondia o salão de Diotima. As reuniões de Diotima eram famosas porque em dias festivos lá se encontravam pessoas com quem não se podia trocar uma só palavra porque eram famosas demais em alguma especialidade, para se falar com elas sobre as últimas novidades; muitas vezes nunca se ouvira o nome da especialidade na qual tinham adquirido sua fama mundial. Havia lá quenzinistas e canisistas, por vezes um gramático do Bo deparava com um pesquisador partigenista, e um tocontólogo se encontrava com um pesquisador da teoria quântica, sem falar nos representantes de novas tendências na arte e literatura que trocavam de designação todos os anos, e podiam freqüentar a casa ao lado de seus colegas de nome, embora em proporções modestas. De modo geral, naquele convívio todos acabavam se misturando e confundindo-se harmonicamente; só os espíritos jovens eram separados por Diotima através de convites especiais, e ela sabia privilegiar e ressaltar discretamente visitantes raros ou especiais. O que distinguia a casa de Diotima de todas as suas similares era, se se pode dizer assim, exatamente o elemento leigo; aquele elemento de idéias práticas e, para usar das palavras de Diotima, outrora distribuído em torno do cerne das ciências divinas como um povo de crentes realizadores, uma comunidade de irmãos e irmãs leigos, em suma, o elemento da ação; hoje, com as ciências divinas sendo superadas pela economia política e pela física, a lista de possíveis convidados de Diotima registrando os administradores do espírito na terra se assemelhava sempre mais ao *Catalogue of Scientific Papers* da *British Royal Society*, e os irmãos e irmãs leigos eram diretores de banco, técnicos, políticos, conselheiros ministeriais, damas e cavalheiros da alta sociedade, e da sociedade que vivia em função desta. Diotima dava muita atenção às senhoras, preferindo as “damas” às “intelectuais”.

— A vida atualmente já está sobrecarregada de saber — costumava dizer —, e não podemos dispensar a “mulher autêntica”.

Estava convencida de que só essa mulher autêntica ainda possuía aquela força do destino que consegue enlaçar o intelecto com as forças do ser, o que, pensava ela, era essencial para a salvação do intelecto. Esse conceito da mulher que enlaça, e da força do ser, era, aliás, muito admirado nela pelos jovens nobres, que freqüentavam sua

casa porque era costume, e porque o subsecretário Tuzzi era pessoa estimada. Pois o ser autêntico é coisa que a nobreza apreciava, e a casa dos Tuzzi, onde casais podiam aprofundar-se em conversas sem chamar atenção, era, sem que Diotima soubesse, muito melhor do que uma igreja para encontros amorosos e longas confidências.

Sua Alteza o Conde Leinsdorf resumia esses dois elementos tão variados que se misturavam em casa de Diotima — quando não os chamava simplesmente “verdadeira distinção” — designando-os “Propriedade e Cultura”; mas preferia usar para eles aquela idéia de “ofício” ou “função”, que assumia lugar destacado no seu pensamento. Ele defendia o conceito de que todas as realizações — não apenas as de um funcionário, mas também de um operário ou cantor de câmara — são funções.

— Cada pessoa — costumava dizer — tem uma função no Estado; o operário, o príncipe, o artesão são funcionários!

Isso era uma secreção de seu pensamento que trabalhava objetivamente em todas as circunstâncias, desconhecendo favoritismos; aos seus olhos também as damas e senhores da alta sociedade, tagarelando com os pesquisadores dos textos de Boghazkoy, contemplando as esposas dos altos financistas, desempenhavam uma função importante embora não se a soubesse descrever com precisão. Esse conceito de função substituiu para ele o que Diotima designava como “unidade religiosa da ação humana, relegada desde a Idade Média”

No fundo, realmente toda vida social forçada, como na casa dela, corresponde, quando não é inteiramente ingênua e crua, à necessidade de fingir uma unidade humana, que abranja atividades humanas tão diferenciadas, e que jamais existe. Essa ilusão era o que Diotima chamava de cultura, habitualmente completando: “a velha cultura austríaca”. Desde que, por ampliação, sua ambição se tornara espírito, usava essa expressão com maior freqüência. Com ela, queria dizer: os belos quadros de Velasquez e Rubens, pendurados nos museus da Corte. O fato de que Beethoven fora praticamente austríaco. Mozart, Haydn, a Catedral de Sto. Estevão, o *Burgtheater*. O cerimonial da Corte, pesado de tradições. O primeiro distrito, onde se comprimiam as mais elegantes lojas de vestidos e roupas de um reino de cinquenta milhões de habitantes. A maneira de ser discreta de altos funcionários. A cozinha vienense. A nobreza, que depois da inglesa se considerava a mais aristocrática, e seus velhos palácios. O espírito da sociedade, por vezes repassado de beleza verdadeira, mas em geral falsa.

Ela também incluía nisso o fato de ser nesse país que um senhor tão importante quanto o Conde Leinsdorf lhe dava atenção e transferia para a casa dela suas próprias aspirações culturais. Ela não sabia que Sua Alteza também fazia isso porque lhe parecia inconveniente abrir seu próprio palácio para uma inovação da qual facilmente se perde o controle. O Conde Leinsdorf muitas vezes se horrorizava secretamente com a liberdade e tolerância com que sua bela amiga falava das paixões, e das confusões humanas que provocam, ou de idéias revolucionárias. Mas Diotima nada percebia. Fazia distinção entre despudor profissional e pudor pessoal, como uma médica ou assistente social; era sensível como uma ferida quando uma palavra lhe parecia pessoal demais, mas falava de maneira impessoal sobre todas as coisas, e sentia perfeitamente que o Conde Leinsdorf se mostrava muito atraído por essa mistura.

Mas a vida nada constrói sem tirar as pedras de construção de algum outro lugar. Para dolorosa surpresa de Diotima, um grão de fantasia, pequeno, e com a doçura do sonho, desaparecera nos anos de sucesso, uma pequena semente de amêndoa no âmago de sua existência quando esta nada mais continha, e que ainda subsistia quando

resolvera desposar o Vice-Cônsul Tuzzi com seu aspecto de uma mala de couro com dois olhos escuros. É verdade que muito do que ela entendia como “antiga cultura austríaca” — Haydn e os Habsburgos, por exemplo — fora apenas uma lição dura de aprender, enquanto saber-se agora praticamente vivendo no meio disso era de um encanto fascinante, tão heróico quanto o zumbido estivai das abelhas; mas com o tempo aquilo não só começava a ficar monótono, como também cansativo e até desolador. Diotima sentia em relação a seus famosos convidados o mesmo que o Conde Leinsdorf com suas relações bancárias; por mais que quisessem harmonizá-las com a própria alma, era impossível.

Pode-se falar de automóveis e radiografias, isso ainda provoca algum sentimento, mas o que fazer com todas as outras incontáveis descobertas e invenções que hoje aparecem diariamente, senão admirar de maneira muito generalizada o talento inventivo da humanidade, o que com o tempo vai ficando muito sem graça? Eventualmente Sua Alteza aparecia e conversava com algum político, ou era apresentado a um convidado novo. Para ele, era fácil falar de formação mais profunda! Mas quando se tinha de lidar com ela constantemente, como Diotima, via-se que não era a profundidade o insuperável, mas a extensão. Até as questões ligadas diretamente ao ser humano, como a nobre simplicidade da Grécia ou o senso dos profetas, se desmanchavam, ao falar com conhecedores, numa variedade imensa de dúvidas e possibilidades. Diotima aprendeu que também convidados famosos sempre conversavam aos pares nas suas reuniões, porque já naquele tempo uma pessoa só conseguia falar objetiva e sensatamente com no máximo mais uma pessoa, e ela, na verdade, não conseguia fazer isso nem com uma só. Com isso Diotima descobrira em si mesma o conhecido mal dos homens contemporâneos, que se chama civilização. É um fato inibidor misturando sabonete, ondas hertzianas, a linguagem cifrada e arrogante dos matemáticos e das fórmulas químicas, economia política, pesquisa experimental e incapacidade de uma convivência simples mas não simplória entre os homens. E também a relação da nobreza intelectual, que lhe era inerente, com a nobreza social, que Diotima tratava com tanta cautela, e, apesar de todos os sucessos, trazia algumas decepções, com o tempo lhe pareceu cada vez mais caracterizar não uma era da cultura, mas apenas uma era da civilização.

Segundo essa idéia, civilização era tudo aquilo que o seu espírito não conseguia dominar. E por isso incluía aí também, há muito, e principalmente, o seu marido.

## SOFRIMENTOS DE UMA ALMA CASADA

Em seu sofrimento, ela lia muito, e descobriu que perdera algo que até então não soubera claramente possuir: uma alma.

O que é isso?

Fácil de definir negativamente: é aquilo que se retrai quando ouve falar em séries algébricas.

Mas, e positivamente? Parece que ela se esquivava com sucesso a todos os esforços de apreensão. Talvez tivesse havido em Diotima algo originário, uma sensibilidade cheia de presságios, naquele tempo enrolada no vestido bem escovado da sua atitude correta, e que ela agora chamava alma, reconhecendo-a no *batik* metafísico de Maeterlinck, em Novalis, mas especialmente naquela anônima onda de romantismo açucarado e nostalgia de Deus, que por algum tempo a era da máquina fazia jorrar contra si mesma como manifestação de protesto artístico e intelectual. É possível também que esse “algo” originário em Diotima possa ser designado como um pouco de silêncio, meiguice, reflexão e bondade, que nunca chegara a ter vazão, e que, no cadinho com que o destino nos vai configurando, acabou assumindo a cômica forma daquele seu idealismo. Talvez fosse fantasia; talvez uma noção do trabalho vegetativo instintivo que se processa diariamente sob a superfície do corpo, através da qual nos encara a expressão espiritualizada de uma bela mulher; talvez apenas acontecessem horas vagas em que ela se sentia cálida e ampla, as sensações parecendo mais espirituais do que de hábito, quando ambição e vontade se calavam, e a dominava uma doce embriaguez e plenitude de vida, os pensamentos dirigidos para longe da superfície, em direção das profundezas, ainda que só se dedicassem às coisas mais insignificantes, e os acontecimentos do mundo ficavam remotos como o rumor além de um jardim. Nesses momentos Diotima julgava ver em si diretamente a verdade, sem para tanto se esforçar; ternas experiências que ainda não tinham nome erguiam seus véus; ela sentia-se — para mencionar apenas algumas das muitas descrições que encontrava na literatura para isso — harmoniosa, humana, religiosa, próxima de uma profundidade original que santifica tudo o que dela provém, e torna pecaminoso tudo o que não nasce da sua fonte. Mas, embora tudo isso fosse muito bonito de pensar, Diotima jamais ia além desses pressentimentos e alusões de um estado de espírito especial, e nisso igualmente não a ajudavam os conselhos obtidos em livros proféticos, que falavam nas mesmas palavras misteriosas e obscuras. Nada restava a Diotima senão atribuir também essa culpa a uma era de civilização, na qual o acesso à alma estava fechado.

Provavelmente, o que ela chamava de alma não passava de um pequeno capital de capacidade amorosa, que possuía na época do casamento; o subsecretário Tuzzi não era exatamente a melhor aplicação para esse capital. No começo, e por muito tempo, a sua superioridade em relação a Diotima fora apenas a do homem mais velho; mais tarde acrescentou-se a isso a do homem bem-sucedido num cargo misterioso, que quase não se abre para sua mulher, mas encara com benevolência as ninharias que ela mesma faz. Exceto nos tempos das carícias de noivado, o subsecretário Tuzzi sempre fora um homem prático e racional, que jamais perdia o equilíbrio. Contudo, era rodeado pela elegante tranquilidade de suas ações e de seu traje, pelo, podia-se dizer, odor educado e grave de seu corpo e de sua barba, a voz firme e prudente de barítono com a qual falava, com um alento que excitava a alma da jovem Diotima como a proximidade do dono excita o cão de caça, que deita o focinho no joelho dele. E assim como o cão trota atrás do dono, atraído pelo sentimento, também Diotima entrara na infinita paisagem do amor sob essa orientação tão séria e objetiva.

O subsecretário Tuzzi preferia, nisso, os caminhos retos. Seus hábitos de vida eram os de um trabalhador ambicioso. Levantava-se cedo de manhã, para cavalgar, ou, melhor ainda, caminhar por uma hora, o que não apenas servia para manter seu corpo elástico, mas era o hábito pedante e simples que, mantido inabalavelmente,



combina à perfeição com a imagem de um homem responsável e eficiente. E à noite, quando não eram convidados para algum lugar, nem tinham visitas, ele costumava se recolher em seu gabinete de trabalho, coisa compreensível, pois era obrigado a manter seu grande saber profissional em alturas que lhe permitissem aquela superioridade em relação aos colegas e chefes da aristocracia. Uma vida dessas assenta-se em limites precisos e subordina o amor ao resto das atividades. Como todos os homens cuja fantasia não é cega pelo erotismo, em seus tempos de solteirão — embora aqui e ali, devido à profissão diplomática, se tivesse mostrado com os amigos na companhia de pequenas coristas de teatro — Tuzzi fora um calmo visitante de bordéis e transportara o ritmo regular desse hábito também ao casamento. Por isso Diotima aprendera o amor como algo intenso, intermitente, espasmódico, descarregado por alguma força maior, uma vez por semana apenas. Essa alteração na natureza de duas pessoas, que começa num minuto e poucos minutos depois passa para uma breve conversa sobre fatos do dia, e em seguida um sono calmo, algo sobre que jamais se falaria nos intervalos, ou quando muito apenas em alusões (por exemplo, fazendo algum chiste diplomático sobre a *partie honteuse* do corpo), teve porém conseqüências inesperadas e paradoxais para ela.

Em parte, provocou aquele seu idealismo exagerado, aquela personalidade oficiosa, voltada para fora, cuja força amorosa, cuja ânsia espiritual se espalhava em busca de todas as coisas grandes e nobres que se tornassem visíveis em seu círculo de conhecidos, dividindo-se diante delas e a elas se ligando com tanto fervor, que Diotima provocava a impressão de um ardentíssimo mas platônico sol de amor que confundia o modo de pensar dos homens e cuja descrição despertara em Ulrich a curiosidade de a conhecer.

Mas, por outro lado, o ritmo pausado de contatos conjugais tornara-se para ela um hábito puramente fisiológico, com um curso próprio e manifestando-se sem ligação com as partes mais nobres do seu ser, como a fome num trabalhador cujas refeições são raras mas pesadas. Com o tempo, quando apareceram no lábio superior de Diotima pequenos pêlos, e seu jeito de menina se aliou à independência masculina das mulheres maduras, percebeu isso com horror. Amava seu marido, mas nesse afeto mesclava-se cada vez mais repulsa, sim, uma terrível mágoa da alma, que por fim só se podia comparar com as sensações que Arquimedes, mergulhado nas suas grandes tarefas, teria sentido se um soldado estranho não o tivesse abatido mas lhe fizesse alguma proposta sexual. E como o marido não percebesse isso, nem, notando-o, pensasse no caso, e o corpo dela, contra a sua vontade, sempre lhe cedesse, ela sentiu-se vítima de verdadeira tirania; por certo não era coisa pecaminosa, mas era tão torturante como o aparecimento de algum cacoete, ou a inevitabilidade de algum vício. Talvez isso apenas deixasse Diotima um pouco melancólica, e mais idealista ainda, mas infelizmente tratava-se exatamente daquela época em que também seu salão começou a lhe causar problemas espirituais. O subsecretário Tuzzi estimulava naturalmente os esforços intelectuais da esposa, pois cedo reconhecera a vantagem que traziam para sua própria posição, mas jamais participava deles, e pode-se dizer que não os levava a sério; pois a sério esse homem experiente só levava o poder, o dever, a origem nobre, e, um pouco mais abaixo, a razão. Até preveniu Diotima repetidas vezes de não se dedicar com tanta ambição aos seus importantes assuntos culturais, pois embora a cultura seja por assim dizer o sal da vida, a boa sociedade não gosta de cozinha muito salgada; dizia isso sem nenhuma ironia, pois era uma convicção sua,

mas Diotima sentia-se menosprezada. Sentia constantemente um sorriso secreto com que o marido observava suas aspirações idealistas; e quer ele estivesse em casa ou não, e quer esse sorriso — caso ele realmente sorrisse, o que não era necessariamente fato — se dirigisse especialmente a ela ou fosse apenas a expressão facial de um homem que, devido à sua profissão, precisa ter sempre ar de superioridade, com o tempo aquilo se tornou cada vez mais insuportável, sem que ela pudesse se livrar da infame aparência de justeza que ele assumia. Por vezes Diotima atribuía ao período histórico materialista em que viviam a culpa de tudo, pois ele tornara o mundo um jogo mau e fútil, com um ateísmo, socialismo e positivismo que não permitiam a pessoas com alma a liberdade de se alçarem à altura de sua verdadeira natureza; mas isso nem sempre ajudava.

Eram assim as circunstâncias na casa dos Tuzzi, quando a grande Ação Patriótica precipitou os acontecimentos. Desde que o Conde Leinsdorf, para não expor a nobreza, transferira para a casa da amiga o centro dessa ação, pairava sobre ela uma grande responsabilidade, pois Diotima estava decidida a provar ao marido, agora ou nunca, que seu salão não era de brinquedo. Sua Alteza lhe confiara que a grande Ação Patriótica precisava de uma idéia que a coroasse, e ambicionava ardentemente encontrá-la. A possibilidade de ter de realizar, com os meios do império inteiro e diante dos olhos atentos do mundo, algo que seria um dos maiores acontecimentos culturais, ou, mais modestamente, algo que mostraria a cultura austríaca na sua mais íntima essência, essa possibilidade dava a Diotima a impressão de que seus salões se tivessem aberto de súbito e na soleira batesse, como continuação do seu próprio assoalho, o mar infinito.

Não se podia negar que a primeira coisa que ela então sentia era um imensurável vazio abrindo-se instantaneamente.

Primeiras impressões muitas vezes são acertadas! Diotima estava certa de que aconteceria algo sem igual, e convocou todos os seus ideais; mobilizou o patos de suas aulas de história na infância, onde aprendera a calcular os reinos e séculos; fez tudo o que se tem de fazer numa situação dessas, mas, depois que se passaram algumas semanas, observou que não tivera nenhuma boa idéia. Se fosse capaz de odiar — emoção inferior! — o sentimento que teve naquele momento em relação ao marido teria sido ódio. Mas foi apenas melancolia, e um “rancor contra todas as coisas”, até ali desconhecido, tomou conta dela.

Foi nessa época que o Dr. Arnheim chegou, acompanhado do seu negrinho, e pouco depois Diotima recebia a sua importante visita.

UNIÃO ENTRE ALMA E ECONOMIA. O HOMEM QUE CONSEGUE ISSO  
 QUER SABOREAR O ENCANTO BARROCO DA ANTIGA CULTURA  
 AUSTRIACA.COM ISSO NASCE UMA IDÉIA PARA A AÇÃO PARALELA

Diotima não sabia o que eram maus pensamentos, mas provavelmente escondeu-se muita coisa atrás do inocente menino mouro de quem se ocupou depois de ter mandado sair do quarto a criada “Rachelle”. Ouvira mais uma vez amavelmente o relato desta, depois que Ulrich deixara a casa da ilustre prima; a bela mulher madura sentia-se jovem e como alguém que se entretém com algum brinquedo de guizos. Antigamente, a nobreza e as pessoas distintas costumavam ter mouros em casa; ela lembrou-se de lindos quadros, passeios de trenó com cavalos enfeitados de bandeirolas, lacaios com plumas, e árvores empoadas de neve; mas aquele lado fantasioso da vida nobre há muito acabara. “A vida social de hoje não tem mais alma”, pensou. No seu coração havia algo que apoiava aquele excêntrico audacioso que se atrevia a ter ainda um mouro em casa, apoiava o burguês de distinção incorreta, o intruso, que envergonhava os donos do poder herdado, como outrora os instruídos escravos gregos tinham envergonhado seus amos romanos. Sua consciência de si fechada e deformada por toda a sorte de escrúpulos corria ao encontro dele como de uma alma irmã, e tal sentimento, muito natural em comparação com os outros que cultivava, até a fez ignorar que o Dr. Arnheim — embora os boatos se contradissem e não houvesse notícias sólidas — parecia ser de origem judaica: dizia-se isso com certeza de seu pai, a mãe morrera de longa data, de modo que levariam algum tempo para saber ao certo. Era bem possível que no coração de Diotima uma espécie de cruel tédio da vida nem exigisse desmentido algum.

Cautelosamente, ela permitira a seus pensamentos deixarem o mouro e se aproximarem do seu amo. O Dr. Paul Arnheim não era apenas um homem rico, mas um grande espírito. Sua fama não se limitava aos negócios da família espalhados por todo o mundo, pois escrevera nas horas vagas livros que passavam por extraordinários nos meios mais progressistas. Pessoas que formam esses círculos puramente intelectuais estão acima de dinheiro e distinções burguesas; mas não se deve esquecer que por isso mesmo ficam seduzidas quando um homem rico se torna uma delas, e Arnheim anunciava em seus programas e livros nada menos do que a união entre a alma e a economia, ou entre a idéia e o poder. Os espíritos sensíveis, com faro especial para novidades, divulgavam a notícia de que ele reunia em si esses dois pólos habitualmente separados no mundo, e favoreciam o rumor de que estava a caminho uma força moderna, destinada a ainda vir a dirigir para melhores caminhos os destinos do império e, quem sabe, do mundo. Pois há muito sentia-se que os conceitos e atitudes da velha política e diplomacia estavam levando a Europa ao tûmulo, e já começara o período de repúdio generalizado aos especialistas.

Também se podia dizer que o espírito de Diotima fosse rebelde à maneira de pensar da velha escola de diplomacia; por isso entendeu imediatamente a singular semelhança entre sua posição e a daquele excêntrico genial. O famoso homem se apresentara a ela assim que fora possível, e a carta de apresentação de uma amiga comum falava da velha cultura da cidade dos Habsburgos e seus moradores, que ele es-

perava poder apreciar nos intervalos entre negócios inevitáveis; quando percebeu que aquele famoso estrangeiro conhecia sua fama intelectual, Diotima sentiu-se distinguida como um escritor que é traduzido pela primeira vez no idioma de um país estrangeiro. Ela notou que sua aparência não era absolutamente a de um judeu, mas era um homem distinto, de tipo fenício antigo. Também Arnheim ficou encantado ao ver em Diotima uma mulher que não apenas lera seus livros mas correspondia, na aparência de estátua antiga um pouco corpulenta, ao seu ideal de beleza helênico, com um pouco mais de carnes para que o clássico não fosse tão duro. Ficou logo evidente para Diotima que a impressão que era capaz de causar, depois de uma conversa de vinte minutos, num homem com verdadeira experiência do mundo desfazia todas as dúvidas com as quais seu próprio marido, certamente limitado por métodos diplomáticos antiquados, diminuía sua importância.

Com doce prazer repetiu para si mesma a conversa. Mal ela começara, e Arnheim já dizia que só viera àquela velha cidade para recuperar-se um pouco, no encanto barroco da antiga cultura austriaca, dos cálculos, do materialismo, da sensatez ressequida do trabalho dos homens civilizados de agora.

Diotima respondera que nessa cidade reinava uma espiritualidade muito alegre, e sentia-se contente com isso.

— Sim — dissera ele —, não temos mais vozes interiores; hoje em dia sabemos demais, a razão tiraniza nossa vida.

E ela respondera:

— Gosto de lidar com mulheres; porque não sabem nada, e são autênticas. E Arnheim dissera:

— Apesar disso, uma mulher bonita sabe mais do que um homem, que, embora saiba lógica e psicologia, nada sabe da vida.

Então ela lhe contara que os mais significativos círculos locais se preocupavam com um problema semelhante, isto é, libertar a alma da civilização, mas isso projetado em dimensões públicas e grandiosas.

— A gente deveria... — começara ela, e Arnheim a interrompera, dizendo que isso era maravilhoso.

— Introduzir idéias novas, ou, se for permitido dizer — ele deu um leve suspiro —, introduzir pelo menos idéias nas esferas do poder!

E Diotima prosseguira: pretendiam formar comissões com todas as camadas da população, para trazer à luz essas idéias.

Mas nisso Arnheim dissera algo terrivelmente importante, e fizera-o num tom de tanto calor e respeito, que o aviso marcou Diotima profundamente: ele exclamara que dessa maneira não seria fácil fazer algo grandioso; não eram comissões democráticas, mas sim individualidades fortes, gente com experiência tanto na realidade quanto no terreno das idéias, que poderiam dirigir essa ação!

Até aí Diotima recordara palavra por palavra aquela conversa, mas nesse ponto tudo se desfazia em brilho; ela não podia mais recordar o que respondera. Uma sensação indefinida e tensa de felicidade e expectativa a fora elevando cada vez mais; e agora seu espírito parecia um balãozinho de criança colorido, flutuando diante do sol com magnífico brilho. E no momento seguinte, estourou.

Nascera aí uma idéia em relação à grande Ação Paralela, a idéia que até então lhe faltara.

## NATUREZA E SUBSTÂNCIA DE UMA GRANDE IDÉIA

Seria fácil dizer de que constava essa idéia, mas nenhuma pessoa poderia descrever sua significação! Pois é isso que distingue uma grande idéia impressionante de uma idéia comum, talvez até inacreditavelmente comum e errada: está num estado de fusão através do qual o eu parte para amplidões infinitas, e, vice-versa, as vastidões do mundo entram no eu, e não se pode mais reconhecer o que é nosso e o que é do infinito. Por isso grandes idéias impressionantes se constituem de um corpo que, como o do ser humano, é compacto mas transitório; e de uma alma eterna, que é o seu significado, mas não é compacta, e se desmancha em nada a cada tentativa de abordá-la com frias palavras.

Isso dito, deve-se acrescentar que a grande idéia de Diotima não era senão que o prussiano Arnheim devia assumir a direção intelectual da grande ação da Áustria, embora esta tivesse ciúmes da Alemanha prussiana. Mas isso é apenas o corpo inerte de palavras que reveste a idéia, e quem o acha inconcebível ou ridículo está profanando um cadáver. Quanto à alma dessa idéia, deve-se dizer que era casta e lícita, e para todos os efeitos e qualquer eventualidade Diotima acrescentou-lhe ainda um parágrafo para Ulrich. Não sabia que também seu primo — embora num plano bem menos elevado do que Arnheim e encoberto pelo efeito deste — lhe causara impressão, e provavelmente teria desprezado a si mesma se tivesse visto isso claramente; mas, por instinto, tomara medidas de precaução, declarando-o, para sua consciência, como “imaturo”, embora Ulrich fosse mais velho do que ela. Diotima tomara a decisão de compadecer-se dele, e isso facilitava sua convicção de dever escolher Arnheim e não Ulrich para dirigir aquela ação de tamanha responsabilidade; mas de outro lado, depois de tomada essa resolução, lhe veio também a fantasia bem feminina de que o preterido precisava e merecia sua ajuda. Se a ele faltava alguma coisa, não havia melhor maneira de a conquistar do que colaborando na grande ação, que lhe ofereceria a chance de passar bastante tempo junto dela e de Arnheim. Portanto, Diotima resolveu também esse ponto, mas isso não passava de reflexões suplementares.

## UM CAPÍTULO QUE PODE SER OMITIDO PELOS QUE NÃO TIVEREM OPINIÃO FAVORÁVEL SOBRE A ATIVIDADE DE PENSAR

Enquanto isso, Ulrich estava sentado em casa diante da escrivaninha, trabalhando. Retomara uma investigação interrompida semanas atrás quando resolvera voltar para a sua terra; não a pretendia concluir, apenas divertia-se vendo que ainda conseguia fazer aquilo. O tempo estava bonito, mas nos últimos dias ele apenas saía de casa para passeios curtos. Nem ao menos saía para o jardim, fechara as cortinas e

trabalhava com luz velada, como um acrobata que, antes de chegar o público, executa alguns saltos novos e perigosos no circo em penumbra, diante de uma platéia seleta.

Ele afastou o papel coberto de fórmulas e desenhos, onde escrevera uma equação de estado da água, exemplo da física para empregar um novo procedimento matemático que estava descrevendo; mas seus pensamentos há algum tempo já se tinham dispersado.

“Será que falei da água com Clarisse?”, perguntou-se, mas não conseguia recordar direito. Era indiferente, e seus pensamentos foram divagando negligentemente.

Por infelicidade não há nada mais difícil de reproduzir em literatura do que um homem que pensa. Um grande descobridor, quando certa vez lhe perguntaram como conseguia ter tantas idéias novas, respondeu: “pensando nisso o tempo todo”. E com efeito, pode-se dizer que as idéias inesperadas só aparecem porque esperamos por elas. Constituem em grande parte um resultado positivo do caráter, de inclinações constantes, de ambição persistente, de ocupação incansável. Como deve ser monótona essa persistência! Por outro prisma, a solução de uma tarefa intelectual não acontece de modo muito diferente do que quando um cão, levando um bastão na boca, quer passar por uma porta estreita; ele vira a cabeça para a esquerda e a direita, até o bastão entrar, e nós agimos de modo muito parecido, apenas com a diferença de que não tentamos fazer isso de modo inconsciente, mas, pela experiência, já sabemos mais ou menos como proceder. E embora uma cabeça inteligente tenha muito mais habilidade e experiência nos movimentos do que uma cabeça tola, a solução também para ela chega de forma inesperada, acontece de repente, e sentimos com vago espanto que os pensamentos se fizeram por si, em vez de esperarem pelo seu autor. Essa sensação de assombro é o que muita gente chama hoje em dia de intuição, depois de antigamente a chamarem inspiração, e acreditam dever enxergar nela algo de suprapessoal; mas é apenas algo impessoal, isto é, a afinidade e solidariedade das próprias coisas que se encontram dentro de uma cabeça.

Quanto melhor a cabeça, tanto menos se percebe dela nesse processo. Por isso o pensamento, enquanto não está acabado, é um estado muito miserável, parecido com uma eólica de todas as volutas do cérebro; e quando fica concluído, já não tem a forma de um pensamento, como se experimentou, mas tem a forma de algo pensado, o que infelizmente é impessoal, pois o pensamento se dirige para fora e se comunica ao mundo. Praticamente não se consegue surpreender o momento entre o pessoal e o impessoal, quando alguém pensa, e por isso o pensamento é um fato tão embaraçoso para os escritores, que estes o preferem evitar.

O homem sem qualidades, porém, estava refletindo. Pode-se deduzir que ao menos em parte isso não era assunto pessoal. O que era, então? Um mundo que entra e sai; aspectos do mundo que se vão juntando numa cabeça. Não lhe ocorrera nada de importante; depois que se ocupara da água como exemplo, nada lhe ocorrera senão que a água é um ente três vezes maior que a terra, mesmo que se considere apenas o que todo mundo reconhece como água, rio, mar, lago, fonte. Por muito tempo se acreditou que é aparentada com o ar. O grande Newton acreditou nisso, e a maior parte de suas idéias ainda permanece hoje. Na opinião dos gregos, o mundo e a vida tinham nascido da água. Ela era um deus: Oceano. Mais tarde inventaram ninfas, elfos, ondinas, nereidas. Fundaram-se templos e oráculos nas suas margens. Mas também se construíram as catedrais de Hildesheim, Paderborn, Bremen, sobre fontes, e, vejam só, essas catedrais ainda existem! E ainda se batiza com água! E não exis-

tem os amigos de curas pela água, e os apóstolos da natureza, cuja alma tem algo de um sadio tão singularmente sepulcral? Portanto, havia no mundo um lugar como um ponto borrado ou capim espezinado. E naturalmente o homem sem qualidades também tinha em algum lugar da sua consciência a sabedoria moderna, quer pensasse nela ou não. E, nela, a água é um líquido incolor, inodoro e sem sabor, que em camadas mais grossas se torna azul, o que recitamos na escola tantas vezes que não o esqueceremos nunca mais, embora fisiologicamente também façam parte dela bactérias, substâncias vegetais, ar, ferro, sulfato e bicarbonato de cálcio, e no fundo a imagem arquetípica de todos os líquidos nem seja um líquido mas, dependendo, um sólido, um líquido ou um gás. Por fim, tudo se dissolvia num sistema de fórmulas de alguma maneira interdependentes, e em todo o grande mundo só há algumas dúzias de pessoas que pensam a mesma coisa sobre algo tão simples como a água; todos os outros falam nela em linguagens que se situam entre hoje e alguns milênios atrás. Portanto, deve-se dizer que, mal reflete um pouquinho, o ser humano se encontra em meio a um grupo bastante caótico.

Ulrich lembrou que realmente contara tudo isso a Clarisse, que era ignorante como um animalzinho; mas, deixando de lado todas as superstições que a formavam, sentia com ela uma vaga afinidade. E isso o ferrou como uma agulha em fogo.

Ulrich ficou irritado.

A conhecida capacidade dos pensamentos, descoberta pelos médicos, de dissolver e distrair os conflitos profundos, morbidamente enredados, que nascem de regiões abafadas do eu, repousa provavelmente apenas na sua natureza social e exterior, que liga o indivíduo com outras pessoas e coisas; mas infelizmente aquilo que lhes confere força curativa parece ser o que reduz sua capacidade de serem pessoalmente experimentados. A menção casual de um pêlo no nariz vale mais do que o mais importante pensamento, e ações, sentimentos e sensações transmitem, ao se repetir, a impressão de que se participou de um acontecimento pessoal mais ou menos notável, por mais comuns e impessoais que sejam.

“É pena, mas é assim”, pensou Ulrich. Lembrou-se daquela impressão totalmente profunda, excitante, diretamente ligada ao eu, que se tem ao cheirar a própria pele. Ele se levantou e abriu as cortinas do quarto.

A casca das árvores guardava a umidade da manhã. Lá fora, na rua, pairava um vapor de gasolina, de coloração violeta. O sol brilhava, as pessoas moviam-se com animação. Era primavera no asfalto, um indefinido dia primaveril no outono, como só as cidades conseguem produzir magicamente.

## EXPLICAÇÃO E INTERRUPÇÃO DE UM ESTADO DE CONSCIÊNCIA NORMAL

Ulrich combinara com Bonadéia um sinal para mostrar que estava sozinho em casa. Estava sempre sozinho, mas não dava o sinal. Há muito devia saber que Bonadéia entraria sem ser chamada, com chapéu e véus. Pois era excessivamente ciumenta. E quando procurava um homem — ainda que fosse apenas para lhe dizer que o desprezava — sempre chegava enfraquecida, já que as impressões do caminho e os olhares dos homens baluçavam dentro dela como se estivesse levemente mareada. Mas quando o homem adivinhava isso e avançava sem rodeios, embora há tanto tempo não se tivesse importado com ela, ficava ofendida, brigava, adiando com comentários críticos aquilo por que ela própria mal podia esperar, e parecia um pato com asa quebrada por um tiro, que caiu no mar do amor e quer se salvar nadando.

E com efeito, de repente Bonadéia estava lá, chorando e dizendo-se maltratada.

Em fases dessas, em que se zangava com o amante, ela pedia ao marido, apaixonadamente, que lhe perdoasse as faltas. Segundo uma boa regra antiga das mulheres infiéis, que a empregam para não se traírem por alguma palavra impensada, ela lhe falara do interessante cientista a quem por vezes encontrava na casa de uma amiga, mas que não convidava porque era tão festejado pela sociedade que não viria por si à casa dela, enquanto que ela, por sua vez, não lhe dava bastante importância para insistir. A meia-verdade ali escondida facilitava-lhe a mentira; a outra metade considerava culpa dos amantes.

O que diria seu marido, pensava ela, se de repente comesse a reduzir as visitas à pretensa amiga?! Como lhe explicaria essas oscilações de simpatia? Afinal, ela valorizava muito a verdade, porque apreciava todos os ideais, e Ulrich a desonrava, obrigando-a a desviar-se deles mais do que o necessário!

Fez uma cena violenta, e quando tudo passara, jorraram censuras, protestos, beijos, no vácuo que se instalara. Quando também isso passou, nada acontecera; o vazio foi preenchido por frases triviais, e o tempo formava borbulhas como um copo de água parada.

“Ela fica muito mais bonita quando está zangada”, pensou Ulrich, “mas como tudo isso foi mecânico.” A visão dela o comovera e enchera de ternura; agora, depois de tudo, ele sentiu novamente como aquilo lhe interessava pouco. A incrível rapidez dessas mudanças, que transformam uma pessoa saudável num louco que espumeja, ficava bem nítida nessas horas. Mas pareceu-lhe que essas transformações provocadas pelo amor na consciência eram apenas um caso particular de algo bem mais geral; pois também uma noite de teatro, um concerto, uma cerimônia religiosa, todas as manifestações de nosso íntimo tornam-se hoje ilhas rapidamente desfeitas de um segundo estado de consciência, que por vezes se introduz na consciência habitual.

“Há pouco tempo eu ainda estava trabalhando”, pensou ele, “e antes disso saí à rua para comprar papel. Cumprimentei um senhor que conheço da Sociedade de Física. Há pouco tempo ainda tive uma conversa séria com ele. E agora, se Bonadéia se apressasse, eu poderia consultar aqueles livros, que vejo pela fresta da porta. Mas nesse meio tempo passamos por uma nuvem de loucura, e não é menos inquietante



ver agora os fatos sólidos e cotidianos se fecharem novamente sobre esse lapso, mostrando-se em toda a sua dureza.”

Mas Bonadéia não tinha pressa, e Ulrich teve de pensar em outra coisa. Seu amigo de juventude, Walter, marido da pequena Clarisse, que ultimamente andava tão esquisito, um dia afirmara a respeito dele: “Ulrich só faz com o máximo de energia aquilo que julga desnecessário!” Aquilo lhe ocorreu exatamente nesse momento, e ele pensou: “Hoje em dia pode-se dizer isso de todos nós.” Lembrava-se muito bem: uma sacada de madeira corria em torno da casa de verão. Ulrich era hóspede dos pais de Clarisse; faltavam poucos dias para o casamento, e Walter tinha ciúmes dele. Walter sabia ser magnificamente ciumento. Ulrich estava parado lá fora, ao sol, quando Clarisse e Walter entraram num quarto atrás da sacada. Ulrich os escutou sem se esconder. Ainda hoje recordava só aquela frase. E depois, a visão: o quarto, na sombra, como uma sacola cheia de pregas, meio aberta, pendurada na claridade ofuscante do sol na parede exterior da casa. Nas dobras dessa sacola, surgiram Walter e Clarisse; o rosto dele, alongado numa expressão dolorosa, parecendo ter dentes compridos e amarelos. Podia-se dizer até que dois longos dentes amarelos repousavam numa caixinha forrada de veludo preto, e aquelas duas pessoas paradas ali ao lado eram espectros. Naturalmente, o ciúme era tolice; Ulrich não sentia desejo por mulheres de amigos. Mas Walter sempre tivera uma capacidade especial de sentir tudo intensamente. Nunca conseguia o que desejava porque sentia tudo em excesso. Parecia ter em si um amplificador muito melodioso para as pequenas felicidades e infelicidades da vida. Gastava sempre pequenas moedas de emoção em ouro e prata, enquanto Ulrich operava em escala maior, por assim dizer com cheques de pensamento, nos quais havia enormes quantias; mas afinal era só papel. Quando Ulrich queria imaginar Walter de maneira bem característica, via-o deitado na fimbria de uma floresta. Usava calças curtas, e, estranhamente, meias pretas. Não tinha pernas de homem, nem musculosas e fortes, nem magras e firmes, mas pernas de moça; de moça não muito bonita, com pernas frágeis e feias. Mãos cruzadas debaixo da cabeça, ele olhava a paisagem, e só Deus sabia, não queria ser incomodado. Ulrich não se lembrava de ter visto Walter assim em alguma ocasião especial; mais que isso, aquela imagem se destacava como um selo final, depois de uma década e meia. E a lembrança de que Walter tivera ciúmes dele aquela vez lhe provocava uma agradável excitação. Tudo aquilo acontecera numa época em que ainda se davam bem. E Ulrich pensou: “Já os visitei algumas vezes e Walter nem retribuiu minha visita. Mas apesar disso eu poderia ir até lá outra vez esta noite; por que me incomodaria?”

Decidiu mandar-lhes um recado assim que Bonadéia finalmente terminasse de se vestir; na presença dela não era aconselhável, por causa do monótono interrogatório que inevitavelmente seguiria.

E como pensamentos são velozes, e Bonadéia demoraria a se aprontar, ocorreu-lhe mais uma coisa. Dessa vez, uma pequena teoria; era simples, esclarecedora, e ajudava-o a passar o tempo: “Um jovem com inquietação intelectual”, disse Ulrich para si mesmo, referindo-se provavelmente ainda a seu amigo de juventude, “envia constantemente idéias em todas as direções. Mas só o que encontra ressonância no meio ambiente devolve essas irradiações para ele, e se adensa, enquanto todas as outras emanções se espalham no espaço e se perdem!” Ulrich presumia simplesmente que uma pessoa dotada de espírito tem todos os tipos de inclinação intelectual, de modo que o espírito é anterior às qualidades; ele próprio era um homem de muitos con-

trastes e imaginava que todas as qualidades jamais expressas na humanidade repousam bastante próximas umas das outras no espírito de cada pessoa, se ela o tiver. Pode não ser uma idéia muito correta, mas o que sabemos da origem do bem e do mal confirma que todos têm a sua estatura interior, mas que ela pode ser revestida dos mais variados trajes, se o destino os fornecer. E por isso Ulrich não achou totalmente sem importância o que acabara de pensar. Pois se no curso do tempo as idéias comuns e impessoais se fortalecem por si, e as inusitadas perdem o interesse, de modo que todas elas vão se tornando mediocres com regularidade mecânica, isso explica por que, apesar das mil possibilidades que teríamos diante de nós, o homem comum é um homem comum! E isso também explica que mesmo entre as pessoas privilegiadas, que conseguem se impor e obter êxito, há certa mistura com mais ou menos 51% de profundidade e 49% de superficialidade, que consegue o maior sucesso; há muito tempo isso vinha parecendo tão enredado e sem sentido, e tão intoleravelmente triste, que ele gostaria de poder refletir mais a respeito.

Mas, nesse momento, deu-se conta de que Bonadéia ainda não dava sinal de estar pronta; espreitando cautelosamente pela porta, notou que ela parará de se vestir. Ela considerava uma grosseria qualquer distração quando se tratava das últimas gotas de encantamento pelo encontro; ofendida com o silêncio dele, esperava para ver o que o amante faria. Pegara um livro, e por sorte ele continha belas reproduções de história da arte.

Quando voltou às suas reflexões, Ulrich sentiu-se irritado por essa espera, e uma vaga impaciência o foi dominando.

## 30

### ULRICH OUVES VOZES

De repente seus pensamentos se contraíram, e como se olhasse por uma súbita fenda, viu Christian Moosbrugger, o carpinteiro, e seus juizes.

Com um ridículo atroz para uma pessoa que não pensa da mesma maneira, o juiz dizia:

— Por que o senhor limpou as mãos ensangüentadas? Por que jogou fora o punhal? Por que vestiu roupas e roupa de baixo limpas depois do crime? Porque era domingo? Não por estarem cheias de sangue? Por que na noite seguinte foi a um baile? Então o crime não o impediu de fazer isso? O senhor não sentiu nenhum remorso?

Uma idéia bruxuleia em Moosbrugger: velhas experiências de prisão, é preciso fingir remorso. Esse bruxuleio repuxa a boca de Moosbrugger, e ele responde:

— Claro!

— Na polícia o senhor disse: não sinto remorso, apenas fico doido de ódio e raiva!  
— interrompe o juiz imediatamente.

— Pode ser — disse Moosbrugger, novamente firme e digno. — Pode ser que naquele momento eu não tivesse outros sentimentos.

— O senhor é um homem grande e forte — diz o promotor público —, como pôde ter medo de Hedwig?

— Senhor conselheiro — responde Moosbrugger sorrindo —, ela estava me adulando. Eu a imaginei ainda mais cruel do que normalmente já imagino esse tipo de mulheres. Eu pareço forte, e sou mesmo...

— Então — resmunga o presidente do tribunal, folheando os documentos.

— Mas em certas situações — diz Moosbrugger em voz alta — tenho medo e sou até covarde.

Os olhos do presidente levantam-se rapidamente dos documentos, como duas aves deixando um galho no qual estavam pousadas.

— Aquela vez, quando brigou com seus colegas na construção, o senhor não foi nada covarde! — diz o presidente. Jogou um deles dois andares abaixo e esfaqueou os outros...

— Senhor presidente — exclama Moosbrugger com voz ameaçadora —, hoje ainda sou do ponto de vista de que...

O presidente encerra o assunto com um gesto.

— A injustiça — diz Moosbrugger — deve servir de fundamento para a minha brutalidade. Vim ao tribunal como homem ingênuo e esperei que os senhores juizes soubessem de tudo. Mas fui decepcionado.

A cara do juiz meteu-se novamente nos documentos. O promotor sorri e diz amavelmente:

— Mas a Hedwig era uma mocinha totalmente inofensiva!

— *Eu* não achava! — responde Moosbrugger, ainda irritado.

— *Eu* acho — disse o presidente com ênfase — que o senhor sempre atribui a culpa a outros!

— Então, por que foi que a esfaqueou? — recomeça outra vez, amavelmente, o promotor público.

## 31

### A QUEM VOCÊ DÁ RAZÃO?

Aquilo vinha do julgamento a que Ulrich assistira, ou apenas das notícias que tinha lido? Lembrava-se agora tão vivamente como se ouvisse aquelas vozes. Nunca na vida “ouvira vozes”; por Deus, ele não era desse tipo. Mas quando as ouvimos, é como a calma de neve caindo. Repentinamente, paredes se elevam da terra aos céus; onde havia ar, caminhamos através de muros espessos e macios, e todas as vozes que saltitavam de um ponto a outro na gaiola do ar andam agora em liberdade no interior das paredes brancas unidas sem poros nem lacunas.

Ele estava provavelmente superexcitado pelo trabalho e o tédio, então essas coisas podem ocorrer; mas não achou tão ruim assim escutar vozes. E de repente disse, a meia-voz:

— Temos um segundo lar, onde tudo o que fazemos é inocente.

Bonadéia remexia num cadarço. Entrara no quarto dele. Não queria conversar, achava aquilo pouco delicado; esquecera o nome do assassino da moça sobre o qual se lera tanta coisa nos jornais, e só a muito custo ele lhe voltou à memória quando Ulrich começou a falar.

— Mas se Moosbrugger — disse ele depois de algum tempo — causou essa inquietante impressão de inocência, muito mais inocente há de parecer essa pobre, abandonada criatura friorenta com seus olhos de camundongo debaixo do lenço, essa Hedwig, que mendigou para ficar no quarto dele, e por isso foi morta.

— Pare com isso! — disse Bonadéia, erguendo os ombros brancos. Pois para começar a falar Ulrich escolhera maldosamente o instante em que as roupas de sua amiga — ofendida, e ansiosa pela reconciliação — ainda não bem enfiadas no corpo, voltavam a cair no chão depois de ela entrar no quarto, formando a pequena, encantadora concha mitológica da qual nasce Afrodite. Bonadéia estava disposta a detestar Moosbrugger e a esquecer, com um breve arrepio, a sua vítima. Mas Ulrich não deixou, e descreveu minuciosamente o destino que esperava por Moosbrugger:

— Dois homens vão colocar o laço em seu pescoço, sem nenhuma raiva dele, apenas porque são pagos para isso. Talvez haja umas cem pessoas assistindo, em parte porque seu trabalho as obriga, em parte porque todo mundo tem vontade de assistir a uma execução uma vez na vida. Um senhor solene, de cartola, fraque e luvas pretas puxa a corda, e no mesmo momento dois de seus ajudantes se penduram nas pernas de Moosbrugger, para lhe quebrarem a nuca. Então o cavalheiro de luvas pretas coloca a mão no coração de Moosbrugger e examina-o com o ar preocupado de um médico, para ver se ainda está vivo; pois se ainda estiver, tudo será repetido, com mais impaciência e menos solenidade. Afinal você é a favor de Moosbrugger ou contra ele? — perguntou Ulrich.

Lenta e dolorosamente como quem é despertado fora de hora, Bonadéia fora perdendo a “vontade”, como costumava designar seus acessos de infidelidade conjugal. Teve de sentar-se, depois de segurar por uns momentos, indecisa, as roupas que tinham caído, e o espartilho aberto. Como qualquer mulher em situação semelhante, confiava firmemente numa ordem pública tão justa que, sem pensar nela, se podia viver despreocupadamente a própria vida; agora que lhe chamavam atenção para algo diferente, sentiu compaixão e solidariedade para com Moosbrugger, a vítima, excluindo qualquer pensamento sobre Moosbrugger, o culpado.

— Então você é sempre a favor da vítima e contra o crime — afirmou Ulrich. Bonadéia manifestou sua compreensível opinião de que aquela conversa era totalmente descabida naquela situação.

— Mas se você é tão coerente em seu juízo contra o crime — respondeu Ulrich em vez de se desculpar — como quer justificar suas infidelidades conjugais, Bonadéia?

Aquele plural era particularmente indelicado! Bonadéia calou-se, sentou-se numa das macias poltronas, com ar de desprezo, e, ofendida, ergueu os olhos para a intersecção de parede e teto.

## A ESQUECIDA E IMPORTANTÍSSIMA HISTÓRIA DA ESPOSA DE UM MAJOR

Não convém sentir afinidades com um notório maluco, e Ulrich não o fez. Mas por que afirmava um perito que Moosbrugger era louco, e outro dizia que não era? De onde os jornalistas teriam obtido aquela objetividade com que descreviam a obra do seu punhal? E por que qualidades Moosbrugger chamava aquela atenção e provocava aquele arrepio de horror que, para metade dos dois milhões de moradores da cidade, era praticamente tão importante quanto uma briga de família ou um noivado desfeito? Tudo tão incrivelmente excitante e pessoal, arrebatando regiões da alma normalmente tranqüilas, enquanto seu caso já significava uma novidade menos interessante nas cidades da província, e em Berlim ou Breslau não representava mais nada, pois lá dispunham, de tempos em tempos, de seus próprios Moosbruggers na família. Aquele terrível jogo da sociedade com suas vítimas interessava Ulrich. Ele o via repetir-se em seu próprio íntimo. Não tinha vontade nem de libertar Moosbrugger nem de procurar justiça, e essa sensação se eriçava no interior dele como os pêlos de um gato. Por alguma razão desconhecida, Moosbrugger lhe era mais próximo do que sua própria vida; comovia-o como um poema obscuro no qual tudo aparece um pouco distorcido e desfigurado, e que revela um sentido fragmentado a flutuar no fundo da mente.

“Romantismo sinistro!”, censurava-se Ulrich. Admirar o sinistro ou ilícito na forma permitida dos sonhos e neuroses lhe parecia combinar muito bem com os homens da era burguesa. “Ou uma coisa ou outra!”, pensou. “Ou você me agrada, ou não! Ou eu o defendo em toda a sua monstruosidade, ou devo me dar um soco no rosto por estar brincando com ela!” E por fim conviria sentir uma compaixão fria, mas ativa; já hoje se poderia fazer uma porção de coisas para impedir aqueles fatos e personagens, se a sociedade quisesse ela mesma empregar ao menos metade dos esforços morais que exige dessas vítimas. Em seguida, porém, apareceu um aspecto bem diferente desse assunto, e estranhas recordações despertaram em Ulrich.

Nosso julgamento sobre um ato nunca é julgamento sobre aquele lado do ato que Deus recompensa ou pune: Lutero, singularmente, foi quem disse isso. Provavelmente sob influência de um dos místicos dos quais foi amigo por algum tempo. Certamente muitos outros crentes poderiam tê-lo dito. No sentido burguês, eram todos imoralistas. Diferenciavam entre pecados e alma, que pode permanecer imaculada apesar dos pecados, quase como Maquiavel diferencia o meio e o fim. O “coração humano” lhe fora “retirado”. “Também em Cristo havia um ser humano externo e outro interior, e tudo o que ele fazia com relação às coisas exteriores partia do ser humano externo, enquanto seu ser humano interno permanecia imperturbável e à parte”, diz Eckehart. Esses santos e crentes seriam por fim capazes até de absolver um Moosbrugger!? A humanidade certamente progrediu desde aqueles tempos; mas embora mate Moosbrugger, essa humanidade ainda tem a fraqueza de venerar aqueles homens que talvez o tivessem absolvido.

E Ulrich recordou uma frase que lhe trouxe uma onda de mal-estar. A frase dizia: “A alma do sodomita poderia passar pela multidão sem adivinhar nada, e em

seus olhos haveria o transparente sorriso de uma criança; pois tudo depende de um princípio invisível.” Isso não era muito diferente daquelas primeiras frases, mas no seu pequeno exagero exalava o vago odor adocicado da podridão. E como se viu, aquela frase combinava com uma sala, um aposento com brochuras francesas amarelas sobre as mesas, cortinas de vidrilhos em lugar de portas... e no peito surgiu a sensação da mão que se enfia num cadáver aberto de galinha para arrancar o coração. Pois fora Diotima quem dissera a frase durante a visita dele. Ainda por cima, vinha de um escritor contemporâneo, a quem Ulrich amara na juventude, mas que depois aprendera a considerar um filósofo de salão; e frases como aquela têm o sabor ruim do pão sobre o qual se derramou perfume, de modo que por muitos decênios não se quer mais ter nada a ver com elas.

Mas, por mais intensa que fosse a repulsa de Ulrich, naquele momento lhe pareceu vergonhoso ter consentido, a vida toda, em ficar longe das outras, das legítimas frases daquela misteriosa linguagem. Pois ele tinha uma compreensão especial e direta por elas, quase uma intimidade que superava a compreensão, sem entretanto jamais ter-se decidido a assumi-las inteiramente.

Elas — aquelas frases que lhe falavam num tom fraterno, com uma doce, melancólica intimidade, oposta ao tom imperioso da linguagem matemática ou científica, mas sem que se pudesse dizer do que constava — elas ficavam como ilhas entre as ocupações dele, sem ligação umas com as outras, e raramente visitadas; mas quando as divisava, na medida em que as conhecia, ele sentia que se podia perceber muito bem a ligação entre elas, como se essas ilhas, pouco distantes entre si, estivessem colocadas diante de uma praia que se ocultava atrás delas; ou como se representassem restos de um continente que submergiu em tempos imemoriais. Ele sentia a maciez do mar, o nevoeiro e costas baixas e negras dormindo numa luz amarelo-acinzentada. Lembrou-se de uma pequena viagem marítima, uma fuga segundo a receita “viaje!”, “vá se distrair!”, e ocorreu-lhe com exatidão qual era a experiência estranha, ridiculamente mágica, que se interpusera definitivamente, por sua força repulsiva, diante de todas as outras experiências semelhantes. Por um momento o coração do rapaz de vinte anos batera no seu peito, cuja pele peluda com os anos se tornara mais espessa e grosseira. O pulsar de um coração de vinte anos naquele seu peito de trinta e dois pareceu-lhe o beijo indecoroso que um adolescente dá num homem. Apesar disso, dessa vez não se furtou à lembrança. Era a lembrança de uma paixão de final muito singular, que aos vinte anos tivera por uma mulher consideravelmente mais velha pela idade, e principalmente pela situação doméstica.

Significativamente, lembrava pouco a aparência dela; um retrato sem vida e a memória das horas em que estivera sozinho pensando nela assumiram o lugar das lembranças diretas de rosto, vestes, movimentos e voz daquela mulher. O mundo dela se lhe tornara tão estranho que ela ter sido esposa de um major lhe parecia divertido e inacreditável. “Agora deve ser há muito esposa de um coronel da reserva”, pensou. Comentara-se no regimento que era uma excelente artista, uma virtuosa do piano, mas que por desejo da família jamais tocara em público, e mais tarde isso se tornara impossível devido ao casamento. Na verdade tocava muito bem piano em festas do regimento, com o brilho de um sol dourado que paira sobre os profundos vales da alma, e desde o começo Ulrich se apaixonara menos pela presença física daquela mulher do que por sua imagem abstrata. O tenente que naquele tempo usava o nome dele não era tímido; seu olhar se treinara bem em mulherzinhas insignificantes e até es-

piara a trilha furtiva e um tanto usada que levava à muita mulher honrada. Mas o “grande amor” era para aqueles oficiais de vinte anos, quando o desejavam, algo diferente, era um conceito; estava fora do alcance das suas aventuras, e tão pobre em experiência concreta, por isso tão deslumbrantemente vazio, como são todos os conceitos sublimes. E quando pela primeira vez na vida Ulrich sentiu a possibilidade de concretizar esse ideal, foi fatal que acontecesse; a esposa do major não teve outro papel senão o de uma última instância que faz irromper alguma enfermidade.

Ulrich ficou doente de amor. E como a legítima doença de amor não é desejo de posse mas uma doce revelação do mundo pela qual com prazer se renuncia à posse da amada, o tenente explicou o mundo à esposa do major, de forma tão inusitada e persistente como ela jamais escutara. Estrelas, bactérias, Balzac e Nietzsche turbilhonavam num funil de pensamentos cuja ponta se dirigia nitidamente para certas diferenças, naquele tempo ocultas pela decência, que separavam o corpo da mulher do corpo do tenente. Ela ficou perturbada por essa insistente relação do amor com questões que até ali julgava nada terem a ver com isso; num passeio a cavalo entregou a mão por um momento a Ulrich, quando caminhavam ao lado de suas montarias, e notou com susto que a mão ficava na dele como que sem forças. No momento seguinte, um fogo vindo de suas mãos a varou até os joelhos, um raio derrubou os dois, que quase caíram sobre a margem do caminho, em cujo musgo se sentaram, beijando-se apaixonadamente, e por fim acabaram embaraçados, porque o amor era tão grande e incomum, que para surpresa de ambos não lhes ocorria falar nem fazer nada do que se está habituado a fazer e dizer nesses abraços. Os cavalos, impacientes, por fim livraram os dois apaixonados daquela situação.

O amor da esposa do major e do jovem tenente foi breve e irrereal. Os dois estavam espantados, abraçaram-se apertadamente mais algumas vezes, sentiram ambos que havia alguma coisa errada, que não permitiria que se abraçassem corpo a corpo mesmo que despissem as roupas e os preconceitos. A esposa do major não queria privar-se de uma paixão sobre a qual sentia não ter nenhum juízo, mas secretamente acusava-se por causa do marido e da diferença de idade. E quando um dia Ulrich lhe disse, com motivos precários e inventados, que teria uma licença demorada, a esposa do oficial respirou aliviada, entre lágrimas. Mas naquele tempo Ulrich já não tinha outro desejo senão, de tanto amor, conseguir o mais depressa possível afastar-se da fonte daquele amor. Viajou às cegas até que o trem parou diante do litoral, passou de barco para a ilha mais próxima, e ali ficou, num lugar casual e desconhecido, mal-acomodado e malcuidado. Logo na primeira noite escreveu a primeira de uma série de longas cartas à amada, que jamais enviaria.

Essas cartas no silêncio da noite, que também lhe ocupavam os pensamentos durante o dia, perderam-se mais tarde; e certamente fora aquele o seu destino. No começo ele ainda escrevera muito do seu amor e de uma série de pensamentos que este lhe ditara, mas em breve a paisagem foi tomando o lugar de tudo isso. O sol o despertava de manhã, e quando os pescadores estavam no mar, as mulheres e crianças nas casas, ele e um burrico que pastava entre arbustos e colinas rochosas no meio das duas minúsculas aldeias pareciam ser os dois únicos seres vivos naquele temerário posto avançado da terra. Ulrich imitava seu companheiro e subia numa das colinas de pedra ou deitava-se na beira da ilha em companhia do mar, rochas, céu. Não é presunção dizer isso, pois a diferença de tamanho se desfazia naquele convívio, como se diluía a diferença entre espírito, natureza animal e natureza morta, e toda a sorte de

diferenças entre as coisas ficava abrandada. Para ser objetivo, tais diferenças não se perderam nem diminuíram, mas despiram-se de seu significado. Nada mais era submetido às “divisões da humanidade”, exatamente segundo as descrições dos religiosos arrebatados na mística amorosa, dos quais o jovem tenente de cavalaria não tinha a menor noção naquele tempo. Nem refletia sobre tais fenômenos, como um caçador que persegue uma pista e só depois reflete sobre isso. Na verdade nem ao menos percebia essas coisas todas, apenas as assimilava. Mergulhava na paisagem, era indizivelmente levado por ela; e embora o mundo se estendesse para além do que seus olhos viam, seu significado lhe chegava interiormente, em ondas silenciosas. Atingira o coração do mundo; dali até a distante amada havia a mesma distância que dele à árvore mais próxima; um sentimento de interioridade ligava os seres, sem espaço, assim como dois seres conseguem passar um através do outro num sonho, sem se misturar; e isso modificava todas as relações. Mas aquele estado nada tinha a ver com sonho. Ele estava bem lúcido, transbordando de lúcidos pensamentos. Apenas, nada em seu interior se movia em busca de causa, objetivo, desejos físicos; tudo ia se alargando em novos círculos, como quando um jorro interminável cai numa bacia de chafariz. E era isso que ele descrevia em suas cartas, nada mais. Era uma forma totalmente mudada de vida; o que fazia parte dela não ficava no centro das atenções, e sim liberto da nitidez de contornos e sentido assim, um pouco difuso e borrado. Mas obviamente estava repleto da segurança e da claridade vindas de outros focos, pois todas as indagações e fatos da vida assumiam uma incomparável doçura, suavidade e serenidade, e ao mesmo tempo um significado totalmente novo. Por exemplo: se um besouro corria pela mão do homem que refletia, não era um ato de chegar, passar e afastar-se, e não era besouro e homem, era algo que tocava indizivelmente o coração; não era nem ao menos um acontecimento: embora acontecesse, era um estado.

Com ajuda dessas silenciosas experiências, tudo o que de hábito constitui a vida comum tinha um significado subversivo, fosse qual fosse a circunstância.

Nesse estado, também seu amor pela esposa do major assumia rapidamente a forma que lhe estava destinada. Por vezes procurava imaginar o que fazia naquele instante a mulher em quem pensava o tempo todo, e baseava-se no conhecimento detalhado da vida dela; mas sempre que conseguia divisar a amada, sua sensibilidade visionária se ofuscava, e era preciso esforçar-se para adequar novamente a imagem à certeza sublime de haver para ele, em algum lugar, alguma grande amante. Não demorou muito, e ela se tornou um centro de energia totalmente impessoal, um dínamo subterrâneo de sua instalação de luz, e ele lhe escreveu uma carta derradeira, na qual explicou que a sublime vida-dedicada-ao-amor nada tinha a ver com posse ou desejo de possuir, que nascem da avareza, domínio e gula. Foi a única carta que despachou, e marcou o auge de sua febre amorosa, que logo depois acabaria abruptamente.



## ROMPIMENTO COM BONADÉIA

Enquanto isso, já que não podia ficar olhando o teto o tempo todo, Bonadéia se esticava de costas no diva, seu delicado ventre maternal respirava na organza branca, liberado de espartilho e fitas; ela chamava essa postura de: refletir. Lembrou-se de que seu marido não era apenas juiz mas também caçador, e às vezes falava com olhos fuzilando dos seus cães perseguindo a caça; e pareceu-lhe que isso deveria favorecer Moosbrugger e seus juizes. Por outro lado, porém, não queria que seu marido fosse mal interpretado pelo amante, exceto nas coisas de amor; seu sentimento familiar exigia que o chefe da casa fosse respeitado e digno. Por isso não conseguia se decidir. E enquanto essa contradição escurecia, sonolenta, o horizonte dela, como duas nuvens informes que se fundem, Ulrich saboreava a liberdade de seguir seus próprios pensamentos. É bem verdade que aquilo demorara algum tempo, e não se lembrando de nada que pudesse modificar a situação, Bonadéia voltou a se magoar porque Ulrich a ofendera com indiferença; e o tempo que ele deixava passar sem se desculpar começou a pesar sobre ela de forma exasperante.

— Então você acha que faço mal, vindo visitá-lo? — ela lhe perguntou por fim, lentamente, enfaticamente, triste mas decidida a lutar.

Ulrich ficou calado, deu de ombros; há muito não sabia mais do que ela estava falando, mas achou-a insuportável naquele momento.

— Você realmente é capaz de me acusar por causa da nossa paixão?

— Em cada uma dessas perguntas se prendem tantas respostas como abelhas numa colméia — respondeu Ulrich. — Toda a desordem espiritual da humanidade, com suas perguntas insolúveis, gruda-se de maneira repulsiva a cada indagação dessas. — Com isso dizia simplesmente o que já pensara algumas vezes naquele dia; mas Bonadéia julgou que aquela desordem espiritual se referia a ela, e achou que era demais. Teria gostado de cerrar outra vez as cortinas, eliminando aquela desavença, mas também tinha vontade de chorar alto, de dor. Pensou entender de súbito que Ulrich estava enjoado dela. Graças à sua natureza, até ali ela sempre perdera os amantes como quem perde um objeto e já nem pensa nele ao sentir-se atraído por outro, novo; ou, descobrindo-se um dia tão apartada deles como antes estivera unida, o que, embora lhe trouxesse aborrecimentos, parecia uma intervenção dos céus.

Por isso, vendo a serena resistência de Ulrich, sentiu antes de mais nada que envelhecera. Sua situação desamparada e obscena, seminua sobre o diva, entregue a toda sorte de insultos, a deixou envergonhada. Ergueu-se, sem refletir, pegou as roupas, mas nem o rumor das vestes de seda que ia pondo sobre o corpo em camadas fez Ulrich se arrependar. Nos olhos de Bonadéia via-se a lancinante dor da impotência. “Ele é grosseiro, e me ofende de propósito!”, pensava. “Não está nem se mexendo!”, constatou. E a cada laço que atava, e cada gancho que prendia, mergulhava mais fundo naquele poço negro de uma dor da infância, há muito esquecida, a de se sentir rejeitada. A escuridão se erguia ao seu redor, e o rosto de Ulrich, visível na última luz, destacava-se, duro e rude, da trevosa dor de Bonadéia. “Como pude amar este rosto?!”, se perguntava. Mas, ao mesmo tempo, o coração dela se crispava, pensando: “Perdi-o para sempre!”

Adivinhando a decisão dela de não voltar, Ulrich não tentou demovê-la. Bonadéia ajeitava o cabelo diante do espelho, com gestos enérgicos, colocou o chapéu, prendeu o véu. Agora que o véu baixara sobre seu rosto, tudo acabara; era solene como uma sentença de morte, ou uma mala de viagem que se fecha com um estalido. Ele não a beijaria mais, nem adivinhava que estava desperdiçando a última ocasião de o fazer!

Por isso, quase se jogou no pescoço dele, cheia de compaixão, para se aliviar ali, chorando.

### UM RAIOS ARDENTE E PAREDES FRIAS

Quando Ulrich, depois de acompanhar Bonadéia até embaixo, ficou novamente só, não teve mais vontade de trabalhar. Saiu para a rua com o objetivo de mandar um mensageiro com algumas Unhas a Walter e Clarisse, anunciando uma visita à noite. Quando atravessou o pequeno saguão, notou na parede uma galhada de cervo, que tinha curvas parecidas com as de Bonadéia quando amarrava o véu diante do espelho; apenas, não sorria para si mesmo, com aquele ar de renúncia. Olhou em torno, contemplando o ambiente. Todas aquelas linhas em O, em cruz, linhas retas, sinuosas e tramadas, que constituem a decoração de uma casa, e que se tinham empilhado ao redor dele, não eram naturais nem respondiam a alguma necessidade interior, mas eram carregadas de opulência barroca em cada detalhe. A corrente e pulsação que fluem sem cessar através de todas as coisas que nos rodeiam parará por um momento. Eu sou apenas casual, troçava a Necessidade; não pareço essencialmente diferente do rosto de um doente de lúpus, quando me contemplam sem preconceito, admitiu a Beleza. No fundo, não era preciso muita coisa; um verniz caíra, uma ilusão caíra, um traço de hábito, expectativa e tensão se rasgara, um equilíbrio fluido e secreto entre sentimento e mundo inquietara-se por um segundo. Tudo o que sentimos e fazemos acontece de certa forma “na direção da vida”, e o menor movimento para fora dessa direção é difícil ou assustador. É assim até quando caminhamos: erguemos o centro de gravidade, empurramo-lo para diante e o deixamos cair; mas uma diminuta mudança, um pouco de receio desse lançar-se-no-futuro, ou simplesmente o espanto por fazermos isso, e já não podemos ficar em pé! É melhor não refletir. E Ulrich lembrou-se de que todos os momentos importantes e decisivos na sua vida tinham-lhe deixado uma sensação semelhante àquela.

Chamou um portador e entregou-lhe seu bilhete. Eram mais ou menos quatro da tarde, e resolveu seguir a pé, lentamente. O dia outonal, com ares de fim de primavera, o deliciava. O ar fervia. Os rostos das pessoas pareciam espumas flutuantes. Depois da tensão monótona de seus pensamentos nos últimos dias, sentia-se transportado de uma prisão para um banho morno. Esforçou-se para andar num passo agradável e brando. Num corpo treinado pela ginástica há tanta disposição de movimento e luta, que naquele dia isso lhe parecia desagradável como o rosto de um velho comediante coberto de paixões mentirosas muitas vezes representadas. Da mesma

forma, o desejo de verdade enchera seu interior com inquietação intelectual, dividira-o em grupos de pensamentos que se exercitavam mutuamente, colocando tudo numa expressão que, para ser exato, era irreal como a de um comediante que finge tudo, até a própria sinceridade, no momento em que se torna habitual. Era nisso que Ulrich pensava. Fluía como uma onda entre suas ondas irmãs, se se pode dizer assim; e por que não, se um ser humano que se desgastou num trabalho solitário volta à comunidade e sente felicidade de poder correr na mesma direção que todos?

Nesses momentos nada está tão distante quanto a idéia de que a vida que se leva, e que leva a gente, não nos interessa muito, não intimamente. Mas todo homem sabe disso enquanto é jovem. Ulrich recordava como lhe parecera um dia daqueles nestas ruas, há uma década ou década e meia. Tudo fora ainda uma vez tão magnífico, e contudo, naquele anseio fervente havia um doloroso pressentimento de cativo; uma sensação inquietante: tudo o que penso alcançar, me alcança; estou corroído por uma suspeita de que neste mundo as manifestações falsas, levianas e impessoais ecoam mais intensamente do que as íntimas e essenciais. Essa beleza — pensamos — tudo bem, mas será minha? A verdade que conheço, será a minha verdade? Os objetivos, vozes, realidades, tudo isso que me seduz, me atrai e me leva, que sigo e em que me precipito... será a verdade real, ou dela se mostra apenas um sopro inacessível, pousado sobre a realidade oferecida?

São as divisões e formas pré-configuradas da vida o que a desconfiança sente com tanta nitidez, a mesmice, o que já foi preparado por gerações inteiras, a linguagem pronta, não apenas da boca, mas das sensações e percepções. Ulrich parará diante de uma igreja. Meu Deus, se aí na sombra se sentasse uma gigantesca matrona com grande ventre descaído, o dorso recostado nas paredes das casas, e lá em cima o rosto exposto ao crepúsculo, cheio de mil rugas, verrugas e espinhas: ele não o poderia também ter considerado belo? Meu Deus, como tudo era bonito! Não nos queremos furtar ao fato de termos vindo ao mundo para admirar isso. Mas, como já se disse, também não seria impossível julgar belas as amplas formas que descaem tranqüilas, e a filigrana das rugas numa matrona respeitável; apenas, é mais simples dizer: ela é velha. E essa passagem da sensação de velhice para a de beleza do mundo é mais ou menos a mesma transição que se faz do espírito dos jovens para a moral mais complexa do adulto, que parece uma lição ridícula até que nós mesmos a compartilhamos. Ulrich parou diante da igreja apenas alguns segundos, mas eles desceram às suas profundezas e comprimiram seu coração com toda a resistência original que sentimos contra esse mundo cristalizado em milhões de toneladas de rocha, essa hirta paisagem lunar da emoção, em que fomos colocados sem poder reagir.

Talvez para a maioria das pessoas seja agradável e seguro encontrar o mundo já pronto, à exceção de algumas ninharias pessoais, e não se deve duvidar que o duradouro não é apenas conservador mas também fundamenta todos os progressos e revoluções, embora isso cause um profundo e espectral desconforto às pessoas independentes. Enquanto contemplava o refinamento arquitetônico daquela construção sagrada, Ulrich teve uma consciência surpreendentemente viva de que podemos tão bem devorar seres humanos quanto construir ou deixar intactos aqueles monumentos. As casas ao lado, a abóbada do céu por cima, uma harmonia indizível em todas as linhas e espaços que atraem e dirigem o olhar, a aparência e expressão das pessoas que passam lá embaixo, seus livros e sua moral, as árvores da rua... tudo isso por vezes parece tão hirta quanto um biombo, e tão duro quanto o pilão de uma prensa, e

tão... só se pode dizer completo, tão completo e acabado que a seu lado não passamos de um nevoeiro supérfluo, um pequeno sopro que não interessa muito a Deus.

Nesse momento ele desejou ser um homem sem qualidades. Mas provavelmente em todas as pessoas se passa algo semelhante. No fundo, poucos sabem, no meio da sua vida, como se tornaram aquilo que são, com seus prazeres; sua visão do mundo, sua esposa, seu caráter, profissão e realizações, mas têm a sensação de que já não se poderá mudar lá muita coisa. Até se poderia afirmar que foram traídas, pois não se encontra em lugar algum uma razão suficientemente forte para tudo ter sido como é; poderia ter sido diferente; os acontecimentos raramente dependeram delas, em geral dependeram de uma série de circunstâncias, do capricho, vida, morte de outras pessoas, e apenas se lançaram sobre elas num momento determinado. Assim, na juventude ainda jazia à frente delas algo como uma manhã inesgotável, cheia de possibilidades e de vazio por todos os lados; mas já ao meio-dia aparece de repente algo que pode pretender ser a vida delas; isso é tão surpreendente como certo dia, de súbito, vermos uma pessoa com quem nos correspondemos durante vinte anos sem a conhecer, e a tínhamos imaginado tão diferente.

Mas muito mais estranho ainda é que a maioria das pessoas nem notam isso; adotam o homem que apareceu nelas, cuja vida viveram; suas experiências lhes parecem agora a expressão das próprias qualidades, e seu destino lhes parece ser seu próprio mérito ou desgraça. Passou-se com elas o que acontece com um papel pega-moscas e uma mosca: aquilo se grudou nelas, aqui por um pelinho, ali por um movimento, e aos poucos as envolveu, até que ficam enterradas numa camada grossa que corresponde só muito de longe à forma original que tiveram um dia. E então só recordam vagamente sua juventude, quando ainda tinham certa resistência. Essa outra força puxa e gira, não quer ficar em lugar algum e desencadeia uma tempestade de desnorreados movimentos de fuga; a ironia da juventude, sua rebeldia contra o estabelecido, a disposição dos jovens para tudo o que é heróico, o sacrifício pessoal e o crime, sua fervorosa seriedade e sua inconstância — tudo isso não significa senão movimentos de fuga. No fundo, apenas expressam que nada daquilo que o jovem empreende lhe parece necessário e unívoco, nascido do seu interior, embora o manifestem como se tudo aquilo em que agora se precipitam fosse absolutamente inadiável e necessário.

Alguém inventa um belo novo gesto, exterior ou interior... como se traduzirá isso? Um gesto de vida? Uma forma em que o interior se derrama como gás em um globo de vidro? A expressão de uma impressão? Uma técnica do ser? Pode ser um novo bigode ou idéia. É teatro, mas como todo teatro, faz sentido... e imediatamente as almas jovens se lançam em cima, como pardais sobre comida que lhes jogamos. Basta imaginar: quando lá fora o mundo pesa sobre nossa língua, olhos e mãos, a lua esfriada feita de terra, casas, costumes, quadros e livros — e dentro de nós, apenas um nevoeiro em movimento incessante; que felicidade deve ser alguém nos apresentar uma expressão na qual nos reconhecemos. Haverá algo mais natural do que o homem passional se apoderar dessa nova forma antes dos homens comuns? Ela lhe oferece o momento do ser, o equilíbrio de tensão entre exterior e interior, entre ser esmagado ou voar em estilhaços.

Então — pensou Ulrich, e naturalmente tudo aquilo o tocava de modo pessoal, ele enfiara as mãos nos bolsos e tinha o rosto apaziguado e contente de quem morre, aos raios do sol, uma doce morte por congelamento — então também sobre isso se

fundamenta o fenômeno incessante a que chamamos nova geração, pais e filhos, revolução espiritual, mudança de estilo, evolução, moda, renovação. E o que torna essa ânsia de renovação um *perpetuum mobile* é a desventura de que, entre o nebuloso eu pessoal e o dos antepassados, já esfriado numa casca hirta, se insere algo que é apenas um eu aparente, uma alma grupai que se adapta mais ou menos nesse espaço. Se prestarmos um pouco de atenção, provavelmente poderemos ver no futuro mais recente o Tempo Antigo que já está vindo. As novas idéias terão apenas trinta anos mais, mas estarão satisfeitas e um pouco gordas ou desgastadas como o rosto apagado da mãe que se entrevê nos traços luminosos de uma adolescente; ou essas idéias não tiveram êxito, e estarão ressecadas e murchas sugerindo reformas que serão pregadas por algum velho maluco a quem seus cinquenta admiradores chamarão de grande Fulano-de-Tal.

Ele parou mais uma vez, agora numa praça onde reconheceu algumas casas, e recordou discussões públicas e debates intelectuais que tinham acompanhado sua construção. Pensou nos amigos de juventude; todos tinham sido seus amigos de juventude, quer os tivesse conhecido pessoalmente ou só de nome, quer tivessem a sua idade ou mais, os rebeldes que queriam trazer ao mundo novas coisas e novas pessoas, quer morassem ali ou se espalhassem por toda a parte, todos os lugares que conhecera. Agora, essas casas se postavam como tiazinhas bondosas com chapéus antiquados na luz do entardecer que começava a fanar, tão simpáticas e inofensivas, e nada excitantes. Ele teve vontade de sorrir. Mas as pessoas que tinham deixado aqueles restos agora tão despretensiosos hoje em dia eram professores universitários, celebridades, e nomes, parte conhecida da conhecida evolução progressista, e num caminho mais ou menos curto tinham passado do nevoeiro à rigidez; por isso, eventualmente a história um dia dirá deles, ao descrever o século: estavam presentes...

## O DIRETOR LEO FISCHEL E O PRINCÍPIO DA RAZÃO INSUFICIENTE

Nesse momento, Ulrich foi interrompido por um conhecido que o interpelou bruscamente. Esse senhor, com desagradável surpresa, encontrara numa divisão de sua pasta, antes de sair de casa naquela manhã, uma circular do Conde Leinsdorf, à qual há muito se esquecera de responder porque seu saudável senso de comerciante rejeitava ações patrióticas emanadas das altas esferas. “Coisa duvidosa”, tinha pensado; naturalmente não o diria em público, mas, como acontece com a memória, a sua lhe pregara uma peça de mau gosto, prendendo-se àquela primeira ordem não-oficial, e apagando o assunto em vez de aguardar uma ordem brotada de posterior reflexão. Por isso, ao abrir novamente a carta, ele ficara muito aborrecido com um detalhe que nem notara da primeira vez, na verdade apenas uma breve expressão, duas palavrinhas repetidas em vários pontos do papel; mas por causa delas o imponente homem hesitara vários minutos, pasta na mão, antes de sair de casa: o verdadeiro.

O diretor Fischel — pois esse era seu nome, diretor Leo Fischel do Banco Lloyd, na verdade apenas um procurador com título de diretor; Ulrich podia conside-

rar-se seu amigo mais jovem dos tempos antigos, e na última visita ficara bastante amigo da filha dele, Gerda; mas depois de seu regresso os visitara apenas uma única vez — o diretor Fischel conhecia Sua Alteza como homem que fazia seu dinheiro render e acompanhava os métodos do seu tempo, sim, “creditava-o”, segundo o termo profissional, lembrando os seus depósitos, como homem de grande importância, pois o Banco Lloyd era uma daquelas instituições a que o Conde Leinsdorf confiava seus negócios na Bolsa. Por isso, Leo Fischel não pôde entender a negligência com que tratara um convite tão eloqüente como aquele em que Sua Alteza convidava um seletos círculo de pessoas a se disporem para um grande trabalho em comum. Na verdade, ele próprio só entrara nesse meio por motivos especiais, que serão mencionados mais tarde; fora por tudo isso que, mal avistara Ulrich, precipitara-se sobre ele; soubera que Ulrich estava envolvido naquela causa, ainda por cima de modo relevante — o que era um dos boatos incompreensíveis, mas não raros, que acertam na mosca ainda que ela sequer apareça — e como uma pistola meteu-lhe no peito três perguntas: o que entendia por “verdadeiro amor à pátria”, “verdadeiro progresso” e “verdadeira Áustria”. Ulrich, perturbado em seu devaneio mas sem sair dele, respondeu da maneira com que sempre tratara Fischel:

— É o PDRI!

— O...? — soletrou o diretor Fischel, inocentemente, e dessa vez não pensou em nenhuma piada, pois aquelas siglas, embora naquele tempo ainda não fossem tão numerosas como hoje, eram conhecidas de sindicatos industriais e ligas, e inspiravam confiança. Mas depois disse:

— Por favor, não faça piadas; estou com pressa, preciso ir a uma reunião.

— O princípio da razão insuficiente! — repetiu Ulrich. — O senhor é filósofo e há de saber o que quer dizer o princípio da razão insuficiente. Só consigo mesmo o homem faz uma exceção nesse assunto; em nossa vida real, quero dizer a vida pessoal, e em nossa vida pública e histórica, sempre acontecem coisas que não têm razão suficiente.

Leo Fischel hesitou, sem saber se devia contradizer ou não; o diretor Leo Fischel do Banco Lloyd gostava de filosofar, ainda há dessas pessoas nas profissões práticas, mas estava realmente apressado; por isso respondeu:

— O senhor não quer me entender. Eu sei o que é progresso, sei o que é Áustria, e provavelmente sei o que é amor à pátria. Mas talvez não consiga imaginar direito o que é verdadeiro amor à pátria, verdadeira Áustria, e verdadeiro progresso. E por isso estou lhe perguntando!

— Muito bem; sabe o que é uma enzima ou um catalisador? Leo Fischel ergueu a mão, num gesto de recusa.

— Eles não contribuem com nada materialmente, mas desencadeiam os acontecimentos. Da história o senhor deve saber disso, pois que nunca existiram a verdadeira fé, a verdadeira moral, e a verdadeira filosofia; mesmo assim as guerras, perversidades e ódios causados por elas transformaram o mundo de maneira fecunda.

— Outra hora! — protestou Fischel tentando parecer sincero. — Olhe, eu tenho o que fazer na Bolsa e gostaria realmente de conhecer os verdadeiros desejos do Conde Leinsdorf; o que ele pretendeu com essa palavra “verdadeiro”?

— Eu lhe juro — respondeu Ulrich gravemente —, que nem eu nem ninguém sabe o que é o verdadeiro, a verdadeira; mas posso lhe assegurar que ele ou ela está na iminência de se concretizar!

— O senhor é um cínico! — declarou o diretor Fischel e afastou-se depressa, mas depois do primeiro passo virou-se e corrigiu:’

— Há muito tempo eu disse a Gerda que você teria dado um extraordinário diplomata. Espero que logo nos visite outra vez.

36

GRAÇAS AO MENCIONADO PRINCÍPIO, A AÇÃO PARALELA É PALPÁVEL  
ANTES MESMO DE SE SABER O QUE ELA É

O diretor Leo Fischel, do Banco Lloyd, acreditava no progresso, como todos os diretores de banco antes da guerra. Como homem muito eficiente na sua profissão, ele naturalmente sabia que só onde se conhece tudo muito bem se podem ter convicções confiáveis; a incrível ampliação das atividades humanas não permite que se tenha essa confiança em outros campos. Por isso, pessoas trabalhadoras e eficientes não têm, fora de sua especialidade restrita, convicções de que não desistiriam sob pressão exterior; pode-se até dizer que por escrúpulo essas pessoas são forçadas a agir diferentemente do que pensam. O diretor Fischel, por exemplo, não pensava absolutamente nada das expressões “verdadeiro amor à pátria” e “verdadeira Áustria”, mas de “verdadeiro progresso” tinha uma opinião pessoal, e era bem diversa da do Conde Leinsdorf. Esgotado com empréstimos e valores ou o que quer que estivesse sob sua responsabilidade, tendo uma noite de ópera uma vez por semana como única distração, ele acreditava no progresso do todo, que de certa forma teria de se parecer com a rentabilidade progressiva do seu banco. Mas quando o Conde Leinsdorf anunciou conhecer também isso ainda melhor, e começou a influenciar a consciência de Leo Fischel, este sentiu que “nunca se pode saber” (exceto nos valores e empréstimos); e como, embora não se sabendo, de outro lado também não se quer perder a oportunidade, tomou a resolução de perguntar casualmente ao seu diretor-geral o que este pensava.

Mas quando fez isso, por motivos muito semelhantes o diretor-geral já falara com o presidente do Banco do Estado, e estava bem-informado. Pois não apenas o diretor-geral do Banco Lloyd como também o presidente do Banco do Estado receberam um convite do Conde Leinsdorf, e Leo Fischel, que era apenas um chefe de seção, devia essa distinção unicamente às relações da família de sua esposa, que vinha das altas esferas burocráticas, e jamais esquecia esse fato, nem em suas relações sociais, nem nas brigas domésticas com Leo. Por isso, ao falar com seu superior a respeito da Ação Paralela, contentou-se com balançar a cabeça muito significativamente, o que queria dizer “negócio importante” mas também “negócio duvidoso”; isso não faria mal nenhum, mas, por causa de sua esposa, Fischel teria se alegrado mais se afinal a coisa fosse mesmo “duvidosa”.

Por enquanto, von Meier-Ballot, o presidente, a quem o diretor-geral pedira conselho, tinha a melhor impressão do fato. Ao receber a “sugestão” do Conde Leinsdorf, colocou-se diante do espelho — se bem que não por causa disso, é claro — e ali fitou, por cima do fraque e da condecoração, o rosto bem-posto de um

ministro burguês; quando muito via-se algo da dureza do dinheiro no fundo dos olhos, e seus dedos pendiam como bandeiras numa calmaria, como se nunca tivessem executado os rápidos movimentos de calcular de um aprendiz de bancário. Aquele alto financista burocratizado, que pouco tinha ainda em comum com os cães famintos e brigões da Bolsa, viu diante de si possibilidades indefinidas mais agradáveis, e na mesma noite teve ocasião de fortalecer essa opinião, pois no clube dos empresários falou com os antigos Ministros von Holtzkopf e o Barão Wisnietzky.

Esses dois cavalheiros eram homens informados, distintos e reservados, com posições importantes, que tinham sido colocados um pouco à parte quando o breve governo de transição a que tinham pertencido entre duas crises políticas se tornara novamente dispensável. Tinha passado suas vidas a serviço do Estado e da Coroa, sem quererem aparecer, exceto quando seu supremo senhor ordenava. Sabiam do boato de que a grande ação teria uma pontinha fina dirigida contra a Alemanha. Estavam convencidos, antes e depois de sua missão, de que os lamentáveis fenômenos que já então transformavam a vida política da dupla-monarquia em foco de contaminação para a Europa eram extraordinariamente enredados. Mas assim como se tinham sentido obrigados a considerar essas dificuldades solúveis quando lhes ordenavam isso, também agora não queriam declarar impossível que, com meios como aqueles empregados pelo Conde Leinsdorf, se pudesse conseguir alguma coisa; sentiam que aquele “marco”, aquela “brilhante manifestação de vida”, uma “poderosa demonstração exterior com efeito estimulante sobre as condições interiores”, eram desejos tão acertados do Conde Leinsdorf, que não se poderiam furtar de auxiliá-lo; era como se lhes tivessem dito: apresente-se todo aquele que quiser o bem!

Mas era possível que Holtzkopf e Wisnietzky, homens com experiência e conhecimento em assuntos públicos, tivessem muitos receios nesse caso, pois era de imaginar que lhes estava destinado algum papel na evolução futura dessa ação. Pessoas que vivem ao nível comum podem criticar e recusar com facilidade algo que não lhes agrada; todavia, quem vive a três mil metros acima dos demais não pode simplesmente desembarcar dessa gôndola, ainda que não concorde com tudo o que anda acontecendo. E como nesses círculos as pessoas são realmente leais, e, ao contrário daquela multidão burguesa antes mencionada, não gostem de agir diversamente do que pensam, é preciso contentar-se, em muitos casos, com não pensar demais sobre certos assuntos. Portanto, a impressão favorável que o presidente von Meier-Ballot tinha do assunto foi bastante fortalecida pelos dois cavalheiros; e embora por sua natureza e profissão ele se inclinasse a ter certa cautela, o que ouviu deles bastou para resolver que haveria de acompanhar os acontecimentos, ainda que numa posição prudente.

Mas naquele tempo a Ação Paralela ainda nem se desencadeara, e o próprio Conde Leinsdorf não sabia de que constaria. O que se pode dizer era que a única coisa determinada que lhe ocorrera até ali era uma série de nomes.

Mas também isso é muito. Pois naquele momento, sem que ninguém tivesse idéia objetiva a respeito, já existia uma rede de boa-vontade rodeando um grande complexo; e pode-se afirmar certamente que essa é a seqüência correta das coisas. Pois primeiro foi preciso inventar garfo e faca, depois a humanidade aprendeu a comer decentemente; era assim que o Conde Leinsdorf explicava as coisas.



UM JORNALISTA CAUSA GRANDES ABORRECIMENTOS AO CONDE  
LEINSDF, AO INVENTAR O TERMO “ANO AUSTRIACO”; SUA ALTEZA  
CONVOCA ULRICH URGENTEMENTE

O Conde Leinsdorf mandara convites para muitas partes, para “despertar a idéia”, mas talvez não tivesse progredido tão depressa se um influente jornalista, que percebera algo no ar, não tivesse publicado depressa em seu jornal dois grandes artigos em que apresentava, como sugestão sua, o que suspeitava estar por acontecer. Não sabia muita coisa — como poderia? — mas não se notava, e era exatamente esse fato que conferia aos seus dois textos a possibilidade de um efeito arrebatador. Na verdade ele era inventor da idéia de um “Ano Austríaco”, sobre o qual escrevia seus artigos sem poder dizer o que significava, mas sempre em novas frases, de modo que aquela expressão se ligava a outras como num sonho, tomava nova configuração, e despertou um incrível entusiasmo. No começo, o Conde Leinsdorf ficou horrorizado, mas não tinha razão. Na expressão Ano Austríaco pode-se medir a importância de um gênio jornalístico, pois era uma expressão inventada pelo instinto mais certo. Despertava emoções que teriam permanecido mudas à idéia de um século austríaco, sendo que o convite para organizar tal coisa teria sido considerado, por pessoas sensatas, uma dessas idéias a quem ninguém leva a sério. Difícil dizer por que é assim. Talvez certa imprecisão e metáfora, que nos fazem pensar menos na realidade do que habitualmente fazemos, não povoasse apenas os sentimentos do Conde Leinsdorf. Pois a imprecisão tem uma força engrandecedora e enobrecedora.

Parece que o bravo homem prático e realista jamais ama a realidade, nem a leva a sério. Em criança, rasteja debaixo da mesa quando os pais não estão, para transformar o quarto deles numa aventura com esse truque tão simples e genial; quando menino, deseja ardentemente um relógio; quando adolescente, com seu relógio de ouro, deseja uma mulher que combine com ele; quando homem com relógio e mulher, anseia por uma posição elevada; e quando conseguiu, feliz, realizar esse pequeno círculo de desejos, e balança dentro dele calmamente para lá e para cá como um pêndulo, sua provisão de sonhos insatisfeitos não parece ter diminuído. Pois quando deseja elevar-se um pouco, usa de uma metáfora. Obviamente porque às vezes a neve o aborrece, ele a compara com seios reluzentes de mulher, e quando os seios de sua mulher o começam a entediar, compara-os com a neve reluzente; ficaria apavorado se algum dia os bicos desses seios lhe aparecessem como bicos de pomba, ou como corais incrustados, mas isso o excita poeticamente. Ele é capaz de transformar qualquer coisa em outra: neve em pele, pele em pétala de flor, pétala de flor em açúcar, açúcar em pó-de-arroz, pó-de-arroz em flocos de neve... pois aparentemente só lhe interessa transformar coisas no que elas não são, o que prova que tal homem não suporta ficar muito tempo num lugar, não importa onde esteja. Além do mais, nenhum verdadeiro kakaniano agüentaria a Kakânia intimamente. Se lhe tivessem falado num Século Austríaco, isso lhe pareceria um castigo infernal, imposto a si mesmo e ao mundo com um esforço ridículo e falso. Mas um Ano Austríaco era coisa diferente. Significava: agora vamos mostrar o que poderíamos ser; mas, por assim dizer, até ordem em contrário, e quando muito por um ano. Podia-se imaginar o que se quisesse, não era

coisa eterna, e isso, não se sabia por quê, comovia o coração. Avivava o mais profundo amor pela pátria.

E assim o Conde Leinsdorf teve um sucesso inesperado. Também ele concebera a sua idéia originalmente como uma metáfora dessas, mas ocorrera-lhe uma porção de nomes, e sua natureza moralista procurava subir acima daquele estado impreciso; ele tinha uma noção muito desenvolvida de que era preciso dirigir a fantasia do povo, ou, como dissera a um jornalista, a fantasia do público, para um objetivo claro, saudável, sensato, que concordasse com os verdadeiros objetivos da humanidade e da pátria. Esse jornalista, estimulado pelo sucesso do seu colega, escrevera isso imediatamente. E como tivesse sobre seu antecessor a vantagem de saber de tudo “de fonte fidedigna”, fazia parte da técnica profissional falar, em manchetes, sobre essas “informações vindas de círculos influentes”; e fora isso que o Conde Leinsdorf esperara dele, pois Sua Alteza fazia questão de não ser um ideólogo mas um experiente político realista, e queria que se traçasse um fino risco entre o Ano Austríaco de uma genial cabeça de jornalista e a prudência dos meios responsáveis.

Para tanto servia-se da técnica de Bismarck, a quem fora isso não apreciava como modelo: colocava na boca de jornalistas as suas verdadeiras intenções, para poder professá-las ou rejeitá-las segundo as conveniências do momento.

Mas embora agisse com essa sabedoria, o Conde Leinsdorf esquecera uma coisa. Pois não era só ele que via o Verdadeiro de que precisamos; incontáveis pessoas presumiam possuí-lo. É uma forma esclerosada daquele estado já mencionado, em que ainda se fazem metáforas. Em algum momento perdemos o prazer de fazê-las, e muitas das pessoas em que resta uma provisão de sonhos frustrados criam aí um ponto no qual fixam seus olhos, como se dali viesse todo um mundo a que teriam direito.

Logo depois de mandar publicar aquela sua nota, o Conde Leinsdorf pensava observar que as pessoas que não têm dinheiro carregam dentro de si um incômodo fanático. Essa criatura obstinada que habita nelas acompanha-as de manhã ao escritório, e não consegue realizar nenhum protesto eficaz contra o curso da vida, mas nunca mais tira os olhos de um ponto secreto que os outros não querem enxergar, embora dele saia toda a desgraça de um mundo que não reconhece seu salvador. Esses pontos, nos quais o equilíbrio de uma pessoa coincide com o centro de gravidade do mundo, podem ser, por exemplo, uma tampa mais simples para as escarradeiras, mandar tirar dos restaurantes o saleiro onde todos metem a faca, o que sustaria a propagação da terrível tuberculose, a introdução de um sistema de estenografia *Öhl*, que com incomparável economia de tempo também resolve a questão social, ou a conversão a uma vida natural, pondo fim à devastação reinante; mas pode também ser uma teoria metapsíquica dos movimentos celestes, a simplificação do aparelho burocrático, ou uma reforma da vida sexual. Se as circunstâncias forem favoráveis, essa pessoa escreve um livro sobre o seu ponto, ou uma separata, ao menos um artigo de jornal, e assim protocola o seu protestos nas atas da humanidade, o que a apazigua, ainda que ninguém a leia; mas habitualmente aparecem alguns indivíduos dizendo ao autor que ele é um novo Copérnico, e apresentando-se como novos Newtons incompreendidos. Esse costume de catar pontos no pêlo alheio é muito difundido e benfazejo, mas seu efeito é breve, porque logo os participantes começam a brigar e voltam à solidão; mas vez por outra um deles reúne ao seu redor um pequeno círculo de admiradores que unem suas forças e se queixam ao céu que não ampara seu filho

ungido. E se de repente cair um raio de esperança sobre um montinho desses pontos — como aconteceu quando o Conde Leinsdorf mandou publicar que, se houvesse um Ano Austríaco, pelo menos deveria concordar com os verdadeiros objetivos da existência —, então os participantes o recebem como santos a quem Deus manda uma visão.

O Conde Leinsdorf pensara que sua obra deveria ser uma poderosa manifestação nascida do seio do povo. Pensara na universidade, nos padres, em alguns nomes que sempre aparecem em notícias sobre atividades beneficentes, e até mesmo nos jornais; contava com os partidos patrióticos, com o “saúdável bom-senso” dos burgueses que içam bandeiras no aniversário do Imperador, e com a ajuda das finanças; contava até com a política, pois secretamente esperava que sua grande obra a tornaria supérflua, reduzindo-a ao denominador comum “pátria”, país paterno que pretendia mais tarde dividir por “país”, para manter, como sobra disso tudo, apenas a figura do paternal governante. Mas numa coisa Sua Alteza não tinha pensado, e ficou surpreendido pela ampla necessidade de melhoria do mundo chocada ao calor de um grande acontecimento como ovos de inseto num incêndio. Com isso Sua Alteza não contara; esperara muito patriotismo, mas não estava preparado para descobertas, teorias, sistemas mundiais, e pessoas que pediam que as libertasse das prisões espirituais. Elas sitiaram seu palácio, elogiaram a Ação Paralela como possibilidade de enfim ajudar a verdade a se impor, e o Conde Leinsdorf não sabia o que fazer. Consciente da sua posição social, não podia sentar-se à mesa com toda essa gente, mas como espírito ético também não queria se esquivar deles, e como sua formação fosse política e filosófica, mas não científica nem tecnológica, não conseguia entender se essas sugestões eram válidas ou não.

Nessa situação, ansiava cada vez mais por ver Ulrich, que lhe fora recomendado exatamente como o homem de que precisava, pois seu secretário, ou qualquer secretário comum, naturalmente não estava à altura dessas exigências. Chegou a rezar uma vez, quando se aborrecera com seu empregado, pedindo a Deus — embora no dia seguinte se envergonhasse disso — que enfim lhe mandasse Ulrich. E como isso não acontecesse, Sua Alteza começou a procurar sistematicamente. Mandou ver no registro de endereços, mas Ulrich ainda não constava nele. Visitou então sua amiga Diotima, que normalmente sabia dar algum conselho, e na verdade essa admirável criatura também já falara com Ulrich, mas esquecera-se de pedir seu endereço, ou fingia isso, pois queria aproveitar a ocasião para dar a Sua Alteza uma nova sugestão, ainda muito melhor, para preenchimento daquele cargo de secretário na grande ação. Mas o Conde Leinsdorf estava muito nervoso e declarou, determinado, que já se acostumara a Ulrich, não queria saber de um prussiano, nem mesmo de um prussiano reformista, e não queria saber de mais complicações. Ficou atônito quando sua amiga se mostrou ofendida, mas teve com isso de repente uma idéia pessoal; declarou-lhe que visitaria seu amigo, o chefe de polícia, que no fim das contas tinha de poder descobrir o endereço de qualquer cidadão do Estado.

## CLARISSE E SEUS DEMÔNIOS

Quando chegou o bilhete de Ulrich, Walter e Clarisse tocavam outra vez piano com tal intensidade que os móveis de pernas finas dançavam e as gravuras de Dante Gabriel Rossetti tremiam nas paredes. O velho mensageiro, que encontrara a casa aberta sem ser interpelado, levou um tremendo choque ao entrar na sala, e aquele sagrado ruído o fez apertar-se respeitosamente contra a parede. Foi Clarisse quem por fim descarregou aquela excitação musical com dois acordes fortíssimos, e o libertou. Enquanto ela lia a carta, o jorro interrompido ainda brotava das mãos de Walter; a melodia corria, trêmula como uma cegonha, depois abria as asas. Clarisse observava aquilo desconfiada, enquanto decifrava o bilhete de Ulrich.

Quando ela anunciou a Walter que o amigo viria, este disse:

— Pena!

Ela sentou-se outra vez ao lado dele na banquetta giratória do piano, e um sorriso que Walter por qualquer motivo achou cruel apartava seus lábios sensuais. Era o momento em que os pianistas sustam a corrente do sangue para poderem liberá-la de novo no mesmo ritmo, e os eixos de seus olhos brotam de suas cabeças como quatro caules compridos dirigidos para o mesmo lugar, enquanto seguram com o traseiro a cadeirinha que vive querendo oscilar sobre o longo pescoço do parafuso de madeira.

No momento seguinte, Clarisse e Walter já disparavam de novo como duas locomotivas lado a lado. O trecho que tocavam voava como trilhos reluzentes diante de seus olhos, sumia naquela máquina trovejante, e jazia atrás deles como paisagem cheia de ecos, maravilhosamente duradoura. Durante essa viagem louca, a emoção desses dois comprimia-se numa só; ouvido, sangue, músculos, perdiam a vontade própria no arrebatamento da mesma sensação; paredes de música cintilantes, que se curvavam e retorciam, forçavam seus corpos num mesmo caminho, dobravam-nos unidos, abriam e fechavam seus peitos na mesma respiração. Exatamente num lapso de segundo, Walter e Clarisse eram trespassados por alegria, tristeza, ira e medo, amor e ódio, desejo e saciedade. Era uma união parecida com aquela de um grande susto em que centenas de pessoas, ainda há pouco diferentes em tudo, executam os mesmos movimentos de fuga, remando com os braços, emitem os mesmos gritos inarticulados, abrem da mesma forma bocas e olhos, são jogadas para a frente ou para trás por uma força sem objetivo, atraídos para a direita e para a esquerda, berrando, crispando-se, girando e tremendo.

Mas não era a força obtusa e dominadora da vida, em que um fato desses não acontece facilmente, mas que elimina irresistivelmente tudo o que é pessoal. A ira, o amor, a felicidade, a alegria e tristeza que Clarisse e Walter experimentavam naquele vôo não eram sentimentos plenos, mas pouco mais do que a concha física dessas emoções, excitadas até a loucura. Sentavam-se hirtos e alienados em sua cadeirinha, estavam irados, apaixonados ou tristes por nada, ou por tudo, ou por outra coisa, pensavam em coisas diferentes e cada um exprimia algo individual; o comando da música os unia na mais intensa paixão e ao mesmo tempo lhes conferia um ar ausente, como sob hipnose.

Cada uma dessas duas pessoas sentia aquilo à sua maneira. Walter estava feliz

e excitado. Considerava, como a maioria das pessoas com talento musical, aqueles arrebatamentos e movimentos sensíveis do interior, isto é, o subterrâneo corporal da alma com seus nevoeiros agitados, a simples linguagem do Eterno que liga todas as pessoas. Encantava-o poder apertar Clarisse contra si com o braço poderoso da emoção primitiva. Naquele dia voltara do escritório mais cedo do que habitualmente. Trabalhara catalogando obras de arte que ainda traziam a forma de grandes épocas intactas e exalavam uma misteriosa força de vontade. Clarisse o recebera amável, estava firmemente ligada a ele no mundo terrível da música. Naquele dia tudo dava bom resultado de forma secreta, uma marcha silenciosa, como de deuses a caminho. “Quem sabe é hoje o dia?”, pensou Walter. Não queria reconquistar Clarisse à força, mas desejava que brotasse nela, ao natural, intimamente, esse reconhecimento, trazendo-a suavemente em sua direção.

O piano martelava notas cintilantes numa parede de ar. Embora esse procedimento fosse em sua origem totalmente real, as paredes da sala desapareciam, e em seu lugar surgiam as paredes douradas da música, aquele aposento misterioso no qual eu e mundo, sensação e percepção, interior e exterior se precipitam um no outro, se fundem de maneira muito indefinida; enquanto o próprio espaço é feito inteiramente de sensação, determinação, precisão, de uma hierarquia brilhante de detalhes ordenados. Nesses detalhes sensuais se prendiam os fios da emoção, que se tecem no nevoeiro ondulante das almas; e esse nevoeiro espalhava-se na precisão das paredes, destacando-se nitidamente. As almas desses dois seres pendiam em fios e raios de luz como dois casulos. Quanto mais grossa a camada que os envolvia, quanto mais amplos os raios que os iluminavam, melhor se sentia Walter, e seus sonhos assumiram de tal maneira o aspecto de uma criancinha, que aqui e ali ele começava a acentuar notas de forma errada e exagerada.

Mas antes que isso acontecesse, e, irrompendo no nevoeiro dourado, uma centelha de emoção comum voltasse a unir os dois numa relação terrena, Clarisse já seguia pensamentos tão diferentes dos dele como só acontece entre duas pessoas que disparam lado a lado com gestos gêmeos de desespero e felicidade. Nos nevoeiros esvoaçantes brotavam imagens que se fundiam, sobrepunham, sumiam, e era isso o pensamento de Clarisse; ela tinha uma maneira singular de pensar assim; muitas vezes apareciam vários pensamentos ao mesmo tempo, outras vezes nenhum, mas então se podiam sentir os pensamentos postados como demônios atrás do palco, e a seqüência temporal de experiências, que dá a outras pessoas o apoio adequado, tornava-se em Clarisse um véu que ora fechava suas espessas dobras, ora se desfazia num sopro quase imperceptível.

Dessa vez havia três pessoas ao redor de Clarisse: Walter, Ulrich e o assassino de mulheres Moosbrugger.

Fora Ulrich quem lhe falara de Moosbrugger.

Atração e repulsa misturavam-se numa estranha fascinação.

Clarisse roía a raiz do amor. Ela é discrepante como beijo e mordida, olhares que se procuram e desviam, torturados, no último instante. “O bom convívio levará ao ódio?”, pensava. “Uma vida decente exigirá por fim brutalidade? A paz quererá crueldade? A ordem pedirá infrações?” Era isso e não era isso que Moosbrugger desencadeava. Sob o trovejar da música pairava ao redor dela um incêndio universal ainda iminente; mas já devorava por dentro as vigas. E também era como numa comparação em que se equiparam coisas diferentes, e na qual, da diferença do igual bem como

da igualdade do diferente, sobem duas colunas de fumaça, como o aroma encantado de maçãs assadas e ramos de pinheiro jogados na chama.

“A gente não devia parar de tocar nunca”, pensou Clarisse e, folheando precipitadamente as notas de música, começou a peça outra vez quando chegou ao fim. Walter sorriu perturbado, e seguiu-a.

— Afinal, o que é que Ulrich faz com a matemática? — perguntou ela.

Walter deu de ombros, enquanto tocava, como se dirigisse um carro de corrida.

“A gente devia continuar tocando e tocando, até o fim”, pensou Clarisse. “Se se pudesse tocar sem parar até o fim da vida, o que seria Moosbrugger? Um horror? Um louco? Um pássaro negro no céu?” Ela não sabia a resposta.

Não sabia coisa alguma. Um dia — ela poderia calcular que dia fora aquele — despertara do sono da infância, e encontrara pronta a certeza de que tinha vocação para realizar alguma coisa, desempenhar algum papel especial; talvez até fosse escolhida para algo grandioso. Naquele tempo ainda não sabia nada do mundo. Também não acreditava em nada do que lhe contavam a respeito os pais, o irmão mais velho: eram palavras vazias, boas e bonitas, mas não se podia assimilar o que diziam; simplesmente não se conseguia, como um corpo químico não assimila outro que não se “combina” com ele.

Então chegara Walter, fora nesse dia; a partir desse dia tudo “combinava”. Walter usava um bigodinho; dizia “senhorita”; de repente, o mundo não era mais uma superfície vazia, irregular, rachada, mas um círculo de luz, Walter no centro, ela no centro, dois centros coincidentes. Terra, casas, folhas caídas que ninguém varreria, linhas doloridas no ar (ela recordava o momento, um dos mais torturantes da infância, em que estivera com o pai diante de uma “paisagem”, e ele, o pintor, se deliciara com aquilo por um tempo interminável, enquanto para ela era somente dor aquele olhar o mundo ao longo daquelas compridas linhas, como se tivesse de passar o dedo na beirada cortante de uma régua): antigamente a vida constava dessas coisas, e de repente ela se apropriara disso tudo, como carne de sua carne.

Agora, sabia que realizaria alguma façanha gigantesca; ainda não podia dizer o que seria, mas por enquanto sentia-o mais intensamente na música, e esperava que Walter fosse um gênio ainda maior que Nietzsche; sem falar em Ulrich, que apareceria mais tarde, e apenas lhe daria de presente a obra de Nietzsche.

A partir dali, tudo avançara. Não se podia mais dizer com que velocidade. Como antigamente tocava mal piano, como entendera pouco de música! Agora, tocava melhor que Walter. E quantos livros tinha lido! De onde tinham vindo? Via tudo isso diante de si como aves negras esvoaçando em bandos diante de uma menininha parada na neve. Mas um pouco mais tarde via uma parede negra com manchas brancas; negro era tudo o que ela não conhecia, e embora o branco se fundisse em ilhas maiores e menores, o negro continuava imutável, infinito. Desse negrume saía medo e excitação. “Será o Diabo?”, pensava ela. “Será que o Diabo transformou-se em Moosbrugger?” Entre as manchas brancas notava agora tênues trilhas cinzentas: e andara na vida de uma para outra; eram acontecimentos; partidas, chegadas, diálogos nervosos, briga com os pais, casamento, casa, uma luta terrível com Walter. Os infinitos caminhos cinzentos serpenteavam. “Serpentes!”, pensou Clarisse. “Laços!”\*

---

\* O autor faz um jogo semântico e fônico com *Schlangen* (cobras), *Schlingen* (laços), e *schlüpfrig* (escorregadio). (N. da T.)

Esses acontecimentos a enlaçavam, prendiam-na, não a deixavam chegar aonde queria ir, eram escorregadios e a faziam disparar para onde não desejava.

Serpentes, laços, escorregadia: assim corria a vida. Seus pensamentos começaram a correr como a vida. As pontas de seus dedos mergulhavam na cachoeira da música. No leito do regato da música desciam cobras e laços. Então, abriu-se, segura como uma enseada quieta, a prisão em que escondiam Moosbrugger. Os pensamentos de Clarisse entraram na sua cela com um calafrio. “A gente tem de tocar música até o fim!” repetiu, animando-se, mas seu coração estremeceu violentamente. Quando se acalmara, a cela inteira estava repleta do seu Eu: era uma emoção suave como um bálsamo, mas quando a quis reter para sempre, ela começou a se desmanchar, e afastar, como um conto de fadas ou um sonho. Moosbrugger estava sentado, rosto apoiado nas mãos, e ela desfez as cadeias que o prendiam. Enquanto seus dedos se moviam, entraram na cela força, coragem, virtude, bondade, beleza e riqueza; era como um vento que viesse de várias campinas, esconjurado por aqueles dedos. “Não importa por que quero fazer isso”, pensou Clarisse, “importa apenas que eu o faça!” Colocou sobre os olhos dele as mãos, parte do seu próprio corpo, e quando retirou os dedos, Moosbrugger se tornara um belo adolescente, e ela própria estava parada a seu lado como belíssima mulher, de corpo doce e macio como um vinho do sul, e nada recalcitrante como era habitualmente o corpo da pequena Clarisse. “É a figura da nossa inocência!”, constatou numa camada mais profunda da consciência.

Mas por que Walter também não era assim?! Subindo das profundezas do sonho da música, ela se lembrou de como ainda era infantil quando já amava Walter, com seus quinze anos, e o queria salvar, com sua coragem, força e bondade, de todos os perigos que ameaçavam seu gênio. E como era belo quando Walter divisava por toda parte esses profundos perigos espirituais! Ela se perguntava se tudo aquilo fora realmente infantilidade. O casamento iluminara tudo com uma luz perturbadora. De repente surgira um grande constrangimento no amor, com aquele casamento. Embora os últimos tempos naturalmente também tivessem sido maravilhosos, talvez mais ricos em conteúdo e mais significativos do que o período anterior, aquele incêndio gigantesco que bruxuleava sobre o céu se transformara nas dificuldades de um fogo doméstico que não quer queimar direito. Clarisse não tinha muita certeza se suas lutas com Walter ainda eram grandiosas. E a vida corria como aquela música que desaparecia entre os dedos. Num instante, teria passado! Aos poucos Clarisse sentiu um terror profundo. E nesse momento notou que Walter tocava com insegurança. Sua emoção batia nas teclas como grandes gotas de chuva. Adivinhou imediatamente em que ele pensava: na criança. Sabia que a queria prender com um filho. Era essa a sua briga diária. E a música não parava um minuto, a música não conhecia nenhum não. Como uma rede cujo abraço ela nem percebera, aquilo se fechava, numa velocidade incrível.

Então Clarisse se levantou de um salto, em plena música, e fechou a tampa do piano; Walter mal conseguiu retirar os dedos.

Ah, como doía! Ainda assustado, ele percebeu tudo. Era a chegada de Ulrich, que, apenas anunciada, já deixava Clarisse naquela emoção excessiva! Ele a prejudicava, excitando brutalmente aquilo que Walter mal se animava a tocar, aquele gênio maldito de Clarisse, a caverna secreta onde alguma coisa sinistra puxava correntes que um dia poderiam ceder.

Ele não se moveu; apenas fitava Clarisse, perplexo.

E Clarisse não dava nenhuma explicação, ficava ali, parada, respirando forte.

Depois que Walter falou, ela disse que não amava propriamente Ulrich. Se o amasse, diria isso. Mas sentia que ele a contagiava como uma luz. Sentia-se novamente mais luminosa e forte, quando ele estava perto. Walter, pelo contrário, apenas conseguia fechar as venezianas. E o que ela sentia não era da conta de ninguém, nem de Ulrich, nem de Walter!

Mas Walter acreditou perceber no meio da raiva e indignação que respiravam nas palavras dela o perfume de um grãozinho narcotizante e fatal de algo que não era raiva.

Anoitecera. O quarto estava negro. O piano negro. As sombras de duas pessoas que se amavam estavam negras. Os olhos de Clarisse reluziam no escuro, como uma luz acesa, e na boca de Walter, agitada de sofrimento, o esmalte de um dente brilhava como marfim. Embora lá fora no mundo se processassem os grandes atos públicos, e apesar de todos os transtornos, aquele parecia ser um desses momentos por amor aos quais Deus criou o mundo.

### 39

## UM HOMEM SEM QUALIDADES É FEITO DE QUALIDADES SEM HOMEM

Mas Ulrich não veio naquela noite. Depois que o diretor Fischel se afastara depressa, ele ficou novamente entretido com a pergunta da sua juventude: por que todas as manifestações ilegítimas e realmente inverídicas são tão estranhamente favorecidas pelo mundo? “Mentindo a gente sempre avança um passo”, pensou ele. “Eu devia ter-lhe dito isso.”

Ulrich era um homem de paixões, mas por paixão não se deve entender aquilo que em particular se chama de paixões. Devia haver algo que o impelira para elas, e talvez fosse paixão, mas, quando excitado, sua postura sempre fora a um tempo apaixonada e indiferente. Tivera praticamente todas as experiências que existem, e sentia que ainda poderia se lançar, a qualquer momento, nalguma coisa que não precisava ter sentido desde que excitasse seu impulso de ação. Por isso, podia dizer de sua vida, sem muito exagero, que nela tudo se passara como se as coisas se ligassem mais umas às outras do que a ele. Depois de A sempre viera B, fosse na luta ou no amor. E ele devia acreditar que as qualidades pessoais que assim obtinha se ligavam mais umas às outras do que a ele; cada uma delas, examinando bem, não se ligava mais intimamente a ele do que a outras pessoas que também a poderiam possuir.

Mas sem dúvida, apesar disso, elas nos determinam, e nelas consistimos, ainda que não sejamos identificados com elas; e assim, às vezes, num momento calmo, nos sentimos tão esquisitos quanto num momento de nervosismo. Se Ulrich tivesse de dizer como era rça verdade, ficaria embaraçado; pois, como muitas pessoas, nunca se analisara senão no cumprimento de alguma tarefa, e em relação a ela. Sua consciência de si mesmo não fora danificada, nem era mimada ou vaidosa, e não conhecia a necessidade daquela manutenção e lubrificação que se chamava exame de consciên-



cia. Era um homem forte? Não sabia; talvez estivesse muito enganado quanto a isso. Mas certamente sempre fora um homem que confiava em sua força. Também agora não duvidava de que essa diferença entre a posse das próprias experiências e qualidades, e o alheamento em relação a elas, é apenas uma diferença de postura, de certa forma uma decisão da vontade, ou o lugar entre generalidade e pessoalidade, em que se resolveu viver.

Em palavras simples, podemos encarar as coisas que nos acontecem, ou que fazemos, de um modo mais geral, ou mais pessoal. Podemos sentir um golpe, além de como dor, também como ofensa, o que o aumenta intoleravelmente; mas também o podemos aceitar com espírito esportivo, como um obstáculo que não nos deve nem intimidar nem nos deixar cegos de raiva, e então, não raro, nem o percebemos. Mas, neste segundo caso, nós apenas o inserimos num contexto geral, isto é, no combate, e sua natureza depende da tarefa que ele tem a cumprir. E é exatamente esse fenômeno, de que uma experiência adquire sentido pela sua posição numa cadeia de atos coerentes, que acontece em toda pessoa que não encara o golpe como um fato pessoal, mas como um desafio à sua força espiritual. Também ela sentirá menos o que faz; mas, singularmente, aquilo que, no boxe, se julga força mental superior, é considerado frieza e insensibilidade quando decorre de uma postura mental de pessoas que não lutam boxe. Existe aí toda a sorte de distinções, para se empregar e exigir uma postura pessoal ou geral conforme a situação. Num assassino, considera-se especial crueza um procedimento objetivo; num professor que continue resolvendo suas equações nos braços da esposa, diz-se que é frieza de pedra; num político que sobe na vida, passando por cima de outros, diz-se que é baixeza ou grandeza, conforme o resultado; de soldados, carrascos e cirurgiões, porém, exige-se essa imperturbabilidade que se condena em outros. Sem se aprofundar mais na moral destes exemplos, nota-se a insegurança com que se sela um compromisso entre postura objetivamente correta e pessoalmente correta.

Essa insegurança conferia um amplo pano de fundo à indagação pessoal de Ulrich. Antigamente, ser uma pessoa deixava a gente com consciência mais tranqüila. As pessoas pareciam-se com espigas de cereal; talvez fossem mais violentamente abaladas por Deus, granizo, fogo, peste e guerra do que agora, mas o eram em conjunto, como cidade, campo, país; e o que restava de movimento pessoal à espiga isolada era uma responsabilidade que se podia tomar, algo claramente delimitado. Hoje, em contrapartida, a responsabilidade já não tem seu centro de gravidade no homem, mas em contextos objetivos. Não notaram que as vivências agora independem das pessoas? Transferiram-se para os teatros, os livros, os relatórios dos centros de pesquisa e viagens de estudos, estão nas comunidades ideológicas ou religiosas, que desenvolvem certos tipos de vivência à custa de outros, como uma tentativa experimental no campo social. E na medida em que hoje as vivências não se situam no trabalho, ficam no ar, quem ainda pode dizer, hoje em dia, que sua raiva é realmente sua raiva, quando tantas pessoas se metem no assunto e entendem mais do que ela?! Surgiu um mundo de qualidades sem homem, de vivências sem quem as vive, e quase parece que, num caso ideal, o ser humano já não vive mais nada pessoalmente, e o amável peso da responsabilidade pessoal se dilui num sistema de fórmulas de significados possíveis. Provavelmente a diluição do comportamento antropocêntrico que julgou o homem centro do universo, mas há séculos está desaparecendo, por fim chegou ao próprio eu; pois a crença de que o mais importante na vivência é que se a vi-

va, e na ação o mais importante é que se aja, começa a parecer ingenuidade para a maioria das pessoas. Mas ainda há quem viva de maneira inteiramente pessoal. Eles dizem: “ontem estivemos aqui ou ali”, ou “hoje vamos fazer isso ou aquilo”, e se alegram, sem que seja necessário que tudo isso tenha outro conteúdo ou significação. Gostam de tudo o que podem tocar com os dedos, e são tão absolutamente indivíduos particulares quanto é possível ser; o mundo torna-se seu mundo particular assim que tem a ver com eles, e brilha como um arco-íris. Talvez sejam muito felizes; mas esse tipo de gente habitualmente parece absurdo aos outros, embora não se saiba por quê.

E de repente, pensando nisso, Ulrich teve de admitir, sorrindo, que ele era um caráter, sem ter caráter algum.

#### 40

### UM HOMEM COM TODAS AS QUALIDADES, MAS ELAS LHE SÃO INDIFERENTES. UM PRÍNCIPE DO ESPÍRITO É PRESO, E A AÇÃO PARALELA RECEBE SEU SECRETÁRIO HONORÍFICO

Não é difícil descrever esse homem chamado Ulrich, de trinta e dois anos, em seus traços fundamentais, embora ele próprio saiba apenas que está a um tempo longe e perto de todas as qualidades, e que todas, suas ou não, lhe são estranhamente indiferentes. Com a agilidade intelectual que pressupõe uma inclinação muito variada, liga-se nele ainda uma certa agressividade. Ele é uma mente viril. Não tem sensibilidade para com outras pessoas, e raramente se colocou no lugar delas, a não ser quando seus propósitos o exigiam. Não respeita direitos se não respeitar aquele que os possui, e isso é raro. Pois com o tempo desenvolveu-se nele uma certa tendência à negação, uma flexível dialética do sentimento, que o leva facilmente a descobrir um mal em coisas que todos julgam boas; e, em compensação, a defender coisas proibidas, e a rejeitar obrigações com uma má-vontade nascida da vontade de criar suas próprias obrigações. Apesar dessa vontade, ele limita sua vida moral, com exceções que se permite, simplesmente àquela decência de cavalheiro que dirige mais ou menos todos os homens na sociedade burguesa enquanto vivem em condições regulares. Dessa maneira, com a altivez, a desconsideração e a negligência de uma pessoa incumbida de uma ação, vai levando a vida de outra pessoa que faz de suas tendências e capacidades um uso mais ou menos comum, útil e social. Estava habituado a considerar-se, por inclinação natural, e sem vaidade, instrumento de um objetivo importante, que pensava descobrir em tempo; e mesmo agora, naquele ano de inquietação e busca que iniciava depois de ter reconhecido que levava uma vida sem destino, voltou a sentir que estava a caminho de alguma coisa, e não dedicou grandes esforços ao seu plano. Não é muito fácil reconhecer, numa natureza dessas, qual a paixão que a move; tendências e circunstâncias a conformaram de maneira ambígua, seu destino ainda não lhe foi revelado por nenhuma pressão realmente dura, mas o principal é que, para se decidir, lhe falta ainda uma coisa que ela desconhece.

Ulrich é uma pessoa forçada por alguma coisa a viver contra si próprio, embora aparentemente apenas se deixe levar, sem ser obrigado a nada.

A comparação do mundo com um laboratório despertara nele outra vez uma idéia antiga. Um grande centro de experiências, onde se testavam as melhores maneiras de ser uma pessoa, e se deveriam descobrir novas: antigamente, muitas vezes imaginara que a vida teria de ser assim, para lhe agradar. O fato de esse laboratório geral trabalhar sem grande planejamento, e de não haver diretores e teóricos, era outro assunto. Ele próprio gostaria de ser uma espécie de príncipe e senhor do espírito: quem não quereria?! É natural que o espírito seja considerado a coisa mais elevada, dominando todas as demais. É o que se ensina. Quem pode, enfeita-se com o espírito, coloca-o nos debruns da sua personalidade. Ligado a alguma coisa, o espírito é a coisa mais difundida que existe. O espírito da lealdade, o espírito do amor, um espírito viril, um espírito culto, o maior espírito da atualidade, queremos venerar o espírito disso, e o espírito daquilo, e queremos agir no espírito de nosso movimento: como isso parece sólido e inatacável até nos degraus inferiores. Tudo mais, o crime cotidiano ou a cobiça obstinada, parecem algo inconfessável, como sujeira que Deus tirasse das unhas dos Seus pés.

Mas, quando espírito aparece sozinho, como palavra principal, nua, despida como um espectro a quem se quereria emprestar um lençol — e aí? Podem se ler os poetas, estudar os filósofos, comprar quadros e conversar noites a fio: mas é espírito o que se consegue com isso? Presumindo que se o consiga: será que o possuiremos? Esse espírito é tão firmemente ligado à aparência do momento! Ele atravessa as pessoas que o gostariam de assumir, e deixa ao passar apenas um leve tremor. O que faremos, com todo esse espírito? Ele é recriado constantemente em massas de papel, pedra, tela, em medidas astronômicas, e é recebido e saboreado também constantemente num dispêndio gigantesco de energia nervosa. Mas o que então acontece com ele? Desaparece, como uma miragem? Dilui-se em partículas? Esquiva-se à lei terrena da conservação? As partículas de pó que baixam dentro de nós, e lentamente repousam, não têm relação com esse dispêndio. Para onde vai, onde está, quem é ele? Talvez, se soubéssemos mais a seu respeito, tudo se tornasse um abafado silêncio em torno desse substantivo espírito!

Anoitecera; casas que pareciam arrancadas do espaço, asfalto, trilhos de aço, formavam a concha da cidade, que esfriava. A concha-mãe, cheia de uma infantil, alegre ou raivosa agitação humana. Onde cada idiota começa como gotinha\* que esguicha e salta; começa com uma explosãozinha, aparada e esfriada pelas paredes, torna-se mais suave e aquietado, pendura-se ternamente na casca da concha-mãe, e por fim cristaliza-se como um grãozinho na sua parede.

“Por que não me tornei um peregrino?”, pensou Ulrich de repente. Uma vida pura, independente, de um frescor áspero como ar muito claro oferecia-se aos seus sentidos. Quem não quer dizer sim à vida, pelo menos devia dizer o não dos santos: mas era impossível pensar seriamente nisso. Tampouco ele podia se tornar aventureiro, embora a vida pudesse ter então algo de uma lua-de-mel eterna, e seu corpo e seu ânimo desejassem isso.

Não tinha podido tornar-se poeta, nem uma dessas pessoas ressentidas que só acreditam em dinheiro e poder, embora tivesse uma certa tendência para tudo isso.

---

\* Jogo de palavras em alemão, entre Tropf (idiota) e Tropfen (gota) (N. da T.)

Esquecia sua idade, imaginava ter vinte anos; apesar disso, também decidira intimamente que não poderia se tornar nenhuma dessas coisas; algo o atraía para todas essas possibilidades, mas algo mais forte o impedia de as realizar. Por que vivia assim, obscura e indefinidamente? Sem dúvida, pensou, o que o prendia dentro de uma existência isolada e inominada não era senão a obrigação de afrouxar e amarrar o mundo, designada por uma palavra que não se gosta de ver sozinha: espírito. Nem o próprio Ulrich sabia por quê, mas de repente ficou triste, e pensou: “Eu simplesmente não me amo.” No corpo frio e petrificado da cidade ele sentiu pulsar, bem no fundo, seu próprio coração. Havia nele alguma coisa que não queria permanecer em lugar algum, que apalpara as paredes do mundo, e pensara: existem outros milhões de paredes; aquela ridícula gota do Eu, que esfriava lentamente, não queria entregar seu fogo à minúscula semente de ardor.

O espírito percebe que a beleza torna alguém bom, mau, tolo ou fascinante. O espírito disseca um carneiro ou um penitente, e encontra nos dois humildade e paciência. Examina uma substância e reconhece que ela consta de muito veneno, e um pouquinho de prazer. Sabe que a mucosa dos lábios é aparentada com a mucosa do intestino, mas também sabe que a humildade desses lábios é aparentada com a humildade de todas as coisas sagradas. Ele confunde, separa e religa outra vez. Bem ou mal, em cima e embaixo, não são para ele idéias céticas e relativas, mas membros de uma função, valores que dependem do contexto em que se encontram. Aprendeu durante séculos que vícios podem se tornar virtudes, e virtudes vícios, e no fundo julga apenas falta de habilidade não se conseguir, no curso de uma vida, transformar um criminoso numa pessoa útil. Não reconhece nada permitido ou ilícito, pois tudo pode ter uma qualidade através da qual um dia participará de alguma nova e grande estrutura. Secretamente odeia, como à morte, tudo o que finge ser definitivo, os grandes ideais e leis, e sua pequena imitação petrificada, que é o caráter satisfeito. Ele não considera nada sólido: nem o eu, nem ordem alguma; porque nossos conhecimentos podem se modificar a cada dia, ele não crê em nenhuma ligação, e tudo possui o valor que tem apenas até o próximo ato da criação, como um rosto com quem se fala e se vai modificando com nossas palavras.

O espírito é o grande oportunista, mas não o podemos agarrar em parte alguma, é de acreditar que seu efeito seja a deterioração. Cada avanço é um lucro no detalhe e uma laceração no todo; é um aumento de poder desembocando em progressiva impotência, e não há como fugir. Ulrich recordava aquele corpo de fatos e descobertas que cresce praticamente a cada hora, do qual o espírito contempla hoje o mundo se quiser examinar bem qualquer problema. Esse corpo cresce afastando-se do seu interior. Incontáveis conceitos, opiniões, pensamentos reguladores de todas as zonas e épocas, de todas as formas de cérebros sadios e doentes, lúcidos e sonhadores, repassam-no como mil nervinhos sensíveis, mas o ponto de irradiação onde se reúnem não existe. O ser humano sente o perigo de se repetir nele o destino daquelas raças de animais gigantescos da pré-história, que sucumbiram vítimas do seu próprio tamanho; mesmo assim, não pode deixar de fazer o que faz.

Isso lembrou Ulrich novamente daquela idéia bastante duvidosa em que por muito tempo acreditara, e que até hoje não eliminara inteiramente, de que o mundo seria melhor dirigido por um senado de sábios e mentes avançadas. É muito natural pensar que o ser humano, que se deixa tratar por médicos especialistas quando está doente, e não por pastores de ovelhas, não tem motivo, quando sadio, de se deixar

tratar por falastrões com mentalidades de pastores de ovelhas, como costuma fazer em assuntos públicos. E jovens que se interessam pelos conteúdos essenciais da vida consideram secundário tudo no mundo que não for verdadeiro, nem bom, nem belo; por exemplo, também um Ministério da Fazenda ou um debate no Parlamento; pelo menos antigamente eram assim, pois hoje em dia, graças à educação política e econômica, dizem que são diferentes. Mas também naquele tempo o homem aprendia a adaptar-se à realidade quando ficava mais velho e freqüentava mais tempo os defumadores do espírito onde o mundo curte seu toucinho comercial; e o estado definitivo de uma pessoa de formação intelectual era mais ou menos limitado à sua “especialidade”, carregando pelo resto da vida a convicção de que tudo talvez devesse ser diferente, mas que não adiantava nem refletir sobre isso. Mais ou menos assim parece o equilíbrio interno das pessoas que realizam alguma coisa intelectualmente. E de repente, de maneira cômica, Ulrich imaginou tudo isso numa pergunta: ao fim de tudo, havendo certamente suficiente espírito, não faltaria apenas que o espírito tivesse espírito?

Teve vontade de rir disso. Ele próprio era um daqueles que renunciavam. Mas uma ambição decepcionada, ainda viva, o trespassava como uma espada. Dois Ulrichs caminhavam naquele instante. Um olhava em torno, sorrindo, e pensava: “Ali eu quis desempenhar um dia um papel, entre cenários como esses. Um dia despertei, não docemente como no colo da mãe mas com a certeza dura de que tinha de realizar alguma coisa. Deram-me lemas, e senti que não me interessavam em nada. Naquele tempo meus propósitos e expectativas enchiam tudo, como o nervosismo antes de entrar em cena. Mas nesse meio tempo o chão deslizou imperceptivelmente, avancei um trecho do meu caminho e talvez já esteja na saída. Em breve estarei fora de cena, e meu grande papel terá sido apenas dizer: os cavalos estão selados. Que o diabo carregue tudo isso!”

Mas enquanto um Ulrich andava pelas flutuações da noite sorrindo desses pensamentos, o outro cerrava os punhos, com dor e raiva; era o menos visível, pensava encontrar uma fórmula de esconjuro, uma alça por onde se pudesse agarrar o verdadeiro espírito do espírito, o que faltava, talvez apenas o pedacinho que fecha o círculo rompido. Esse segundo Ulrich não encontrava palavras. Palavras saltam como macacos de árvore em árvore, mas no reino escuro das raízes não dispomos da sua amistosa intermediação. O chão corria debaixo dos pés dele. Mal conseguia abrir os olhos. Uma emoção consegue soprar como uma tempestade, mas não ser em absoluto uma emoção tempestuosa? Quando se fala de tempestade de emoções, fala-se de uma tempestade que faz gemerem as cascas do ser humano e voarem seus galhos como se fossem se partir. Mas aquela tempestade deixava a superfície totalmente lisa. Quase um estado de conversão, de inversão; nenhum traço se distorcia, e por dentro nenhum átomo parecia continuar em seu lugar. Ulrich estava bem lúcido, mas seu olhar percebia de maneira nova todas as pessoas que passavam, e seu ouvido assimilava de novo modo cada melodia. Não se podia dizer que era um jeito mais acurado; na verdade também não era mais profundo, mais delicado, natural ou não-natural. Ulrich não conseguia dizer nada, mas pensou naquele momento na singular experiência “espírito”, como numa amada que sempre nos traiu sem que por isso a amássemos menos, e esse sentimento o ligava a todas as coisas com que deparava agora. Pois quando se ama, tudo é amor, ainda que seja sofrimento e repulsa. O galhinho de árvore e o pálido vidro da janela à luz crepuscular tornavam-se uma só experiência,

profundamente mergulhada no próprio ser, difícil de expressar com palavras. As coisas não pareciam de pedra ou madeira, mas de uma grandiosa, infinitamente delicada imoralidade que, no momento de tocar em Ulrich, produzia um profundo abalo moral.

Isso não durou mais que o tempo de um sorriso, e Ulrich pensava: “Agora quero ficar aqui aonde isso me trouxe”, e foi quando a desgraça quis que essa tensão se estilhaçasse contra um obstáculo.

O que então aconteceu provém de fato de um mundo totalmente diverso daquele em que Ulrich acabara de sentir árvores e pedras como um prolongamento de sua própria vida.

Pois um jornal operário derramara sobre a Grande Idéia aquilo que o Conde Leinsdorf chamaria escarro destrutivo, ao afirmar que não passava de uma nova sensação para os governantes, logo após aquele último crime sexual, e um bravo operário, que bebera um pouco demais, ficara irritado. Passara por dois cidadãos contentes com os bons negócios daquele dia, e que, conscientes de que sempre se pode mostrar a boa disposição, manifestavam em voz bastante alta sua concordância com aquela ação patriótica sobre a qual tinham lido no seu jornal. Surgiu um bate-boca, e porque a proximidade de um policial animava os bem-intencionados tanto quanto irritava o seu agressor, a briga foi ficando cada vez mais veemente. O policial no começo observava tudo sobre o ombro, mais tarde de frente, depois de perto; observava tudo como uma das alavancas do Estado, mecanismo que termina em botões e outras peças metálicas. Mas passar continuamente a vida em um Estado bem organizado tem algo de spectral; não se pode nem sair à rua nem beber um copo d’água, ou subir num bonde, sem tocar a alavanca respectiva de um gigantesco aparelho de leis e relações, colocá-lo em movimento, ou fazer com que mantenha a paz da nossa existência; não conhecemos a maioria delas, que atingem fundo o nosso interior, enquanto do outro lado se perdem numa rede cuja estrutura ninguém ainda conseguiu deslindar; por isso as negamos como o cidadão nega o ar afirmando que é o vazio; mas aparentemente isso — essa negação, o incolor, inodoro, insosso, imponderável e imoral, como água, ar, espaço, dinheiro e fluir do tempo — é na verdade o mais importante, e confere certa spectralidade à vida; por vezes as pessoas são tomadas de pânico, como num sonho involuntário, vítimas de uma tempestade de agitação como um animal que entrou no mecanismo irresistível de uma rede. Os botões da roupa do policial tiveram efeito semelhante sobre o operário, e nesse momento o órgão estatal, que não se sentia adequadamente respeitado, partiu para a voz de prisão.

Esta não transcorreu sem resistência e repetidas manifestações de rebeldia. O ébrio sentiu-se lisonjeado com a atenção despertada, e desencadeou-se uma total aversão ao semelhante, até ali dissimulada. Começou uma apaixonada disputa para ver quem conseguiria impor-se. Uma forte sensação do próprio eu lutava com uma sensação sinistra, como se este eu não se sentisse muito firme dentro da própria pele. Também o mundo não estava firme; era um sopro incerto, que se formava constantemente, mudando de figura. Casas apareciam tortas, como que quebradas do espaço; no meio delas, as pessoas eram um formigueiro de idiotas ridículos, choramingas e irmanados. Tenho a missão de impor ordem por aqui, sentia o bêbado inusitado. Toda a cena tinha uma aura de cintilação, um fragmento do acontecido lhe era claro, mas depois as paredes giravam outra vez. Os olhos saíam de sua cabeça como antenas, enquanto as solas dos pés grudavam na terra. Começara a brotar de sua boca um jorro

estranho: palavras subiam do seu interior, e nem se sabia como teriam entrado lá, possivelmente eram insultos. Não se podia distinguir direito. Exterior e interior misturavam-se, a raiva não era uma raiva interior mas uma morada física da raiva excitada até à loucura, enquanto o rosto de um policial se aproximava devagar de um punho fechado, até jorrar sangue.

Mas agora o policial triplicara; com os agentes de segurança que acorreram, outras pessoas vieram, e o bêbado se jogou no chão, não querendo ser preso. Ulrich cometeu uma imprudência. Ouvira a expressão “ofensa à Majestade”, e observou que um homem bêbado não tinha discernimento para ofender ninguém, e que deviam mandá-lo dormir. Pensou pouco e agiu mal. O homem berrava dizendo que Ulrich e Sua Majestade fossem à...! Um dos policiais, atribuindo aquela recaída do bêbado à intromissão de Ulrich, censurou-o asperamente, mandando-o embora. Mas Ulrich estava habituado a considerar o Estado um hotel onde se tem direito a tratamento educado, e não permitiu que lhe falassem nesse tom; os policiais inesperadamente acharam que um bêbado não justificava a presença de três agentes, de modo que levaram Ulrich também.

A mão de um policial uniformizado agarrava o seu braço. Seu braço era muito mais forte que aquela pressão insultuosa, mas não podia tentar desfazê-la ou teria de lutar boxe contra o poder armado do Estado, o que não fazia sentido; não lhe restou senão pedir, educadamente, que o deixassem ir sem forçar.

O plantão ficava numa delegacia de polícia, e quando Ulrich entrou o assoalho e as paredes lhe recordaram uma caserna; a mesma sombria competição entre a sujeira obstinadamente trazida para dentro e os grosseiros produtos de limpeza enchiam o ar. Depois Ulrich percebeu o símbolo do poder civil, duas escrivaninhas com uma balaustrada, sem algumas varetas; na verdade eram caixotes para escrever, cobertos de pano rasgado e queimado de cigarro, sobre pés baixinhos em forma de bolota, lustrados de um verniz do tempo do Imperador Ferdinando, restando apenas vagas lascas depois que o resto descascara. Em terceiro lugar, o aposento estava repleto da sensação de que ali se tinha de esperar sem fazer perguntas.

O policial que o prendera ficara parado junto dele como um poste, depois de anunciar o motivo da prisão. Ulrich tentou dar alguma explicação, o guarda e chefe daquela fortaleza ergueu um olho dos documentos em que estava escrevendo quando o grupo entrara, examinou Ulrich e baixou o olho de novo, continuando a escrever, sem dizer nada. Ulrich teve uma impressão de eternidade. Depois o guarda empurrou o papel para o lado, tirou um livro de uma prateleira, fez uma anotação, espalhou areia, pôs o livro de volta, pegou outro, anotou, espalhou areia, tirou um maço de papéis de uma pilha e com ele continuou sua atividade. Ulrich teve a sensação de que transcorria uma segunda eternidade, enquanto os astros continuavam girando regularmente, mas ele não estava no mundo.

Do escritório chegava-se por uma porta a um corredor onde ficavam as celas. O protegido de Ulrich fora imediatamente conduzido para lá, e como nada mais se ouvisse dele, a bebedeira devia ter-lhe concedido a bênção do sono. Mas sentiam-se outros acontecimentos sinistros. Devia haver outra entrada para o corredor das celas, Ulrich ouviu idas e vindas repetidas, portas batendo, vozes abafadas, e de repente, quando trouxeram mais uma pessoa, sua voz se alteou e Ulrich ouviu um pedido desesperado:

— Se tiver ao menos uma fagulha de sentimento humano, não me prenda!

As palavras se esganiçaram, e aquele apelo a um funcionário, para que tivesse sentimentos humanos, soava estranhamente inadequado, era quase para rir, pois funções apenas são executadas com objetividade. O policial ergueu a cabeça por um momento, sem se desligar inteiramente dos seus documentos. Ulrich ouviu o pesado arrastar de muitos pés, cujos corpos evidentemente empurravam outro corpo rebelde. Então, apenas se ouviam dois pés cambaleando, como após um empurrão. Depois, uma porta bateu com força, uma tranca retiniu ao ser fechada, o homem uniformizado na escrivania curvara outra vez a cabeça, e no ar pairava o silêncio de um ponto colocado no local certo, ao fim de uma frase.

Ulrich parecia ter se enganado ao presumir que ele próprio não existia ainda para o universo policial, pois ao erguer a cabeça de novo, o policial o encarou, as últimas linhas escritas brilhavam úmidas, sem serem enxugadas, e o caso Ulrich de repente pareceu ter já há muito existência oficial. Nome? Idade? Profissão? Residência?... Era o interrogatório.

Ulrich pensou ter entrado numa máquina que o dividia em pedaços impessoais antes que se falasse em sua culpa ou inocência. Seu nome, aquelas duas palavras mais pobres de conteúdo mas mais ricas de emoção da língua, não significava nada ali. Seus trabalhos, que lhe tinham conseguido honradas no mundo científico, que passava por ser tão sólido, não existiam naquele mundo; nem uma só vez lhe perguntaram por eles. Seu rosto valia apenas como referência; antigamente nunca pensara que seus olhos eram cinzentos, um dos quatro tipos de olhos oficialmente reconhecidos, que existiam aos milhões; seus cabelos eram louros, estatura alta, rosto oval, e não tinha sinais particulares, embora pensasse de maneira diferente. Sentia que era grande, ombros largos, o tórax como uma vela inflada no mastro, e às articulações de seu corpo cerravam os músculos, como delgadas peças de aço, sempre que se aborrecia, ou brigava, ou que Bonadéia se aconchegava nele; mas era pequeno, delicado, escuro e flexível como uma medusa boiando na água, sempre que lia um livro que o comovesse, ou era tocado pelo sopro do grande amor apátrida cujo estar-no-mundo jamais conseguira entender. Por isso, mesmo naquele momento, ainda via graça no desencantamento estatístico de sua pessoa, e o procedimento de medir e descrever do órgão policial entusiasmava-o como um poema de amor inventado por Satanás. O mais singular era que a polícia não apenas pode desmembrar uma pessoa a ponto de nada sobrar dela, mas pode reconstruí-la de novo com essas pecinhas insignificantes, tornando-a única e por elas identificável. Para isso basta que se acrescente essa coisa imponderável chamada suspeita.

Ulrich entendeu de repente que só pela mais fria astúcia conseguiria safar-se daquela situação em que se metera por insensatez. O interrogatório continuava. Imaginou que efeito teria se, ao perguntarem seu endereço, respondesse: minha residência é a de uma pessoa que não conheço. Ou, se indagassem por que fizera o que fizera, respondesse: sempre faço coisas que não pretendia. Mas deu nome da rua e número da casa, educadamente, e tentou inventar uma desculpa para seu comportamento. A autoridade interior do seu espírito era penosamente impotente diante da autoridade externa do policial. Por fim, apesar disso, entreviu uma salvação. Quando, indagado sobre sua profissão, respondeu “autônomo” — não conseguiria dizer cientista autônomo — o outro o encarou como se tivesse dito “sem domicílio”; mas quando, ao perguntarem sua nacionalidade, ele deu o nome do pai, e viram que era membro da Câmara dos Pares, aquele olhar mudou. Ainda era desconfiado, mas alguma coisa deu



a Ulrich a sensação de um homem balançado pelas ondas que consegue encontrar fundo firme com o dedão do pé. Com presença de espírito imediata, ele aproveitou a situação. Atenuou imediatamente tudo aquilo que já admitira, apresentou àquelas orelhas autoritárias, que o tinham escutado profissionalmente, o desejo de ser ouvido pelo próprio comissário de polícia, e como isso apenas provocasse um sorriso, ele mentiu — com uma naturalidade que por sorte conseguia fingir, mentiu em tom muito casual, e disposto a logo se desdizer caso lhe preparassem o laço de um ponto de interrogação exigindo dados mais exatos — mentiu, dizendo que era amigo do Conde Leinsdorf e secretário da grande ação patriótica noticiada em todos os jornais.

Percebeu imediatamente que isso despertava sobre sua pessoa aquela atenção mais séria antes recusada, e segurou firme aquela vantagem. O resultado foi que o chefe da guarda o examinou irritado, porque não queria assumir a responsabilidade de ficar mais tempo com aquela presa, nem deixá-la solta; e como naquela hora não houvesse na delegacia nenhuma autoridade mais alta, encontrou uma saída que testemunhava magnificamente que aprendera algo da maneira como seus superiores tratavam casos desagradáveis. Assumiu um ar de importância, e expressou graves suspeitas de que Ulrich não apenas era culpado de ofensas aos policiais e perturbação de um procedimento oficial, mas que, exatamente pensando na posição que dizia ter, ainda por cima era suspeito de intrigas obscuras, talvez de caráter político, e teria de ser entregue à seção política da chefatura de polícia.

Assim, poucos minutos depois, Ulrich estava num carro que lhe colocaram à disposição, varando a noite com um lacônico policial civil sentado a seu lado. Quando se aproximavam da chefatura de polícia, o prisioneiro viu as janelas do primeiro andar festivamente iluminadas, pois ainda àquela hora tardia realizava-se uma importante reunião na sala do chefe. A casa não parecia um estábulo escuro mas um ministério, e ele já respirava uma atmosfera mais familiar.

Em breve percebeu que o funcionário do plantão noturno a que fora levado reconhecia a tolice que aquele irritado órgão da periferia cometera ao acusá-lo; mesmo assim pareceu-lhe contra-indicado soltar das garras da justiça alguém que tivera a irresponsabilidade de correr para elas por conta própria. Também o funcionário da chefatura tinha cara de máquina de aço, e afirmou ao prisioneiro que a sua leviandade tornava muito difícil responsabilizar-se pela sua soltura. O prisioneiro já dissera duas vezes tudo aquilo que tivera tão bom efeito sobre o chefe da guarda, mas a autoridade mais alta não se abalou. Ulrich já considerava sua causa perdida, quando de repente uma mudança singular aconteceu no rosto do seu juiz, quase um ar de felicidade. Ele examinou mais uma vez atentamente a acusação, pediu a Ulrich que repetisse o nome, pediu seu endereço, e disse cortesmente que esperasse um momento, enquanto saía da sala. Dez minutos depois voltou, como quem se lembrou de alguma coisa agradável, e convidou, já com evidente polidez, o prisioneiro a segui-lo. Na porta de uma sala iluminada no andar superior, apenas disse que o chefe de polícia desejava falar-lhe pessoalmente, e logo Ulrich estava diante de um senhor que viera de uma sala vizinha, com aquelas suíças divididas que ele já conhecia. Estava decidido a declarar sua presença ali um engano, e fazer uma censura branda, mas o chefe de polícia adiantou-se a ele, e saudou-o:

— Foi um mal-entendido, meu caro doutor, o delegado já me contou tudo. Apesar disso temos de aplicar-lhe uma pequena punição, pois... — com essas palavras olhou-o com ar brincalhão (até onde se pode dizer “brincalhão”, falando da

mais alta autoridade policial), como a esperar que o próprio Ulrich adivinhasse a charada. Mas Ulrich não adivinhou coisa alguma.

— Sua Alteza! — o policial veio em seu auxílio. — Sua Alteza o Conde Leinsdorf há poucas horas me perguntou pelo senhor, com grande interesse.

Ulrich só entendeu a metade.

— Doutor, o senhor não consta no registro de endereços! — disse o chefe de polícia num tom de censura jocosa, como se fosse só esse o crime de Ulrich.

Este fez uma medida, sorrindo comedidamente.

— Presumo que amanhã deverá visitar Sua Alteza por algum motivo de grande importância oficial, e não posso impedir isso prendendo-o aqui. — Assim, o senhor da máquina de aço concluiu sua pequena brincadeira.

E de se imaginar que o chefe de polícia também teria julgado injusta aquela prisão em qualquer outra ocasião, e que o comissário, recordando a circunstância em que o nome de Ulrich aparecera pela primeira vez naquela casa há poucas horas, apresentara ao chefe de polícia todo aquele caso exatamente como este o deveria interpretar, de forma que ninguém interferira arbitrariamente no curso dos acontecimentos. Aliás, Sua Alteza jamais ficou sabendo daquele incidente. Ulrich sentiu-se na obrigação de o visitar no dia seguinte, e tornou-se imediatamente secretário honorífico da grande ação patriótica. O Conde Leinsdorf, se tivesse sabido do incidente, não teria podido dizer senão que tudo acontecera como por milagre.

## 41

### RAQUEL EDIOTIMA

Pouco depois realizou-se em casa de Diotima a primeira grande sessão da ação patriótica.

A sala de jantar ao lado do salão fora transformada em sala de conferências. Aberta e coberta de um pano verde, a mesa de jantar ficava no meio da sala. Diante de cada cadeira, folhas de papel branco do ministério, e lápis de consistências variadas. O aparador fora retirado. Os cantos da sala estavam vazios e severos. As paredes, respeitosa e despidas, exceto por um retrato de Sua Majestade, que Diotima colocara ali, e o retrato de uma dama com espartilho que o Sr. Tuzzi trouxera de algum lugar na sua atividade de cônsul, embora pudesse passar por retrato de alguma antepassada. Diotima teria gostado de colocar ainda um crucifixo na cabeceira da mesa, mas o subsecretário Tuzzi rira dela, antes de, por discrição, sair de casa.

Pois a Ação Paralela devia iniciar de maneira muito reservada. Nada de ministros nem altas personalidades oficiais; não havia “políticos; era intencional; tudo devia começar num círculo muito restrito de abnegados servidores da idéia. O presidente do Banco do Estado, os senhores von Holtzkopf e Barão Wisnieccky, algumas damas da alta aristocracia, personalidades conhecidas da benemerência privada, e, de acordo com o conceito de “propriedade e cultura” do Conde Leinsdorf, aguardavam-se representantes de universidades, de sociedades artísticas, da indústria, grandes proprietários de imóveis e autoridades eclesiásticas. Os departamentos governamentais tinham enviado como representantes jovens funcionários pouco conhecidos que combinavam so-

cialmente com aquele grupo, e gozavam da confiança dos respectivos chefes. A composição daquela assembléia correspondia aos desejos do Conde Leinsdorf, que pensava numa manifestação nascida livremente do seio do povo, mas depois daquela história dos “pontos” achava muito tranquilizador saber com quem estava lidando.

A pequena criada de quarto, Raquel (seu nome fora traduzido para o francês por sua patroa, numa tradução um tanto livre, como *Rachelle*), estava de pé desde as seis da manhã. Abrira a grande mesa de jantar, juntara a ela duas mesinhas de carteador, colocara o pano verde por cima, tirara muito bem o pó de todos os móveis, executando cada um desses serviços aborrecidos com grande entusiasmo. Na noite anterior Diotima lhe dissera:

— Acho que amanhã se fará história universal nesta casa! — e Raquel ardia de felicidade no corpo inteiro, por participar de um acontecimento daqueles, o que depunha grandemente em favor dele, pois o corpo de Raquel debaixo do vestidinho preto era encantador como uma porcelana Meissner.

Raquel tinha dezenove anos e acreditava em milagres. Nascera numa feia choupana da Galícia, com uma tira da Tora pendurada na coluna da porta, e o assoalho tinha frestas pelas quais subia a terra. Fora amaldiçoada e expulsa de casa. A mãe fizera um ar de desamparo, e os irmãos tinham arreganhado os dentes num sorriso medroso. Ela caíra de joelhos, mendigando, a vergonha sufocando seu coração, mas nada adiantara. Um sujeito sem escrúpulos a seduzira; ela não sabia mais como acontecera; tivera de dar à luz entre gente estranha, e depois deixar sua terra. Raquel viajara; debaixo da carroça suja em que viajava, o desespero corria junto com ela; esvaída em lágrimas, via diante de si a capital, na qual se refugiava levada por instinto, como uma grande parede de fogo na qual ia se atirar para morrer. Mas, oh milagre, essa parede abriu-se e abrigou-a; desde então Raquel sempre se sentia como quem vive no seio de uma labareda de ouro. O acaso a levara à casa de Diotima, e esta achara muito natural alguém fugir de uma família da Galícia, desde que assim chegasse a Diotima. Depois de terem mais intimidade ela contara à menina coisas das pessoas famosas e importantes que freqüentavam sua casa, onde *Rachelle* tinha a honra de poder trabalhar; e até já lhe confiara algumas coisas sobre a Ação Paralela, porque era uma alegria deleitar-se nas estrelas dos olhos de Rachel, que chamejavam parecendo espelhos dourados a devolverem, radiantes, a imagem da patroa.

Pois a pequena Rachel fora amaldiçoada pelo pai por causa daquele sujeito inescrupuloso, mas apesar disso era uma mocinha honrada, e adorava tudo em Diotima: o cabelo escuro e macio que podia escovar de manhã e à noite, as roupas que a ajudava a vestir, as laças chinesas e as mesinhas indianas entalhadas, os livros em idiomas estranhos que estavam por toda parte, dos quais não entendia uma palavra; e também amava o Sr. Tuzzi e, recentemente, aquele nababo que já no segundo dia na cidade visitara a sua honrada patroa — Raquel julgava que fora já no primeiro dia; ela o vira com tamanha alegria na ante-sala como se fosse o Salvador dos cristãos, que saíra do seu armário dourado; e a única coisa que a aborreceu foi ele não trazer o seu Solimão para mostrá-lo à sua patroa.

Mas hoje, na iminência de um acontecimento universal, estava convencida de que também a ela sucederia alguma coisa especial, e presumia que desta vez, quem sabe, Solimão apareceria na companhia do seu amo, como pedia a solenidade do acontecimento. Mas não era aquela expectativa a coisa principal, e sim a inevitável trama, ou a intriga, que não faltava em nenhum dos romances com que Raquel se ins-

truía. Pois Raquel tinha licença de ler os romances que Diotima ia largando por ali, assim como podia ajeitar para si as roupas que esta não usava mais. Raquel costurava e lia fluentemente, era sua herança judia, mas quando tinha nas mãos um romance que Diotima lhe indicara como grande obra de arte — era os que preferia ler — ela naturalmente só entendia os fatos como se assiste a um acontecimento a grande distância ou numa terra estranha; entretinha-se com a ação incompreensível, ficava mesmo comovida com ela, sem poder intervir, e era isso que mais amava. Quando a mandavam à rua com recados, ou quando chegava visita importante em casa, ela saboreava da mesma maneira os grandes e excitantes aspectos de uma cidade imperial, uma plenitude de detalhes brilhantes muito acima da compreensão, da qual participava por encontrar-se num lugar privilegiado. Não pretendia compreender mais que isso; sua elementar educação judaica, os provérbios sábios da casa paterna, tinham sido esquecidos de raiva, e lhe eram tão pouco necessários como são necessários garfo e faca a uma flor para alimentar-se das seivas do solo e do ar.

Assim juntou mais uma vez todos os lápis e enfiou suas pontas reluzentes na maquininha no canto da mesa, que descascava com tamanha perfeição a madeira quando se virava a manivela, que ao repetir-se o processo já não caía uma só lascinha; recolocou os lápis junto das macias folhas de papel, três lápis diferentes junto de cada uma, e pensou que aquela máquina perfeita que tinha permissão de manejar vinha do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, pois um criado a trouxera de lá na noite anterior, junto com lápis e papel. Eram sete horas; Raquel deu rapidamente uma olhada de general nos detalhes e saiu depressa do aposento para acordar Diotima, pois a reunião estava marcada para dez e quinze, e Diotima ficara mais um pouco na cama depois que o amo saíra.

Aquelas manhãs com Diotima eram uma alegria especial para Raquel. A palavra amor não designa isso corretamente; antes a palavra veneração, se for usada no seu sentido pleno, quando o respeito devotado impregna uma pessoa a ponto de encher totalmente o seu interior, e ela se sente expulsa de seu lugar dentro de si própria. Daquela aventura na casa paterna, Raquel tinha uma filhinha agora com um ano e meio de idade, e levava pontualmente em cada primeiro domingo do mês grande parte de seu salário à mulher que criava a criança, quando também via a filha; mas embora não omitisse seu dever de mãe, considerava isso apenas um castigo por um erro do passado, e suas emoções eram novamente as de uma mocinha cujo corpo casto ainda não se abriu para o amor. Aproximou-se da cama de Diotima, e, com a expressão de adoração de um alpinista que enxerga o cume nevado erguendo-se das trevas da madrugada para o primeiro tom de azul, seu olhar deslizou pelos ombros da patroa antes de tocar com seus dedos o calor nacarado da pele. Depois saboreou o aroma sutilmente difuso da mão que apareceu sonolenta debaixo da coberta, para se deixar beijar, cheirando aos perfumes do dia anterior mas também aos vapores do sono; Raquel estendeu a pantufa ao pé nu que procurava por ela, e recebeu o olhar daquela que despertava.

Mas o contato sensual com aquele magnífico corpo de mulher que emergia do sono não teria sido tão belo se não fosse repassado pelo significado moral de Diotima.

— Você colocou a cadeira de braços para Sua Alteza? E a sinetinha de prata no meu lugar? No lugar do secretário, doze folhas de papel? E seis lápis, Rachelle, seis, não apenas três no lugar do secretário? — disse Diotima dessa vez. A cada pergunta

Raquel contava mais uma vez em pensamento, calculando nos dedos tudo o que fizera, e estremeando de afã, como se houvesse uma vida em jogo. A patroa vestira o negligê e foi à sala de conferências. Sua maneira de educar *Rachelle* constava de lembrá-la, em tudo o que fazia ou deixava de fazer, de que nada podia ser considerado apenas assunto pessoal, mas devia-se pensar no seu significado geral. Se Raquel quebrava um copo, *Rachelle* aprendia que o prejuízo em si não tinha nenhuma importância, mas que aquele cálice translúcido era um símbolo dos pequenos deveres cotidianos, que o olho praticamente nem percebia mais, porque preferia erguer-se para coisas mais elevadas, aos quais entretanto se deve, exatamente por isso, dedicar uma especial atenção... E Raquel ficava com lágrimas nos olhos quando recebia aquele tratamento cortês e ministerial, lágrimas de remorso e felicidade enquanto varria os cacos do copo partido. As cozinheiras, de quem Diotima exigia pensamento correto e reconhecimento das faltas cometidas, tinham sido substituídas várias vezes desde que Raquel estava a serviço ali, mas ela adorava aquelas frases maravilhosas, assim como amava o Imperador, os enterros e as velas radiosas na escuridão das igrejas católicas. Às vezes mentia para safar-se de alguma complicação, mas em seguida se sentia muito mal com isso; sim, talvez até amasse aquelas mentirinhas porque, comparando-se a Diotima, notava toda a própria ruindade; mas habitualmente só se permitia isso quando esperava transformar rápida e secretamente alguma coisa falsa em verdadeira.

Quando uma pessoa ergue dessa maneira os olhos para outra em tudo e por tudo, acontece também seu corpo lhe ser, tomado como um meteorito que se precipita no sol de outro corpo. Diotima não encontrara nada de errado na sala, e bateu amavelmente no ombro da criadinha; em seguida dirigiram-se ao quarto de banho e começaram a toalete para o grande dia. Quando Raquel misturava a água quente, fazia espumar o sabonete, ou podia secar o corpo de Diotima com a toalha, com tanta ousadia como se fosse o seu, isso lhe dava muito mais prazer do que se fosse realmente seu próprio corpo. Este lhe parecia insignificante, não merecia confiança, e não lhe passava pela cabeça pensar nele, nem mesmo em termos comparativos; quando tocava a opulência de estátua do corpo de Diotima sentia-se como um caipira servindo de recruta num regimento belo e cintilante.

Assim Diotima se armou para o grande dia

## A GRANDE SESSÃO

Quando passou o último minuto antes da hora marcada, apareceu o Conde Leinsdorf em companhia de Ulrich. Raquel, que já estava inflamada com a chegada ininterrupta de convidados a quem tivera de abrir a porta e ajudar a tirar os casacos, reconheceu Ulrich imediatamente e percebeu, satisfeita, que também ele não era um visitante qualquer, mas um homem trazido à casa da sua patroa por motivos importantes, como se via agora que ele voltava em companhia de Sua Alteza. Ela voou até a porta da sala, que abriu com ar solene, e depois agachou-se diante da fechadura para ver o que ia acontecer lá dentro. Era uma fechadura grande, e ela viu o queixo raspado do presidente, a gravata violeta do prelado Niedomansky, bem como a borla dourada da espada do General Stumm von Bordwehr, enviado pelo Ministério da Guerra em-

bora na realidade não tivesse sido convidado; apesar disso, uma carta ao Conde Leinsdorf explicara que o Ministério não poderia ficar fora de um “evento tão altamente patriótico”, mesmo que nada tivesse a ver diretamente com sua origem e seu curso atual. Como Diotima esquecera de avisar Raquel, esta ficara muito nervosa com a presença de um oficial na reunião, porém não conseguiu descobrir mais nada sobre as coisas que ocorriam na sala.

Enquanto isso, Diotima já recebera Sua Alteza, e não dera grande atenção a Ulrich, pois estava apresentando os convidados uns aos outros, e apresentou primeiro o Dr. Paul Arnheim a Sua Alteza, explicando que um feliz acaso trouxera esse famoso amigo à sua casa, e que, embora ele, como estrangeiro, não pudesse se arrogar o direito de participar formalmente das reuniões, ela pedia que lhe permitissem tê-lo como conselheiro pessoal; pois — aqui ela acrescentou uma branda ameaça — suas grandes experiências e conhecimentos no terreno cultural internacional, e na relação dessas questões com os problemas econômicos, seriam um apoio inestimável para ela, que até ali tivera de tratar disso sozinha, e não poderia ser substituída tão cedo, embora bem consciente da insuficiência de suas forças.

O Conde Leinsdorf, pressionado, admirou-se pela primeira vez com a falta de tato de sua amiga burguesa. Arnheim também ficou consternado, como um soberano cuja entrada não foi devidamente anunciada, pois estivera convencido de que o Conde Leinsdorf sabia que ele fora convidado, e aprovara o fato. Mas Diotima, nesse momento com rosto corado e obstinado, não cedeu; e como todas as mulheres que em questões de moral conjugal têm uma consciência pura demais, sabia mostrar uma insuportável insistência feminina em assuntos de honra.

Naquele tempo, já estava apaixonada por Arnheim, que a visitara algumas vezes, mas na sua inexperiência não tinha idéia da natureza do seu sentimento. Conversavam sobre como uma alma enobrece a carne das solas do pé à raiz dos cabelos, e transforma as confusas impressões da civilização em harmoniosos vãos espirituais. Mas até isso já era muito, e como Diotima estivesse habituada a ter cautela e sempre cuidara de nunca se expor diante de ninguém, aquela familiaridade lhe pareceu súbita demais, e teve de mobilizar emoções elevadas, sublimes; e onde as encontramos mais rapidamente? Lá onde o mundo as coloca: nos acontecimentos históricos. A Ação Paralela era por assim dizer a pracinha onde Diotima e Arnheim se encontravam naquela sua relação espiritual crescente; consideravam um destino singular aquilo que os havia reunido num momento tão importante, e não havia entre eles a menor discordância quanto ao fato de que o grande empreendimento patriótico era uma incrível oportunidade e responsabilidade para pessoas dotadas de espírito. Arnheim também dizia isso, embora jamais se esquecesse de acrescentar que para tanto se precisava em primeiro lugar de pessoas fortes, experientes tanto em assuntos econômicos como no campo das idéias, só em seguida importando o tamanho da organização. Assim, para Diotima a Ação Paralela e Arnheim formaram uma união inseparável, e o vazio de idéias inicialmente ligado ao empreendimento estava agora rica e abundantemente ocupado. De forma a mais feliz, justificava-se a expectativa de que o tesouro de sentimentos depositado na Áustria poderia ser reforçado pela disciplina intelectual prussiana, e essas impressões eram tão intensas que a impecável dama nem percebia o golpe que dera ao convidar Arnheim para a sessão inaugural. Agora era tarde demais para voltar atrás, e ele, intuindo aquela relação, achou nela algo de muito conciliador, embora a situação o deixasse um tanto aborrecido. No fundo, Sua Alteza gostava de-

mais de sua amiga para manifestar seu espanto, a não ser por aquela expressão involuntária; não comentou a explicação de Diotima, e depois de uma penosa e breve pausa, estendeu amavelmente a mão ao Dr. Arnheim, dando-lhe as boas-vindas do modo mais cortês e lisonjeiro. A maioria dos presentes provavelmente notara o pequeno incidente, e também se admirara com a presença de Arnheim, na medida em que sabiam quem ele era; mas entre pessoas bem educadas presume-se que tudo tenha um bom motivo, e indagar curiosamente por ele não seria de bom-tom.

Diotima reencontrara sua calma de estátua; abriu a sessão alguns momentos depois, e pediu a Sua Alteza que honrasse sua casa presidindo os trabalhos.

Sua Alteza fez um discurso. Preparara-o dias a fio, e o caráter de seu pensamento era firme demais para qualquer modificação de última hora; podia apenas abrandar as alusões mais claras ao sistema de agulha da espingarda prussiana (que em sessenta e seis suplantara de modo traiçoeiro o sistema da espingarda de vareta austríaca).

— O que nos reúne aqui — disse o Conde Leinsdorf — é concordarmos em que não se deve deixar ao acaso uma poderosa manifestação nascida do seio do povo, mas que ela exige auxílio providente e amplo de quem esteja em posição de ver muito longe, portanto esteja numa posição elevada. Sua Majestade, nosso amado imperador e amo comemorará em 1918 a rara festa de setenta anos de reinado abençoado; e, se Deus quiser, com aquela energia e disposição que estamos acostumados a nele admirar. Temos certeza de que os povos da Áustria, cheios de gratidão, comemorarão essa festa de uma maneira que não apenas mostrará ao mundo nosso profundo amor, mas também que a monarquia austro-húngara eleva-se com a firmeza de um rochedo em torno do seu governante.

Aqui, o Conde Leinsdorf hesitou, sem saber se devia mencionar os sinais de erosão a que esse rochedo estava exposto mesmo numa comemoração do imperador e rei; pois era preciso contar com a resistência da Hungria, que só reconhecia um rei. Por isso, originalmente Sua Alteza tinha querido falar de dois rochedos. Mas também isso não expressava corretamente seu sentimento político austro-húngaro.

Esse sentimento político austro-húngaro era de tão singular estrutura que parece quase inútil explicá-lo a quem não o tiver experimentado pessoalmente. Não constava de uma parte austríaca e outra húngara, que, como se poderia acreditar, se complementavam; constava de um todo, e uma parte, isto é, um sentimento político húngaro, e outro austro-húngaro, sendo o segundo característico da Áustria, o que tornava o sentimento político austríaco, na verdade, apátrida. O austríaco só existia na Hungria, e mesmo assim por antipatia; em casa, ele dizia-se membro do Estado dos reinados e países da monarquia austro-húngara representados no Conselho do Império, o que é o mesmo que ser um austríaco mais um húngaro menos esse húngaro. E não fazia isso com entusiasmo, mas por amor a uma idéia que o repugnava, pois detestava tanto os húngaros quanto estes o detestavam, o que tornava essa relação mais complicada ainda. Por isso, muitos chamavam-se simplesmente tchecos, poloneses, eslovenos ou alemães, dando assim início àquela decadência e àqueles conhecidos “desagradáveis fenômenos de política interna”, como dizia o Conde Leinsdorf, e que, segundo ele, eram “obra de elementos irresponsáveis, imaturos, sensacionalistas”, que a massa dos habitantes politicamente pouco esclarecidos não sabia repelir suficientemente. Depois dessas alusões, sobre as quais muitos livros bem-informados e inteligentes se escreveram desde então, há de se receber com prazer a afirmação de que, nem aqui nem mais adiante, faremos a duvidosa tentativa de pintar um quadro his-

tórico e competir com a realidade. Basta que se observe que os mistérios do dualismo (era essa a expressão técnica) eram pelo menos tão difíceis de entender quanto a Santíssima Trindade; pois mais ou menos por toda parte o processo histórico se assemelha a um processo jurídico, com cem cláusulas, adendos, acordos e recursos, e só para isso se queria chamar atenção. O homem comum vive e morre no meio deles sem nada notar, mas é para seu bem; pois se quisesse saber em que processo, com que advogados, despesas e motivos está enrolado, provavelmente em qualquer país poderia ser tomado de mania de perseguição. Compreender a realidade é exclusivamente assunto para o pensador histórico e político. Para ele, o presente segue após a batalha de Mohács ou Lietzen, como o assado segue depois da sopa; ele conhece todos os protocolos, e a cada momento tem a sensação de uma necessidade de fundamentação processual; e se ele for, como o Conde Leinsdorf, um pensador aristocrático, com formação político-histórica, cujos antepassados de quatro costados influíram pessoalmente nas negociações preliminares, verá o resultado como uma linha ascendente. Por isso, Sua Alteza o Conde Leinsdorf dissera antes da reunião:

— Não devemos esquecer que a magnânima decisão de Sua Majestade, de conceder ao povo certo direito de participação nos seus assuntos, não é tão antiga que já houvesse por toda parte aquela maturidade política digna dessa confiança generosamente dada pelo soberano. Portanto, não veremos nesses fenômenos em si condenáveis, que infelizmente sofremos, um assustador sinal de decadência, como faz o estrangeiro invejoso, mas muito antes um sinal da força juvenil imatura, e por isso mesmo indestrutível, do povo austríaco!

E também na sessão pretendia dizer isso, mas como Arnheim estivesse presente, não disse tudo o que planejava, e contentou-se em aludir ao desconhecimento dos outros países quanto à verdadeira situação da Áustria, e a supervalorização de certos fenômenos menos desejáveis.

— Pois — concluiu Sua Alteza — se desejamos uma prova inegável de nossa força e unidade, fazemos isso também no interesse internacional, pois uma relação feliz dentro da família de países europeus baseia-se em respeito mútuo e respeito diante do poder do outro.—Depois ele repetiu só mais uma vez que aquela espontânea demonstração de força realmente tinha de vir do seio do povo, e por isso ser orientada de cima, para o que era preciso encontrar caminhos, motivo de se convocar aquela reunião. Se lembrarmos que recentemente o Conde Leinsdorf não tinha pensado senão numa série de nomes, e de fora lhe viesse apenas a idéia de um ano austríaco, notar-se-á um grande avanço, embora Sua Alteza não tivesse dito tudo o que agora lhe ocorria.

Depois desse discurso, Diotima tomou a palavra, para explicar as intenções do presidente. Declarou que a grande ação patriótica precisava encontrar um objetivo grandioso que, como dissera Sua Alteza, nascesse do seio do povo.

— Nós, aqui reunidos hoje pela primeira vez, não nos sentimos chamados a definir já esse objetivo, mas por enquanto apenas nos reunimos para criar a organização que dirigirá as sugestões que levem até ele. — Com essas palavras, abriu os debates.

Primeiro, silêncio. Prendam-se pássaros de diversas origens e linguagens, que nada sabem do que os espera, numa só gaiola, e no primeiro instante farão um silêncio igual àquele.

Por fim, um professor universitário pediu a palavra; Ulrich não o conhecia. Sua Alteza provavelmente mandara convidar aquele senhor à última hora, através de



seu secretário particular. Ele falou do caminho da História. Quando olhamos em frente, disse, vemos uma parede opaca! Quando olhamos à esquerda ou à direita: uma abundância de fatos importantes, sem direção clara! Daria apenas alguns exemplos: o momentâneo conflito com Montenegro. As duras batalhas que os espanhóis tinham de vencer no Marrocos. A obstrução dos ucranianos no Conselho Imperial austríaco. Mas, olhando para trás, tudo se torna ordenado e objetivo, como por algum desígnio milagroso... Por isso, se lhe permitiam dizer assim, vivemos em todos os momentos o mistério de um desígnio miraculoso. E ele considerava uma idéia grandiosa abrir os olhos de um povo, permitir que tivesse uma visão consciente da providência, exortando-o num caso determinado dê especial solenidade... Ele só tinha querido dizer isso. Também era assim na pedagogia atual, em que se deixa o aluno trabalhar junto com o professor, em vez de lhe apresentar resultados prontos.

A assembléia, petrificada, olhava amavelmente o pano verde que cobria a mesa; até o prelado que representava o arcebispo mantivera durante aquela façanha clerical de um leigo apenas a postura cortês e expectante dos funcionários dos ministérios, sem deixar transparecer no rosto o menor sinal de calorosa adesão. Todos pareciam ter a sensação que se tem quando inesperadamente alguém começa a falar alto para todos numa rua; todos, também os que há pouco não pensavam em coisa alguma, sentem subitamente que estão a caminho por motivos sérios e práticos, ou que o outro está abusando da rua. Enquanto falava, o professor combatiera a inibição contra a qual fazia passar, suas palavras à força, fragmentadas e tímidas como se o vento lhe tirasse o fôlego; mas, agora, esperava para ver se teriam resposta, e essa postura de expectativa cobriu seu rosto, mas com dignidade.

Todos acharam uma verdadeira salvação quando, após esse incidente, o representante da Chancelaria Imperial pediu a palavra rapidamente, e deu à assembléia uma visão das fundações e instituições que seriam beneficiadas pela bolsa particular do soberano no ano do jubileu. Começava pela doação para construção de uma igreja de peregrinos, e uma doação para amparo de padres coadjutores pobres, depois foi a vez das ligas de veteranos “Arquiduque Karl e Radetzky”, as viúvas e órfãos de guerra das campanhas de 66 e 78; vieram os fundos para apoio de suboficiais da reserva e da Academia de Ciências, e assim por diante; essas listas em si nada tinham de muito excitante, mas eram constantes e habituais em todas as manifestações públicas da benevolência do soberano. Quando a lista terminara, levantou-se a esposa do industrial Weghuber, dama muito meritória pelas obras de benemerência, totalmente infensa à idéia de que pudesse haver coisa mais importante do que o objeto das suas preocupações, e apresentou à assembléia, que escutava com ar de aprovação, a sugestão de uma “Instituição Austríaca da Sopa dos Pobres Francisco-José”. Agora, o representante do Ministério de Cultura e Instrução comentou que também no seu departamento aparecera uma sugestão semelhante, isto é, de editar uma monumental obra *O Imperador Francisco José I e sua Era*. Mas, depois dessa feliz arrancada, voltou a baixar o silêncio, e a maioria dos presentes sentiu-se numa situação penosa.

Se, na vida, lhes tivessem perguntado se sabiam o que eram grandes acontecimentos históricos e coisas deste gênero, teriam respondido afirmativamente; mas, quando lhes pediram que inventassem algum, aos poucos começaram a sentir as pernas bambas, e dentro deles agitava-se um resmungo bastante natural.

Nesse momento perigoso, Diotima, que tinha um lanche preparado, interrompeu diplomaticamente a reunião.

PRIMEIRO ENCONTRO DE ULRICH COM O GRANDE HOMEM.  
NA HISTÓRIA UNIVERSAL NADA ACONTECE DE INSENSATO, MAS  
DIOTIMA AFIRMA QUE A VERDADEIRA ÁUSTRIA É O MUNDO INTEIRO

No intervalo, Arnheim comentou: quanto mais abrangente uma organização, tanto mais discordantes as sugestões. Era um sinal da evolução atual, construída unicamente sobre a razão. Mas exatamente por isso era um projeto gigantesco forçar todo um povo a lembrar-se da vontade, da inspiração e do essencial, mais profundo do que a razão.

Ulrich respondeu perguntando se ele acreditava que aquela ação teria algum resultado.

— Sem dúvida — respondeu Arnheim —, grandes acontecimentos são sempre expressão de uma situação geral! — Essa situação existia, hoje; e já o fato de ser possível, em algum lugar, uma reunião como aquela, provava o quanto era necessária.

Mas Ulrich achou que havia em tudo aquilo algo difícil de distinguir. Presumindo que o compositor do mais recente sucesso mundial em operetas fosse um intrigante, e se quisesse alçar a presidente do mundo, o que, por ser ele tão popular, estaria no reino do possível: seria uma ruptura na História, ou expressão de uma situação espiritual geral?

— Totalmente impossível! — disse o Dr. Arnheim gravemente. — Um compositor desses não pode ser nem intrigante nem político; ou não se poderia entender seu gênio cômico-musical, e na história universal não acontece nada de insensato.

— Mas acontece tanta coisa insensata no universo!

— Mas na história universal, nunca!

Arnheim estava visivelmente nervoso. Perto deles estavam parados Diotima e o Conde Leinsdorf, conversando animadamente em voz baixa. Sua Alteza acabara manifestando à amiga seu espanto por encontrar um prussiano num evento tão estritamente austríaco. Considerava totalmente impossível, já por razões de tato, que um indivíduo alheio ao país tivesse papel liderante na Ação Paralela, embora Diotima falasse na excelente e tranquilizadora impressão que aquela ausência de egoísmo político daria no exterior. Depois, ela mudou de tática e ampliou surpreendentemente seu projeto. Falou do tato feminino, que era uma segurança de sentimentos e ignora preconceitos sociais. Sua Alteza devia escutar essa voz. Arnheim era um europeu, um espírito conhecido em toda a Europa; e exatamente por não ser austríaco, deixando que participasse provava-se que o espírito unha na Áustria a sua pátria; e de repente afirmou que a verdadeira Áustria era o mundo inteiro. O mundo, explicou, não se tranquilizaria enquanto as nações não vivessem nele a mesma sublime unidade dos povos austríacos em sua pátria. Uma Grande Áustria, uma Áustria Universal, era o que Sua Alteza lhe inspirara naquele momento feliz, era a idéia suprema que até ali faltara à Ação Paralela.

A bela Diotima postava-se, arrebatadora em seu imperioso pacifismo, diante de seu nobre amigo. O Conde Leinsdorf não conseguia retirar suas objeções, mas admirou mais uma vez o inflamado idealismo e a ampla visão daquela mulher, e ponderou

se não seria afinal vantajoso incluir Arnheim na conversa, em vez de responder logo a sugestões de tão graves conseqüências.

Arnheim estava inquieto, porque farejava aquela conversa sem a poder influenciar. Ele e Ulrich estavam rodeados de curiosos atraídos pela personalidade do Creso, e Ulrich dizia:

— Há milhares de assuntos em que as pessoas se absorvem e nos quais aplicam sua inteligência. Mas quando lhes pedimos o que é humano, geral, comum a todos, sobram apenas três coisas: ignorância, dinheiro, e, quando muito, vagas lembranças de religião.

— Isso mesmo, religião! — interveio Arnheim enfaticamente, e perguntou se Ulrich acreditava que a religião já desaparecera por completo, sem deixar vestígios.

E pronunciara tão alto a palavra religião que o Conde Leinsdorf não pôde deixar de escutar.

Sua Alteza parecia ter feito algum acordo com Diotima, pois, conduzido pela amiga, aproximava-se do grupo, que se desfez com muito tato, e ele se dirigiu ao Dr. Arnheim.

De repente Ulrich se via sozinho, e sentiu-se despeitado.

Começou então — sabe Deus como, para passar o tempo, ou não ficar ali sentindo-se abandonado — a pensar na sua corrida de carruagem até a reunião. O Conde Leinsdorf, que o levava, sendo homem moderno tinha automóvel; mas como também fosse fiel à tradição, possuía igualmente uma parelha de magníficos cavalos castanhos, com cocheiro e caleche. E quando o mordomo viera saber dos seus desejos, Sua Alteza achara conveniente ir à reunião de fundação da Ação Paralela com os dois belos animais, já quase históricos. “Este é o Pepi, aquele é o Hans”, explicara a caminho. Viam-se os flancos ondulantes dos cavalos, como colinas, e por vezes uma das cabeças olhava para o lado, no ritmo da corrida, soltando espuma pela boca. Difícil imaginar o que os animais sentiriam; era uma bela manhã, e corriam. Talvez comer e correr sejam as duas únicas paixões equinas, e como Hans e Pepi fossem castrados, o amor não era um desejo palpável em suas vidas, apenas um brilho, um sopro que por vezes recobria sua visão do mundo de uma nuvem luminosa. A paixão pela comida concentrava-se na manjedoura de mármore com deliciosa aveia, no feno verde preso em sua grade, no ruído dos cabrestos, e no cheiro acre de estábulo quente, em cujo aroma rude brotava, como agulhas, aquela forte consciência do eu, repassada de amoníaco: aqui há cavalos! A corrida era coisa diferente. Nela, a pobre alma ainda está ligada à manada, na qual o cavalo-guia ou todos de uma vez são agitados por um frêmito que vem de qualquer parte, e a manada dispara contra o vento e o sol; pois quando o animal está solitário, com espaço aberto para todos os lados, muitas vezes um louco estremecimento vara sua mente, e ele dispara sem destino, precipita-se numa terrível liberdade, tão vazia numa direção quanto noutra, até parar, perplexo, deixando-se atrair de volta com uma bacia de aveia.

Pepi e Hans eram cavalos bem treinados; adiantavam-se batendo os cascos na rua iluminada de sol e beirada pelas casas; as pessoas eram para eles uma multidão cinzenta que não inspirava alegria nem temor; as vitrines coloridas das lojas, as mulheres expostas em cores luminosas — fragmentos de campinas que não se podem saborear; os chapéus, gravatas, livros, brilhantes, ao longo da rua: tudo um ermo. Só as duas ilhas de sonho, o estábulo e a corrida, destacavam-se de tudo isso; por vezes, Hans e Pepi sobressaltavam-se com alguma sombra, como num sonho ou num jogo,

puxavam os varais recuando, reanimavam-se com uma leve chibatada e, agradecidos, voltavam a acomodar-se nos freios.

De repente, o Conde Leinsdorf se soerguera no assento e perguntara a Ulrich:

— O Stallburg me disse, doutor, que o senhor está protegendo uma pessoa? Surpreso, Ulrich não entendeu logo, e Leinsdorf prosseguiu:

— Muito bonito de sua parte. Eu sei de tudo. Acho que não há muito que fazer, pois trata-se de um sujeito horroroso; mas essa parte pessoal imponderável, necessitada de misericórdia, que todo cristão traz em si, muitas vezes se revela num indivíduo desses. E se queremos realizar algo de importante, precisamos também pensar com a maior humildade nesses desamparados. Quem sabe podemos fazer com que seja reexaminado por médicos. — Depois daquele longo pronunciamento, sustentando-se no embalo da carruagem, o Conde Leinsdorf deixou-se cair outra vez no estofamento e acrescentou: — Mas não devemos esquecer que agora, neste momento, precisamos empregar todas as nossas forças num evento histórico!

Ulrich sentia uma certa simpatia por aquele velho aristocrata ingênuo, que ainda conversava com Arnheim e Diotima; e sentiu também uma espécie de ciúme. Pois a conversa parecia muito animada; Diotima sorria, o Conde Leinsdorf arregalava os olhos, para não perder o fio, e Arnheim falava, nobre e sereno. Ulrich escutou a expressão “transportar esse pensamento para as esferas do poder”. Não suportava Arnheim, por princípio não gostava daquele “padrão Arnheim”. Aquela ligação de intelecto, negócios, fortuna e erudição era-lhe insuportável. Estava convencido de que já na noite anterior Arnheim fizera tudo para não chegar de manhã à reunião como primeiro nem último; mas talvez nem tivesse olhado o relógio antes de sair, ou só olhasse para ele ao sentar para o café da manhã, recebendo o secretário que lhe entregava a correspondência; aí aproveitara o tempo disponível para a atividade interior que queria executar antes da partida, e entregara-se a ela livremente, certo de que preencheria exatamente o tempo, pois o que é correto, e o tempo que exige, estão ligados por uma força misteriosa, como uma estátua e o espaço onde ela cabe, ou um lançador de dardo e o alvo que acerta sem ter mirado. Ulrich ouvira muita coisa sobre Arnheim e lera alguma coisa. Em um de seus livros estava escrito que um homem que observa sua roupa no espelho não é capaz de uma atitude firme. Pois o espelho, originalmente destinado ao prazer, dizia ele, tornara-se um instrumento de medo, como o relógio, que é um mal necessário pois nossas atividades não se sucedem mais naturalmente.

Ulrich teve de mudar de pensamento para não encarar com indelicadeza o grupo vizinho, e seus olhos pousaram na criadinha que se esgueirava entre os convidados, oferecendo bebidas enquanto erguia o olhar para eles com veneração. Mas a pequena Raquel não o percebia; esquecera-se dele, até deixou de lhe oferecer sua bandeja. Ela se aproximara de Arnheim e estendia-lhe seus refrescos como se os oferecesse a um deus; teria gostado de lhe beijar a mão pequena e calma quando esta pegou a limonada e segurou o copo, distraidamente, sem que o nababo bebesse. Depois desse ponto alto, ela cumpriu seu dever como um pequeno autômato perturbado, e saiu depressa daquele aposento repleto de pernas e conversas onde se fazia a história universal, voltando para a ante-sala.

PROSSEGUIMENTO E FINAL DA GRANDE REUNIÃO. ULRICH AGRADA-SE DE RAQUEL. RAQUEL DE SOLIMÃO A AÇÃO PARALELA RECEBE UMA ORGANIZAÇÃO FIRME

Ulrich apreciava aquela espécie de moças ambiciosas, de bom comportamento, que na sua timidez bem-educada parecem arvorezinhas frutíferas cuja doce madureza certo dia cairá na boca de algum cavaleiro do País da Fartura, quando ele resolver abrir os lábios. “Elas devem ser corajosas e resistentes como aquelas mulheres da Idade da Pedra, que à noite partilhavam o leito e de dia carregavam, nas caminhadas, as armas e utensílios de seus guerreiros”, pensou, embora ele próprio, exceto no primeiro despertar da masculinidade, jamais tivesse andado por aquelas trilhas de guerreiro. Sentou-se, suspirando, pois a sessão recomeçara.

Lembrou-se então de que o uniforme branco e preto em que se enfiavam essas mocinhas tem a mesma cor das vestes das freiras; era a primeira vez que notava isso, e ficou admirado. Mas a divina Diotima já tomara a palavra e explicava: A Ação Paralela tinha de ser coroada por uma grande manifestação. Isto é, não podia ter um objetivo qualquer, que se divisasse de longe, por mais patriótico que fosse. Seu objetivo deveria comover o coração do mundo. Não podia ser apenas prático, era preciso que fosse uma obra de arte, um marco. Um espelho em que o mundo se olhasse, corando. Não apenas corando, mas, como no conto de fadas, deveria ver ali seu rosto verdadeiro e nunca mais esquecê-lo. Sua Alteza oferecera para isso o lema “Imperador da Paz”.

Isso posto, não se podia ignorar que as sugestões dadas até ali não correspondiam a nada disso. Se na primeira parte da sessão ela falara de símbolos, naturalmente não pensava em sopas dos pobres, mas em reencontrar aquela unidade humana perdida com a variedade dos interesses dos homens. Isso naturalmente levava a indagar se os povos de hoje, e os tempos atuais, são capazes de grandiosas idéias comuns. Tudo o que fora sugerido era excelente, mas muito diversificado, o que revelava de saída que não tinha aquela força de união de que se precisava!

Enquanto Diotima falava, Ulrich observava Arnheim. Sua antipatia não se ligava aos detalhes fisionômicos, mas ao todo. Embora esses detalhes — o crânio imperioso de comerciante fenício, o rosto marcado mas parco de material, por isso achatado, a figura serena de um bom alfaiate inglês, e, em segundo lugar, onde o ser humano emerge das roupas, as mãos de dedos um tanto curtos — fossem bastante notáveis, era a harmonia do todo que irritava Ulrich. Os livros dele revelavam a mesma segurança: o mundo estava em ordem, contemplado por Arnheim. Ulrich sentiu o impulso de moleque-da-rua de jogar pedras ou estêreo naquela criatura educada na riqueza e perfeição, enquanto observava como ele fingia prestar atenção nas bobagens de que tinham de participar; parecia bebê-las como um conhecedor, cujo rosto expressa: não quero exagerar, mas isso aí é coisa muito especial!

Diotima acabara de falar. Logo depois do intervalo, quando estavam sentados outra vez, vira-se que todos os presentes estavam convencidos de que agora haveria um resultado. Ninguém pensara nisso, mas assumiam a postura de quem espera algo

importante. E Diotima concluía dizendo que se alguém perguntasse sobre a capacidade dos tempos e dos povos atuais de terem grandes idéias em comum, era preciso acrescentar: de terem força redentora! Pois tratava-se de uma redenção: um ímpeto redentor. Em suma: era isso, embora ainda não se pudesse imaginar com exatidão o que seria *isso*. O ímpeto tinha de vir do conjunto, ou não aconteceria. Por isso, depois de uma conversa com Sua Alteza, ela se permitia a seguinte sugestão, que encerraria o encontro: Sua Alteza comentara que na verdade os grandes ministérios já se dividiam conforme a divisão do mundo em aspectos principais, como religião e educação, comércio, indústria, justiça e assim por diante. Por isso, se quisessem organizar comissões tendo à frente de cada uma um representante desses postos governamentais, e a seu lado representantes das corporações e de setores do povo, haveriam de criar um sistema contendo as forças morais básicas do mundo, que as canalizaria e filtraria. A última condensação de tudo isso seria a comissão principal, e esse sistema só precisaria ser totalizado por algumas comissões e subcomissões especiais, como um comitê de propaganda, um de angariação de fundos, e coisas semelhantes; ela pessoalmente gostaria de criar uma comissão intelectual, para elaboração posterior das idéias fundamentais, naturalmente com a concordância das outras comissões.

Mais uma vez todos ficaram mudos, mas, agora, aliviados. O Conde Leinsdorf balançava a cabeça afirmativamente. Alguém quis saber, para melhor compreensão, como entraria numa ação dessas o elemento nomeadamente austríaco.

O General Stumm von Bordwehr ergueu-se, na resposta, embora todos os oradores antes dele tivessem falado sentados. Disse saber muito bem que o soldado sempre tinha papel modesto na sala de conferências. Mas, se tomava a palavra, não era para se juntar às insuperáveis críticas anteriores sobre as sugestões, todas excelentes. Gostaria de apresentar uma série de idéias e submetê-las a uma análise benevolente. A manifestação que se planejava deveria ter efeito no exterior. Mas o que tinha efeito no exterior era o poder de um povo. A situação da família dos países europeus era tal que, segundo Sua Alteza, a manifestação haveria de surtir grande efeito. A idéia de Estado era uma idéia de poder, segundo Treitschke; o Estado era o poder de se manter na luta dos povos. Lembrando a situação precária em que se encontravam a artilharia e a marinha, devido à indiferença do Parlamento, ele tocava numa conhecida ferida, por isso pedia que, se não encontrassem outro objetivo, obtivessem ampla participação popular nos problemas do exército e de seu armamento, o que seria um objetivo muito digno. *Si vis pacem para bellum!* A força conseguida na paz afastava a guerra, ou pelo menos a abreviava. Ele também assegurava que uma tal medida podia conciliar os povos, e seria uma manifestação expressiva de pacifismo.

Nesse momento aconteceu algo singular na sala. A maioria dos presentes tivera no começo impressão de que esse discurso não combinava com o verdadeiro objeto da reunião, mas quando o general começou a expandir-se mais acusticamente, pareceu-lhes ouvir o tranquilizador passo de marcha de batalhões bem ordenados. O sentido original da Ação Paralela, ser “melhor do que a Prússia”, erguia-se tímido, como se ao longe a orquestra do regimento tocasse a Marcha do Príncipe Eugênio, que fizera campanha contra os turcos, ou o hino nacional... Se Sua Alteza se tivesse levantado, o que absolutamente não pretendia fazer, para sugerir que colocassem o irmão prussiano Arnheim à frente da orquestra do regimento, teriam, naquele indefinido estado de exaltação interior em que se encontravam, pensado ouvir o kaiserista “Heil Dir im Siegerkranz”, e nem teriam feito objeção.

*Rachelle*, no buraco da fechadura, fez um sinal: “Agora estão falando de guerra!”

Fora em parte por isso que no fim do intervalo ela voltara para a ante-sala, pois desta vez Arnheim realmente trouxera o seu Solimão. Como o tempo piorasse, o pequeno mouro viera atrás de seu amo com o sobretudo. Fizera um bico malcriado quando Raquel abrira a porta, pois era um pequeno berlinense mimado, a quem as mulheres adoravam de uma forma que ele ainda não sabia utilizar. Mas Raquel pensava que deveria falar com ele na língua dos mouros, e simplesmente nem lhe ocorreria tentar em alemão. Como tinha de se fazer entender imediatamente, passara o braço pelos ombros do menino de dezesseis anos, apontara para a cozinha, apresentara-lhe uma cadeira, e aproximara dele o que havia por perto de bebidas e bolos. Nunca fizera uma coisa dessas na vida, e quando se ergueu da mesa seu coração batia como quando se esmaga açúcar num almofariz.

— Como é seu nome? — perguntou Solimão; então, falava alemão!

— *Rachelle!* — respondeu Raquel, e fugiu correndo.

Solimão saboreou bolos, vinho e pãezinhos na cozinha, acendeu um cigarro e começou a conversar com a cozinheira. Quando Raquel voltou depois de servir na sala, isto lhe doeu. Ela disse:

— Logo vão começar a discutir um assunto muito importante lá dentro! Mas Solimão não ficou impressionado, e a cozinheira, uma mulher idosa, riu.

— Pode até haver guerra! — acrescentara Raquel, nervosa, e como clímax chegou aquele aviso do buraco da fechadura, dizendo que isso já estava quase acontecendo.

Solimão ergueu os olhos.

— Há generais austríacos na reunião? — indagou.

— Veja você mesmo! — disse Raquel. — Um deles já está aí — e foram espiar juntos na fechadura.

Lá, o olhar apanhava ora um papel branco, ora um nariz, ora passava uma grande sombra, ora rebrilhava um anel. A vida desfeita em detalhes: via-se pano verde estendido como um gramado; uma mão branca repousava, estranha, parecendo cera como num panóptico; olhando bem de viés, enxergava-se a borla dourada da espada do general. Até o mimado Solimão parecia comovido.

A vida intumescia-se ali, inquietante e fantástica, vista através da fenda da porta e da imaginação. O corpo inclinado, o sangue bramia nos ouvidos, as vozes atrás da porta rolavam como pedras ou deslizavam como sobre tábuas ensaboadas. Raquel ergueu-se lentamente. O chão parecia ondular debaixo de seus pés, o espírito daquele evento a envolveu como um pano preto usado por mágicos ou fotógrafos. Depois, também Solimão se endireitou, o sangue foi baixando tremulamente de suas cabeças. O negrinho sorria, a rubra gengiva brilhando atrás dos lábios roxos.

Enquanto, na ante-sala, esse momento passava entre os compridos mantos das pessoas importantes pendurados ao longo da parede, lento como se fosse soprado numa trombeta, na sala tomava-se uma resolução, depois que o Conde Leinsdorf dissera que deviam ser gratos à importantíssima sugestão do general, mas sem entrarem ainda no mérito da questão, decidindo apenas sobre a estrutura da organização que pretendiam estabelecer. Mas para isso, além de se adaptar o plano aos vários aspectos do mundo segundo os principais ministérios, era preciso uma resolução final, com a concordância unânime dos presentes, dizendo que, assim que se manifestasse o desejo

do povo através daquela ação, ela seria apresentada a Sua Majestade, com o mais humilde pedido de dispor livremente, segundo sua graça soberana, dos meios até ali obtidos para sua execução material.

Isso trazia a vantagem de fazer o povo sentir-se objeto reconhecidamente digno da ação, mas por vontade do Soberano; tudo segundo desejo especial de Sua Alteza, pois embora fosse apenas formalidade, ele achava importante o povo não fazer nada apenas por si, sem o segundo fator da Constituição; nem mesmo tratando-se de uma homenagem.

Os demais participantes não teriam sido tão minuciosos, mas por isso mesmo não fizeram objeção. Era bom a reunião culminar com uma resolução. Pois quer se termine uma briga com uma punhalada ou se batam os dez dedos algumas vezes nas teclas ao fim de uma peça musical, quer o dançarino se curve diante de sua dama, ou se tome uma resolução, este seria um mundo inquietante, se os acontecimentos saíssem de fininho, sem assegurar-nos ao fim, ainda uma vez, alto e bom som, que aconteceram; é por isso que se fazem estas coisas.

45

## SILENCIOSO ENCONTRO DE DUAS SUMIDADES

Quando a reunião terminou, o Dr. Arnheim, inspirado por Diotima, fez uma manobra discreta para sair por último; o subsecretário Tuzzi mantinha uma trégua de respeito antes de voltar para casa, a fim de não chegar antes que a reunião terminasse.

Naqueles minutos entre a saída dos convidados e a consolidação da situação dos que ficavam, durante o trajeto de uma sala a outra, interrompido por recomendações, reflexões e a inquietação que sempre fica depois de um grande acontecimento, Arnheim seguira Diotima com o olhar, sorrindo. Ela sentia que sua casa estava tomada de um frêmito; todas as coisas que tinham deixado seus lugares por causa do acontecimento voltavam uma após a outra, como quando uma grande onda se retrai novamente sobre a areia por incontáveis pequenas cavidades e valetas. E enquanto Arnheim esperava num discreto silêncio que ela e essa agitação voltassem a se acalmar, Diotima recordou que, embora tantas pessoas já tivessem freqüentado sua casa, nunca um homem estivera a sós com ela com tanta familiaridade, a ponto de se sentir a silenciosa vida da casa vazia; ninguém, além do subsecretário Tuzzi. De repente, sua castidade foi perturbada por uma idéia totalmente nova, sua casa esvaziada, na qual nem seu marido estava, lhe pareceu uma calça que Arnheim tivesse vestido. Há momentos assim, que podem acontecer à mais casta das pessoas, como monstros noturnos, e o maravilhoso sonho de um amor em que corpo e alma fossem um só iluminou Diotima.

Arnheim de nada suspeitava. Sua calça formava uma linha vertical nítida sobre o assoalho espelhado, o casaco, a gravata, sua cabeça distinta de sorriso tranqüilo, não expressavam nada, tamanha era a sua perfeição. Na verdade ele tinha planejado censurar Diotima por causa do incidente na sua chegada, e prevenir-se para o futuro; mas naquele momento algo fez com que aquele homem que lidava com os magnatas



americanos como seus iguais e era recebido por reis e imperadores, aquele nababo que podia pagar qualquer mulher com platina, ficasse olhando para Diotima, fascinado, ela que na verdade se chamava Ermelinda, ou apenas Hermine Tuzzi, e não passava da esposa de um alto funcionário. E para esse “algo” precisamos mais uma vez empregar a palavra alma.

É uma palavra que já apareceu várias vezes, mas não com muita clareza. Por exemplo, como aquilo que os tempos atuais perderam ou que não se harmoniza com a civilização; aquilo que está em conflito com os impulsos físicos e os hábitos matrimoniais; aquilo que se excitava diante de um assassino, e não só com repulsa; aquilo que deveria ser liberado através da Ação Paralela; pode ser, no caso do Conde Leinsdorf, uma meditação religiosa e *contemplatio in caligine divina*; em muitas pessoas, era amor às metáforas, e assim por diante.

De todas as singularidades dessa palavra alma, porém, a mais especial é que jovens nunca a conseguem pronunciar sem rir. Até Diotima e Arnheim intimidavam-se de a utilizar sem algum contexto; pois ter uma alma grande, nobre, covarde, audaciosa ou vulgar, isso ainda se pode afirmar; mas dizer simplesmente: minha alma, isso não se consegue. Ela é uma palavra característica de pessoas de mais idade, o que só se entende porque presumimos que no curso da vida há de se tornar cada vez mais palpável algo que precisa urgentemente de um nome, sem o encontrarmos, até que por fim se usa, a contragosto, aquela palavra antigamente desprezada.

Como, pois, a descreveremos? Podemos ficar parados ou andar, como quisermos; o essencial não é o que se tem, vê, ouve, quer, agarra, domina logo à frente. A coisa jaz diante de nós como horizonte, como semicírculo; mas as pontas desse semicírculo são ligadas por um tendão, e esse tendão atravessa o mundo no meio. O rosto e as mãos espiam para fora dele, na frente, as emoções e esforços correm adiante dele, e ninguém duvida: o que estamos fazendo é sempre sensato, ou, ao menos, feito com paixão. Quer dizer, as circunstâncias externas condicionam nossas atitudes tornando-as compreensíveis; e quando, tomados de paixão, fazemos algo incompreensível, também isso tem uma estrutura. Por mais que tudo pareça compreensível e acabado, é acompanhado de uma obscura sensação de incompletude. Falta equilíbrio, e o ser humano avança, oscilante, como um aramista. E avançando pela vida, deixando atrás de si coisas vividas, as coisas ainda por viver, e as já vividas, formam uma parede, e o caminho dele finalmente parece o de um verme na madeira, que se pode mover à vontade, até voltar atrás, mas sempre deixa em seu rastro o espaço vazio. E por essa horrenda sensação de um espaço cego e amputado atrás de tudo o que está pleno, por essa metade que sempre falta quando tudo já está inteiro, percebemos finalmente o que é isso que chamamos alma.

Pensamos, pressentimos, sentimos o tempo todo sua presença adicional, nas mais diversas formas de sucedâneos, e conforme o temperamento de cada pessoa. Na juventude, como nítida sensação de insegurança em tudo o que se faz, não sabendo se é certo ou errado. Na velhice, como espanto ao ver como se fez pouco do que na verdade se pretendia. No meio dessas duas fases, como consolo de pensar que se é um sujeito ótimo e capaz, embora nem tudo o que se faça tenha justificativa, ou que o mundo não é como devia ser, de modo que no fim tudo o que se fez de errado acaba se justificando; e por fim, muitas pessoas até pensam num Deus, que carrega no bolso aquele pedacinho que lhes falta. Mas só o amor assume diante de tudo isso uma posição especial; nesse caso excepcional é que cresce a segunda metade. A pessoa

amada parece estar ali onde sempre faltara alguma coisa. As almas se unem por assim dizer dorso a dorso, e com isso se tornam supérfluas. Motivo por que a maioria das pessoas depois de passado o grande amor da juventude já não sente mais falta da alma, e essa pretensa loucura cumpre uma grata missão social.

Nem Diotima nem Arnheim tinham amado até ali. De Diotima, nós o sabemos, mas também o grande financista tinha uma alma casta, em sentido amplo. Sempre tivera medo de que as emoções que despertava nas mulheres não se dirigissem a ele mas a seu dinheiro, por isso só vivia com mulheres a quem também não dava emoções mas dinheiro. Nunca tivera um amigo, porque receava ser explorado, mas apenas companheiros de negócios, ainda que a troca comercial fosse intelectual. Assim, tinha muita experiência da vida, mas era intocado, e corria perigo de solidão quando encontrou Diotima, que lhe fora reservada pelo destino. As forças misteriosas dentro deles encontravam-se. Isso pode-se comparar apenas à passagem dos ventos alísios, à corrente do Golfo, aos tremores vulcânicos da superfície terrestre; forças monstruosamente superiores às dos homens, aparentadas com as estrelas, movimentavam-se de um para outro, para além dos limites da hora e do dia; correntes imensuráveis. Nesses momentos é totalmente indiferente o que se diz. Subindo do friso vertical das calças, o corpo de Arnheim parecia postado na solidão das montanhas imensas; ligada a ele pelo vale, postava-se, do outro lado, Diotima, iluminada de solidão, em seus trajes da moda daquele tempo, com mangas bufantes em cima, disfarçando o peito sobre o estômago com amplas pregas artísticas e cingindo novamente o corpo abaixo do joelho. As contas de vidro da cortina da porta cintilavam como aquários, as lanças e setas nas paredes faziam tremular sua paixão mortal e cheia de plumas, e os volumes amarelos de Calman-Lévy sobre as mesas estavam calados como bosques de limoeiros. Omitiremos respeitosamente as primeiras palavras que os dois trocaram.

#### 46

### IDEAIS E MORAL SÃO O MELHOR MEIO DE PREENCHER O GRANDE VÁCUO A QUE CHAMAMOS ALMA

Arnheim foi o primeiro a se livrar daquele feitiço. Pois, na sua opinião, ficar mais tempo naquele estado não era possível sem decair num ruminar embotado, vazio e sentimental, ou sem inserir debaixo dessa adoração uma sólida estrutura de pensamentos e convicções que, entretanto, já não seriam da mesma natureza dela.

Esse método, que mata a alma mas ao mesmo tempo a conserva em pequenas doses para uso geral, sempre foi a ligação entre ela e a razão, as convicções e as ações práticas, realizada com sucesso por todas as morais, filosofias e religiões. Deus sabe o que é alma, como já se disse acima! Não pode haver dúvida de que o desejo ardente de escutar só a ela deixa livre um espaço imensurável, uma verdadeira anarquia, e temos exemplos de que almas por assim dizer quimicamente puras podem cometer verdadeiros crimes. Em compensação, sempre que uma alma tem moral ou religião, filosofia, formação burguesa mais profunda, e ideais no terreno do dever e do belo, recebe um sistema de preceitos, condições e regulamentos que tem de cumprir antes

de poder pensar em ser uma alma digna de nota; e sua incandescência é dirigida, como a de um alto-forno, para belos moldes de areia.

No fundo restam então apenas questões lógicas de análise, como saber se uma atitude obedece a este ou àquele mandamento; e a alma tem o sereno caráter panorâmico de um campo de batalha depois de terminada a luta, quando os mortos jazem quietos e se pode notar onde ainda se agita ou geme algum pedaço de vida. Por isso, o ser humano realiza o mais depressa que pode essa transição. Quando o atormentam crises de fê, como por vezes acontece na juventude, logo passa a perseguir os descrentes; quando o perturba o amor, ele o transforma em casamento; e se algum outro entusiasmo o domina, ele foge dessa possibilidade de viver sempre no fogo, começando a viver para esse fogo. Isto é, ele enche os muitos momentos de seu dia, cada um dos quais precisa ter conteúdo e impulso, não com um estado ideal mas com a atividade de obter esse estado ideal, ou seja, com os muitos meios para atingir o fim, obstáculos e ocorrências, que lhe asseguram que jamais terá de atingi-lo. Pois só idiotas, doentes mentais e pessoas com idéia fixa conseguem persistir no fogo da alma; o homem saudável tem de se contentar em explicar que a vida não lhe valeria a pena sem uma centelha desse fogo.

A vida de Arnheim era preenchida com atividades; ele era um realista, e escutara com sorriso benevolente, e certa simpatia pela boa postura social dos representantes da velha Áustria, quando na reunião se falara numa sopa dos pobres “Francisco José” e na ligação entre sentimento de dever e marchas militares; estava longe de se divertir à custa dessas idéias, como fizera Ulrich, pois estava convencido de que era preciso muito menos coragem e superioridade para seguir grandes idéias do que para fazer valer, naquelas personalidades de boa aparência, comuns e um tanto ridículas, o comovente cerne do idealismo.

Mas quando, no meio disso tudo, Diotima, estátua grega com encanto vienense, pronunciara o termo Áustria-Universal, expressão tão quente e quase tão humanamente incompreensível quanto uma labareda, alguma coisa o abalara.

Contava-se uma história a respeito de Arnheim. Na sua moradia de Berlim ele tinha uma sala repleta de esculturas barrocas e góticas. Mas a igreja católica (e Arnheim a amava muito) configura seus santos e porta-estandartes do bem geralmente em posturas de êxtase ou encantamento. Os santos morriam em todas as posições e a alma lutava com o corpo como com uma peça de roupa que se espreme depois de lavar para tirar o excesso de água. Os gestos dos braços cruzados como espadas, e os pescoços feridos, retirados de seu ambiente original e reunidos numa sala estranha, pareciam uma reunião de catatônicos num hospício. Sua coleção era muito apreciada, e levava à casa de Arnheim muitos entendidos, com os quais ele mantinha conversas elevadas, mas muitas vezes se sentava sozinho e solitário na sala, e nesses momentos tinha uma sensação muito diferente: espanto misturado com pavor, como diante de um mundo demente. Sentia que originalmente queimava na moral um in-dizível fogo, a cuja vista até um espírito como o seu não podia fazer muita coisa além de encarar fixamente os carvões agora queimados. Essa obscura revelação daquilo que todas as religiões e mitos exprimem dizendo que as leis foram dadas no princípio da humanidade pelos deuses, portanto, a noção de um estado prévio da alma, que não fora muito correto mas ainda assim devia ter agradado aos deuses, formava uma singular fímbria de inquietação ao redor do seu pensamento, habitualmente tão seguro de si.

Arnheim tinha um ajudante de jardineiro, homem muito simples, como ele dizia, com quem seguidamente conversava sobre a vida das flores, porque com um homem desses se aprende mais do que com eruditos. Até que um dia Arnheim descobriu que esse ajudante o roubava. Levava dali, desesperadamente, tudo o que conseguia pegar, e economizava o dinheiro da venda dos objetos roubados para se tornar independente, idéia que o dominava dia e noite; mas uma vez também sumiu uma pequena escultura, e a polícia, chamada, descobriu tudo. Na noite em que Arnheim foi informado dessa descoberta, mandou chamar o homem, e durante horas a fio o censurou por seu descaminho naquela ambição feroz. Dizia-se que ele próprio ficara muito nervoso, e por vezes quase tivera de chorar numa sala escura ao lado. Pois invejava aquele homem, por motivos que não conseguia explicar nem a si mesmo, e na manhã seguinte mandou que a polícia o levasse.

Essa história era confirmada por amigos próximos de Arnheim, e ele tivera uma sensação semelhante desta vez, quando estava sozinho com Diotima numa sala, sentindo em torno das quatro paredes algo que parecia o silencioso braseiro do mundo.

47

ARNHEIM É, NUMA SÓ PESSOA, O QUE TODOS OS DEMAIS SÃO  
SEPARADAMENTE

Nas semanas seguintes o salão de Diotima teve um novo e forte impulso. As pessoas iam até lá saber novidades sobre a Ação Paralela, e para ver o novo homem ao qual, dizia-se, Diotima se entregara, um nababo alemão, um judeu rico, um esquisitão que escrevia poemas, determinava o preço do carvão e era amigo pessoal do Imperador da Alemanha. Não só damas e cavalheiros do círculo do Conde Leinsdorf e da diplomacia apareciam lá, mas também o mundo intelectual e econômico burguês sentia-se muito atraído. Assim, especialistas na língua de Ewe acotovelavam-se com compositores, gente que nunca ouvira sequer falar uns dos outros, gente de tear e de confessionário, pessoas que ouvindo a palavra *curso*\* pensavam em cotação nas corridas, cotação da Bolsa ou curso superior.

E então aconteceu algo inédito: um homem com quem todos podiam falar na sua linguagem, e era Arnheim.

Ele se mantinha afastado das reuniões oficiais, depois da penosa impressão que tivera no começo da primeira, mas também não participava sempre dos encontros sociais, pois ficava muito tempo fora da cidade. Naturalmente não se falara mais no posto de secretário; ele próprio convencera Diotima de que aquela idéia não era conveniente, nem mesmo para ele, e Diotima, que não podia ver Ulrich sem o julgar um usurpador, submetera-se ao julgamento de Arnheim. Ele ia e vinha; enquanto três ou cinco dias passavam como se fossem nada, ele voltava de Paris, Roma, Berlim; o que acontecia com Diotima era apenas um pequeno fragmento da vida dele. Mas ele o preferia ao resto, e o vivia com todo o seu ser.

---

\* Kurs em alemão pode ser curso .cotação, e câmbio .(N. da T.)

Era compreensível que conseguisse falar sobre indústria com grandes empresários, e sobre economia com banqueiros; mas também era capaz de falar com a mesma naturalidade sobre física molecular, mística ou tiro-ao-pombo. Era um orador excelente; quando começava, não parava mais, assim como não se consegue acabar um livro sem ter lido tudo o que quer ser dito nele; mas tinha uma maneira de falar distinta, fluente, quase melancólica, como um regato rodeado de arbustos sombrios, e isso conferia à sua eloquência algo de necessidade. Sua vasta leitura e sua memória realmente eram incomuns; conseguia dizer a peritos as mais sutis deixas sobre a especialidade deles, conhecia também todas as pessoas importantes da nobreza inglesa, francesa e japonesa, e conhecia as hípicas e campos de golfe não apenas da Europa mas da Austrália e América. Assim, até os caçadores de camurças, treinadores de cavalo e donos de camarotes no teatro da Corte, que tinham vindo para ver um judeu rico e amalucado (é uma novidade, uai — diziam em seu dialeto) saíam da casa de Diotima balançando respeitosa e a cabeça.

Sua Alteza certa vez levou Ulrich de lado e lhe disse:

— Sabe, nos últimos cem anos a nobreza teve azar com seus preceptores! Antigamente, eram pessoas das quais boa parte mais tarde entrou nas enciclopédias; e esses preceptores trouxeram professores de música e desenho, que por gratidão faziam coisas que hoje chamamos nossa cultura antiga. Mas desde que existe o novo ensino geral, e pessoas do meu meio, desculpe, conseguem o título de doutor, os mestres-preceptores ficaram ruins. Nossa juventude tem razão ao caçar faisões e javalis, cavalgar e procurar belas mulheres — é natural quando se é jovem; mas antigamente esses professores particulares dirigiam parte dessa força juvenil, mostrando que é preciso cultivar o espírito e a arte como se cultivam faisões, e é isso o que falta atualmente.

Sua Alteza tivera essa idéia, de vez em quando ocorriam-lhe coisas desse tipo; de repente, ele se virou para Ulrich e concluiu:

— Veja, tudo por causa do sinistro ano de quarenta e oito, que separou a burguesia da nobreza, para prejuízo dos dois lados!

Ele olhou, preocupado, os grupos reunidos. Sempre se aborrecia quando nos discursos de oposição no Parlamento os oradores se jactavam da cultura burguesa, e gostaria que a verdadeira cultura burguesa fosse encontrada entre os nobres; mas a pobre nobreza não apreciava essa cultura, para ela uma arma invisível com a qual era ela própria derrotada; e como no curso dos tempos sempre tivesse perdido mais poder, acabava indo à casa de Diotima para ver do que se tratava. Era isso que por vezes sentia o Conde Leinsdorf, com o coração entristecido, ao contemplar aquela agitação; desejava que levassem mais a sério a função que os trazia àquela casa.

— Alteza, a burguesia sente em relação aos intelectuais hoje em dia exatamente o que outrora os nobres sentiam para com os preceptores! — tentou consolar Ulrich. — São pessoas estranhas a ela. Veja só como se espantam com esse Dr. Arnheim.

Mas o Conde Leinsdorf estivera olhando para Arnheim o tempo todo.

— Isso já nem é mais intelecto — disse Ulrich, falando desse espanto —, é um fenômeno, como um arco-íris que se pode pegar pelo pé e apalpar. Fala de amor e finanças, de química e viagens de caiaque, é um erudito, um latifundiário e um homem da Bolsa; em uma palavra, aquilo que todos nós somos separadamente ele é numa só pessoa, por isso nos espantamos. Sua Alteza sacode a cabeça? Mas estou

convencido, foi a nuvem do chamado progresso do tempo, cujo interior ninguém vê, que o colocou aqui diante de nós.

— Não foi por sua causa que sacudi a cabeça — corrigiu Sua Alteza. — Estava pensando no Dr. Arnheim. Analisando tudo, é preciso admitir que se trata de uma personalidade interessante.

## AS TRÊS CAUSAS DA FAMA DE ARNHEIM, E O SEGREDO DO TODO

Mas a pessoa do Dr. Arnheim tinha comumente aquele efeito.

Ele era um homem de grande envergadura.

Sua atividade espalhava-se sobre os continentes da Terra e do saber. Conhecia tudo: os filósofos, a economia, a música, o mundo, os esportes. Expressava-se fluentemente em cinco idiomas. Os mais famosos artistas do mundo eram seus amigos, e ele comprava a arte de amanhã ainda no pé, a preços baixos. Frequentava a corte imperial e também conversava com operários. Possuía uma mansão muito moderna, reproduzida em todas as revistas de arquitetura contemporânea, e um castelo antigo, meio arruinado, no coração da aristocrática Marca, que parecia o berço carcomido do pensamento prussiano.

Raramente esse tipo de amplitude e receptividade é acompanhado de realizações pessoais; mas também nisso Arnheim era uma exceção. Uma ou duas vezes ao ano ele se recolhia em sua propriedade no campo, e lá escrevia as experiências de sua vida intelectual. Esses livros e tratados, dos quais já publicara uma imponente lista, eram muito procurados, tinham grandes tiragens, e estavam traduzidos em várias línguas; pois ninguém confia num médico enfermo, mas as palavras de quem soube cuidar de si mesmo devem conter alguma verdade. Essa era a primeira fonte da sua fama.

A segunda nascia da natureza da ciência. A ciência é muito respeitada entre nós, e com razão; mas dedicar-se à pesquisa da atividade renal, embora certamente preencha uma vida humana, sempre traz momentos, isto é, momentos humanistas, em que nos vemos inclinados a lembrar a relação dos rins com a nação. Por isso cita-se tanto Goethe na Alemanha. Se um acadêmico deseja mostrar especialmente que não é apenas erudito mas também possui um espírito vivo e voltado para o futuro, a melhor maneira de se sair bem é citar textos que não apenas nos honram mas prometem mais honra ainda, como uma ação que está subindo; e nesses casos as pessoas gostavam muito de citar Paul Arnheim. Suas incursões no terreno das ciências, efetuadas para sustentar suas idéias gerais, nem sempre correspondiam a uma exigência mais severa. Mostravam vasta leitura, mas um especialista sempre encontrava nelas aquelas pequenas incorreções e mal-entendidos em que se reconhece tão bem um trabalho amador, como a costura de um vestido feito pela costureira de casa se distingue daquela feita num verdadeiro ateliê. Mas não se acredite que isso impedia os especialistas de admirarem Arnheim. Sorriam, condescendentes; ele os impressionava como algo moderno, um homem comentado por todos os jornais, um rei das finanças; suas realizações, cotejadas com as façanhas intelectuais dos reis antigos, eram bem supe-

riores; e embora pudessem comentar que em suas próprias especialidades não podiam ser comparados a Arnheim, por outro lado ficavam gratos por isso, chamando-o de homem brilhante, genial, ou simplesmente universal, o que entre especialistas é como homens dizerem que uma mulher é bela para o gosto das outras mulheres.

A terceira fonte da fama de Arnheim estava na economia. Ele não se dava mal com os velhos lobos-do-mar experientes; quando precisava combinar algum grande negócio com eles, lograva até mesmo os mais espertos. Não o tinham muito em conta como comerciante, e chamavam-no “príncipe herdeiro”, contrastando com seu pai, cuja língua curta e grossa não sabia ser eloqüente, mas que, em compensação, percebia nos lugares mais distantes e pelos mais sutis sinais onde havia um bom negócio. Eles o temiam e respeitavam; mas quando ouviam das exigências filosóficas que o príncipe herdeiro fazia à classe deles, entremeadas até nas conversas mais objetivas, sorriam. Era famoso por citar poetas nas reuniões de conselho administrativo, insistindo em que a economia não se podia isolar das demais atividades humanas, e só devia ser tratada num contexto com todas as questões da vida nacional, intelectual, sim, até na vida interior. Mas mesmo assim, embora sorrissem, não podiam ignorar totalmente que Arnheim Júnior ocupava cada vez mais a opinião pública exatamente devido a esses ingredientes especiais nos negócios. Ora na seção econômica, ora na política ou cultural dos grandes jornais de todas as nações, apareciam notícias sobre ele, elogios de algum trabalho de sua pena, a reprodução de algum discurso notável, pronunciado em algum lugar, a notícia de que fora recebido por algum governante ou associação de artes; e no círculo dos grandes empresários, que habitualmente agia em silêncio, atrás de portas duplamente fechadas, não havia em breve mais nenhum homem de quem tanto se falasse.

Não se deve acreditar que os presidentes, conselheiros, diretores-gerais e diretores de bancos, siderúrgicas, conglomerados, minas e companhias de navegação comercial, fossem no íntimo pessoas maldosas como muitas vezes se diz. Exceto por seu desenvolvido senso familiar, a razão interior de ser de suas vidas é o dinheiro, e têm portanto dentes sadios e estômago forte. Estavam convencidos de que o mundo seria bem melhor se o deixássemos entregue simplesmente ao jogo livre de oferta e procura, em vez de o entregarmos aos navios de guerra, às baionetas, aos reis, e aos diplomatas desinformados no campo da economia. Mas o mundo é como é, e, por velho preconceito, cavalheirismo e senso público têm cotação mais alta que uma vida dedicada em primeiro lugar aos próprios interesses e só por corolário aos interesses gerais; além disso, incumbências do Estado situam-se moralmente acima das particulares. Assim, eles eram os primeiros a partir desses pressupostos, utilizando amplamente as vantagens que transações aduaneiras armadas ou a intervenção militar contra grevistas representam para o bem público.

Mas por esse caminho os negócios acabavam levando à filosofia, pois hoje em dia só criminosos ainda se atrevem a lesar outras pessoas sem filosofia; habituaram-se portanto a ver em Arnheim Júnior uma espécie de representante do Vaticano dos interesses deles. Apesar da ironia com que consideravam suas inclinações, agradava-lhes terem nele um homem que sabia defender tão bem as necessidades deles numa reunião de bispos quanto num congresso de sociólogos; por fim, ele obteve influência semelhante à de uma bela esposa culta, que não aprecia a eterna atividade de escritório mas ajuda aos negócios do marido porque todos a admiram. Basta agora imaginar o efeito da filosofia de Maeterlinck ou Bergson nas questões do preço do

carvão ou na política de cartelização, para entender como podia ser deprimente o efeito do jovem Arnheim em Paris, Petersburgo ou Cidade do Cabo, nas reuniões de industriais e em escritórios de diretorias, sempre que lá chegava como enviado do pai, e o tinham de escutar do início ao fim. Os resultados para os negócios eram tão importantes quanto misteriosos, e de tudo isso surgira a conhecida fama de homem de extraordinária importância e boa estrela.

Muito mais coisas se poderiam contar do sucesso de Arnheim. Dos diplomatas, que tratavam o terreno para eles estranho mas importante da economia com cautela de homens que precisam cuidar de um elefante não inteiramente confiável, enquanto ele lidava com tudo aquilo com a despreocupação de um guarda nativo. Dos artistas, a quem ele raramente ajudava, mas que mesmo assim tinham a sensação de lidarem com um mecenas. Por fim, dos jornalistas, que teriam até o direito de serem comentados primeiro, pois foram eles que através da sua admiração fizeram de Arnheim um grande homem, sem perceberem que a relação era inversa; pois tinham-lhes colocado uma pulga atrás da orelha, e acreditavam saber tudo melhor que os outros. A forma básica do seu sucesso era a mesma por toda parte; rodeado da aura encantada da sua fortuna, e da fama de sua importância, ele sempre lidava com pessoas que o superavam em seus respectivos terrenos, mas que o apreciavam, como um estranho à especialidade delas, porém com surpreendentes conhecimentos a respeito; e ele as intimidava por representar pessoalmente uma ligação do mundo delas com o dos outros, dos quais não tinham idéia.

Assim, tornara-se da natureza de Arnheim agir, diante de uma sociedade de especialistas, como um todo, um homem global. Por vezes imaginava uma espécie de era weimariana ou florentina da indústria e do comércio, liderada por pessoas fortes que aumentariam o bem-estar de todos, capacitadas a reunir em si realizações isoladas de técnica, ciências e artes, orientando-as de um ponto de vista mais elevado. E sentia ter essa capacidade. Possuía o talento de nunca ser superior aos outros em nada comprovável e detalhado, mas, através de um equilíbrio fluido, renovado a cada instante, ficar na superfície em todas as situações, o que talvez seja o talento básico de um político; além do mais, Arnheim estava convencido de que isso era um profundo mistério. Chamava-o “o mistério do todo”. Pois também a beleza de uma pessoa não consta de detalhes e coisas comprováveis, e sim de um fascinante Algo, que até se serve dos pequenos defeitos; e exatamente assim, a profunda bondade e o profundo amor, a dignidade e a grandeza de uma criatura, são quase independentes daquilo que ela faz; são mesmo capazes de enobrecer tudo o que ela possa fazer. De maneira misteriosa, o todo está à frente dos detalhes, na vida. Portanto, ainda que pessoas comuns sejam feitas de virtudes e erros, o grande homem é que confere categoria às suas qualidades; e se o segredo do seu sucesso for que nenhum de seus méritos ou qualidades explica esse sucesso, a existência de uma força maior do que qualquer de suas manifestações externas é o segredo no qual repousa tudo o que é grande na vida. Arnheim descrevera isso em um de seus livros, e quando o escrevia quase acreditava ter tocado uma prega do manto do sobrenatural, o que deixou transparecer no texto.



## CONTRASTES INICIAIS ENTRE ANTIGA E NOVA DIPLOMACIA

O contato com pessoas cuja especialidade era a nobreza hereditária não constituía exceção. Arnheim punha em surdina a própria distinção e limitava-se com tanta modéstia à nobreza do intelecto que conhece suas vantagens e limites, que depois de algum tempo os portadores de nomes aristocráticos ao lado dele pareciam ter as costas curvadas como operários, de tanto carregarem aquele peso. Foi Diotima quem melhor observou esse fato. Reconheceu o segredo com a intuição de um artista que vê concretizado o sonho de sua vida de um modo que nem ele faria melhor.

Diotima estava totalmente reconciliada com seu salão. Arnheim a prevenia contra uma supervalorização da organização externa: grosseiros interesses materiais dominariam aquela intenção pura; ele dava mais valor ao salão.

O subsecretário Tuzzi, em compensação, manifestou receio de que dessa forma não se superaria jamais o abismo dos palavrórios vazios.

Cruzara as pernas e, sobre elas, as magras mãos morenas cheias de veias; com a barbicha e olhos sulinos, parecia, ao lado de Arnheim, muito ereto no assento e vestindo um terno impecável de tecido macio, um ladrão oriental ao lado de um grande comerciante de Bremen. Ali se chocavam dois tipos de distinção; a austríaca, correspondendo a um gosto variado, dando-se vagos, ares de negligência, não se julgava nada inferior. O subsecretário Tuzzi tinha uma maneira simpática de pedir informações sobre os avanços da Ação Paralela, como se ele próprio não devesse saber diretamente o que acontecia em sua casa.

— Ficaríamos contentes se pudéssemos saber em breve o que está sendo planejado — disse ele, contemplando sua esposa e Arnheim com um sorriso amável, que devia dizer: neste caso, afinal eu sou o estranho aqui. Depois, contou que a obra conjunta de sua mulher e Sua Alteza já causava graves preocupações nos meios oficiais. Durante a última audiência com Sua Majestade, o ministro tentara saber que manifestações exteriores do jubileu poderiam contar com a aprovação do soberano, isto é, em que medida o soberano poderia aprovar o plano de, adiantando-se aos tempos, postar-se à frente de uma ação pacifista internacional. Pois esse seria o único meio, declarou Tuzzi, se quisessem dar forma política à idéia de Sua Alteza sobre uma Áustria universal. Mas Sua Majestade, em sua soberana e conhecida prudência e reserva, continuou ele, teria recusado com energia, dizendo:

“Ah, eu não quero que me botem na frente não”. E não sabiam se isso era, ou não, uma negativa expressa de Sua Majestade.

Assim, delicadamente, Tuzzi expunha com indelicadeza os pequenos segredos da sua profissão, como faz um homem que sabe guardar muito bem os grandes segredos. E concluiu dizendo que agora as embaixadas deviam informar-se da disposição das cortes estrangeiras, porque, se não se tinha segurança da opinião da própria Corte, era preciso conseguir apoio firme em algum lugar. Pois ao fim e ao cabo havia muitas possibilidades, do ponto de vista puramente manual, desde a convocação de uma conferência de paz geral, até uma reunião dos vinte soberanos, ou, em menor escala, a decoração do Palácio de Haia por artistas austríacos, ou uma fundação para

filhos e órfãos de funcionários desse mesmo palácio. E acrescentou uma pergunta: o que a Corte prussiana pensaria desse Ano Jubilar?

Arnheim disse que não sabia. O cinismo austríaco o deixava aborrecido; como falasse com tanta elegância, ficava inibido na presença de Tuzzi, pois queria mostrar que é preciso frieza e seriedade ao falar em assuntos de Estado. Assim defrontavam-se diante de Diotima duas fidalguias antagônicas, dois estilos de vida pública e privada, com um toque de rivalidade. Mas ponha-se um galgo ao lado de um cãozinho de estimação, um salgueiro ao lado de um choupo, um cálice de vinho em cima de um campo arado, ou coloque-se um retrato pintado num barco à vela em vez de o porem numa exposição, alinhem-se lado a lado duas formas sofisticadas e bem marcadas de vida, e entre elas surgirá um vazio, uma anulação mútua, um maligno ridículo abismal. Diotima sentia isso com olhos e ouvidos, sem compreender, e, assustada, deu novo rumo à conversa, explicando ao marido, em tom decidido, que com a Ação Paralela pretendia antes de tudo conseguir algo de grandioso no campo espiritual, e permitir apenas a influência de pessoas realmente modernas!

Arnheim ficou grato vendo que a idéia recuperara sua dignidade, pois exatamente por ter de se defender de certos momentos de devaneio não tinha nenhuma vontade de brincar com o evento que justificava seus encontros com Diotima, assim como um naufrago não brinca com seu colete salva-vidas. Mas para sua própria surpresa, perguntou a Diotima, com alguma dúvida na voz, a quem pretendia colocar no grupo que coordenaria a parte intelectual da Ação Paralela.

Naturalmente, Diotima ainda não tinha certeza; os dias de convívio com Arnheim haviam-lhe dado tal plenitude de sugestões e idéias, que não chegara a colher resultados positivos determinados. Arnheim lhe repetira algumas vezes que não se tratava de uma democracia de comissões, mas de personalidades fortes e abrangentes; diante disso, ela simplesmente sentira: você e eu... embora isso não fosse nem decisão nem idéia clara. Provavelmente era isso que lhe recordava o pessimismo da voz de Arnheim, pois ela respondeu:

— Mas será que hoje existe alguma coisa que se possa chamar de realmente grande e importante, a ponto de se desejar concretizá-la com todas as forças?

— É característica de uma época que perdeu a segurança interior de tempos saudáveis — comentou Arnheim — dificilmente se encontrar nela algo da maior grandeza e importância.

O subsecretário Tuzzi baixara os olhos para um grãozinho de poeira em sua calça, a fim de que pudessem interpretar seu sorriso como concordância.

— Com efeito, o que poderia ser? — prosseguiu Arnheim, sondando. — A religião?

O subsecretário Tuzzi ergueu o rosto sorridente; Arnheim não pronunciara a palavra com tanta certeza e ênfase quanto antes, na presença de Sua Alteza, mas mesmo assim com agradável gravidade.

Diotima reagiu ao sorriso do marido e interveio:

— Por que não? Também a religião!

— Certamente, mas como precisamos tomar uma decisão prática, a senhora já pensou em chamar um bispo para a comissão e pedir-lhe que procure um objetivo atualizado para a ação? Deus nada tem de moderno. Não o conseguimos imaginar de fraque, rosto escanhado e cabelo repartido, mas sempre o vemos como um patriarca. E o que existe, além da religião? A nação? O Estado?

Diotima alegrou-se, porque Tuzzi habitualmente tratava o Estado como assunto de homens, sobre o qual não se fala com mulheres. Ele ficou calado, mas seu olhar revelava que teria mais a dizer sobre o assunto.

— A ciência? — continuava Arnheim. — A cultura? Resta a arte. Realmente, seria ela que deveria espelhar em primeiro lugar a unidade da existência e sua ordem interna. Mas conhecemos bem a imagem que ela nos dá hoje em dia. Uma desintegração geral; extremos sem ligação entre si. Stendhal, Balzac e Flaubert souberam criar a epopéia dessa nova vida social e sentimental mecanizada, enquanto Dostoiévski, Strindberg e Freud descobriram os demônios das camadas subjacentes; nós, homens de hoje, temos a profunda sensação de que nesse campo não sobrou muita coisa para nós fazermos.

Aqui o subsecretário Tuzzi interveio, dizendo que quando desejava ler alguma coisa substancial preferia Homero ou Peter Rosegger. Arnheim aceitou a sugestão:

— Mas deveria acrescentar a Bíblia. Com a Bíblia, Homero e Rosegger ou Reuter, temos o bastante! E também chegamos ao cerne do problema! Suponhamos que temos um novo Homero: perguntemos com um resto de sinceridade se seríamos capazes de o escutar! Acho que devemos dizer não. Não temos um Homero porque não precisamos dele! — Arnheim estava agora na sela, e cavalgava. — Se precisássemos dele, nós o teríamos! Pois afinal, nada de negativo acontece na história universal. O que pode significar o fato de colocarmos no passado tudo o que é grande e importante? Homero e Cristo não apareceram de novo, muito menos foram superados; nada há de mais belo do que o Cântico dos Cânticos; o período gótico e a Renascença postam-se diante dos tempos modernos como montanhas diante de um vale; onde estão hoje grandes figuras de governantes? Como parece fraca a atividade de um Napoleão comparada à dos Faraós, a obra de Kant ao lado da de Buda, a de Goethe diante da de Homero! Mas afinal, estamos vivos, e precisamos viver por alguma coisa. Que conclusão devemos tirar disso? Apenas essa... — aqui Arnheim se interrompeu, assegurando que hesitava em pronunciá-lo, pois sobrava apenas a conclusão de que tudo o que se julgava importante e grande nada tinha a ver com a força mais íntima de nossa vida.

— E essa força, o que é? — perguntou o subsecretário Tuzzi. Também achava que estavam levando as coisas demasiadamente a sério.

— Ninguém pode dizer, hoje em dia — respondeu Arnheim. — O problema da civilização só se resolve com o coração. Com o surgimento de uma nova personalidade. Com o rosto interior, e a vontade pura. A razão só conseguiu reduzir a grandeza do passado até o liberalismo. Mas talvez nós não estejamos vendo bastante longe, e calculemos com medidas demasiado pequenas. Cada minuto pode ser uma virada no mundo!

Diotima queria objetar que então nada sobrava para a Ação Paralela, mas singularmente foi arrebatada pelas sombrias visões de Arnheim. Talvez permanecesse nela um resto daquelas “tarefas escolares enfadonhas” perturbando-a sempre que procurava ler os livros mais recentes e tinha de falar sobre as mais recentes pinturas; o pessimismo em relação à arte a libertou de muitas coisas belas que no fundo não lhe haviam agradado; e o pessimismo em relação à ciência aliviou seu medo da civilização, do excesso de coisas que se deveriam saber, ou que tinham grande influência. Assim, o julgamento desolado de Arnheim sobre a época atual era para ela um bál-

samo, que sentiu inesperadamente. E pelo seu coração passou docemente a idéia de que, de alguma forma, a melancolia de Arnheim tinha a ver com ela.

#### NOVOS ACONTECIMENTOS. O SUBSECRETÁRIO TUZZI DECIDE INFORMAR-SE BEM SOBRE A PESSOA DE ARNHEIM

Diotima acertara. Desde o momento em que Arnheim percebera que o peito daquela magnífica mulher que lera seus livros a respeito da alma era movido por uma força evidente, fora vítima de uma timidez que lhe era estranha. Para dizer isso com brevidade, e conforme ele mesmo sentia, era a timidez do moralista a quem de repente, sem esperar, se apresenta o céu na terra; e se queremos entender seu sentimento, basta imaginar como seria se ao redor de nós não houvesse senão essa tranqüila poça azul com alvas plumas macias boiando.

Em si, o ser moral é ridículo e desagradável, como o cheiro daquelas pobres pessoas resignadas que nada possuem de seu exceto a moral; a moral precisa de grandes tarefas que lhe confirmem importância, por isso Arnheim procurara o complemento de sua natureza moralista apenas nos acontecimentos mundiais, na história universal, na fundamentação ideológica de seus atos. Sua idéia predileta era introduzir o pensamento nas esferas do poder, e só tratar de negócios relacionando-os com problemas intelectuais. Gostava de tirar comparações da História para enchê-las de uma nova vida; o papel das finanças nos tempos atuais lhe parecia semelhante ao da Igreja Católica, como uma força que age ao fundo, a um tempo flexível e inflexível nas suas relações com as forças dominantes, e por vezes ele em sua própria atividade se sentia como um cardeal. Mas dessa vez viajara por capricho; e embora nunca viajasse apenas por capricho, não conseguia lembrar como tivera o plano de viajar, que aliás fora um plano significativo. Aquela sua viagem era dominada por algo parecido com inspiração imprevista, e súbita decisão, e provavelmente era essa pequena condição de liberdade que fazia com que uma viagem de férias para Bombaim dificilmente tivesse efeito mais exótico do que ir àquela cidade alemã de fora. A idéia totalmente impossível na Prússia, de que ele seria convidado a desempenhar algum papel na Ação Paralela, completara o quadro, conferindo-lhe um caráter ilógico e fantástico, como um sonho cujo contra-senso não escapava à sua inteligência prática, sem que esta fosse capaz de romper o fascínio da fantasia. Provavelmente ele poderia ter conseguido de maneira muito mais simples, por caminhos diretos, o objetivo daquela vinda; mas encarava como férias da razão voltar para lá repetidamente, e seu espírito de homem de negócios o punia por aquela viagem à fantasia, fazendo com que o conceito péssimo que deveria atribuir a si mesmo no campo da ética se desfizesse num “mediocre” cinzento.

Não houve uma segunda oportunidade para uma reflexão tão vasta sobre as trevas como naquela ocasião diante de Tuzzi; já porque de hábito o subsecretário Tuzzi só aparecia muito rapidamente, e Arnheim tinha de dividir sua atenção entre as mais diversas personalidades, que achava extraordinariamente receptivas naquele belo país. Na presença de Sua Alteza, declarava que a crítica era estéril e os tempos atuais dessacralizados, dando a entender mais uma vez que o ser humano só poderia se salvar

de uma existência tão negativa através do coração; e acrescentou, para Diotima, que só no Sul da Alemanha, região culta, ainda se era capaz de libertar a natureza alemã, e assim talvez o mundo, dos excessos do racionalismo e da mania das cifras. Rodeado de damas, ele falava sobre a necessária ternura interior para salvar a humanidade das corridas armamentistas e do materialismo. A um grupo de profissionais explicava a frase de Hölderlin, de que na Alemanha não havia mais pessoas, só profissões.

— E ninguém pode fazer nada de importante em sua profissão, se não tiver sensibilidade para uma unidade mais elevada; muito menos um financista! — concluiu.

As pessoas gostavam de escutá-lo porque era bonito que um homem com tantas idéias também tivesse tanto dinheiro; e o fato de que todos que falavam com ele saíssem com a impressão de que uma empresa como a Ação Paralela era altamente suspeita, ligada às mais perigosas contradições espirituais, fortalecia em todos a idéia de que ninguém senão ele seria adequado para assumir a direção daquela aventura. O subsecretário Tuzzi não seria, discretamente, um dos diplomatas mais importantes do seu país, se não tivesse percebido a presença forte que Arnheim era em sua casa; apenas não conseguia atinar o que significava. Mas nada demonstrava, pois um diplomata jamais mostra o que pensa. Aquele estranho lhe era extremamente desagradável, pessoalmente mas também por uma razão de princípios; e o fato de ter obviamente escolhido a casa de sua mulher como campo de operações para seja lá que intenção secreta tivesse era um desafio para Tuzzi. Ele não acreditara nem um instante nos protestos de Diotima, de que o nababo só visitava tão seguidamente a cidade imperial junto ao Danúbio por se sentir bem naquela cultura antiga, mas deparava com uma tarefa para cuja solução lhe faltava qualquer ponto de apoio, pois em sua vida profissional jamais encontrara homem como aquele.

Quando Diotima lhe explicara seu plano de dar a Arnheim uma posição liderante na Ação Paralela, queixando-se da resistência de Sua Alteza nesse sentido, Tuzzi ficara profundamente chocado. Não tinha grande conceito da Ação Paralela nem do Conde Leinsdorf, mas achara a idéia de sua mulher tão espantosamente desprovida de tato político, que sentiu o prolongado trabalho de educação masculina, que até ali pensara ter realizado com sucesso, desmoronar como um castelo de cartas. Secretamente o subsecretário Tuzzi até usara essa comparação, embora não se permitisse comparações: eram literárias demais e cheiravam a baixa posição social; mas dessa vez estava muito abalado.

Depois disso, porém, Diotima foi melhorando sua posição, pela teimosia. Era docemente agressiva, falava de uma nova espécie de gente que não pode deixar a responsabilidade espiritual da história universal na mão dos líderes profissionais. Falara do tato feminino, que muitas vezes pode ter um dom visionário, contemplando regiões mais amplas do que aquelas vistas no ambiente do trabalho profissional cotidiano. Por fim, disse que Arnheim era europeu, um espírito conhecido em toda a Europa, que na Europa a direção dos negócios de Estado se fazia de modo bem pouco europeu e pouco espiritual, e que o mundo só teria paz quando um espírito austríaco universal o impregnasse como a velha cultura austríaca a enroscar-se em torno dos vários ramos que, no solo da monarquia, falavam idiomas diferentes.

Ela jamais se atrevera a contrariar tão decididamente a autoridade do marido, mas o subsecretário Tuzzi se tranqüilizara provisoriamente, pois nunca dera às ambições da mulher mais importância do que a problemas de roupa. Ficava feliz quando

outros a admiravam, e agora encarava aquele problema de maneira mais branda, mais ou menos como se faz quando uma mulher que gosta de roupas coloridas escolheu um enfeite colorido demais. Limitou-se a lhe repetir, sério e cortês, os motivos por quê, no mundo dos homens, parecia absurdo confiar a um prussiano, diante de todo mundo, a decisão de questões austríacas; mas de resto concordou em que poderia ser vantajoso ser amigo de um homem de tão singular posição, e assegurou a Diotima que ela estaria interpretando mal os escrúpulos dele se pensasse que ele não gostava de ver Arnheim ao lado dela sempre que possível. Secretamente, esperava conseguir assim a oportunidade de preparar uma armadilha para aquele intruso.

Só quando viu como Arnheim obtinha sucesso por toda parte Tuzzi voltou a achar que sua mulher andava ligada demais a esse homem; mais uma vez, viu que ela não ligava como antes aos desejos do marido, contradizendo-o e declarando que suas preocupações eram quimeras. Ele decidiu não brigar com a dialética feminina, mas aguardar a hora em que suas previsões haveriam de triunfar por si; teve porém um grande choque. Pois certa noite sentiu-se inquieto com alguma coisa que lhe pareceu um choro distante; no começo, isso mal o perturbou, ele simplesmente não entendia, mas de tempos em tempos, da distância, sua alma se aproximava um pouco mais daquilo; e súbito, aquela ameaçadora inquietação estava ali, junto de seu ouvido, e ele despertou tão de repente que se sentou na cama. Diotima estava deitada de lado, não se movendo, mas ele sentiu que estava acordada. Chamou-a pelo nome, baixinho, e repetiu o chamado, tentando virá-la para si, tocando com dedos ternos seu ombro branco. Mas quando a virou e seu rosto apareceu no escuro por cima daquele ombro, tinha uma expressão maligna, expressava hostilidade, e tinha chorado. Infelizmente o sono profundo logo dominara Tuzzi outra vez, puxando-o de trás, teimosamente, para os travesseiros, e o rosto de Diotima ficara pairando apenas como um semblante dolorido e desfeito, que eleja não entendia mais.

— Mas o que foi? — resmungou ele no tom abafado de quem adormece, e recebeu uma resposta clara, irritada, desagradável, que caiu na embriagues de seu sono, permaneceu pousada ali como uma moeda brilhante dentro da água:

— Você se mexe tanto no sono, que ninguém consegue dormir ao seu lado! — disse Diotima, em tom nítido e áspero; o ouvido dele registrou, mas no mesmo momento Tuzzi saiu da vigília sem poder refletir mais na censura.

Apenas sentiu-se gravemente injustiçado. Dormir tranquilamente era, na sua opinião, uma das virtudes do diplomata, pois era condição de qualquer sucesso. Não gostava de ser ofendido nesse terreno, e sentiu-se seriamente questionado por aquele comentário. Compreendeu que ela estava mudada. Nem mesmo no sono ocorreu-lhe suspeitar que sua mulher fosse realmente infiel, mas não duvidou de que aquele aborrecimento pessoal tinha algo a ver com Arnheim. Dormiu até de manhã, por assim dizer furiosamente, e acordou com firme decisão de informar-se sobre essa pessoa tão incômoda.

## A FAMÍLIA HSCHEL

O diretor Fischel, do Banco Lloyd, era aquele diretor de banco, ou, melhor, procurador com título de diretor, que incompreensivelmente se esquecera de responder ao convite do Conde Leinsdorf, e depois não fora mais convidado. E mesmo aquele primeiro convite, devia-o somente às relações de sua esposa Clementina. Clementina Fischel vinha de uma antiga família de funcionários, seu pai fora presidente do Supremo Tribunal de Contas, seu avô conselheiro de Finanças, e três de seus irmãos tinham altos postos em vários ministérios. Ela se casara com Leo há vinte e quatro anos, por dois motivos: primeiro, porque famílias de altos funcionários costumam ter mais filhos do que fortuna, e segundo por romantismo, porque diante das limitações financeiras dos pais o banco lhe parecia uma profissão mais liberal e moderna, e uma pessoa culta do século XIX não julgava o valor de outra por ser ele judeu ou católico; naquele tempo, ela achava que era uma postura culta ignorar o ingênuo preconceito anti-semita do povo comum.

Mais tarde a pobre sentiria que em toda a Europa crescia o espírito nacionalista, e com ele uma onda de hostilidade aos judeus, que transformara seu marido, por assim dizer nos braços dela, de um respeitado espírito liberal no espírito corrosivo de um descendente de alienígenas. No começo ela reagira a isso com toda a raiva de um “coração superior”, mas com os anos fora esmagada por aquela hostilidade ingenuamente cruel, cada vez mais abrangente, e ficou intimidada pelo preconceito generalizado. Diante das desavenças cada vez mais fortes entre ela e o marido — quando ele, por motivos que nunca lhe queria explicar direito, jamais subira acima do posto de procurador, perdendo toda a esperança de vir a ser um verdadeiro diretor de banco — ela própria explicava, dando de ombros, que a mágoa era porque o caráter de Leo era estranho ao dela, embora jamais negasse diante de estranhos os princípios de sua juventude.

No fundo, essas discordâncias não passavam de falta de concordância, como em muitos casamentos a infelicidade surge assim que deixou de existir uma felicidade deslumbrante. Desde que a carreira de Leo estagnara no posto de corretor da Bolsa, Clementina não conseguia mais desculpar algumas das singularidades do marido, dizendo que ele não estava no ramerrão de um escritório de ministério, mas no “veloz tear do tempo”; quem sabe se ela não se casara com Leo exatamente por essa citação de Goethe? Suas suíças bem cortadas, que sempre a faziam pensar, com o pincenê acavalado no meio do nariz, em um lorde inglês, agora lhe recordavam o rosto de um especulador da Bolsa, e alguns hábitos no gesticular ou falar começavam a lhe parecer insuportáveis. No início, Clementina tentou corrigir o marido, mas deparou com dificuldades extraordinárias, pois viu que em lugar algum do mundo existe um critério para se saber se suíças lembram um lorde ou um corretor, e se o pincenê tem um lugar certo no nariz, e, junto com um gesto de mãos, revelam entusiasmo ou cinismo. Além disso, Leo Fischel não era homem que se deixasse corrigir. Explicava que as críticas que pretendiam transformá-lo no ideal de beleza cristão-germânico de um conselheiro ministerial eram bobagens mundanas, e recusava as censuras dela como coisas indignas de um homem sensato, pois quanto mais sua esposa se prendia

a detalhes, mais ele acentuava as grandes linhas da razão. Com isso, a família Fischel aos poucos se transformou no campo de batalha de duas filosofias de vida.

O diretor Fischel do Banco Lloyd gostava de filosofar, mas só dez minutos ao dia. Gostava de reconhecer a existência humana como algo racionalmente fundamentado, acreditava em sua rentabilidade espiritual, que imaginava à semelhança da ordem bem estruturada de um grande banco, e diariamente lia com satisfação sobre novos avanços nos jornais. Essa fé nas diretrizes inabaláveis da razão e do progresso lhe tinha possibilitado há muito tempo superar as críticas da mulher com um dar de ombros ou uma resposta cortante. Mas como a desgraça tivesse querido que, no curso desse casamento, o mundo se afastasse dos velhos princípios de liberalismo, favoráveis a Leo Fischel, dos grandes ideais do livre pensamento, da dignidade humana, do livre comércio, e no mundo ocidental a razão e o progresso fossem suplantados pelas teorias raciais e os lemas demagógicos, também ele foi atingido. No começo, simplesmente negara isso, assim como o Conde Leinsdorf costumava negar certos “fenômenos desagradáveis, indesejáveis, de caráter público”; aguardava que sumissem por si, e essa espera é o primeiro, imperceptível grau da tortura do aborrecimento que a vida impõe às pessoas honestas. O segundo grau chama-se habitualmente, por isso também no caso de Fischel, de “veneno”. O veneno é o gotejar lento de novos conceitos em moral, arte, política, família, livros, jornais e relações humanas, acompanhado de um sentimento impotente de inevitabilidade, e da indignada negativa de que eles existem, o que implica reconhecer sua existência. O diretor Fischel não foi poupado do terceiro e último grau, quando os frêmitos e ondas do *novo* se adensam numa chuva constante e com o tempo tornam-se o mais pavoroso martírio que alguém pode suportar quando tem apenas dez minutos diários para dedicar à filosofia.

Leo aprendeu que o ser humano pode ter opiniões diversas em muitas coisas. A necessidade de ter razão, que significa quase o mesmo que ter dignidade, começou a celebrar orgias na família Fischel. Essa necessidade provocou no curso dos séculos o surgimento de milhares de filosofias, obras de arte, livros, ações e associações partidárias; e quando esse admirável mas fanático e tremendo impulso, inato à natureza humana, tem de se contentar com dez minutos de filosofia de vida, ou discussões sobre os problemas triviais da vida doméstica, é inevitável que estoure como uma gota de chumbo incandescente em incontáveis pontas e dentes que podem causar as mais dolorosas feridas. Estourava quando se resolvia se deviam ou não despedir uma empregada, se deviam ou não colocar palitos na mesa; mas, seja o que for o que a levava a estourar, tinha a capacidade de se recompor imediatamente em duas filosofias de vida inesgotavelmente ricas em detalhes.

Durante o dia, quando o diretor Fischel estava no escritório, isso não tinha tanta importância, mas de noite era apenas uma pessoa, e isso piorava incrivelmente a situação entre ele e Clementina. No fundo, com a atual complicação das coisas, uma pessoa só consegue entender bem de um assunto; e no caso dele eram empréstimos e papéis. Por isso, à noite tendia a mostrar certa indulgência. Clementina, em contrapartida, também então continuava áspera e severa, pois crescera no ambiente sério e estável de uma família de funcionários públicos, além do que a consciência de sua posição social não permitia a idéia de quartos de dormir separados, para não diminuir ainda mais a moradia já insuficiente. Mas quartos de dormir comuns, quando escuros, colocam o homem na situação de um ator que, diante da platéia invisível, precisa desempenhar o papel grato mas já tão gasto de herói que imita um leão feroz.



Há anos a escura platéia de Leo não manifestava nem o menor aplauso nem sinal de repúdio, e pode-se dizer que isso abala até os nervos mais fortes. De manhã, no café, que segundo honrada tradição tomavam juntos, Clementina estava dura como um cadáver congelado, e Leo tremia de irritação. Até a filha Gerda percebia alguma coisa e, cheia de horror e amargo desgosto, imaginava a vida matrimonial como uma briga de cão e gato na escuridão da noite.

Gerda tinha vinte e três anos e era o motivo predileto de brigas entre os genitores. Leo Fischel achava que estava na hora de ela pensar num bom casamento. Mas Gerda dizia:

— Meu caro papai, você é muito antiquado. — E sempre escolhia seus amigos num bando de camaradas da mesma idade, germano-cristãos, que não lhe ofereciam a menor previsão de sustento, que desprezavam o capital e ensinavam que nunca um judeu tivera capacidade de ser um grande símbolo para a humanidade. Leo Fischel chamava-os de patifes anti-semitas, e queria proibir-lhes a entrada em sua casa, mas Gerda dissera:

— Papai, você não entende disso, é apenas uma coisa simbólica. — Era nervosa, anêmica, e ficava logo irritada quando não era tratada com muita cautela. Por isso Fischel tolerava aquele convívio como outrora Odisseu tivera de tolerar em sua casa os pretendentes de Penélope, pois Gerda era o raio de sol de sua vida; mas não tolerava isso calado, pois não era de sua natureza. Pensava saber o que eram moral e grandes idéias, e dizia isso em todas as oportunidades, para exercer uma boa influência sobre Gerda.

Ela sempre respondia:

— Sim, papai, você teria toda a razão, se não se devesse encarar esse assunto de modo fundamentalmente diferente do seu!

E o que fazia Clementina quando Gerda falava daquele jeito? Nada! Calava-se com o ar resignado, mas Leo estava certo de que apoiaria a vontade de Gerda, atrás das costas dele, como se *ela* soubesse o que eram símbolos! Leo Fischel sempre tivera todos os motivos para supor que sua boa cabeça judia era superior à da esposa, e nada o deixava mais indignado do que observar que ela se aproveitava das maluquices de Gerda. Por que ele de repente já não seria capaz de pensar de maneira moderna? Que idéia! Então lembrava-se da noite. Aquilo já não era desonra; era arrancar a honra pela raiz! De noite a pessoa veste só um camisolão, logo por baixo aparece o caráter. Nem esperteza nem conhecimentos profissionais o protegiam. Toda a sua personalidade em jogo. Nada mais. O que significava, então, Clementina fazer cara de quem o considerava um selvagem, quando se falava em idéias germano-cristãs?

Mas o ser humano suporta tão pouco a suspeita quanto papel de seda suporta chuva. Desde que Clementina não achava mais Leo bonito, achava-o insuportável, e desde que Leo sentia que Clementina duvidava dele, pensava ver em todas as ocasiões algum complô familiar. Mas Clementina e Leo, como todo mundo formado com moral e literatura, prendiam-se ao preconceito de que dependiam um do outro por suas paixões, caracteres, destinos e ações. Na verdade, naturalmente mais da metade da vida consta, não de ações mas de teses cujas idéias assimilamos, de opiniões e objeções, da impessoalidade acumulada de tudo o que se ouviu dizer ou se sabe. O destino do casal dependia em boa parte de uma estratificação sombria, dura, desordenada, de pensamentos que não eram deles mas da opinião pública, e com ela tinham mudado sem que eles pudessem se defender.

Diante dessa dependência, a dependência pessoal mútua era apenas uma parcela insignificante, um resto insensatamente supervalorizado. E enquanto se metiam na cabeça que tinham uma vida particular, questionando-se reciprocamente quanto a caráter e vontade, a desesperada dificuldade de tudo residia exatamente na irreabilidade dessa disputa, que disfarçavam com toda a sorte de mágoas.

Para desgraça de Leo Fischel ele nem jogava cartas nem se divertia com mocinhas bonitas, mas, vindo do serviço cansado, entregava-se como vítima a um forte senso de família, enquanto sua mulher, sem nada para fazer dia e noite senão formar o seio daquela família, já não se iludia com nenhuma fantasia romântica. De vez em quando Leo tinha a sensação de uma sufocação impalpável que o ameaçava de todos os lados. Era uma eficiente pequena célula no corpo social, cumpria bravamente seu dever, mas recebia de toda parte fluidos venenosos. E embora isso pairasse muito acima da sua necessidade de filosofia, abandonado pela companheira de vida, já homem idoso que não reconhece motivo de largar a moda sensata da sua juventude, começou a pressentir a profunda nulidade da vida espiritual, sua insubstancialidade, a constante troca de formas, o lento mas incessante giro que vai arrastando todas as coisas.

Numa dessas manhãs em que seu pensamento estava entretido com problemas familiares, Fischel esquecera de responder o convite de Sua Alteza, e, depois disso, ouviu por manhãs seguidas descrições dos acontecimentos no círculo da esposa do subsecretário Tuzzi, que o faziam lamentar profundamente não ter percebido aquela oportunidade de Gerda entrar na melhor sociedade. O próprio Fischel não tinha consciência muito limpa, pois o seu diretor-geral e o presidente do Banco do Estado estavam nesse meio, mas é sabido que negamos mais veementemente aquelas acusações que mais nos deixam divididos entre inocência e culpa. Mas todas as vezes que, com a superioridade de um homem de ação, Fischel tentava rir daquela ação patriótica, explicavam-lhe que um financista que estava à altura de seu tempo, como Paul Arnheim, pensava de outro modo. Era de espantar tudo o que Clementina, e também Gerda — que, naturalmente, de hábito contrariava os desejos da mãe — conseguiam saber sobre aquele homem; e como também na Bolsa se contasse muita coisa singular a respeito dele, Fischel sentiu-se levado à defensiva, pois não podia partilhar daquelas opiniões nem queria afirmar que um homem com aquelas relações comerciais não deveria ser levado a sério.

Mas, quando Fischel se sentia obrigado a tomar a defensiva, esta assumia a forma muito apropriada de uma contramina, isto é, ele calava-se, impenetrável, diante de todas as alusões relacionadas com a família Tuzzi, Arnheim, a Ação Paralela e seu próprio fracasso; colhia informações a respeito da estadia de Arnheim, e secretamente aguardava algum acontecimento que desmascarasse de um golpe a nulidade daquele empreendimento, e desfizesse a alta cotação familiar daquele assunto.

## O SUBSECRETÁRIO TUZZI CONSTATA UMA FALHA NO FUNCIONAMENTO DE SEU MINISTÉRIO

O subsecretário Tuzzi teve, logo depois de sua decisão de informar-se sobre a pessoa do Dr. Arnheim, a satisfação de descobrir uma grave falha na estrutura do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, que constituía o centro de sua atenção: ele não estava preparado para pessoas como Arnheim. O próprio Tuzzi lia apenas memórias, a Bíblia, Homero e Rosegger no terreno da literatura, e vangloriava-se um pouco disso, porque o impedia de se dispersar demais; mas reconheceu que era uma falha não encontrar em todo o Ministério do Exterior um homem que tivesse lido algum livro de Arnheim.

O subsecretário Tuzzi tinha direito de convocar os outros chefes de seção, mas na manhã após aquela noite agitada pelas lágrimas ele se dirigira ao chefe do departamento de imprensa, julgando que não se poderia atribuir àquela entrevista sentido oficial. O chefe do departamento de imprensa admirou o subsecretário Tuzzi pelos muitos detalhes da personalidade de Arnheim que já conhecia, admitiu já ter ouvido falar nele, mas logo negou que estivesse arquivado em seu departamento, pois, que se lembrasse, ele jamais fora objeto de algum relatório oficial, e compreensivelmente o material jornalístico que coletava não podia abranger todas as manifestações de pessoas privadas. Tuzzi concordou com isso, mas comentou que hoje em dia nem sempre se podia determinar com clareza o limite entre importância privada ou pública das pessoas e dos acontecimentos, o que o chefe do departamento de imprensa considerou de grande clareza de visão; e depois disso, os dois chefes de seção concordaram em que estavam diante de uma lacuna bem interessante do sistema.

Era evidentemente uma manhã de certa calma na Europa, pois os dois chefes de seção mandaram vir o chefe de gabinete e disseram que preparasse uma pasta com o nome *Arnheim, Dr. Paul*, embora de momento continuasse vazia. Depois do chefe de gabinete vieram o diretor do arquivo de documentos, e do arquivo de recortes de jornal, que foram capazes de dizer imediatamente de cabeça e irradiando eficiência, que um Arnheim não estava registrado em seus departamentos. Por fim, mandaram vir ainda um dos jornalistas do ministério que diariamente deviam folhear os jornais e apresentar recortes aos chefes, e todos fizeram caras significativas quando lhes perguntaram sobre Arnheim, assegurando que ele era citado freqüentemente e em tom favorável nos jornais que liam, mas não conseguiram dizer nada sobre o conteúdo dos textos dele, porque, como puderam informar imediatamente, a atividade dele não estava incluída nas tarefas dos boletins oficiais. O funcionamento impecável da maquinaria do Ministério do Exterior comprovava-se a um apertar de botão, e todos os funcionários saíram da sala com a sensação de terem provado muito bem sua capacidade.

— É bem como eu lhe disse — comentou o chefe do departamento de imprensa virando-se para Tuzzi, satisfeito —, ninguém sabe coisa alguma.

Os dois chefes de seção tinham escutado os relatórios com sorriso digno, sentados — preparados para a eternidade por aquele ambiente, como moscas no âmbar — em magníficas poltronas de couro sobre um tapete vermelho macio, atrás das cortinas

vermelho-escuras das altas janelas da sala branca e dourada que vinha dos tempos de Maria Teresa, e reconheceram que a falha no sistema, que pelo menos haviam descoberto, era difícil de preencher.

— No departamento — disse o chefe com orgulho — se registra toda a manifestação pública; mas é preciso delimitar o conceito de público. Posso garantir que se encontrará em dez minutos em nossos arquivos cada aparte feito por um deputado em qualquer sessão no ano em curso, e cada aparte dos últimos dez anos em no máximo meia hora, tratando-se de política externa. Isso vale para qualquer artigo sobre política em jornal; os meus funcionários trabalham escrupulosamente. Mas são manifestações palpáveis, por assim dizer responsáveis, relacionadas com acontecimentos sólidos, poderes e conceitos firmes. E se eu me perguntar, do ponto de vista exclusivamente profissional, em que categoria o funcionário que faz os resumos ou o catálogo deve registrar algum ensaio de alguém que fala só em seu próprio nome... por exemplo, a quem posso citar?

Tuzzi, solícito, citou o nome de um dos mais jovens escritores que freqüentavam o salão de Diotima.

O chefe do departamento de imprensa ergueu os olhos para ele, inquieto e com ar de quem não ouve bem.

— Pois então, que seja esse; mas qual o limite entre aquilo que se deve levar em conta e o que se omite? Já houve até poemas políticos. Deveríamos registrar todos os fazedores de versinhos...? Ou quem sabe só autores do Burgtheater...

Os dois riram.

— Como se pode detectar o que essa gente quer dizer, ainda que fossem Schiller e Goethe? Naturahnente sempre tem algum sentido mais elevado, mas para objetivos práticos eles se contradizem a toda hora.

Os dois cavalheiros entendiam que corriam perigo de se esforçar por alguma coisa “impossível”, tomando a palavra também com aquele sabor de ridículo social para o qual diplomatas são tão sensíveis.

— Não se pode agregar ao ministério um estado-maior inteiro de críticos de livros e teatro — constatou Tuzzi, sorrindo. — Mas, por outro lado, já que percebemos isso, não se pode negar que essas pessoas têm lá sua influência na formação das idéias dominantes no mundo, e que dessa maneira também influenciam a política.

— Mas isso não se faz em nenhum ministério do exterior do mundo — disse o outro, vindo em seu auxílio.

— Certamente. Mas água mole em pedra dura tanto dá até que fura. — Tuzzi achou que a citação expressava muito bem certo perigo. — Talvez se devesse tentar organizar alguma coisa?

— Não sei, tenho escrúpulos — disse o outro chefe de seção.

— Eu também, é claro! — acrescentou Tuzzi. Ao fim dessa entrevista estava com uma sensação incômoda, como se tivesse língua pastosa, e não conseguia discernir direito se era tolice o assunto de que falara, ou se ainda acabaria sendo fruto daquela sagacidade que o tornara famoso. Também o chefe do departamento de imprensa não conseguia distinguir isso, portanto os dois asseguraram um ao outro que mais tarde voltariam a falar no caso.

O chefe do departamento de imprensa deu ordem de encomendarem a obra completa de Arnheim para a biblioteca do setor, a fim de que o assunto não ficasse no ar,

e o subsecretário Tuzzi dirigiu-se a um setor político, onde solicitou que pedissem à embaixada em Berlim um relatório completo sobre a pessoa de Arnheim. Era a única coisa que lhe restava fazer naquele momento, e antes que esse relatório chegasse só havia sua esposa para informá-lo sobre Arnheim, o que se tornara muito desagradável. Lembrou-se da frase de Voltaire, de que as pessoas empregam palavras para esconder seus pensamentos, e utilizam pensamentos para fundamentar seus erros. Certo, isso sempre fora diplomacia. Mas uma pessoa falar e escrever tanto quanto Arnheim para esconder suas verdadeiras intenções com palavras o inquietava como uma coisa nova, que precisava desvendar.

### MOOSBRUGGER É LEVADO A OUTRA PRISÃO

O assassino de prostitutas Christian Moosbrugger fora esquecido poucos dias depois de cessarem as notícias de jornal sobre o seu processo, e a excitação pública se dirigira a outros assuntos. Só um círculo de peritos ainda se ocupava dele. Seu defensor apresentara recurso da sentença, pedira novo exame de seu estado mental, e fizera mais algumas coisas: a sentença fora adiada por tempo indefinido, e levaram Moosbrugger a outra prisão.

A cautela empregada nesse procedimento o lisonjeava; espingardas carregadas, muita gente, algemas de ferro em braços e pernas. Davam-lhe atenção, tinham medo dele, e Moosbrugger gostava disso. Quando entrou no camburão, olhou em torno esperando admiração, e espiou os rostos espantados dos passantes. Vento frio soprando rua abaixo agitou seu cabelo encacheado, ar puro o atordoou. Por dois segundos; depois um policial lhe deu um empurrão no traseiro, para o meter dentro do carro.

Moosbrugger era vaidoso; não gostava de ser empurrado assim; receava que os guardas poderiam dar-lhe encontrões, gritar com ele ou rir dele; o gigante algemado não ousou encarar os que o levavam, e escorregou, voluntariamente, até o canto do carro.

Mas não tinha medo da morte. É preciso suportar muitas coisas na vida, que certamente doem mais do que ser enforcado, e se vivermos uns anos a mais ou a menos é fato sem a menor importância. O orgulho passivo de um homem que fica muito tempo preso proibia-lhe de ter medo do castigo; mas mesmo fora isso não era apegado à vida. O que poderia amar na vida? Não o vento de primavera ou as estradas amplas, ou o sol; isso apenas dá cansaço, calor, poeira. Ninguém que conheça isso realmente o aprecia. “Poder dizer”, pensou Moosbrugger, “ontem comi um excelente assado de porco na taverna ali na esquina!” Seria bem melhor. Mas também a isso se podia renunciar. O que o teria alegrado seria satisfazer sua vaidade, mas essa sempre se chocara contra os tolos insultos dos outros. Através do banco do carro seu corpo recebia o balanço desordenado das rodas; além das grades da porta, passavam em disparada as pedras do calçamento, caminhões ficavam para trás, por vezes homens, mulheres ou crianças cambaleavam atravessando as grades, um fiacre chegava de longe, crescia, aproximava-se mais, começava a irradiar movimento como uma bi-

gorna de ferreiro solta fagulhas, as cabeças dos cavalos pareciam querer rebentar a porta, depois o matraquear dos cascos e o som macio das rodas de borracha passavam ao longo da parede. Moosbrugger virou lentamente a cabeça para trás e fitou novamente o teto, no canto onde ele se encontrava com a parede. O ruído da rua bramia, reboava; estendia-se como um pano sobre o qual passava rápida, aqui e ali, a sombra de algum incidente. Moosbrugger considerava aquela viagem apenas uma mudança, sem prestar muita atenção ao seu significado. Entre suas sombrias e quietas fases de prisão corria um quarto de hora de tempo impenetravelmente branco e espumante. Era assim que, aliás, sempre sentira a sua liberdade. Nada de particularmente belo. “Essa história da última refeição”, pensou, “do padre na cadeia, do carrasco e do quarto de hora antes de tudo acabar, não há de ser muito diferente disto; também se há de dançar sobre rodas, para diante, será preciso cuidar o tempo todo para não escorregar do banco com os solavancos, e não se poderá ver nem ouvir muita coisa, porque as pessoas estarão saltando ao redor. Deve ser a coisa mais sensata descansar de tudo isso, finalmente!”

A superioridade de um homem que se libertou do desejo de viver é enorme. Moosbrugger lembrou-se do comissário que o interrogara pela primeira vez na polícia. Fora um homem distinto, que falava baixo.

— Veja, Sr. Moosbrugger — ele dissera —, eu lhe peço encarecidamente: não me negue esse êxito! — E Moosbrugger respondera:

— Bom, se deseja ter êxito, então vamos fazer logo o protocolo.

Mais tarde, o juiz não tinha querido acreditar nisso, mas o comissário o confirmara diante do tribunal.

— Se não quiser aliviar sua consciência por amor a si mesmo, dê-me a satisfação pessoal de fazê-lo por minha causa. — Fora isso que o comissário repetira diante de todo o tribunal, até o presidente dera um sorriso amável, e Moosbrugger se levantara.

— Meus respeitos pelo testemunho do senhor comissário de polícia! — dissera em voz alta, e acrescentara com uma elegante mesura: — Embora o senhor comissário me tenha despachado dizendo: “Acho que não nos veremos nunca mais”, eu tenho a honra e o prazer de rever hoje o senhor comissário.

O sorriso de quem concorda consigo mesmo iluminou o rosto de Moosbrugger, e ele esqueceu os soldados sentados à sua frente e os solavancos do carro que o jogavam de um lado para outro.

EM CONVERSA COM WALTER E CLARISSE, ULRICH MOSTRA-SE  
REACIONÁRIO

Clarisse disse a Ulrich:

— É preciso fazer alguma coisa por Moosbrugger, esse criminoso tem ouvido musical!

Numa tarde livre Ulrich fizera afinal aquela visita tão brutalmente impedida pela sua detenção.

Clarisse segurava a lapela do casaco dele; Walter estava parado ao lado dela, ar dissimulado.

— O que quer dizer com isso: ouvido musical? — perguntou Ulrich sorrindo. Clarisse fez um ar divertido e envergonhado. Involuntariamente. Como se a vergonha brotasse por todos os seus poros, e ela tivesse de fazer uma careta divertida para escondê-la. Largou-o.

— Ora, nada de mais — disse ela. — Agora você se tornou um homem influente! — Nem sempre se conseguia entender o que ela pretendia.

O inverno chegara e passara outra vez. Ali, fora da cidade, ainda havia neve; campos brancos, e entre eles a terra negra como água escura. O sol derramava-se igualmente sobre todas as coisas. Clarisse vestia um casaquinho laranja e um gorro de lã azul. Estavam os três passeando, e Ulrich teve de lhe explicar os textos de Arnheim ali no meio da natureza caoticamente exposta. Neles falava-se de séries algébricas e anéis de benzol, da concepção materialista de história e da universalista, de suportes de pontes, da evolução da música, do espírito do automóvel, de Hata 606, da teoria da relatividade, da atomística de Bohr, do processo de solda autógena, da flora do Himalaia, da psicanálise, da psicologia individual, da psicologia experimental, da psicologia fisiológica, da psicologia social, e todas as outras conquistas que impedem um tempo eivado delas de produzir pessoas boas, íntegras e homogêneas. Mas tudo isso aparecia nos textos de Arnheim de modo muito tranquilizador, pois ele assegurava que tudo o que não entendemos é apenas uma perversão de forças estéreis da razão, enquanto a verdade é sempre simples, é a dignidade humana e o instinto para verdades sobre-humanas que qualquer um pode obter desde que leve uma vida simples e esteja ligado às estrelas.

— Muitas pessoas dizem coisas parecidas hoje em dia — explicou Ulrich —, mas em Arnheim a gente acredita, porque podemos imaginá-lo como um homem importante e rico que certamente conhece muito bem tudo aquilo de que fala, e esteve pessoalmente no Himalaia, tem automóveis e usa anéis de benzol, quantos quiser!

Clarisse queria saber como eram anéis de benzol; tinha uma vaga lembrança de anéis de cornalina.

— Clarisse, apesar de tudo você é encantadora! — disse Ulrich.

— Graças a Deus ela não precisa entender toda essa maluquice química! — de fendeu-a Walter; mas depois começou a defender os textos de Arnheim que tinha lido. Não queria dizer que Arnheim era o melhor que se pudesse imaginar, mas era o melhor que a atualidade produzira; era um novo espírito! Uma ciência incontestável, mas

ao mesmo tempo algo além do saber! E assim acabou o passeio. O resultado final foram pés molhados, cérebro excitado como se os finos ramos das árvores rebrilhando nus no sol de inverno tivessem ficado espetados iguais a lascas na retina, o desejo vulgar de café quente, e o sentimento do desamparo humano.

Um vapor de neve subia dos seus sapatos, Clarisse divertiu-se porque a saleta ficaria suja, e Walter ficou todo o tempo com os lábios grossos e femininos torcidos porque procurava briga. Ulrich falou da Ação Paralela. Chegando a Arnheim, começaram a discutir outra vez.

— Vou lhe dizer o que tenho contra ele — repetiu Ulrich. — O homem de ciência hoje em dia é uma coisa inevitável; não se pode querer não-saber! E nunca a diferença entre a experiência de um especialista e de um leigo foi tão grande quanto hoje. No saber de um massagista ou de um pianista, qualquer um nota isso; hoje não se manda mais nenhum cavalo às pistas de corrida sem preparação especial. Só nas questões da vida humana todo mundo se julga chamado a decidir, e um velho preconceito afirma que nascemos e morremos como seres humanos! Mas se eu sei que mulheres há cinco mil anos escreviam textualmente as mesmas cartas a seus amantes que as mulheres de hoje, não posso mais ler uma dessas cartas sem perguntar a mim mesmo se algum dia isso não deveria mudar!

Clarisse mostrava-se inclinada a concordar. Walter, pelo contrário, sorria como um faquir que não quer tremer nem com um cílio enquanto lhe enfiam nas bochechas uma agulha de prender chapéu.

— Isso quer dizer apenas que você se nega, até nova ordem, a ser um ser humano! — objetou.

— Mais ou menos. E isso dá uma desagradável sensação de amadorismo! — Depois de refletir um pouco, Ulrich prosseguiu: — Os especialistas nunca concluem sua tarefa. Não apenas não estão prontos hoje, mas nem conseguem imaginar o término de sua atividade. Talvez nem mesmo o desejem. Pode-se imaginar, por exemplo, que a pessoa ainda tenha uma alma depois que aprendeu a entendê-la totalmente do ponto de vista biológico e psicológico, e aprendeu a tratá-la? Apesar disso, desejamos esse estado de coisas! É isso. Saber é um comportamento, uma paixão. No fundo, um comportamento proibido; pois assim como o vício da bebida, do sexo e da violência, também a obsessão de saber forma um caráter desequilibrado. E não é certo que o pesquisador procura a verdade, ela é que o persegue. Ele a suporta. A verdade é verdadeira, e o fato é real, sem se importarem com o pesquisador; este apenas tem paixão por eles, tem o vício dos fatos, que marca seu caráter, e pouco lhe importa que suas constatações formem ou não um todo, algo humano e perfeito. Sua natureza é contraditória, sofredora, mas incrivelmente enérgica!

— E daí? — perguntou Walter.

— E daí o quê?

— Você não vai querer afirmar que a gente pode deixar tudo assim!

— Eu gostaria — disse Ulrich calmamente. — Nossa visão do que nos rodeia e de nós mesmos muda a cada dia. Vivemos num tempo de transição. Talvez ele dure, se não enfrentarmos com mais coragem nossas tarefas essenciais até o fim do planeta. Apesar disso, quando nos colocam no escuro, não devemos começar a cantar de medo como crianças. Cantar de medo é o que fazemos quando fingimos que sabemos como nos portar aqui embaixo; você pode berrar o quanto quiser, é apenas puro medo! De resto, estou convencido de que estamos galopando! Ainda andamos longe



dos objetivos, não nos aproximamos, nem os vemos, vamos nos perder ainda muitas vezes nessa cavalgada, e ter de trocar de cavalos; mas um dia — depois de amanhã ou em dois mil anos — o horizonte vai começar a disparar ao nosso encontro, com um grande bramido!

Estava ficando escuro. “Ninguém pode ver meu rosto”, pensou Ulrich. “Nem eu mesmo sei se estou mentindo.” Falava como quem resume num momento de inconsciência o resultado de uma certeza de várias décadas. Lembrou que aquele sonho de juventude que estava apresentando a Walter se esvaziara há muito. Não quis continuar falando.

— E você quer que renunciemos a qualquer sentido de vida? — perguntou Walter asperamente.

Ulrich perguntou-lhe para que precisava de sentido. Assim também se podia viver, na sua opinião.

Clarisse deu uma risadinha. Não era por mal, apenas a pergunta lhe parecera tão engraçada.

Walter acendeu a luz, pois não achou necessário deixar a Ulrich, diante de Clarisse, a vantagem da escuridão. Uma luz irritante jorrou sobre os três.

Ulrich declarou, obstinado:

— Tudo o que se precisa na vida é a convicção de que nosso negócio vai melhor que o do vizinho. Isso é: seus quadros, minha matemática, os filhos e a mulher de alguém; tudo o que assegura ao ser humano que ele não é nada de extraordinário mas que nessa maneira de não ser extraordinário ele não encontra facilmente ninguém que o iguale!

Walter não voltara a se sentar. Estava inquieto. Triunfante. Exclamou:

— Sabe o que está dizendo? Conversa fiada! Você é simplesmente um austríaco. Está ensinando a filosofia nacional da Áustria, a conversa fiada!

— Talvez isso não seja tão ruim quanto você pensa — respondeu Ulrich. — Partindo da apaixonada necessidade de precisão e exatidão ou beleza, pode-se chegar ao ponto de gostar mais de uma conversa fiada do que de todos os esforços do novo espírito! Parabéns por você ter descoberto a mensagem da Áustria ao mundo.

Walter quis responder. Mas viu que o sentimento que o impulsionara não fora só triunfo, e sim — como dizer? — também o desejo de sair por um momento. Hesitou entre, os dois desejos, mas não se podiam conciliar, e seu olhar deslizou dos olhos de Ulrich para o caminho da porta.

Quando ficaram sozinhos, Clarisse disse:

— Aquele assassino tem ouvido musical. Quer dizer... — ela interrompeu-se, depois prosseguiu, misteriosa: — Não se pode dizer nada, mas você tem de fazer alguma coisa por ele!

— O que posso fazer?

— Libertá-lo.

— Você está sonhando.

— Então você não pensa realmente tudo isso que diz ao Walter?! — indagou Clarisse, e seus olhos pareciam exigir dele uma resposta cujo conteúdo ele não conseguia adivinhar.

— Não sei o que você está querendo — disse.

Clarisse olhou obstinadamente os lábios dele; depois repetiu:

— Mesmo assim você devia fazer o que lhe disse; e ia se transformar.

Ulrich a contemplava. Não entendia direito; devia ter ouvido mal; omitira alguma comparação ou algum como-se-fosse que desse sentido às palavras dela. Parecia tão singular ouvi-la falar sem sentido, tão natural como se fosse alguma experiência bem comum.

Mas Walter regressou.

— Posso admitir... — começou. A interrupção abrandara o diálogo.

Voltou a sentar-se na sua banquetta do piano, e encarou satisfeito os sapatos cheios de terra. Pensava: “Por que não há terra nos sapatos de Ulrich? Ela é a última salvação do homem europeu.”

Ulrich fitava as pernas acima dos sapatos de Walter; estavam metidas em meias pretas de algodão e tinham a forma feia de flácidas pernas de mocinha.

— É preciso valorizar um homem que hoje em dia ainda deseje ser uma totalidade — disse Walter.

— Isso não existe mais — opinou Ulrich. — Basta olhar um jornal. Ele está cheio de uma imensa opacidade. Fala-se de tantas coisas, que seria preciso mais capacidade de pensar do que a de um Leibnitz. Mas a gente nem percebe mais isso; mudamos totalmente. Não há mais um homem inteiro diante de um mundo inteiro, mas uma coisa humana se move num líquido nutritivo generalizado.

— Muito bem — disse Walter imediatamente. — Não existe mais a cultura completa no sentido goethiano. Mas em compensação, para cada pensamento existe hoje um contrapensamento, e para cada inclinação uma que se lhe opõe. Cada ação e seu oposto encontram hoje no intelecto seus mais argutos motivos para serem defendidas ou condenadas. Não entendo como pode apoiar essa idéia!

Ulrich deu de ombros.

— É preciso retirar-se completamente de tudo — disse Walter baixinho. Seu amigo respondeu:

— Mas como as coisas estão, também se pode viver. Talvez estejamos a caminho de uma nação de formigas ou qualquer outra divisão pouco cristã do trabalho. — Ulrich percebeu que tanto podiam concordar quanto discutir. O desprezo ficava tão evidente na cortesia como uma guloseima numa galantina. Ele sabia que também suas últimas palavras teriam de irritar Walter, mas começou a querer falar com alguém com quem concordasse inteiramente. Outrora, ele e Walter tinham tido conversas assim. Nelas, as palavras são extraídas do peito por uma força secreta, e nenhuma erra seu objetivo. Mas quando se fala com aversão, elas sobem como nevoeiros numa superfície gelada. Encarou Walter sem raiva alguma. Estava certo de que também o outro tinha a sensação de deturpar-se interiormente à proporção que o diálogo avançava, mas que atribuía a culpa a ele. “Tudo o que pensamos é simpatia ou antipatia!”, pensou Ulrich. Naquele momento isso lhe pareceu tão certo que ele o sentiu como um impulso físico, semelhante ao toque de pessoas que balançam comprimidas umas às outras. Olhou em volta, procurando Clarisse.

Mas Clarisse aparentemente há muito deixara de escutar; pegara um jornal de cima da mesa, em algum momento da discussão; e depois procurara dentro de si mesma o motivo por que isso a divertia tanto. Sentia diante dos olhos aquela imensa opacidade de que Ulrich falara, e sentia o jornal nas mãos. Os braços desdobravam a escuridão e abriam-se. Os braços formavam com o tronco do corpo duas traves em cruz, o jornal pendurado no meio. Era isso que era divertido, mas Clarisse não tinha as palavras para descrevê-lo. Apenas sabia que estava olhando o jornal sem ler, e que

em Ulrich parecia haver algo de misterioso e bárbaro, uma força parecida com a dela, mas não tinha sobre isso nenhum pensamento mais preciso. Seus lábios estavam entreabertos como se fosse sorrir, mas de forma inconsciente, numa tensão paralisante e desarticulada. Walter prosseguia, baixinho:

— Você tem razão ao dizer que hoje não há mais nada de sério, racional ou pelo menos compreensível. Mas por que não quer entender que essa crescente racionalidade que invade todas as coisas é culpada disso? Em todos os cérebros instalou-se o desejo de ser cada vez mais racional, de racionalizar a vida mais que nunca, torná-la mais especializada; e ao mesmo tempo, a incapacidade de poder imaginar o que será de nós quando tivermos tudo entendido, analisado, classificado, transformado em máquinas e normas. As coisas não podem continuar deste jeito.

— Meu Deus — respondeu Ulrich, em tom indiferente —, o cristão dos tem pos monásticos teve de ser crente, embora só pudesse imaginar um céu monótono, de nuvens e harpas; e nós receamos o céu da racionalidade, que nos faz pensar em réguas, bancos duros, horrendas figuras de giz dos tempos de colégio.

— Tenho a impressão de que o resultado disso será uma desenfreada liberação do fantástico — acrescentou Walter, pensativo. Havia em seu discurso um pouco de covardia e astúcia. Pensava no que Clarisse tinha de misterioso e irracional, e enquanto dizia que a racionalidade levava a excessos, pensava em Ulrich. Os outros dois não percebiam isso, o que lhe dava a dor e o triunfo do incompreendido. Gostaria de ter pedido a Ulrich que não viesse mais à sua casa enquanto estivesse na cidade, se isso fosse possível sem provocar protestos de Clarisse.

Os dois homens fitaram Clarisse, calados.

De repente, ela notou que eles não discutiam mais; esfregou os olhos e piscou amavelmente para Ulrich e Walter, que, iluminados pela claridade amarela, estavam sentados diante das vidraças azuladas pela noite como num armário de vidro.

## SOLIMÃO E ARNHEIM

O assassino de raparigas Christian Moosbrugger tinha uma segunda amiga. A questão de sua culpa ou sofrimento dominara o coração dela tão intensamente há algumas semanas como o fizera com muitos outros corações, e ela tinha do caso um conceito um pouco diferente do judicial. O nome Christian Moosbrugger lhe agradava muito, e ela imaginava seu dono um homem solitário, alto, sentado num moinho coberto de musgo<sup>\*</sup> escutando o trovejar das águas. Estava convencida de que a acusação contra ele se esclareceria de maneira muito inesperada. Quando estava na cozinha, ou sentada na sala de jantar com sua costura, às vezes Moosbrugger aparecia a seu lado, depois de soltar-se das correntes, e a isso se ligavam fantasias muito

---

\* Moos, alemão, "musgo" .(N. da T.)

loucas. Elas incluíam a possibilidade de que, se tivesse conhecido Raquel em tempo, Christian teria largado sua carreira de assassino de raparigas revelando-se como chefe de bandoleiros de futuro brilhante.

Aquele pobre homem no seu cárcere não imaginava o coração que batia por ele, debruçado sobre a roupa de Diotima que ia sendo remendada. E da casa do subsecretário Tuzzi até o tribunal a distância não era muita. Uma águia bateria poucas vezes as asas para ir de um telhado a outro; mas para a alma moderna, que atravessa brincando oceanos e continentes, nada é tão impossível quanto encontrar a ligação com as almas que moram na outra esquina.

Assim, os fluidos magnéticos se desfizeram novamente, e há algum tempo Raquel substituíra o amor a Moosbnigger pelo amor à Ação Paralela. Mesmo que naquelas salas as coisas não acontecessem tão bem quanto deviam, nas ante-salas acontecia muita coisa. Raquel, que antigamente sempre encontrava tempo livre para ler os jornais que vinham das mãos dos amos para a cozinha, não tinha mais tempo, pois de manhã à noite se postava como uma pequena escudeira diante da Ação Paralela. Amava Diotima, o subsecretário Tuzzi, Sua Alteza o Conde Leinsdorf, o nababo, e, desde que notara que ele começava a desempenhar um papel naquela casa, também amava Ulrich; assim como um cão ama os amigos da casa com um sentimento apesar dos diversos cheiros que significam uma excitante variedade. Mas Raquel era inteligente. Por exemplo, percebia muito bem que Ulrich sempre se opunha um pouco aos demais, e a fantasia dela começara a lhe atribuir um papel especial, ainda não explicado, na Ação Paralela. Ele sempre a fitava amavelmente, e a pequena Raquel notava que sempre a contemplava mais tempo quando pensava que ela não o via. Raquel estava certa de que ele desejava algo dela; pois que o pedisse; sua pelezinha branca encolhia-se de expectativa, e seus belos olhos negros lançavam na direção dele, aqui e ali, uma pequena seta dourada. Ulrich sentia aquela criaturinha crepitar, sem entender o motivo, enquanto ela se esgueirava entre os imponentes móveis e visitantes; e isso o distraía um pouco.

Ele devia em boa parte seu lugar na atenção de Raquel àquelas conversas misteriosas na ante-sala, que tinham abalado a posição dominante de Arnheim; pois esse homem brilhante, sem saber, tinha além de Ulrich e de Tuzzi um terceiro inimigo em seu pequeno criado Solimão. Aquele menino mouro era a fivela cintilante no cinto encantado que a Ação Paralela pusera ao redor de Raquel. Um menino engraçado, que viera de sua terra lendária atrás do seu senhor até a rua onde Raquel trabalhava, e ela se apropriara simplesmente dele como da parte do conto de fadas que diretamente lhe cabia; isso estava socialmente determinado; o nababo era o sol, e pertencia a Diotima; Solimão pertencia a Raquel, e era o caco que rebrilhava ao sol, colorido e encantador, que ela guardou para si. Ele tinha outra opinião a respeito. Apesar da sua pequenez física, estava entre os dezesseis e dezessete anos de idade, criatura romântica, pérfida, ambiciosa. Outrora Arnheim o retirara de uma trupe de dançarinos no sul da Itália, e o levara consigo; o menino estranhamente inquieto, com a melancolia de seu olhar de macaco tocara o coração de Arnheim, e aquele homem rico resolvera oferecer-lhe uma vida melhor. Era o desejo de uma companhia íntima e fiel que não raro é a fraqueza de alguns solitários, mas ele a dissimulava atrás de intensa atividade; e até Solimão completar catorze anos, tratara-o mais ou menos com a mesma negligente postura de igualdade com que antigamente se criavam os irmãos-de-leite dos próprios filhos nas casas ricas, deixando-os participar de todos os brin-

quedos e diversões até o instante em que se descobre que o leite do seio materno é mais nutritivo do que o da ama-de-leite. Solimão passara dia e noite agachado junto da escrivaninha, ou, durante longas conversas com visitantes famosos, aos pés, nas costas ou sobre os joelhos do seu senhor. Lera Scott, Shakespeare e Dumas, quando havia por acaso obras de Scott, Shakespeare e Dumas largadas sobre as mesas, e aprendera a soletrar no dicionário de Ciências Humanas. Comia os bombons de seu amo e começou a fumar prematuramente seus cigarros, quando ninguém via. Um professor particular vinha dar-lhe — com certa irregularidade devido às muitas viagens — instrução elementar. Solimão sentia um tédio terrível, e a coisa que mais amava eram as tarefas de camareiro, das quais podia participar, pois era um trabalho de verdade, adulto, que agradava a seu desejo de ação. Mas um dia, não fazia muito, seu senhor o mandara chamar e lhe dissera amavelmente que não tinha concretizado exatamente o que se esperava dele, que agora não era mais criança, e que Arnheim, o patrão, era responsável por que Solimão, o criadinho, se transformasse num homem de verdade; por isso, decidira a partir de agora tratá-lo como ele deveria ser algum dia, para que tivesse tempo de se acostumar. Muitos homens importantes, acrescentara Arnheim, tinham começado lustrando botas e lavando pratos, e nisso residira sua força, pois o mais importante era fazer direito desde o começo todas as coisas.

Essa hora, em que de vago objeto de luxo ele se tornara um criado com cama e comida e um pequeno salário, devastara o coração de Solimão, sem que Arnheim suspeitasse disso. Solimão não compreendera nada das explicações que o outro lhe dera, mas adivinhara-as com sua emoção, e desde aquela mudança odiava o seu amo. Não desistira de bombons, livros e cigarros, mas se antigamente apenas pegava o que lhe dava prazer, agora roubava de Arnheim conscientemente, e esse sentimento de vingança lhe dava tão pouca satisfação que por vezes simplesmente também quebrava coisas, ou as escondia, ou jogava fora, e para espanto de Arnheim, que vagamente se recordava delas, nunca mais apareciam. Enquanto Solimão se vingava assim, como se fosse um duende mau, por outro lado esforçava-se enormemente nas obrigações de criado e na aparência amável. Continuava a ser a sensação de todas as cozinheiras, criadas de quarto, empregadas de hotel e visitas femininas, era mimado com seus olhares e sorrisos, meninos de rua o contemplavam irônicos, e ele continuou sentindo-se uma pessoa fascinante e importante, embora oprimida. Até seu amo por vezes ainda lhe concedia um olhar satisfeito ou lisonjeiro, uma palavra amiga ou sábia; todos o elogiavam como menino agradável e de confiança, e se casualmente Solimão ficava de consciência pesada por algo de condenável que acabara de fazer, saboreava sua superioridade, sorrindo servil, como se ela fosse uma bola de gelo, fria de cortar, que acabasse de engolir.

Raquel conquistara a confiança desse rapaz no momento em que lhe contara que talvez se estivesse preparando uma guerra em casa dela, e desde então escutou dele as mais infames revelações a respeito de seu ídolo, Arnheim. Apesar do esnobismo, a fantasia de Solimão parecia um agulheiro cheio de espadas e punhais, e em tudo o que contava a Raquel sobre Arnheim havia cascos de cavalos trovejando, tochas e escadas de corda balouçantes. Ele até lhe confiou que não se chamava Solimão, e disse-lhe um longo nome de som bizarro, pronunciado com tanta rapidez que ela nunca o conseguira gravar. Mais tarde acrescentou que era filho de um príncipe negro, e que fora roubado em pequeno de seu pai, dono de milhares de guerreiros, bois, escravos e pedras preciosas; que Arnheim o comprara para um dia voltar a vendê-lo

caro ao príncipe, seu pai, mas que ele desejava fugir e não o fizera até agora apenas por seu pai morar tão longe.

Raquel não era boba a ponto de acreditar nessas histórias; mas acreditava nelas na medida em -que na Ação Paralela não havia nada demasiadamente inacreditável. Gostaria de proibir que Solimão falasse de Arnheim naquele tom; mas precisava contentar-se em ter desconfiança e horror da insolência do rapaz, pois sentia que a afirmação dele, de que seu patrão não era homem de confiança, significava apesar das dúvidas que alguma confusão monstruosa e excitante ameaçava a Ação Paralela.

Eram nuvens de tempestade atrás das quais desaparecia o homem alto no moinho coberto de musgo, e uma luz pálida incidia sobre o pequeno rosto de macaco de Solimão, com suas caretas cheias de rugas.

## 56

### ANIMADA ATIVIDADE NAS COMISSÕES DA AÇÃO PARALELA. CLARISSE ESCREVE A SUA ALTEZA SUGERINDO UM ANO DE NIETZSCHE

Nessa época, Ulrich tinha de visitar Sua Alteza duas a três vezes por semana. Encontrava uma sala de paredes altas, esguia, encantadora, à sua disposição. Na janela, uma grande escrivaninha em estilo Maria Teresa. Na parede, um retrato sombrio com manchas luminosas, vermelhas, amarelas e azuis, representando alguns cavaleiros enfiando lanças no ventre de outros cavaleiros caídos; e na parede oposta, uma dama solitária, ventre protegido cuidadosamente por um espartilho-vespa bordado em ouro. Não se entendia porque a tinham colocado ali sozinha, exilada, pois obviamente pertencera à família dos Leinsdorf, e seu jovem rosto empoado lembrava o do Conde como uma pegada na neve seca se parece com uma pegada na terra molhada. Ulrich tinha aliás pouca ocasião de examinar o rosto do Conde Leinsdorf. O curso externo da Ação Paralela tomara tal impulso desde a última sessão, que Sua Alteza não conseguia se dedicar a grandes pensamentos, mas tinha de passar o tempo lendo requerimentos, recebendo visitas, saindo de casa ou participando de reuniões. Assim, já tivera uma entrevista com o arcebispo, uma conversa com o primeiro-ministro, uma conferência com o chanceler da Corte, e contatos na Câmara dos pares com os membros da nobreza e da alta burguesia. Ulrich não fora convocado para essas discussões, e só soube que se contava com resistência política forte dos opositores, motivo pelo qual todos aqueles dignitários declararam poderem apoiar mais fortemente a Ação Paralela se não fossem citados, e de momento apenas se faziam representar por observadores nas comissões.

Felizmente, essas comissões faziam grandes progressos de semana a semana. Como fora decidido na reunião inaugural, tinham dividido o mundo segundo os grandes aspectos de religião, educação, comércio, agricultura e assim por diante; em cada comissão já havia um representante do ministério correspondente, e todas as comissões já se dedicavam à sua tarefa, que era, com concordância das demais, a de aguardar os representantes das competentes corporações e setores da população, para

receber seus pedidos, sugestões e desejos, e dirigi-los para a comissão central. Dessa maneira esperava-se fazer chegar a ela, ordenadas e reunidas, as “forças morais principais” do país, e já tinham a satisfação de ver crescer a correspondência. Os ofícios das comissões à comissão central em breve referiam-se a outros ofícios já enviados à comissão central, e iniciavam por uma frase que se tomava cada vez mais importante: “Com referência ao nosso ofício de número tal, respectivamente de número tal e tal, barra, algarismos romanos...”, seguindo-se outro número; e todos os números cresciam a cada ofício. Isso já era um crescimento saudável, e também as embaixadas começavam a relatar, de forma semi-oficial, a impressão que aquela manifestação de força do patriotismo austríaco causava no exterior; já os embaixadores estrangeiros procuravam cautelosamente oportunidades de se informar a respeito; deputados atentos queriam saber das intenções; e a força da iniciativa privada começava a se comprovar nos pedidos de casas comerciais, que tomavam a liberdade de fazer sugestões ou pedir sólidos pontos de referência para uma ligação de sua firma com o patriotismo. Havia ali uma engrenagem, e por estar lá tinha de funcionar, e por estar funcionando começava a rodar, e quando um automóvel começa a rodar em campo aberto, ainda que não haja ninguém na direção, cumpre um trajeto determinado e até mesmo bastante especial e impressionante.

Assim surgiu um forte impulso, e o Conde Leinsdorf o sentia. Colocava o pincenê sobre o nariz e lia todos os ofícios com grande seriedade do começo ao fim. Não eram mais as sugestões e desejos de desconhecidos entusiasmados que no começo o tinham soterrado, antes que o caso entrasse num curso regular; e mesmo que esses ofícios ou requerimentos viessem do seio do povo, eram assinados pelos presidentes de algum clube de alpinistas, ligas de livres-pensadores, congregações de moças, sociedades profissionais, clubes sociais, clubes civis e outros desses grupinhos disformes que precedem a transição do individualismo ao coletivismo, como os montinhos de cisco precedem um redemoinho de vento. E ainda que não concordasse com tudo que lhe pediam, Sua Alteza constatava um grande progresso. Tirava o pincenê, passava o ofício ao conselheiro ministerial ou secretário que o entregara, e balançava a cabeça, satisfeito, sem dizer palavra; tinha a sensação de que a Ação Paralela corria em trilhos bons e ordenados, e que se encontraria o caminho verdadeiro.

O conselheiro ministerial que voltava a receber o ofício comumente o depunha numa pilha de outros, e quando o último estava em cima da pilha, tentava ler nos olhos de Sua Alteza. Então, a boca de Sua Alteza costumava dizer:

— Tudo isso está muito bom, mas não podemos dizer nem sim nem não enquanto não soubermos nada de definitivo sobre o centro de nossos objetivos.

Mas era isso que o conselheiro ministerial já lera nos olhos de Sua Alteza no ofício anterior, e era exatamente a sua própria opinião; e ele segurava na mão uma lapiseira dourada com que já escrevera no fim de cada ofício a fórmula mágica *Ass.* Essa fórmula mágica *Ass.*, usada pela burocracia da Kakânia, significava *Asserviert*, o que é mais ou menos “reservado para posterior decisão”, e era um modelo da previdência que nada omite e nada precipita. Reservado para posterior decisão era por exemplo o pedido do pequeno funcionário que desejava uma ajuda especial de natalidade até que a criança estivesse crescida e capaz de trabalhar, e reservado simplesmente porque até ali o assunto talvez estivesse legalmente regulamentado, e o coração dos superiores não queria negar o pedido. Mas também se reservava para posterior decisão o requerimento de uma pessoa influente ou de algum alto funcionário a que não se

desejava ofender com a recusa, embora sabendo que outro departamento influente era contra esse pedido; e basicamente reservava-se para posterior decisão tudo o que entrava pela primeira vez numa repartição, até ser precedido de outro caso semelhante.

Mas seria errado rir desse costume das repartições, pois fora delas ele está muito mais disseminado ainda. Como significa pouco quando, nos juramentos do trono, os reis têm de prometer que vão combater turcos ou pagãos, quando se pensa que na história da humanidade uma frase nunca foi inteiramente riscada nem totalmente concluída, o que provoca esse perturbador ritmo de progresso que pode ser confundido com o de um boi com asas. Nas repartições, porém, pelo menos se perde alguma coisa; no mundo, nada. Assim, a reserva para posterior decisão é uma das fórmulas básicas do edifício de nossa vida. Entretanto, quando Sua Alteza considerava alguma coisa especialmente urgente, tinha de escolher outro método. Mandava então o requerimento à Corte, ao seu amigo Conde Stallburg, indagando se o deveria considerar “provisoriamente definitivo”, como costumava dizer. Algum tempo depois voltava a resposta dizendo que nesse ponto não se podia imaginar qual o desejo de Sua Majestade, mas parecia desejável deixar que a opinião pública se formasse; e, conforme a receptividade da sugestão e outras necessidades que porventura viessem a se demonstrar, voltariam a considerá-lo mais tarde. O processo que agora constituía esse requerimento ia para o departamento ministerial competente, e de lá voltava com a observação de que aquele departamento não se julgava competente para tomar sozinho a decisão; e quando isso estava feito, o Conde Leinsdorf anotava que numa das próximas sessões da comissão central devia propor a instalação de uma subcomissão interministerial para estudar o caso.

Ele só era implacavelmente determinado no caso de chegar um texto que não tivesse nem a assinatura de um presidente de liga nem de alguma corporação publicamente reconhecida, de caráter religioso, científico ou artístico. Uma carta dessas chegou naqueles dias, de parte de Clarisse, na qual ela também se referia a Ulrich e sugeria instalarem um ano austríaco de Nietzsche, e realizar ao mesmo tempo algo em favor do assassino de mulheres Moosbrugger; como mulher, sentia-se obrigada a sugerir isso, escrevia, e também pela significativa coincidência de Nietzsche ter sido perturbado como Moosbrugger. Ulrich mal conseguiu disfarçar seu aborrecimento com um chiste, quando o Conde Leinsdorf lhe mostrou a carta, que já reconhecera pela letra singularmente imatura mas cruzada por grossos traços e sublinhados. Mas, notando o seu embaraço, o Conde Leinsdorf disse, grave e bondosamente:

— Não deixa de ser interessante. Eu poderia dizer que é fogoso e enérgico; mas infelizmente precisamos colocar *ad acta* todo esse tipo de sugestões isoladas, ou não chegaremos a coisa alguma. Talvez o senhor possa entregar essa carta à senhora sua prima, já que parece conhecer pessoalmente a autora.



## GRANDE PROGRESSO. DIOTIMA TEM EXPERIÊNCIAS SINGULARES QUANTO À NATUREZA DAS GRANDES IDÉIAS

Ulrich enfiou a carta no bolso, para fazê-la desaparecer, mas não teria sido fácil falar a respeito com Diotima, pois, desde que aparecera o artigo sobre o Ano Austríaco, esta se sentira dominada por uma exaltação confusa. Não apenas Ulrich lhe entregava, em geral sem ler, todos os documentos que recebia do Conde Leinsdorf, mas também o correio trazia diariamente pilhas de ofícios e recortes de jornal, os livreiros lhe mandavam enormes quantidades de livros para examinar, o movimento em sua casa subia como o mar sugado por vento e lua simultaneamente; o telefone não parava um minuto. Se a pequena Raquel não atendesse ao aparelho com o zelo de um arcanjo, fornecendo ela mesma a maior parte das informações que pediam, por ver que não devia importunar ininterruptamente sua patroa, Diotima teria tido um colapso ao peso de tantas solicitações.

Esse colapso nervoso nunca aconteceu, mas pulsava tremulamente em seu corpo, dando a Diotima uma felicidade que jamais sentira. Era um arrepio, um calafrio diante da própria importância; algo crepitava como a pressão de um rochedo sobre o edifício do mundo, um formigamento a lembrar a sensação do nada quando se está parado no cimo de uma montanha que supera todas as demais num amplo raio. Em suma, era a sensação da sua posição, subitamente consciente naquela filha de um modesto professor, mulher de um vice-cônsul burguês; coisas que ela continuara sendo, apesar da ascensão, nas zonas mais víçosas do seu ser.

Essa noção da própria posição é um dos estados inconscientes mais fundamentais da vida, como não perceber que a Terra gira, nem se dar conta do engajamento pessoal em todas as formas de percepção. O ser humano carrega sob os pés a maior parte de sua vaidade, porque lhe ensinaram que não a deve guardar no coração. E anda sobre o solo de uma grande pátria, religião ou nível de imposto de renda. Faltando-lhe essa posição, contenta-se até mesmo em estar, como qualquer outro, sobre o topo provisório da coluna do tempo que emerge do nada, vivendo exatamente agora, quando os antepassados se tornaram pó e os sucessores ainda não vieram. Mas quando, por alguma razão, essa vaidade habitualmente inconsciente sobe dos pés para a cabeça, pode causar uma loucura mansa semelhante à das virgens que se julgam grávidas do globo terrestre. Até o subsecretário Tuzzi agora dava a Diotima a honra de se informar com ela sobre os acontecimentos, e por vezes lhe pedir que assumisse esta ou aquela pequena tarefa, e o sorriso que habitualmente mostrara ao falar no salão dela cedia lugar a uma digna seriedade. Ainda não se sabia em que medida Sua Majestade concordaria com o plano de ver-se colocado à frente de uma manifestação pacifista internacional, mas Tuzzi repetia o pedido preocupado de que Diotima não entrasse em absoluto, nem um pouquinho, em questões de política externa sem antes lhe pedir conselho. Deu até a sugestão de que, se aparecesse alguma vez a sério a idéia de uma ação internacional de paz, era preciso evitar que ela levasse a complicações políticas.

Não era necessário recusar uma idéia tão bela, explicou à esposa, ainda que houvesse a possibilidade de a concretizar, mas era indispensável que desde o começo

se mantivessem abertas todas as possibilidades de avanço e recuo. Mostrou a Diotima as diferenças entre desarmamento, uma conferência de paz, uma reunião de governantes, chegando até à já mencionada fundação para decoração do Palácio da Paz de Haia com murais de artistas patrícios; e nunca falara tão objetivamente com sua mulher. Por vezes, voltava ao quarto de dormir com a pasta de couro debaixo do braço, para completar suas explicações, por exemplo, quando se esquecera de acrescentar que, pessoalmente, só achava possível ligar a expressão Áustria Universal com um empreendimento humanista ou pacifista, se não quisessem passar por perigosamente irresponsáveis ou coisa semelhante.

Diotima respondeu com um sorriso paciente:

— Vou me esforçar para levar em conta os seus desejos, mas não exagere ao avaliar a importância da política externa para nós. Existe uma exaltação redentora dentro do país, que nasce no anônimo coração do povo; você não sabe com quantos pedidos e sugestões sou inundada todos os dias!

Ela era admirável; pois, sem deixar transparecer, lutava com enormes dificuldades. Na reunião da grande comissão central, estruturada segundo aspectos de religião, justiça, agricultura, educação e assim por diante, todas as sugestões mais elevadas se deparavam com aquela reserva gélida temerosa que Diotima já conhecia do marido, quando ele ainda não era tão atencioso; e por vezes sentia desânimo e impaciência, sem poder esconder de si mesma que seria difícil romper a resistência de um mundo inerte. Embora visse claramente o Ano Austríaco como o Ano Austríaco Universal, representando as nações austríacas como modelo das nações do mundo todo — para o que apenas se precisava provar que o espírito tinha na Austria sua verdadeira pátria — via-se nitidamente que isso ainda não tinha significado especial para as mentes mais lerdas; era preciso alcançá-lo através de alguma idéia que abrisse a compreensão delas por algum traço mais evidente do que geral. E Diotima estudou horas a fio, em muitos livros, para encontrar uma idéia que concretizasse isso; naturalmente também teria de ser uma idéia que simbolizasse a Austria; mas Diotima teve experiências singulares quanto à natureza das grandes idéias.

Compreendeu que vivia numa época memorável, pois era uma época cheia de grandes idéias; mas era inacreditável a dificuldade em concretizar as maiores, e mais importantes, pois havia todas as condições para isso, menos uma: qual delas escolher! Sempre que Diotima estava quase se decidindo por uma das idéias, notava que o contrário dela também seria grandioso. As coisas são assim, e não havia o que fazer. Ideais têm qualidades singulares, entre elas a de se transformarem no seu contrário quando os queremos concretizar escrupulosamente.

Havia por exemplo Tólstoi e Berta Suttner — dois escritores de cujas idéias se ouvia falar bastante naquele tempo — mas como, pensou Diotima, a humanidade pode conseguir sequer um franguinho assado sem cometer violência? E o que faremos dos soldados se, como esses escritores pediram, não se deve matar? Os pobres ficarão sem trabalho, e será uma época de ouro para os criminosos. Mas havia pedidos nesse sentido, e ouvia-se dizer que já se começava a colher assinaturas. Diotima não imaginava uma vida sem verdades eternas, mas agora, admirada, percebia que todas as verdades eternas são duplas e múltiplas. Por isso, o homem sensato, como o subsecretário Tuzzi, que assim até ficava reabilitado, sente uma profunda desconfiança contra verdades eternas; jamais negará que são indispensáveis, mas está convencido de que pessoas que as tomam ao pé da letra são doidas. Na sua opinião — abundante-

mente relatada à esposa — os ideais humanos são desmedidamente exigentes, o que tem de trazer a ruína se forem levados demasiadamente a sério. A melhor prova disso, segundo Tuzzi, era que palavras como *ideal* e *verdade eterna* jamais aparecem em repartições que tratam de assuntos sérios. Um relator que se permitisse usá-las num processo seria imediatamente aconselhado a pedir férias por motivo de saúde. Mas Diotima, embora escutasse melancolicamente, hauria novas forças dessas horas de fraqueza, para depois melhor se lançar nos estudos.

Até o Conde Leinsdorf ficou surpreso com sua energia intelectual, quando por fim teve tempo de aparecer para uma conferência. Sua Alteza queria uma manifestação que saísse do seio do povo. Desejava sinceramente pesquisar a vontade do povo e iluminá-la prudentemente com influências vindas de cima, pois queria apresentá-la a Sua Majestade, não como fruto de bizantinismo, mas como sinal de que, na confusão da democracia, os povos ainda são conscientes de si mesmos. Diotima sabia que Sua Alteza ainda estava firme na idéia do “Imperador da Paz” e de uma brilhante manifestação da verdadeira Áustria, embora não recusasse frontalmente a sugestão “Áustria Universal”, na medida em que isso manifestasse unicamente o sentimento de uma família de povos reunida em torno do seu patriarca. Aliás, Sua Alteza excluía disfarçada e silenciosamente dessa família a Prússia, embora nada tivesse a objetar contra a pessoa do Dr. Arnheim, e até tivesse dito, expressamente, que era uma pessoa bem interessante.

— Certamente não queremos nada de patriótico no sentido desgastado — exortou ele —, precisamos é sacudir a nação e o mundo. Acho bem bonita a idéia de fazermos um ano austríaco; eu próprio disse aos jornalistas que temos de dirigir a fantasia do público para esse objetivo. Mas já pensou, minha cara, se tudo ficar apenas nesse ano austríaco, o que faremos nesse ano? Está vendo, é isso! Temos de saber tudo isso também. Temos de manejar um pouco toda essa situação, de cima, senão elementos imaturos vão tomar conta. E eu não tenho absolutamente tempo para encontrar uma idéia!

Diotima achou Sua Alteza preocupado, e respondeu animadamente:

— A ação precisa culminar em algum sinal grandioso, ou não acontecerá! Isso é certo. Precisa atingir o coração do mundo, mas exige medidas vindas de cima. Isso é indiscutível. O Ano Austríaco é uma sugestão excelente, mas na minha opinião um Ano Mundial seria melhor ainda; um Ano Mundial Austríaco, no qual o espírito europeu pudesse ver na Áustria sua verdadeira pátria!

— Cautela! Cautela! — preveniu o Conde Leinsdorf, que muitas vezes se assustara com a audácia intelectual da amiga. — Suas idéias talvez sejam grandiosas demais, Diotima! A Senhora já disse isso uma vez, mas é preciso ser muito prudente. O que imagina que se deva fazer nesse Ano Mundial?

Com essa pergunta o Conde Leinsdorf, dirigido por aquela retidão característica do seu pensamento, atingira exatamente o ponto mais sensível de Diotima.

— Alteza — disse ela depois de hesitar um pouco —, essa pergunta, que quer que eu responda, é a mais difícil do mundo. Pretendo convidar assim que for possível um grupo de homens importantes, escritores e pensadores, e antes de dizer qualquer coisa prefiro aguardar as sugestões desse encontro.

— Muito bem! — exclamou Sua Alteza, imediatamente aceitando a idéia de esperar um pouco mais. — Isso mesmo! Prudência nunca é demais! Se soubesse as coisas que ando ouvindo diariamente!

A AÇÃO PARALELA PROVOCA DÚVIDAS. PORÉM, NÃO EXISTE RETORNO  
VOLUNTÁRIO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Uma vez, Sua Alteza teve tempo de também conversar com Ulrich.

— Não me agrada muito esse Dr. Arnheim — confiou-lhe. — Certamente um homem brilhante, não é de admirar que sua prima o aprecie tanto; mas, afinal de contas, é um prussiano. Fica observando tudo. Sabe, quando eu era pequeno, em sessenta e cinco, meu falecido pai teve um convidado para uma caçada no Castelo Chrudim, que também sempre ficava assim olhando, e um ano depois descobrimos que ninguém sabia quem realmente o introduzira em nossa casa, e que era um major do quartel-general prussiano! Naturalmente eu não quero dizer nada com isso, mas não me agrada que esse Arnheim saiba de tudo a nosso respeito!

— Alteza — disse Ulrich —, alegre-me ter oportunidade de desabafar. Está na hora de acontecer alguma coisa; tenho feito experiências que me fazem pensar, e que não são para olhos de um observador estrangeiro. A Ação Paralela deve estimular favoravelmente todas as pessoas. Vossa Alteza também não deseja isso?

— Sim, naturalmente!

— Mas está acontecendo exatamente o contrário! — exclamou Ulrich. — Tenho a impressão de que ela está deixando todas as pessoas cultas muito preocupadas e tristes!

Sua Alteza balançou a cabeça e girou os dois polegares um em torno do outro, como fazia sempre que estava refletindo aborrecido. Na verdade também já tivera experiências parecidas com as que Ulrich agora relatava.

— Desde que se espalhou que estou ligado à Ação Paralela — contou este —, não se passam três minutos, quando alguém me procura para falar de assuntos gerais, e já essa pessoa me diz: “Afinal, o que pretende com essa Ação Paralela? Hoje em dia não há mais grandes homens nem grandes realizações!”

— Sim, mas sempre excluem a si mesmos dessa lista! — interveio Sua Alteza. — Conheço isso, também me dizem a mesma coisa. Os grandes empresários falam mal da política, que lhes parece pouco protecionista, e os políticos reclamam da indústria, que dá pouco dinheiro para campanhas eleitorais.

— Muito bem! — Ulrich retomou sua explanação. — Os cirurgiões acreditam firmemente que a cirurgia fez progressos desde os tempos de Billroth; mas dizem que todo o resto da medicina e da pesquisa em ciências naturais é de pouca ajuda para a cirurgia. Eu até diria, se Vossa Alteza me permite, que também os teólogos estão convencidos de que hoje em dia a teologia está mais avançada do que nos tempos de Cristo...

O Conde Leinsdorf ergueu a mão num protesto brando.

— Peço que me desculpe se eu disse uma coisa inconveniente e desnecessária; pois o que pretendi parece ser uma coisa muito mais geral. Eu disse que os cirurgiões afirmam que as ciências naturais não realizam o que se espera delas. Mas se falarmos sobre a época atual com um cientista, ele se queixará de que gostaria muito de elevar um pouco seu espírito, mas o teatro o aborrece, e não encontra romance que o distraia ou estimule. Se falarmos com um escritor, ele diz que não existe fé. E como

quero deixar os teólogos fora de questão agora, se falarmos com um pintor, podemos estar certos de que ele afirmará que num tempo de literatura e filosofia tão ruins, os pintores não podem dar o melhor de si. Naturalmente a seqüência não é sempre essa, mas sempre há nisso algo daquele jogo de “mico preto” ou de “quatro cantos”, que Vossa Alteza certamente conhece. E não consigo descobrir a regra que fundamenta isso! Receio que cada pessoa esteja razoavelmente satisfeita consigo e com certas coisas, mas de modo geral não se sente muito bem, por algum motivo universal; e parece que a Ação Paralela se destina a revelar isso.

— Meu santo Deus — respondeu Sua Alteza, sem deixar bem claro o que queria dizer—, pura ingratidão!

— Aliás — prosseguiu Ulrich —já tenho duas pastas cheias de solicitações de natureza geral, que ainda não tive ocasião de apresentar a Vossa Alteza. Intitulei uma delas “De volta a...!” É singular o número de pessoas que nos dizem que antigamente o mundo era melhor, e que basta que a Ação Paralela nos leve de volta àquele ponto. Além do natural desejo de voltar à fé, defendem-se também o retorno ao barroco, o gótico, o estado natural, Goethe, o Direito alemão, a pureza moral e todo o resto.

— Hum... sim. Mas talvez haja alguma verdade nisso, e não a deveríamos estimular? — perguntou o Conde Leinsdorf.

— É possível; mas como se poderia responder? “Sua estimada carta do dia tal foi profundamente analisada, mas ainda não consideramos oportuna a época...”? Ou: “Lemos com interesse e solicitamos que nos forneça detalhes de seus desejos referentes à reorganização do mundo no estilo barroco, gótico, e assim por diante.”

Ulrich sorria, mas o Conde Leinsdorf o achou alegre demais para aquele momento, e ficou girando energicamente os polegares com ar de reprovação. Seu rosto com a barbicha lembrava, na sua súbita dureza, o tempo de Wallenstein; ele fez em seguida um comentário muito estranho:

— Meu caro doutor — disse —, não existe retorno voluntário na história da humanidade!

Esse comentário surpreendeu especialmente ao próprio Conde Leinsdorf, pois na verdade tinha querido dizer algo bem diferente. Era conservador, aborrecera-se com Ulrich e tinha querido dizer que a burguesia desprezara o espírito universal da Igreja Católica, e agora sofria as conseqüências. Também seria aconselhável elogiar os tempos do centralismo absolutista, em que o mundo fora dirigido por pessoas responsáveis, segundo pontos de vista uniformes. Mas, de repente, enquanto ainda procurava palavras, ocorrera-lhe que ficaria desagradavelmente surpreendido se certa manhã tivesse de acordar sem seu banho quente e sem ferrovia, e em vez dos jornais da manhã apenas passasse o arauto imperial a cavalo pelas ruas. Portanto, o Conde Leinsdorf pensou, “o que uma vez foi, nunca mais será da mesma maneira”, e ficou muito espantado ao pensar nisso. Pois, presumindo que na história não houvesse retorno voluntário, a humanidade se parecia com um homem empurrado para diante por um impulso de peregrinar, que não pode voltar nem chegar, e isso era um estado muito singular.

Sua Alteza tinha uma capacidade extraordinária de manter apartados com tanta habilidade dois pensamentos contraditórios, que nunca se encontravam na sua consciência. Mas aquele pensamento, contrário a todos os seus princípios, deveria ter sido rejeitado. Apenas, simpatizava com Ulrich, e sempre que seus deveres lhe deixavam tempo tinha grande prazer em falar de política, do ponto de vista lógico, com aquele

homem intelectualmente inquieto e tão bem recomendado que apenas, como burguês, estava um pouco à margem das verdadeiras grandes questões. Mas quando nos metemos com lógica, onde um pensamento decorre automaticamente do anterior, nunca se sabe como tudo vai acabar. Por isso, o Conde Leinsdorf não se desdisse, apenas ficou encarando Ulrich, silencioso, com olhar penetrante.

Ulrich pegou uma segunda pasta e utilizou a pausa para entregar as duas a Sua Alteza.

— Tive de intitular a segunda “Avançar para...” — começou a dizer, mas Sua Alteza levantou-se precipitadamente dizendo que seu tempo se esgotara. Pediu com insistência que continuassem a conversa noutra ocasião, quando tivessem mais tempo para refletir.

— Aliás, sua prima vai convocar uma reunião de cabeças brilhantes para esse fim — contou ele, já de pé. — Vá até lá; vá, sem falta; não sei se eu próprio poderei estar presente!

Ulrich guardou as pastas, e o Conde Leinsdorf virou-se mais uma vez na escuridão do umbral.

— Naturalmente uma grande tentativa intimida as pessoas; mas nós as haveremos de sacudir! — Seu sentimento de dever não lhe permitiu afastar-se de Ulrich sem o consolar.

## MOOSBRUGGER REFLETE

Enquanto isso, Moosbrugger se instalara em sua nova prisão, da melhor maneira possível. Mal se fechara o portão, já berravam com ele. E se estava bem lembrado, mal tentava reagir já o ameaçavam com uma surra. Tinham-no colocado na solitária. Prendiam-lhe as mãos durante o passeio no pátio, e os olhos dos guardas ficavam grudados nele. Rasparam-lhe a cabeça, embora sua sentença ainda não estivesse em vigor, dizendo que era para lhe tirar medidas. Tinham-no esfregado com um sabão fedorento, sob o pretexto de o desinfetar. Ele era calejado nesse assunto, sabia que nada disso era permitido, mas não era fácil manter a honra atrás de um portão de ferro. Faziam com ele o que queriam. Fez-se levar ao diretor da prisão, para queixar-se. O diretor teve de admitir que algumas coisas não correspondiam às leis, mas não era castigo, disse ele, e sim cautela. Moosbrugger queixou-se ao capelão da prisão; mas este era um ancião bondoso, um amável pastor de almas que tinha a antiga fraqueza de falhar diante de crimes sexuais. Ele os odiava com a incompreensão de um corpo que nem mesmo chegou a roçar as beiradas de tais crimes, e até se assustou com Moosbrugger que, com sua aparência honesta, despertou nele alguma compaixão pessoal, o que considerava fraqueza; mandou-o para o médico da prisão, enquanto, como em outros casos semelhantes, enviava apenas um grande pedido ao Criador, sem dar detalhes, falando de maneira tão generalizada sobre os desmandos dos mortais, que no momento da oração incluía tanto Moosbrugger como os livres-pensadores e os ateus.

Mas o médico da prisão achou que tudo aquilo de que Moosbrugger se lamentava não era tão grave, deu-lhe um tapinha familiar nas costas, e nada o levou a apoiar as queixas, pois considerava isso supérfluo enquanto os médicos não decidissem se ele era doente ou simulador. Amargurado, Moosbrugger compreendia que cada um falava conforme lhe convinha, e que era essa fala que lhes dava força para lidarem com ele como bem entendessem. Teve a sensação das pessoas simples, de que se devia cortar a língua das pessoas cultas. Encarou o rosto do médico, com as cicatrizes de duelos; a face interiormente ressequida do sacerdote; o severo rosto do diretor; viu cada um deles a encará-lo de maneira diferente, e nesses rostos havia algo que ele não conseguia alcançar mas era comum aos três, algo que toda a vida lhe fora hostil.

A força coesiva que lá fora comprime penosamente todas as pessoas, com sua arrogância, no meio de tanta outra carne, ali dentro da prisão, apesar da disciplina, era menos firme, pois todos viviam na espera; e, embora violenta e grosseira, a relação das pessoas entre si era solapada por uma irrealidade cheia de sombras. Moosbrugger reagia com todo o seu corpo forte à distensão depois da luta das sessões de tribunal. Sentia-se infectado e miserável. Era uma hipersensibilidade dolorida, nervosa, que já o atacara algumas vezes. A mulher que lhe preparara tudo aquilo e agora jazia debaixo da terra parecia-lhe, comparada a ele próprio, uma criatura ordinária e maligna diante de uma criança. Apesar disso, Moosbrugger não estava totalmente insatisfeito com as coisas; notava por muitos sinais que era uma pessoa importante ali dentro, e isso o lisonjeava. Até o atendimento dado imparcialmente a todos os prisioneiros lhe dava satisfação. Desde que se tornaram culpados, o Estado tinha de alimentar, banhar, vestir a todos eles, cuidar de seu trabalho, saúde, leituras e canto, coisa que antes nunca acontecera. Moosbrugger saboreava esses cuidados embora fossem rudes, como uma criança que conseguiu forçar a mãe a ralar com ela; mas não queria que isso durasse muito; a idéia de ser condenado à prisão perpétua, ou transferido para um hospício outra vez, despertava nele aquela rebeldia que sentimos quando todos os esforços de escapar da nossa vida nos levam sempre de volta à mesma situação odiada. Ele sabia que seu advogado se esforçava por conseguir a reabertura do processo, e que seria examinado mais uma vez, mas resolveu reagir em tempo e insistir que o matassem.

Decidira que sua despedida tinha de ser digna dele, pois sua vida fora um combate por seus direitos. Na solitária, Moosbrugger refletia sobre o que era o seu direito. Não podia dizer. Mas era aquilo que lhe tinham recusado a vida toda. No momento em que pensava nisso, sua emoção crescia. Sua língua arqueou-se e se pôs em movimento como um garanhão marchando; tamanha era a nobreza que conferia a esse assunto. “Direito”, pensou ele com extraordinária lentidão, para dar contornos nítidos a esse conceito, e pensou como se falasse com alguém, “é quando a gente não faz nada errado, ou coisa assim, não é?” E de repente ocorreu-lhe: “Direito é justiça.” Era isso. Seu direito era sua justiça! Ele contemplou seu catre de madeira, virou-se totalmente, tentou em vão remover o catre aparafusado no chão, e deitou-se hesitante. Tinham-lhe recusado a justiça! Lembrou-se da mulher que fora sua patroa quando ele tinha dezesseis anos. Sonhara que uma coisa fria começara a soprar no próprio ventre, depois sumira dentro do seu corpo, ele gritara, caíra da cama, e na manhã seguinte parecia que tinha levado uma surra no corpo inteiro. Certa vez, outros aprendizes lhe contaram que quando se mostrava o punho a uma mulher, com o polegar aparecendo um pouco entre o médio e o indicador, ela não resiste. Estava confuso; todos diziam já ter experimentado, mas quando ele pensava no assunto, o chão lhe fugia debaixo

dos pés, ou sua cabeça começava a parecer esquisita no pescoço; em resumo, alguma coisa nela fugia levemente da ordem natural, algo precário.

— Patroa — dissera ele —, eu queria lhe fazer um agrado... — Estavam sozinhos, e ela o fitara nos olhos, e devia ter lido alguma coisa neles, pois respondera:

— Suma da cozinha!

Ele então estendera o punho, com o polegar aparecendo entre os outros dedos. Mas o feitiço não agira direito; a patroa ficara vermelha, e lhe batera tão depressa na cara com a colher de pau que tinha na mão, que ele não conseguiu escapar; só se dera conta disso quando o sangue já lhe corria sobre os lábios. Mas desse momento lembrava-se muito bem, pois de repente o sangue voltara, escorrendo para cima, para dentro dos olhos; então atirou-se sobre a mulherona que o ofendera tanto, o patrão apareceu, e tudo o que aconteceu até o momento em que estava parado na rua com as pernas bambas, e os dois lhe jogavam suas coisas às costas, era como se alguém rasgasse em farrapos um grande pano vermelho. Assim, a sua justiça fora objeto de escárnio e golpes, e ele recomeçara suas andanças. Acaso se encontra justiça na rua?! Todas as mulheres já eram por justiça de alguém, todas as maçãs, todas as camas; e os policiais e o juiz distrital eram piores que cachorros.

Mas Moosbrugger jamais conseguira descobrir direito por que as pessoas sempre conseguiam atingi-lo, e por que motivo o jogavam em prisões e hospícios. Ficou longo tempo com o olhar pregado ao chão e aos cantos da cela; sentia-se como alguém que perdeu uma chave, caída na terra. E não conseguia encontrá-la; o chão e os cantos voltaram a ficar cinzentos como o dia, banais, quando há pouco tinham parecido um chão de sonho, onde quando cai uma palavra, de repente cresce uma pessoa ou um objeto. Moosbrugger utilizou toda a sua lógica. Só conseguia recordar com exatidão os lugares onde aquilo começara. Teria podido enumerá-los e descrevê-los. Uma vez fora em Linz, depois em Braila, com anos de intervalo. Por fim, ali na cidade. Podia rever cada pedra. Tão clara e nítida como as pedras geralmente não são. Também se lembrou do mau humor que sempre acompanhava aquilo. Como se ele tivesse veneno nas veias em vez de sangue, podia-se dizer; ou coisa parecida. Por exemplo, trabalhava ao ar livre, e as mulheres passavam; ele não as queria encarar porque o perturbavam, mas passavam sempre mais mulheres; finalmente, os olhos dele as seguiam cheios de nojo, e era outra vez aquele lento revirar de olhos como se se movessem dentro de pez, ou de cimento que endurecia. Então ele notava que seu pensamento começava a ficar pesado. Ele sempre pensava devagar, as palavras lhe davam trabalho, nunca tinha palavras suficientes, e por vezes, quando falava com alguém, a pessoa de repente o encarava espantada, sem entender quanta coisa estava dita numa só palavra, quando Moosbrugger a pronunciava lentamente. Invejava todas as pessoas que já na juventude aprendiam a falar com facilidade; nele, as palavras colavam, por birra, exatamente naqueles momentos em que mais precisava delas, grudavam-se como borracha no céu da boca, e às vezes então se passava um tempo enorme até ele conseguir soltar uma sílaba, e voltar a avançar. Não se podia ignorar que isso já não tinha causa natural. Mas se ele dizia no tribunal que eram os socialistas, jesuítas ou maçons que o perseguiam dessa maneira, ninguém o compreendia. Os juristas sabiam falar melhor que ele, e apresentar-lhe todas as objeções possíveis, mas não tinham idéia da verdadeira situação.

E quando aquilo durava algum tempo, Moosbrugger ficava com medo. Que alguém tente postar-se no meio da rua de mãos algemadas, e verá como as pessoas se



portam! A consciência de que sua língua, ou algo ainda mais interior, estava presa como com cola, dava-lhe uma lastimável insegurança, que ele levava dias esforçando-se por esconder. Mas então, de repente, aparecia um limite nítido, podia-se dizer: silencioso. De súbito, um hálito frio. Ou emergia do ar, ali bem perto dele, uma grande bola que lhe voava peito adentro. E no mesmo instante ele sentia alguma coisa em si, em seus olhos, nos lábios ou nos músculos do rosto; em torno dele, tudo ia desaparecendo e escurecendo, e enquanto as casas se deitavam sobre as árvores, talvez alguns gatos saltassem silenciosos dos arbustos. Tudo durava apenas um segundo, depois aquele estado passava.

E só então começava o período a respeito do qual todos queriam saber e de que falavam sem cessar. Eles lhe apresentavam objeções inúteis, infelizmente ele próprio só se recordava indistintamente das suas experiências, mais pelo sentido. Pois esses períodos eram todos *sentidos*. Por vezes duravam minutos, por vezes dias a fio, e por vezes se ligavam a outros semelhantes, que podiam durar meses. Para começar com esses, por serem os mais simples, que, na opinião de Moosbrugger, até um juiz poderia entender, ele ouvia vozes, ou música, ou ventos e zumbidos, também assobios, batidas, tiros, trovões, risadas, chamados, falas e sussurros. Vinham de todos os lados; estavam nas paredes, no ar, nas roupas e no corpo dele.

Moosbrugger tinha impressão de carregar isso no corpo, enquanto estava tudo calado; assim que irrompia, escondia-se nas imediações, mas sempre perto dele. Quando estava trabalhando, as vozes em geral lhe falavam em palavras muito fragmentadas e frases curtas, insultavam ou criticavam-no; e quando tinha um pensamento, elas o verbalizavam antes que ele próprio o fizesse; ou diziam maldosamente o contrário do que ele queria. Moosbrugger ria, porque o pretendiam declarar doente por causa disso; ele próprio tratava tais vozes e caras como se fossem macacos. Distraía-o ver e ouvir o que faziam; era incomparavelmente mais belo do que aqueles pensamentos rijos e pesados que ele pensava; mas quando o incomodavam demais, ficava irado, o que afinal era muito natural. Como sempre prestara muita atenção nas palavras que usavam falando dele, Moosbrugger sabia que chamavam isso de alucinações, e concordava com o fato de que essas alucinações eram uma vantagem dele sobre outras pessoas que não tinham essa capacidade; pois também via muitas coisas que outras pessoas não vêem, belas paisagens, animais dos infernos, mas achava muito exagerada a importância que atribuíam a tudo isso; e quando a estada no hospício se lhe tornava muito desagradável, ele afirmava que estava apenas fingindo. Os espertalhões lhe perguntavam se essas manifestações eram muito ruidosas; era uma pergunta boba: naturalmente às vezes fazia o ruído de trovão, outras vezes era um levíssimo sussurro. Também as dores que eventualmente o torturavam podiam ser intoleráveis ou apenas brandas, como se não passassem de imaginação. Isso não era o importante. Muitas vezes ele não teria podido descrever direito o que via, ouvia, sentia; mas sabia do que se tratava. Às vezes, era tudo muito vago; os rostos vinham de fora, mas uma centelha de perspicácia lhe dizia que apesar disso vinham dele próprio. O importante era que não significa nada de importante estar uma coisa dentro ou fora; no estado dele, tudo era como água clara dos dois lados de uma translúcida parede de vidro.

E em seus grandes momentos, Moosbrugger nem dava atenção aos rostos ou vozes, mas pensava. Chamava isso de pensar, porque essa palavra sempre o deixara impressionado. Pensava melhor que outras pessoas, pois pensava dentro e fora. Os

pensamentos interiores ocorriam contra a sua vontade. Ele dizia que estava sendo pensado. E sem perder sua lenta circunspeção masculina, ficava excitado pelas mais insignificantes ninharias, como acontece com uma mulher quando tem leite nos seios. Seu pensamento fluía então como um regato alimentado por cem riachinhos saltitantes através de um prado viçoso.

Moosbrugger baixara a cabeça e olhava o pedaço de madeira entre seus dedos “As pessoas daqui chamam esquilo de gatinho-dos-carvalhos!”\*, ocorreu-lhe. “Mas alguém tente dizer com voz e cara sérias ‘o gato-dos-carvalhos!’ Todos iam levantar os olhos como quando, no meio dos peidos de um foguinho de morteiro, cai um tiro de verdade! Mas em Hessen dizem ‘raposa-das-árvores’. Uma pessoa experiente sabe dessas coisas.” E vinham os psiquiatras fingindo-se tão curiosos quando Moosbrugger, ao ser-lhe mostrado o desenho de um esquilo, respondia: “Isso pode ser uma raposa ou uma lebre; mas também pode ser um gato, ou coisa assim.” Então sempre lhe perguntavam, bem depressa: “Quanto é catorze mais catorze?” E ele lhes respondia calmamente: “Mais ou menos de vinte e oito a quarenta.” Esse “mais ou menos” lhes trazia problemas, que faziam Moosbrugger sorrir disfarçadamente. Pois é muito simples: ele sabe que se chega a vinte e oito contando de catorze em catorze, mas quem diz que é preciso parar por lá?! O olhar de Moosbrugger segue um pouco adiante, como o de um homem que chegou ao alto de uma colina recortada contra o céu, e agora vê que atrás dela existem várias outras, parecidas. E se um esquilininho não é um gato, nem raposa, e em vez de chifres tem dentes como a lebre, devorada pela raposa, não é preciso ser tão exato com essa coisa; pois ela é de alguma forma tudo isso costurado junto, e corre no alto das árvores. Segundo experiência e convicção de Moosbrugger, não se podia isolar uma coisa, porque tudo estava ligado. E já lhe acontecera dizer a uma mocinha: “Linda boca de rosa!”, mas de repente as costuras da palavra cediam, e acontecia uma coisa constrangedora: o rosto ficava cinzento, como terra coberta de neblina, e aparecia uma rosa na ponta de um longo caule; então, a tentação de pegar uma faca e cortá-la, ou lhe dar um tapa para que voltasse ao rosto, era imensamente grande. Claro que Moosbrugger não pegava logo da faca; apenas fazia isso quando não havia outro jeito. Habitualmente apenas empregava toda a sua gigantesca força para evitar que o mundo se despedaçasse.

Quando de bom humor, conseguia olhar na cara de um homem e perceber ali seu próprio rosto, encarando-o entre peixinhos e pedras claras num regato manso; de mau humor, porém, bastava-lhe analisar rapidamente o rosto de um homem e já reconhecia que se tratava do mesmo homem com quem andara brigando por toda parte, por mais que o outro se disfarçasse a cada vez. O que lhe haveríamos de objetar? Nós brigamos quase sempre com o mesmo homem. Se analisássemos quem são as pessoas a quem nos ligamos tão doidamente, veríamos que é o homem cujos dentes são idênticos aos da chave de nossa fechadura. E no amor? Quantas pessoas fitam dia após dia o mesmo rosto amado, mas quando fecham os olhos não sabem como ele se parece? Ou, deixando de lado amor e ódio: que modificações sofrem as coisas segundo hábito, estado de alma e ponto de vista? Quantas vezes a alegria se consome e aparece um indestrutível cerne de tristeza? Quantas vezes uma pessoa bate em outra,

---

\* Jogo de palavras em alemão: "esquilo" *Eichhörnchen*, isto é, "ratinho- dos- carvalhos", e *Eichkatze* seria "gato-dos-carvalhos". *Baumfuchs* é "raposa-das-árvores". *Hörnchen* é também o diminutivo de *Horn*, chifre. (N da T)

indiferente, em vez de a deixar em paz? A vida forma uma superfície que finge ter que ser como é, mas sob sua pele as coisas se movem e agem. Moosbrugger ficava sempre com as pernas sobre duas leivas, mantendo-as unidas, esforçando-se, ajuizadamente, para evitar tudo o que o pudesse perturbar; mas às vezes surgia-lhe alguma palavra na boca, e que vertigem e que sonho das coisas brotava então de uma dessas palavras duplas, esfriadas e apagadas, como galinho-do-carvalho ou lábio-de-rosa!

Sentado em sua cela, no banco que era a um tempo cama e mesa, ele se lamentava por sua pouca instrução que nunca lhe ensinara a expressar as experiências como tinha de ser. Aquela criaturinha de olhos de rato que lhe causava tantos contratempos, até mesmo agora que estava debaixo da terra, o deixava furioso. Todos estavam do lado dela. Ele levantou-se pesadamente. Sentia-se carcomido como madeira carbonizada. Estava com fome outra vez; a comida da prisão era insuficiente para aquele homem imenso, e ele não tinha dinheiro para a complementar. Naquele estado era impossível lembrar-se de tudo o que desejavam saber. Acontecera alguma transformação, dias, semanas a fio, assim como os meses mudam de março para abril, e por fim acontecera aquilo. Ele não sabia mais do que estava nos registros policiais, nem sabia como aquilo chegara lá. Os motivos e ponderações de que se recordava já estavam relatados no processo; mas o que realmente acontecera era como se, de repente, tivesse falado correntemente nalguma língua estranha algo que o deixara muito feliz, mas que ele nunca mais pudera repetir.

“Tomara que tudo isso acabe de uma vez!”, pensou Moosbrugger.

60

## PASSEIO AO REINO LÓGICO-MORAL

Do ponto de vista jurídico, o que se podia dizer sobre Moosbrugger resumia-se numa frase. Ele era um desses casos conhecidos na jurisprudência, na medicina legal e mesmo pelos leigos como casos de responsabilidade reduzida.

O que caracteriza esses infelizes é que não apenas têm uma saúde reduzida mas também uma doença reduzida. A natureza tem uma estranha propensão a produzir copiosamente pessoas desta espécie; *nature no fecit saltus*, ela não dá saltos, mas prefere as transições, e de modo geral mantém o mundo todo num estado transitório entre imbecilidade completa e saúde mental. Mas a jurisprudência não dá atenção a isso. *Non datur tertium sive medium inter duo contradictoria*, ou: a pessoa age conforme a lei ou não age, pois entre dois opostos não há terceiro ou meio-termo. Essa qualidade a torna passível de punição, por ser passível de punição tornar-se pessoa moral, e como pessoa moral participa do benefício suprapessoal da justiça. Quem não compreende isso de saída, que pense na cavalaria. Quando um cavalo corcoveia a cada tentativa que fazem de montá-lo, é tratado com grande cuidado, recebe arreios mais macios, os melhores cavaleiros, a ração mais selecionada, e o tratamento mais paciente. Mas quando um cavaleiro erra, é colocado numa gaiola pulguenta, tiram-lhe a comida e lhe botam algemas de ferro. O motivo dessa diferença reside em que o cavalo pertence apenas ao reino animal empírico, enquanto o cavaleiro participa do reino lógico-moral. Nesse sentido, distinguem-se homens de animais, e pode-se acrescentar

também dos doentes mentais, por serem capazes de empregar contra a lei suas qualidades intelectuais e morais, cometendo um crime; e como a punibilidade é a qualidade que o eleva à condição de ser moral, é compreensível que o jurista tenha de se agarrar a ela com unhas e dentes.

Infelizmente acresce que os psiquiatras forenses, cuja profissão seria opor-se a isso, habitualmente são muito mais medrosos em sua profissão do que os juristas; apenas declaram realmente doente aquela pessoa que não conseguem curar, o que é um pequeno exagero, pois também não conseguem curar os outros. Distinguem entre enfermidades mentais incuráveis, aquelas que melhoram por si algum tempo depois, com ajuda de Deus, e aquelas que o médico também não pode curar mas que o paciente poderia evitar, naturalmente desde que sob influências e ponderações corretas e oportunas. Esses segundo e terceiro grupos fornecem aqueles doentes inferiores, que o anjo da medicina trata como doentes se o procuram no seu consultório particular, mas que entrega timidamente ao anjo da justiça quando o encontra nos consultórios forenses.

Moosbrugger era um desses casos. Durante sua vida honesta interrompida pelos crimes de uma sinistra embriagues de sangue, tinham-no metido em hospícios e deixado sair várias vezes, e ele passara por paralítico, paranóico, epilético e maniaco-depressivo, antes de ser devolvido à condição de homem sadio por dois médicos forenses particularmente escrupulosos. Naturalmente, naquela ocasião não havia na grande sala repleta nem uma só pessoa, incluindo os dois médicos, que não estivesse convencida de que Moosbrugger era de alguma forma doente, mas não de uma forma que obedecesse às condições impostas pelas leis, ou fosse reconhecida por mentes escrupulosas. Pois quando se está parcialmente doente, também se está parcialmente sadio na opinião dos doutrinadores da lei; se estivermos parcialmente sadios, seremos parcialmente responsáveis; e se formos parcialmente responsáveis, somos totalmente responsáveis; pois, como eles dizem, responsabilidade é o estado das pessoas que têm capacidade de, independentemente de qualquer necessidade coerciva, determinar-se por si mesmas para qualquer objetivo, e essa determinação não se pode a um tempo possuir e não possuir.

Isso não exclui que haja pessoas cujos estados e inclinações lhes dificultem resistir a “impulsos imorais”, e encontrar o “caminho do bem”, como dizem os juristas; e uma pessoa dessas, que, em condições que não afetam outras, já toma a “decisão” de cometer um ato criminoso, era Moosbrugger. Mas, primeiro, na opinião do tribunal, suas forças mentais e racionais estavam intactas, no sentido de que seu ato poderia não ter sido cometido; portanto, não havia motivo para lhe retirarem o bem moral da responsabilidade. Segundo, uma justiça organizada exige que todo ato culpado seja punido, quando foi executado com vontade e consciência. Terceiro, a lógica jurídica presume que em todos os doentes mentais — com exceção daqueles bem infelizes que mostram a língua quando lhes perguntamos quanto é sete vezes sete, ou dizem “eu” quando deviam dizer o nome do Imperador e Majestade Real — exista ainda um mínimo de capacidade de discernimento e autodeterminação, e bastaria um esforço da inteligência e vontade para reconhecer o caráter criminoso de seu ato e resistir assim aos impulsos criminosos. Mas isso certamente é o mínimo que se pode pedir de pessoas tão perigosas!

Tribunais de justiça assemelham-se a adegas em que a sabedoria de nossos antepassados dorme nas garrafas; a gente as abre e tem vontade de chorar ao ver como se

torna inaproveitável o mais alto e mais fermentado grau de exatidão humana antes de se tornar perfeito. Mas ele parece embriagar pessoas ainda sensíveis. É sabido que o anjo da medicina, depois de escutar por muito tempo as explanações dos juristas, muitas vezes esquece sua missão. Então fecha as asas com um ruído metálico, e porta-se, na sala do tribunal, como um anjo; de reserva da jurisprudência.

## O IDEAL DOS TRÊS TRATADOS OU A UTOPIA DA VIDA EXATA

Dessa maneira Moosbrugger fora condenado à morte, e agradecia apenas à influência do Conde Leinsdorf e à sua simpatia por Ulrich a possibilidade de examinarem mais uma vez seu estado mental. Mas naquela ocasião Ulrich não tivera intenção de continuar cuidando do destino de Moosbrugger. A desalentadora mistura de crueldade e resignação, que é a marca dessas pessoas, lhe era tão desagradável quanto a mistura de exatidão e negligência, que é marca das sentenças que costumam proferir sobre elas. Ele sabia muito bem o que pensar a respeito de Moosbrugger quando analisava o caso friamente, e que medidas se podiam tentar com essas pessoas, cujo lugar não é nem na prisão, nem em liberdade, e para as quais também os hospícios não servem. Mas sabia igualmente que milhares de outras pessoas sabiam a mesma coisa, que tratavam sem cessar dessa questão, vendo-a segundo o aspecto que mais particularmente as toca, e que por fim o Estado matará Moosbrugger, porque naquela situação confusa isso lhe parecerá a coisa mais clara, justa e segura. Pode ser um comportamento rude acomodar-se a uma coisa dessas, mas os meios de comunicação rápidos de hoje exigem mais vítimas do que todos os tigres da Índia juntos, e sem dúvida a inescrupulosidade, inconsciência e negligência com que toleramos isso nos traz por outro lado sucessos inegáveis.

Essa postura mental tão arguta quanto ao que está próximo e tão cega para o todo tem sua mais importante expressão num ideal que se poderia chamar ideal da obra de uma vida que não conste de mais de três tratados. Há atividades intelectuais em que não são os grandes livros que fazem o orgulho de um homem, mas os pequenos tratados. Se, por exemplo, alguém descobrisse que em circunstâncias ainda não observadas as pedras podem falar, não precisaria senão de poucas páginas para descrever e explicar um fenômeno tão revolucionário. Em contrapartida, sobre as justas concepções morais se podem escrever livros e mais livros, e não se trata apenas de erudição, mas de um método, com o qual nunca conseguimos ter clareza quanto às questões mais importantes da vida. Poderíamos dividir as atividades humanas segundo a quantidade de palavras de que precisam; quanto mais palavras, tanto pior o caráter das atividades. Todos os conhecimentos através dos quais nossa espécie passou, das roupas de pele de animais até a aviação, não ocupariam, com suas provas acabadas, mais do que uma biblioteca de bolso; mas um armário de livros do tamanho da Terra não bastaria nem de longe para conter todo o resto, sem falar naquela discussão vastíssima que não se realizou com a pena mas com espadas e correntes. É de se

pensar que conduzimos muito irracionalmente nossos assuntos humanos, se não os atacamos conforme a ciência, que teve um progresso tão exemplar.

Era essa realmente a atmosfera e disposição daquela era — uma porção de anos, não décadas — que Ulrich ainda chegou a viver em parte. Naquele tempo pensava-se — mas esse “se” é propositadamente um dado vago; não se poderia dizer quem e quantos pensavam assim; a coisa simplesmente imbuía a atmosfera — que talvez fosse possível viver de maneira exata. Hoje se perguntará o que significa isso. A resposta deve ser que se pode imaginar a obra de uma vida constando de três tratados ou de três poemas ou três ações, nos quais a capacidade pessoal de realização é desenvolvida ao extremo. Portanto, seria mais ou menos o mesmo que calar quando nada se tem a dizer; fazer só o necessário, quando não se tem nada de especial a cumprir; e, mais importante, permanecer impassível onde não se puder ter a sensação indescritível de abrir os braços e ser levado pelos ares por uma onda de criatividade! Há de se notar que com isso teria de cessar a maior parte de nossa vida espiritual, mas talvez não fosse um prejuízo tão doloroso. A tese de que a grande quantidade de sabão produz grande limpeza não precisa valer para a moral, onde é mais correta a idéia de que uma excessiva mania de limpeza indica um interior não muito limpo. Seria útil limitar ao máximo o gasto moral que, seja de que natureza for, acompanha toda a ação, e contentar-se em ser moral apenas nos casos de exceção, em que é preciso; mas no resto pensar em sua própria ação apenas como se pensa na padronização necessária de lápis ou parafusos. Não aconteceriam muitas coisas boas, mas algumas seriam melhores; não sobraria talento, apenas gênio; desapareceriam do quadro da vida as cópias desbotadas, nascidas de uma pálida semelhança entre ações e virtudes; e em seu lugar apareceria sua embriagadora unidade na santidade. Numa palavra, sobraria, de cada quintal de moral, um miligrama de essência, da qual até um milionésimo de grama nos daria uma felicidade mágica.

Vão objetar que isso é utopia! Certamente é. Utopias significam mais ou menos o mesmo que possibilidades; o fato de a possibilidade não ser realidade significa que as circunstâncias com as quais se entrelaça atualmente a impedem de se tornar real, caso contrário ela seria apenas uma impossibilidade; se a soltarmos dessas amarras, e permitirmos que se desenvolva, surgirá a utopia. É semelhante ao que acontece quando um pesquisador vê a mudança de um elemento num fenômeno complexo, e tira disso suas conclusões; utopia é a experiência na qual se observa a possível modificação de um elemento, e os efeitos que isso causa no fenômeno complexo que chamamos vida. Se o elemento observado é a própria exatidão, nós a destacamos e deixamos que se desenvolva, contemplamo-la como hábito de pensamento e postura de vida, e deixamos que exerça sua força exemplar sobre tudo que toca; e chegaremos a uma pessoa na qual se realiza uma paradoxal ligação entre exatidão e indeterminação. Ela possuirá aquele insubornável sangue-frio intencional que é o caráter da exatidão; mas além dessa qualidade, tudo o mais é indeterminado. As relações internas sólidas, garantidas por uma moral, têm pouco valor para um homem cuja fantasia anseia por mudanças; e quando a exigência de realização exata e suprema se transfere do terreno intelectual para o das paixões, vê-se completamente, como dissemos, um resultado singular: as paixões desaparecem, e surge em seu lugar uma bondade semelhante ao fogo original.

Isso é a utopia da exatidão. Não saberemos como esse homem passará o seu dia, já que não pode ficar o tempo todo flutuando no ato da criação, e ele terá talvez

sacrificado o fogo doméstico das sensações limitadas em troca de labaredas imaginárias. Mas esse homem exato existe hoje em dia! Como homem dentro do homem, ele vive não só no pesquisador, mas no comerciante, no organizador, no esportista, no técnico, embora por enquanto apenas naquelas principais atividades do dia que não consideram sua vida, mas sua profissão. Pois quem encara tudo tão radical e imparcialmente tem um grande medo de ser radical consigo mesmo; e certamente consideraria a utopia de si próprio uma tentativa imoral contra uma pessoa de ocupação séria.

Por isso Ulrich sempre fora muito solitário nessa sua indagação: devia adequar todas as suas realizações àquele grupo mais forte de realizações interiores ou não? Em outras palavras: poderemos encontrar sentido e objetivo naquilo que nos acontece e aconteceu?

## 62

### TAMBÉM A TERRA, E PARTICULARMENTE ULRICH, CULTUAM A UTOPIA DO ENSAÍSMO

A exatidão como comportamento humano pede ação e o *ser* exatos. Pede ação e o *ser* no sentido de uma exigência máxima. Mas aqui devemos fazer uma distinção.

Na realidade, não existe apenas a exatidão da fantasia (que na verdade ainda não existe), mas também uma exatidão circumspecta, e as duas se diferenciam porque a fantasiosa se atem aos fatos, e a circumspecta às imagens da fantasia. Por exemplo, a exatidão com que o singular espírito de Moosbrugger foi inserido num sistema de conceitos jurídicos de dois mil anos assemelhava-se aos circunspectos esforços de um louco que quer espetar com uma agulha um pássaro que voa livre; mas não se interessava pelos fatos, e sim pelo conceito fantasioso da lei. De outro lado, a atitude dos psiquiatras diante da grande indagação: deviam ou não sentenciar Moosbrugger à morte — era absolutamente exata, pois só se atreviam a dizer que seu perfil clínico não correspondia exatamente a nenhum dos perfis clínicos até ali observados, e deixaram o resto da decisão para os juristas. Naquela ocasião, a sala do tribunal era um retrato da vida, pois todas as pessoas vivas da vida, que julgariam impossível usar um caminhão com mais de cinco anos ou mandar tratar uma doença segundo princípios de dez anos atrás; todas as que além disso dedicam seu tempo integral, voluntária ou involuntariamente, ao incentivo dessas invenções, e pretendem racionalizar tudo o que está a seu alcance; todas elas deixam a questão da beleza, da justiça, do amor e da fé, em suma: todas as questões da humanidade — enquanto não tenham nelas interesses comerciais — entregues às suas mulheres; e quando essas não são suficientes, entregam-nas a uma subespécie de homens que lhes falam do cálice e da espada da vida em frases milenares, e a quem escutam sem muita atenção, cétricas e aborrecidas, sem acreditar em nada, e sem pensar na possibilidade de agir de outra maneira.

Portanto, na verdade existem duas mentalidades, que não apenas combatem uma à outra, mas habitualmente, o que é pior, ficam lado a lado sem trocar palavra, a não

ser para se assegurarem mutuamente de que ambas são desejáveis, mas cada uma em seu espaço. Uma contenta-se em ser exata, e prende-se aos fatos; a outra não se contenta com isso, mas contempla sempre o todo, e deduz seus conhecimentos das chamadas grandes verdades eternas. Uma obtém êxito, a outra abrangência e dignidade. É claro que um pessimista poderia dizer que os resultados de uma não valem nada, e os da outra não são verdadeiros. Pois o que se fará no Dia do Juízo, quando forem pesadas as obras humanas, com três tratados sobre ácido fórmico ou mesmo com trinta volumes? De outro lado, o que sabemos do Dia do Juízo, se nem sabemos o que até lá pode acontecer com o ácido fórmico?

Entre os dois pólos deste nem-isso-nem-aquilo, oscilava a evolução quando fazia mais de dezoito e menos de vinte séculos que a humanidade soubera pela primeira vez que no fim dos tempos haveria esse tribunal espiritual. A experiência demonstra que depois de uma orientação sempre segue outra, oposta. E embora fosse imaginável e desejável que essa mudança se efetuasse à maneira de parafuso, que a cada mudança de direção se subisse mais, por razões desconhecidas a evolução raramente ganha mais do que perdeu pelo desvio e destruição. Portanto, o Dr. Paul Arnheim tinha razão quando disse a Ulrich que a história universal jamais permite nada de negativo; a história universal é otimista, decide-se sempre com entusiasmo por uma coisa, e só depois pelo seu oposto! Assim, às primeiras fantasias da exatidão não seguiu a tentativa de concretizá-las, mas entregaram-nas ao uso prosaico dos engenheiros e eruditos, e voltaram-se novamente para uma postura mental mais digna e abrangente.

Ulrich recordava muito bem como o incerto recuperara o respeito das pessoas. Cada vez houvera mais manifestações em que pessoas com uma profissão incerta, poetas, críticos, mulheres e aqueles que exerciam profissões de uma nova geração se queixavam de que o puro saber parecia algo de funesto que destruía toda a obra humana mais elevada, sem poder recompô-la outra vez; exigiam uma nova crença na humanidade, o retorno a fontes interiores originais, renovação espiritual, muitas coisas desse tipo. No começo, ele presumira ingenuamente que eram pessoas cansadas de cavalgar que descem do cavalo mancando, gritando que lhes apliquem um unguento de alma; mas aos poucos reconheceu que o chamado repetido, que no começo lhe parecera tão engraçado, tinha um grande efeito; o saber começou a ficar antiquado; o tipo de pessoa indefinido, que domina na atualidade, começara a se impor.

Ulrich negara-se a levar isso a sério, e continuava cultivando à sua maneira suas inclinações intelectuais.

Dos tempos da juventude em que se começa a tomar consciência de si, e que mais (arde é tão comovente voltar a contemplar, ainda havia na sua lembrança várias idéias amadas, entre elas a expressão “vida por hipótese”. Ainda significava coragem e voluntária ignorância da vida, quando cada passo é uma audácia sem experiência, desejo de grandes acontecimentos e aquele sopro de revogabilidade que enche o jovem quando este entra, inseguro, na vida. Ulrich achava que no fundo tudo aquilo deveria continuar válido. Uma sensação excitante de ser escolhido para alguma coisa é o que há de belo e certo naquele cujo olhar examina o mundo pela primeira vez. Se vigiar suas sensações, a nada poderá dizer um *sim* sem reservas: procura a possível amada, mas não sabe se é a certa; é capaz de matar sem ter certeza de precisar fazê-lo. A vontade de sua própria natureza, de se desenvolver, proíbe-o de crer no acabado; mas tudo o que enfrenta parece ser acabado. Ele pressente: essa ordem não é tão sólida quanto



finje ser; nenhuma coisa, nenhum eu, nenhuma forma, nenhum princípio é certo, tudo se encontra numa transformação invisível e incessante, no instável há mais futuro do que no estável, e o presente não é senão uma hipótese que ainda não superamos. O que ele poderia fazer de melhor senão manter-se livre desse mundo, naquele bom sentido com que um pesquisador se mantém livre diante dos fatos que o querem seduzir e fazer acreditar neles precipitadamente?! Por isso, hesita em fazer algo consigo mesmo: um caráter, uma profissão, uma maneira sólida de ser, são conceitos em que já aparece a caveira que por fim sobrá de sua pessoa. Ele procura compreender-se de outra forma; com inclinação para tudo o que o multiplique interiormente, ainda que moral ou intelectualmente proibido, sente-se como um passo livre em todas as direções, mas que leva de um equilíbrio a outro equilíbrio, seguindo sempre em frente. E se alguma vez pensa ter a idéia certa, percebe que uma gota de indizível fogo caiu no mundo, e sua luz faz tudo parecer diferente.

Mais tarde, com maior capacidade intelectual, isso se transformou em Ulrich numa idéia que já não ligou à incerta palavra hipótese, mas, por determinadas razões, ao conceito singular de ensaio. Mais ou menos como um ensaio examina um assunto de muitos lados em seus vários capítulos, sem o analisar inteiro — pois uma coisa concebida inteira perde de repente sua abrangência e se derrete num conceito —, ele acreditava ver e tratar corretamente o mundo e a própria vida. O valor de um ato ou de uma qualidade, sim, até sua natureza e essência, lhe pareciam dependentes das circunstâncias que os rodeiam, dos objetivos a que servem, em suma, do todo constituído ora assim ora assado, ao qual pertencem. De resto, isso é apenas a simples descrição do fato que um assassinato nos pode parecer crime ou ato heróico, e a hora de amor a pluma caída da asa de um anjo ou de um ganso. Mas Ulrich generalizava. Desta forma, todos os acontecimentos de ordem moral ocorriam num campo de força cuja constelação lhes conferia sentido, e continham o bem e o mal como um átomo contém possibilidades de combinações químicas. Eram de certa forma aquilo que se tornavam; e assim como a palavra duro designa quatro coisas diferentes, caso dureza se relacione com amor, grosseria, ambição ou severidade, todos os fatos morais lhe pareciam, em seu significado, funções dependentes de outras. Assim, surgia um infinito sistema de relações em que não havia mais quaisquer significados independentes como a vida comum os atribui, numa primeira aproximação grosseira, aos atos e qualidades; o que parecia ser sólido tornava-se pretexto permeável para muitos outros significados, o que acontecia tornava-se símbolo de algo que talvez nem acontecesse, mas que era sentido; e o ser humano enquanto resumo de suas possibilidades, o ser potencial, o poema não escrito de sua existência, opunha-se ao ser humano como texto, realidade e caráter.

No fundo, nessa concepção Ulrich sentia-se capaz de qualquer virtude ou maldade, e o fato de tanto os vícios quanto as virtudes serem de modo geral, embora inconfesso, considerados igualmente indesejáveis numa sociedade equilibrada provava-lhe exatamente isso que sempre acontece na natureza: que com o tempo todo o jogo de forças busca um valor médio e um estado médio, uma compensação e uma cristalização. A moral no sentido comum não era, para Ulrich, senão a forma envelhecida de um sistema de forças que não pode ser confundido com ela sem perda de força ética.

Talvez também esses conceitos expressassem certa insegurança na vida; mas, por vezes a insegurança não é senão insatisfação diante das seguranças comuns, e deve-se lembrar que mesmo alguém tão experiente como a humanidade aparentemente

age segundo princípios bem parecidos com esses. Ela revoga constantemente tudo o que já fez, e coloca outra coisa em seu lugar; também para ela, com o tempo crimes se transformam em virtudes ou vice-versa; ela elabora grandes contextos de idéias com tudo o que acontece, e depois de algumas gerações deixa-os desmoronar de novo; mas isso vem em seqüência, em vez de transcorrer num único sentimento de vida, e a cadeia dessas tentativas não revela ascensão. Porém um ensaísmo humano consciente teria mais ou menos a tarefa de transformar em vontade essa desleixada consciência do mundo. E muitas linhas isoladas de evolução indicam que isso poderia acontecer em breve. A funcionária num hospital, de roupa imaculadamente branca, desmanchando as fezes de um paciente numa tigela de porcelana branca com ajuda de ácidos que as transformam num material roxo, cuja cor recompensa seu trabalho, já agora, embora não saiba, está num mundo mais mutante do que a jovem dama que estremece de nojo vendo o mesmo material na rua. O criminoso que entrou no campo de força moral de seu ato move-se apenas como um nadador que tem de acompanhar uma torrente forte, e todas as mães cujo filho um dia foi assim arrebatado o sabem; se até hoje não se acreditou nisso, é porque não havia lugar para essa crença. A psiquiatria chama a grande alegria de perturbação alegre, como se fosse um alegre mau humor, e revelou que todos os paroxismos, da castidade e da sensualidade, do escrúpulo e da frivolidade, da crueldade e da compaixão, acabam no patológico. Como significaria pouco a vida saudável, se tivesse por objetivo somente um estado intermediário entre dois exageros! Como seria precária, se seu ideal realmente nada fosse além da negação do exagero de seus ideais! Essas noções levam pois a não ver mais na norma moral a calma dos estatutos rígidos, mas um equilíbrio móvel, que exige a todo momento atos que o renovem. Temos a sensação cada vez mais nítida de que é limitado considerar como caráter de um homem tendências repetitivas involuntariamente adquiridas, para então responsabilizar seu caráter pelas repetições. Aprendemos a reconhecer a alternância entre interior e exterior, e exatamente pela compreensão do impessoal no ser humano encontramos novos caminhos para o pessoal, certas maneiras simples de comportamento básico, um instinto de construção do ego que, como o instinto de construção de ninhos dos pássaros, arma com várias matérias e depois de algumas tentativas o seu próprio eu.

Já estamos tão próximos de modificar por certas influências muitas situações de degenerescência, como se modifica o curso de uma torrente; e praticamente só devido a uma negligência social, ou um resto de inabilidade, não podemos transformar criminosos em arcanjos. Assim, poderíamos citar tantos exemplos, coisas dispersas, ainda não reunidas, que agem em conjunto, que nos cansamos das aproximações grosseiras surgidas para sua aplicação em situações mais simples; e aos poucos sentimos necessidade de modificar na forma básica uma moral que há dois mil anos vem sendo adaptada ao gosto mutável, e trocá-la por outra que se adapte melhor à mobilidade dos fatos.

Ulrich estava convencido de que para isso faltava apenas a fórmula; aquela expressão que deve encontrar, num momento de sorte, o objetivo de um movimento antes mesmo de o atingir, de modo que o último trecho do caminho possa ser vencido; é sempre uma expressão ousada, ainda não justificada pelo estado das coisas, uma ligação entre exato e não-exato, precisão e paixão.

Mas foi exatamente nos anos que o deviam ter estimulado, que lhe aconteceu algo singular. Ele não era filósofo. Filósofos são déspotas que não dispõem de ne-

nhum exército, por isso submetem o mundo todo encerrando-o num sistema. Provavelmente por isso, nos tempos dos tiranos houve grandes filósofos, enquanto nos tempos de civilização mais avançada e democrática não se consegue produzir nenhuma filosofia convincente; pelo menos isso se deduz das lamentações que se ouvem a respeito. Por isso, hoje se fala tanto em filosofia, que só em armazéns ainda se pode comprar alguma coisa sem filosofia de vida, mas ao mesmo tempo reina desconfiança em relação às grandes filosofias. Simplesmente as consideramos impossíveis, e Ulrich não estava livre disso; sim, baseado em suas experiências científicas, até ironizava um pouco a Filosofia. Era isso que orientava seu comportamento, de modo que tudo o que via o levava à reflexão, mas, ao mesmo tempo, ele tinha receio de pensar demais. Era outro, porém, o fator determinante de seu comportamento.

Na natureza de Ulrich havia algo que agia de modo distraído, paralisante e desarmante, contra toda a ordem lógica, contra a vontade clara, contra os ordenados impulsos da ambição; também isso se ligava ao nome que ele escolhera: ensaísmo, embora contivesse elementos que, com o tempo e com cuidados inconscientes, ele apartara desse conceito. Até a tradução da palavra *ensaio* como *tentativa*, segundo se fez, contém apenas vagas alusões à imagem literária; pois um ensaio não é a expressão secundária nem provisória de uma convicção que em melhores condições poderá ser considerada verdade ou reconhecida como erro (só os textos e tratados que os eruditos apresentam como “dejetos da sua oficina” pertencem a essa espécie); mas um ensaio é a forma única, e irrevogável, que a vida interior de uma pessoa assume num pensamento decisivo. Nada lhe é mais estranho do que a irresponsabilidade e incompletude das idéias eventuais que chamamos subjetividade; mas também verdadeiro e falso, inteligente e não-inteligente não são conceitos que se possam aplicar a tais pensamentos, apesar de tudo submetidos a leis tão severas quanto parecem delicadas e inefáveis. Houve muitos desses ensaístas entre os mestres da vida interior flutuante, mas não faz sentido mencioná-los; seu reino fica entre religião e saber, entre exemplo e doutrina, entre *amor intellectualis* e poesia; são santos com e sem religião, e por vezes também são simplesmente homens que se perderam numa aventura.

De resto, nada mais significativo do que a experiência involuntária que se faz com tentativas eruditas e sensatas de explicar esses grandes ensaístas, de transformar a doutrina de vida, como ela é, em sabedoria de vida, e extrair um “conteúdo” desse movimento dos espíritos emotivos; de tudo isso resta mais ou menos o equivalente ao delicado colorido de uma medusa depois de retirada da água e colocada na areia. A doutrina dos emotivos desfaz-se em pó na sensatez dos insensíveis, torna-se contradição e contra-senso, mas não a devemos chamar de realmente delicada e incapaz para a vida; ou teríamos de dizer que um elefante é delicado porque não resiste a um espaço privado de ar, que não corresponde a suas necessidades vitais. Seria lamentável se essas descrições dessem impressão de mistério ou de uma música de clangores de harpa e *glissandos* suspirosos. A verdade é o contrário disso; e a questão fundamental não era encarada por Ulrich apenas como pressentimento mas também de modo muito lúcido, na seguinte forma: o homem que quer a verdade torna-se erudito; o homem que quer liberar sua subjetividade torna-se, talvez, escritor; mas o que fará um homem que quer qualquer coisa entre esses dois pólos?

Toda a sentença moral fornece exemplos do que fica “entre”, como a simples e conhecida: não matarás. Vê-se ao primeiro olhar que ela não é nem verdadeira nem

subjetiva. Sabemos que em muitos aspectos nos mantemos rigorosamente conformes a ela; por outro lado, admitem-se certas exceções, bem numerosas mas claramente delimitadas; mas num grande número de um terceiro tipo de casos, como na fantasia, nos desejos, nas peças de teatro ou ao saborear notícias de jornal, oscilamos desordenadamente entre repulsa e atração. Às vezes se chama aquilo, que não é nem verdadeiro nem subjetivo, de exigência. Ligamos essa exigência aos dogmas da religião e da lei, conferindo-lhe o caráter de uma verdade derivada. Mas os romancistas nos contam de exceções, começando pelo sacrifício de Abraão até a mais recente beldade que assassinou seu amante a tiros, e de novo dissolvem tudo isso em subjetividade. Portanto, podemos nos agarrar às estacas, ou deixar que a grande onda nos leve de um lado para outro entre elas: mas, com que sensação?! A sensação de um homem diante dessa frase é um misto de obediência obstinada (incluindo a “natureza saudável” que se nega a pensar numa coisa dessas, mas, levemente transtornada pelo álcool ou por uma paixão, a cumpre imediatamente), e um despreocupado chapinhar numa onda de possibilidades.

Deveremos realmente compreender só assim essa sentença? Ulrich sentia que um homem que deseja de todo o coração fazer uma coisa, não saberá dessa maneira se a deve fazer, ou se a deve ignorar. E pressentia que a poderia realizar ou ignorar com toda a intensidade. Uma idéia passageira ou uma proibição não lhe diziam nada. Seguir uma lei do alto, ou de dentro, despertava seu espírito crítico; mais que isso, havia uma desvalorização nessa necessidade de enobrecer, através da origem, um instante de certeza.

A tudo isso seu peito ficava mudo, só sua razão falava; mas ele sentia que de outro modo sua decisão poderia se harmonizar com sua felicidade. Poderia ser feliz porque não matava, ou ser feliz por matar, mas jamais poderia ser o cumpridor indiferente de uma exigência que lhe fosse feita. Isso que sentia naquele instante não era um mandamento que o dominaria, mas um domínio no qual ingressava. Percebia que lá dentro já estava tudo decidido, o sentido abrandado como leite materno. Mas não era mais o pensamento que lhe dizia isso, nem sentimento na maneira comum, fragmentada; era uma “compreensão total”; por outro lado era apenas como quando o vento traz uma mensagem de longe, e ela não lhe parecia verdadeira nem falsa, sensata ou absurda, mas o comovia como se um leve e doce exagero lhe caísse no coração.

E, assim como não se pode construir uma verdade com as partes legítimas de um ensaio, também não se consegue obter nenhuma convicção num estado desses; pelo menos não sem renunciar a ele, assim como um amante tem de se afastar do amor para poder descrevê-lo. A ilimitada emoção que por vezes o movia, embora inerte, contradizia o impulso de agir de Ulrich, que o impelia para formas e fronteiras. Mas provavelmente é correto e natural querer saber, antes de deixar falar a emoção; e involuntariamente imaginava o que um dia queria encontrar: ainda que não fosse a verdade, não teria menos solidez que ela. Mas no seu caso particular ele se assemelhava, por isso, a um homem que vai juntando suas ferramentas enquanto perde o desejo de trabalhar. Seja o que for que lhe tivessem perguntado quanto aos seus objetivos quando trabalhava em seus tratados matemáticos ou lógico-matemáticos, ou na pesquisa das ciências naturais, teria respondido que só uma questão realmente recompensava o ato de pensar, e era a da vida justa. Mas quando se sustenta uma exigência sem que nada aconteça, o cérebro adormece exatamente como o braço quando segura por muito tempo um objeto, e nossos pensamentos não conseguem

ficar de pé o tempo todo, assim como soldados não o conseguem num desfile de verão; se tiverem de esperar tempo demais, caem desmaiados.

Como Ulrich concluíra mais ou menos aos vinte e seis anos o esboço de sua concepção de vida, ela já não lhe parecia muito sincera aos trinta e dois. Não continuara elaborando seus pensamentos, e exceto por uma sensação vaga e excitante, como se tem aguardando alguma coisa com olhos fechados, não se notava nele muita emoção pessoal desde que tinham passado aqueles dias de primeiras e frementes descobertas. Provavelmente, era todavia uma emoção subterrânea desse tipo que, com o tempo, lhe tirara o ímpeto em seu trabalho científico, impedindo-o de colocar nele toda a sua vontade. E isso o deixou numa estranha ambivalência. Não se pode esquecer que os espíritos exatos no fundo são mais crentes em Deus do que os estéticos, pois se submeteriam a “Ele” assim que Ele decidisse revelar-se nas condições que eles mesmos lhe prescrevessem para ser real, enquanto nossos espíritos estéticos, caso Ele se manifestasse, só achariam que Seu talento não é bastante original e Sua visão do mundo não é bastante compreensível para o colocar num mesmo nível com talentos realmente abençoados por Deus.

Ulrich não conseguia entregar-se a pressentimentos vagos com tanta facilidade como uma pessoa dessa espécie, mas, de outro lado, não podia também esconder que anos a fio, vivendo com pura exatidão, apenas vivera contra si próprio; e desejava que lhe acontecesse algo de imprevisto, pois quando fazia aquilo que ironicamente chamava suas “férias da vida”, não tinha nem numa nem noutra direção nada que lhe desse paz.

Talvez se pudesse alegar, em sua defesa, que a vida em certas fases transcorre com incrível rapidez. Mas o dia em que precisamos começar a viver nossa última vontade, antes de largarmos seus restos, está muito à nossa frente e não pode ser adiado. Ele via isso com uma nitidez ameaçadora, agora que se passara quase meio ano sem nenhuma mudança. Esperava, enquanto se movia de um lado para outro naquela atividade insignificante e tola que se propusera, falava, tinha prazer em falar demais, vivendo com a desesperada tenacidade de um pescador que baixa suas redes no rio vazio, pois não fazia nada que correspondesse à pessoa que era, e agia assim intencionalmente. Esperava atrás de sua própria pessoa, na medida em que essa palavra designa a parte de um ser humano formada pelo mundo e pelo curso da vida; e seu desespero calmo, retido atrás dela, aumentava a cada dia. Estava na pior situação de sua vida, e desprezava a si próprio por suas omissões. Grandes provas serão privilégio de grandes naturezas? Teria gostado de acreditar nisso, mas não é correto, pois também as mais simples naturezas nervosas têm suas crises. Assim, na verdade não lhe restava naquele grande abalo senão o resto inabalável que possuem todos os heróis e criminosos, que não é coragem, não é vontade, não é confiança, é simplesmente capacidade de agarrar-se tenazmente em si mesmo, tão difícil de extirpar quanto é difícil extirpar a vida de um gato, mesmo quando já está todo despedaçado pelos cães.

Se quisermos imaginar como vive uma pessoa dessas quando está sozinha, Podemos quando muito contar que de noite os vidros iluminados das janelas espiam o quarto, e os pensamentos, depois de usados, sentam-se por ali como clientes na sala de espera de um advogado com quem não estão satisfeitos. Ou, talvez, que certa noite Ulrich abriu as janelas e fitou os troncos de árvores despidos como cobras, cujas sinuosidades pareciam estranhas, negras e lisas, entre a cobertura nevada das copas e do

chão, sentindo repentinamente vontade de sair para o jardim assim como estava, de pijama; queria sentir o frio nos cabelos. Quando chegou embaixo, apagou a luz para não aparecer diante da porta iluminada, e só de seu escritório descia um telhado de luz sobre as sombras. Havia uma trilha para o portão de ferro que dava para a rua, e um segundo caminho a cruzava, nítido e escuro. Ullrich dirigiu-se lentamente para lá. Depois, a escuridão que subia por entre as copas das árvores lhe recordou fantásticamente a gigantesca figura de Moosbrugger, e as árvores nuas lhe pareceram estranhamente corpóreas; feias e molhadas como vermes e, ainda assim, dando vontade de as abraçar e cair de joelhos junto delas, rosto banhado em pranto. Mas não fez isso. O sentimentalismo daquele impulso o fez recuar no mesmo instante em que o tocou. Através do leitoso nevoeiro passavam diante das grades do jardim transeuntes tardios, e o teriam julgado um louco ao ver seu vulto de pijama vermelho entre os troncos negros; mas pisou firme no caminho e voltou para casa razoavelmente satisfeito, pois se havia alguma coisa reservada para ele, haveria de ser algo de muito diferente.

63

### BONADÉIA TEM UMIA VISÃO

Quando na manhã seguinte a essa noite; Ulrich se levantou tarde e muito abatido, anunciaram-lhe a visita de Bonadéia; era o primeiro encontro dos dois depois daquela briga.

Durante a separação, Bonadéia chorara muito. Sentira muitas vezes que abusavam dela. Muitas vezes rufara como um tambor envolto em panejamentos negros. Tivera muitas aventuras e decepções. E embora a lembrança de Ulrich caísse num fundo poço a cada aventura dessas, depois de cada decepção voltava à tona, impotente mas cheia de censura como a dor do abandono num rosto de criança. Bonadéia pedira cem vezes secretamente perdão ao seu amigo pelo ciúme, “punindo seu feio orgulho”, como dizia, e por fim decidiu oferecer-lhe um armistício.

Estava encantadora, melancólica e bela sentada diante dele, e sentia-se muito mal do estômago. Ele se postava à sua frente “como um adolescente”, a pele como mármore polido pelos grandes acontecimentos e a diplomacia que ela lhe atribuía. Nunca notara como seu rosto era forte e decidido. Teria gostado de capitular inteiramente, mas não tinha coragem de avançar tanto, e ele não fazia cara de quem a fosse convidar. Essa frieza era indizivelmente triste para ela, mas também solene como uma estátua. Bonadéia pegou inesperadamente; a mão dele e beijou-a. Ulrich lhe acariciou pensativamente o cabelo. As pernas dela fraquejaram da maneira mais feminina possível, e ela quis cair de joelhos. Então Ullrich a empurrou suavemente para a cadeira, trouxe uísque com soda, e acendeu um cigarro.

— Uma dama não bebe uísque de manhã! — protestou Bonadéia; por um momento teve novamente forças para ficar magoada, e seu coração subiu-lhe à cabeça, porque lhe pareceu que a naturalidade com que Ullrich lhe oferecia aquela bebida forte e, segundo ela, licenciosa, continha alguma alusão grosseira.

Mas Ulrich disse amavelmente:

— Vai lhe fazer bem. Todas as mulheres que se meteram na alta política bebiam uísque. — Pois, para introduzir-se outra vez na casa de Ulrich, Bonadéia dissera que admirava a grande Ação Patriótica, e desejava ajudar.

Era esse o seu plano. Ela sempre acreditava em várias coisas ao mesmo tempo, e meias-verdades facilitavam-lhe a mentira.

O uísque era dourado e a aqueceu como sol de maio.

Bonadéia teve a sensação de ter setenta anos e estar sentada num banco de jardim diante de uma casa. Estava envelhecendo. Seus filhos cresciam. O mais velho já tinha doze anos. Era vergonhoso seguir à sua casa um homem que mal conhecia só porque ele a fitara como se estivesse atrás de uma janela. Nota-se muito bem nele, pensou Bonadéia, detalhes que nos desagradam e deviam servir de aviso; bem que eu quereria — se ao menos algo me pudesse deter nesses momentos! — sair correndo, coberta de vergonha ou talvez vermelha de raiva; mas, como isso não acontece, esse homem cresce cada vez mais apaixonadamente em seu papel. Ela própria sentia-se como um bastidor de palco iluminado por luz artificial; são olhos de palco, bigode de palco, são botões de fantasia que se abrem, e os momentos desde a chegada ao quarto até o primeiro horrendo movimento lúcido depois transcorrem dentro de uma consciência que saiu da cabeça e recobre as paredes do quarto com uma tapeçaria de loucura. Bonadéia não usava exatamente essas palavras, já que só em parte pensava com palavras, mas enquanto imaginava a cena sentia-se logo sujeita àquela transformação da consciência. “Quem pudesse descrever isso seria um grande artista; não, um pornógrafo!”, pensou fitando Ulrich. Pois nem por um instante esquecia, naquela condição, seus bons propósitos e o desejo de ser decente; ficavam do lado de fora, esperando, não tinham nada a dizer diante daquele mundo transtornado pelo desejo. Quando Bonadéia recuperava a razão, passava pelos maiores tormentos. A alteração da consciência pela embriaguez sexual, que as outras pessoas encaram como coisa natural, assumia nela, devido à subitaneidade e profundidade da vertigem e do remorso, uma intensidade que a assustava sempre que voltava ao pacífico seio da família. Então, sentia-se como uma demente. Mal se atrevia a encarar os filhos, de medo de prejudicá-los com seu olhar pervertido. E estremecia quando o marido a contemplava um pouco mais ternamente, sentindo medo da descontração dos momentos a sós.

Por isso, nas semanas de separação, amadurecera o plano de não ter outro amante senão Ulrich; ele lhe daria segurança, e a livraria de aventuras com estranhos. “Como pude censurá-lo”, pensava agora que o reencontrava pela primeira vez, “ele é tão melhor do que eu.” E atribuía-lhe o mérito de nos braços dele ter sido uma pessoa melhor; e também pensava que na próxima festa benemerente ele a deveria introduzir em seu novo ambiente social. Bonadéia fez um secreto juramento à bandeira nacional, e a emoção lhe trouxe lágrimas aos olhos enquanto pensava em tudo isso.

Ulrich, porém, esvaziou seu copo de uísque com a lentidão de um homem que precisa se fortalecer para uma decisão difícil. E lhe disse que no momento ainda não era possível apresentá-la a Diotima. Naturalmente Bonadéia quis saber exatamente por que não era possível; depois, quis saber exatamente quando seria possível.

Ulrich teve de lhe explicar que ela não se destacara nem na arte, nem na ciência, nem na caridade, e que por isso levaria muito tempo até ele poder fazer Diotima entender que sua colaboração era necessária.

Entrementes, Bonadéia começara a sentir estranhas emoções em relação a Diotima. Ouvira muita coisa sobre suas virtudes para não ter ciúmes dela; pelo contrário,

invejava e admirava essa mulher que conseguia atrair seu amante sem fazer concessões imorais. Atribuiu a essa influência aquela impassibilidade de estátua que notara em Ulrich. Considerava-se “apaixonada”, compreendendo com isso tanto a sua desonra quanto uma desculpa honrosa para ela; mas admirava mulheres frias com a mesma sensação com que os infelizes donos de mãos sempre úmidas colocam sua mão noutra especialmente bela e seca. “Foi ela!” pensou. “Foi ela quem mudou Ulrich desse jeito!” Sentiu uma verruma dura no coração; uma verruma doce nos joelhos: essas duas verrumas girando simultaneamente uma contra a outra quase fizeram Bonadéia desmaiar, ao sentir a resistência de Ulrich. Então, jogou seu último trunfo: Moosbrugger!

Com dolorosa reflexão entendera que Ulrich tinha uma estranha predileção por aquela figura horrenda. Ela sentia repulsa por aquela “luxúria grosseira” que em sua opinião manifestava-se nos atos de Moosbrugger; nesse assunto, naturalmente sem o saber, sentia-se como as prostitutas que, claramente e sem nenhum romantismo burguês, consideram um criminoso sexual simplesmente um perigo para sua profissão. Mas, apesar das próprias falhas inevitáveis, ela precisava de um mundo ordenado e verdadeiro, e Moosbrugger lhe serviria para reconstruí-lo. Como Ulrich tivesse uma queda por ele, e o marido dela, que também era juiz, lhe podia dar informações úteis, ocorreria-lhe em seu abandono a idéia de unir sua fraqueza com a de Ulrich, com ajuda do marido; e essa idéia nostálgica tinha a força consoladora de uma sensualidade abençoada pela lei. Mas quando se aproximou do bom marido com esse assunto, ele ficou espantado com sua inesperada paixão pelo Direito, embora soubesse que ela facilmente se entusiasmava por tudo o que houvesse de bom e nobre nas pessoas. E como não fosse apenas juiz mas também caçador, respondeu, bondoso mas distante, que era correto matar feras sem muito sentimentalismo, e não lhe deu maiores informações. Numa segunda tentativa, tempos depois, Bonadéia apenas conseguiu extrair dele a opinião de que considerava parir coisa de mulheres, mas matar assunto de homens; como não devesse correr o risco de nenhuma suspeita nessa questão perigosa, de momento o caminho da justiça lhe estava fechado. Assim, chegara ao caminho do perdão, único que lhe restava, se quisesse fazer alguma coisa por Moosbrugger para alegrar Ulrich; e esse caminho passava, não se pode dizer surpreendente mas sedutoramente, por Diotima.

Em pensamento ela se via amiga de Diotima, e cumpria seu desejo de conhecer a admirada rival devido àquele assunto inadiável, orgulhosa demais para fazê-lo por alguma necessidade pessoal. Decidira conquistá-la em favor de Moosbrugger, o que Ulrich, segundo ela adivinhara facilmente, não tinha conseguido; e sua fantasia pintava tudo isso em belas cores. A grande e marmórea Diotima passava seu braço pelos cálidos ombros de Bonadéia, recurvados pelo pecado, e esta esperava ter mais ou menos a capacidade de ungir com uma gota de fraqueza aquele coração celestial e intocado. Era esse o plano que explicou ao amigo que perdera.

Mas naquele dia não conseguiu interessar Ulrich pela idéia de salvar Moosbrugger. Ele conhecia os nobres sentimentos de Bonadéia, e sabia com que facilidade o fogo de uma só bela emoção se transformava num incêndio a lhe consumir o corpo todo. Explicou-lhe que não tinha a menor intenção de se meter no processo contra Moosbrugger.

Bonadéia fitou-o com belos olhos ofendidos, em que a água boiava sobre o gelo como acontece no limite entre primavera e inverno.



Ulrich nunca deixara de sentir certa gratidão por aquele belo primeiro encontro na noite em que estava desmaiado no asfalto, Bonadéia ajoelhada junto da sua cabeça, e a hesitante, aventureira imprecisão do mundo, da juventude e dos sentimentos gotejara dos olhos daquela jovem mulher sobre a consciência dele, que despertava aos poucos. Portanto, procurou abrandar aquela recusa ofensiva com uma conversa mais longa.

— Imagine — disse ele — que você esteja andando por um grande parque à noite e dois vagabundos se aproximem: você pensaria que são pessoas dignas de pena, cuja brutalidade é culpa da sociedade?

— Mas eu nunca ando em parques de noite — respondeu Bonadéia imediatamente.

— Mas, se chegasse um policial, você o mandaria prender os dois?

— Eu lhe pediria que me protegesse!

— Isso significa que ele os prenderia!

— Não sei o que ele faria. Moosbrugger não é um vagabundo.

— Então imagine que ele trabalhava em sua casa como marceneiro. Você está sozinha com ele, e ele começa a revirar os olhos para o seu lado.

Bonadéia protestou:

— Você está me sugerindo uma coisa nojenta!

— Claro — disse Ulrich. — Mas quero lhe provar que pessoas que facilmente se descontrolam são muito desagradáveis. Só quando nós mesmos não estamos em jogo podemos ser imparciais com elas. Nesse caso, despertam nossa simpatia, julgamos que são vítimas do destino ou da sociedade. Você tem de admitir que ninguém se julga culpado de seus próprios erros; no pior dos casos, considera-os um engano, ou qualidades negativas num conjunto que nem por isso é menos bom; e naturalmente ele terá toda a razão!

Bonadéia precisou arrumar a meia, e foi obrigada a encarar Ulrich com a cabeça inclinada para trás, e em seu joelho, que a vista não controlava, nasceu uma contraditória agitação de bainhas rendadas, meia lisa, dedos tensos, e o doce, macio brilho nacarado da pele.

Ulrich acendeu depressa um cigarro, e continuou:

— O ser humano não é bom, ele é sempre bom! Entendeu a diferença? Ela é enorme. A gente ri desse sofisma do amor-próprio, mas devíamos concluir, por ele, que o ser humano é incapaz de fazer o mal; apenas, seus atos podem ter efeitos maléficos. Com essa idéia chegamos ao verdadeiro ponto de partida de uma moral social.

Com um suspiro, Bonadéia baixou a saia outra vez, endireitou-se e tentou se acalmar com um gole daquele fogo dourado e fosco.

— E agora vou lhe explicar — acrescentou Ulrich sorrindo — por que se pode sentir muita coisa por Moosbrugger, mas não se pode fazer nada por ele. No fundo, todos esses casos se parecem a um fio solto, e, quando o puxamos, todo o tecido social começa a se desmanchar. Vou lhe mostrar isso primeiro em problemas puramente racionais.

Inexplicavelmente, Bonadéia perdeu um sapato. Ulrich abaixou-se, e o pé aproximou-se, quente, do sapato em sua mão, como uma criancinha.

— Deixa, eu mesma faço! — disse Bonadéia, estendendo-lhe o pé.

— Primeiro vêm as questões jurídico-psiquiátricas — prosseguiu Ulrich implacavelmente, enquanto da perna dela lhe subia ao nariz um aroma de responsabili-

dade reduzida. — Nessas questões, como sabemos, os médicos já avançaram a ponto de se poderem evitar a maioria desses crimes, se quiséssemos aplicar nisso o dinheiro necessário. Portanto, trata-se hoje em dia de um mero problema social.

— Ah, sabe, pare de falar nisso! — pediu Bonadéia quando ele disse “social” pela segunda vez. — Quando se fala nisso lá em casa, eu saio do quarto; sinto um tédio mortal.

— Muito bem — transigiu Ulrich —, eu só quis dizer que assim como a técnica fabrica coisas úteis com cadáveres, lixo, refugos e venenos, a técnica psicológica quase consegue o mesmo. Mas o mundo não tem nenhuma pressa em resolver essas questões. O Estado gasta dinheiro em tudo quanto é bobagem, mas não tem um tostão para as mais importantes questões morais. Isso é da sua natureza, pois o Estado é a criatura mais tola e perversa que existe.

Ele disse isso com convicção; mas Bonadéia procurava fazê-lo voltar ao assunto central.

— Querido — disse languidamente —, não será melhor para Moosbrugger ele ser irresponsável ? !

— Provavelmente seria mais importante matar todos os responsáveis do que evitar que um irresponsável seja morto — disse Ulrich, evasivo.

Ele andava de um lado para outro, perto dela. Bonadéia o achou revolucionário e ardente; conseguiu pegar sua mão e colocou-a sobre o próprio seio.

— Bem — disse ele —, agora vou lhe explicar as questões emocionais. Bonadéia espalmou os dedos dele e colocou sua mão aberta sobre o seio. O olhar com que fez isso era de comover uma pedra; Ulrich sentiu dois corações pulsando no peito, como na oficina de um relojoeiro se misturam as batidas dos relógios. Usando de toda a sua força de vontade, pôs ordem no seu peito e disse brandamente:

— Bonadéia, não!

Ela estava quase chorando, e Ulrich tentou persuadi-la:

— Não é contraditório você ficar nervosa com essa questão porque eu lhe falei nela por acaso, e não perceber coisa alguma dos milhões de injustiças, igualmente grandes, que acontecem todo dia?

— Mas não tem nada que ver — defendeu-se Bonadéia. — Acontece que desse caso eu sei! E seria uma pessoa má se ficasse quieta!

Ulrich achou que seria melhor ficar quieto; uma calma furiosa, acrescentou. Libertara a mão e sentara-se a certa distância dela.

— Hoje em dia tudo acontece “enquanto” e “por enquanto” — comentou —, e tem de ser assim. Pois a escrupulosidade de nossa razão nos força a uma terrível inescrupulosidade de sentimentos. — Ele servira-se mais uma vez de uísque e puxara as pernas sobre o divã. Começava a sentir-se cansado. — Todo homem por natureza reflete sobre sua vida — explicou —, mas quanto mais precisamente reflete, tanto mais seu pensamento se estreita. Quando ele está maduro, temos diante de nós uma pessoa tão especializada num determinado milímetro quadrado como talvez duas dúzias de outras no mundo todo; ele vê muito bem que outras pessoas menos esclarecidas dizem bobagens sobre problemas dele, mas não pode se mover, pois se sair do seu terreno, por um micromilímetro que seja, começará ele próprio a dizer tolices. — Agora sua fadiga era tão fluida e dourada quanto a bebida sobre a mesa. “Mas eu já estou dizendo bobagens há meia hora”, pensou; contudo, aquele estado

apaziguado era agradável. Apenas receava que Bonadéia tivesse vontade de se sentar a seu lado. Contra isso havia um só remédio: ir falando.

Ele recostara a cabeça e jazia esticado como as figuras de jacentes nas sepulturas da Capela Mediei. Isso lhe ocorreu de repente, e enquanto assumia aquela postura sentiu no corpo uma espécie de majestade, flutuando na mesma serenidade das estátuas, e sentiu-se mais poderoso do que realmente era; pela primeira vez acreditou, na distância, compreender aquelas obras de arte que até ali apenas encarara como objetos estranhos. E em vez de falar, calou-se. Bonadéia também sentiu alguma coisa. Era um “momento”, como se diz daquilo que não se sabe nomear. Algo sublime e teatral unia os dois, subitamente emudecidos.

“O que foi feito de mim?”, pensou Ulrich amargurado. “Talvez uma pessoa corajosa e insubornável, que imagina respeitar poucas leis exteriores por amor à liberdade interior. Mas essa liberdade interior consta de poder pensar tudo, saber em qualquer situação humana por que não nos precisamos prender a ela, e nunca saber em que nos gostaríamos de prender!” Naquele momento infeliz, em que a singular pequena onda de emoções que o dominara por um segundo se desfazia novamente, estava disposto a admitir que só possuía uma capacidade, a de descobrir em cada coisa dois aspectos, aquela ambivalência moral que caracterizava quase todos os seus contemporâneos e constituía a tendência de sua geração, ou o seu destino. Suas relações com o mundo tinham-se tornado pálidas, fantasmais e negativas. Que direito tinha de tratar mal a Bonadéia? Entre eles repetia-se a cada vez aquele pequeno diálogo irritante. Nascido da acústica interna do vazio, no qual um tiro ecoa com dupla intensidade e não cessa de rolar; aborrecia-o não poder mais falar com ela senão daquela maneira, e o tormento especial que isso causava aos dois lhe pareceu ter o belo nome vago de Barroco do Vazio.

Ele ergueu-se para lhe dizer alguma coisa amável.

— Lembrei-me de uma coisa — disse a Bonadéia, que ainda estava ali sentada numa postura digna. — Coisa engraçada. Uma diferença singular: o homem responsável sempre pode optar, o irresponsável nunca!

Bonadéia teve uma resposta muito substanciosa:

— Ora, lá vem você! — respondeu. Foi a única interrupção, e o círculo de silêncio voltou a se fechar.

Quando Ulrich falava de coisas gerais na presença dela, ela não gostava. Com razão sentia-se, apesar de todos os seus erros, no meio de uma multidão de semelhantes, e tinha uma noção correta do que havia de anti-social, exagerado e solitário na natureza dele, por lhe oferecer idéias em vez de emoções. Com isso, dentro dela, pecado, amor e melancolia tinham-se unido formando um círculo de idéias altamente perigoso. Ulrich de longe não lhe parecia mais tão intimidante e perfeito como no início daquele reencontro; mas, para compensar, assumira agora um ar juvenil que excitava o idealismo dela como uma criança que quer correr até os braços da mãe, mas tem medo de alguma coisa no caminho. Há muito tempo sentia por ele uma ternura solta, incontrolada. Mas já que Ulrich rejeitara o primeiro sinal disso, ela se controlava à força. Ainda não superara a recordação da última visita, em que se despira e deitara desamparadamente no divã dele; e decidira que era melhor ficar de chapéu e véu até o fim naquela cadeira, para que ele aprendesse que tinha à frente alguém que, em caso de necessidade, sabia controlar-se como a rival Diotima. Mas na grande excitação que sempre sentia diante de um amante, Bonadéia sentia sempre falta da grande

idéia que lhe correspondesse; infelizmente, tal se pode dizer da vida toda: ela tem muita excitação e pouco sentido; mas Bonadéia não sabia disso, e procurava expressar alguma idéia. Achava que as de Ulrich não tinham a dignidade de que ela precisava, e é provável que procurasse outra mais bonita e sentimental. Mas hesitação ideal e atração vulgar, atração e medo terrível de ser prematuramente atraída misturavam-se com o estímulo do silêncio no qual freariam os atos reprimidos e com a lembrança da grande paz que por um segundo a ligara ao amante. Por fim, era como quando paira uma chuva no ar, mas não chove: um atordoamento que se espalhava por toda a sua pele e assustava Bonadéia com a idéia de que, sem notar, era capaz de perder o controle.

De repente, isso produziu uma ilusão física: uma pulga. Bonadéia não sabia se ela era realidade ou fantasia. Sentiu um calafrio no cérebro, uma impressão inacreditável, como se ali uma fantasia se tivesse destacado da espectral unidade das demais, mas ainda não passasse de imaginação; e ao mesmo tempo um calafrio indubitável e real na pele. Ela sustou a respiração. Quando alguma coisa sobe a escada, *tape, tape*, e a gente sabe que a escada está deserta mas ainda assim escuta, bem nítido, *tape, tape*. Como se um raio a trespassasse, Bonadéia compreendeu que aquilo era uma continuação involuntária do sapato perdido. Para uma dama, era um recurso desesperado. Contudo, no momento em que quis exorcizar aquele fantasma, sentiu uma forte picada. Deu um gritinho, ficou muito vermelha, e pediu a Ulrich que a ajudasse a procurar. Uma pulga apreciava os mesmos lugares que um amante; a meia foi examinada até embaixo, no sapato, a blusa teve de ser aberta no peito. Bonadéia explicou que devia vir do bonde, ou de Ulrich. Mas não conseguiram encontrar a pulga, e ela não deixara sinal.

— Não sei o que pode ter sido! — disse Bonadéia.

Ulrich sorriu, com inesperada amabilidade.

Então Bonadéia começou a chorar como uma menininha que se portou mal.

## O GENERAL STUMM VON BORDWEHR VISITA DIOTIMA

O General Stumm von Bordwehr fora apresentar seus cumprimentos a Diotima. Era aquele oficial enviado pelo Ministério da Guerra para a grande reunião inaugural, onde ele fizera um discurso que impressionara a todos, mas não conseguira evitar que, na indicação das comissões para a grande obra de paz, segundo o modelo dos ministérios, o Ministério da Guerra fosse omitido por razões óbvias.

O general não era um homem imponente; tinha uma barriguinha, e, em vez de bigode, apenas uma mosca sobre o lábio superior.

Seu rosto era redondo, e tinha o ar de boa família exigido para o oficial de tropas sem fortuna pessoal além daquela que o regulamento impunha para poderem se casar. Ele disse a Diotima que o papel do soldado na sala de conferências era modesto. Além disso, por razões políticas, era natural que o Ministério da Guerra não pudesse ser levado em conta na formação das comissões. Mas atrevia-se a afirmar que a plane-

jada ação deveria ter efeitos no exterior, e o que atuava no exterior era o poder do povo. Repetiu que o conhecido filósofo Treitschke dissera que o Estado era o poder de manter-se na luta entre os povos. A força que haurimos na paz afastava a guerra, ou pelo menos abreviava sua crueldade. Ele falou ainda quinze minutos, usou algumas citações clássicas que, segundo acrescentou, recordava com agrado dos tempos de ginásio, e afirmou que aqueles anos de estudo humanístico tinham sido os melhores de sua vida; procurou fazer Diotima sentir que a admirava, e que a maneira como conduzia a grande sessão fora encantadora; queria repetir ainda uma vez que, bem compreendida, a melhoria das forças armadas, que ficavam muito aquém das de outras nações, poderia ser uma expressão de intenção pacifista, e também esclareceu que aguardava confiante que surgisse por si um significativo interesse do povo nos problemas do exército.

Esse amável general deixou Diotima mortalmente assustada. Naquele tempo havia na Kakânia famílias freqüentadas por oficiais porque suas filhas se casavam com eles, e famílias cujas filhas não se casavam com oficiais, ou por não haver dinheiro suficiente para o dote, ou por princípio, de forma que não eram freqüentadas por oficiais; a família de Diotima pertencera à segunda espécie, pelos dois motivos, e como resultado a bela e escrupulosa mulher tinha dos militares um conceito semelhante ao da Morte enfeitada de trapos coloridos. Respondeu que havia tanta coisa grande e bela no mundo, que a escolha não era fácil. Era um grande privilégio poder dar um sinal grandioso naquele mundo tão materialista, mas também um dever muito difícil. E afinal, a manifestação deveria brotar do seio do povo, por isso ela precisava conter um pouco seus próprios desejos. Pronunciava suas palavras cautelosamente, como se estivessem amarradas com barbante amarelo e preto, e queimava nos lábios brandos vocábulos técnicos da alta burocracia.

Mas quando o general se despedira, o interior daquela nobre dama desmoronou. Se fosse capaz de um sentimento vulgar como ódio, teria odiado aquele homenzinho de olhos inquietos e botões dourados no ventre, mas como isso lhe era impossível, sentiu-se ofendida e não sabia dizer por quê. Apesar do frio do inverno abriu as janelas, e correu algumas vezes pela sala. Quando fechou as janelas outra vez, tinha lágrimas nos olhos. Estava espantadíssima. Já era a segunda vez que chorava sem motivo. Lembrou-se da noite em que derramara lágrimas ao lado do marido sem ter explicações. Desta vez o caráter nervoso do fato, ao qual não correspondia nenhum motivo, era mais evidente ainda; aquele oficial gorducho lhe arrancava lágrimas dos olhos como uma cebola, sem nenhuma emoção. Ela ficou inquieta, e com razão; um medo cheio de pressentimentos lhe dizia que havia algum lobo invisível rondando sua cerca, e que era urgente expulsá-lo pelo poder da Idéia.

Foi assim que, depois da visita do general, ela decidiu realizar o mais depressa possível aquela reunião de grandes espíritos, que a ajudaria a assegurar um conteúdo para a Ação Patriótica.

## DAS CONVERSAS ENTRE ARNHEIM E DIOTIMA

O coração de Diotíma ficou aliviado porque Arnheim acabava de voltar de uma viagem e estava à sua disposição.

— Há poucos dias falei com seu primo a respeito de generais — respondeu ele imediatamente, e disse isso com o ar de um homem que alude a algum acontecimento grave, sem querer precisar do que se tratava. Diotima ficou com a impressão de que seu contraditório primo, pouco entusiasmado com a idéia da Ação, ainda por cima favorecia os vagos perigos que vinham de parte do general, e Arnheim prosseguiu:

— Eu não gostaria de expor o assunto ao ridículo, comentando-o diante de seu primo — com essas palavras ele introduziu outro assunto —, mas quero fazê-la sentir uma coisa que, por estar distante, a senhora dificilmente perceberia por si: é a relação entre negócios e poesia. Naturalmente falo em grandes negócios, negócios mundiais, que fui destinado a gerir devido ao meu nascimento; eles são semelhantes à poesia, têm aspectos irracionais, e mesmo místicos; eu até gostaria de dizer que especialmente os negócios têm esse aspecto. Veja bem, o dinheiro é um poder extrema mente intolerante.

— Em tudo o que as pessoas fazem com todo o empenho provavelmente há certa intolerância — respondeu Diotima, com certa hesitação, ainda presa ao primeiro e inacabado assunto da sua conversa.

— Especialmente o dinheiro! — disse Arnheim rapidamente. — Pessoas insensatas imaginam que ter dinheiro seja um prazer! Na verdade é uma responsabilidade terrível. Não quero falar nas incontáveis vidas que dependem de mim, a ponto de eu praticamente ser o destino delas; vamos falar apenas do fato de que meu avô começou com um negócio de coleta de lixo numa cidade de tamanho médio na Renânia.

Com essas palavras, Diotima sentiu novamente um súbito calafrio, que lhe pareceu vir do imperialismo econômico; mas era engano, pois não era totalmente isenta aos preconceitos do meio em que vivia, e como, falando em coleta de lixo, pensara, segundo o dialeto de sua terra, em esterqueiro, a corajosa confissão do amigo a fez corar.

— Com esse aproveitamento de lixo — prosseguiu a confissão —, meu avô fundamentou a influência dos Arnheim. Também meu pai aparece como *self made man*, se pensarmos que em quarenta anos expandiu essa firma tornando-a uma em presa mundial. Ele freqüentou apenas duas séries de uma escola de comércio, mas com um só olhar entende as mais complexas situações do mundo, e sabe tudo o que precisa saber, mais depressa que outras pessoas. Eu estudei economia política e toda a sorte de ciências, mas ele as desconhece totalmente, e não se consegue explicar como faz isso, mas nunca falha em nada. É o segredo de uma vida enérgica, simples, grande e saudável!

A voz de Arnheim assumira um singular tom de respeito ao falar do pai, como se aquela sua calma didática tivesse uma pequena falha em algum lugar. Isso chamou mais a atenção de Diotima porque Ulrich lhe contara que diziam ser o velho Arnheim simplesmente um sujeitinho pequeno de ombros largos, rosto ossudo e narizinho ar-

rebitado, usando sempre um fraque de asas de andorinha desabotoado, lidando com suas ações com a cautela e avareza com que um jogador de xadrez maneja suas peças. Sem esperar resposta, Arnheim prosseguiu depois de uma pequena pausa:

— Quando um negócio assume as dimensões desses poucos de que estou falando aqui, praticamente não há um aspecto da vida ao qual não esteja ligado. É um pequeno cosmos. A senhora ficaria espantada ao saber que problemas aparentemente nada comerciais, de arte, moral, política, por vezes preciso comentar conversando com o chefe mais velho. Mas a firma já não está mais naquela disparada para o alto como nos primeiros tempos, que eu chamaria de heróicos. Apesar de todo o sucesso, também para os negócios há um misterioso limite de crescimento, como para tudo o que é orgânico. A senhora já pensou alguma vez por que ninguém cresce mais do que um elefante? Encontrará o mesmo mistério na história da arte e nas estranhas relações da vida dos povos, culturas e tempos.

Agora Diotima se arrependia de ter se assustado com a menção do refinamento de lixo, e ficou confusa.

— A vida está cheia de mistérios desses. Há alguma coisa diante da qual toda a razão é impotente. Meu pai está ligado a ela. Mas uma pessoa como seu primo — disse Arnheim —, um ativista que está sempre pensando que tudo deveria ser diferente e poderia ser melhorado, não tem sensibilidade para esse tipo de coisa.

Quando Ulrich foi mencionado mais uma vez, Diotima mostrou com um sorriso que um homem como aquele primo não tinha nenhum direito de a influenciar. A pele regular de Arnheim, vagamente amarelada, lisa no rosto como uma pera, estava ruborizada além das bochechas. Há algum tempo Diotima lhe provocava uma singular necessidade de confiar a ela até o fundo, sem proteger-se, e ceder a esse impulso. Então fechou-se novamente, tirou um livro de cima da mesa, leu o título sem o entender, largou-o outra vez, impaciente, e disse com voz habitual, que naquele momento abalou Diotima como o gesto de alguém que veste as roupas, o que a fez reconhecer que antes ele se despira;

— Eu me desviei demais do assunto. O que tenho a lhe dizer sobre o general é que a senhora não pode fazer nada melhor do que concretizar seu plano o mais de pressa possível, para estimular nossa Ação com a influência do espírito humanista e seus reconhecidos representantes. Mas também não precisa repudiar inteiramente o general. Ele talvez tenha boa vontade, como pessoa, e a senhora conhece meu princípio, segundo o qual nunca se deve fugir de uma oportunidade de introduzir o espírito numa esfera onde reinava apenas o poder.

Diotima pegou a mão dele e resumiu a conversa numa despedida:

— Agradeço pela sua sinceridade!

Arnheim deixou aquela branda mão um momento pousada na sua, indeciso, e fitou-a pensativo, como se tivesse esquecido de dizer alguma coisa.

## ALGUMAS COISAS NÃO VÃO BEM ENTRE ULRICH E ARNHEIM

Naquele tempo, não raro o primo dela divertia-se descrevendo a Diotima as experiências profissionais que fazia junto de Sua Alteza, e dava especial valor a mostrar-lhe a toda hora as pastas com sugestões que chegavam ao escritório do Conde Leinsdorf.

— Ilustre prima — dizia ele, com uma gorda pilha de documentos na mão —, não consigo mais me ajeitar sozinho; o mundo inteiro parece esperar melhorias de nós, e metade deles começa com as palavras “Libertemo-nos de...” enquanto a outra metade começa com “Avancemos até...!” Tenho aqui pedidos que vão desde “Libertemo-nos de Roma” até “Avancemos até a cultura de legumes!” Qual deles prefere?

Não era fácil ordenar os pedidos que o mundo todo dirigia ao Conde Leinsdorf, mas dos textos destacavam-se pela abrangência dois grupos. Um responsabilizava pelo mau estado da época algum detalhe e pedia sua revogação, e esses detalhes não eram nada menos que os judeus ou a Igreja Católica, o socialismo ou o capitalismo, o pensamento mecanicista ou a negligência da evolução tecnológica, a mistura de raças ou a segregação racial, o latifúndio ou a grande cidade, a intelectualização ou a insuficiente instrução do povo. Por outro lado, o outro grupo nomeava um objetivo cuja consecução já bastaria; esses objetivos desejáveis do segundo grupo distinguiam-se dos detalhes extermináveis do outro apenas pelos augúrios emocionais de sua expressão, obviamente por haver no mundo naturezas críticas e naturezas afirmativas. Assim, as cartas do segundo grupo diziam, com alegre negativa, que era preciso acabar de uma vez com o ridículo culto das artes, pois a vida era um poeta bem maior do que todos os escrevinhadores, e exigiam coleções de reportagens de tribunal e descrições de viagem para uso geral; em compensação, as cartas do primeiro grupo diziam, numa alegre afirmativa, que a emoção dos alpinistas chegando ao cume era maior que toda a exaltação da arte, filosofia e religião, motivo pelo qual em vez destas, carecia incentivar ligas de alpinistas. Dessa maneira dupla exigia-se a um tempo um relaxamento do ritmo de vida e uma premiação para o melhor folhetim, porque a vida era insuportável ou deliciosamente curta, e desejava-se libertar a humanidade de, ou através de, aldeias-jardins, emancipação da mulher, dança, esporte, arte de morar bem, assim como libertá-la de incontáveis outras coisas por meio de outras mais.

Ulrich fechou a pasta e começou um diálogo particular.

— Ilustre prima — disse ele —, é singular que a metade procure salvação no futuro, e a outra no passado. Não sei que conclusão tirar. Sua Alteza diria que a época atual não tem remédio.

— Sua Alteza pretende fazer algo de religioso? — perguntou Diotima.

— De momento, ele descobriu que não há retorno voluntário na história da humanidade. Mas o difícil é que também não temos nenhum avanço que se aproveite. Permita que eu considere singular que as coisas não avancem nem recuem e se considere o momento atual insuportável.

Quando Ulrich falava assim, Diotima entrincheirava-se no seu corpo alto como uma torre marcada com três estrelas no guia de viagem.



— A senhora acredita que qualquer pessoa que hoje em dia luta a favor ou contra uma causa — perguntou Ulrich —, amanhã, por milagre transformada em governante absoluto e ilimitado do mundo, ainda faria imediatamente aquilo por que lutou a vida inteira? Estou convencido de que se permitiria um certo adiamento.

Como Ulrich fizesse uma pequena pausa depois disso, Diotima se dirigiu a ele sem responder, e perguntou, severa:

— Por que motivo deu esperanças ao general sobre nossa ação?

— Que general?

— O General von Stumm!

— É aquele general baixinho e gordinho da primeira grande reunião? Eu? Mas nunca mais o vi, muito menos lhe dei esperanças de qualquer coisa!

O espanto de Ulrich era convincente e exigia uma explicação. Mas como também um homem como Arnheim não pudesse mentir, devia haver algum mal-entendido, e Diotima explicou em que apoiara sua suposição.

— Então pensa que falei com Arnheim sobre o General von Stumm? Também nunca fiz isso! — assegurou Ulrich. — Com Arnheim... por favor, me dê algum tempo... — ele refletiu, de repente deu uma risada. — Seria muito lisonjeiro que Arnheim desse tanto valor a cada uma de minhas palavras! Conversei várias vezes com ele nos últimos tempos, se chama nossas discussões de “conversas”, e uma vez, realmente, falei num general, mas de nenhum general em particular, e só incidental mente, como exemplo. Afirmei que um general que por motivos estratégicos manda um batalhão para a morte certa é um assassino, se pensarmos que são milhares de seres humanos; mas que ele se torna outra coisa quando nosso pensamento o relaciona com outras idéias, por exemplo, a necessidade de fazer vítimas, ou a indiferença de nossa breve vida. Também usei uma série de outros exemplos. Mas permita-me uma digressão. Por motivos muito evidentes, cada geração julga a vida que recebe como coisa sólida, exceto em alguns pontos cuja mudança lhe interessa. Isto é útil, mas falso. O mundo poderia ser mudado a cada momento, em todas as direções, ou pelo menos em qualquer sentido que se quisesse; isso é, por assim dizer, de sua natureza. Por isso, seria uma maneira estranha de viver, tentar não se portar como uma pessoa definida num mundo definido, no qual basta mudar de lugar alguns botões, o que se chama de evolução; mas, de saída, viver como um ser nascido para transformações, incluído num mundo em transformação, mais ou menos como uma gotinha d’água numa nuvem. Está me desprezando porque falei confusamente outra vez?

— Não o desprezo, mas não consigo entender — disse Diotima. E ordenou: — Conte-me toda a conversa!

— Bem, foi Arnheim quem a provocou. Ele me interpelou e praticamente me obrigou a conversar — começou Ulrich. — “Nós, comerciantes”, me disse ele com um sorriso muito alusivo, contrastando um pouco com sua postura calma, mas mesmo assim muito majestoso, “nós comerciantes não calculamos, como talvez o senhor pense. Mas nós — falo naturalmente nos líderes, pois os pequenos podem calcular o tempo todo — aprendemos a considerar nossas idéias realmente de sucesso muito superiores a qualquer cálculo, mais ou menos como o êxito pessoal dos políticos e, afinal, do artista também.” Depois me pediu que julgasse o que diria a seguir com a benevolência por vezes exigida pelo irracional. Desde o primeiro dia em que me vira preocupava-se comigo, confiou-me, e a senhora, cara prima, deve ter lhe contado alguma coisa a meu respeito. Mas nem teria sido preciso, me assegurou ele,

e explicou que singularmente eu escolhi uma profissão muito abstrata e conceituai, pois por mais que tivesse talento para ela, mesmo assim estava enganado sendo cientista, pois meu verdadeiro talento, ainda que isso me pudesse espantar, estava no terreno da ação e da atuação pessoal.

— Ah, é? — disse Diotima.

— Concorde inteiramente com a senhora — disse Ulrich com rapidez. — Não há coisa para que eu tenha menos talento do que para tratar de mim mesmo.

— O senhor está sempre debochando em vez de se dedicar à vida — disse Diotima, que ainda estava aborrecida com ele por causa daquelas pastas.

— Arnheim afirma o contrário. Tenho necessidade de tirar, do meu pensamento, conclusões radicais demais sobre a vida, diz ele.

— O senhor gosta de zombar e é negativista; está sempre lançando-se no impossível, e evita todas as decisões de verdade! — afirmou Diotima.

— Eu simplesmente estou convencido — disse Ulrich — de que o pensamento é um setor à parte, e a vida outro. Pois atualmente, a diferença de nível entre os dois é grande demais. Nosso cérebro tem alguns milhares de anos, mas se tivesse pensado até a metade todas as coisas, esquecendo a outra metade, a realidade seria o seu reflexo mais fiel. Apenas lhe podemos negar participação intelectual.

— Isso não significa tornar a tarefa fácil demais? — perguntou Diotima sem intenção de ofender, apenas como quem está numa montanha contemplando um riachinho a seus pés. — Arnheim também gosta de teorias, mas acho que raramente se manifesta sem ter examinado bem todas as relações. Não acha que o sentido de todo o pensamento é sua capacidade de aplicação...?

— Não — disse Ulrich.

— Eu gostaria de saber o que Arnheim lhe respondeu.

— Ele me disse que hoje em dia o espírito é um observador impotente da verdadeira evolução, porque se esquia das grandes tarefas que a vida propõe. Convidou-me a refletir sobre o que abordam as artes, que ninharias realizam as igrejas, como é estreito até mesmo o campo de visão da intelectualidade! Eu devia pensar que enquanto isso a terra está sendo textualmente dividida. E então me disse que estava exata mente querendo falar comigo sobre isso.

— E o que respondeu? — Perguntou Diotima curiosa, pois pensava adivinhar que Arnheim tinha querido censurar seu primo por essa indiferença quanto à Ação Paralela.

— Respondi que a concretização sempre me atrai menos do que o não-realizado, e não me refiro apenas ao futuro, mas também ao passado e ao omitido. Cada vez que realizamos parcialmente uma idéia, esquecemos de realizar o resto dela, entretidos na alegria pelo que já fizemos. Parece-me que esta é a nossa história. Em geral, grandes instituições são idéias fracassadas; de resto, grandes pessoas também são assim: foi isso que eu lhe disse. Tratava-se de certa forma de uma diferença na direção da nossa perspectiva.

— O senhor quis provocar uma briga! — disse Diotima, magoada.

— Em compensação, ele me contou como lhe pareço quando nego a atividade, procurando em vez disso um sistema geral de pensamentos. Quer saber o que ele disse? Como um homem que se deita na terra ao lado da cama que lhe prepararam. Disse que era desperdício de energia, portanto até fisicamente imoral, acrescentou com relação a mim. E insistiu em que eu compreendesse que objetivos espirituais de

grande amplitude só podem ser alcançados com utilização das relações de poder hoje existentes, na economia, política e não por último, no âmbito intelectual. Ele julgava mais ético servir-se delas do que negligenciá-las. Insistiu muito comigo. Chamou-me de pessoa muito ativa, em posição de defesa, em crispada postura de defesa. Acho que tem algum motivo bastante suspeito para querer conquistar meu respeito!

— Ele quer ajudá-lo! — exclamou Diotima, em tom de censura.

— Ah, não — disse Ulrich. — Talvez eu seja apenas um pedregulho e ele uma magnífica pançuda bola de cristal! Mas tenho a impressão de que sente medo de mim.

Diotima não respondeu. O que Ulrich dizia podia ser arrogante, mas ocorrera-lhe que a conversa que ele lhe repetira não era exatamente como Arnheim lhe dera a entender. Isso até a inquietou. Embora julgasse Arnheim incapaz de alguma intriga, começou a sentir mais confiança em Ulrich, e perguntou-lhe o que sugeria na questão do General von Stumm.

— Mantenha-o longe! — respondeu Ulrich, e Diotima não conseguiu poupar-se a acusação de que aquilo lhe agradava.

## 67

### DIOTIMA E ULRICH

Naquele tempo, a relação de Diotima e Ulrich melhorara bastante por causa da convivência, que se tornara habitual. Tinham de sair juntos freqüentemente para fazerem visitas, e ele vinha várias vezes por semana, não raro sem avisar, e em horas inusitadas. Nessas condições, os dois achavam cômodo fazer uso do seu parentesco e abrandar familiarmente as severas prescrições sociais. Diotima não o recebia sempre no salão, blindada à perfeição do nó do cabelo à bainha da saia, mas às vezes vestida com vaga negligência doméstica, embora fosse uma negligência muito prudente. Entre os dois estabelecera-se uma espécie de ligação que residia principalmente nas formas de convivência; mas formas têm efeito no interior, e os sentimentos que as constituem podem também ser despertados por elas.

Por vezes Ulrich era tocado pela intensa sensação de que Diotima era muito bela. Então parecia-lhe uma rês jovem, alta, madura, de boa raça, que caminha com segurança e contempla com olhar profundo a relva que vai arrancando. Mesmo então não a via sem maldade e ironia, e vingava-se, com comparações do reino animal, daquela aristocracia espiritual de Diotima. Esse sentimento nascia de uma funda ira e se dirigia menos à aluna-modelo do que à escola na qual ela tinha êxito. “Como ela seria agradável”, pensava ele, “se fosse inculta, relaxada e bondosa como um corpo de mulher grande e quente sempre é quando não se arroga idéias especiais!” A famosa esposa do comentado subsecretário Tuzzi fugia então do próprio corpo, e este ficava sobrando como um sonho que, junto com travesseiros, cama e sonhador, se torna uma nuvem branca sozinha no mundo com a ternura que carrega.

Mas quando Ulrich voltava de um desses passeios da fantasia, via à frente um espírito burguês e aplicado que procurava contato com pensamentos nobres. De resto, o parentesco físico inquieta quando acompanhado de forte diferença nas naturezas, e

basta para isso a mera idéia de parentesco, a consciência de si próprio; às vezes, irmãos não se suportam, de uma maneira que supera em muito tudo o que poderia haver de fundamentado nessa repulsa mútua, e nasce do fato que, só por existirem, questionam um a identidade do outro e têm mutuamente o efeito de um espelho levemente deformante. Às vezes bastava que Diotima tivesse mais ou menos a mesma altura de Ulrich, para despertar a idéia de que era sua parenta e o fazer sentir aversão pelo corpo dela. Embora com algumas diferenças, ele lhe atribuía a mesma tarefa que seu amigo de juventude Walter já tivera; era a de humilhar e excitar seu orgulho, mais ou menos como velhos retratos desagradáveis em que nos revemos, humilhados, e que ao mesmo tempo desafiam nosso orgulho. Na desconfiança de Ulrich em relação a Diotima devia haver também algo que ligava e unia, em suma um sopro de verdadeira simpatia, assim como o afeto por Walter, outrora sincero, ainda vivia na forma de desconfiança.

Como não gostasse de Diotima, Ulrich por longo tempo achou aquilo muito estranho, sem compreender por quê. Às vezes faziam pequenos passeios juntos; com apoio de Tuzzi aproveitou-se o bom tempo para, apesar da época desfavorável do ano, mostrar a Arnheim “as belezas dos arredores de Viena” — Diotima sempre usava esse clichê falando no assunto — e Ulrich era levado junto, no papel de parente mais velho que protege a honra conjugal; pois o subsecretário Tuzzi não podia se afastar de suas funções, e mais tarde verificou-se que Ulrich também ia sozinho com Diotima quando Arnheim viajava. Este colocara à disposição, para tais passeios bem como para os fins diretamente ligados à ação, tantos carros quantos fossem necessários, pois o veículo de Sua Alteza era conhecido e chamava atenção na cidade por seus brasões; aliás, não eram carros de Arnheim, pois pessoas ricas sempre encontram outras que gostam de lhes prestar favores.

Essas excursões não serviam apenas para diversão, mas também pretendiam conquistar a participação de pessoas influentes ou ricas no empreendimento patriótico, e eram mais freqüentes nos limites da cidade do que no campo. Os dois parentes viram juntos muitas coisas bonitas; móveis Maria-Teresa, palácios barrocos, pessoas que ainda se deixavam transportar pelas mãos dos criados, casas modernas com grandes fileiras de quartos, bancos que eram palácios, e a mistura de severidade espanhola com hábitos de classe média nas moradias de altos funcionários públicos. No que dizia respeito à nobreza, eram os restos de um estilo de vida grandioso, sem água corrente; nas casas e salas de reunião dos ricos burgueses repetia-se tudo isso, como cópia melhorada nas condições higiênicas, com mais bom-gosto, mas pálida. Numa casta de dominadores sempre permanece um pouco de barbárie: escórias e restos que o fogo do tempo não consumiu jaziam pelos castelos nobres, onde ficavam esquecidos; ao lado de escadarias pomposas, o pé pisava em tábuas de madeira mole, e horrendos móveis modernos postavam-se imperturbáveis entre magníficas peças antigas. A classe em ascensão, por outro lado, apaixonada pelos momentos grandes e imponentes de seus antecessores, fazia escolhas mais exigentes e refinadas. Se um castelo caía nas mãos de burgueses, não apenas se mostrava que um lustre, peça de família, pode ser provido de eletricidade passando-se-lhe fios elétricos e conferindo-lhe conforto moderno, mas também na decoração retiravam-se as peças mais feias, e juntavam-se outras valiosas, segundo escolha própria ou conselho indiscutível de peritos. Aliás, não era nos castelos que esse refinamento era mais visível, e sim nas casas de cidade, decoradas segundo a pompa impessoal de transatlânticos de luxo, mas

mesmo assim, naquele país de refinada ambição social, ornadas por um sopro inimitável: uma colocação imperceptível dos móveis, ou a posição dominante de um retrato numa parede mantinham delicado mas nítido o eco de uma grande sonoridade extinta.

Diotima estava encantada com tanta “cultura”; sempre soubera que sua pátria abrigava aqueles tesouros, mas a quantidade surpreendeu até a ela. Eram convidados juntos nas visitas ao campo, e Ulrich percebeu que não raro as frutas eram comidas na mão, com casca, e coisas semelhantes, enquanto nas casas de alta burguesia se cumpria severamente o ritual de garfo e faca; a mesma observação se fazia na conversa, que quase só nas casas burguesas tinha perfeita distinção, enquanto nos meios aristocráticos predominava a conhecida linguagem descontraída que lembrava o linguajar de cocheiros. Diotima defendia tudo isso romanticamente diante do primo, Admitiu que casas da burguesia eram mais higiênicas e instaladas com maior inteligência. Nos castelos de campo da nobreza passava-se frio no inverno; escadas estreitas e gastas não eram raras, e quartos de dormir mofados, de teto baixo, ficavam junto de luxuosas salas de recepção. Também não havia elevadores para comida, nem banheiros para os criados. Mas isso era em certo sentido o heróico, o tradicional, e magnificamente negligente, concluía enlevada.

Ulrich aproveitava essas excursões para examinar melhor o sentimento que o ligava a Diotima. Mas como tudo era cheio de digressões, é preciso observá-las mais detidamente, antes de abordarmos o que é decisivo:

Naquele tempo, as mulheres usavam vestidos fechados do pescoço aos tornozelos, e as roupas dos homens, embora ainda hoje sejam parecidas com as de então, eram mais adequadas, pois representavam externamente aquela impecável reserva e severa distinção que revelava um homem de sociedade. Naquele tempo, a transparente franqueza de expor-se despido pareceria retorno ao animalesco mesmo para pessoas menos preconceituosas, que não tivessem falso pudor ao avaliarem o corpo nu; não por causa da nudez, mas por estar-se renunciando ao poder erótico civilizado das roupas. Sim, naquele tempo se poderia dizer que isso seria descer até abaixo do nível animal; pois um bom cavalo de raça de três anos, ou um galgo ágil, são muito mais expressivos em sua nudez do que um corpo humano jamais poderia ser. Em compensação, nunca poderão usar roupas; têm apenas uma pele, e naquele tempo as pessoas ainda tinham muitas peles. Com o vestido longo, babados, partes bufantes, pregas, armações, rendas, tinham criado uma superfície cinco vezes maior que a original, formando um cálice ricamente pregueado, de difícil acesso e carregado de tensão erótica, ocultando em seu interior aquele esbelto animal alvo que se deixava procurar, terrivelmente desejável. Era o comportamento predeterminado que a própria natureza emprega quando faz suas criaturas encarem pêlos ou esguicharem nuvens de líquido negro para, com amor e terror, excitar até a sublime loucura os fatos corriqueiros que estão realmente em questão.

Pela primeira vez na vida, Diotima sentia-se profundamente tocada por esse jogo, embora de maneira muito decente. Não desconhecia a coqueteria, pois fazia parte das tarefas sociais que uma dama precisa dominar; nem ignorara jamais que os olhares dos jovens por vezes expressavam diante dela algo mais que respeito, e até gostava disso, porque a fazia sentir o poder da mulher que chama docemente a atenção do homem quando sente seus olhares sobre si como chifres de touro, e forçava-os a se desviarem para os objetivos idealizados que ouviam de sua boca.

Mas Ulrich, protegido pela proximidade do parentesco e o altruísmo com que colaborava na Ação Paralela, protegido pelo adendo feito em seu favor, permitia-se liberdades que varavam de alto a baixo a complexa trama do idealismo dela. Assim, certa vez, num passeio ao campo, a carruagem passara por vales encantadores, entre os quais as encostas das montanhas, cobertas de pinheirais escuros, se aproximavam da estrada, e Diotima comentou o fato com os versos “Quem te erigiu, pela floresta, tão no alto...?” Citou os versos ao natural, como sendo poesia, sem nenhuma alusão à melodia que os acompanha na canção, o que lhe pareceria banal e inexpressivo. Mas Ulrich retrucou:

— O Banco Predial da Baixa-Áustria. Prima, não sabe que todas as florestas daqui pertencem ao Banco Predial? E o mestre a quem deseja elogiar é guarda-florestal empregado dessa instituição. A natureza aqui é um produto planejado da indústria florestal, um depósito arrumado da fabricação de celulose, o que se pode observar sem dificuldade.

Muitas vezes eram assim as respostas dele. Quando ela falava de beleza, ele falava de algum tecido adiposo que apóia a epiderme. Quando ela falava de amor, ele falava do gráfico anual que indica a ascensão e queda automáticas da natalidade. Quando ela falava dos grandes vultos da arte, ele começava a desfiar os plágios que os ligavam uns aos outros. Na verdade, Diotima sempre começava a falar como se Deus tivesse colocado o homem feito uma pérola na concha do mundo no sétimo dia, e Ulrich lembrava que o homem é um montinho de minúsculos pontos na casca exterior de um planeta anão. Não era fácil entender o que Ulrich pretendia com isso; era claro que queria atingir a esfera de grandiosidade a que ela se sentia ligada, e Diotima julgava aquilo uma insultuosa fanfarronice. Não suportava que o primo, que para ela não passava de um menino mimado, quisesse saber as coisas melhor que ela; as objeções materialistas dele, que ela não entendia por serem extraídas daquela cultura inferior do cálculo e da exatidão, a aborreciam imensamente.

— Graças a Deus — disse-lhe certa vez, severa — ainda há pessoas que têm grandes vivências mas acreditam em coisas simples.

— Seu marido, por exemplo — disse Ulrich. — Há tempos venho querendo lhe dizer que gosto mais dele do que de Arnheim!

Naquele tempo trocavam idéias muitas vezes falando de Arnheim. Pois, como todos os apaixonados, Diotima gostava de falar no objeto de seu amor, pensando não estar se traindo; e como Ulrich achasse isso insuportável como todo homem que, sem segundas intenções, se situa em segundo plano, acabava muitas vezes agredindo o outro.

Ulrich e Arnheim tinham entre si uma ligação estranha. Viam-se quase diariamente quando Arnheim não viajava. Ulrich sabia que o subsecretário Tuzzi desconfiava do estranho, como ele próprio desconfiava, e, também como ele, percebera desde o primeiro dia a influência desse homem sobre Diotima. Entre ela e Arnheim parecia ainda não haver nada de errado, se é que um terceiro pode julgar uma coisa dessas, baseando-se naquele comportamento intoleravelmente correto entre os dois apaixonados, que evidentemente queriam imitar os grandes modelos de amor platônico. Arnheim mostrava um exagerado interesse em incluir o primo de sua amiga (ou, realmente, amante? indagava-se Ulrich; mais provavelmente, a soma de amiga e amante, dividida por dois) na intimidade dos dois. Muitas vezes dirigia-se a Ulrich como se fosse um amigo mais velho, e a diferença de idade realmente permitia

aquele tom que, pela diferença de posição, assumia uma desagradável colocação de condescendência. E Ulrich respondia a isso quase sempre com frieza, de maneira bastante provocadora, como se não valorizasse absolutamente as relações com um homem que poderia conversar sobre suas idéias com reis e chanceleres. Contradizia-o freqüentemente, indelicado e com uma ironia inconveniente, e ele mesmo se aborrecia com sua falia de compostura, que deveria substituir por um ar de divertido e silencioso observador. Mas, para seu próprio espanto, sentia-se violentamente irritado por Arnheim. Via nele um odiado protótipo de evolução intelectual alimentada pelas circunstâncias. Pois aquele famoso escritor era suficientemente inteligente para compreender a situação duvidosa em que o ser humano se colocara desde que não procurava mais sua imagem no espelho dos riachos mas nas aguçadas superfícies recortadas de sua inteligência. O escritor e rei-do-aço culpava disso a entrada em cena da inteligência, e não a sua imperfeição. Havia algo de fraudulento naquela aliança entre o preço do carvão e a alma, que era ao mesmo tempo uma barreira útil entre o que Arnheim fazia conscientemente, e o que escrevia e dizia nas penumbras da intuição. Para aumentar ainda mais o desconforto de Ulrich, acrescia algo novo para ele, a ligação de espírito e riqueza; pois quando Arnheim começava falando como especialista sobre qualquer problema, e depois, num gesto indiferente, fazia desaparecer os detalhes na luz de uma “grande idéia”, isso podia provir de uma necessidade justificada, mas ao mesmo tempo aquele livre acesso em duas direções lembrava o homem rico que se pode permitir tudo o que for bom e caro. Ele era brilhante de um modo que sempre recordava um pouco a postura de quem é verdadeiramente rico. E talvez nem fosse isso o que mais provocava em Ulrich o desejo de criar problemas para aquele homem famoso, mas sim a tendência do espírito do outro de administrar dignamente as coisas domésticas e as da Corte, tendência que por si mesma faz lembrar as melhores marcas do tradicional e do incomum. Pois no espelho daquela mestria em gozar a vida, Ulrich reconhecia o esgar afetado do tempo, quando lhe retiramos os poucos traços realmente fortes da paixão e da reflexão; e por isso encontrava poucas ocasiões de ocupar-se com maior profundidade daquele homem a quem provavelmente também se tinha de atribuir diversos merecimentos. Era, é claro, uma luta sem sentido, num ambiente que previamente apoiava Arnheim, e por uma causa que não tinha nenhuma importância. Quando muito, podia-se dizer que o sentido desta falta de sentido era Ulrich se desperdiçar completamente. Era também uma luta sem nenhuma esperança, pois quando algum dia Ulrich realmente conseguia atingir seu adversário, tinha de reconhecer que acertara o lado errado; quando o Arnheim intelectual parecia cair no solo, vencido, erguia-se como um ser alado o Arnheim prático, com um sorriso tolerante, e depois daquelas conversas ociosas corria para suas atividades em Bagdá ou Madri.

Essa invulnerabilidade possibilitava a Arnheim responder às impertinências do mais jovem com aquela camaradagem amigável cuja origem o outro não entendia. Mas o próprio Ulrich tinha interesse em não rebaixar demais seu adversário, pois tomara o propósito de não se meter tão cedo em nenhuma aventura duvidosa e indigna, daquelas que abundavam no seu passado; e os progressos que percebia entre Arnheim e Diotima conferiam grande segurança àquele propósito. Por isso, habitualmente dirigia as pontas de seus ataques como as pontas de um florete flexível que deve ceder, envoltas em pequenos chumaços para abrandar os golpes. Aliás, fora Diotima quem fizera essa comparação. Sua relação com o primo era muito singular. O

rosto franco dele, com a testa inteligente, a respiração tranqüila, a liberdade de movimentos em todo o corpo, revelavam-lhe que ali não podiam morar desejos malignos, traiçoeiros, de sensualidade distorcida; ela não deixava de se orgulhar daquela aparência tão boa num membro de sua família, e logo no começo de sua relação decidira orientá-lo. Se ele tivesse cabelos pretos, um ombro torto, pele ruim e testa baixa, ela teria dito que essa aparência combinava com suas idéias; mas Diotima apenas sentia uma discordância entre a aparência dele e seus pontos de vista, causando-lhe uma inexplicável inquietação. As antenas da sua famosa intuição procuravam inutilmente a causa disso, mas esse apalpar lhe causava prazer na outra extremidade da antena. De certa forma, naturalmente não muito a sério, ela às vezes até preferia conversar com Ulrich a estar com Arnheim. Sua necessidade de sentir-se superior satisfazia-se mais com ele, ficava mais segura, e o que julgava ser, nele, frivolidade, extravagância e imaturidade, lhe dava certa satisfação que compensava o idealismo cada dia mais perigoso que se intensificava imprevisivelmente nos seus sentimentos por Arnheim. A alma é um assunto incrivelmente sério, por isso o materialismo é tão divertido. O controle de suas relações com Arnheim por vezes a cansava tanto quanto manter o seu salão, e o menosprezo por Ulrich aliviava-lhe a vida. Ela não compreendia a si mesma, mas constatava esse efeito, e isso lhe possibilitava lançar ao primo um olhar de soslaio, que era apenas um minúsculo sorriso bem no canto dos olhos, quando se aborrecia com um dos comentários dele, enquanto o olhar propriamente dito, numa impassibilidade idealista, até um pouco desdenhosa, continuava voltado para a frente. De qualquer modo, fossem quais fossem os motivos, Diotima e Arnheim portavam-se com Ulrich como dois lutadores que se apóiam num terceiro, colocando-o entre si numa alternância de medos; e, para Ulrich, aquela situação não era despida de perigo, pois através de Diotima impunha-se cada vez mais a questão: as pessoas precisam ou não concordar com seu corpo?

#### DIGRESSÃO: AS PESSOAS PRECISAM CONCORDAR COM SEU CORPO?

Independente do que os rostos expressavam, o movimento da carruagem nos longos trajetos balançava os dois primos fazendo tocarem-se as roupas, misturando-as um pouco e afastando-as outra vez; só se notava isso nos ombros, porque o resto ficava encoberto por uma manta, mas os dois corpos sentiam aquele toque abrandado pelas roupas tão docemente diluído como se vêem objetos ao luar. Ulrich não era insensível àquele jogo amoroso, mas não o levava muito a sério. A sutilíssima transposição do desejo do corpo para as roupas, do abraço para os obstáculos, em suma, do fim para o meio, vinha ao encontro de sua natureza; a sensualidade o impelia para aquela mulher, mas as forças mais nobres o faziam resguardar-se daquele ser estranho que não combinava com ele, a quem de repente via diante de si, com implacável clareza, fazendo-o sentir-se o tempo todo num vivo conflito entre atração e repulsa. Mas isso significa que a beleza sublime do corpo, beleza humana, o instante em que



a melodia do espírito brota do instrumento da natureza, ou aquele outro momento em que o corpo parece um cálice cheio de bebida mística, sempre fora estranho a Ulrich, exceto naqueles sonhos relacionados com a esposa do major e que há muito haviam suprimido aquelas tendências de sua natureza.

Desde então, todas as suas relações com mulheres tinham sido ilegítimas, e, com alguma boa-vontade dos dois lados, isso infelizmente é muito fácil de acontecer. Há um esquema de emoções, ações e complicações que dominam homem e mulher assim que têm o primeiro pensamento, e os acontecimentos seguintes seguem internamente um curso às avessas, já não brotam da fonte. O mero agrado que duas pessoas sentem uma na outra, aquele mais simples e profundo sentimento de amor que é a origem natural de todo o resto, não acontece mais nessa inversão psíquica. Assim, em suas andanças com Diotima, Ulrich freqüentemente recordava sua despedida na primeira visita. Naquela ocasião segurara na mão a suave mão dela, uma mão leve, artisticamente trabalhada, e haviam-se fitado nos olhos; certamente ambos tinham sentido repulsa, mas pensando que poderiam se interpenetrar até se desfazerem um no outro. Alguma coisa dessa visão permanecia entre eles. Assim, em cima as duas cabeças se enfrentavam com terrível frieza, mas embaixo os corpos se uniam ardentes e entregues. Nisso há qualquer coisa perversamente mítica, como num deus de duas cabeças ou no casco de cavalo do Diabo, e muitas vezes levava Ulrich a desvios na sua juventude; mas com os anos entendera que tudo era apenas uma excitação bem burguesa do amor, exatamente como despir-se substitui a nudez. Nada incendeia tanto o amor burguês quanto a lisonjeira experiência de se poder encantar alguém até o ponto em que ele se porte como um doido; e quem quisesse ser de outra maneira a origem dessas alterações acabaria como assassino.

Que existam essas mudanças em pessoas civilizadas, que causemos um tal efeito: não será de fato essa pergunta, esse espanto, que reside nos olhos fixos e atrevidos de todos os que atracam na solitária ilha do prazer sensual, onde são assassinos, destino e Deus, e experimentam da maneira mais cômoda o mais alto grau de irracionalidade e aventura que conseguem atingir?

A aversão que com o tempo ele sentia contra aquele tipo de amor finalmente estendeu-se a seu próprio corpo, que sempre favorecera aquelas ligações falseadas nas quais fingira diante das mulheres o tipo de virilidade em moda, para a qual Ulrich tinha demasiada vida interior e contradições íntimas. Sentia ciúmes da própria aparência, como de um rival que agisse com métodos baratos e desonestos, o que revelava uma contradição que existe também em pessoas que não a percebem. Pois era ele próprio quem cultivava aquele corpo, com exercícios, conferindo-lhe expressão, agilidade, aparência, cujo efeito interior é tão importante, que não o podemos simplesmente comparar ao efeito de um rosto eternamente sorridente ou eternamente sério sobre o estado de alma. Singularmente, as pessoas têm em geral um corpo abandonado, conformado ou deformado pelos acasos, aparentemente sem nenhuma relação com seu espírito ou maneira de ser; ou têm um corpo mascarado pelo esporte, com a aparência daquelas horas em que tira férias de si mesmo. Pois nessas horas o ser humano tece fantasias sobre sua própria aparência, extraídas de revistas do belo e grande mundo. Todos aqueles tenistas, cavaleiros e pilotos de corrida, queimados de sol e musculosos, com ar de grandes recordes — embora geralmente só pratiquem seu esporte de modo razoável —, toda essas damas bem vestidas ou bem despidas são gente que sonha acordada; e só se distinguem dos devaneadores vulgares na medida em que

seu sonho não fica apenas na mente mas toma uma forma exterior, como uma imagem coletiva, fisicamente, dramaticamente, ideoplasticamente, se pensarmos em fenômenos duvidosos de ocultismo. Esse devaneio tem em comum com as fantasias habituais aquela superficialidade do sonho tanto no seu conteúdo quanto na sua natureza, quando estamos quase acordando.

Ainda hoje não se conhece bem o problema da fisionomia global; embora se tenha aprendido a tirar conclusões sobre a natureza do homem da sua letra, voz, posição ao dormir e sabe Deus o que mais, conclusões por vezes até surpreendentemente corretas, em relação ao corpo como um todo temos apenas imagens da moda, segundo as quais nos conformamos, ou, quando muito, possuímos uma espécie de filosofia natural moralista.

Mas é esse o corpo do nosso espírito, de nossas idéias, intuições e planos, ou — incluindo as belas — nossas loucuras? O fato de Ulrich ter amado essas loucuras, e em parte ainda as sentir, não o impedia de não se sentir bem dentro daquele corpo criado por elas.

#### DIOTIMA E ULRICH. CONTINUAÇÃO

Era sobretudo Diotima quem fortalecia nele, de forma nova, aquele sentimento de que a superfície e profundidade de sua vida não eram uma coisa só. Nos passeios com ela, que por vezes pareciam passeios ao luar, em que a beleza daquela jovem mulher se apartava de sua personalidade e por alguns momentos cobria os olhos dele como uma aparição de sonho, isso se manifestava nitidamente. Ele sabia muito bem que Diotima comparava todas as palavras dele com o que habitualmente — ainda que num certo nível do habitual — se diz, e agradava-lhe que o achasse “imaturo”, de modo que ele ficava o tempo todo sentado diante dela como se ela o observasse através de um binóculo virado ao contrário. Ele ficava cada vez menor, e ao falar com ela pensava, ou ao menos quase pensava, ouvir nas suas próprias palavras, ao bancar o advogado do mau ou do mesquinho, as conversas dos seus últimos tempos de escola, em que sonhava com seus colegas sobre todos os malfeitores e monstros da história do mundo, porque os professores os mostravam como tal, com a aversão de idealistas. E quando Diotima o encarava, contrariada, ele diminuía mais ainda, e da moral do heroísmo e do impulso de expansão passava à moral mentirosa, crua e insegura, mas desbragada, dos anos de adolescência. Naturalmente, falando só de maneira muito figurada, assim como se pode descobrir num gesto ou palavra semelhança com gestos ou palavras que há muito não se usa, até com alguns que apenas se sonhou ou viu em outros com desgosto. Mesmo assim, no seu desejo de provocar aversão em Diotima, aquilo transparecia também. O espírito daquela mulher, que teria sido tão bela se não o possuísse, despertava nele um sentimento desumano, talvez um medo do espírito, uma repulsa por todas as coisas grandes, uma sensação tênue, quase imperceptível — e talvez sensação já fosse uma palavra muito forte para aquele sopro! Mas caso fosse aumentado através de palavras, essas teriam de dizer que ele via

diante de si por vezes não só o idealismo daquela mulher mas todo o idealismo do mundo, em sua complexidade e abrangência, corporificado, pairando um palmo acima daquele penteado grego; eram quase os chifres do Demônio!

Então ele se reduzia mais uma vez, e, ainda falando figuradamente, retornava àquela apaixonada primeira moral da infância, em cujos olhos moram a atração e o medo como nos olhos de uma gazela. As ternas impressões daquele tempo podem incendiar num só momento de entrega todo o mundo, ainda pequeno, pois não têm objetivo nem possibilidade de realizar qualquer coisa, são apenas um fogo sem limites. Não combinava bem com Ulrich, mas era daquelas emoções da infância, que mal conseguia imaginar agora porque têm tão pouco em comum com as condições de vida de um adulto, que ele por fim sentia saudades quando estava junto de Diotima.

E uma vez faltou pouco para ele o confessar. Numa das excursões, tinham saído da carruagem e andavam a pé num pequeno vale que parecia um estuário de campinas com encostas cobertas de matas formando um triângulo irregular, tendo no centro um pequeno regato enrijecido pelo frio. Havia desmontado parte das encostas, deixando algumas árvores solitárias que pareciam penachos enfiados na terra una e nos cimos das colinas. A paisagem os convidara a passear; era um daqueles comoventes dias sem neve que são como um vestido de verão desbotado e fora de moda que se contempla no meio do inverno. De repente, Diotima perguntou ao primo:

— Por que Arnheim o chama de ativista? Ele diz que o senhor sempre tem a cabeça cheia de idéias para mudar e melhorar as coisas.

De repente ela se lembrara de que sua conversa com Arnheim sobre Ulrich e o general terminara sem realmente ficar concluída.

— Não entendo — continuou —, pois me parece que o senhor raramente fala a sério. Mas preciso lhe perguntar, porque temos juntos uma tarefa de responsabilidade! Lembra-se de nossa última conversa? O senhor disse uma coisa, afirmou que ninguém, ainda que tivesse todo o poder, realizaria aquilo que desejava. Agora eu gostaria de saber o que quis dizer com isso. Não foi uma idéia horrível?

Primeiro, Ulrich ficou calado. E durante esse silêncio, depois de ter falado da maneira mais atrevida possível, ela compreendeu o quanto a interessava a pergunta ilícita: ela e Arnheim realizariam aquilo que secretamente desejavam? De repente, pensou ter-se traído diante de Ulrich. Ficou vermelha, procurou impedir isso, ficou mais vermelha ainda e, com a expressão mais indiferente que pôde, tratou de desviar os olhos dele para o vale.

Ulrich observara tudo.

— Receio que o único motivo para Arnheim me chamar, como a senhora diz, de ativista — é que ele supervaloriza minha influência na família Tuzzi — respondeu. — A senhora mesma sabe a pouca importância que dá às minhas palavras. Mas agora que me pergunta, compreendi a influência que eu deveria ter sobre a senhora. Posso lhe dizer sem que me censure logo?

Diotima concordou com a cabeça, sem dizer nada, e procurou mais uma vez recolher-se atrás da aparência de distração.

— Eu afirmei — começou Ulrich — que ninguém, mesmo podendo, realizaria o que pretende. Lembra-se de nossas pastas cheias de sugestões? E agora eu lhe pergunto: uma pessoa não ficaria inibida se de repente acontecesse aquilo que ela desejou apaixonadamente a vida inteira? Se, por exemplo, o reino dos céus viesse para os católicos, ou o estado do futuro para os socialistas? Mas talvez isso não prove nada;

a gente de habitua a exigir coisas e não está preparado para concretizá-las imediatamente; talvez muitos apenas achem isso natural. Portanto, vou prosseguir com as perguntas. Sem dúvida um músico considera a música a coisa mais importante, e um pintor a pintura; provavelmente até um especialista em concreto julgue a coisa mais importante construir casas de concreto. Acha que por isso ele julgará que Deus é um especialista em concreto armado, e que os outros prefeririam um mundo pintado, ou tocado na trompa, ao mundo real? Vai achar essa pergunta maluca, mas toda a seriedade da coisa reside no fato de que deveríamos desejar essa loucura! — E, virando-se totalmente para ela, prosseguiu: — E por favor, não pense que eu quero dizer apenas que todos ficam excitados com coisas difíceis de realizar e desprezam o que podem ter realmente. Estou dizendo que dentro da realidade se esconde um desejo louco de irreabilidade!

Ele conduziu Diotima bastante longe pelo pequeno vale, sem consideração para com ela; o solo estava mais molhado quanto mais subiam, talvez devido à neve que escorria das encostas, e tinham de pular de um montinho de relva para outro, o que impunha pausas à fala e possibilitava a Ulrich prosseguir sempre aos saltos. Por isso, havia tantas objeções evidentes ao que ele dizia, que Diotima não conseguia escolher uma delas. Estava de pés molhados, e, perturbada e assustada, parou sobre um torrão de terra, arrepanhando as saias.

Ulrich virou-se para trás e riu:

— Ilustre prima, a senhora está fazendo algo de muito perigoso. As pessoas ficam imensamente contentes quando as deixamos em situação de não conseguirem concretizar suas idéias!

— E o que o senhor faria se um dia governasse o mundo? — perguntou Diotima aborrecida.

— Provavelmente só me restaria acabar com a realidade!

— Eu gostaria de saber como ia fazer isso!

— Também não sei. Nem sei direito o que quero dizer com isso. Nós supervalorizamos muito o presente, a sensação do presente, o que existe; quero dizer, assim como a senhora agora está comigo neste vale, como se nos tivessem metido numa cesta e jogassem em cima a tampa do instante. Damos valor demais, e isso fica na lembrança. Talvez dentro de um ano ainda possamos contar que estávamos aqui parados. Mas o que realmente nos move, a mim ao menos, sempre está — falando cautelosamente, não quero procurar explicação nem nome para isso! — de certa forma em oposição a esse tipo de experiência. O presente o repele; o que nos move não consegue se concretizar dessa maneira!

As palavras de Ulrich soavam altas e confusas no estreito vale. De repente, Diotima teve medo e quis voltar à carruagem. Mas Ulrich a segurou e mostrou-lhe a paisagem.

— Há muitos milhares de anos isso foi uma geleira. O mundo também não é inteiramente o que finge ser em cada instante — explicou. — Essa criatura rotunda tem uma personalidade histérica. Hoje banca a mãe burguesa que amamenta. Naquele tempo, era frígida e gelada como uma mocinha cruel. E mais alguns milênios atrás, enfeitava-se luxuriantemente com florestas quentes, pântanos ferventes e animais diabólicos. Não se pode dizer que ela tenha se aperfeiçoado nessa evolução, nem qual é o seu estado legítimo. E o mesmo vale para sua filha, a humanidade. Imagine as roupas que no correr dos tempos usaram pessoas paradas bem aqui onde nós estamos.

Expresso em linguagem de hospício, tudo isso parece uma série de prolongadas alucinações com súbitas fugas de idéias seguidas de nova concepção de vida. Como está vendo, a realidade destrói a si mesma!

Depois de algum tempo, Ulrich recomeçou:

— Há outra coisa que eu gostaria de lhe dizer. A sensação de ter chão firme de baixo dos pés e uma pele firme ao meu redor, que parece tão natural à maioria das pessoas, não é muito desenvolvida em mim. Procure lembrar como era na sua infância: uma cálida meiguice. E depois, como brotinho, a ânsia queimando nos lábios. Pelo menos em mim alguma coisa se recusa a acreditar que a idade madura seja o cume de uma evolução dessas. De certa forma sim, e de certa forma não. Se eu fosse uma *Myrmeleonina*, a borboleta-formiga, parecida com uma libélula, sentiria terror ao saber que há um ano fui o gordo e cinzento *Myrmeleon*, o formiga-leão que anda para trás e vive enterrada na beira das florestas sob um cone de areia, agarrando formigas pela cintura com suas garras, depois de as ter exaurido com um misterioso bombardeio de areia. Às vezes realmente sinto horror semelhante da minha juventude, embora naquele tempo eu tenha sido uma libélula, e agora devesse ser um monstro.

Ele próprio não sabia bem o que queria. Falando em *Myrmeleon* e *Myrmeleonina* macaqueara um pouco a erudição de Arnheim. Mas sua vontade era dizer: “me abrace, apenas por amabilidade. Somos aparentados; não inteiramente separados, e de forma nenhuma unidos; de qualquer modo, o extremo oposto de uma relação séria e digna.”

Ulrich estava enganado. Diotima era dessas pessoas satisfeitas consigo mesmas, que por isso encaram as fases de sua idade como uma escada que só leva para cima. Portanto, não compreendia nada do que Ulrich dizia, tanto mais que não sabia o que ele deixara de dizer; já tinham porém chegado à carruagem, de modo que ela se acalmara, e aceitava as palavras dele outra vez como aquela tagarelice conhecida, oscilando entre entretenimento e discussão, à qual não concedia mais que um olhar de soslaio. Na verdade, naquele instante ele não tinha nenhuma influência sobre ela, exceto a de deixá-la lúcida outra vez.

Uma delicada nuvem de emoção, nascida de algum canto do coração dela, desfizera-se num ressequido vazio. Talvez pela primeira vez ela encarasse claramente o fato de que suas relações com Arnheim levariam, a curto ou longo prazo, a uma decisão que poderia mudar toda a sua vida. Não se podia dizer que isso a deixasse feliz; mas tinha o peso de uma montanha real. A fraqueza havia passado. Aquele “não fazer o que se gostaria” tivera por um momento um brilho insensato, que ela já não entendia mais.

— Arnheim é totalmente o meu oposto; ele supervaloriza a sorte que têm o tempo e o espaço quando se encontram com ele formando o momento presente! — suspirou Ulrich, sorrindo, sentindo a necessidade de dar uma conclusão ao que estivera dizendo. Mas não falou mais na infância, e assim Diotima não conheceu o seu lado sentimental.

## CLARIS SE VISITA ULRICH PARA LHE CONTAR UMA HISTÓRIA

A reforma de velhos castelos era a especialidade do conhecido pintor van Helmond, cuja obra mais genial era sua filha Clarisse; certo dia, ela apareceu inesperadamente na casa de Ulrich.

— Foi papai quem me mandou — disse ela — para ver se você não pode em pregar um pouco em favor dele as suas imponentes relações aristocráticas! — Ela olhou em torno, curiosa, jogou-se numa cadeira, e atirou o chapéu em outra. De pois, deu a mão a Ulrich.

Ele quis dizer — “seu papai me supervaloriza”, mas ela o interrompeu:

— Ora, bobagem! Você sabe, o velho sempre precisa de dinheiro. Os negócios não vão mais tão bem como antigamente! — Ela deu uma risada. — Muito elegante, a sua casa! Linda! — Ela examinou o ambiente mais uma vez, depois fitou Ulrich; sua postura tinha a amável insegurança de um cãozinho inquieto de consciência pesada. — Ora! — disse ela. — Se você puder ajudar, ajude! Se não puder, não ajude. Naturalmente, eu prometi a ele que você o faria. Mas vim por outro motivo; o pedido dele me deu uma idéia. Temos um problema na família. Eu gostaria de ouvir a sua opinião. — Boca e olhos hesitaram e tremeram um instante, depois, com um esforço, ela venceu o que a inibia. — Se eu disser médico de beleza, você entende? Um pintor é um médico de beleza.

Ulrich compreendeu; conhecia a casa dos pais dela.

— Portanto, sombrio, distinto, magnífico, opulento, com almofadas, borlas e plumas! — prosseguiu ela. — Papai é pintor, o pintor é uma espécie de médico de beleza, e dar-se conosco sempre foi considerado pela sociedade algo tão chique quanto uma viagem para uma estação de águas. Você compreende. E uma das principais fontes de renda de papai é a decoração de palácios e castelos de campo. Conhece os Pachhofen?

Era uma família de nobres, mas Ulrich não a conhecia; só encontrara há alguns anos em companhia de Clarisse uma senhorita Pachhofen.

— Era minha amiga — explicou Clarisse. — Naquele tempo tinha dezessete anos, e eu quinze; papai devia decorar e reformar o castelo deles. Sim, claro, o castelo dos Pachhofen. Todos fomos convidados. Walter nos acompanhava pela primeira vez. E Meingast.

— Meingast? — Ulrich não sabia quem era Meingast.

— Mas claro, você também o conhece; Meingast, que depois foi para a Suíça. Naquele tempo ainda não era filósofo, apenas um galo em todas as famílias que tinham filhas.

— Não o conheci pessoalmente — disse Ulrich —, mas agora sei de quem se trata.

— Muito bem. — Clarisse começou a calcular mentalmente, concentrada. — Espere. Walter tinha vinte e três anos, Meingast era um pouco mais velho. Acho que secretamente Walter tinha uma enorme admiração pelo papai. Era a primeira vez que o convidavam para ir a um castelo. Papai muitas vezes parecia usar um manto real interior. Acho que, no começo, Walter estava mais apaixonado pelo papai do que por mim. E Lucy...

— Por amor de Deus, Clarisse, devagar! — pediu Ulrich. — Acho que já perdi o fio.

— Lucy é a senhorita Pachhofen — disse Clarisse —, a filha dos Pachhofen que nos tinham convidado. Entendeu agora? Sim, entendeu; quando papai enrolava Lucy em veludo ou brocado e a sentava em um de seus cavalos com um vestido de cauda longa, ela imaginava que ele era um Ticiano ou Tintoretto. Estavam completamente apaixonados um pelo outro.

— Então: papai por Lucy, e Walter por papai.

— Mas espere! Era o tempo do impressionismo. Papai pintava à maneira antiquada, musical, como ainda hoje, um molcho castanho com penas de pavão. Mas Walter queria ar livre, formas inglesas de linhas claras e sentido prático, o Novo e o Honesto. Por isso, papai o detestava tanto quanto a um pregador protestante; aliás também não suportava Meingast, mas tinha duas filhas para casar, sempre gastara mais do que ganhava, e era tolerante para com as almas daqueles dois rapazes. Walter amava papai secretamente, eu já disse; mas em público tinha de desprezá-lo, por causa das novas orientações da arte, e Lucy nunca entendeu coisa alguma de arte, mas tinha medo de dar vexame na frente de Walter, e medo de que, caso Walter tivesse razão, papai parecesse apenas um velho ridículo. Está entendendo tudo agora?

Para entender tudo Ulrich ainda quis saber onde andava mamãe a todas essas.

— Naturalmente mamãe também estava lá. Eles brigavam todos os dias, como sempre, não mais nem menos. Você compreende que nessas condições Walter assumia uma posição muito favorável. Tornou-se uma espécie de ponto de intersecção de todos nós. Papai tinha medo dele, mamãe o instigava, eu comecei a me apaixonar por ele, e Lucy o cortejava. Por isso, Walter tinha certo poder sobre papai, e começou a saborear esse poder com cautelosa sensualidade. Acho que naquele tempo começou a perceber seu próprio valor; sem papai e sem mim não teria sido nada. Compreende essas relações?

Ulrich achou que podia responder afirmativamente.

— Mas eu queria lhe contar uma outra coisa! — disse Clarisse. Refletiu algum tempo, depois disse: — Espere! Por enquanto, pense só em mim e Lucy: era uma relação complicada e excitante! Naturalmente, eu estava com medo pelo papai, que, na sua paixão, ameaçava arruinar a família inteira. Mas ao mesmo tempo, queria saber como acontece uma coisa dessas. Os dois estavam fora de si. É claro que, em Lucy, misturava-se à amizade por mim o sentimento de ter como amante o homem a quem eu ainda chamava obedientemente de papai. Orgulhava-se muito disso, mas também sentia muita vergonha diante de mim. Acho que desde que foi construído, aquele velho castelo nunca abrigou tanta complicação junta! Lucy andava com papai onde podia, à noite vinha confessar-se comigo na torre. Eu dormia na torre, e nossa luz ficava acesa quase a noite toda.

— Mas até que ponto Lucy chegou, com o seu pai?

— Essa foi a única coisa que nunca consegui descobrir. Mas imagine aquelas noites de verão! As corujas piando, a noite gemendo, e quando sentíamos medo de mais nos deitávamos as duas na minha cama e continuávamos conversando. Só podíamos pensar que um homem com uma paixão tão infeliz tinha de se matar. Na verdade esperávamos por isso todos os dias...

— Tenho a impressão de que não aconteceu muita coisa entre os dois — interrompeu Ulrich.

— Também acho: não aconteceu tudo. Mas muita coisa. Você logo vai ver. Porque de repente Lucy teve de deixar o castelo, pois o pai dela apareceu inesperadamente para a levar a uma viagem pela Espanha. Você devia ter visto papai quando ficou sozinho! Acho que às vezes faltava pouco para ele estrangular mamãe. Andava a cavalo da manhã à noite com um cavalete dobrável preso atrás da sela, e não pintava um só traço; quando ficava em casa, não tocava num pincel. Normalmente ele pinta como uma máquina, mas naquela vez eu o encontrei em várias ocasiões num dos grandes salões vazios, sentado atrás de um livro sem o abrir. Ficava pensando ali horas a fio, depois se levantava, e ia fazer a mesma coisa noutra sala ou no jardim, o dia todo. Afinal, era um velho, e a juventude o abandonara, não é mesmo? É muito compreensível! Acho que naquele tempo a imagem que ele sempre via de mim e de Lucy, duas mocinhas abraçadas, conversando, devia tê-lo perturbado como uma se mente selvagem. Talvez ele também soubesse que Lucy vinha sempre ficar comigo na torre. Bem, um dia, pelas onze da noite, todas as luzes apagadas no castelo, ele apareceu no meu quarto! Ulrich, foi um horror! — Agora Clarisse estava vivamente arrebatada pelo significado do seu relato. — A gente ouve aquele rumor de pés Tateando e arrastando-se na escada e não sabe o que é; depois, ouve alguém baixar desajeitadamente a maçaneta da porta, que se abre num suspense...

— Por que não chamou por socorro?

— Isso é que é estranho. Desde o primeiro ruído eu sabia quem era. Ele deve ter ficado imóvel diante da porta, pois por bastante tempo não ouvi nada. Provavelmente ele também estava assustado. Depois, fechou a porta devagarinho e me chamou em voz baixa. Eu parecia estar girando entre as estrelas numa disparada. Não queria responder, mas isso é que é estranho: do fundo de mim, como se eu fosse um abismo fundo, veio um ruído, como um choramingo. Sabe como é?

— Não. Continue!

— Bem, e no momento seguinte ele se agarrou em mim num desespero infinito; quase caiu na minha cama, sua cabeça ficou ao lado da minha nos travesseiros.

— Lágrimas?

— Espasmos secos! Um velho corpo abandonado! Compreendi isso no mesmo instante. Ah, acredite, se mais tarde se pudesse contar o que se pensou nessas horas, seria uma coisa incrível! Acho que devido a sua perda, ele foi dominado por um ódio louco contra toda a moral. Então, de repente, notei que ele estava voltando a si, e, embora estivesse completamente escuro, compreendi que estava agora crispado numa fome cega por mim. Eu sabia que agora não haveria escrúpulos nem pena; desde aquele meu gemido não tinha havido um rumor no quarto; meu corpo estava ardente e seco, e o dele como papel colocado perto do fogo. Ele estava muito leve; senti seu braço descer pelo meu corpo, largando meu ombro. E aí eu queria lhe perguntar uma coisa, Ulrich. Foi por isso que vim...

Clarisse interrompeu-se.

— O que foi? Você não perguntou nada! — disse Ulrich tentando ajudar, depois de uma pequena pausa.

— Não. Antes preciso dizer outra coisa: tive nojo de mim mesma pensando que ele tivesse interpretado minha imobilidade como sinal de concordância; mas fiquei deitada ali completamente atônita, o medo pesando sobre mim como uma pedra. O que você acha disso?

— Não tenho nada a dizer.



— Com uma das mãos ele acariciava meu rosto, a outra vagueava. Tremendo, sabe, com fingida inocência, passou pelo meu seio como um beijo, como se estivesse esperando uma resposta. E por fim, ela quis — bem, você entende, e ao mesmo tempo o rosto dele procurava o meu. Mas, então, com um último resto de forças, consegui me libertar, e me virei de lado; e mais uma vez saiu do meu peito aquele ruído, que nunca faço, um pedido, um gemido. Eu tenho um sinal de nascença, como um medalhão preto...

— E o que foi que seu pai fez? — interrompeu Ulrich com frieza. Mas Clarisse não se deixou interromper.

— Aqui! — ela deu um sorriso tenso, e mostrou através do vestido um lugar na parte interna do quadril. — Ele veio até aqui, aqui fica o medalhão. Esse medalhão tem uma força mágica, ou pelo menos é uma coisa bem estranha!

De repente, o sangue subiu-lhe ao rosto. O silêncio de Ulrich a fez recuperar a lucidez, e liberou-a do pensamento que a dominara. Ela sorriu, envergonhada, e concluiu rapidamente:

— Meu pai? Levantou-se na mesma hora. Não pude ver o que se passava em seu rosto; acho que deve ter sido constrangimento. Talvez gratidão. Afinal, eu o salvara no último momento. Você precisa imaginar: um homem velho, e uma menina tem força de evitar aquilo! Devo ter-lhe parecido bem esquisita, pois ele apertou minha mão ternamente, com a outra acariciou duas vezes a minha cabeça, depois foi embora sem dizer nada. Então, você vai fazer o que puder por ele? Mas afinal eu tinha de lhe explicar tudo isso.

E ficou ali, parada, simples e correta, com o *tailleur* com que sempre vinha à cidade, pronta para sair, e estendeu-lhe a mão em despedida.

COMEÇA A REUNIR-SE A COMISSÃO PARA TOMADA DE UMA  
RESOLUÇÃO DIRETIVA QUANTO AO JUBILEU DOS SETENTA ANOS DE  
REINADO DE SUA MAJESTADE

Clarisse não dissera uma palavra sobre sua carta ao Conde Leinsdorf nem sobre seu pedido de que Ulrich salvasse Moosbrugger ; parecia ter esquecido tudo. Mas Ulrich tampouco se lembrou, porque finalmente os preparativos de Diotima tinham chegado a um ponto em que se podia convocar, dentro da “Enquete para tomada de uma resolução diretiva e conferência dos desejos do povo quanto ao jubileu de setenta anos de reinado de Sua Majestade”, aquela “Comissão para tomada de uma resolução diretiva etc”, cuja coordenação Diotima reservara para si. O próprio Conde escrevera o convite, o subsecretário Tuzzi revisara os termos, e Diotima mostrara tudo a Arnheim, antes de aprovar. Apesar disso, o convite continha tudo o que ocupava o espírito de Sua Alteza.

“O que nos leva a esse encontro”, dizia, “é concordarmos em que não se pode deixar ao acaso uma manifestação nascida do seio do povo, mas é preciso uma coordenação providente e de visão ampla, vinda, portanto, de cima.” Seguiam depois “a

raríssima festa de setenta anos de reinado abençoado”, os povos “reunidos em gratidão”, o Imperador da Paz, a falta de maturidade política, o ano austríaco universal, e por fim a exortação aos representantes da “Propriedade e Cultura” para que fizessem de tudo isso numa brilhante manifestação da “verdadeira” Áustria, mas tudo ponderado com bastante cautela.

Das listas de Diotima tinham sido destacados os grupos Arte, Literatura e Ciência, completados com grande afinco; de outro lado, após severa filtragem, restava número muito reduzido daquelas pessoas que poderiam assistir ao evento, mas sem que se esperasse sua participação ativa. Mesmo assim, o número de convidados era tão alto que não se podia falar numa reunião na mesa verde, e foi preciso optar pela forma mais descontraída de uma recepção com bufê frio. Ficaram parados ou sentados, conforme podiam, e as salas de Diotima pareciam um acampamento de exército intelectual tratado com canapés, tortas, vinhos, licores e chá, em quantidades tais que só se tornaram possíveis graças a concessões orçamentárias especiais do Sr. Tuzzi à esposa. Aliás, deve-se acrescentar, sem nenhuma objeção, o que faz deduzir que ele estava interessado em servir-se de novos métodos diplomáticos intelectuais.

Atender socialmente àquele ajuntamento exigiu grandes esforços de Diotima, e talvez ela tivesse se escandalizado com muita coisa se sua cabeça não fosse como uma magnífica travessa de frutas da qual transbordavam palavras o tempo todo; palavras com que a dona da casa cumprimentava todos os que apareciam, encantando-os por estar a par de sua obra mais recente. Os preparativos para isso tinham sido extraordinários, e só puderam ser feitos com ajuda de Arnheim, que lhe pusera à disposição seu secretário particular para arranjar o material e coletar os dados mais importantes. Os despojos maravilhosos desse zelo ardente formavam uma grande biblioteca organizada com o dinheiro que o Conde Leinsdorf doara para o começo da Ação Paralela, e junto com os livros da própria Diotima ela fora colocada, como único ornamento, no último daqueles aposentos esvaziados, cujo papel de parede florido revelava um toucador, detalhe que despertava reflexões lisonjeiras sobre a sua dona. Mas aquela biblioteca também foi útil noutro sentido, pois, após beijar a mão de Diotima, todos os convidados que vagavam indecisos pelas salas eram infalivelmente atraídos pela parede coberta de livros lá no fundo. Uma multidão de costas erguia-se e abaixava-se o tempo todo diante dela, como abelhas diante de uma sebe em flor, e embora a causa fosse apenas a nobre curiosidade que todos os intelectuais têm por coleções de livros, sentiam uma doce alegria na espinha quando por fim descobriam suas próprias obras, e o empreendimento patriótico saía lucrando.

Diotima permitiu inicialmente uma bela arbitrariedade na direção espiritual da reunião, embora fizesse questão de assegurar desde logo aos poetas que no fundo toda a vida se fundamenta numa poesia interior, até mesmo o mundo dos negócios, desde que “encarado de maneira ampla”. Ninguém se admirou, apenas se podia constatar que a maioria dos que eram assim interpelados e distinguidos tinham vindo convencidos de que os haviam convidado para darem eles próprios, numa breve alocução, isto é, de cinco a quarenta e cinco minutos, a sua sugestão para a Ação Paralela; sugestão essa que, obedecida, faria com que não pudesse mais haver erro, ainda que oradores que tomassem a palavra depois desperdiçassem o tempo de todos com sugestões falsas e inúteis.

No começo, isso quase fez Diotima cair em pranto, e ela só conseguiu manter a sua postura imperturbável com muito esforço, pois parecia-lhe que cada um dizia

uma coisa diferente, sendo impossível encontrar um denominador comum. Ela ainda não tinha experiência com um tal grau de concentração de espíritos artísticos, e como um encontro tão universal de grandes homens não se repete uma segunda vez facilmente, ela só o conseguia compreender lentamente, passo a passo, com esforço e método. Aliás, há no mundo muitas coisas que, isoladas, têm um significado muito diferente, para as pessoas, do que reunidas; por exemplo, água em quantidades excessivas é um prazer bem menor do que em quantidades pequenas, o que se reconhece muito bem na diferença entre beber e afogar-se, e com venenos, prazeres, ócio, música de piano e ideais, dá-se mais ou menos o mesmo; provavelmente é assim com tudo, de modo que as coisas dependem do seu grau de densidade e outras circunstâncias. Deve-se apenas acrescentar que o gênio não é exceção a isso, para que, nas impressões seguintes, não se veja um rebaixamento das grandes personalidades que se haviam colocado altruisticamente à disposição de Diotima.

Pois logo no primeiro encontro podia-se pensar que os grandes espíritos se sentem inseguros assim que deixam a proteção de seu ninho de águias e precisam comunicar-se ao nível do chão. Aquela conversa extraordinária, que passava por cima de Diotima como um acontecimento celestial sempre que ela dialogava com um daqueles grandes nomes, dava lugar a uma penosa impossibilidade de manter a ordem sempre que um terceiro ou quarto interlocutor se aproximava e vários diálogos começavam a se contrapor, e quem não receia esse tipo de comparação, poderia imaginar um cisne que depois de vôo altivo continua a mover-se sobre a terra. Mas, depois de os conhecermos por mais tempo, podemos compreender bem essas coisas. A vida dos grandes espíritos se fundamenta hoje num “não se sabe para quê”. Gozam de grande respeito, manifestado na comemoração dos seus cinquenta ou cem anos, ou na festa dos dez anos de fundação de uma faculdade de Agronomia que se enfeita com doutores *honoris causa*, e também em várias ocasiões em que é preciso falar do tesouro espiritual alemão. Tivemos grandes homens em nossa história, e consideramos isso uma instituição que nos pertence assim como as prisões e o exército; já que existem, temos de colocar alguém lá dentro. Portanto, com certo automatismo característico dessas necessidades sociais, sempre pegamos aquele que por acaso está à mão, e lhe damos as honras disponíveis. Mas essa honraria não é bem real; no seu fundo existe, como um bocejo, a convicção generalizada de que ninguém a merece, e é difícil distinguir se a boca se abre de entusiasmo ou para bocejar. Há algo de um culto aos mortos quando se chama hoje em dia um homem de genial, acrescentando implicitamente que isso não existe mais, e alguma coisa do amor histórico que se exhibe em público unicamente por lhe faltar emoção verdadeira.

É compreensível que um estado desses não é agradável para espíritos sensíveis, que procuram de vários modos livrar-se dele. Uns enriquecem por desespero, aprendendo a aproveitar-se da necessidade que existe, não apenas de grandes espíritos, mas também de homens impetuosos, romancistas brilhantes, entusiásticos filhos da natureza e líderes da nova geração; os outros carregam uma coroa invisível sobre a fronte, que não tiram de modo algum, e asseguram, numa amargurada modéstia, que só em três ou dez séculos permitirão que se façam julgamentos sobre sua obra; mas todos consideram uma tremenda tragédia do povo alemão, que os realmente grandes jamais sejam incluídos na sua cultura viva, por estarem demasiadamente adiantados em relação a ela. Contudo, deve-se acentuar que até aqui se falou dos chamados espíritos artísticos, pois nas relações do espírito com o mundo existe uma diferença muito no-

tável. Enquanto o espírito artístico quer ser admirado como Goethe e Miguel Ângelo, Napoleão e Lutero, praticamente ninguém mais sabe o nome do homem que deu à humanidade a indizível bênção da anestesia, ninguém pesquisa procurando uma Sra. von Stein na vida de Gauss, Euler ou Maxwell, e apenas uma ínfima minoria se interessa em saber onde nasceram ou morreram Lavoisier e Cardanus. Em vez disso, aprende-se como suas idéias e descobertas foram desenvolvidas por outras pessoas igualmente desinteressantes, e nos ocupamos exclusivamente com suas realizações, que continuam vivas em outra pessoa, depois que a breve chama da primeira se consumiu.

Ficamos espantados ao descobrir como é grande a diferença que separa esses dois comportamentos humanos, mas logo apresentam-se exemplos contrários, e essa diferença nos parecerá a mais natural das fronteiras. O hábito familiar nos afirma que é a fronteira entre pessoa e trabalho, entre a grandeza do homem e a de uma causa, entre instrução e saber, humanidade e natureza. O trabalho e o gênio industrioso não multiplicam a grandeza moral, o fato de sermos homens sob os olhos do céu, a indecomponível doutrina da vida, que só se transmite através de exemplos, de estadistas, heróis, santos, cantores, também atores de cinema; todo aquele grande poder irracional de que também o poeta se sente participante enquanto acredita na sua palavra, convicto de que através dele mesmo fala a voz do interior, do sangue, do coração, da nação, da Europa ou da humanidade, dependendo das circunstâncias de sua vida. É a misteriosa totalidade, cujo instrumento ele sente ser, enquanto os outros apenas refocilam no que é palpável; e é preciso acreditar nessa missão antes de podermos reconhecê-la! O que nos garante isso é sem dúvida uma voz da verdade; mas nessa verdade não existe algo de singular? Pois lá onde se olha menos a pessoa do que a causa, estranhamente aparece sempre uma nova pessoa que leva adiante a causa; lá onde se observa a pessoa, depois de chegar a uma certa altura temos a sensação de já não haver ali uma pessoa suficiente para a tarefa, e que as coisas realmente grandes pertencem ao passado!

Todos os que se encontravam reunidos nos salões de Diotima eram totalidades, e isso era muito de uma só vez. Poetar e pensar, coisas tão naturais a cada pessoa como nadar é natural num pato novo eram para eles profissões que exerciam, e faziam-no realmente melhor que outros. Mas, para quê? Sua atividade era bela, era grande, era única, mas tanta singularidade criava um clima de cemitério, um sopro de transitoriedade, sem verdadeiro sentido e utilidade, origem e futuro. Incontáveis lembranças, miríades de pulsões do espírito entrecruzando-se acumulavam-se naquelas cabeças, enfiadas como agulhas de tapeceiro numa tela que se estendia ao redor, diante e atrás deles, sem costuras nem beiradas; e em qualquer parte produziam um desenho que se repetia noutra parte, semelhante mas não idêntico. Todavia, estaremos fazendo uso correto de nós mesmos, quando apostamos uma dessas manchinhas para ganhar a eternidade?

Provavelmente seria demais dizer que Diotima deveria ter compreendido isso, mas o vento sepulcral sobre os prados do espírito a dominava e, quanto mais aquele dia avançava em direção do fim, mais a deixava num profundo desânimo. Para sorte sua, ela se recordou de certa desesperança de que Arnheim falara em outra oportunidade, quando tinham conversado sobre questões parecidas, e que ela então não entendera bem; seu amigo viajara, mas ela recordou que ele a prevenira de não colocar esperanças demasiadas naquela reunião. Por isso, foi aquela melancolia de Arnheim, em

que Diotima mergulhava, que lhe causou no fim um prazer quase sensualmente triste e lisonjeiro.

“Não será no fundo”, perguntou a si mesma, ponderando a previsão de Arnheim, “o pessimismo que as pessoas de ação sentem quando se encontram com pessoas de palavras?”

## O DISSIMULADO SORRISO DA CIÊNCIA, OU PRIMEIRO ENCONTRO DETALHADO COM O MAL

Devem ser ditas algumas palavras a respeito de um sorriso, ainda por cima um sorriso masculino, porque havia uma barba, criada para essa ação masculina de sorrir dentro da barba<sup>\*</sup>: trata-se do sorriso dos homens de ciência que tinham aceitado o convite de Diotima e escutavam os famosos artistas. Embora sorrissem, não se pense que era com ironia. Ao contrário, sua expressão era de respeito e incompetência, coisas de que já falamos. Mas também não nos enganemos. Isso vale para sua consciência, mas no seu subconsciente, para usar essa palavra corrente, ou, mais corretamente ainda, em seu estado geral, eram pessoas nas quais uma tendência para o mal rumorejava como a chama debaixo do caldeirão.

Naturalmente isso parece um comentário paradoxal, e um professor universitário diante do qual o quiséssemos apresentar provavelmente diria que ele apenas serve à verdade e ao progresso, e não sabe de nada mais; pois essa é a sua ideologia profissional. Mas todas as ideologias profissionais são nobres, e os caçadores, por exemplo, estão longe de se considerarem os carniceiros da floresta; muito antes, chamam-se legítimos amigos dos animais e da natureza, assim como comerciantes cultivam o princípio do lucro honesto, e os ladrões afirmam que seu deus é o deus dos comerciantes, isto é, o nobre e internacional Mercúrio, que liga os povos. Portanto, não se deve valorizar muito como interpretam sua atividade aqueles que a exercem.

Se nos perguntarmos de maneira imparcial como a ciência assumiu a forma que tem hoje em dia — o que em si é importante, pois ela nos domina, e nem mesmo um analfabeto está a salvo dela, pois aprende a conviver com incontáveis coisas de origem científica —, já temos dela outra imagem. Segundo tradição fidedigna, isso começou no século XVI, uma era de intensa mobilidade espiritual, quando já não se tentava mais penetrar os segredos da natureza, como se fizera durante dois mil anos de especulação religiosa e filosófica, mas nos contentávamos, de um modo que só pode ser chamado de superficial, com a pesquisa de sua superfície. O grande Galileu Galilei, que sempre é nomeado em primeiro lugar nesses casos, acabou com a questão do motivo imanente que fazia a natureza ter aversão a espaços vazios, de forma que levava um corpo em queda a atravessar um espaço após o outro, preenchendo-o, até finalmente chegar em solo firme; ele satisfez-se com uma constatação muito mais comum: simplesmente pesquisou a velocidade de queda desse

---

\* Jogo de palavras irreproduzível: em alemão, sorrir à socapa, ou dissimuladamente, é "in den Bart lächeln", textualmente: sorrir dentro da barba (N. da T.)

corpo, o trajeto que ele percorre, o tempo que consome, e a velocidade crescente que assume. A Igreja Católica cometeu um grave erro ameaçando esse homem de morte, e obrigando-o a se desdizer, em vez de o matar sem muitos rodeios; pois da visão das coisas próprias de Galileu e seus parentes espirituais surgiram — em pouco tempo, se usarmos uma medida de tempo histórico — os horários de ferrovias, as máquinas de trabalho, a psicologia fisiológica e a corrupção moral da atualidade, com as quais ela já não consegue concorrer. Provavelmente a Igreja cometeu esse erro por inteligência excessiva, pois Galileu não foi apenas descobridor da lei da queda dos corpos e do movimento terrestre, mas um inventor pelo qual, diríamos hoje, se interessaram os grandes capitalistas; além disso, não foi o único dominado pelo novo espírito naqueles tempos; ao contrário, relatos históricos revelam que a objetividade que o animava se difundia, ampla e impetuosa, como uma doença contagiosa; e por mais que hoje nos aborreça ouvir chamar alguém de objetivo, uma vez que julgamos estar saturados de objetividade, naquele tempo despertar da metafísica e passar a uma contemplação sóbria das coisas, segundo muitos testemunhos deve ter sido uma embriagues e um incêndio de objetividade!

Mas se nos perguntarmos o que deu na humanidade, para mudar desse jeito, a resposta é que ela simplesmente fez o que faz qualquer criança ajuizada quando tenta andar cedo demais; sentou-se no chão, e tocou-o com uma parte confiável e pouco nobre do corpo: fez isso com aquilo com que nos sentamos. Pois o estranho é que a Terra se mostrou tão incrivelmente sensível a isso e desde esse contato deixa que lhe extraiam descobertas, comodidades e conhecimentos numa profusão quase milagrosa.

Depois dessa pré-história podemos dizer, não sem acerto, que é no milagre do Anticristo que vivemos hoje; pois aquela metáfora do contato não se deve interpretar só no sentido da confiabilidade, mas também do indecente e do proibido. Com efeito, antes que as pessoas intelectualizadas descobrissem o prazer dos fatos concretos, só guerreiros, caçadores e comerciantes, portanto naturezas astutas e violentas, o conheciam. Na luta pela sobrevivência não há lugar para sentimentalismos espirituais, só para o desejo de matar o adversário da maneira mais rápida e eficaz; nisso, todo mundo é positivista; também não seria virtude no mundo dos negócios deixar-se iludir em vez de agir concretamente, e com isso, em última análise, o lucro é a superação psicológica do outro, dentro das circunstâncias.

Se, de outro lado, observarmos as qualidades que levam às descobertas, notamos ausência do escrúpulo tradicional e de inibição, notamos coragem, iniciativa e espírito de destruição, ausência de reflexões de ordem moral, barganha paciente pelas menores vantagens, tenacidade no caminho para o objetivo desejado, caso for preciso, e respeito por números e medidas, o que é a maior expressão de desconfiança diante de qualquer incerteza. Em suma, tudo o que vemos são os velhos pecados dos caçadores, guerreiros e comerciantes, apenas transferidos para o campo intelectual, e transformados em virtudes. E, assim, não têm mais a ver com a luta por vantagens pessoais e relativamente vulgares; mas o elemento primitivo do mal, como se pode dizer, não foi perdido, pois é aparentemente eterno e indestrutível; ao menos, tão eterno quanto o ideal humano, pois é simplesmente o desejo de passar uma rasteira nesse ideal e vê-lo cair de cara no chão. Quem não conhece a maligna sedução que, quando olhamos um belo vaso vitrificado, vem com a idéia de que o poderíamos quebrar em mil cacos com *um* só golpe? Intensificada até o amargurado heroísmo que nos diz que na vida não podemos confiar em nada senão no que for absolutamente seguro, essa tentação é

o sentimento fundamental na objetividade da ciência; e se, por respeito, não a quisermos batizar de Demônio, pelo menos admitamos sentir um leve cheiro de enxofre.

Podemos começar com a singular predileção do pensamento científico por explicações mecânicas, estatísticas, materiais, às quais se retirou o coração. Encarar a bondade apenas como forma especial de egoísmo; ligar emoções com secreções internas; constatar que o ser humano consiste em oito ou nove décimos de água; declarar que a famosa liberdade ética do caráter é um anexo mental da livre-troca, surgido automaticamente; atribuir a beleza à boa digestão e bons tecidos adiposos; colocar reprodução e suicídio em gráficos anuais que mostram como obrigatório aquilo que parecia vir de livre decisão; considerar o êxtase e a demência como aparentados; comparar como extremidades retal e oral da mesma coisa o ânus e a boca: esse tipo de idéias que revelam o truque que existe no teatro mágico das ilusões humanas sempre encontram uma espécie de preconceito favorável, para as fazer passar por particularmente científicas. O que amamos aí é a verdade; mas em torno desse amor tão puro existe uma predileção pela decepção, pelo constrangimento, pela inexorabilidade, pela fria repulsa e censura áspera, e uma maliciosa predileção, ou pelo menos uma involuntária emanação emocional desse tipo.

Em outras palavras, a voz da verdade tem um rumor secundário suspeito, mas os mais estreitamente envolvidos não querem ouvir falar nisso. Bem, a psicologia hoje conhece muitos desses rumores secundários abafados, e também aconselha trazê-los para a superfície e torná-los tão nítidos quanto possível, para impedir seus efeitos perniciosos. Como seria, pois, se quiséssemos fazer a prova e sentíssemos a tentação de assumir esse equívoco gosto pela verdade e suas malignas vozes secundárias cheias de misantropia e satanismo; por assim dizer, a tentação de vivê-lo? Bem, surgiria mais ou menos a mesma falta de idealismo já descrita sob o título de Utopia da Vida Exata, uma tendência para tentativa e retratação, mas submetida à dura lei marcial da conquista intelectual. Essa atitude com a vida não é de assistência e apaziguamento; não respeita simplesmente o que é digno de se viver, mas considera-o uma linha de demarcação que a luta pela verdade interior transfere constantemente de lugar. Duvidaria da sacralidade de um estado momentâneo do mundo, não por ceticismo, e sim com a visão de quem está subindo, mas sabe que o pé firmado no chão também é o que está mais baixo. No ardor dessa *ecclesia militans*, que odeia a doutrina por amor ao ainda irrevelado, e afasta a lei e a tradição em nome de um exigente amor pela sua própria formulação sucessiva, o Diabo voltaria ao seu Deus, ou, falando com mais simplicidade, a verdade voltaria a ser irmã da virtude, e não precisaria mais executar para com ela aquelas dissimuladas maldades que uma sobrinha jovem faz contra a tia solteirona.

Tudo isso, mais ou menos conscientemente, um jovem registra nas salas de aula do saber; e descobre também os elementos de uma grande mentalidade sintética que junta brincando coisas distantes como uma pedra que cai e uma estrela que gira, e separa algo aparentemente uno e indivisível, como o nascer de um simples ato na consciência, em torrentes cujas fontes remotas estão separadas entre si por milhares de anos. Mas se alguém pretendesse utilizar essa mentalidade sintética fora dos limites das tarefas especializadas, em breve perceberia que a vida tem necessidades diferentes das do pensamento. Na vida acontece o contrário de quase tudo o que é familiar ao pensamento culto. As diferenças e semelhanças naturais são muito valorizadas aqui; o vigente, seja como for, é considerado até certo ponto natural, e não se gosta de tocar

nele; as modificações necessárias só se realizam com hesitação, num processo de avanços e recuos. E se por tendências vegetarianas alguém chamasse uma vaca de “a senhora” (avaliando bem o fato de ser muito mais fácil maltratar alguém a quem chamamos de “você”), nós diríamos que é um gozador ou maluco; mas não por ser amigo de animais ou vegetariano, o que julgamos muito humano, e sim por estar aplicando concretamente essas duas coisas. Em suma, entre intelecto e vida há um acordo complexo, no qual o intelecto recebe pouquíssimo do que exigiria, mas em compensação fica com o título de credor honorário.

Mas se o espírito, na poderosa configuração que acabamos de imaginar é um santo bem viril, com defeitos secundários de guerreiro e caçador, deve-se deduzir das circunstâncias descritas que suas tendências pecaminosas não conseguem se expressar inteiramente, nem ele encontra ocasião de se purificar na realidade, e que por isso pode ser encontrado por toda a sorte de caminhos estranhos e incontroláveis, fugindo às suas estéreis prisões. Resta saber se até aqui tudo foi um jogo de ilusões ou não, mas não se pode negar que a última suposição se confirma. Há uma vida anônima correndo no sangue de muita gente hoje em dia, uma consciência do mal, uma inclinação para o tumulto, uma desconfiança contra tudo o que é respeitado. Há pessoas que se queixam de falta de idealismo da juventude, mas no momento em que precisam agir, agem como alguém que, desconfiando de uma idéia, reforça o débil poder persuasivo dela com uso de um porrete.

Em outras palavras: existirá algum objetivo piedoso que não se precise munir de um pouquinho de corrupção e cálculo, vindos das mais baixas qualidades humanas, para que o levem a sério neste mundo? Palavras como amarrar, forçar, encostar na parede, botar para quebrar, método de força têm um agradável tom de confiabilidade. Idéias como a de que o mais nobre dos espíritos, metido numa caserna, em oito dias aprende a saltar sob as ordens de um sargento, ou de que um tenente e dez homens bastam para prender qualquer parlamento do mundo, só mais tarde encontraram sua expressão clássica, quando se descobriu que com algumas colheres de óleo de rícino dadas a um idealista se expõem ao ridículo as mais inabaláveis convicções; mas já há muito, embora rejeitadas com indignação, tinham o selvagem impulso de sonhos sombrios. Acontece que pelo menos o segundo pensamento de toda pessoa colocada diante de um fenômeno arrebatador, ainda que a arrebate pela beleza, é hoje em dia: você não me engana, darei um jeito em você! E essa fúria de rebaixamento de uma época não apenas enlouquecida mas enlouquecedora, já não é praticamente aquela divisão, natural na vida, entre bela e fera, mas antes um traço de autoflagelo do espírito, um indizível prazer no espetáculo que é ver o bem rebaixando-se, e deixando-se destruir com espantosa facilidade. Não é muito diferente do que um apaixonado apanhar-se-a-si-mesmo-mentindo, e talvez não seja a coisa mais desoladora de todas acreditar num tempo que nasceu ao contrário, e apenas precisa que as mãos do Criador o virem.

Portanto, um sorriso de homem há de expressar muitas coisas dessa natureza, embora isso escape à auto-observação, ou nunca tenha sido consciente; e era assim o sorriso com que a maioria dos famosos especialistas convidados se submetia aos louváveis anseios de Diótima. Aquilo subia como uma coceira pelas pernas que não sabiam mais como se colocar, e aterrissava no rosto sob a forma de um benevolente espanto. Era um alívio ver um conhecido ou colega mais chegado, e poder falar com ele. Parecia que, indo para casa, depois de sair do portão, todos haveriam de pisar



firme algumas vezes, para se assegurar de que tudo estava bem. Mesmo assim, a reunião fora bem bonita. Esses empreendimentos generalizados nunca têm um verdadeiro conteúdo, como aliás todas as idéias sublimes e muito gerais; já não conseguimos nem imaginar a palavra cão, que é apenas índice de determinados cães e qualidades caninas, que dizer então de Patriotismo, ou da mais bela idéia patriótica. Mas, embora não tenha conteúdo, tem sentido, e certamente é bom de tempos em tempos despertar esse sentido! Era isso que a maioria dizia uns aos outros, mas principalmente numa silenciosa zona inconsciente; Diotima, ainda parada na principal sala de recepção, distinguindo retardatários com uma saudação, ouvia, espantada e não muito nitidamente, que a seu redor se iniciavam animadas conversas, nas quais, se não se enganava, até se ouviam comentários sobre a diferença da cerveja boêmia e bávara, ou sobre direitos autorais.

Era pena ela não poder ver aquela reunião da rua. Dali, era linda de se contemplar. A luz brilhava forte através das cortinas das altas janelas da frente, multiplicada pelo brilho da autoridade e distinção conferida pelas carruagens que aguardavam, e pelos olhares dos curiosos que paravam ao passar e ficavam algum tempo olhando para cima, boquiabertos, sem saber ao certo por que faziam isso. Diotima teria se alegrado se pudesse observar tudo isso. Sempre havia pessoas paradas na vaga claridade que a festa lançava sobre a rua, e atrás delas começava a grande escuridão que, logo adiante, se tornava imperscrutável.

73

GERDA, FILHA DE LEO FISCHEL

Naquela agitação, Ulrich levou tempo para cumprir a promessa que fizera ao Diretor Fischel de visitar sua família. Na verdade, não conseguiu tempo até acontecer algo inesperado: a visita da esposa de Fischel, Clementina.

Ela se anunciara ao telefone, e Ulrich a esperava, preocupado. Frequentara pela última vez a casa dela há três anos, ao passar alguns meses naquela cidade; desta vez, porém, estivera lá apenas numa ocasião, porque não queria reavivar uma paixão passada, e tinha medo da decepção maternal de dona Clementina. Mas Clementina Fischel era uma mulher de “coração generoso”, e nas mesquinhas brigas diárias com o marido Leo tinha tão pouca oportunidade de fazer uso dele, que para casos especiais, infelizmente raros, sempre tinha à disposição uma heróica nobreza de sentimentos. Mas aquela mulher magra, de rosto severo, um tanto amargurado, estava um pouco inibida diante de Ulrich, pedindo um encontro a sós, embora já estivessem sozinhos.

Mas ele era a única pessoa cuja opinião Gerda ainda respeitaria, disse ela, e solicitou que não interpretasse mal seu pedido.

Ulrich conhecia a situação da família Fischel. Não apenas pai e mãe estavam numa guerra constante, mas também Gerda, a filha já de vinte e três anos, rodeara-se de um bando de jovens estranhos que, muito contra a vontade do Papai Leo, que rangia os dentes de raiva, o transformavam em mecenas e estimulador de seu “espírito moderno”, pois sua casa era o melhor lugar de reuniões da cidade.

Gerda andava tão nervosa e anêmica, e logo ficava tão irritada quando se tentava limitar um pouco aquelas amizades — disse dona Clementina —, e afinal eram ape-

nas rapazes bobos, sem educação, mas seu ostensivo anti-semitismo místico não apenas era malcriado, como demonstrava grosseria interior.

Não, acrescentou ela, não queria se queixar do anti-semitismo deles, apenas sinal dos tempos, era preciso resignar-se: até se podia admitir que tinham razão em algumas coisas.

Clementina fez uma pausa, e teria secado uma lágrima com o lenço se não estivesse de véu; mas, por isso, não chorou, e contentou-se em tirar da bolsinha seu lençinho branco.

— O senhor sabe como Gerda é — disse ela. — Uma mocinha bonita e talentosa, mas...

— Um pouco rude — completou Ulrich.

— Sim, Deus sabe, sempre exagerada.

— Portanto, sempre germânica?

Clementina falou dos sentimentos dos pais. Um pouco patética, chamou sua visita de “peregrinação de mãe”, com o objetivo secundário de fazer Ulrich voltar a freqüentar sua casa, depois de obter tão grandes resultados na Ação Paralela, conforme se comentava.

— Gostaria de me castigar — prosseguiu ela — por ter apoiado essas relações em nossa casa nos últimos anos, contra a vontade de Leo. Achei que não havia mal nenhum; esses jovens são sempre idealistas à sua maneira; e quem é imparcial tem de poder suportar uma palavra dura de vez em quando. Mas Leo, o senhor sabe como ele é, fica muito nervoso com esse anti-semitismo, seja ele simbólico e místico ou não.

— E Gerda, na sua maneira livre, tão loura e germânica, não quer reconhecer o problema? — completou Ulrich.

— Nesse assunto ela é como eu fui na minha juventude. Por falar nisso, acha que Hans Sepp tem algum futuro?

— Gerda é noiva dele? — perguntou Ulrich, cautelosamente.

— Mas esse rapaz não oferece a menor probabilidade de sustentá-la! — suspirou Clementina. — Como se poderia falar de noivado? Mas quando Leo o proibiu de vir à nossa casa, Gerda passou três semanas comendo tão pouco que ficou pele e osso. — De repente, disse, irada: — Sabe, às vezes isso me parece uma hipnose, uma infecção do espírito! Sim, às vezes acho que Gerda está hipnotizada! O rapaz fica o tempo todo explicando sua visão do mundo em nossa casa, e Gerda não percebe a constante ofensa aos seus pais que isso implica, embora tenha sido sempre uma filha boa e afetuosa. Mas se eu lhe digo alguma coisa, ela responde: “Mamãe, como você é antiquada!” Eu achei... o senhor é a única pessoa que ela escuta um pouco, e Leo o respeita tanto!... Não poderia vir à nossa casa um dia desses e abrir um pouco os olhos de Gerda para a imaturidade de Hans e seus companheiros?

Como Clementina fosse uma mulher muito correta, e aquilo fosse uma tentativa bastante ousada, devia estar mesmo muito preocupada. Apesar de todas as brigas, sentia naquele assunto uma espécie de solidariedade com seu marido. Ulrich ergueu as sobrancelhas, preocupado.

— Receio que Gerda diga que também sou antiquado. Esses jovens de hoje não escutam mais aos mais velhos, e isso é uma questão de princípios.

— Eu já pensei que talvez Gerda mudasse de idéia mais rapidamente se o senhor tivesse alguma tarefa para ela nessa grande ação, da qual se fala tanto — insinuou Clementina, e Ulrich preferiu prometer-lhe apressadamente uma visita, mas

assegurando que a Ação Paralela ainda não estava madura o bastante para precisar desse tipo de colaboração.

Quando Gerda o viu chegar alguns dias depois, surgiram-lhe manchas redondas de rubor nas faces, mas ela lhe apertou a mão com energia. Era uma dessas mocinhas modernas encantadoramente seguras de si, que trabalhariam como trocadoras de ônibus na mesma hora, se um consenso geral o exigisse.

Ulrich não se enganara pressupondo que a encontraria sozinha; mamãe fazia compras nessa hora, e papai ainda estava no escritório. E mal Ulrich dera os primeiros passos na sala, tudo lhe recordou um dia de seus encontros antigos. Naquela vez, o ano já estava avançado em várias semanas; era primavera, mas um daqueles dias muito quentes em que o verão se anuncia com ondas de fogo, que o corpo ainda não habituado suporta muito mal. O rosto de Gerda estava abatido e magro. Usava roupa branca, e seu perfume era como Unho branco posto a secar numa campina. As venezianas estavam baixadas em todos os quartos, e a casa pairava numa penumbra recalcitrante, com setas de calor de pontas quebradas varando aquele obstáculo pardo. Ulrich tinha a impressão de que Gerda era feita inteiramente dos mesmos panos de linho recém-lavados que vestia. Era uma sensação totalmente objetiva, e ele poderia calmamente vê-la despindo um a um esses invólucros sem sentir nenhum impulso amoroso. Essa mesma sensação se repetia agora. Aparentemente era uma intimidade muito natural, mas vã, e os dois tinham medo dela.

— Por que passou tanto tempo sem nos visitar? — perguntou Gerda.

Ulrich disse francamente que tivera a impressão de que os pais dela não aprovavam uma relação tão íntima sem objetivar um casamento.

— Ora, a mamãe — disse Gerda. — Mamãe é ridícula. Então não podemos ser amigos sem logo pensar nisso? Mas papai gostaria que você viesse mais vezes; dizem que você ficou muito importante com toda essa história.

Disse isso com toda a sinceridade, comentando as tolices dos velhos, convencida da aliança natural que os unia contra elas.

— Virei, sim — respondeu Ulrich. — Mas diga-me, Gerda, aonde vai nos levar tudo isso?

O problema era que não se amavam. Antigamente, tinham jogado tênis juntos várias vezes, ou encontravam-se em festas, tinham andado juntos, simpatizado um com o outro, e assim, imperceptivelmente, haviam transposto o limite que distingue uma pessoa em quem confiamos, e a quem nos mostramos com toda a nossa confusão emocional, de todas as outras pessoas, diante das quais fingimos ser perfeitos. Sem querer, tinham ficado íntimos como duas pessoas que se amam há muito tempo, ou mesmo que já quase nem se amam mais; mas dispensaram o amor. Brigavam a ponto de se pensar que se detestavam, isso era, porém, a um tempo obstáculo e ponto de contato. Sabiam que faltava apenas uma pequena centelha para desencadear um incêndio. Se a diferença de idade fosse menor, ou Gerda uma mulher casada, provavelmente a ocasião teria feito o ladrão, e do roubo teria nascido a paixão, pois a gente se persuade do amor como da ira quando se começa a praticá-lo. Mas exatamente por saberem disso, não o faziam. Gerda continuava virgem, e incomodava-se intensamente por isso.

Em vez de responder à pergunta de Ulrich, ela se ocupara um pouco ajeitando a sala, e de repente ele estava de pé ao seu lado. Foi muito irrefletido, pois não se pode ficar parado junto de uma moça numa hora dessas e simplesmente começar a discutir

qualquer assunto. Seguiram o caminho da resistência menor, como um riacho que, esquivando-se de obstáculos, corre por uma campina abaixo, e Ulrich passou o braço pelos quadris de Gerda, com as pontas dos dedos descendo até a linha que seguia a tira interior da liga. Ele virou para si o rosto de Gerda, perturbado e acalorado, e beijou-a nos lábios. Depois, ficaram ali parados, sem poder se soltar nem unir. As pontas dos dedos dele chegaram ao elástico largo da liga, e fizeram-no estalar baixinho algumas vezes contra a perna. Então ele se libertou e repetiu a pergunta, encolhendo os ombros:

— Aonde nos levará isso, Gerda?

Ela combateu a excitação e disse:

— Mas tem de ser assim?

Tocou a sineta e mandou trazer refrescos; pôs a casa em movimento.

— Fale-me alguma coisa sobre Hans! — pediu Ulrich brandamente quando estavam sentados e tinham de começar outro diálogo. Gerda, que ainda não recuperara inteiramente o controle, no começo não respondeu, mas algum tempo depois disse:

— Você é um homem vaidoso, nunca vai entender a nós, mais jovens!

— Assustar não vale! — disse Ulrich, mudando de assunto. — Gerda, acho que vou desistir da ciência. Portanto, transfiro-me para a geração mais nova. Basta-lhe que eu jure que o saber é parente da avareza? Que representa um mesquinho instinto de poupança? Que é um pretensioso capitalismo interior? Tenho mais sensibilidade do que você pensa. Mas quero protegê-la de toda uma fraseologia que não passa de palavrório!

— Você precisa conhecer melhor Hans — respondeu Gerda, abatida. Mas de pois acrescentou, com súbita veemência: — Aliás, você nunca vai entender que alguém possa se unir com outras pessoas numa comunidade altruísta!

— Hans ainda a visita tão seguidamente? — insistiu Ulrich, cauteloso; Gerda deu de ombros.

Seus sábios pais não tinham proibido as visitas de Hans Sepp, mas reservado para ele alguns dias do mês. Em compensação, Hans Sepp, estudante que não era nada nem tinha futuro à vista, precisara dar sua palavra de honra de que não induziria Gerda a fazer nada de errado, e acabaria com aquela propaganda sobre a mística alemã. Esperavam com isso roubar-lhe o encanto da coisa proibida. E Hans Sepp, na sua castidade (pois só a sensualidade deseja a posse, mas é judaico-capitalista) dera tranqüilamente a palavra pedida, mas sem incluir nela as visitas secretas à casa, os diálogos ardentes, os apertos de mão extasiados, até os beijos, o que afinal também faz parte da vida natural de almas amigas; incluía apenas a propaganda em favor de uma ligação não-oficial nem religiosa, que teoricamente andara pregando. Dera sua palavra de honra com tanto mais vontade por julgar que nem ele nem Gerda tinham alcançado ainda a maturidade espiritual necessária para concretizar seus princípios; e proteger-se das influências da natureza inferior correspondia plenamente aos seus desejos.

Mas naturalmente os dois jovens sofriam com essa violentação que lhes impunha um limite externo antes de terem encontrado seu limite interior.

Gerda não teria tolerado aquela intervenção dos pais se não estivesse ela própria insegura; mas, por isso mesmo, a sentia ainda mais duramente. Na verdade não amava muito seu jovem amigo; o desejo de contestar os pais era maior que o afeto por ele. Se Gerda tivesse nascido alguns anos mais tarde, seu pai seria um dos homens mais ricos da cidade, embora não muito respeitado; a mãe o teria admirado

novamente, e Gerda não teria sentido as brigas dos dois como uma divisão dentro de si mesma. Provavelmente teria se orgulhado de ser uma mistura de raças. Mas, nas condições reais, rebelava-se contra os pais e seus problemas, não queria ter recebido aquela pesada herança, era loura, livre, germânica e forte, como se nada tivesse a ver com eles. Mas, embora parecesse coisa positiva, isso trazia uma desvantagem: ela jamais permitira que o verme que a corroia interiormente emergisse na luz.

Em seu ambiente doméstico, o nacionalismo e a ideologia racial eram tratados como se não existissem, embora envolvessem metade da Europa em teorias históricas, e, dentro das paredes dos Fischel, tudo girasse exatamente em torno disso. Tudo o que Gerda sabia lhe chegara de fora, na forma obscura de boatos, alusões, exageros. Fora marcada pela contradição de seus pais normalmente darem grande importância ao que outros diziam, mas naquele caso fazerem uma estranha exceção. E como a natureza lúcida e prática de Gerda não compreendesse o fantasmagórico problema, naqueles anos ainda imaturos todas as coisas sombrias e desagradáveis se ligavam a ele.

Certo dia, conhecera o grupo de jovens cristãos-germânicos de que Hans Sepp fazia parte, e de repente sentira-se realmente em casa. Seria difícil dizer em que aqueles jovens acreditavam; formavam uma das incontáveis pequenas seitas espirituais livres e vagas que invadiam a juventude alemã desde a derrocada do ideal humanista. Não eram anti-semitas por ideologia racial, mas adversários da “mentalidade judaica”, expressão sob a qual compreendiam capitalismo e socialismo, ciência, razão, poder paterno e presunção paterna, matemática, psicologia e ceticismo. Sua principal peça doutrinária era o “símbolo”.

Até onde Ulrich conseguia compreender, e tinha bastante compreensão para esse tipo de coisa, chamavam de símbolo o grande complexo da Graça que, segundo Hans Sepp, torna claro e grande tudo o que é confuso e mirrado na vida, elimina a zoeira dos sentidos, e banha a fronte nas águas do além. O altar de Isenheim, as pirâmides do Egito, e Novalis, eram símbolos; Beethoven e Stefan George eram admitidos como esboços. Mas não diziam em palavras claras o que era um símbolo, primeiro porque símbolos não se expressam em palavras claras, depois, porque arianos não devem ser sóbrios, pois foi por isso que no último século só conseguiram esboços de símbolos; terceiro, porque existem séculos que só produzem parcamente o sobre-humano instante da Graça para homens sobre-humanos.

Gerda, mocinha inteligente, desconfiava em segredo daqueles pontos de vista exagerados, mas também desconfiava dessa desconfiança, na qual pensava reconhecer uma herança da sensatez paterna. Por mais independente que fosse, esforçava-se medrosamente para não obedecer aos pais, e sofria com medo de que sua origem a pudesse impedir de seguir os pensamentos de Hans. Rebelava-se com todo o seu ser contra os tabus da moral daquilo que se chamava boa família, contra a arrogante e sufocante intromissão do direito paterno na personalidade, enquanto Hans, que não vinha “de nenhuma família”, como dizia a mãe dela, sofria muito menos; desligara-se do círculo de companheiros, como “líder espiritual” de Gerda, falava apaixonadamente com a amiga da mesma idade, e tentava, com aquelas grandes discussões acompanhadas de beijos, levá-la para a “região do incondicional”, mas na prática ajeitava-se muito bem com as condições da casa dos Fischel, enquanto lhe permitissem rejeitá-la apenas “por princípio”, o que naturalmente dava lugar a constantes brigas com Papai Leo.

— Querida Gerda — disse Ulrich depois de algum tempo —, seus amigos a estão atormentando com seu pai e são os piores chantagistas que conheço!

Gerda ficou pálida, depois vermelha.

— Você não é mais jovem — respondeu — e pensa diferente de nós! — Sabia que ferira a vaidade de Ulrich, e acrescentou, conciliadora: — Não imagino grande coisa do amor. Talvez esteja perdendo meu tempo com Hans, como você diz; talvez tenha de renunciar e nunca goste de alguém a ponto de lhe poder desdobrar todas as pregas de minha alma, pensamentos e emoções, trabalho e sonhos. E não acho que isso seja tão terrível!

— Você parece madura demais para sua idade, Gerda, sempre que fala como seus amigos! — interrompeu Ulrich.

Gerda exaltou-se:

— Quando falo com meus amigos — exclamou —, os nossos pensamentos circulam de uns para outros, e sabemos que vivemos e falamos dentro do povo; será que você entende isso? Estamos entre nossos incontáveis semelhantes, e podemos senti-los; isso acontece de um modo físico-sensorial que você certamente... não, que você nem mesmo pode imaginar; porque você sempre desejou apenas *uma* pessoa, pensa como um animal de rapina!

Animal de rapina, como assim? A expressão, pairando no ar, traindo-a, pareceu sem sentido também para a moça, que teve vergonha dos seus olhos que, assustados e bem abertos, fitavam Ulrich.

— Não vou responder a isso — disse Ulrich mansamente, prefiro contar-lhe uma história, para mudar de assunto. — Puxou-a para mais perto de si com a mão na qual o pulso dela sumiu como uma criança entre montanhas. — Você conhece aquela história interessante da captura da Lua? Sabe que nossa Terra teve várias luas antigamente? E há uma teoria, com muitos seguidores, segundo a qual as luas não são o que muita gente pensa, corpos celestes esfriados, parecidos com a Terra, mas grandes bolas de gelo disparando pelo universo, que se aproximaram demais da Terra e ficaram presas a ela. Nossa lua seria a última delas. Olhe para ela!

Gerda o seguira e procurava a lua pálida no céu diurno.

— Não parece uma fatia de gelo? — perguntou Ulrich. — Não é reflexo da luz da Terra! Você já pensou como é que o homem da Lua<sup>\*</sup> nos mostra sempre o mesmo rosto? É que essa nossa última lua já não gira mais, está presa! Veja, quando a Lua entra sob domínio da Terra, não gira mais em torno dela, mas é cada vez mais atraída para perto. Apenas não o percebemos porque essa aproximação leva centenas de milhares de anos, ou mais ainda. Mas não pode ser negado, e na história da Terra devem ter passado milênios em que as luas anteriores a essa foram atraídas para bem perto e dispararam em torno da Terra com uma velocidade incrível. E assim como hoje a Lua atrai marés com um metro ou dois de altura, naquele tempo erguia-se uma onda de água e lama da altura de uma montanha, aos trambolhões por cima da Terra. Mal se pode calcular o terror com que gerações e gerações viveram naqueles milênios sobre essa Terra enlouquecida.

— Mas naquele tempo já havia gente? — perguntou Gerda.

— Claro. Pois por fim essas luas de gelo se despedaçam, caem, e o vagalhão que traíram à altura de montanhas na sua passagem tomba para trás e quebra, monstruoso, sobre todo o globo antes de se acomodar outra vez. É isso o Dilúvio,

---

\* Em alemão, *Mann im Mond*, lenda segundo a qual na Lua mora um homem com influência sobre os habitantes da Terra (N. da T.)

que foi uma enorme enchente generalizada! Como é que todas as lendas poderiam dizer isso de maneira tão igual, se as pessoas não o tivessem vivido de verdade? E como ainda temos uma Lua, esses milênios haverão de se repetir. Uma idéia bem singular...

Gerda fitava a Lua através da janela, respiração suspensa; ainda tinha a sua mão na dele, a Lua era uma pálida mancha feia no céu, e essa existência fantasmagórica transformava em simples verdade cotidiana aquela fantástica aventura universal da qual ela própria se considerava vítima por uma espécie de solidariedade sentimental.

— Mas acontece que essa história não é verdadeira — disse Ulrich. — Os entendidos dizem que é uma teoria maluca, e na realidade a Lua não se aproxima da Terra, mas está trinta e dois quilômetros mais distante do que se calculava, se não me engano.

— Então, por que me contou tudo isso? — perguntou Gerda, tentando tirar sua mão da dele. Mas sua resistência perdera toda a força; era sempre assim quando falava com um homem que não era mais tolo do que Hans, mas tinha idéias não exageradas, unhas limpas e cabelos penteados. Ulrich observou a penugem escura que nascia da pele loura de Gerda como um paradoxo; as múltiplas contradições dos pobres seres humanos de hoje pareciam saltar do corpo com aqueles pelinhos.

— Não sei — respondeu ele. — Quer que eu volte?

Gerda liberou o nervosismo da mão que ele soltara em vários pequenos objetos que começou a ajeitar aqui e ali, e não respondeu.

— Então, volto sem demora — prometeu Ulrich, embora antes disso não tivesse tido intenção de a rever.

#### O SÉCULO IV A.C. CONTRA O ANO DE 1797. ULRICH RECEBE OUTRA CARTA DO PAI

Espalhara-se rapidamente o boato de que as reuniões em casa de Diotima eram um sucesso extraordinário. Naquele tempo Ulrich recebeu uma carta muito longa do pai, tendo anexo um grosso pacote de brochuras e separatas. A carta dizia mais ou menos isso:

*Meu querido filho! Seu longo silêncio... Mas soube através de terceiros, com agrado, que meus esforços em seu favor... meu bondoso amigo Conde Stallburg... Sua Alteza o Conde Leinsdorf... Nossa parenta, a esposa do subsecretário Tuzzi... Por isso devo lhe pedir agora que use de toda a sua influência em seu novo círculo de amizades em favor do seguinte:*

*O mundo desabaria se fosse verdadeiro tudo aquilo que se julga verdadeiro, e se fosse lícito todo o desejo que assim parece. Por isso, é dever de todos nós constatar a verdade e a vontade justa, e, na medida em que conseguirmos isso, cuidar, com implacável senso de dever, de que tudo seja registrado na clara forma de uma visão científica. Você pode deduzir daí o que significa eu lhe participar que em círculos leigos,*

*mas infelizmente também em vários meios científicos submetidos à influência de um tempo confuso, há muito se desenvolve um movimento altamente perigoso, objetivando certas pretensas melhorias e atenuantes na revisão do nosso Código Penal. Devo dizer, antes de mais nada, que há alguns anos existe uma comissão de conhecidos peritos nomeada pelo ministro para essa revisão, comissão à qual tenho a honra de pertencer, junto com meu colega de Universidade, Professor Schwung, de quem talvez você se lembre de antigamente, quando eu ainda não o desmascarara, e ele passou por ser meu melhor amigo anos a fio.*

*Quanto às atenuantes de que falei, eu soube, por enquanto em forma de boato — que infelizmente parece ser verdade — que no iminente ano jubilar de nosso venerável Soberano, portanto, por assim dizer, aproveitando essa onda de generosidade geral do momento, deve-se esperar que haja esforços especiais de introduzir entre nós um funesto amolecimento da Justiça. Naturalmente, o Professor Schwung e eu estamos ambos decididos a evitar isso.*

*Levo em conta o fato de você não ter formação jurídica, mas há de saber que a porta de entrada predileta para se infiltrar essa debilitação do nosso Direito, falsamente chamada humanitarismo, é ampliar-se o conceito atenuante de irresponsabilidade, na forma vaga de uma responsabilidade reduzida, para aqueles muitos indivíduos que não são loucos nem moralmente normais, e que formam a multidão de incapazes, moralmente dementes, que infelizmente cada vez mais infestam nossa civilização. Você pensará que o conceito de responsabilidade reduzida, se é que isso se pode chamar de conceito, o que eu discuto, deve-se ligar estreitamente à interpretação que damos aos conceitos de responsabilidade plena ou de plena irresponsabilidade; e assim chego ao verdadeiro objetivo de minha carta.*

*Junto com termos jurídicos já existentes, e ponderando as circunstâncias acima relatadas, sugeri, na mencionada comissão, que se desse a seguinte forma ao § 318 do futuro Código Penal:*

*“Não existe ato passível de punição se o autor, no momento do ato, se encontra em estado de inconsciência ou perturbação doentia da atividade mental, de modo que...”; e o Professor Schwung apresentou uma sugestão que iniciava exatamente com as mesmas palavras. Mas acontece que o texto dele continuava dizendo: “...de modo que ficasse excluída sua livre vontade”, enquanto o meu dizia: “...de modo que ele não tivesse capacidade de reconhecer a ilegitimidade de seu ato”.*

*Devo admitir que a princípio não percebi a má intenção desse desacordo. Pessoalmente, sempre defendi a idéia de que, com o desenvolvimento progressivo do entendimento e da razão, a vontade submete a si o desejo, portanto o impulso, através da reflexão e da decisão dela resultante. Um ato querido é sempre um ato ligado ao pensamento, é não-instintivo. Na medida em que a pessoa administra a sua vontade, é livre; quando tem desejos humanos, isto é, desejos que correspondem ao seu organismo sensual, portanto, quando seu pensamento está perturbado, deixa de ser livre. É que a vontade não é casual, mas uma autodeterminação necessariamente nascida do nosso eu, portanto a vontade é determinada pelo pensamento, e quando o pensamento fica perturbado a vontade já não é vontade, mas a pessoa age apenas segundo a natureza do seu desejo!*

*Naturalmente, sei que na literatura também se defende o ponto de vista oposto, de que o pensamento deve estar determinado pela vontade. Trata-se de uma concepção que tem seus seguidores entre os juristas modernos, mas só desde 1797, enquanto*



*aquela que adotei resiste a todos os ataques desde o século IV antes de Cristo; quis, porém, provar minha boa vontade, por isso sugeri uma forma que ligasse as duas sugestões, e que teria dito:*

*“Não existe ato passível de punição quando no momento da ação o autor se encontra em estado inconsciente, ou perturbação doentia de sua atividade mental, de modo que não possua a capacidade de reconhecer a ilegitimidade da sua ação, e esteja excluída a livre determinação de sua vontade.”*

*Mas, então, o Professor Schwung revelou sua verdadeira natureza! Desprezou a minha boa vontade, afirmando, arrogante, que aquele “e” desse texto teria de ser substituído por um “ou”. Você compreende a intenção. É exatamente isso que eleva o pensador acima do leigo: distinguir um ou onde aquele simplesmente colocara um e; e Schwung tentou acusar-me de pensamento superficial, submetendo a minha disposição de entendimento, expressa naquele “e”, à suspeita de que eu não teria compreendido, em toda a sua extensão, a grandeza do contraste a ser superado!*

*Naturalmente, desde aquele instante passei a combatê-lo com dureza.*

*Retirei a minha sugestão conciliatória e me senti forçado a insistir firmemente na aceitação de minha primeira fórmula; mas Schwung desde então trata de me causar dificuldades, com pérfida sutileza. Assim, objetou que segundo a minha sugestão, fundamentada na capacidade de reconhecer a ilegitimidade, uma pessoa que, como acontece, sofre de alucinações particulares, mas no resto é sadia, só deveria ser absolvida por enfermidade mental quando se pudesse provar que, devido às suas alucinações particulares, presumiu a existência de circunstâncias que justificariam sua ação ou eliminariam sua punibilidade, de modo que essa pessoa teria se portado corretamente, embora num mundo falsamente imaginado. Mas essa é uma objeção totalmente nula, pois embora a lógica empírica conheça pessoas que são em parte enfermas e em parte sadias, a lógica do Direito jamais pode admitir a mistura dos dois estados jurídicos em relação ao mesmo ato, pois as pessoas são responsáveis ou não são, e podemos supor que também em pessoas que sofrem de alucinações particulares mantém-se a capacidade de distinguir o certo do errado. Se esta ficou prejudicada por alucinações num caso especial, teria bastado um esforço especial da inteligência para harmonizar isso com o restante de seu Eu, e não existe motivo para ver nisso dificuldade singular.*

*Respondi assim imediatamente ao Professor Schwung que, se pela lógica não podem coexistir simultaneamente estados de responsabilidade e irresponsabilidade, seria preciso supor que nesses indivíduos tais estados seguem um ao outro em rápida seqüência, o que traz, para a teoria dele, a dificuldade de responder à seguinte pergunta: de qual dos estados sucessivos nasceu aquele único ato? Pois para esse fim seria preciso apresentar todas as causas que agiram desde o nascimento do acusado e todas aquelas que influenciaram seus antepassados, que o oneram com boas e más qualidades.*

*Você vai achar difícil acreditar, mas Schwung teve a petulância de me responder que era isso mesmo, pois a lógica do Direito jamais deveria admitir mistura de dois estados de direito em relação ao mesmo ato, e por isso seria preciso decidir, em relação a cada ato de vontade isolado, se seria possível ao acusado, segundo sua evolução psíquica, controlar ou não sua vontade. Ele acha por bem afirmar que temos mais certeza de que nossa vontade é livre, do que de haver uma causa para tudo o que acontece; e que, quando no fundo formos livres, também o seremos por razões particu-*

*lares, motivo pelo qual se deveria presumir que nesse caso bastaria uma especial força de vontade para resistir aos impulsos criminosos motivados por essas causas...*

Nesse ponto, Ulrich parou de examinar os planos do pai e, pensativo, pesou na mão os vários anexos da carta, citados à margem. Lançou apenas um olhar ao fim da carta, e soube que o pai esperava dele uma “influência objetiva” junto aos Condes Leinsdorf e Stallburg, e o aconselhava insistentemente a chamar atenção, em tempo, das comissões correspondentes na Ação Paralela, para os perigos que poderiam surgir para o espírito do Estado, caso uma questão tão importante recebesse uma redação e uma solução incorreta no ano Jubilar.

### O GENERAL STUMM VON BORDWEHR CONSIDERA AS VISITAS A DIOTIMA UMA BELA VARIAÇÃO EM SEUS DEVERES PROFISSIONAIS

O pequeno e gordo general visitara Diotima outra vez.

Embora se destinasse modesto papel ao soldado na sala de conferências, dizia, atrevia-se a profetizar que o Estado era o poder de se afirmar na luta entre os povos, e que a força militar cultivada na paz afastava a guerra. Mas Diotima interrompera imediatamente:

— Senhor General! — disse, tremendo de raiva. — Toda a vida repousa sobre forças de paz; até a vida comercial, se soubermos ver direito, é uma poesia.

Por um instante, o pequeno general fitou-a, consternado, mas logo voltou a se ajeitar na sela.

— Excelência — disse; para compreendermos esse tratamento devemos lembrar que o marido de Diotima era subsecretário, e que na Kakânia um subsecretário tinha o mesmo nível hierárquico de um comandante de divisão, mas que só os comandantes de divisão tinham direito ao tratamento Excelência, e também só o tinham no meio profissional; mas como a profissão de soldado é também a de um cavalheiro, não se teria progredido nela sem tratar a todos de Excelência também fora do serviço; e nesse zelo cavalheiresco também se tratavam as esposas de Excelência, sem refletir muito no problema de estarem elas ou não em serviço. Num momento, o pequeno general ponderou todos esses fatos complexos, para, logo na primeira palavra, assegurar a Diotima sua concordância e dedicação incondicionais. Portanto, disse:

— Vossa Excelência está tirando as palavras de minha boca. O Ministério da Guerra naturalmente não pôde ser considerado na formação dos comitês, por motivos políticos; mas ouvimos dizer que o grande movimento deverá ter finalidade pacifista — uma ação de paz internacional, dizem, ou a doação de pinturas de artistas nacionais para o Palácio de Haia. E posso assegurar a Vossa Excelência que achamos isso incrivelmente simpático. Habitualmente as pessoas têm idéias falsas a respeito dos militares; naturalmente não quero afirmar que um jovem tenente não deseje a guerra, mas todos os postos responsáveis estão profundamente convencidos de que é preciso ligar a esfera da força, que infelizmente representamos, com as bênçãos do espírito, exatamente como Vossa Excelência acaba de dizer.

Ele tirou do bolso da calça uma escovinha que passou algumas vezes sobre a barbicha; era um mau hábito dos tempos de cadete, quando a barba ainda é a grande esperança da vida, aguardada com muita impaciência, e ele já não notava quando executava tal gesto. Com seus grandes olhos castanhos, fitava o rosto de Diotima, procurando ler o efeito de suas palavras. Diotima mostrou-se mais calma, embora nunca ficasse inteiramente tranqüila na presença dele, e concedeu em informar o general sobre o que acontecera desde a grande sessão inicial.

O general mostrou-se impressionado com o grande concílio, expressou sua admiração por Arnheim, e manifestou sua convicção de que essa reunião deveria ter efeitos benfazejos.

— Há muitas pessoas que não sabem como há pouca ordem no espírito! — explicou. — Se Vossa Excelência permite, estou convencido até de que a maioria das pessoas acredita experimentar cada dia um progresso na ordem geral. Pensam que há ordem por toda parte; fábricas, escritórios, horários da ferrovia e estabelecimentos de ensino. Posso também citar com orgulho os nossos quartéis que, com meios modestos, lembram a disciplina de uma boa orquestra. E pode-se olhar para onde se quiser, veremos sempre uma ordem, uma ordem no trânsito de pedestres, de carros, nos impostos, igreja, comércio, hierarquia, bailes e costumes, e assim por diante. Portanto, estou convencido de que quase todas as pessoas hoje consideram nossa época a mais ordenada de todas. Vossa Excelência também não tem essa sensação em seu íntimo? Eu, pelo menos, a tenho. Portanto, quando não presto muito atenção, tenho imediatamente a sensação de que o espírito da modernidade reside nessa ordem maior, e que os reinos de Nínive e Roma desmoronaram-se por causa de algum relaxamento. Creio que a maioria das pessoas sente isso e presume em segredo que o passado acabou por castigo devido a algum pecado contra a ordem. Mas essa idéia é um engano, que pessoas cultas não devem cometer. E nisso está infelizmente a necessidade do poder e da profissão militar!

O general encontrava profunda satisfação nessas conversas com aquela mulher jovem e culta; era uma bela variação nos seus deveres profissionais. Mas Diotima não sabia o que responder; e repetiu, ao acaso:

— Esperamos realmente reunir os homens mais importantes, mas a tarefa mesmo assim é pesada. O senhor nem imagina como são diversificadas as sugestões que recebemos, e gostaríamos de escolher a melhor. Mas, senhor general, o senhor disse *ordem*: nunca chegaremos ao nosso objetivo pela ordem, pela objetiva ponderação, comparação e análise; a solução tem de ser um raio, uma labareda, uma intuição, uma síntese! Quando contemplamos a história da humanidade, vemos que não é uma evolução lógica, mas, com suas súbitas inspirações, cujo sentido só mais tarde se descobre, lembra um poema!

— Perdão, Excelência — respondeu o general —, o soldado entende pouco de poesia; mas se alguém pode fornecer raio e labareda a um movimento, será Vossa Excelência; um velho oficial entende dessas coisas!

## O CONDE LEINSBORF MOSTRA-SE RESERVADO

Até aqui o gordo general fora bastante educado, embora fizesse suas visitas sem ser convidado; e Diotima lhe confiara mais coisas do que tinha pretendido. O que o tornava assustador, e fazia Diotima arrepender-se, depois, de ter sido amável, não era ele próprio, mas, como Diotima julgava o velho amigo dela, o Conde Leinsdorf. Sua Alteza estaria com ciúmes? E se estivesse, de quem? Embora sempre honrasse as reuniões com uma breve aparição, Leinsdorf não se mostrava tão favorável ao concílio como Diotima esperara. Sua Alteza tinha uma franca repulsa pelo que chamava “pura literatura”. Era uma idéia que, para ele, se ligava a judeus, jornais, livreiros sensacionalistas e o espírito liberal, tagarela, voltado só para o dinheiro, da burguesia; e a expressão “pura literatura” tornara-se para ele uma nova palavra-chave.

Sempre que Ulrich tentava ler em voz alta para o Conde sugestões chegadas pelo correio, todas com idéias para mover o mundo para diante ou para trás, ele agora recusava, dizendo, como qualquer pessoa que, além das próprias intenções, toma conhecimento das intenções dos outros:

— Não, não, hoje tenho coisas importantes, e isso aí é pura literatura!

Então pensava nos campos lavrados, nos camponeses, nas igrejinhas do interior, na ordem firmemente estabelecida por Deus como feixes de feno num campo ceifado, uma ordem tão bela, saudável e compensadora, embora por vezes tolere destilarias nas fazendas, para acompanhar a evolução moderna. Mas quando se tem aquela serena amplitude de visão, nela aparecem sociedades de tiro e cooperativas de leite, embora deslocadas, como imagens de sólida ordem e coerência. E se essa gente sentir vontade de fazer alguma exigência com fundamentação filosófica, esta terá, pode-se dizer, a posição privilegiada de uma sociedade espiritual com registro civil, à frente das exigências do espírito de qualquer cidadão particular.

Assim, quando Diotima desejava falar a sério com o Conde Leinsdorf sobre aquilo que aprendera a respeito dos grandes espíritos, ele habitualmente tinha nas mãos o pedido de alguma associação de quatro ou cinco idiotas, ou a tirava do bolso afirmando que aquele papel pesava mais no mundo das preocupações concretas do que as inspirações dos gênios.

Era um espírito semelhante àquele que o subsecretário Tuzzi louvava nos arquivos do seu ministério, que se negavam a considerar o concílio oficialmente, mas tratavam com seriedade mortal qualquer bobagem do menor jornalzinho de província; e Diotima não tinha ninguém a quem confiar suas preocupações, exceto Arnheim. Mas exatamente Arnheim protegia Sua Alteza. Era ele que lhe explicava a serena amplitude da visão daquele grande senhor, quando ela se queixava da predileção do Conde Leinsdorf por sociedades de atiradores e cooperativas de leite.

— Sua Alteza acredita na força orientadora do solo e do tempo — explicava ele, gravemente. — Acredite, isso é por ele ser latifundiário. O solo descomplica, assim como limpa a água. Mesmo eu, em minha propriedade tão modesta, sinto esse efeito a cada estadia. A verdadeira vida nos torna simples. — E depois de alguma hesitação, acrescentou:

— Sua Alteza também é extremamente tolerante, para não dizer audaciosamente tolerante, devido a sua ampla visão da vida. — Como esse lado do seu ilustre protetor fosse novo para ela, Diotima ergueu os olhos vivamente. — Eu não posso afirmar com segurança — prosseguiu Arnheim com uma ênfase indefinida — que o Conde Leinsdorf perceba o quanto o seu primo malbarata a confiança dele, como secretário; aliás, quero deixar claro, apenas no campo intelectual, com esse seu ceticismo diante dos planos mais sublimes, e fazendo a sabotagem da ironia. Receio que sua influência sobre o Conde Leinsdorf fosse ruim se esse verdadeiro nobre não estivesse tão seguro em seus grandes ideais e sentimentos tradicionais, sobre os quais repousa a verdadeira vida, fazendo com que possa se permitir essa confiança sem maiores riscos.

Era uma afirmação forte e merecida a respeito de Ulrich, mas Diotima não lhe deu maior importância, porque a outra parte do pensamento de Arnheim a impressionara, ou seja, a de não se possuir uma propriedade rural como latifundiário, mas como uma mensagem espiritual; achava aquilo fantástico, e ficou imaginando como seria viver numa propriedade daquelas, como esposa do dono.

— Às vezes fico admirada vendo com quanta indulgência o senhor julga Sua Alteza! — disse ela. — Afinal, ele pertence a um setor superado da história.

— Sim, certamente — respondeu Arnheim —, mas as virtudes simples, como coragem, cavalheirismo e disciplina, que essa casta desenvolveu de maneira exemplar, sempre terão seu valor. Em suma, é um senhor! Aprendi a dar muito valor ao ele mento senhorial também nos negócios.

— Então, no fim das contas, um senhor seria quase o mesmo que um poema? — perguntou Diotima, pensativa.

— A senhora disse uma coisa maravilhosa! — reforçou o amigo. — É o segredo da vida de sucessos. Só com a inteligência não se consegue ser moralista nem político. A razão não basta, as coisas decisivas concretizam-se num nível superior a ela. Pessoas que conseguem grandes coisas sempre amaram a música, a poesia, a forma, a disciplina, a religião e o cavalheirismo. Eu até afirmaria que só essas pessoas têm sorte! Pois são os chamados imponderáveis que fazem o homem, o senhor; e o que vibra na admiração do povo por um ator é um resto incompreendido disso. Mas para voltar ao seu primo: é claro que ninguém começa a ser simplesmente conservador apenas porque ficou comodista demais para excessos; mas, embora todos tenhamos nascido como revolucionários, um dia notamos que uma pessoa boa e simples, não importa qual seja sua inteligência, portanto, uma pessoa confiável, alegre, corajosa e leal não dá apenas um inaudito prazer mas também é o próprio húmus em que a vida repousa. Essa é uma sabedoria ancestral, mas ela marca a mudança decisiva do gosto; na juventude se volta naturalmente para o exótico, e agora é o gosto do homem maduro. Em muitas coisas eu admiro seu primo, ou, se isso for forte demais, porque não me posso responsabilizar por muitas das suas palavras, quase poderia dizer que gosto dele, pois tem em si algo extraordinariamente livre e independente, ao lado de muitas coisas interiormente rígidas e estranhas; exatamente essa mistura de liberdade e rigidez interior talvez seja o seu encanto, mas ele é uma pessoa perigosa, com seu exotismo moral infantil, e sua inteligência culta, sempre à procura de aventuras, sem saber o que realmente a está impelindo.

## ARNHEIM, AMIGO DOS JORNALISTAS

Diotima teve várias oportunidades de observar, em Arnheim, a imponderabilidade das atitudes humanas.

Assim, por exemplo, por conselho dele as reuniões do “Concílio” (como o subsecretário Tuzzi batizara, um pouco ironicamente, a “Comissão para a tomada de uma resolução diretiva quanto ao jubileu de setenta anos de reinado de Sua Majestade”) admitiam às vezes representantes de grandes jornais, e Arnheim, embora presente apenas como convidado sem função, gozava de uma atenção de parte deles que obnubilava qualquer outra celebridade.

Pois por alguma razão imponderável os jornais não são laboratórios nem centros de pesquisa do espírito, o que poderiam ser para bem de todos, mas comumente são magazines e bolsas de valores. Platão — para o tomarmos como exemplo porque junto com outros dez ou doze o chamamos de maior dos pensadores — certamente, se ainda vivesse, haveria de ficar encantado vendo uma redação de jornal, onde a cada dia se pode criar, trocar, sofisticar uma idéia, onde se juntam em torrentes as notícias de todo o mundo com uma velocidade que ele jamais vira, e uma equipe de demiurgos está a postos para testar imediatamente seu conteúdo intelectual e real. Numa redação de jornal ele pensaria estar naquele *topos uranios*, lugar celestial das idéias, cuja existência descreveu tão detalhadamente que ainda hoje todas as pessoas boas, falando com filhos ou empregados, são idealistas. E naturalmente, Platão, se hoje de repente pudesse aparecer numa redação e provar que realmente é aquele grande escritor que morreu há mais de dois mil anos, causaria uma incrível agitação e receberia as mais lucrativas propostas.

Se fosse capaz de escrever em três semanas um volume de cartas de viagem de conteúdo filosófico, e alguns milhares de seus conhecidos contos, quem sabe transformar em filme uma ou outra de suas obras mais antigas, certamente viveria bem por muito tempo. Mas assim que o seu retorno deixasse de ser novidade, e o Sr. Platão ainda quisesse realizar uma de suas conhecidas idéias que nunca conseguiram se afirmar direito, o redator-chefe apenas o convidaria a escrever um belo folhetim para a seção de diversões do jornal (mas o mais leve e alegre possível, não de estilo muito pesado, em consideração aos leitores), e o redator do folhetim acrescentaria que infelizmente só uma vez ao mês, no máximo, poderia haver lugar para essa colaboração, porque precisa atender a tantos outros talentos. E os dois cavalheiros teriam a sensação de terem feito muito por aquele homem, que é o Nestor dos jornalistas europeus, mas por outro lado está um pouco superado e não se pode comparar em valor atual a um homem como Paul Arnheim.

Quanto a Arnheim, jamais concordaria com isso, porque feriria o seu respeito por tudo o que é grande, mas em muitos aspectos acharia bem compreensível. Hoje, quando se mistura tudo quanto é possível e os profetas e vigaristas usam a mesma linguagem, exceto por diferenças muito pequenas que nenhuma pessoa ocupada tem tempo de investigar, e as redações são continuamente importunadas por alguém que se considera um gênio, é muito difícil reconhecer corretamente o valor de uma pessoa ou uma idéia; temos de nos fiar em nosso ouvido, para reconhecermos quando o ros-

nado e arrastar de pés diante da porta da redação é forte a ponto de poder ser admitido como voz do povo.

E a partir desse momento, o gênio entra, mas em outra condição. Não é mais apenas o tema fútil da crítica literária ou teatral, cujas contradições um leitor que corresponde aos desejos da imprensa encara como tagarelices de criança; pelo contrário, ele é promovido, passa a ser um fato, com todas as conseqüências.

Certos fanáticos insensatos ignoram a desesperada necessidade de idealismo que há por trás disso. O mundo do escrever e ter de escrever está cheio de grandes palavras e conceitos que perderam seu objeto. Os atributos de grandes homens ou grandes entusiasmos vivem mais do que seus ensejos, e por isso grande parte deles ficam sobrando. Foram criados um dia por algum homem importante para outro homem importante, mas esses homens morreram há muito tempo, e os conceitos sobreviventes precisam ser empregados. Por isso, sempre se procura o homem para os adjetivos. A “poderosa abundância” de Shakespeare, a “universalidade” de Goethe, a “profundidade psicológica” de Dostoiévski, e todas as outras idéias que uma longa evolução literária nos legou, pulam às centenas nas cabeças dos que escrevem; e por puro congestionamento no estoque de expressões começa-se hoje a dizer que um estrategista do tênis é insondável, ou um poeta da moda é grande. Percebe-se que os que escrevem isso ficam contentes quando conseguem vender sem prejuízo seu estoque de palavras. Mas terão de vendê-lo a um homem cuja importância já seja um fato, para que se compreenda que as palavras têm seu lugar na pessoa dele, ainda que não se saiba bem onde.

E Arnheim era um desses homens; pois Arnheim era Arnheim, Arnheim era Arnheim porque era Arnheim, como herdeiro de seu pai já nascera como um fenômeno, e não podia haver dúvida quanto à atualidade do que ele dizia. Bastava um pequeno esforço para dizer qualquer coisa que com boa vontade se consideraria importante. E o próprio Arnheim traduzia isso num princípio correto: “Grande parte da verdadeira importância de um homem está em fazer-se entendido pelos contemporâneos”, costumava dizer.

Portanto, também dessa vez saía-se extraordinariamente bem com os jornais, que tomaram conta dele. Apenas sorria ao falar de financistas ambiciosos ou políticos que teriam gostado de comprar florestas de folhas; essa tentativa de influenciar a opinião pública lhe parecia tão grosseira e tímida como a de um homem que oferece dinheiro pelo amor de uma mulher, embora pudesse ter tudo isso muito mais barato simplesmente excitando-lhe a fantasia. Respondera aos jornalistas que o interrogavam sobre o concílio, dizendo que o mero fato daquele encontro provava sua absoluta necessidade, pois na história do mundo não acontecia nada de absurdo; e com isso atingira tão perfeitamente o senso profissional deles, que reproduziram a frase em vários jornais. Examinando melhor, era realmente uma boa frase. Pois pessoas que levam a sério tudo o que acontece sentiriam náuseas se não estivessem convencidas de que não acontece nada de absurdo; mas de outro lado, como se sabe, teriam preferido morder a própria língua a levar a sério demais alguma coisa, ainda que fosse a coisa mais importante do mundo. O leve toque de pessimismo das palavras de Arnheim colaborava muito para conferir dignidade real ao empreendimento, e o fato de ele ser estrangeiro era considerado participação de todo o Exterior nos acontecimentos intelectuais incrivelmente interessantes da Áustria.

As outras celebridades que participavam do concílio não tinham o mesmo talento natural de agradar à imprensa, mas notavam seu efeito; e como em geral cele-

bridades pouco sabem umas das outras, e no trem da eternidade, que leva a todas juntas, praticamente só se vêem no vagão-restaurante, aquele destaque público de Arnheim agia sobre eles, sem que procurassem saber por quê. E embora nas reuniões Arnheim ainda estivesse fora de qualquer comissão, transformou-se automaticamente no personagem principal do concílio. Quanto mais progredia a ação, mais claro estava que ele era a sensação do empreendimento, embora no fundo nada fizesse para isso; a não ser, talvez, diante de participantes famosos, manifestar algum juízo que se podia julgar pessimismo confessional, como se dissesse que não havia muito que esperar do concílio, mas que valia a pena dedicar-se à missão, dada a sua nobreza.

Esse sutil pessimismo desperta confiança entre os grandes espíritos; pois por alguma razão a idéia de que o espírito atualmente não tem o sucesso que mereceria é mais agradável do que dizer que algum colega deveria ter tal sucesso. E podia-se dizer que o discreto juízo de Arnheim sobre o concílio era uma variante desse ponto de vista.

## METAMORFOSES DE DIOTIMA

As emoções de Diotima não seguiam a linha ascendente e regular do sucesso de Arnheim.

Algumas vezes, no meio de uma reunião na casa com suas salas esvaziadas e mudadas, ela pensava estar despertando num país de sonho. Ficava então parada, rodeada de gente e de espaço, a luz do lustre escorrendo em seus cabelos, descendo até os ombros, os quadris, fazendo-a sentir suas ondas luminosas, e ela era uma estátua, poderia ter sido uma figura de fonte, no centro do mundo, coberta da mais sublime elegância espiritual. Considerava aquela situação uma oportunidade sem igual para concretizar tudo aquilo que julgara ser o mais importante e o maior na vida, e pouco lhe importava o fato de não conseguir ter nenhum pensamento mais definido a respeito. A casa, a presença das pessoas, a noite, rodeavam-na como uma veste forrada de seda amarela por dentro; sentia aquilo tudo em contato com sua pele, mas não o podia ver. De tempos em tempos, olhava para Arnheim, que habitualmente estava num grupo de homens, falando; e então notava que na verdade estivera olhando para ele o tempo todo, apenas aquele olhar de agora era consciente. Por assim dizer, as pontas das asas de sua alma estavam sempre pousadas no rosto dele, transmitindo o que acontecia lá dentro.

E por falar em plumas, podia-se acrescentar que também a aparência dele tinha algo de sonho, um comerciante com douradas asas de anjo que baixara naquela reunião. O ruído dos trens expressos e trens de luxo, o zumbido dos automóveis, o silêncio dos pavilhões de caça, o estilo das velas do iate se faziam ouvir naquelas penas que a emoção dela lhe atribuía, invisíveis, dobradas, rumorejando baixinho cada vez que ele fazia um gesto.

Arnheim ainda se ausentava muito em viagens, por isso sua presença trazia sempre algo além dos acontecimentos locais e do momento presente, que já eram tão



importantes para Diotima. Ela sabia que, enquanto ele estava ali parado, seus negócios prosseguiram numa secreta agitação de telegramas, visitas e emissários. Teve aos poucos uma idéia, talvez até exagerada, da importância de uma empresa mundial e suas ligações com os acontecimentos. Por vezes, Arnheim contava coisas interessantíssimas sobre aspectos do capital internacional, negócios além-mar e implicações políticas; novos horizontes abriam-se ante Diotima; na verdade, os primeiros horizontes que se lhe abriam. Bastava ouvi-lo falar uma vez sobre o antagonismo franco-alemão, do qual Diotima apenas soubera que quase todas as pessoas do seu ambiente sentiam uma leve aversão pela Alemanha, misturada com um incômodo dever fraterno. Quando Arnheim falava, isso se transformava num problema galo-céltico-osto-tirológico, ligado às minas de carvão da Lorena e aos campos de petróleo mexicanos, e à hostilidade entre Estados Unidos e América Latina. O subsecretário Tuzzi não fazia idéia daquelas relações, ou não demonstrava isso. Contentava-se em chamar várias vezes a atenção de Diotima para o fato de que, em sua opinião, a presença de Arnheim ali, e sua preferência pela casa deles, só se podia entender caso ele tivesse objetivos secretos, cuja natureza o próprio Tuzzi não comentava, por ignorá-la também.

Assim, sua esposa sentia intensamente a superioridade de novas mentalidades sobre os métodos de uma diplomacia superada. Não esquecera o momento em que decidira colocar Arnheim à frente da Ação Paralela. Fora a primeira grande idéia de sua vida, e ela estivera num estado singular; uma espécie de sonho e ou de fusão a dominara, a idéia se ampliara de tal forma para vastidões maravilhosas, e diante dela se derreteria tudo o que até então fora o mundo de Diotima. Pouca coisa de tudo isso se podia expressar em palavras; era uma cintilação, um brilho, um singular vazio, uma fuga de idéias, e até se podia admitir calmamente — pensava Diotima — que o centro de tudo, isto é, o desejo de colocar Arnheim à frente daquela moderna Ação Patriótica, fosse impossível. Arnheim era estrangeiro, não se podia negar. Portanto, não se poderia concretizar essa idéia, não da forma direta como ela sugerira ao marido e ao Conde Leinsdorf. Apesar disso, tudo transcorria segundo ela havia previsto naquele estado de exaltação. Até ali todas as outras tentativas de dar conteúdo elevado à Ação tinham sido vãs; da primeira grande reunião, dos trabalhos das comissões, até daquele congresso particular contra o qual Arnheim, por ironia do destino, a prevenira, nada se destacara especialmente, senão: Arnheim, em torno do qual todos se acotovelavam, que tinha de ficar falando sem parar, que se tornara secretamente centro de todas as esperanças. Era esse o novo tipo de homem, destinado a substituir as forças antigas na liderança dos destinos humanos. Diotima sentia-se lisonjeada por havê-lo descoberto no primeiro instante, ter falado com ele sobre a introdução do novo homem nas esferas do poder, e tê-lo ajudado a impor-se contra a resistência dos demais. Portanto, se Arnheim tivesse uma segunda intenção como Tuzzi suspeitava, ainda assim Diotima estava decidida a apoiá-lo por todos os meios, pois uma grande hora como aquela não tolera suspeitas mesquinhas, e ela sentia que sua vida estava numa culminância.

Exceto pelos azarados ou felizardos, todas as pessoas vivem mal, apenas em diferentes andares. Essa sensação dos andares é um sucedâneo muito desejável para o homem atual, que em geral pouco enxerga o sentido da sua vida. Em casos importantes, pode chegar a ser uma vertigem de alturas ou embriaguez do poder, assim como há pessoas que ficam tontas num andar alto, mesmo se estão no meio da sala, janelas fechadas. Pensando que um dos mais influentes homens da Europa colaborava com ela na introdução do espírito nas esferas do poder, e que o destino os unira, refle-

tindo em tudo isso, embora no alto andar de uma ação austríaca universal nada estivesse acontecendo de concreto, Diotima sentia os elos de seus pensamentos desfazendo-se como nós em laços, a velocidade do pensamento aumentava, seu curso se desobstruía, e uma estranha sensação de felicidade e êxito inundava suas idéias, um estado de plenitude lhe trazia inspirações que a surpreendiam. Sua consciência de si mesma se intensificara; sucessos, em que antigamente nem teria ousado pensar, estavam à mão; sentia-se mais alegre do que de costume, por vezes até lhe ocorriam brincadeiras atrevidas, e, algo que jamais sentira a vida toda, era tomada por ondas de alegria, sim, de exuberância. Sentia-se como num quarto no alto de uma torre com muitas janelas. Mas isso também era um pouco inquietante. Sentia-se torturada por uma indefinida, generalizada, indizível sensação de bem-estar, que a impelia a qualquer ação, a uma atividade multilateral que não conseguia imaginar direito. Quase se poderia dizer que de repente tomara consciência de que a terra girava sob seus pés, e agora não o conseguia mais esquecer; ou aqueles intensos acontecimentos sem conteúdo palpável eram tão inibidores quanto um cão que nos salta nas pernas, e não tínhamos visto chegar. Por isso, às vezes Diotima se assustava com a metamorfose que acontecia sem ter lhe pedido autorização, e no fundo aquele estado lembrava o cinza nervoso e claro que colore o delicado céu leve das horas ociosas de maior calor.

Os anseios de Diotima por um ideal passavam por uma transformação importante. Nunca pudera distinguir esses anseios da correta admiração pelas coisas grandiosas; fora um idealismo aristocrático, uma sublimidade decente, e como nestes vigorosos tempos atuais praticamente não se sabe mais o que é isso, pode-se descrever tudo resumidamente mais uma vez.

Aquele idealismo não era objetivo, porque a objetividade é ligada a um trabalho artesanal, e os trabalhos artesanais nunca são limpos; tinha pelo contrário algo daquela pintura floral de arquiduquesas para as quais os únicos modelos adequados são as flores; o conceito de cultura era típico desse idealismo, porque ele se pretendia muito culto. Mas também se poderia dizer que era harmonioso, porque rejeitava toda a irregularidade, e via como missão da cultura harmonizar os opostos grosseiros que infelizmente existem neste mundo; em suma, talvez nem fosse tão diferente daquilo que ainda hoje — mas só onde se mantém a grande tradição burguesa — se compreende por idealismo honesto e limpo, que separa os objetos dignos dele dos outros que não o são, e, por razões de um humanitarismo mais nobre, jamais acredita na convicção dos santos (e médicos e engenheiros), de que também no lixo moral existe potência calorífica celestial inexplorada.

Se antigamente alguém tivesse despertado Diotima do sono perguntando o que desejava, ela teria respondido, sem refletir, que a força amorosa de uma alma viva tinha necessidade de se repartir com todo o mundo; mas depois de ficar acordada algum tempo, teria limitado isso, observando que no mundo atual, com excesso de civilização e razão, mesmo diante das naturezas mais nobres só se podia falar cautelosamente de um anseio análogo à força amorosa. E estaria falando com sinceridade. Hoje ainda há milhares de pessoas que parecem vaporizadores da força amorosa.

Quando se sentava para ler, Diotima afastava da frente o belo cabelo, o que lhe dava um ar racional, e lia com responsabilidade, no esforço de, com aquilo que chamava cultura, obter ajuda na situação social nada fácil em que se achava; e assim vivia, assim distribuía em gotinhas minúsculas o mais refinado amor por todas as coisas que mereciam ser amadas, pousava nelas como um sopro, a alguma distância,

e para ela mesma só restava o frasco vazio do corpo, que fazia parte dos objetos domésticos do senhor Tuzzi. Antes da chegada de Arnheim isso produzia acessos de funda melancolia, quando Diotima ainda se postava sozinha entre seu marido e a maior irradiação de sua vida, a Ação Paralela; mas, depois, seu estado se alterara muito naturalmente, adquirindo outra estruturação. A força amorosa contraíra-se intensamente, por assim dizer voltara para dentro do corpo, e aquele esforço “análogo” tornara-se muito autêntico e unívoco. Aquela idéia provocada pelo primo, de que alguma coisa estava por acontecer, e que entre ela e Arnheim havia algo de iminente, algo que ela ainda não imaginava, tinha um grau de concentração muito maior do que todas as idéias que até ali a haviam ocupado, a ponto de ela sentir que passara do sono à vigília.

Também nascera em Diotima o vazio peculiar ao primeiro momento dessa transição, e, por descrições que conhecia, lembrava que era um sinal de que se iniciavam grandes paixões. Pensava entender, nesse sentido, muito do que Arnheim dissera nos últimos tempos. Seus relatos sobre a sua posição, as virtudes e deveres da sua vida, eram preparativos para alguma coisa inevitável. Considerando tudo o que até ali fora seu ideal, Diotima sentia o pessimismo do espírito diante da ação, como uma pessoa que arrumou as malas lança um último olhar para os aposentos que a abrigaram anos a fio. Inesperadamente, isso fez com que sua alma, momentaneamente sem a guarda de forças mais altas, se portasse como um menininho de colégio endiabrado, que corre por aí até ser dominado pela tristeza daquela liberdade sem sentido; e por essa circunstância singular, introduziu-se em suas relações com o marido, por breve tempo, apesar do progressivo afastamento, algo que, se não era uma tardia primavera, parecia uma mescla de todas as estações do amor.

O pequeno subsecretário, com sua pele morena e seca de agradável odor, não percebia nada disso. Percebera algumas vezes que sua mulher tinha um aspecto sonhador, introvertido, alheado e nervoso, quando havia convidados, realmente muito nervoso, e ao mesmo tempo remoto; mas quando estavam sozinhos, e ele se aproximava, um pouco intimidado e desconcertado, para perguntar-lhe o que havia, ela se atirava ao seu pescoço, numa súbita alegria, e comprimia sobre sua testa uns lábios extraordinariamente ardentes, lembrando a tesoura quente de um cabeleireiro que se aproxima demais da pele ao encaracolar a barba do cliente. Aquela ternura inesperada era desagradável, e em segredo, quando Diotima não estava olhando, ele a removía discretamente. Mas se alguma vez a quisesse abraçar, ou já a estava abraçando, o que o aborrecia ainda mais, ela o acusava nervosamente de nunca a ter amado, mas apenas se atirar em cima dela como um animal.

Uma certa medida de sensibilidade e capricho fazia parte da imagem que desde a juventude ele fizera de uma mulher desejável que completasse a natureza do homem, e aquela elegância espiritualizada com que Diotima passava uma xícara de chá, pegava nas mãos um livro novo, ou sentenciava sobre qualquer problema a respeito do qual, segundo o marido, não devia saber coisa alguma, sempre o tinham encantado, pela perfeição da forma. Isso exercia sobre Tuzzi o efeito de uma discreta música de mesa que ele amava imensamente; mas achava que a música desligada da comida (ou da igreja), e o desejo de a executar apenas por ela mesma, era um esnobismo burguês, embora soubesse que não se podia dizer isso em voz alta, e nunca pensasse muito sobre essas coisas. O que fazer então, quando Diotima ora o abraçava e ora afirmava, irritada, que ao lado dele uma pessoa espiritual não tinha liberdade para elevar-se à sua

própria essência? O que poderia responder a desafios como esse, de pensar mais nas profundezas do mar de beleza interior do que ocupar-se do corpo? De repente, tinha de perceber a diferença entre um erotismo no qual, intocado pelo desejo físico, o espírito do amor flutua livre, e a sexualidade. Eram apenas idéias livrescas, das quais se poderia rir; mas, quando são apresentadas por uma mulher que está se despiando — com aquela preleção nos lábios! — tornam-se insultos, pensava Tuzzi. Pois não lhe escapava que a roupa interior de Diotima assumira certa frivolidade mundana. Sempre se trajara com cuidado e ponderação, pois sua posição social exigia que fosse elegante, e ao mesmo tempo não fizesse concorrência às grandes damas; mas nas gradações de roupa interior que há entre a honesta solidez dos tecidos e a teia de aranha da sensualidade, ela agora fazia concessões à beleza que antes teria julgado indignas de uma mulher inteligente. Contudo, se Giovanni (Tuzzi chamava-se Hans, mas fora rebatizado por razões de estilo) notava isso, ela corava até os ombros, e contava alguma coisa sobre uma Sra. von Stein, que não fizera concessões nem mesmo a um Goethe!

Portanto, o subsecretário Tuzzi já não se afastava dos importantes negócios de Estado inacessíveis à vida particular, distraíndo-se no seio do lar quando ele achasse conveniente, mas sentia-se exposto e entregue diante de Diotima; e o que antes se separava nitidamente, tensão do espírito e repousante relaxamento do corpo, voltava aos tempos de corte difícil e um pouco ridícula do noivado, como se ele fosse um galo silvestre ou um adolescente metido a poeta.

Não é exagero que por vezes, no fundo, ele sentia nojo disso, e o sucesso público da esposa naquele tempo quase lhe doía. Diotima conquistara a simpatia geral, e o subsecretário Tuzzi respeitava tanto isso, em qualquer circunstância, que tinha medo de parecer incompreensivo se reagisse com palavras autoritárias ou irônicas demais àqueles caprichos que não entendia. Aos poucos, ficou claro que é um sofrimento doloroso, a ser cuidadosamente oculto, ser marido de uma mulher importante; era quase como ficar castrado por algum acidente. Ele cuidava de não o demonstrar, ia e vinha numa nuvem de cortesia profissional e impenetrável, silencioso e despercebido, quando havia visitas ou reuniões na casa de Diotima; eventualmente, fazia comentários educados, objetivos ou ironicamente consoladores, parecia passar a vida num mundo vizinho, apartado mais amigável, parecia concordar sempre com Diotima. Quando estavam a sós, até lhe dava pequenas tarefas de vez em quando, publicamente favorecia a presença de Arnheim em sua casa, e nas horas em que as graves preocupações profissionais o deixavam livre, estudava os textos de Arnheim, e odiava homens que escrevem, pois eram a causa de todo o seu sofrimento.

A questão principal: por que Arnheim freqüentava sua casa, por vezes aguçava-se, transformando-se em outra: por que Arnheim escrevia? Escrever é uma forma especial de tagarelar, e homens tagarelas eram coisa que Tuzzi não suportava. Sentia a necessidade viva de morder os maxilares e cuspir entre os dentes, como um marujo. Naturalmente, havia exceções que respeitava. Conhecia alguns altos funcionários que tinham escrito suas memórias depois de aposentados, e outros que eventualmente escreviam em jornais; Tuzzi explicava isso dizendo que um funcionário só escreve quando está insatisfeito, ou se for judeu, pois judeus eram, na sua opinião, ambiciosos e insatisfeitos. Alguns grandes homens de ação também tinham escrito livros sobre suas experiências; mas fora no entardecer da vida, ou na América, quando muito na Inglaterra. Além disso, Tuzzi tinha formação literária e, como todos os diplo-

matas, preferia memórias, em que se podem aprender frases brilhantes e conhecimento da alma humana. Mas devia significar alguma coisa, hoje não se escreverem mais memórias, e provavelmente era uma necessidade ultrapassada, que já não correspondia a uma época de nova objetividade. E, por fim, também se escreve porque é uma profissão, coisa que Tuzzi reconhecia perfeitamente, desde que se ganhe o suficiente com isso, ou desde que se esteja dentro da categoria dos poetas, que de alguma forma existia.

Até se sentia bastante honrado por ver em sua casa os luminares de uma profissão à qual até então ligara apenas aqueles escritores nutridos pelos fundos do Ministério do Exterior. E, sem muito refletir, também teria incluído nessa lista a *Iliada* e o Sermão da Montanha, que respeitava muito, considerando-os resultado de alguma profissão autônoma ou dependente. Mas Tuzzi suspeitava que o fato de que Arnheim, que não precisava disso, escrevesse tanto, certamente esconderia algo que ele de momento não conseguia descobrir.

### SOLIMÃO APAIXONADO

Solimão, o pequeno escravo negro, ou príncipe negro, convencera Raquel, a criadinha ou amiga de Diotima, a vigiar os acontecimentos daquela casa, para prevenir algum sombrio plano de Arnheim, quando chegasse o momento. Para ser mais preciso, ele não a convencera, mas os dois prestavam atenção, como conspiradores, e sempre escutavam na porta quando havia visitas. Solimão contava coisas incríveis sobre mensageiros que viajavam de um lado para outro, e pessoas misteriosas que entravam e saíam do hotel do seu amo, e dizia-se disposto a fazer um juramento de príncipe africano, de que descobriria o sentido secreto de tudo isso. O juramento de príncipe africano era que Raquel devia colocar sua mão no peito nu dele, entre os botões do casaco e da camisa, enquanto ele fazia o mesmo com sua mão no peito de Raquel e pronunciava o juramento. Mas Raquel não queria. Ainda assim, a pequena Raquel, que tinha permissão de vestir e despir sua senhora, e telefonar por ela, e por cujas mãos escorriam todas as manhãs e noites os negros cabelos de Diotima enquanto por seus ouvidos escorriam palavras encantadas, essa pequena ambiciosa que vivera no cimo de uma coluna desde que existia a Ação Paralela, e tremia, diariamente, de veneração, erguendo os olhos para aquela mulher divina, há algum tempo se divertia espionando simplesmente aquela mesma mulher.

Escutava às escondidas, através de portas abertas para quartos anexos, ou pela fresta mal fechada de uma porta, ou enquanto lidava com alguma coisa ali perto, espreitando Diotima e Arnheim, Tuzzi e Ulrich, e vigiando olhares, suspiros, beijos de mão, palavras, risos, movimentos, como se fossem fragmentos de um documento rasgado que não conseguia mais recompor.

Mas a pequena abertura do buraco de fechadura tinha um poder que, singularmente, lembrava a Raquel o tempo esquecido em que perdera a honra. O olhar entrava fundo no interior dos quartos; desfeitas em várias superfícies, as pessoas fluíam lá dentro, e as vozes não estavam mais contidas na estreita fimbria das palavras, mas

confundiam-se em sons sem conteúdo; medo, respeito e admiração, que ligavam Raquel a essas pessoas, estilhaçavam-se então numa dissolução selvagem, e aquilo era tão excitante quanto um amante que entra de súbito, profundamente, na sua amada, e tudo escurece diante da vista, e a luz se acende atrás da cortina da pele.

A pequena Raquel agachava-se diante da fechadura, o vestido preto repuxado nos joelhos, pescoço e ombros, Solimão agachado a seu lado no uniforme, como chocolate quente numa taça verde-escura; às vezes, ele perdia o equilíbrio e se segurava com um gesto rápido no ombro, joelho ou saia de Raquel, pousando nela um momento, depois apenas com as pontas dos dedos que hesitavam ainda ternamente, por fim soltando-se de todo outra vez. Ele dava uma risadinha e Raquel colocava seu dedinho macio no acolchoado daqueles lábios grossos.

Aliás, Solimão não achava o concílio nada interessante, ao contrário de Raquel, e esquivava-se como podia da tarefa de servir os convidados junto com ela. Preferia vir quando Arnheim visitava a casa sozinho. Então, tinha de ficar sentado na cozinha esperando que Raquel ficasse livre outra vez, e a cozinheira, que no primeiro dia conversara tanto com ele, aborrecia-se porque ele andava praticamente mudo. Mas Raquel nunca estava livre para se sentar muito tempo na cozinha, e quando saía outra vez, a cozinheira, uma mocinha de trinta anos, prestava a Solimão pequenos favores maternos. Ele os aceitava algum tempo, com sua altiva cara de chocolate, depois levantava-se e fingia que esquecera alguma coisa, ou procurava, erguia os olhos para o teto, pensativo, parava de costas para a porta e começava a andar para trás como se apenas quisesse fitar melhor o teto; a cozinheira já reconhecia aquela pantomima desajeitada assim que ele se levantava e mostrava o branco dos olhos revirados. Mas, por raiva e ciúme, fingia não saber de nada, e por fim Solimão nem se esforçava mais por fingir aquilo que já era um código, até o momento em que ele estava na soleira da cozinha iluminada, hesitando mais um pouquinho, com ar cândido. A cozinheira simplesmente não olhava. Solimão deslizava de costas para a penumbra da ante-sala, como uma sombra escura numa água sombria, ficava à escuta mais um segundo, sem necessidade, e depois, de súbito, seguia as pegadas de Raquel pela casa alheia, em saltos fantásticos.

O subsecretário Tuzzi nunca estava em casa, e Solimão não tinha medo de Arnheim e Diotima, sabendo que só tinham ouvidos um para o outro. Algumas vezes, até fizera essa experiência, derrubando algum objeto, e ninguém o percebera. Era senhor daqueles aposentos, como um cervo na floresta. O sangue queria sair de sua cabeça como uma galhada de dezoito pontas afiadas como punhais. As pontas dessa galhada roçavam paredes e teto.

Era costume da casa fechar as cortinas nos aposentos que não estavam sendo usados, para que os móveis não desbotassem sob a luz do sol, e Solimão navegava por aquela semi-escuridão como num denso matagal. Divertia-se fazendo isso com gestos exagerados. Ansiava por alguma coisa violenta. Aquele rapazinho mimado pela curiosidade das mulheres na verdade nunca tivera relações com nenhuma, mas apenas aprendera os vícios dos meninos europeus, e seus desejos ainda eram tão famintos de experiência, tão indisciplinados e de variados ardores, que seu anseio sexual não sabia se devia saciar-se no sangue de Raquel, em seus beijos, ou cristalizando-se nas veias do corpo dele assim que avistava a bem-amada.

Onde quer que Raquel se escondesse, ele aparecia de repente, e sorria por havê-la encontrado. Cortava-lhe o caminho, e nem o escritório do dono da casa nem o quarto

de dormir de Diotima lhe eram sagrados; aparecia de trás de cortinas, escrivaninhas, armários e camas, e o coração de Raquel quase parava a cada vez, diante de tanto atrevimento e perigo, quando a penumbra se adensava formando um rosto preto com duas fileiras de dentes alvos rebrilhando. Mas assim que Solimão se defrontava com a verdadeira Raquel, as convenções o subjugavam. Aquela moça era muito mais velha que ele, bela como uma delicada camisa de homem que acaba de ser lavada e não se pode amassar; era uma presença tão real que todas as fantasias empalideciam diante dela.

Raquel o censurava por seu comportamento atrevido e elogiava Diotima e Arnheim, e a honra de poder participar da Ação Paralela; mas Solimão sempre trazia um pequeno presente para ela, ora uma flor que tirava do buquê que seu amo mandara para Diotima, ora um cigarro que roubara em casa, ou um punhado de bombons que surrupiava de um prato, de passagem; então apenas apertava os dedos de Raquel e, enquanto lhe alcançava o presente, levava a mão dela ao seu próprio coração, que ardia no corpo negro como uma tocha rubra numa noite escura.

Uma vez, Solimão até entrara no quartinho de Raquel, para onde ela tivera de se recolher com uma costura, por ordem severa de Diotima, que dias antes se aborrecera com os rumores na ante-sala enquanto Arnheim estava com ela. Antes de entrar em sua prisão domiciliar, Raquel olhara em volta procurando por Solimão sem o encontrar, e quando entrava tristemente no quartinho, ele estava sentado na cama, feliz, olhando para ela. Raquel hesitou em fechar a porta, mas Solimão fechou-a de um salto. Depois remexeu no bolso, tirou alguma coisa, soprou para limpá-la, e aproximou-se da mocinha como um ferro em brasa.

— Me dê sua mão! — ordenou.

Raquel estendeu a mão. Ele segurava dois botões de camisa coloridos, e tentou colocá-los no punho virado da manga de Raquel. Ela pensou que fossem pedacinhos de vidro.

— Pedras preciosas! — explicou ele, orgulhoso.

Pressentindo alguma coisa errada, a mocinha retirou depressa o braço. Não pensava em nada determinado; o filho de um príncipe mouro, embora tivesse sido roubado do pai, podia ter algumas pedras preciosas costuradas na camisa, nunca se sabe; mas involuntariamente, teve medo daqueles botões, como se Solimão estivesse lhe dando veneno; de repente, todas as flores e bombons que ele lhe dera lhe pareceram muito esquisitos. Apertou as mãos contra o ventre e encarou Solimão, perplexa. Sentiu que precisava lhe falar a sério; era mais velha que ele, e servia a patrões muito bondosos. Mas naquele momento só lhe ocorreram chavões como “a honestidade é a maior virtude”, ou “sê sempre leal e honesto”. Ficou pálida; aquilo lhe parecia simples demais. Aprendera na casa paterna a sua sabedoria de vida, uma sabedoria severa, bela e simples como velhas mobílias, mas não havia muito o que fazer com ela, pois aquelas frases-feitas eram apenas frases, depois ponto-final. Envergonhou-se daquela sabedoria infantil, como nos envergonhamos de velhas roupas usadas. Não sabia que o velho baú da casa dos pobres depois de cem anos enfeita o salão dos ricos; e, como todas as pessoas simples e honestas, admirava uma poltrona de vime nova. Por isso, procurou na memória resultados de sua nova vida. Mas por mais que recordasse maravilhosas cenas de amor ou terror dos livros que Diotima lhe dera, nenhuma podia ser aplicada agora, todas aquelas belas palavras e sentimentos tinham suas próprias situações e não combinavam ali, como uma chave não entra numa fechadura estranha. O mesmo acontecia com as magníficas frases e admoestações ouvidas de

Diotima. Raquel sentia um nevoeiro quente girar ao seu redor, e estava quase chorando. Por fim disse, veemente:

— Eu não roubo os meus patrões!

— Por que não? — Solimão mostrou os dentes.

— Não faço isso!

— Eu não roubei. São meus! — exclamou Solimão.

— Temos bons patrões cuidando de nós — disse Raquel. Estava inundada de amor por Diotima. Ilimitado respeito por Arnheim. Profunda repulsa contra aquelas criaturas inquietantes e agitadoras que a boa polícia chama de elementos subversivos. Mas não encontrava palavras para tudo isso. E aquele fardo de emoções começou a rolar dentro dela como uma gigantesca carroça sobrecarregada de frutas e feno, sem freios nem calço.

— Isso é meu! Pegue! — repetiu Solimão, tentando de novo segurar a mão de Raquel. Esta retirou o braço, num arranco; ele o quis reter, começou a ficar furioso, e quando sentiu que tinha de soltá-la porque a sua força de menino não vencida a resistência dela, que punha todo o peso de seu corpo na tentativa de se libertar das suas mãos, ele se abaixou, irrefletidamente, e, como um bicho, mordeu o braço da moça.

Raquel deu um grito, teve de sufocá-lo, e deu uma bofetada no rosto de Solimão.

Mas naquele momento ele já tinha lágrimas nos olhos, ajoelhou-se, apertou os lábios contra o vestido de Raquel, e chorou tão apaixonadamente que ela sentiu as lágrimas ardentes entrando até suas coxas.

Ficou parada, impotente, diante dele, que se agarrava à sua saia e escondia o rosto em seu ventre. Nunca na vida experimentara uma emoção daquelas, e passou docemente os dedos pelos macios arames da sua carapinha.

## 80

### CONHECE-SE O GENERAL STUMM, QUE APARECE DE SURPRESA NO CONCÍLIO

Entrementes, o concílio tivera um inesperado enriquecimento: apesar da severa seleção dos convidados, certa noite apareceu o general, agradecendo imensamente a Diotima a honra desse convite. Explicou que se destinava um papel modesto ao soldado na sala de conferências, mas que poder assistir a uma reunião tão notável, ainda que como mero observador, fora desejo seu desde a juventude. Diotima, calada, olhou por cima da cabeça dele, procurando o culpado; Arnheim falava com Sua Alteza, como um estadista com outro estadista; Ulrich olhava o bufê com ar de tédio infinito, parecendo contar as tortas; aquela frente familiar estava totalmente fechada, e não admitia o menor espaço para uma suspeita tão inusitada.

Por outro lado, Diotima sabia perfeitamente que não convidara o general, a não ser que tivesse ataques de amnésia ou sonambulismo. Foi um momento terrível. Lá estava o pequeno general, e sem dúvida tinha um convite no bolso do casaco de uniforme cor de miosótis, pois não se podia imaginar que um homem de sua posição tivesse o atrevimento de vir sem ele. Mas na biblioteca de Diotima havia uma graciosa escrivadinha, e em sua gaveta, trancados, os convites que tinham sobrado, aos



quais ninguém senão ela tinha acesso. Tuzzi — ocorreu-lhe num lampejo, mas não era muito provável. Era por assim dizer um enigma de espiritismo, aquele encontro do general com o convite; e como Diotima tivesse inclinação para acreditar na intervenção das forças sobrenaturais nos assuntos pessoais, sentiu um calafrio da cabeça aos pés. Mas nada havia a fazer, senão dar as boas-vindas ao general.

De resto, também ele se espantara um pouco com aquele convite; recebê-lo com tanto atraso o surpreendera, porque em suas duas visitas anteriores Diotima não demonstrara nem de longe a intenção de o convidar, e ele percebera que o endereço, obviamente escrito por outra mão, errara no tratamento e posto do destinatário, coisa que não combinava com uma dama da classe de Diotima. Mas o general era um homem alegre, e dificilmente pensava em coisas esquisitas, muito menos sobrenaturais. Presumiu que houvera algum pequeno descuido, o que não o impediria de saborear seu sucesso.

Pois o Major-General Stumm von Bordwehr<sup>\*</sup>, chefe do Departamento de Formação Militar e Educação do Ministério da Guerra, alegrava-se sinceramente com a missão que recebera. Quando se aguardava a grande sessão inaugural da Ação Paralela, o chefe de gabinete o convocara dizendo:

— Stumm, você é um desses eruditos, vamos lhe dar uma carta de apresentação, e você vai dar uma espiada por lá. Dê uma olhada em tudo, e depois nos conte o que essa gente pretende. — E, depois, ele poderia negar quanto quisesse, mas a verdade é que não ter podido tomar pé na Ação Paralela era uma nódoa na sua folha de serviço, que tentava apagar em vão com suas visitas a Diotima. Por isso, corra ao gabinete de administração quando o convite chegara, e, numa pose delicada mas um tanto atrevida, colocara uma perna diante da outra por baixo do ventre, e anunciara, ofegante, que naturalmente acontecera o que ele preparara e esperava.

— Pois então — declarara o Tenente-Marechal Frost von Aufbruch —, também eu não esperava outra coisa. — Ofereceu uma cadeira a Stumm, e um cigarro, acendeu sobre a porta o sinal “Reunião importante, entrada proibida”, e deu suas instruções, que, basicamente se resumiam em observar e fazer relatórios.

— Você entende, não queremos nada especial, mas você vai lá sempre que puder, mostrando que existimos; não estarmos nas comissões talvez até seja normal, mas não podermos estar presentes quando se discute um presente espiritual para o aniversário do nosso Comandante Supremo, não tem explicações. Por isso, eu sugeri seu nome a Sua Excelência, o Ministro, pois ninguém vai poder fazer nenhuma objeção; então, até logo, e faça bom trabalho!

O Tenente-Marechal Frost von Aufbruch acenou com a cabeça amigavelmente, e o General Stumm von Bordwehr esqueceu que o soldado não deve demonstrar emoção, bateu as esporas por assim dizer do fundo do coração, e disse:

— Muito obrigado mesmo, Excelência!

Se há civis beligerantes, por que não haveria oficiais amantes das artes da paz? Havia muitos deles, na Kakânia. Eles pintavam, colecionavam besouros, eram filatelistas ou estudiosos de história universal. Os muitos quartéis em miniatura, e o fato de ser proibido aos oficiais aparecer publicamente com obras culturais sem aprovação dos superiores, conferia em geral às tentativas deles algo de muito pessoal,

---

\* O sobrenome do general é perfeitamente plausível em alemão, mas seu correspondente em português significa: Mudo de Defesa de Bordo (N. do T.)

e também o General Stumm antigamente tivera dessas paixões. Originalmente servira na cavalaria, mas era mau cavaleiro; suas mãos pequenas e perninhas curtas não se adequavam a agarrar e frear um animal fogoso como o cavalo, e também lhe faltava o senso de autoridade, a ponto de seus superiores daquele tempo dizerem que, se se postasse um esquadrão de cavalaria no pátio da caserna com as cabeças em vez das caudas para a parede do estábulo, Stumm não seria capaz de levá-los para fora do portão. Como vingança, o pequeno Stumm deixara crescer a barba castanho-escura e redonda; era o único oficial da Cavalaria Imperial que tinha barba, o que não era expressamente proibido. E começara a colecionar cientificamente canivetes; não ganhava o suficiente para uma coleção de armas, mas em breve possuía uma porção de canivetes organizados segundo sua forma, com ou sem saca-rolhas e lixa de unhas, conforme o tipo de aço, origem, material do cabo e assim por diante, e no seu quarto havia altas caixas com muitas gavetas rasas e etiquetas escritas, o que lhe deu fama de erudito. Também fazia poemas, nos tempos de cadete sempre recebera “excelente” em religião e composição, e um dia o coronel o mandara chamar à administração.

— Você nunca será um oficial de cavalaria aproveitável — disse-lhe. — Se eu colocar um bebê em cima do cavalo e o puser à frente do regimento, ele vai se portar como você. Mas há muito tempo ninguém do regimento vai para a escola de guerra, e você, Stumm, bem que podia se apresentar!

Assim, Stumm passara dois anos maravilhosos na escola do estado-maior, na capital. Lá também revelou faltar-lhe aquela acuidade intelectual necessária ao bom cavaleiro, mas assistiu a todos os concertos militares, visitou museus e colecionou entradas de teatro. Tinha planos de passar para a vida civil, mas não sabia como fazê-lo. O resultado final foi que não o consideraram adequado para o serviço no estado-maior, mas também não disseram que era totalmente inaproveitável; passava por pouco ambicioso e desajeitado, mas um filósofo. Foi nomeado por mais dois anos, como experiência, para comandar uma divisão de infantaria, e terminado esse período, já capitão de cavalaria, passou a fazer parte do grande número daqueles que nunca mais se afastam da tropa, como reserva de emergência do estado-maior, a não ser que surjam condições muito especiais.

Agora, o Capitão-de-Cavalaria Stumm servia noutro regimento, passava por ser também erudito em assuntos militares, mas aquele caso do bebê e da capacidade prática em breve foi descoberto também pelos novos superiores. Ele fez uma carreira de mártir, chegando à patente de tenente-coronel, mas já como major sonhava apenas com uma licença com soldo parcial, para chegar o momento em que fosse mandado para a reserva como coronel *ad honores*, isto é, com título e uniforme, mas sem o soldo de coronel. Não queria mais saber daquelas promoções que avançavam na lista de patentes como um relógio incrivelmente lento; nem das manhãs em que, com sol ainda nascendo, se voltava do campo de exercícios debaixo de insultos, entrando no cassino com botas empoeiradas, para acrescentar, ao vazio de um dia interminável, a fileira de garrafas de vinho vazias. Nada mais daquele convívio militar, histórias de regimento e damas de regimento que passam a vida ao lado dos maridos repetindo numa escala musical precisa, implacavelmente sutil, quase inaudível, a escala hierárquica deles. Não queria mais nada com aquelas noites em que o pó, o vinho, o tédio, a vastidão dos campos atravessados e a obrigação de comentar o eterno assunto das conversas, o cavalo, levava casados e solteiros àquelas festinhas atrás de cortinas baixadas, em que punham mulheres de pernas para o ar para derramar champanha em

suas saias; nem queria mais nada com o judeu universal das malditas guarnições da Galícia, que parece uma pequena loja de departamentos torta, onde se podem obter a crédito, com juros, desde amor até pomada para a sela, mandando trazer à força mocinhas que tremiam de respeito, medo e curiosidade. Seu único consolo nesses tempos residia na metódica coleção de canivetes e saca-rolhas, e muitos deles era o judeu que trazia à casa daquele tenente-coronel amalucado, limpando-os na manga antes de os colocar na mesa, com ar de respeito, como se fossem objetos achados em tumbas pré-históricas.

Uma mudança inesperada acontecera quando um colega da escola de guerra se lembrara de Stumm, sugerindo que o mandassem ao Ministério da Guerra, onde procuravam um ajudante no departamento de instrução, que tivesse excelente capacidade para assuntos civis. Dois anos mais tarde, Stumm, agora coronel, já recebera a chefia do departamento. Era outro homem, desde que se sentava na sua poltrona e não mais no lombo do sagrado animal da cavalaria. Tornou-se general, e podia estar bastante seguro de chegar ao posto de tenente-marechal. Naturalmente, há muito mandara raspar a barba, mas com a idade crescia-lhe a testa, e a tendência a engordar dava-lhe uma certa constituição de globo terrestre.

Também se tornara um homem feliz, e a felicidade multiplica a capacidade de realizações. Seu lugar era no meio dos grandes acontecimentos, e isso se mostrava em todas as coisas. Nos vestidos pitorescos de uma mulher, na ousada falta de gosto da nova arquitetura vienense, nas cores de um grande mercado de verduras, no ar asfáltico acinzentado das ruas, aquele macio ar de asfalto pleno de miasmas, cheiros e perfumes, no barulho que explode em segundos para tornar-se rumor constante, naquela variedade incontável de civis, e até nas mesinhas brancas dos restaurantes, tão incrivelmente individuais embora inegavelmente todas parecidas umas às outras — em tudo aquilo havia para ele uma felicidade que retinia como um tilintar de esporas. Era uma felicidade como civis apenas conhecem viajando de trem para o campo; não se sabe como, mas vai-se passar o dia feliz, no verde, recoberto por uma abóbada. Essa sensação incluía a importância de Stumm, do Ministério da Guerra, da instrução, a importância de todas as pessoas, tudo isso tão intenso que, desde que estava ali, ainda não pensara uma só vez em voltar ao teatro ou aos museus. Era algo que raramente sobe à consciência, mas perpassa tudo, desde os galardões de general até às vozes dos sinos da torre, uma música sem a qual a dança da vida cessaria imediatamente.

Diabos, ele fizera a sua carreira! Era o que Stumm pensava de si mesmo, parado naquela sala numa tão famosa reunião da intelectualidade. Estava ali! O único uniforme, naquele ambiente de cultura! E mais uma coisa o deixava assombrado: imagine-se o globo terrestre, azul como o céu, com algo do tom miosótis do casaco de Stumm, feito inteiramente de felicidade, importância, e daquele misterioso fósforo cerebral da luz interior; no meio daquela bola, porém, o coração do general, e sobre esse coração, como Maria parada sobre a cabeça da serpente, uma mulher divina, cujo sorriso invadia todas as coisas, contido no secreto peso de tudo. E teremos mais ou menos a impressão que Diotima exercera sobre Stumm von Bordwehr, desde o primeiro instante em que sua imagem encheria os olhos dele, que lentamente se moviam.

Na verdade, ele gostava tão pouco de mulheres quanto de cavalos. Suas pernas roliças e curtas tinham-se sentido desconfortáveis na sela, e quando, até nas horas vagas, tivera de falar em cavalos, à noite sonhava que se esfolara até aparecerem os ossos de tanto cavalgar, e não podia mais desmontar; mas seu comodismo também

sempre menosprezara os excessos amorosos, e como o serviço militar o cansava bastante, não precisava soltar suas energias nas válvulas noturnas. Também nunca fora um desmancha-prazeres, mas quando passava as noites com os camaradas em vez de ficar com seus canivetes, habitualmente apelava para uma desculpa sábia, pois logo seu senso de harmonia física lhe ensinara que bebendo se passa rapidamente da fase de excitação para a sonolência, e isso lhe fora muito mais cômodo do que os perigos e decepções do amor. Quando, mais tarde, se casara e logo tivera dois filhos a sustentar, além da sua ambiciosa mãe, é que veio a ter consciência de como tinham sido sensatos seus hábitos antigos, antes de ser seduzido ao casamento, o que acontecera sem dúvida apenas pelo aspecto pouco militar que tem um guerreiro casado.

Desde então desenvolvera vivamente um ideal feminino extraconjugal, que obviamente tivera em si antes, mas sem o saber, constando de uma doce inclinação romântica pelas mulheres que o intimidavam e, assim, lhe poupavam quaisquer esforços. Quando via retratos de mulher que recortara de revistas na época de solteirão — mas fora sempre um ramo secundário à sua coleção de canivetes —, todas tinham esse traço; mas antigamente, ele não sabia disso, e tudo só se tornara um devaneio arrebatador quando encontrara Diotima. Sem falar na impressão que sua beleza lhe causara, quando ouvira dizer que havia uma primeira Diotima, pesquisara no seu dicionário para ver o que esse nome significava; não entendera direito a denominação, apenas percebera que se ligava à ampla esfera da cultura civil, da qual infelizmente, apesar de sua posição, sabia muito pouco; e o poder intelectual do mundo se fundiu com a graça física daquela mulher.

Hoje que as relações dos sexos estão tão simplificadas, deve-se acentuar que isso é a coisa mais sublime que um homem pode experimentar. Os braços do General Stumm sentiam-se curtos demais para rodearem o corpo alto e cheio de Diotima, enquanto seu espírito sentia o mesmo em relação ao mundo e sua cultura, de modo que pairava em todos os acontecimentos um doce amor, e no corpo rotundo do general algo semelhante à flutuante rotundidade do mundo.

Foi esse devaneio romântico que levou Stumm de volta para Diotima depois que ela o despachara. Parou perto da mulher admirada, pois não conhecia mais ninguém ali, e ficou escutando suas palavras. Teria gostado de tomar notas, pois não teria julgado possível brincar com tal tesouro espiritual, sorrindo como quem brinca com um colar de pérolas, se não fosse testemunha auricular daquelas conversas com que Diotima saudava as mais diversas celebridades. Só o olhar dela, depois de virar-se algumas vezes cruelmente para o lado dele, fez com que ele percebesse o quanto sua atitude de escuta era inconveniente para um general, e então afastou-se. Andou algumas vezes sozinho de um lado para outro pela casa repleta, bebeu um copo de vinho, e queria procurar uma posição decorativa junto de uma parede, quando descobriu Ulrich, que vira na primeira reunião, e sua memória se avivou. Ulrich fora um tenente imaginativo, inquieto, em um dos dois esquadrões que o General Stumm outrora dirigira brandamente, como tenente-coronel. “Um sujeito parecido comigo”, pensou Stumm, “tão moço já chegou a uma posição tal alta!” Dirigiu-se para ele, e depois de terem reforçado seu antigo conhecimento conversando algum tempo sobre as mudanças havidas desde então, Stumm indicou as pessoas ao redor e disse:

— Excelente ocasião para eu aprender os mais importantes problemas civis do mundo!

— General, você vai se espantar — respondeu Ulrich.

O general, procurando um aliado, apertou calorosamente sua mão:

— Você foi tenente no nono regimento de Ulanos — disse, significativamente —, e foi uma grande honra para nós, embora os outros ainda não compreendam isso tão bem quanto eu!

81

O CONDE LEINSBORF SE PRONUNCIA A RESPEITO DA *REALPOLITIK*. ULRICH FUNDA ASSOCIAÇÕES

Embora no concílio ainda não se mostrasse nem sinal de resultado, a Ação Paralela fazia grandes progressos no palácio do Conde Leinsdorf. Lá se reuniam os fios da realidade, e Ulrich comparecia duas vezes por semana.

Nada o deixava mais espantado do que o número de associações existentes. Apresentavam-se associações terrestres e marítimas, associações de bebedores e de abstêmios, em suma, associações e antiassociações. Elas estimulavam os esforços de seus membros e perturbavam os dos outros. Tinha-se a impressão de que toda pessoa pertencia pelo menos a uma associação.

— Alteza — disse Ulrich, espantado —, isso já nem se pode mais chamar demania de associações, como se costuma dizer despreocupadamente; esta é uma situação monstruosa, pois inventamos o tipo de estado em que cada indivíduo faz parte de um grupo de bandoleiros...!

Mas o Conde Leinsdorf gostava de associações.

— Pense — respondeu — que a política dos ideólogos nunca levou a nada de bom; precisamos de uma *Realpolitik*. Não hesito em julgar relativamente perigosas as ambições muito intelectualizadas dos círculos de sua prima!

— Vossa Alteza pode me dar diretrizes? — pediu o outro.

O Conde Leinsdorf o encarou. Refletia sobre a possibilidade de serem ousadas demais para um jovem inexperiente as coisas que pretendia lhe revelar. Mas depois decidiu-se.

— Bem, veja — começou, cauteloso —, vou dizer uma coisa que talvez o senhor ainda não saiba, porque é jovem; *Realpolitik* quer dizer: não fazer aquilo que se quer; em contrapartida, podemos conquistar pessoas satisfazendo os seus pequenos desejos!

O interlocutor arregalou os olhos para o Conde Leinsdorf, perplexo; o conde sorriu, lisonjeado.

— Então, não é verdade? — esclareceu ele. — Acabei de dizer que a *Realpolitik* não deve se deixar guiar pelo poder das idéias, mas pela necessidade prática. Naturalmente, as belas idéias são coisa que qualquer um gostaria de concretizar, isso é claro. Portanto, não se pode fazer exatamente aquilo que se gostaria de fazer! Kant já dizia isso.

— É verdade! — exclamou, surpreso, o destinatário desses ensinamentos. — Mas não é preciso ter um objetivo!?

— Objetivo? Bismarck quis a glória do rei da Prússia: este foi o seu objetivo. Não soube desde o início que com isso teria de combater a Áustria e a França, e fundar o Império Alemão.

—Então Vossa Alteza quer dizer que devemos desejar que a Áustria seja grande e poderosa, e nada mais?

—Temos ainda quatro anos de prazo. Nesses quatro anos, tudo pode acontecer. Pode-se colocar um povo de pé, mas ele terá de caminhar por si. Está me compreendendo? Pô-lo sobre as próprias pernas, é isso que temos de fazer! Mas as pernas de um povo são suas instituições sólidas, seus partidos, suas associações e assim por diante, e não isso de que se anda falando!

—Alteza! Embora não pareça, esse é um pensamento verdadeiramente democrático!

—Bom, não deixa de ser também um pouco aristocrático, embora meus pares não me compreendam. O velho Hennenstein e o morgado Türckheim me responderam que tudo isso resultará apenas numa bela porcaria. Portanto, precisamos ir com cautela. Devemos começar em pequena escala; seja simpático com as pessoas que vêm nos procurar.

Por isso, no período seguinte Ulrich não deixou de receber ninguém. Foi procurado por um homem que lhe explicou longamente as vantagens de colecionar selos, ocupação que, em primeiro lugar, ligava os povos; em segundo, satisfazia as veleidades de posse e prestígio, que inegavelmente constituíam um alicerce da sociedade; em terceiro, não exigia apenas conhecimentos, mas decisões de ordem estritamente estética. Ulrich observou melhor o homem: aparentava amargura e pobreza, mas parece que não deixou de entender a interrogação contida naquele olhar, pois retrucou que selos eram também uma mercadoria valiosa e nada desprezível, com a qual se faturavam milhões; de todas as partes do mundo, negociantes e colecionadores acorriam às bolsas filatélicas. Dava para ficar rico. Ele pessoalmente era um idealista, estava formando uma coleção especial que de momento ainda não interessava a ninguém. Queria apenas que no Ano Jubilar se inaugurasse uma grande mostra fila-télica, ele próprio chamaria então a atenção das pessoas para a sua especialidade!

Em seguida, veio outro homem e contou-lhe que, caminhando pelas ruas — andar de bonde era porém bem mais excitante —, havia anos que vinha contando as linhas retas dos caracteres latinos dos cartazes de lojas (o A, por exemplo, constava de três retas, o M de quatro), dividindo esse número pelo número de letras. Até então, o resultado fora sempre, em média, dois e meio; evidentemente tal resultado não era absoluto, podendo variar a cada nova rua, trazendo grandes preocupações a cada diferença e grandes alegrias a cada concordância, o que correspondia aos efeitos catárticos atribuídos à tragédia. Quando se contavam apenas as letras, só por um feliz acaso se obtinha um resultado divisível por três, fato de que Sua Senhoria ainda poderia se certificar, razão pela qual a maioria das inscrições deixava uma sensível insatisfação, exceto as letras massificadas, quais sejam as de quatro linhas retas, como, por exemplo, WEM, que sempre nos fazem particularmente felizes. Qual a consequência disso?, perguntou o visitante. Simplesmente que o Ministério da Saúde deveria emitir um decreto favorecendo as letras de quatro linhas na designação das firmas, ao mesmo tempo impedindo a utilização de uma linha só, como O,S,I,C, que com sua esterilidade causavam tristeza!

Ulrich encarou o homem e manteve certa distância dele; mas o outro não dava impressão de demente, era um homem que pertencia aos “melhores estratos”, tinha uns trinta anos, ar inteligente e amável. Ele continuava explicando calmamente que cálculo mental era uma capacidade indispensável em todas as profissões, que corres-

pondia à pedagogia moderna disfarçar o ensino sob a forma de jogo, que a estatística com frequência revelara relações profundas muito antes de serem explicadas, que o grande mal causado por uma instrução livresca era conhecido, e que por fim a grande excitação que a sua descoberta sempre causava a todos os que se decidiam a repeti-la falava por si só. Se o Ministério da Saúde quisesse apropriar-se da sua descoberta, logo o seguiriam outros países, e o Ano do Jubileu poderia acabar sendo uma bênção para a humanidade.

E Ulrich aconselhava a todas essas pessoas:

— Funde uma associação; o senhor tem quase quatro anos de tempo, e se o conseguir, certamente Sua Alteza o apoiará com sua influência!

A maior parte, porém, já tinha alguma associação, e aí a coisa mudava. Bastante simples era quando uma associação de futebol pedia que concedessem título de professor a seu ponta-direita, para documentar a importância da cultura física moderna; pois nesse caso sempre se podia deixar entrever alguma possibilidade. Dífceis eram situações como a que se segue, em que o visitante era um homem de uns cinquenta anos, que se apresentava como chefe de escritório; sua testa tinha o brilho das testas de mártires, e ele se declarava fundador e chefe da associação de estenografia “Öhl”, a qual tomava a liberdade de chamar atenção do secretário da grande Ação Patriótica para o sistema de escrita abreviada “Öhl”.

O sistema de escrita abreviada Öhl, dizia ele, era uma invenção austríaca, por isso não conseguia divulgação nem estímulo. Queria saber se o cavalheiro era estenógrafo, o que Ulrich negou; foram-lhe então apresentadas as vantagens intelectuais da estenografia. Economia de tempo, economia de energia intelectual; ele nem imaginava quanto trabalho intelectual se desperdiçava com aqueles ganchinhos, floreios, imprecisões, perturbadoras repetições de figuras semelhantes, confusão de elementos realmente expressivos e significantes da escrita com elementos puramente retóricos e caprichos pessoais. Para seu espanto, Ulrich ficou conhecendo um homem que perseguia com ódio implacável a aparentemente inofensiva escrita cotidiana. Do ponto de vista da economia de trabalho intelectual, a estenografia era uma questão vital para a humanidade, que se desenvolvia sob o signo da pressa. Mas também do ponto de vista da moral a questão curto ou longo era decisiva. A escrita orelhuda, como se podia dizer, na amargurada expressão do chefe de escritório, por causa dos seus laçarotes sem sentido, levava a imprecisões, caprichos, esbanjamento e mau uso do tempo, enquanto a escrita abreviada educava na precisão, controle da vontade, e postura viril. A escrita abreviada ensinava a fazer o essencial e fugir ao inútil e supérfluo. O cavalheiro não acreditava haver nisso uma moral prática da maior importância para os austríacos? Mas também se podia considerar a questão do ponto de vista estético. Acaso a prolixidade não seria justificadamente considerada feia? A expressão de absoluto pragmatismo não fora já declarada pelos grandes clássicos como elemento essencial do belo? E havia ainda o ponto de vista da saúde pública — prosseguia o chefe de escritório — e aí era de extraordinária importância encurtar o tempo de ficar curvado sobre a escrivaninha. E só depois de, para espanto do interlocutor, ter ainda falado sobre outras ciências em relação à estenografia, foi que o visitante passou a explicar a infinita superioridade do sistema Öhl sobre todos os demais sistemas. Mostrou-lhe que, segundo todos os pontos de vista antes descritos, qualquer outro sistema de estenografia era uma traição da idéia da escrita abreviada. E então desenrolou a história dos seus sofrimentos. Havia aqueles sistemas mais antigos e

poderosos, que já tinham tido tempo de se ligar a todos os interesses materiais possíveis. As escolas de comércio ensinavam o sistema Vogelbauch, e resistiam a qualquer mudança, secundadas — graças à lei da inércia — pelos comerciantes. Os jornais, que como se pode ver ganham muito dinheiro anunciando escolas de comércio, fechavam-se a qualquer sugestão de mudança. E o Ministério da Educação? Esse era simplesmente ridículo!, dizia o Sr. Öhl. Há cinco anos, quando se decidira a inclusão obrigatória da estenografia nos cursos de segundo grau, o Ministério da Educação fizera uma pesquisa para descobrir qual o sistema aconselhável. Naturalmente foram consultados os representantes das escolas de comércio, dos comerciantes, dos estenógrafos do Parlamento, os quais estavam coligados aos repórteres de jornal, e mais ninguém! Era claro que o sistema Vogelbauch seria adotado! A Associação de Estenografia Öhl fez uma advertência sobre esse crime contra um precioso patrimônio público, e protestou! Mas seus representantes nem mesmo foram recebidos no Ministério!

Ulrich comunicava esses casos a Sua Alteza.

— Öhl? — perguntou o Conde Leinsdorf. — E ele é funcionário público? — Sua Alteza esfregou demoradamente o nariz, mas não chegou a nenhuma decisão. — Talvez devêssemos falar com o conselheiro da Corte responsável por ele, antes de chegar a uma conclusão... — disse depois de algum tempo; mas estando com disposição criativa, desistiu. — Não; sabe de uma coisa, vamos fazer um protocolo, e eles que se manifestem! — E acrescentou uma confidencia para que o outro entendesse melhor o problema: — Em todos esses casos, não se pode saber se são bobagens ou não. Mas veja, doutor, via de regra acabam parecendo importantes exatamente as coisas que levamos a sério! Isso se repete com esse Dr. Arnheim, tão cortejado por todos os jornais. Os jornais poderiam se ocupar de outras coisas. Mas se ocupam do Dr. Arnheim que assim vai ficando importante. O senhor diz que esse Öhl tem uma associação? Isso não prova nada. Mas por outro lado, como eu disse, há que se ter pensamentos modernos; e se muitas pessoas são a favor de uma coisa, podemos estar certos de que ela vai ter sucesso!

82

## CLARISSE EXIGE UM “ANO ULRICH”

O amigo certamente só visitava Clarisse para lhe censurar a carta que ela escrevera ao Conde Leinsdorf; esquecera completamente o assunto quando ela estivera com ele pela última vez. Durante o trajeto ocorreu-lhe que Walter estava com ciúmes e que esta visita pioraria esse sentimento tão logo ele tomasse conhecimento dela; mas Walter não poderia fazer nada a esse respeito, e esta situação, na qual a maioria dos homens se encontra, era bem engraçada: quando enciumados, eles só podem vigiar suas esposas depois do expediente no escritório.

Era improvável que Walter estivesse em casa à hora em que Ulrich resolvera ir até lá. Foi no começo da tarde. Ulrich comunicara sua visita por telefone. As janelas pareciam não ter cortinas, tão intenso era o brilho das superfícies nevadas através das vidraças. Naquela luz implacável, que envolvia todos os objetos, encontrava-se



Ciarisse, olhando risonha do meio da sala para o amigo. Onde a rasa curvatura de seu corpo se inclinava para a janela, ela brilhava em cores fortes, e o lado da sombra era uma névoa castanho-azulada, da qual testa, nariz e queixo se destacavam como uma aresta de neve cuja ponta vento e sol borravam. Ela lembrava menos um ser humano do que o encontro de gelo e luz na fantasmagórica solidão do inverno nas montanhas. Ulrich percebeu um pouco do encanto que ela devia exercer sobre Walter em certos momentos, e suas emoções divididas em relação ao amigo de infância cederam por um breve momento à visão do mútuo espetáculo de duas pessoas cuja vida ele talvez mal conhecesse.

— Não sei se você falou a Walter da carta que escreveu ao Conde Leinsdorf — começou ele —, mas eu vim para falar a sós com você, e prevenir que não faça esse tipo de coisa no futuro.

Clarisse ajeitou duas cadeiras lado a lado, e pediu que ele se sentasse.

— Não fale disso com Walter — pediu —, mas diga-me o porquê de sua objeção. Você se refere ao Ano Nietzsche? O que foi que o seu conde disse?

— O que você acha que ele poderia ter dito?! A ligação que você fez disso com Moosbrugger foi simplesmente maluca. Além disso, ele devia ter jogado a carta fora!

— Ah, é? — Clarisse estava muito decepcionada. Depois disse: — Por sorte você também tem voz ativa por lá!

— Eu já lhe disse que você está maluca!

Clarisse sorriu, e considerou aquilo um elogio. Colocou a mão no braço do amigo, e perguntou:

— Você acha o Ano Austríaco uma bobagem, não é?

— Claro!

— Mas um Ano Nietzsche seria uma coisa boa; por que não podemos querer uma coisa apenas por ela ser boa segundo nossos conceitos?

— Como é que você imagina um Ano Nietzsche? — perguntou ele.

— Isso é problema seu!

— Você está brincando!

— De jeito nenhum. Diga, por que lhe parece engraçado realizar algo que nosso espírito leva a sério?

— Com muito prazer — respondeu Ulrich, libertando-se da mão dela. — Não precisa ser exatamente Nietzsche, poderia ser também Cristo, ou Buda!

— Ou você. Imagine só, um Ano Ulrich! — Ela disse aquilo tão tranqüilamente como quando o convidara a libertar Moosbrugger. Mas dessa vez, ele não estava distraído, olhava-a bem no rosto, enquanto ouvia suas palavras. No rosto havia apenas o sorriso costumeiro de Clarisse, que involuntariamente sempre parecia uma pequena careta divertida produzida com esforço.

“Muito bem”, pensou ele, “ela não está falando sério.” Mas Clarisse aproximou-se dele outra vez.

— Por que você não promove o seu ano? Talvez agora tivesse poder para isso. Eu já lhe disse que não deve contar nada disso a Walter, nem sobre a carta a respeito de Moosbrugger. Principalmente que eu falo sobre isso com você! Mas, acredite, esse assassino é musical; apenas, não sabe compor. Você nunca observou que toda pessoa está no centro de um globo celeste? Quando ela sai do seu lugar, ele vai junto. Assim é que se tem de fazer música: sem consciência, simplesmente com o o globo celeste debaixo do qual estamos!

— E você acha que eu, com esse meu ano, deveria arquitetar uma coisa parecida?

— Não — respondeu Clarisse, indecisa. Seus lábios finos quiseram dizer alguma coisa, mas calaram-se, e a chama brilhou muda em seus olhos. Não se podia dizer o que emanava dela em momentos como aquele. Era ardente como quando nos aproximamos demais do fogo. Agora ela sorria, mas esse sorriso se enrascava sobre seus lábios como restos de cinzas depois que tudo se apagara em seus olhos.

— Mas é uma coisa dessas que eu ainda poderia imaginar em caso extremo — repetiu Ulrich. — Apenas, receio que você pense que devo dar um golpe de Estado!

Clarisse refletiu.

— Digamos, então, um Ano Buda —, opinou, sem ligar para a objeção dele. — Não sei o que Buda exigiu; só mais ou menos; mas vamos aceitar simplesmente sua exigência, e se a julgarmos importante, que seja executada! Pois, ou as coisas merecem que acreditemos nelas, ou não.

— Muito bem, preste atenção: você disse Ano Nietzsche. Mas o que foi que Nietzsche exigiu?

Clarisse refletiu.

— Bom, naturalmente eu não estou pensando num monumento a Nietzsche, ou uma rua Nietzsche — disse encabulada. — Mas a gente deveria conseguir fazer as pessoas viverem como...

— Como ele quis?! E o que foi que ele quis? — interrompeu ele. Clarisse tentou responder, esperou, por fim retrucou:

— Bom, você sabe...

— Não sei coisa nenhuma — disse ele, provocador. — Mas quero lhe dizer uma coisa: a gente pode satisfazer as exigências de uma sopa-dos-pobres-pelo-jubileu-do-Imperador-Francisco-José ou da Associação de Proteção dos Donos de Gatos, mas não se podem concretizar boas idéias, como não se pode concretizar música! O que significa isso? Não sei, mas é assim.

Agora, finalmente, ele se instalara no pequeno sofá atrás da mesinha; ali podia se defender melhor do que na cadeira frágil. No meio do cômodo vazio, na outra margem de uma miragem que alongava o tampo da mesa, Clarisse continuava de pé, falando. Seu corpo esbelto falava e pensava baixinho; ela sentia tudo o que queria dizer, primeiro com o corpo, e tinha a necessidade permanente de fazer algo com ele. Seu amigo sempre considerara o corpo dela duro e arrapazado, mas agora, naqueles movimentos macios sobre pernas fechadas, Clarisse subitamente lhe pareceu uma dançarina javanesa. E de repente pensou que não se admiraria se ela caísse em transe. Ou estaria ele próprio em transe? Fez então um longo discurso:

— Você gostaria de viver segundo suas idéias — começou ele —, e gostaria de saber como se faz isso. Mas uma idéia é o maior paradoxo do mundo. A carne se liga às idéias como um fetiche. Torna-se mágica quando há uma idéia presente. Uma vulgar bofetada pode se tornar mortal pela idéia da honra, castigo e coisas assim. Mas as idéias jamais se mantêm no estado em que são mais fortes; são como aquelas substâncias que em contato com o ar imediatamente se transformam em outra, mais durável, mas corrompida. Você viu isso muitas vezes. Surge uma idéia; é você; num determinado estado. Alguma coisa sopra em você; como um súbito rumor de cordas, surge um som; alguma coisa se coloca diante de você como uma miragem; da confusão de sua alma formou-se um cortejo infinito, e todas as belezas do mundo pare-

cem estar paradas à beira da estrada. Muitas vezes uma só idéia provoca isso. Mas depois de algum tempo, ela começa a se parecer com todas as outras idéias que você já teve, submete-se a elas, torna-se parte de suas concepções e do seu caráter, de seus princípios ou de seus estados de alma; ela perdeu as asas, e assumiu uma solidez totalmente desprovida de mistérios. Clarisse retrucou:

— Walter tem ciúmes de você. Não por minha causa. Mas porque você parece capaz de fazer o que ele gostaria de fazer. Entende isso? Em você há alguma coisa que o frustra diante de si mesmo. Não sei como explicar.

Ela o encarou com ar avaliador.

Esses dois discursos se entrelaçaram.

Walter sempre fora a doce criança predileta da vida, sentado no colo dela. Não importa o que lhe acontecesse, ele o transformava numa terna vivacidade. Walter sempre fora aquele que vivera mais. “Mas viver mais é um dos primeiros e mais sutis sinais de um homem comum”, pensou Ulrich. “O contexto rouba à experiência o veneno ou a doçura pessoais!” Era mais ou menos isso. E mesmo essa afirmativa, de que era assim, já era um contexto, e não se recebia, em troca, um beijo ou uma despedida. Apesar disso, Walter tinha ciúmes. Ulrich ficou contente com isso.

— Eu lhe disse que ele devia matar você — disse Clarisse.

— O quê?

— Matar, eu disse. Se você não vale tanto quanto imagina valer, ou se ele for melhor do que você, e só puder sossegar com sua morte, não seria a coisa certa? Além disso, você podia se defender!

— Você está se saindo muito... bem! — respondeu Ulrich, inseguro.

— Bem, nós só falamos no assunto. O que você acha? Walter diz que não se deve nem pensar numa coisa dessas.

— Sim. Pensar, sim — respondeu ele, hesitante, e examinou Clarisse com atenção. Ela tinha um encanto singular. Pode-se dizer que era como se estivesse parada ao lado de si mesma? Estava presente e ausente, as duas coisas bem juntas.

— Qual nada, pensar! — interrompeu ela. Falava para a parede diante da qual ele estava sentado, como se seus olhos estivessem dirigidos para um ponto intermediário. — Você é tão passivo quanto Walter! — Também essa palavra ficava entre duas distâncias; assumia a distância como uma ofensa, mas reconciliava-se através de uma proximidade familiar pressuposta. — Eu digo o contrário: se podemos pensar uma coisa, devemos poder realizá-la — repetiu ela, secamente.

Depois deixou seu lugar, foi até a janela, e cruzou as mãos às costas. Ulrich levantou-se depressa, foi atrás dela, e passou o braço em seu ombro.

— Minha pequena Clarisse, você esteve muito esquisita há pouco. Mas quero dizer uma palavra em meu favor; jamais pensei que você se interessasse por mim — disse.

Clarisse olhava pela janela. Mas, agora, atentamente; ela captava alguma coisa lá fora com o olhar, para ter um ponto de apoio. Tinha a impressão de que seus pensamentos haviam estado lá fora, e agora retornavam. Essa sensação, que fazia dela uma espécie de aposento do qual sentimos que as portas acabaram de se fechar, não lhe era nova. Por vezes havia dias e semanas em que tudo que a rodeava era mais claro e leve do que habitualmente, como se não causasse muito esforço esgueirar-se para lá e passear pelo mundo, fora de si mesma; e depois vinham tempos difíceis em

que se sentia aprisionada. Habitualmente eram breves momentos, mas ela os temia como a um castigo, porque tudo se tomava apertado e triste. E no momento presente, caracterizado pela calma clara e lúcida, ela se sentia insegura; não sabia mais muito bem o que tinha querido há pouco, e essa clareza de chumbo, esse controle aparentemente calmo anunciava muitas vezes um tempo de punição.

— Não me chame de “pequena” — disse, amuada —, ou acabo eu mesma matando você! — Isso lhe veio como pura brincadeira, fora, portanto, uma vitória. Virou a cabeça cautelosamente para o encarar. — Naturalmente foi só um jeito de falar — prosseguiu —, mas entenda que quero dizer alguma coisa. Onde ficamos? Você disse que não se pode viver segundo uma idéia. Vocês não têm a energia necessária, nem você nem Walter!

— Você me chamou de passivo, e isso foi terrível. Mas há dois tipos de passividade. Uma passividade passiva, que é a de Walter. E uma ativa!

— O que é uma passividade ativa? — perguntou Clarisse, curiosa.

— A espera de um prisioneiro, pela oportunidade de fugir.

— Bá! — disse Clarisse. — Desculpas!

— Muito bem! — objetou ele —, quem sabe.

Clarisse ainda tinha as mãos entrelaçadas às costas, e abrira as pernas como se calçasse botas de montaria.

— Você sabe o que diz Nietzsche? Querer saber com segurança é como querer andar com segurança: uma covardia. É preciso começar em alguma parte a realizar o que se quer, não só falar a respeito! Eu esperava que você fizesse, ao menos uma vez, algo de especial!

De repente, ela pegara um botão do colete dele, e torcia-o, erguendo o rosto para Ulrich. Involuntariamente, ele colocou a mão sobre a dela, para proteger o botão.

— Andei pensando muito numa coisa — prosseguiu ela, hesitando. — A grande vileza, na atualidade, não acontece porque a cometemos, mas porque a permitimos. Ela cresce no vazio. — Depois desse ápice, ela o fitou. E então prosseguiu, veemente: — Permitir é dez vezes mais perigoso do que executar! Você me entende? — Ela lutava consigo mesma, sem saber se devia descrever tudo com mais precisão. Mas acrescentou: — Não é verdade que você me compreende perfeitamente, meu querido? Você sempre diz que a gente deve deixar tudo acontecer como acontece. Mas eu sei o que quer dizer com isso! Pensei por vezes que você é um demônio! — Essa frase escapara da boca de Clarisse como um lagarto. Ela se assustou. Originalmente só pensara no pedido de Walter, de terem um filho. Seu amigo percebeu um sobressalto nos olhos dela, que o contemplavam cheios de desejo. Mas o rosto dela, erguido, estava inundado de alguma coisa. Não algo belo, antes feio e comovente. Como um suor intenso que dilui um rosto. Mas era algo incorpóreo, puramente imaginário. A contragosto, ele se sentiu contagiado, e levemente distraído.

Não conseguia mais resistir àquela conversa absurda, por fim pegou Clarisse pela mão, sentou-a no sofá, e sentou-se junto dela.

— Então, agora vou lhe contar por que não faço nada — começou ele, e silenciou.

Clarisse, que no momento daquele contato reencontrara sua personalidade habitual, animou-o.

— Não se pode fazer nada, porque... mas você não vai mesmo entender — ele estendeu a mão, pegou um cigarro do bolso, e ocupou-se em acendê-lo.

— Então? — disse Clarisse, vindo em sua ajuda. — O que você quer dizer?

Ele continuava calado e ela enfiou o braço atrás das costas dele, sacudiu-o como um menino que quer mostrar sua força. Isso era o que havia de tão agradável nela, não ser preciso falar, apenas o gesto incomum bastava para a incendiar. — Você é um grande criminoso! — exclamou ela, e tentou em vão machucá-lo.

Mas nesse momento foram desagradavelmente interrompidos pela chegada de Walter.

### 83

## ACONTECE A MESMA COISA, OU: POR QUE NÃO SE INVENTA A HISTÓRIA?

Na verdade, o que é que Ulrich poderia ter dito a Clarisse?

Calara-se porque ela lhe desperiara uma singular vontade de pronunciar a palavra Deus. Tinha querido dizer: Deus não encara o mundo textualmente; é uma imagem, uma analogia, uma metáfora da qual ele precisa se servir por algum motivo, e, é claro, sempre insuficiente; não o devemos tomar ao pé da letra, nós mesmos precisamos descobrir a solução que ele nos propõe. Perguntava-se se Clarisse teria concordado em considerar isso como uma brincadeira de índio, ou de polícia-e-ladrão. Certamente. Se alguém avançasse, ela se postaria a seu lado, como uma loba, atenta.

Mas ele tinha desejado dizer mais uma coisa; algo sobre problemas de matemática, que não admitem uma solução geral, mas soluções individuais, cuja combinação nos aproxima de uma solução geral. Teria podido acrescentar que considerava assim a tarefa da vida humana. O que se chama de uma era — sem saber se devemos compreender sob essa denominação séculos, milênios ou o tempo entre a escola e os netos —, esse rio largo e irregular de circunstâncias, significaria então mais ou menos o mesmo que uma seqüência desordenada de tentativas de solução insuficientes, e individualmente falsas, das quais só quando a humanidade as soubesse ligar entre si emergiria a solução correta e total.

No bonde, indo para casa, ele se recordou disso; algumas pessoas viajavam com ele em direção à cidade, e ele se envergonhava um pouco diante dessa gente, por ter tais idéias. Podia-se ver que estavam voltando de determinadas ocupações, ou se dirigiam para determinadas diversões; sim, via-se por suas roupas o que tinham feito ou pretendiam fazer. Ele contemplou sua vizinha; certamente era esposa, mãe, cerca de quarenta anos, provavelmente esposa de algum funcionário acadêmico, com um pequeno binóculo de ópera no colo. Com aquelas idéias, sentiu-se, ao lado dela, como um menino que brinca; até como um menino que brinca de coisas não muito decentes.

Pois uma idéia sem objetivo prático não é uma ocupação secreta muito decente; aqueles pensamentos que dão imensos passos com pernas de pau, e tocam a experiência concreta apenas com minúsculas solas, são suspeitos de terem origem ilegítima. Antigamente falava-se de “vão do pensamento”, e, na época de Schiller, um homem com aquelas interrogações altivas no peito teria sido muito respeitado; hoje em dia, ao contrário, temos a sensação de que uma pessoa dessas está fora dos eixos, a menos que faça o que faz por profissão e fonte de renda. Houve sem dúvida uma re-

distribuição. Certas indagações foram retiradas do coração das pessoas. Construiu-se uma espécie de galinheiro para os pensamentos de vôo alto, chamando-o de filosofia, teologia ou literatura, e lá eles se multiplicam à sua maneira peculiar, cada vez mais difíceis de controlar, e está bem assim, pois diante dessa multiplicação ninguém precisa mais censurar-se por não poder cuidar deles pessoalmente. Ulrich, com seu respeito pela técnica e especialização, estava no fundo decidido a não fazer objeção a essa distribuição de atividades. Mas permitia-se pensar, embora não fosse filósofo profissional, e momentaneamente imaginava estarmos a caminho da colméia. A rainha porá ovos, os zangões levarão uma vida dedicada ao prazer sensual e ao espírito, e os especialistas ficarão com o trabalho. Uma tal humanidade é perfeitamente concebível, e até se poderia aumentar a produtividade geral. Hoje cada pessoa, por assim dizer, ainda tem em si a humanidade inteira, mas isso obviamente já vai se tornando excessivo, e não é mais conveniente; de modo que o humano é quase puro logro. Talvez desse bom resultado tomarem-se novas disposições na distribuição, para que um grupo de trabalho especial se incumba de uma síntese intelectual. Pois, sem espírito...? Ulrich quis dizer que isso não o alegraria, mas naturalmente era um preconceito. Não sabemos o que dá resultado. Ajeitou-se no assento e contemplou o próprio rosto na vidraça à frente, para se distrair. Mas, depois de algum tempo, sua cabeça flutuou entre “dentro” e “fora” naquele vidro líquido, com insistência maravilhosa e pedindo alguma complementação.

Havia ou não, afinal, guerra nos Bálcãs? Certamente acontecia alguma intervenção; mas se era guerra, ele não sabia ao certo. Tantas coisas abalavam a humanidade. Superara-se novamente um recorde de altitude em vôo — coisa impressionante. Se ele não se enganava, chegara-se agora a 3.700 metros, e o homem chamava-se Jouhoux. Um boxeador negro batera um campeão branco, conseguindo o título mundial; chamava-se Johnson. O presidente da França ia para a Rússia; falava-se de ameaça à paz mundial. Um tenor recém-descoberto ganhava na América do Sul quantias que não se ganhavam nem na América do Norte. Um terrível terremoto devastara o Japão — pobres japoneses. Em suma, muita coisa acontecia; o final de 1913 e o começo de 1914 era uma época agitada. Mas o período de dois ou cinco anos atrás também fora movimentado, cada dia com suas excitações; apesar disso, a gente no melhor dos casos mal se lembrava do que realmente acontecera. Podia-se resumir. O novo remédio contra sífilis fazia...; na pesquisa do metabolismo vegetal tinham-se...; a conquista do Pólo Sul parecia...; as experiências de Steinach causavam...; dessa maneira podia-se deixar fora metade da certeza, e não teria maior importância. Que coisa estranha é a História! Podia-se afirmar com segurança que este ou aquele acontecimento já tivera seu lugar nela, ou certamente ainda teria; mas, de que de fato já sucedera, não se estava certo. Pois para acontecer é preciso que algo aconteça num determinado ano, não em outro, ou em nenhum; e é preciso que a própria coisa aconteça; não apenas algo parecido, ou semelhante. Porém é isso que ninguém consegue afirmar a respeito da História, exceto se a escreveu, como fazem os jornais; ou trata-se de assuntos profissionais e financeiros; pois em quantos anos podemos nos aposentar, ou teremos uma determinada quantia, ou a gastamos, é naturalmente importante, e nesse contexto também guerras podem se tornar coisas memoráveis. Parece insegura e emaranhada essa nossa História, olhando assim de perto, como lama não muito firme; e por fim ainda passa, estranhamente, uma trilha por cima dela, aquele “caminho da História”, que ninguém sabe de onde veio. Esse servir

de material para a História era uma coisa que deixava Ulrich indignado. A caixa iluminada e balouçante em que ele viajava lhe pareceu uma máquina que sacode de um lado para outro algumas centenas de quilos de gente, para transformá-los em futuro. Há cem anos sentavam-se com caras parecidas em digilências, e em cem anos sabe Deus o que lhes acontecerá, mas estarão sentados, novas pessoas em novos aparelhos do futuro, exatamente como agora; ele sentiu isso e ficou furioso com essa passiva aceitação de mudança e circunstâncias, a contemporaneidade desamparada, a participação resignada e desordenada, realmente subumana, dos séculos, como se de repente se rebelasse contra o chapéu de formato esquisito que estava em sua cabeça.

Involuntariamente, levantou-se e fez a pé o resto do trajeto. No grande depósito de gente chamado cidade, onde ele se encontrava agora, sua inquietação cedeu outra vez, dando lugar à hilariedade. Era uma idéia maluca da pequena Clarisse, querer fazer um ano intelectual. Ele concentrou-se nesse ponto. Por que tudo era tão absurdo? Podia-se perguntar: por que a Ação Patriótica de Diótima era absurda?

Resposta número um: porque a história universal acontece como todas as outras histórias. Os autores não têm nenhuma idéia nova, e copiam uns aos outros. Esse é o motivo de os políticos estudarem História e não Biologia ou coisa assim. Isso sobre os autores.

Número dois: em grande parte, porém, a História acontece sem autores. Ela surge, não de um centro, mas da periferia. De pequenas causas. Provavelmente nem é preciso tanto quanto se imagina para transformar o homem gótico ou o grego antigo no moderno homem civilizado. Pois o ser humano é tão capaz de canibalismo quanto de crítica da razão pura; pode realizar as duas coisas com as mesmas convicções e qualidades, quando a situação exige, e diferenças exteriores muito grandes correspondem a diferenças interiores muito reduzidas.

Digressão número um: Ulrich recordava uma experiência parecida de seus tempos de soldado: o esquadrão cavalga em fila dupla, e treina-se “transmissão de ordem”; uma ordem pronunciada em voz baixa deve ser passada de homem a homem; se, na frente, se ordenar “o cabo marche à frente da coluna”, acaba-se transmitindo atrás: “ao cabo da marcha façam fila indiana”, ou coisa parecida. A história surge da mesma forma.

Resposta número três: se colocássemos uma geração de europeus contemporâneos, na mais tenra infância, no ano egípcio de 5.000 a.C, e se os deixássemos lá, a história mundial recomençaria no ano 5.000, repetir-se-ia por algum tempo, e depois, por motivos que ninguém adivinha, começaria a desviar-se paulatinamente.

Digressão número dois: a lei da história universal — ocorreu-lhe — não é senão o princípio político do “ramerrão cotidiano” da velha Kakânia. A Kakânia era um país incrivelmente esperto.

Digressão número três, ou resposta número quatro? O caminho da História não é pois o de uma bola de bilhar que, uma vez tocada, segue determinado curso, mas assemelha-se ao trajeto das nuvens, ao caminho de alguém que vagabundeia pelas ruelas, distraído aqui com uma sombra, ali com um grupo de pessoas, ou o contorno diferente de uma fachada, por fim chegando a um ponto que não conhecia, nem queria atingir. No curso da história mundial há um certo “perder-se por aí”. O presente sempre parece a última casa de uma cidade, que de alguma forma não faz mais parte das edificações urbanas. Cada geração pergunta, espantada: quem sou, e quem eram meus antepassados? Deviam perguntar, onde estou, e presumir que seus ante-

passados não eram diferentes, apenas estavam em outro lugar; com isso já se lucraria alguma coisa, pensou Ulrich.

Fora ele próprio quem até ali dera número a suas perguntas e digressões, e para isso fitara ora um rosto que passava, ora uma vitrine de loja, para não deixar que os pensamentos lhe fugissem; mas agora, apesar disso, desviara-se um pouco, e teve de parar um momento para conferir onde estava e encontrar o caminho de casa. Antes de enveredar por ele, esforçou-se por ordenar ainda uma vez minuciosamente suas perguntas. Aquela maluquinha da Clarisse tinha razão: devia-se fazer a História, era preciso inventá-la, embora ele tivesse negado isso; sim, mas por que não o fazemos? Nesse momento nada lhe ocorreu como resposta senão o Diretor Fischel do Banco Lloyd, seu amigo Leo Fischel, com quem antigamente às vezes se sentava diante de um café no verão; pois este, se fosse interlocutor daquela conversa que, entretanto, era apenas um monólogo, teria respondido à sua maneira: “Suas preocupações na minha cabeça!” Ulrich agradeceu a resposta estimulante que o outro lhe teria dado. “Caro Fischel”, respondeu imediatamente, em pensamento, “não é tão simples assim. Digo História, mas quero dizer nossa vida, se é que se recorda. E desde o começo admiti que é muito escandaloso eu perguntar: por que o homem não faz História, isto é, por que ele só agarra a História ativamente como um animal quando está ferido, quando foge do fogo? Por que, em suma, o homem só faz História em emergências? E por que isso soa escandaloso? Por que objetamos a isso, embora seja como dizer que o ser humano não deveria deixar a vida humana acontecer, simplesmente, como acontece?”

“A gente sabe”, teria respondido o Doutor Fischel, “como isso acontece. Devemos ficar contentes quando os políticos, os padres e os grandes homens que não têm nada a fazer, e todas as outras pessoas que correm por aí com suas idéias fixas, não estorvam a vida cotidiana. De resto, temos a nossa cultura. Se pelo menos hoje em dia não houvesse tanta gente sem cultura!” Naturalmente, o Diretor Fischel tem razão. Deve-se ficar bem contente por se compreender alguma coisa sobre empréstimos e valores, e por outras pessoas não fazerem História demais, afirmando que entendem dela. Por Deus, não se poderia viver sem idéias, mas o correto é certo equilíbrio entre elas, um *balance of power*, uma paz armada das idéias, onde não pode acontecer grande coisa de nenhum lado. Seu tranquilizante era a formação cultural. Esse é um sentimento básico da civilização. Mas também existe o sentimento oposto, cada vez mais vivo, de que o tempo da história heróico-política, feita pelo acaso e seus cavaleiros, está em parte superado, e tem de ser substituído por uma solução planejada, da qual participem todos os interessados.

Mas o Ano Ulrich terminou quando Ulrich chegou em casa.

## AFIRMA-SE QUE TAMBÉM A VIDA COMUM É DE NATUREZA UTÓPICA

Lá, ele encontrou o costumeiro monte de escritos que o Conde Leinsdorf sempre lhe mandava. Um industrial oferecera um prêmio invulgarmente elevado pela melhor façanha na educação militar da juventude civil. O arcebispo assumia posição



quanto à sugestão de fundar-se um grande orfanato, e declarava que recusaria qualquer mistura de religiões. A comissão de Cultura e Instrução contava do sucesso da sugestão provisoriamente definitiva de construir-se um grande monumento ao Imperador-da-Paz-e-Povos-da-Áustria, perto da Residência; depois de um contato com o citado Ministério de Culto e Instrução, e de se interrogarem as mais importantes associações de artistas, engenheiros e arquitetos, tinham surgido tamanhas divergências, que a comissão se via obrigada a, sem prejuízo de eventuais exigências futuras, caso a comissão central permitisse, realizar um concurso para saber qual a melhor idéia quanto a um concurso relacionado ao eventual monumento. A Chancelaria da Corte devolvia à comissão central, depois de as examinar, as sugestões apresentadas para exame há três semanas, declarando não poder transmitir uma opinião do Soberano, mas considerar desejável deixar que, por enquanto, também nesses assuntos a opinião pública se formasse por si. O citado Ministério de Culto e Instrução declarava em tal e tal ofício, de número tal e tal, que não podia favorecer um pedido especial da Associação de Estenografia Öhl; a associação de saúde pública “Letras e Traços” anunciava sua formação e pedia verbas.

E a coisa continuava no mesmo estilo. Ulrich afastou aquele pacote de mundo real, e ficou algum tempo refletindo. De repente levantou-se, pediu chapéu e casaco, e anunciou que em uma hora ou hora e meia estaria outra vez em casa. Chamou um carro e voltou para junto de Clarisse.

Estava escuro, a casa lançava, apenas de uma janela, um pouco de luz na rua, as pegadas formavam buracos congelados em que se tropeçava, o portão estava fechado, e a visita era inesperada, de modo que por longo tempo ninguém atendeu aos chamados, palmas e batidas. Quando Ulrich finalmente entrou na sala, parecia não ser a mesma que deixara há pouco, mas um mundo estranho, pasmado, com a mesa posta para o convívio simples de duas pessoas, cadeiras nas quais alguma coisa se acomodara confortavelmente, e as paredes abriam-se com certa resistência ao intruso.

Clarisse vestia um roupão simples, de lã, e ria. Walter, que fora receber o visitante tardio, pestanejava, e enfiou numa gaveta da mesa a grande chave da casa. Ulrich disse, diretamente:

— Voltei porque fiquei devendo uma resposta a Clarisse.

Depois começou no meio, onde o diálogo deles fora interrompido por Walter. Passado algum tempo, a sala, a casa, a sensação do tempo, tinham sumido, e o diálogo pairava em algum lugar sobre o espaço azul, na rede das estrelas. Ulrich elaborava o programa de viver-se uma história de idéias em vez de uma história do mundo. Pressupunha que a diferença estaria menos nos acontecimentos do que no significado que lhes conferissem, na intenção que ligassem a eles, no sistema que abrangesse os acontecimentos isolados. O sistema agora vigente era o da realidade, e parecia uma peça de teatro ruim. Não era à toa que se dizia “teatro do mundo”, pois na vida sempre surgem os mesmos papéis, tramas e fabulações. A gente ama, porque e do modo que o amor existe; sentimos orgulho como os índios, os espanhóis, as virgens ou o leão; assassinamos até, em noventa por cento dos casos, apenas porque isso se considera trágico e grandioso. E principalmente as figuras políticas bem-sucedidas da realidade, com grandes exceções, têm muito em comum com os autores de sucessos de bilheteria: os vivazes acontecimentos que produzem nos entediam pela falta de espírito e novidade, mas exatamente por isso nos deixam naquele estado inerte e sonolento em que aceitamos qualquer mudança. Considerada sob esse aspecto, a

História consta de rotina ideal e de ideal indiferença, e a realidade consta principalmente de não acontecer nada em favor das idéias. Segundo Ulrich, isso se podia resumir dizendo que pouco nos interessa o que acontece, interessa-nos demais a quem, onde e quando acontece, de modo que não é o espírito dos acontecimentos mas sua fabulação, não o surgimento de novo conteúdo de vida mas a distribuição do já existente que importam, exatamente como na diferença entre peças de teatro boas, e outras apenas populares. Daí resultaria ser necessário fazer o contrário e renunciar primeiro à nossa avidez pessoal de experiências. Seria preciso encará-las menos do ponto de vista pessoal e real, e mais como algo geral e imaginado, com tanta isenção pessoal como se fossem pintadas ou cantadas. Não devemos querer relacionar essas experiências conosco mesmos, mas dirigilas para fora, e para cima. E se isso valia individualmente, também deveria acontecer, coletivamente, alguma coisa que Ulrich não sabia descrever bem, mas que chamava de guardar, envelhecer e fermentar o licor espiritual, sem o qual o indivíduo naturalmente só pode sentir-se impotente e à mercê de seu próprio arbítrio. Enquanto falava assim, Ulrich lembrou o instante em que dissera a Diotima que era preciso eliminar a realidade.

Era natural que Walter declarasse aquela afirmação totalmente vulgar. Como se o mundo todo, a arte, a literatura, a ciência, a religião não estivessem de qualquer modo em “adeegas e porões”? Como se alguma pessoa culta negasse o valor das idéias, ou não desse atenção a espírito, beleza e bondade! Como se toda a educação não fosse introduzir alunos no sistema do espírito!

Ulrich tentou esclarecer, dizendo que a educação é apenas introdução no momentaneamente presente e preponderante, nascido de disposições desordenadas, motivo por que, para adquirir vida espiritual, era preciso, antes de mais nada, convencer-se de não ter espírito nenhum! E chamou isso de posição totalmente aberta, experimentando e fazendo literatura numa escala moral grandiosa.

Walter disse que era tudo um absurdo.

— Você apresenta isso de maneira sedutora! — disse. — Como se pudéssemos optar entre viver idéias ou viver a vida! Mas, quem sabe, você conhece a citação: “Não sou um livro sutil, sou um ser humano com suas contradições”? Por que não vai mais adiante? Por que não pede de uma vez que, por amor às nossas idéias, eliminemos nossa barriga? Mas eu lhe respondo: “O ser humano é feito de coisas comuns!” O fato de estendermos o braço e o recolhermos sem saber para onde nos devemos dirigir, à direita ou à esquerda; o fato de consistirmos de hábitos, preconceitos e terra, e mesmo assim caminharmos segundo nossas forças, exatamente isso é que nos torna humanos! Portanto, basta medir o que você disse pela realidade, para ver que, no máximo, é mera literatura!

— Se você me permite incluir nisso todas as outras artes, as filosofias de vida, as religiões e assim por diante — concedeu Ulrich —, vou afirmar algo parecido: que nossa existência deveria constar unicamente de literatura!

— Ah, é? Você diz que a bondade do Salvador, ou a vida de Napoleão são literatura? — exclamou Walter. Mas então ocorreu-lhe coisa melhor, ele se voltou para o amigo, com a calma de quem tem um bom trunfo, e explicou: — Você pensa que os legumes em lata são o verdadeiro sentido dos legumes frescos!

— Tem toda a razão. Também poderia dizer que eu só quero cozinhar com sal — admitiu Ulrich calmamente. Não queria mais falar a respeito.

Mas Clarisse intrometeu-se, dirigindo-se a Walter.

— Não sei por que você o contraria! Você próprio, sempre que nos acontecia algo de especial, dizia: devíamos poder mostrar isso agora a todo mundo num palco, para que todos vissem e pudessem entender! Na verdade a gente devia cantar! — disse ela, virando-se para Ulrich. — A gente devia poder cantar-se a si mesmo!

Ela se levantara, colocando-se no pequeno círculo das cadeiras. Sua postura era uma representação desajeitada de seus desejos, como se quisesse dançar, e Ulrich, sensível às exposições cruas da alma, lembrou naquele instante que a maioria das pessoas, portanto, para ser claro, as pessoas comuns, cujo espírito fica excitado sem poder criar coisa alguma, nutrem esse desejo de poderem se exhibir. E é nessas pessoas que tão facilmente acontece algo “indizível”, elas são o corpo e o solo nebuloso sobre o qual aquilo que dizem aparece inconscientemente aumentado, de modo que nunca reconhecem seu verdadeiro valor. E para pôr um fim àquilo, ele disse:

— Eu não queria dizer isso; mas Clarisse tem razão: o teatro prova que as experiências pessoais intensas podem servir a um objetivo impessoal, a um contexto de significados e imagens, que as aparta parcialmente da pessoa.

— Compreendo Ulich muito bem! — interveio Clarisse outra vez. — Não consigo me lembrar de nada que me tenha dado alegria só por ter acontecido a mim pessoalmente; o importante era que acontecesse! Você também não quer “possuir” a música — continuou dirigindo-se ao marido —, basta que ela exista, essa é a felicidade. Atraímos os acontecimentos para nós e no mesmo gesto os espalhamos de novo, nós nos queremos, mas não como negociantes de nós mesmos!

Walter pôs as mãos nas têmporas; mas por amor a Clarisse começou uma nova objeção. Esforçava-se por fazer suas palavras brotarem como um jorro calmo e frio.

— Se você transfere apenas para as forças espirituais o valor de um comportamento — disse ele, dirigindo-se a Ulrich —, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta: isso só seria possível numa vida que não tivesse outro objetivo senão produzir força e poder intelectual?

— É a vida que todos os Estados afirmam desejar! — respondeu o outro.

— Num Estado desses as pessoas viveriam, então, segundo grandes sentimentos e idéias, filosofias e romances? — prosseguiu Walter. — Pois continuo perguntando: viveriam de modo que *surgisse* grande filosofia e literatura, ou de modo que tudo o que vivessem, por assim dizer, *já fosse* filosofia e literatura em carne e osso? Não duvido do que você está dizendo, pois o primeiro caso seria o que hoje em dia entendemos por um Estado civilizado; mas como você se refere ao segundo caso, está esquecendo que filosofia e literatura seriam bastante supérfluas. Sem mencionar que não se pode imaginar que sua vida se norteie pela arte, ou como quer que você chame isto, pois neste caso teremos nada menos que o fim da arte! — Ele concluiu e, por consideração a Clarisse, jogou ostensivamente aquele trunfo.

E teve efeito. Até Ulrich levou algum tempo para recuperar o controle. Mas depois riu, e perguntou:

— Mas você não sabe que toda a vida perfeita seria o fim da arte? Parece que você próprio está na iminência de acabar com a arte, devido a essa perfeição de sua vida!

Sua intenção não era perversa, mas Clarisse ficou atenta. Ulrich prosseguiu:

— Todo grande livro tem esse espírito, que prefere destinos individuais porque não se adaptam às formas que a sociedade pretende lhes impor. Isso leva a decisões

impraticáveis, e acaba-se apenas reproduzindo as vidas dessas pessoas. Retire das obras literárias o seu sentido, e terá, com exemplos isolados, uma negação, não completa mas evidente e interminável, de todas as regras, princípios e preceitos que fundamentam a sociedade amante dessa literatura! Um poema, com seu mistério, corta ao meio o sentido da vida, preso a mil palavras triviais, e transforma-o num balão que foge voando. Se, como é costume, chamarmos isso de beleza, a beleza seria uma mudança indizivelmente mais cruel e implacável do que qualquer revolução política!

Walter empalidecera até os lábios. Odiava aquela concepção da arte como negação da vida, como rejeição da vida. A seus olhos, isso era mera boêmia, restos de um antiquado desejo de escandalizar o “burguês”. Notava nisso a irônica evidência de que, num mundo perfeito, não haveria mais beleza porque ela se teria tornado supérflua; mas não escutou a pergunta tácita de seu amigo. Pois a parcialidade do que afirmava também estava clara para Ulrich. Ele teria podido igualmente dizer o contrário, que a arte era negação, pois a arte é amor; amando, ela embeleza, e talvez não haja no mundo outro modo de embelezar uma coisa ou pessoa senão amando-a. E só porque também nosso amor consta apenas de fragmentos, a beleza é uma espécie de intensificação e contraste. E existe apenas o mar do amor, no qual a concepção de perfeição, incapaz de intensificar-se mais, e uma beleza fundamentada em intensificação, se tornam uma coisa só! Mais uma vez o pensamento de Ulrich tocara aquele “reino”, e ele parou, contrariado. Walter também se controlara, e após declarar trivial, e depois absurda, a insinuação do amigo, de que se devia viver mais ou menos como se lê, passou a designá-la pecaminosa e vulgar.

— Se uma pessoa — começou na mesma maneira artificialmente contida de antes — tomasse sua sugestão como base de sua vida, deveria, sem falar em outras absurdidades, aprovar tudo aquilo que lhe desperta alguma idéia bela; tudo aquilo que traz em si a possibilidade de ser considerado beleza. Naturalmente, isso significaria a decadência geral, mas como isso lhe é indiferente — ou talvez você pense naquelas disposições gerais e incertas das quais não disse nada de conclusivo — quero unicamente que me informe sobre as conseqüências pessoais disso. Acho que não pode haver outro resultado senão que uma pessoa dessas, em todos os casos em que não for exatamente autora da obra de sua própria vida, estaria em situação pior que a de um animal; se não lhe ocorresse nenhuma idéia, não teria nenhuma decisão, grande parte de sua vida estaria entregue aos instintos, caprichos, paixões comuns de todo mundo. Em suma, estaria entregue ao absolutamente impessoal que constitui um ser humano; e, enquanto perdurasse a obstrução das suas funções superiores, teria de permitir que lhe acontecesse apenas o que lhe viesse à cabeça!

— E teria de se esquivar de fazer qualquer coisa! — respondeu Clarisse em lugar de Ulrich. — Essa é a passividade ativa da qual temos de ser capazes em determinadas circunstâncias!

Walter não teve coragem de encará-la. A capacidade de esquivar-se das coisas desempenhava um papel importante entre eles; Clarisse, de camisola comprida cobrindo-lhe os pés, postada sobre a cama, declamando, com dentes brilhantes, citações livres de Nietzsche. “Lanço minha indagação em sua alma como uma sonda! Você deseja um filho, e casamento, mas eu lhe pergunto: você é pessoa que possa desejar um filho? É o vencedor, que comanda suas virtudes? Ou o que fala em você é o animal, e a necessidade?” Na penumbra do quarto, aquela fora uma visão sinistra, en-

quanto Walter tentava em vão chamá-la de volta ao colchão. Agora ela teria mais uma citação para o futuro; passividade ativa, da qual se deveria ser capaz eventualmente, era bem a frase de um homem sem qualidades. Será que ela se abria com ele? Quem sabe Ulrich reforçava as singularidades dela? Essas perguntas retorciam-se como vermes no peito de Walter, e ele quase sentiu náuseas. Estava pálido, macilen-to, e toda a tensão deixou seu rosto, que se cobriu de rugas.

Ulrich percebeu isso, e perguntou, compassivo, se estava se sentindo mal.

Walter negou, com esforço, e, sorrindo, disse rudemente que agora queria acabar com toda aquela maluquice.

— Meu Deus do Céu — concedeu Ulrich, generoso —, você não deixa de ter razão. Mas muitas vezes temos, por espírito esportivo, tolerância com atos que nos fazem mal, só porque o adversário os executa de maneira elegante; o valor da execução concorre então com o valor do prejuízo. Muitas vezes também temos uma idéia segundo a qual continuamos agindo por algum tempo, mas, em breve, hábito, inércia, vantagem, influências, ocupam seu lugar, porque não há outro jeito. Portanto, talvez eu tenha descrito um estado em que não se pode executar nada até o fim, mas é preciso admitir que é o estado atual em que vivemos.

Walter acalmara-se de novo.

— Se falsearmos a verdade, poderemos dizer algo que será ao mesmo tempo verdadeiro e falso — opinou brandamente, sem esconder que não queria continuar aquela discussão. — É bem próprio de você, afirmar que uma coisa é impossível mas verdadeira.

Mas CJarisse esfregava o nariz energicamente.

— Eu acho isso importante — disse ela — que em todos nós haja uma impossibilidade. Isso explica tanta coisa. Enquanto ouvia vocês dois, tive a impressão de que, se nos pudessem abrir ao meio, talvez nossa vida toda parecesse um anel, apenas algo que circunda alguma coisa. — Ela havia tirado sua aliança de casamento um pouco antes, e espiou, pela abertura, a parede iluminada. — Quero dizer, no meio não há nada, mas o anel dá a impressão de que só isso é que lhe interessa. Ulrich também não consegue explicar isso direito!

E assim, a discussão infelizmente terminou com sofrimento para Walter.

## ESFORÇO DO GENERAL STUMM PARA COLOCAR ORDEM NO ESPÍRITO CIVIL

Ulrich devia ter estado ausente mais ou menos uma hora além do que dissera ao sair de casa, e quando chegou anunciaram-lhe que havia um oficial esperando há bastante tempo. Para sua surpresa, lá em cima encontrou o General Stumm, que o cumprimentou com antiga camaradagem.

— Querido amigo! — exclamou —, desculpe que eu o visite tão tarde, mas não consegui sair antes do serviço, e já estou há mais de duas horas aqui entre os seus livros, uma coleção respeitável!

Depois de uma troca de cortesias, ficou claro que Stumm viera com um assunto urgente. Cruzara vigorosamente uma perna sobre a outra, o que ele fazia com certa dificuldade devido à pouca estatura, estendeu o braço com a mão pequena e explicou:

Urgente? Quando meus chefes de seção me trazem um ofício urgente eu costumo dizer: nada é urgente no mundo senão o caminho da latrina. Mas, falando sério, o que me traz aqui é especialmente importante. Eu já lhe disse que considero a casa de sua prima uma oportunidade especial para aprender as mais importantes questões civis do mundo. Afinal, não é assunto de minha profissão, e posso assegurar que me impressiona enormemente. Mas por outro lado, nós, militares, embora tenhamos nossas fraquezas, não somos tão burros quanto se acredita. Espero que você admita que quando fazemos uma coisa a fazemos de maneira eficiente e ordenada. Então, admite isso? Era o que eu esperava, e posso falar abertamente, confessando que tenho apesar disso vergonha de nosso espírito militar. Vergonha, eu disse! Hoje sou, ao lado do capelão-mor, o homem que, no exército, mais lida com o espírito. Mas posso lhe afirmar que, quando se examina detidamente o nosso espírito militar, por melhor que seja, ele parece um relatório matinal. Espero que você ainda se lembre do que é um relatório matinal! Pois, não é verdade, o oficial de serviço anota quantos homens e cavalos estão presentes, quantos homens e cavalos ausentes, se estão doentes ou coisa assim, e se o fulano Leitmischl ficou fora além do tempo permitido, etc. Mas por que esses homens e cavalos estão doentes, isso ele não anota. E é exatamente isso que se precisaria saber quando se trata com os civis. A fala do soldado é breve, simples e objetiva, mas muitas vezes preciso falar com senhores dos ministérios civis, e eles sempre perguntam por que faço certas sugestões, e apelam para considerações e relações de ordem mais elevada. Portanto — você vai me dar sua palavra de honra de que o que eu disser agora ficará só entre nós! — sugeri, ou melhor, disse ao meu chefe, sua excelência Frost, que lhe quero fazer uma surpresa aprendendo, com essa oportunidade de freqüentar a casa de sua prima, essas considerações e relações de natureza mais elevada. E, se posso dizer sem pecar contra a modéstia, quero introduzi-las no espírito militar. Afinal, temos no exército médicos, veterinários, farmacêuticos, padres, auditores, intendentos, engenheiros e maestros: mas falta um posto central para o espírito civil.

Só agora Ulrich notou que Stumm von Bordwehr trouxera uma pasta, que estava encostada ao pé da escrivaninha e era uma daquelas grandes bolsas de couro, presas ao ombro por uma tira reforçada, que servem para carregar documentos nos amplos edifícios dos ministérios e na rua, levando-os de uma repartição a outra. Visivelmente, o general viera com um ordenança que esperava lá embaixo, mas que Ulrich não percebera, pois Stumm colocou com esforço a pesada bolsa nos joelhos, e abriu a pequena fechadura de aço, de aparência incrivelmente técnica e militar.

— Não estive ocioso desde que comecei a freqüentar as suas reuniões — sorriu, e quando se curvou seu casaco azul-claro repuxou os botões dourados. — Mas, entende, há coisas com as quais não sei lidar. — Ele tirou da pasta uma porção de papéis soltos, cobertos de desenhos e traços estranhos. — Sua prima — disse ele —, falei uma vez insistentemente a respeito disso com sua prima, ela pretende mandar erguer um monumento espiritual ao nosso soberano, manifestando uma idéia, a mais elevada entre todas as idéias atuais; mas, por mais que admire toda essa gente que ela convidou, notei que isso vai causar um monte de dificuldades. Se um diz uma coisa, o outro afirma o contrário — você também não notou? — mas o que me parece muito pior é que o espírito civil lembra aquilo que, entre cavalos, se chama de cavalo de má comida. Você ainda se lembra? Pode-se dar ração dupla a um animal desses, que mesmo assim ele não engorda! Ou, digamos — corrigiu-se diante de breve obje-

ção do dono da casa —, por mim você pode dizer que ele engorda dia a dia, mas seus ossos não crescem e o pêlo não brilha; ele só fica barrigudo. Portanto, isso me interessa, você sabe, e tomei o propósito de cuidar dessa questão: por que não se consegue colocar ordem entre os civis?

Stumm passou a primeira das folhas ao seu ex-tenente, sorrindo:

— Podem dizer o que quiserem — disse —, mas nós, militares, entendemos de ordem. Essa é a lista que eu consegui das principais idéias dos participantes das reuniões na casa de sua prima. Como você vê, se indagarmos a cada um individualmente, obteremos respostas diferentes.

Ulrich contemplou o papel, espantado. Ele fora dividido em campos por linhas cruzadas, como um boletim militar, e as anotações eram feitas em palavras muito disparatadas na situação: lia-se, numa bela caligrafia burocrática, os nomes de Jesus Cristo; Buda, Gautama ou Sidarta; Laotsé; Lutero, Martinho; Goethe, Wolfgang; Ganghofer, Ludwig; Chamberlain e muitos outros, continuando em outra folha; depois, numa segunda coluna, as palavras cristianismo, imperialismo, século das comunicações e assim por diante, às quais se anexavam outras colunas de palavras em outras séries.

— Eu poderia chamar isso de cadastro da cultura moderna — explicou Stumm —, pois nós o ampliamos e agora ele contém os nomes das idéias e de seus produtores, que nos influenciaram nos últimos vinte e cinco anos. Eu não tinha idéia do trabalho que isso dá!

Como Ulrich quisesse saber como ele conseguira aquele cadastro, Stumm explicou com prazer o seu processo.

— Precisei de um capitão, dois tenentes e cinco suboficiais, para aprontar tudo em tão pouco tempo! Se pudéssemos ser bem modernos, teríamos feito a todos os regimentos a pergunta: “A quem você considera o maior dos homens?”, como fazem essas enquetes hoje em dia nos jornais, e coisas assim; você sabe, com o objetivo de anunciar o resultado em percentuais; mas isso não funciona no exército, porque, na turalmente, ninguém da tropa poderia dar outro nome senão o de Sua Majestade. Então, pensei em mandar pesquisar quais os livros mais lidos, e com maiores tiragens, mas logo se viu que são, além da Bíblia, os almanaques dos correios com suas tarifas e suas velhas piadas, que cada morador recebe do carteiro em troca de uma gorjeta, o que chamou nossa atenção, mais uma vez, para o fato de como é complicado o espírito civil; pois de modo geral são tidos como melhores os livros que servem para qualquer leitor, ou, segundo me disseram, na Alemanha um escritor deve ter muitos leitores para ser considerado excepcional. Portanto, também não podemos seguir esse caminho, e de momento não posso lhe dizer o que acabamos fazendo, foi uma idéia do cabo Hirsch, junto com o tenente Melichar, mas conseguimos.

O General Stumm largou a folha e pegou outra, e sua cara anunciava grandes desilusões. Depois de concluído o registro do repositório de idéias da Europa Central, ele descobrira, para seu espanto, que não só havia contradições, como essas contradições, bem examinadas, começavam a transformar-se em concordâncias.

— Já me acostumei que as pessoas famosas em casa de sua prima, sempre que lhes peço informações, digam cada uma algo diferente, mas o que não consigo entender é que, quando falo mais longamente com elas, tenho apesar de tudo a impressão de que todas dizem a mesma coisa; vai ver que minha inteligência de militar não dá para isso!

O que assustava tanto o cérebro do General Stumm não era nenhuma bagatela, e na verdade não deveria ser proposto apenas ao Ministério da Guerra, embora se notasse que também se ligava intimamente com a guerra. A era contemporânea foi presenteada com uma porção de grandes idéias, e, para cada idéia, por especial gentileza do destino, recebeu também uma contra-idéia, de modo que individualismo e coletivismo, nacionalismo e internacionalismo, socialismo e capitalismo, imperialismo e pacifismo, racionalismo e superstição convivem muito bem dentro dela, juntando-se a eles ainda os restos não consumidos de incontáveis outros contrários, de maior ou menor valor atual. Isso parece tão natural quanto dia e noite, frio e calor, amor e ódio, e a cada músculo extensor no corpo humano corresponde o contrário músculo retrator; o General Stumm jamais teria tido a idéia de ver nisso nada de estranho, se através do seu amor por Diotima não tivesse sido jogado naquela aventura. Pois o amor não se contenta com o fato de que a unidade da natureza repousa em contrários, mas, no seu desejo de ternura, pretende produzir uma unidade sem contrários, unidade essa que o general tentara de todos os modos conseguir.

— Aqui, disse ele, apontando para as folhas correspondentes —, mandei anexar uma lista de comandantes de idéias, isto é, todos os nomes que, por assim dizer, nos últimos tempos levaram grandes exércitos de idéias até a vitória. Temos aqui uma ordem de batalha; aqui, um plano de marcha; ali, uma tentativa de localizar depósitos e armamentos dos quais vêm os reforços de idéias. Mas você notará — e mandei destacar isso muito bem nos desenhos —, contemplando os grupos de idéias que estão combatendo atualmente, que seu reforço de combatentes e material de idéias não vem apenas do seu próprio depósito, mas do de seus adversários; vê-se que os grupos modificam a toda hora o seu *front*, e de repente, sem motivo, lutam com o *front* errado contra sua própria retaguarda. Por outro lado, note que as idéias passam para o lado oposto o tempo todo, vão e voltam, de modo que ora as vemos numa linha de combate, ora noutra. Em suma, não se consegue fazer nem um plano correto de retaguarda, nem uma linha de demarcação, nem coisa alguma, e tudo isso, com todo o respeito — coisa em que não posso acreditar! — é aquilo que entre nós qualquer oficial superior chamaria de grandessíssima porcaria!

Stumm passou algumas dúzias de folhas para as mãos de Ulrich. Estavam cobertas de planos de marcha, linhas demarcatórias, redes de estradas, esboços de dispositivos, sinais de tropas, locais de comando, círculos, quadrados, espaços marcados com traços; como num verdadeiro trabalho de estado-maior, corriam por ali linhas vermelhas, verdes, amarelas, azuis, e bandeirinhas dos mais diversos tipos e significados, que um ano depois se tornariam tão populares, estavam pintadas por toda parte.

— Tudo isso não adianta nada! — suspirou Stumm. — Modifiquei a forma de representação, e tentei colocar tudo de modo geográfico-militar em vez de estratégico, esperando obter pelo menos um espaço de operações firmado, mas também não adiantou. Aqui estão as tentativas de representação oro-hidrográficas!

Ulrich viu cumes de montanhas dos quais saíam ramificações que voltavam a engrossar em outros pontos, fontes, redes fluviais e lagos.

— Fiz as mais variadas tentativas — disse o general com seus olhos animados brilhando de irritação ou pânico — de dar uma unidade a tudo isso. Mas, você sabe como é! Como quando a gente viaja em terceira classe na Galícia e pega piolhos! E a sensação mais suja de impotência que conheço! Quando a gente fica tempo



demais no meio de idéias, o corpo todo comicha, e a gente não pára quieto enquanto não cocar até sair sangue!

O mais jovem dos dois riu dessa imagem forte. Mas o general pediu:

— Não, não ria! Pensei: você se tornou um excelente civil; na sua posição de agora, vai compreender a coisa toda, mas também vai me compreender. Vim à sua procura para que me ajude. Tenho respeito demais por tudo o que é do espírito, para julgar que tenho razão!

— Você está levando as idéias demasiadamente a sério, tenente-coronel — consolou Ulrich. Dissera tenente-coronel sem querer, e desculpou-se: — Você me de voltou tão agradavelmente ao passado, General Stumm, quando no cassino por vezes me mandava filosofar num canto. Mas repito: não deve levar as idéias tão a sério!

— Não levar a sério! — gemeu Stumm. — Mas não posso mais viver sem uma ordem mais elevada em minha cabeça. Você não entende? Tenho calafrios, lembrando quanto tempo passei sem isso no campo de treinamento e na caserna, entre piadas de oficiais e histórias de mulheres!

Sentaram-se à mesa; Ulrich ficara comovido com as idéias infantis que o general apresentava com ânimo viril, e a intocada jovialidade causada pela estada em pequenas guarnições. Ele convidara o camarada de outros tempos para jantar, e o general estava tão dominado pelo desejo de participar dos segredos do outro, que pegava com o garfo cada rodelinha de salame.

— Sua prima — disse, erguendo o copo de vinho — é a mulher mais extraordinária que conheço. Dizem com razão que é uma segunda Diotima, nunca vi uma coisa dessas. Minha mulher, você não a conhece, não posso me queixar dela, e também temos filhos: mas uma mulher como Diotima é coisa muito diferente. Às vezes, nas recepções, fico parado atrás dela: aquele corpo feminino imponente e grande! E fala coisas tão cultas com algum civil importante, que eu gostaria de tomar nota de tudo! E o subsecretário, com quem está casada, absolutamente não sabe a mulher que tem! Desculpe se você simpatiza muito com esse Tuzzi, mas não o suporto! Ele fica se esgueirando por ali, sorrindo, como se soubesse segredos importantes e não os quisesse revelar. Ele que não me venha com histórias, pois apesar de todo o meu respeito pelos civis, os funcionários públicos têm o lugar mais baixo nesse meio; não passam de uma espécie de militares civis, que em todas as oportunidades brigam conosco para se afirmar, e usam de uma cortesia tão insolente quanto um gato trepado numa árvore e espiando para um cachorro. O Dr. Arnheim é de outro calibre. — Stumm continuava tagarelando: — Talvez ele seja meio convencido, mas é preciso reconhecer sua superioridade. — Obviamente ele bebera depressa, depois de tanto falar, e agora sentia-se confortável, empregando um tom familiar. — Não sei o que possa ser — prosseguiu —, provavelmente não compreendo por que hoje até eu mesmo já tenho uma mente tão complicada, mas embora admire a sua prima — confesso que ela me faz sentir engasgado! Sinto certo alívio ao ver que está apaixonada por Arnheim!

— O quê? Tem certeza de que eles estão tendo um caso? — Ulrich perguntara isso com certa veemência, embora não devesse lhe interessar; Stumm o encarava fixamente, desconfiado, com seus olhos míopes ainda enevoados pela excitação, e colocou o pincenê.

— Eu não disse que ele foi para a cama com ela — retrucou numa linguagem franca de oficial, tirou o pincenê e depois acrescentou, em tom nada militar: — Mas

eu não faria nenhuma objeção a isso; que diabo, eu já lhe disse que não sou um maricás, mas quando imagino a ternura que Diotima pode dar a esse homem, também me enteneço por ele, e por outro lado parece que quando ele beija Diotima sou eu que a estou beijando.

— Mas ele a beija?

— Não sei, eu não fico espionando os dois. Só imagino. Eu mesmo não me entendo mais. Aliás, uma vez vi Arnheim segurando a mão dela quando achavam que ninguém estava olhando, e ficaram tão quietinhos por um momento como quando alguém dá o comando: “Ajoelhar-se para rezar! Tirar o *shakol*” E aí ela lhe pediu alguma coisa baixinho, e ele respondeu, e eu escutei tudo palavra por palavra, porque é difícil de compreender, ela disse: “Ah, se ao menos a gente encontrasse a idéia salvadora!”, e ele respondeu: “Só um puro e intacto pensamento de amor poderia nos trazer salvação!” Obviamente levou isso para o terreno pessoal, porque ela tinha perguntado sobre uma idéia para o seu grande empreendimento. Por que está rindo? Fique à vontade, eu sempre tive minhas esquisitices, e agora meti na cabeça que vou ajudar Diotima! Não há de ser impossível; há tantas idéias, uma delas tem de ser a idéia salvadora! Basta que você me dê uma mãozinha.

— Meu caro general — repetiu Ulrich —, só posso lhe repetir que anda levando demasiadamente a sério as idéias. Mas, já que dá valor a isso, posso tentar explicar como pensa um civil. — Agora estavam fumando charutos, e Ulrich começou: — Primeiro, você está num caminho errado, general; o intelecto não está restrito aos civis e o físico aos militares, como você pensa, mas é exatamente o contrário! Pois espírito é ordem, e onde há mais ordem do que entre os militares? Lá, todos os colarinhos têm quatro centímetros de altura, o número de botões é determinado com precisão, e até nas noites mais agitadas por sonhos as camas ficam retinhas junto às paredes! A colocação de um esquadrão numa linha, a formação de um regimento, a posição exata da fivela de uma testeira de cavalo, são bens intelectuais de grande significação, ou não existem bens intelectuais!

— Vá enganar a sua avó! — resmungou o general, cautelosamente, sem saber se devia acreditar em seus ouvidos ou se era o vinho.

— Você está-se precipitando — teimou Ulrich. — Ciência só é possível quando os fatos se repetem ou se deixam controlar, e onde haveria mais repetição e controle do que entre os militares? Um dado não seria um dado, se às nove horas não continuasse tão quadrado quanto foi às sete. A lei das órbitas dos planetas é uma espécie de instrução de tiro. E não podemos tirar nenhuma conclusão, ou fazer julgamento sobre coisa alguma, se tudo passa diante de nós apenas uma vez, rapidamente. O que deve ter valor e nome, tem de se repetir, tem de existir em muitos exemplares. Se você nunca tivesse visto a lua, pensaria que é uma lanterna de bolso; aliás, a grande confusão que Deus causa à ciência está em ele só ter sido visto uma vez, na hora da criação do mundo, antes de haver observadores treinados.

É preciso nos colocarmos na posição de Stumm von Bordwehr; desde a escola de cadetes, tudo sempre lhe fora prescrito, desde o formato do quépi até a licença de casamento, e ele tinha pouca inclinação para abrir sua mente àquele tipo de explicações.

— Meu caro amigo — respondeu, com astúcia —, pode ser, mas tudo isso não me interessa; você faz umas piadas bastante boas, dizendo que nós militares inventamos a ciência, mas não falo da ciência, e sim, como diz a sua prima, da alma; e

quando ela fala em alma tenho vontade de ficar pelado, tão mal me sinto no meu uniforme!

— Meu caro Stumm — prosseguiu Ulrich, imperturbável —, muitas pessoas acusam a ciência de não ter alma, de ser mecânica, e de tornar assim tudo aquilo que toca; mas, singularmente, não percebem que nos assuntos da alma existe muito mais regularidade que nos da razão! Pois quando é que um sentimento é natural e simples? Quando seu surgimento é automático em todas as pessoas, na mesma situação! Como se poderia pedir virtude a todas as pessoas, se uma ação virtuosa não pudesse ser repetida indefinidamente? Eu poderia lhe dar muitos exemplos assim, e se você foge dessa regularidade monótona para as profundezas mais escuras do ser, onde moram as emoções mais incontroladas, a úmida profundidade da criatura, que nos protege de nos evaporarmos ao fogo da razão, o que você encontra? Excitações e reflexos, a trilha dos hábitos e habilidades, repetição, fixação, rotina, série, monotonia! Isso é o uniforme, a caserna, o regulamento, caro Stumm! E nisso a alma civil tem um estranho parentesco com os militares. Poder-se-ia dizer que ela se agarra a esse modelo que não atinge inteiramente. E quando isso não é possível, ela é como uma criança que se deixou sozinha. Pegue, por exemplo, a beleza de uma mulher: o que nos surpreende como beleza, e nos arrebatava, aquilo que pensamos estar vendo pela primeira vez na vida, já conhecíamos há muito, e sempre que a procuramos havia sempre um brilho antecipado dela diante de nossos olhos; apenas agora aparece forte, em pleno dia; em contrapartida, se se trata realmente de amor à primeira vista, de beleza que nunca se notara antes, não sabemos o que fazer com ela; pois se nada semelhante aconteceu antes, não sabemos que nome lhe dar, não temos emoção alguma em resposta, ficamos totalmente perturbados, ofuscados, cegos de espanto, embotados como idiotas, algo que dificilmente se pode chamar de felicidade...

Aqui, o general interrompeu vivamente o amigo. Até então o escutara com aquele controle que se adquire no campo de treinamento ouvindo censuras e instruções de um superior, que poderiam ser eventualmente repetidas, mas não assimiladas de todo, caso contrário se teria vontade de fugir para casa montando um porco espinho. Mas agora Ulrich o atingira, e ele exclamou, veemente:

— Verdade seja dita, você está descrevendo isso com a maior perfeição! Quando mergulho na admiração que sinto pela sua prima, tudo se dissolve dentro de mim. E quando me controlo severamente, para ter aquela idéia com que a poderia ajudar, também sinto um vazio desagradável; acho que não se pode dizer que seja uma sensação de imbecilidade, mas é algo bem parecido. Então, se cheguei a entender, você acha que nós, militares, pensamos bastante bem; que a inteligência civil... bem, que sejamos o modelo que ela deveria seguir, não posso aceitar, não passa de piada sua! Mas às vezes também penso que temos o mesmo tipo de inteligência; então você acha que tudo o que ultrapassa isso, portanto, essas coisas que nós soldados julgamos tão extremamente civis, como alma, virtude, afeto, coração — coisas com que esse Arnheim sabe lidar com uma incrível naturalidade — você acha que isso é espírito. Sim, você disse que isso é que são aquelas considerações de natureza superior, mas também disse que elas nos deixam completamente idiotas. Tudo está correto, mas o espírito civil é superior, não vá me negar isso, e agora eu lhe pergunto: como pode ser?

— Primeiro, antes eu disse algo que você esqueceu: que o espírito mora entre os militares; segundo, digo agora: e o físico entre os civis...

Mas isso é absurdo — disse Stumm, desconfiado. A superioridade física do militar era um dogma, assim como a certeza de que o oficial tinha posição logo junto ao trono; e embora Stumm não se julgasse atleta, sentia, logo agora que isso era questionado, que a barriga do civil devia ser um pouco mais mole do que a sua.

— Não é nem mais nem menos absurdo do que todo o resto — defendeu-se Ulrich. — Mas você tem de me deixar falar. Olhe, há talvez uns cem anos, as cabeças pensantes entre os civis alemães achavam que o burguês que pensa escreve as leis do mundo sentado na sua escrivaninha, tirando-as de sua cabeça, assim como se podem demonstrar teoremas de trigonometria; e o pensador era naquele tempo um homem de calça nanquim, cabelo jogado para trás, não conhecendo o lampião a óleo, muito menos eletricidade ou fonógrafo. Mas acabou-se redondamente essa nossa petulância. Nesses cem anos, aprendemos a conhecer muito melhor a nós mesmos, à natureza, e a todas as coisas, mas o resultado foi que tudo o que se ganha em ordem no detalhe, se perde no todo, de modo que temos sempre mais ordem e menos ordem.

— Isso concorda com minhas análises — confirmou Stumm.

— Mas não temos tanto interesse quanto você em procurar uma síntese. Os esforços passados nos levaram a uma regressão. Imagine o que acontece hoje em dia: quando um homem importante coloca uma idéia no mundo, ela é imediatamente submetida a um processo de distribuição que consta de simpatia e repulsa; primeiro, os admiradores arrancam grandes nacos que mais lhes agradam, e devoram o seu mestre como raposas devoram carniça; depois, os adversários eliminam os pontos fracos, e, em breve, de toda a façanha nada sobra senão uma provisão de aforismos, dos quais amigos e inimigos se servem. O resultado é uma ambigüidade generalizada. Não existe um sim no qual não se possa pendurar um não. Você pode fazer o que quiser, sempre encontrará vinte das mais belas idéias a favor e, se procurar, vinte contra. Seria de acreditar que é como no amor, no ódio e na fome: o gosto tem de ser diferente, para todos terem sua parcela!

— Excelente! — exclamou Stumm, novamente conquistado. — Eu próprio já disse coisa semelhante a Diotima! Mas você não acha que nessa desordem se deveria ver a justificação dos militares? Eu próprio me envergonho de acreditar nisso!

— Eu lhe aconselharia — disse Ulrich — a dizer a Diotima que Deus, por motivos ainda desconhecidos, parece estar introduzindo uma era da cultura física; pois a única coisa que dá certa segurança ao intelecto é o corpo, ao qual ele pertence, e assim você, como oficial, teria certa vantagem.

O pequeno e gorducho general recuou num sobressalto.

— No que diz respeito à cultura física não sou mais bonito do que um pêssego descascado — disse depois de algum tempo, com certa amargura. — E devo dizer — acrescentou — que só penso em Diotima de maneira muito decente, e só assim desejaria aparecer diante dela.

— Pena — disse Ulrich —, a sua intenção seria digna de um Napoleão, mas você não está num século apropriado!

O general aceitou a troça com a dignidade advinda da idéia de estar sofrendo pela dama do seu coração, e disse depois de refletir um pouco:

— De qualquer modo, agradeço os seus conselhos interessantes.

O COMERCIANTE-REIE A FUSÃO DE INTERESSES ALMA-NEGÓCIOS.  
E MAIS: TODOS OS CAMINHOS PARA O ESPÍRITO PARTEM DA ALMA,  
MAS NENHUM CONDUZ DE VOLTA A ELA

Nessa época, em que o amor do general recuava diante de sua admiração por Diotima e Arnheim, este há muito deveria ter decidido não retornar. Em vez disso, organizou uma estadia mais demorada; mantinha permanentemente os aposentos que ocupava no hotel, e sua vida movimentada pareceu acalmar-se.

O mundo estava sendo abalado por uma série de acontecimentos, e quem, pelo fim do ano de mil novecentos e treze, estivesse bem informado, teria a imagem de um vulcão em ebulição, embora a pacífica atividade por toda parte sugerisse que não haveria novas erupções. Mas essa idéia não era igualmente forte em todos. As janelas do belo palácio antigo na praça Ballhaus, onde trabalhava o subsecretário Tuzzi, muitas vezes jogavam claridade sobre as árvores nuas do jardim fronteiro tarde da noite, e os homens mais esclarecidos que vagavam por ali àquela hora sentiam calafrios. Pois assim como São José habita no vulgar carpinteiro José, o nome “praça Ballhaus” repassava aquele palácio com o segredo de meia dúzia de cozinhas misteriosas onde, atrás de janelas veladas, se preparava o destino da humanidade. O Dr. Arnheim estava bastante bem informado desses acontecimentos. Recebia telegramas cifrados, e de tempos em tempos a visita de algum de seus funcionários, vindo da matriz com informações pessoais; as janelas de frente do seu apartamento no hotel também ficavam muitas vezes iluminadas, e um observador imaginoso poderia ter a impressão de que ali havia um contragoverno, um posto de luta moderno e apócrifo da diplomacia financeira.

De resto, Arnheim jamais deixava de propiciar essa impressão; pois sem a sugestão do exterior, o ser humano é apenas um fruto doce e aguado, sem casca. Já na hora do café da manhã, que por isso mesmo não tomava sozinho, mas no restaurante público do hotel, ele, com a autoridade governamental de um patrão experiente, e a postura cortes e discreta de um homem que se sabe observado, dava as ordens do dia ao seu secretário, que anotava tudo em estenografia. Nenhuma delas bastava para alegrar Arnheim, mas na medida em que se distribuíam em camadas na sua mente, e eram restringidas pelas delícias da refeição matinal, acabavam-se elevando. Provavelmente o talento humano — essa era uma das idéias preferidas de Arnheim — precisa de certas limitações para se desenvolver; todo aquele que conhece a vida sabe que a faixa fecunda entre pensamentos livres e eufóricos, e pensamentos temerosos e esquivos, é extraordinariamente estreita. Mas, além disso, estava convencido de que é muito importante *quem* tem os pensamentos; pois sabe-se que pensamentos novos e importantes raramente têm um único pensador, e, por outro lado, o cérebro de um homem habituado a pensar produz o tempo todo pensamentos de valores diversos; por isso, as idéias precisam receber de fora o acabamento, a forma eficiente, provinda não apenas do pensamento, mas de todas as circunstâncias de vida da pessoa. Uma pergunta do secretário, um olhar para a mesa ao lado, o cumprimento de alguém que chegava, qualquer coisa desse tipo fazia Arnheim lembrar-se na hora exata da neces-

cidade de dar uma boa impressão; e essa unidade exterior contagiava imediatamente seu pensamento. Ele fixara essa experiência de vida na convicção de que o homem que pensa tem de ser sempre, simultaneamente, homem de ação.

Mas apesar dessa convicção, não dava grande importância a sua atividade momentânea; embora ela perseguisse um objetivo que poderia lhe dar excelentes lucros, receava que sua estada ali fosse uma perda de tempo irrecuperável. Repetidamente lembrava a velha sabedoria do *divide et impera*: ela vale para toda a relação com pessoas e coisas, e causa certa desvalorização de todas as relações particulares em benefício das gerais, pois o segredo do espírito para se agir com sucesso é o mesmo de um homem amado por muitas mulheres sem preferir nenhuma em especial. Mas isso não adiantava: sua memória lhe fazia exigências que o mundo faz a um homem nascido para grandes atividades; ainda assim, interrogando repetidamente seu interior, não podia furtar-se à evidência de estar amando. Era uma coisa estranha, pois um coração de cinquenta anos é um músculo duro, que não consegue mais esticar-se com a facilidade de um músculo de vinte anos, na fase do florescimento do amor, e isso lhe causava grandes aborrecimentos.

Primeiro, constatou preocupado que seus amplos interesses mundiais murchavam como uma flor sem raiz, e que insignificantes acontecimentos cotidianos, como um pardal na janela ou o sorriso amigável de um garçom, floresciam. Percebeu que seus conceitos morais, que normalmente representavam um grande sistema de razão ao qual nada escapava, se tornavam mais fechados, mas mais corpulentos. Podia-se chamar isso de devoção, mas era uma palavra com sentido muito mais amplo, e diferente, pois sem ela nada fazemos; devoção a um dever, a um superior ou líder, à própria vida, em sua riqueza e variedade, entendida como virtude viril, fora para ele a imagem de uma postura altiva que, apesar de toda a abertura, tinha mais contenção do que esbanjamento. O mesmo se podia dizer da fidelidade que nos limita a uma só mulher, e que tem um ressaibo de mesquinhez; do cavalheirismo e da mansidão, do altruísmo e da ternura, tudo virtudes ligadas a uma mulher, mas que com isso perdem seu maior valor, de modo que é difícil dizer se também a experiência do amor corre só para ela, como água jorra para o local mais profundo e habitualmente de difícil acesso, ou se a experiência do amor da mulher é o ponto vulcânico que, com seu calor, dá vida a tudo que vive na superfície. Por isso, um alto grau de vaidade masculina se faz sentir na presença de homens, mais do que na de mulheres. E quando Arnheim comparava o seu tesouro de idéias transportado para as esferas do poder, com o estado de felicidade que Diotima lhe proporcionava, não conseguia se livrar de uma impressão de retrocesso.

Às vezes tinha desejos de beijos e abraços, como um adolescente que não tem seus ímpetos atendidos e se joga apaixonadamente aos pés daquela que se recusa. Ou descobria-se querendo soluçar, dizer palavras de desafio ao mundo; e, por fim, queria seqüestrar a amada com as próprias mãos. Mas sabemos bem que as fronteiras irresponsáveis do consciente, de onde nascem os contos de fadas e os poemas, também abrigam toda a sorte de memórias infantis, quando a doce embriaguez do cansaço, o desenfreado jogo do álcool, ou um choque qualquer iluminam tais regiões. Os impulsos de Arnheim não eram mais fortes do que tais fantasmas, de modo que ele não precisaria se preocupar com eles (nem fortalecer assim, pela excitação, as preocupações originais), se esses retrocessos infantis o convencessem de que sua vida intelectual era cheia de preceitos morais estagnados. Como homem exposto a toda a Europa, ele

sempre se esforçara por aplicar em seus atos o que tinha validade geral, mas que, de repente, lhe parecia desprovido de interioridade. Talvez tudo fosse natural quando valendo para todos; estranho era o contrário dessa conclusão, que também se impunha a Arnheim, porque se o universalmente válido não for interior, o homem interior não será válido. Assim, Arnheim já não seguia passo a passo seu impulso de fazer algo ilegitimamente intensivo e insensatamente ilegal, mas sofria por pensar que aquilo é que seria correto, segundo alguma razão superior. Desde que voltara a conhecer aquele fogo que lhe ressecava a língua, era dominado pela sensação de ter esquecido o caminho original, e de que toda a ideologia de grande homem, que o animava, era apenas um substituto de emergência para algo que fora perdido.

Assim, numa sequência natural, recordava sua infância. Nos retratos de menino tinha olhos grandes, redondos e negros, como os que se pintam no Menino Jesus quando ele está discutindo com os eruditos no Templo, e ele via todos os professores e professoras ao seu redor num círculo, admirados com seus talentos intelectuais, pois fora uma criança inteligente e sempre tivera professores inteligentes. Mas também fora uma criança sensível, cheia de ardor, que não tolerava injustiça; como fosse muito protegido para lhe suceder algo injusto, dedicava-se a injustiças que aconteciam com estranhos na rua, e brigava por causa delas. Era uma coisa muito extraordinária, quando se pensa que o tentavam impedir de fazer isso, de modo que nunca se passava um minuto sem que alguém viesse correndo a apartá-lo da briga. E por isso as brigas duravam apenas o bastante para lhe permitir uma ou outra experiência dolorosa, interrompida em tempo de o deixar com uma sensação de bravura. Assim, ainda hoje Arnheim pensava nelas com agrado, e mais tarde aquele espírito altivo e destemido passou para seus livros e suas convicções, como é necessário a um homem que dirá aos seus contemporâneos como devem se portar para serem dignos e felizes.

Esse ambiente da infância lhe ficara bastante vivo na memória, mas outro que sucedera mais tarde, em parte como sequência diferente, parecia frouxo ou petrificado desde que se pense que brilhantes são pedras. Era isso que o contato com Diotima trazia assustadoramente à vida outra vez: o amor. E o significativo era que Arnheim conhecera esse sentimento na adolescência, sem mulher alguma, sem pessoas determinadas, e havia nisso algo de perturbador, que ele nunca compreendera, embora com o tempo tivesse aprendido as mais modernas explicações.

“O que ele queria dizer era talvez apenas a chegada incompreensível de algo ainda ausente, como aquelas raras expressões em rostos que não se relacionam com elas mas com outros rostos que subitamente suspeitamos para além de tudo o que já vimos; eram pequenas melodias em meio a rumores, emoções em pessoas, sim, havia nele emoções que, quando suas palavras as procuravam, ainda nem eram emoções. Era apenas como se alguma coisa dentro dele se alongasse, mergulhando as pontas, molhando-as, como as coisas por vezes se alongam em dias febris e luminosos de primavera, quando suas sombras rastejam para fora e ficam paradas, tão hirtas, em uma direção, como reflexos num rio.”

Assim o exprimira muito mais tarde, e com outro tom, um escritor a quem Arnheim apreciava, porque era um sinal de estar iniciado, conhecer aquele homem misterioso que o rosto do público não via; aliás, sem que o entendesse, pois Arnheim ligava aquelas alusões ao despertar de uma nova alma, como era moda naquele tempo, ou com os longos, magros corpos de mocinhas que então todos admiravam em retratos, distinguidos por lábios que pareciam carnudas corolas de flor.

Naquela época, no ano mil oitocentos e oitenta e sete — “meu Deus, quase uma vida!” pensou Arnheim — suas próprias fotografias mostravam uma pessoa moderna, “nova”, como se dizia, isto é, usava um colete de cetim preto fechado, e uma gravata larga de seda pesada, *à la Biedermeier*, mas que deveria lembrar Baudelaire, o que era reforçado por uma orquídea enfiada na lapela, encantadora e pérfida invenção recente, quando Arnheim Júnior precisava comparecer à mesa de reuniões e tinha de se afirmar, jovem como era, num grupo de robustos comerciantes e amigos de seu pai. Mas, em dias de trabalho, os retratos o mostravam enfeitado por um metro de dobrar espiando do bolso de um macio terno inglês de serviço, com um colarinho alto e duro, um tanto esquisito, que, porém, destacava a cabeça. Essa fora a aparência de Arnheim, e ainda hoje ele encarava com certo agrado aquela imagem. Jogava bem tênis, com uma paixão inusitada, esporte que naquele tempo ainda se praticava em canchas de grama. Para espanto do pai, assistia abertamente a reuniões de trabalhadores, pois durante um ano de estudos em Zurique conhecera as desprezíveis idéias socialistas; mas também não hesitava no dia seguinte em disparar a cavalo por um bairro de operários. Em suma, um torvelinho de contradições, mas de novos elementos espirituais, dando a encantadora idéia de ter nascido na época certa, uma época tão importante, embora mais tarde naturalmente se vá reconhecer que seu valor não residia na sua singularidade. Sim, embora mais tarde desse espaço cada vez maior a idéias conservadoras, Arnheim pensava que talvez essa sensação constantemente renovadora, de ter sido o último a chegar, seria um desperdício da natureza; mas não a abandonou porque não gostava de largar coisa alguma que um dia possuísse, e sua natureza possessiva guardara cuidadosamente em si tudo que tinha existido então. Mas, naquele dia, pareceu que por mais harmônica e variada que sua vida se lhe apresentasse, uma entre todas as coisas dela o atingira especialmente, a que pareceria a mais improvável: aquele romântico e despreocupado estado que lhe sussurrara que não pertencia apenas ao mundo vivo e agitado, mas a outro pairando dentro daquele como uma respiração contida.

Aquele pressentimento romântico, que ressurgira plenamente nele através de Diótima, ordenava silêncio a toda atividade e agitação; o tumulto dos paradoxos juvenis e as intenções alternantes davam lugar ao devaneio segundo o qual todas as palavras, fatos e estímulos se tornavam uma só coisa na profundidade. Era tais momentos, calava-se até a ambição, os fatos reais ficavam distantes como o rumor de um jardim; Arnheim achava que sua alma saísse das margens e só agora se postava realmente diante dele. Nunca é demais afirmar que não era uma filosofia, mas uma experiência física, como quando se vê a lua iluminada pelo claro dia pairando muda na luz da manhã. Nesse mesmo estado o jovem Paul Arnheim tomara sua refeição num restaurante distinto, freqüentara a sociedade, bem vestido, e por toda parte fizera o que devia ser feito; mas podia-se dizer que entre ele e ele próprio havia então a mesma distância que entre ele e outra pessoa, ou coisa; que o mundo exterior não acabava na pele dele, e que o mundo interior não espiava apenas pela janela da reflexão, mas que os dois se fundiam em uma ausência e presença indistintas, tão doces, sossegadas e sublimes como dormir sem sonhos. No campo moral notava-se uma grande indiferença e equivalência; nada era pequeno, nada era grande, um poema e um beijo na mão de uma mulher pesavam tanto quanto uma obra de vários volumes ou uma façanha política; e todo o mal era tão sem sentido como, no fundo, todo o bem se tornava supérfluo, naquele doce parentesco primitivo de todas as



criaturas. Portanto, Arnheim se portava como sempre, apenas tudo parecia ter algum significado intangível, atrás de cuja trêmula chama o ser interior estacava hirto, contemplando o ser exterior, que comia uma maçã, ou experimentava o terno no alfaiate.

Era apenas uma fantasia, ou a sombra de uma realidade que jamais se entenderá inteiramente? Só se pode retrucar que todas as religiões, em determinadas circunstâncias de sua evolução, afirmaram que isso era realidade, e o mesmo disseram todos os apaixonados, todos os românticos e todas as pessoas apreciadoras da lua, da primavera e da morte sublime dos primeiros dias outonais. Mais tarde, isso se perde novamente; evapora-se, resseca, não o podemos distinguir; mas um dia constatamos que há outra coisa em seu lugar, e esquecêmo-la tão depressa como só podemos esquecer experiências irreais, sonhos ou fantasias. Como essa experiência de amor, primitiva e universal, na maioria das vezes costuma surgir com as primeiras paixões pessoais, crê-se que mais tarde com mais calma se saberá valorizá-la incluindo-a nas loucuras que só se pode ter antes de atingir o direito de voto. Assim eram as coisas, mas como, em Arnheim, nunca se ligaram a alguma mulher, também não poderiam sumir do coração dele junto com essa mulher, de maneira natural; portanto foram sendo recobertas pelas impressões que ele recebia, assim que, depois de concluir seus estudos e gozar suas férias, entrou nos negócios do pai. E como não fosse homem de fazer coisas pela metade, em breve descobriu que a vida de trabalho e organização é um poema maior do que aqueles que os poetas inventavam em suas bibliotecas, e era coisa bem diferente.

Com isso revelou-se pela primeira vez seu talento para servir de exemplo. Pois o poema da vida tem sobre os outros poemas a vantagem de ser escrito em letras maiúsculas, não importa seu conteúdo. E o mundo gira também em torno do mais íntimo estagiário de uma firma mundial, continentes espiam sobre seu ombro, de modo que nada do que fizer é insignificante; em contrapartida, em torno do escritor que trabalha em seu quarto, giram quando muito as moscas, por mais que ele se esforce. Isso é tão evidente que muitas pessoas, quando começam a trabalhar com material de vida, pensam que tudo o que as comovia antes não passava de “pura literatura”, isto é, quando muito teve algum efeito debilitante e perturbador, sem relação alguma com a importância que se dê a ela. Naturalmente com Arnheim não era bem assim, pois não negava as belas emoções da arte, nem considerava loucura ou fantasia nada que alguma vez o tivesse comovido profundamente. Assim que reconheceu a superioridade de suas circunstâncias de vida adulta sobre o romantismo da juventude, começou a efetuar, guiado pelos novos conhecimentos adultos, uma fusão dos dois tipos de experiências. Com isso fazia exatamente o que faz a numerosa maioria das pessoas cultas, que, depois de entrarem no mundo profissional, não querem negar de todo seus antigos interesses, conseguindo pelo contrário uma relação calma e madura com os impulsos românticos de sua juventude. A descoberta do grande poema da vida, com o qual sabem que estão colaborando, devolve-lhes a coragem do diletante, que tinham perdido ao queimar seus próprios poemas; trabalhando na poesia da vida, podem realmente considerar-se profissionais *natos*, e tratam de colorir sua atividade diária de responsabilidade intelectual, sentem-se diante de mil pequenas decisões. Para que essa atividade seja ética e bela, tomam como exemplo a idéia de que Goethe viveu assim, e declaram que não lhes agradaria a vida sem música, natureza, a contemplação do inocente brinquedo das crianças e animais, sem um bom livro. Essa

classe média tão espiritualizada ainda é, entre os alemães, a principal consumidora de artes e de qualquer literatura não muito pesada, mas, muito compreensivelmente, os membros desse grupo encaram a arte e a literatura que outrora lhes pareciam a realização perfeita de seus desejos como fase inicial — embora mais perfeita do que lhes foi proporcionado —, ou não lhe dão mais valor do que um fabricante de lata daria a um escultor de gesso, se tivesse a fraqueza de achar bonitos esses produtos.

Arnheim parecia-se com essa classe média como um magnífico cravo de jardim se assemelha a uma pobre cravina silvestre de beira de estrada. Jamais considerava a possibilidade de revolução intelectual ou renovação radical, mas apenas inserção no já estabelecido, posse, branda correção, renovação moral do privilégio desbotado das forças vigentes. Não era um esnobe, não era um adorador dos nobres superiores a ele; introduzido na corte, em contato com a alta aristocracia e chefes da burocracia, não procurava imitá-los, e sim apenas adaptar-se, como amante de hábitos conservadores e feudais, que não esquece sua origem burguesa, por assim dizer frankfurt-goethiana, nem deseja que isso seja esquecido. Mas com essa façanha esgotava-se sua capacidade de contestação e uma oposição maior lhe teria parecido exagerada. Estava intimamente convencido de que as pessoas que criam — e, à frente delas, unindo-as numa nova era, os homens de negócios mais importantes — são chamadas a substituir em algum ponto do futuro as velhas forças do ser, e isso lhe dava uma serena altivez que os acontecimentos ulteriores vieram a confirmar. Mas mesmo que se tomasse como certo esse direito do dinheiro ao poder, restava perguntar como se aplicar corretamente o poder ambicionado. Os antecessores dos diretores de banco e grandes industriais tiveram vida mais fácil por terem sido cavaleiros e transformarem seus adversários em picadinho, entregando as armas do espírito ao clero; mas o homem contemporâneo tem no dinheiro, segundo acreditava Arnheim, o mais seguro método de tratar todas as relações; mas, embora esse método possa ser duro e preciso como uma guilhotina, pode ser tão melindroso quanto um reumático — basta pensar nas sensíveis flutuações da Bolsa! — e depende absolutamente de tudo o que é por ele dominado. Essa delicada dependência de todos os fatores da vida, que só uma cega altivez ideológica poderia esquecer, fazia Arnheim ver no comerciante imperial a síntese de mudança e perseverança, poder e civilismo burguês, ousadia sensata e força de caráter, mas, especialmente, o símbolo da democracia que se preparava. Através de um trabalho incessante e severo em sua própria personalidade, pela organização intelectual das relações econômicas e sociais com que se deparava, por reflexões sobre liderança e construção de um Estado harmonioso, ele desejava ajudar uma nova era na qual forças sociais desiguais fossem correta e fecundamente ordenadas pela habilidade e pela natureza, e o ideal não se quebrasse diante de realidades necessariamente limitadoras, mas através delas se purificasse e de tornasse mais sólido. Para expressar isso em termos objetivos, ele concretizaria a fusão de interesses almanegócios, através da elaboração do conceito máximo de comerciante-rei, e a sensação de amor, que outrora o fizera sentir que no fundo tudo é uma coisa só, estava agora no cerne de sua convicção da unidade e harmonia da cultura e dos interesses humanos.

Mais ou menos nesse tempo Arnheim começou a publicar seus escritos, e a palavra alma aparecia neles. Pode-se presumir que a empregasse como um método, um avanço, uma palavra-chave, pois é certo que príncipes e generais não têm alma, e ele era o primeiro financista a tê-la. Também é certo que nisso tinha papel importante a necessidade de se defender contra a natureza de líder de seu pai, superior nos

assuntos de negócios, ao lado do qual aos poucos ele começava a desempenhar o papel de príncipe herdeiro; e defendia-se de uma maneira incompreensível para um cérebro empresarial. Também é certo que sua ambição de dominar tudo o que valesse a pena ser sabido — uma tendência à poliistória, como ninguém mais a tinha encontrava na alma um meio de desvalorizar tudo aquilo que seu entendimento não dominasse. Pois nisso, não era diferente do seu tempo, que não desenvolveu por vocação uma forte inclinação religiosa, e sim, ao que parece, por uma feminina revolta contra o dinheiro, saber e cálculo, ao qual está apaixonadamente submetido. Era duvidoso e incerto se Arnheim, ao falar em alma, acreditava nela, e atribuía à posse de uma alma a mesma realidade que à posse de ações. Empregava essa palavra como expressão de algo para o qual não tinha outro nome. Arrebatado pela sua necessidade — pois era um orador que não deixava facilmente os outros tomarem a palavra; mais tarde, depois de notar a impressão que causava nos outros, também a usava cada vez mais em seus textos —, falava dela como se sua existência fosse tão óbvia quanto a das costas, embora não as vejamos. Apoderou-se dele uma verdadeira paixão por escrever sobre algo insabido e misterioso, enredado nas obviedades do mundo dos negócios como um profundo silêncio entranhado nas mais vivas palavras; não negava a utilidade do saber, ao contrário, dava a impressão de uma obstinada compilação de conhecimentos, como só a podia realizar um homem com todos os meios à sua disposição, mas depois de ter dado essa impressão, declarava que acima do reino da perspicácia e da precisão existia um reino da sabedoria, que só se pode reconhecer pela clarividência; descrevia a vontade que funda Estados e empresas mundiais, dando a entender que, apesar de toda a grandeza, nada é como um braço que tem de ser movido por um coração que pulsa invisível; explicava a seus ouvintes os progressos da técnica ou o valor das virtudes, da maneira mais comum, como qualquer burguês o imaginaria, mas para acrescentar que esse uso das forças naturais e espirituais continua sendo misterioso e desconhecido, se não se adivinha que são como movimentos de um oceano que fica muito no fundo, abaixo delas, mal arranhado pelas ondas. E apresentava essas explicações no estilo dos decretos de um regente falando em nome de alguma rainha exilada, depois de ter recebido dela própria suas instruções, e estar organizando o mundo de acordo com elas.

Talvez essa organização fosse a sua verdadeira e mais intensa paixão, um desejo de poder que superava tudo o que até mesmo um homem na sua posição podia-se permitir, e seu efeito direto foi que esse homem, tão poderoso no terreno da realidade, tinha de se retirar para seu castelo pelo menos uma vez ao ano, para ditar um livro ao seu secretário que estenografava tudo. Aquele estranho pressentimento que surgira pela primeira vez, e com maior intensidade, nas horas sonhadoras de sua juventude, procurara esse caminho, mas por vezes também o assolava direta e espontaneamente, embora com força reduzida. Em meio aos negócios mundanos assaltava-o como uma doce paralisia, uma nostalgia de mosteiros, sussurrando-lhe que todas as contradições, grandes idéias, experiências e esforços mundanos, não eram apenas aquilo que se entende vagamente por cultura e humanidade, mas também tinham um significado arrojado e textual, cintilante e ocioso, como quando num dia de languida beleza se cruza as mãos, olhando o campo e o rio, não tendo jamais que se desprender desse quadro. Nesse sentido, seus escritos eram um compromisso. E como só existe uma alma, e essa não é palpável, mas está no exílio, anunciando-se, de lá, de uma única maneira, tão singular, vaga ou ambígua; e, de outro lado, existem incontáveis, infinitas ques-

toes no mundo as quais se pode aplicar essa mensagem regia, com os anos Arnheim entrou num sério constrangimento, em que entram todos os legitimistas e profetas, quando isso dura tempo demais. Bastava Arnheim sentar-se, solitário, para escrever, e sua pena levava seus pensamentos com generosidade espectral, da alma para os problemas do intelecto, das virtudes, da economia e da política, que, iluminados por uma fonte invisível, apareciam sob uma luz nítida e magicamente unilateral. Esse desejo de ampliação era inebriante, mas em compensação prendia-se àquela fissura da consciência que em muitos é o pressuposto da criação literária, enquanto o intelecto exclui e esquece tudo o que não serve à sua concepção; diante de um interlocutor, amarrado à terra pela pessoa dele, Arnheim jamais se expandiria tanto; mas, curvado sobre o papel que estava ali disposto a espelhar seus pontos de vista, contentava-se, feliz, com uma expressão metafórica de convicções das quais poucas eram firmes, mas que em geral não passavam de uma névoa de palavras, cuja única veracidade, aliás não pequena, constava de que essa névoa levantava-se involuntariamente nos mesmos pontos.

Quem o quiser censurar por isso, deve pensar que possuir uma personalidade espiritual dupla há muito não é mais arte só dos loucos, mas que, na velocidade dos tempos atuais, a possibilidade de entender a política, a capacidade de escrever um artigo de jornal, a força para acreditar nas novas orientações em arte e literatura, e tantas outras coisas se fundamentam inteiramente na capacidade de, por algumas horas, deixar-se persuadir contra a sua própria convicção, de separar uma parcela do conteúdo pleno de sua consciência e ampliá-la em uma nova, plena convicção. Assim, era uma vantagem Arnheim jamais estar honestamente convencido daquilo que dizia. Quando estava no auge da maturidade, manifestava-se sobre tudo o que existia, tinha amplas convicções, e não via limites que o impedissem de conquistar, também no futuro, novas convicções harmoniosas, tiradas daquelas antigas, caso prosseguisse da mesma maneira. Um homem de pensamento tão eficiente, que em outros estados de consciência conseguia ainda controlar balanços e calcular rentabilidades, não podia ignorar que aquilo era uma ação sem margens nem curso, ainda que se ampliasse inesgotavelmente; encontrava limite apenas em sua própria pessoa, e embora Arnheim tolerasse muita presunção, seu raciocínio não considerava isso uma situação satisfatória. Atribuía a causa ao resquício irracional que a vida mostra por toda parte ao observador informado; e procurava acalmar-se com um dar-de-ombros, pensando que no tempo presente tudo andava tão sem eira nem beira. E como ninguém consegue se elevar inteiramente acima das fraquezas de seu tempo, ele via em tudo isso uma valiosa possibilidade de todos os grandes homens se exercitarem um pouco na virtude da modéstia, colocando sem inveja acima de si próprios, por terem vivido em épocas mais favoráveis, nomes como Homero e Buda: mas com o tempo, no auge de seu sucesso literário, sem que nada de decisivo acontecesse naquela sua vida de príncipe herdeiro, aquele resquício irracional crescia de maneira opressiva, cresciam a falta de resultados palpáveis e o desconforto por ter errado seu objetivo, esquecendo sua primeira vontade. Ele contemplava sua obra, e embora pudesse ficar satisfeito com ela, às vezes considerava-se apartado de alguma fonte de nostálgicos efeitos retardados, como através de uma parede de brilhantes, dia a dia mais espessa.

Nos últimos tempos acontecera-lhe algo desagradável nesse sentido, algo que o atingira profundamente. Usara o ócio, que agora se permitia mais freqüentemente,

para ditar ao secretário um texto sobre a harmonia entre a arquitetura oficial e a concepção oficial, e interrompera a frase “Vemos o silêncio dos muros ao contemplarmos essa construção” logo após a expressão silêncio, para saborear por um momento a visão da Chancelaria romana que acabava de aparecer a seus olhos interiores; mas quando voltou a olhar o manuscrito, viu que o secretário, antecipando-se com a rapidez costumeira, já escrevera “Vemos o silêncio da alma, quando...” Naquele dia Arnheim não ditou mais, e no dia seguinte mandou riscar a frase.

O que importava, diante de experiências de tal profundidade e amplitude, aquele algo de vulgar que havia no amor fisicamente ligado a uma mulher? Arnheim teve de admitir, infelizmente, que importava tanto quanto a idéia que dava unidade a toda a sua vida, de que todos os caminhos para o espírito partem da alma, mas nenhum retorna! Muitas mulheres já se tinham sentido felizes por manterem relações íntimas com ele, mas quando não eram naturezas parasitárias, eram mulheres ativas e instruídas, e artistas, pois com mulheres do gênero manteúdo e do gênero autônomo ele podia se entender com base em relações bem claras; as necessidades morais da sua natureza sempre o tinham levado a relações em que o instinto e as inevitáveis disputas com mulheres tinham certo freio na razão. Mas Diotima era a primeira mulher que percebia, para além da sua vida moral, a sua vida secreta, e por isso às vezes ele a olhava com verdadeira inveja. Afinal, ela não passava da esposa de um funcionário, do melhor estilo, é verdade, mas sem aquela formação mais elevada que só o poder pode conferir, e se quisesse prender-se de verdade ele teria direito a uma mocinha das altas finanças americanas ou da aristocracia inglesa. Em certos momentos despontava nele uma distinção do berço, uma cruel e ingênua altivez infantil, ou o terror da criança mimada que é levada pela primeira vez à escola, de modo que seu crescente amor lhe parecia uma ameaçadora vergonha. E quando nesses momentos ele realizava seus negócios com gélida superioridade, como só pode fazer um espírito morto e depois retornado, a fria e inconspicível razão do dinheiro lhe parecia, comparada ao amor, um poder extraordinariamente limpo.

Mas isso para ele significava apenas que chegara o tempo em que o prisioneiro não entende como deixou que lhe roubassem a liberdade sem a defender até a morte. Pois quando Diotima dizia: “O que são os acontecimentos mundiais? *Un peu de bruit autour de notre âme...*!”<sup>\*</sup>, ele sentia estremecer o edifício de sua vida.

## MOOSBRUGGER DANÇA

Enquanto isso, Moosbrugger continuava preso numa cela da prisão preventiva da comarca. Seu defensor ganhara novo ânimo e esforçava-se junto às autoridades para não deixar que decidissem a causa muito rapidamente.

---

<sup>\*</sup> No original. em francês: "Um pouco de rumor ao redor de nossa alma." (N. da T.)

Moosbrugger sorria disso. Sorria de tédio.

O tédio embalava seus pensamentos. Habitualmente, o tédio os apaga; em Moosbrugger, embalava-os; desta feita, era o estado de um ator sentado nos bastidores esperando a sua vez.

Se Moosbrugger tivesse uma espada grande, ele a teria apanhado e cortado a cabeça da cadeira. Teria podido cortar a cabeça da mesa e da janela, da latrina e da porta. E teria colocado sua própria cabeça em todas essas coisas das quais tivesse cortado as delas, pois naquele cela existia só a sua própria cabeça, e isso era bonito. Podia imaginá-la posta sobre as coisas, com o crânio largo, os cabelos caindo sobre a testa como pêlos. E então gostava das coisas.

Se ao menos o aposento fosse maior, e a comida melhor!

Estava bem contente por não poder ver pessoas. Pessoas eram difíceis de suportar. Muitas vezes tinham um jeito de escarrar ou de levantar um dos ombros, deixando a gente totalmente desesperançado, com vontade de lhes dar um soco nas costas, como se esse golpe abrisse um buraco na parede. Moosbrugger não acreditava em Deus mas em seu juízo pessoal. Desprezava as verdades eternas, que para ele eram o juiz, o padrego, o guarda. Tinha de realizar sozinho a sua tarefa, e muitas vezes tem-se a impressão de que todos nos colocam algum obstáculo no caminho! Via à sua frente o que freqüentemente vira: os tinteiros, o pano verde, os lápis, depois o retrato do imperador na parede, e todos ali sentados; via naquela ordem algo parecido com uma armadilha, recoberta da sensação de que tem de ser assim, em vez de ser coberta por capim e folhas. Depois, habitualmente ele recordava um arbusto lá fora, numa dobra de rio, o rangido da corda do poço, fragmentos de lugares que agora se sobrepunham, uma provisão interminável de lembranças que nem sabia estarem sempre ali à sua disposição. E sonhava: “Eu podia lhes contar uma história!” Como sonha um homem jovem. Tinham-no trancafiado tantas vezes que ele nunca envelhecera. “Da próxima vez vou ter de dar uma boa olhada nisso”, pensou Moosbrugger, “do contrario não me entendem mesmo”. E então sorriu, severo, e falou com os juizes sobre si próprio como um pai que diz de seu filho: ele não presta, botem-no na prisão, talvez então ele aprenda!

Naturalmente ele se irritava às vezes com os regulamentos da prisão. Ou sentia alguma dor. Mas então podia procurar o médico da prisão, ou o diretor, e tudo voltava a uma certa ordem e calma, como a água que encobre uma ratazana morta que caiu no fundo. Ele não imaginava isso assim; mas tinha a impressão de estar estendido como uma grande superfície de água espelhada, embora não encontrasse palavras para descrevê-lo.

As palavras que ele tinha eram:

— Hum, ah...

A mesa era Moosbrugger.

A cadeira era Moosbrugger.

A janela gradeada e a porta fechada eram ele.

Moosbrugger não achava isso maluco ou inusitado. Simplesmente tinham tirado as tiras de elástico. Atrás de cada coisa ou criatura, quando ela quer se aproximar de outra, há uma tira de elástico que se estica. Caso contrário as coisas poderiam passar umas por dentro das outras. E em cada movimento há uma tira de elástico que não nos deixa fazer inteiramente o que queríamos. E agora, de repente, essas tiras de elástico tinham sumido. Ou era apenas a sensação paralisante, como de tiras de elástico?

É difícil distinguir. “Por exemplo, as mulheres seguram as meias com tiras de elástico. É isso!” — pensou Moosbrugger. “Elas usam um elástico ao redor da perna como um amuleto. Debaixo das saias. Como os anéis de graxa colocados ao redor das árvores frutíferas para que os frutos não fiquem bichados.”

Mas só mencionamos isso assim, de passagem. Para que não se pense que Moosbrugger queria chamar todo mundo de irmão. Ele não era assim. Era apenas dentro e fora.

Agora dominava as coisas, e mandava nelas. Botava tudo em ordem antes de ser morto. Podia pensar no que quisesse, de momento era tudo tão obediente como um cão a quem se diz “quieto aí!”. Embora trancafiado, ele tinha um incrível sentimento de poder.

A sopa chegava pontualmente. Ele era acordado e levado a passear pontualmente. Tudo na cela era pontualmente severo e irreduzível. Às vezes isso lhe parecia totalmente inacreditável. Numa singular inversão, sentia que essa ordem toda emanava dele, embora soubesse que lhe estava sendo imposta.

Outras pessoas têm experiências dessas quando, deitadas à sombra de uma sebe no verão, as abelhas zumbem, o sol passa pequeno e duro pelo céu claro e leitoso; o mundo, então, gira como um brinquedo mecânico ao redor delas. Em Moosbrugger a mera visão geométrica de sua cela já provocava essa sensação.

Ele notou que tinha um desejo louco de comida boa; sonhava com isso, e de dia os contornos de um bom prato de porco assado pairavam com insistência quase sinistra diante de seus olhos sempre que sua mente retornava de outras ocupações. “Dois pratos!”, ordenava então Moosbrugger. “Ou três!” E pensava isso com tal intensidade, aumentando avidamente a fantasia, que num momento sentia-se repleto, nauseado, empanturrado em pensamento. “Por que quando se come logo vem essa impressão de estourar?”, ponderava, balançando a cabeça. Entre comer e estourar, estão todos os prazeres do mundo; ah, que mundo, a gente pode dar cem exemplos de como é pequeno esse espaço! Só um exemplo: uma mulher que a gente não possui é como quando a lua sobe cada vez mais alto à noite, e suga, suga o nosso coração; mas quando a possuímos, temos vontade de esmagar a cara dela com a bota. Por que será assim? Ele se lembrava de lhe terem perguntado isso muitas vezes. Podia-se responder que mulheres são mulheres e homens; porque eles correm atrás delas. Mas aqueles que interrogavam também não queriam compreender isso direito. Queriam saber por que ele imaginava que as pessoas conspiravam contra ele. Como se até seu próprio corpo não tivesse conspirado com elas! Isso fica muito evidente quando se trata de mulheres. Mas também com homens seu corpo se entendia melhor do que ele próprio. Uma palavra puxa a outra, a gente sabe como se portar, e fica o dia todo girando um em torno do outro, e num instante se ultrapassa a estreita faixa na qual se pode conviver com o outro sem perigo: mas se o culpado era seu corpo, ele que o livrasse da situação. Desde quando se recordava, Moosbrugger estivera aborrecido, ou com medo, e seu peito, com os braços, se jogava para diante como um cachorro grande a quem isso foi ordenado. Mais que isso, nem mesmo Moosbrugger podia entender; o espaço entre amabilidade e repulsa é estreito, e quando as coisas vão por aí, logo se está num terrível aperto.

Ele recordava muito bem que as pessoas que sabem se expressar com palavras estrangeiras, e que estavam sempre julgando seus atos, muitas vezes o tinham censurado: “Mas isso não é motivo para ir logo matando outra pessoa!” Moosbrugger dava

de ombros. Já se matou gente por algumas moedas, ou em troca de nada, ou porque alguém teve a pretensão de matar. Mas ele se valorizava, não era um desses. A censura começara a impressioná-lo; teria gostado de saber por que de tempos em tempos se sentia tão apertado, ou como quer que chamassem isso, a ponto de ter de abrir espaço com violência, para o sangue poder voltar a circular em sua cabeça.

Ele refletia. Mas com a reflexão não acontecia a mesma coisa? Quando começava uma boa fase para se refletir, ele tinha vontade de rir de alegria. Então os pensamentos não comichavam mais debaixo do crânio, mas de repente havia apenas um único pensamento. A diferença era tão grande quanto entre o trotar de uma criancinha e a dança de uma linda mulher. Parecia feitiço. Tocam acordeão, há uma luz sobre a mesa, as mariposas da noite estivai entram voando: assim, todas as idéias caíam agora na luz de uma só, ou Moosbrugger as pegava com seus grandes dedos quando se aproximavam, e esmagava-as, e por um momento as via entre os dedos, bizarras como pequenos dragões. Uma gota do sangue de Moosbrugger tombara no mundo. Não se podia ver isso porque estava escuro, mas ele sentia o que acontecia no invisível. Lá fora, coisas confusas se desemaranhavam. O que era enrugado ficava liso. Uma dança silenciosa substituía aquele zumbido insuportável com que o mundo costumava atormentá-lo. Tudo o que acontecia era belo, agora; assim como uma moça feia fica bonita quando não está mais sozinha, mas outras a pegam pela mão, a levam consigo na ciranda, e o rosto ergueu uma escada pela qual outros já olham para baixo. Era muito estranho, e quando Moosbrugger abria os olhos e encarava as pessoas que estavam por perto, numa hora dessas em que tudo lhe obedecia na dança, também elas lhe pareciam belas. Então não conspiravam contra ele, não formavam nenhum muro, e via-se que era só o esforço de o enganar que deformava o rosto das pessoas e das coisas, como um pecado. Então, Moosbrugger dançava diante delas. Uma dança digna e invisível, ele que na vida nunca dançara com ninguém, levado por uma música que se tornava cada vez mais recolhimento e sono, regaço da mãe de Deus e, por fim, a própria paz de Deus, um estado maravilhosamente inacreditável, dissolvido como a morte; dançava dias a fio, sem que ninguém visse, até tudo sair dele, ficar do lado de fora, duro e tênue como uma teia de aranha arruinada pela geada pendendo das coisas.

Quem não passou por isso, como pode julgar sobre o resto? ! Depois dos dias e semanas leves em que Moosbrugger praticamente conseguia sair da própria pele, voltavam sempre os longos períodos de encarceramento. Os cárceres públicos não eram nada diante disso. Quando queria pensar, tudo nele se encolhia, amargamente vazio. Odiava os centros operários e cursos populares onde lhe queriam dizer como pensar; ele, que ainda se lembrava de como os pensamentos podiam dar grandes passos de pernas-de-pau em seu interior! Então arrastava-se pelo mundo com solas de chumbo, esperando encontrar um lugar onde tudo voltasse a ser diferente.

Hoje só conseguia sorrir desdenhosamente dessa esperança. Nunca conseguira encontrar o meio entre seus dois estados, onde talvez pudesse deixar-se ficar. Estava farto. Sorria magnífico para a morte.

Aliás, já vira muita coisa. A Baviera e a Áustria, até a Turquia lá embaixo. E muita coisa acontecera, que ele lera nos jornais no tempo de sua vida. Ao todo, um tempo movimentado. Secretamente, estava bastante orgulhoso por ter vivido nele. Pensando bem, isoladamente era tudo confuso e árido, mas afinal seu caminho passava pelo meio e agora estava bem visível, do nascimento à morte. Moosbrugger não



sentia em absoluto que o quisessem executar, ele próprio se executava, com ajuda dos outros: era assim que encarava o que tinha de acontecer. E tudo estava de alguma forma unido numa só coisa: as estradas, as cidades, os guardas e os pássaros, os mortos e a morte dele. Ele próprio não entendia isso inteiramente, e os outros ainda menos, embora soubessem falar mais a respeito.

Ele escarrou e refletiu sobre o céu, que parece uma ratoeira recoberta de tecido azul. “Na Eslováquia eles fazem umas ratoeiras altas e redondas”, pensou.

## A LIGAÇÃO COM GRANDES COISAS

Há muito devia-se ter mencionado uma circunstância que surge em várias ligações; a fórmula poderia ser: não há nada tão perigoso para o espírito quanto sua ligação com grandes coisas.

Uma pessoa anda por uma floresta, sobe uma montanha e vê o mundo estendido à sua frente, lá no fundo; contempla o filho que lhe colocam nos braços pela primeira vez; saboreia a felicidade de assumir alguma posição invejada por todos; e perguntamos: o que se passa agora no seu interior? Certamente pensa que são muitas coisas profundas e graves; mas não tem a presença de espírito de tomá-las ao pé da letra. O admirável diante e fora dela, que a encerra como um invólucro magnético, suga seus pensamentos para fora. Seus olhares se prendem a mil detalhes, mas ela se sente mal, como se tivesse gasto toda a sua munição.

Lá fora, uma hora cheia de alma, de sol, grande ou profunda, recobre o mundo com uma prata galvanizada, entrando por todas as folhinhas e veiazinhas; mas em sua outra extremidade, a pessoal, logo se percebe uma certa falta de substância interior, surge por assim dizer um grande, redondo e vazio “O”. Esse estado é o sintoma clássico de haver tocado tudo o que é eterno e grande, bem como de se estar no ápice da humanidade e da natureza. Pessoas que preferem a companhia de grandes coisas — entre elas estão também as grandes almas para as quais, aliás, não existem coisas pequenas — têm involuntariamente o interior extraído na forma de uma ampla superficialidade.

Por isso também se poderia designar o perigo da ligação com grandes coisas como uma lei de sobrevivência da matéria espiritual, e parece ser algo bastante generalizado. As falas de pessoas importantes, que agem em grande escala, habitualmente têm menos conteúdo do que as nossas. Pensamentos que têm uma relação particularmente próxima com objetos especialmente dignos, habitualmente pareceriam bastante retardados caso não fosse esse privilégio. Nossas tarefas mais caras, relacionadas com a nação, a paz, a humanidade, a virtude e outras coisas desse tipo carregam em suas costas a flora espiritual mais banal. Seria um mundo bastante distorcido; mas quando se pensa que o tratamento de um tema pode ser tanto mais insignificante quanto mais importante o tema, vê-se que é um mundo da ordem.

Mas essa lei, que tanto pode colaborar para a compreensão da vida intelectual européia, não aparece sempre muito claramente, e em termos de transição de um

grupo de grandes objetos para outro, o espírito que procura servir aos grandes objetos poderá até parecer subversivo, embora esteja apenas trocando de uniforme. Uma transição dessas já se percebia naquele tempo, quando as pessoas de quem aqui se fala viveram seus triunfos e suas preocupações. Assim, por exemplo, já havia livros, para começar com um objeto que Arnheim valorizava muito, que eram vendidos em enormes edições, mas ainda não eram muito respeitados, embora já então apenas gozassem de maior respeito os livros com edições razoavelmente altas. Havia indústrias influentes, como a do futebol ou tênis, mas ainda se hesitava em dedicar-lhes disciplinas nas escolas técnicas superiores. Em suma: se foi o saudoso arruaceiro e Almirante Drake quem introduziu as batatas da América, acabando com as fomes periódicas na Europa, ou se foi o menos saudoso, muito culto e igualmente brigão e Almirante Releigh, ou se foram anônimos soldados espanhóis, ou quem sabe o bravo vigarista e mercador de escravos Hawkins — por muito tempo ninguém pensou em, por causa das batatas, julgar esses homens mais importantes do que, por exemplo, o físico Al Chirazi, de quem só se sabe que explicou corretamente o arco-íris. Mas, com a era burguesa, começara uma revalorização dessas façanhas, e no tempo de Arnheim ela avançara bastante, só contida em parte por velhos preconceitos. A quantidade do efeito e o efeito da quantidade, como novo e evidente objeto de veneração, ainda lutava contra uma veneração antiquada, cega, aristocrática, da grande qualidade; mas, no mundo das idéias, já tinham nascido daí os mais loucos compromissos, em particular a idéia do grande espírito, que, assim como o conheceram as últimas gerações, tem de ser uma síntese da importância pessoal e da importância das batatas, pois esperava-se por um homem que tivesse a solidão do gênio, mas também fosse compreendido por todos, como um rouxinol.

Era difícil prever o que apareceria, pois normalmente só se percebe o perigo da ligação com grandes coisas quando a grandeza dessas coisas está meio corroída. Nada é mais fácil do que sorrir do contínuo que em nome de Sua Majestade tratou com desdém o público; mas se o homem que, em nome do amanhã, trata o hoje de alto para baixo é um contínuo ou não, isso habitualmente não sabemos enquanto não for depois de amanhã. O perigo da ligação com grandes coisas tem uma característica muito desagradável: as coisas mudam, mas o perigo permanece o mesmo.

## É PRECISO ACOMPANHAR OS TEMPOS

O Dr. Arnheim recebera a visita anunciada de dois funcionários destacados de sua firma, e conferenciara longamente com eles; pela manhã, documentos e cálculos encontravam-se em desordem pelo salão, à espera do secretário. Arnheim tinha de tomar decisões, os emissários queriam aproveitar um trem da tarde para o retorno, e, como sempre, ele saboreava essas circunstâncias porque lhe proporcionavam certa tensão. “Em dez anos”, refletiu, “a técnica estará tão avançada que a firma terá seus próprios aviões; então também vou poder dirigir meu pessoal num veraneio no Himalaia.” Como já tivesse tomado suas decisões à noite, só devendo examiná-las mais uma vez à luz do dia para as aprovar, estava livre naquele momento; mandara trazer o café da manhã ao quarto, e entregava-se ao relaxamento espiritual enquanto fumava o

charuto da manhã, pensando na reunião da noite anterior em casa de Diotima, que tivera de abandonar mais cedo.

Dessa vez fora um grupo muito interessante; grande número dos visitantes abaixo de trinta anos, quando muito trinta e cinco, quase na fase da boêmia, mas já conhecidos e notados pelos jornais; não eram apenas da terra, mas convidados de todas as partes, atraídos pela notícia de que na Kakânia uma mulher das altas rodas abria caminho para o intelecto no mundo. Por vezes quase se tinha a impressão de estar num café, e Arnheim sorriu pensando em Diotima, que parecia assustada dentro de sua própria casa; mas, na opinião dele, fora instigante e, de qualquer forma, uma experiência extraordinária. Sua amiga, decepcionada com os infrutíferos encontros de homens muito importantes, fizera uma decidida tentativa de atrair os espíritos mais modernos para a Ação Paralela, e as relações de Arnheim lhe tinham sido bastante úteis nesse sentido. Ele apenas balançava a cabeça recordando as conversas que tivera de escutar; achava tudo muito maluco, mas “é preciso ser tolerante com a juventude”, pensou; “se simplesmente a rejeitamos nos tornamos muito antipáticos”. Portanto, se se pode falar assim, sentia-se seriamente divertido com tudo aquilo, pois fora muita coisa de uma vez só.

O que era mesmo que eles queriam mandar para o diabo? A experiência. Aquela experiência pessoal, por cujo calor de terra, por cujo realismo, o Impressionismo se apaixonara há quinze anos, como se fosse uma planta miraculosa. Agora, diziam que o Impressionismo era lânguido e confuso. Pediam controle da sensualidade, e síntese intelectual!

Síntese para eles seria o contrário de ceticismo, psicologia, análise e dissecação, em suma, das tendências literárias dos seus pais? Até onde se podia entender, não falavam num sentido muito filosófico: o que compreendiam por “síntese” era antes o anseio de seus jovens ossos e músculos desejosos de movimento livre, saltar e dançar, recusando qualquer estorvo da crítica. Quando lhes servia, não hesitavam em também mandar a síntese ao diabo, junto com a análise e toda a reflexão. Então afirmavam que o espírito tinha de ser estimulado pela seiva da vida. Habitualmente eram membros de outro grupo que afirmavam isso; mas às vezes, naquele fervor, eram os mesmos.

Que palavras fantásticas usavam! Exigiam o temperamento intelectual. O estilo de pensamento rápido, que salta ao peito da vida. O cérebro afilado do homem cósmico. O que mais ele escutara?

A reformulação do homem dentro do plano de trabalho mundial americano, através da força mecanizada. O lirismo aliado à mais intensa dramaticidade da vida. O tecnicismo, espírito da era da máquina.

Blériot — exclamara um deles — estava naquele momento flutuando sobre o Canal da Mancha numa velocidade de cinquenta quilômetros horários! Era preciso escrever esse poema-dos-cinquenta-quilômetros, e jogar no lixo toda a outra literatura mofada!

Exigiam o acelerismo, o aumento máximo da velocidade das experiências de vida através da biomecânica esportiva e da precisão acrobática!

A renovação fotogênica através do cinema.

Depois, um deles dissera que o homem era um misterioso espaço interior, por isso era preciso colocá-lo em relação com o cosmos através de cone, esfera, cilindro e

cubo. Mas também se afirmou o contrário, dizendo que a concepção artística individualista que fundamentava essa idéia estava liquidada; era preciso dar ao novo homem uma nova sensação de moradia através de construções populares e conjuntos habitacionais. E enquanto se formava assim um partido individualista e outro social, surgira um terceiro, objetando que só artistas religiosos eram verdadeiramente sociais. Depois, um grupo de novos arquitetos reclamou para si a liderança, pois o objetivo da arquitetura era a religião; além disso, teria os efeitos colaterais do amor da pátria e permanência no solo. O grupo religioso, reforçado pelo cubista, interveio dizendo que a arte não era assunto secundário mas central, uma realização de leis cósmicas; mas em seguida o grupo religioso foi novamente abandonado pelo cubista, que se aliou aos arquitetos, afirmando que a relação com o cosmos acontecia melhor através de formas espaciais que tornavam o individual típico e válido. Alguém disse que era preciso olhar para dentro da alma humana, para fixá-la então em três dimensões. E alguém fez a pergunta agressiva e de muito efeito: afinal, o que era mais importante — dez mil homens famintos ou uma obra de arte?

Como quase todos fossem artistas, defendiam a opinião de que a recuperação espiritual da humanidade só se daria pela arte, apenas não conseguiam concordar quanto à natureza dessa recuperação e as exigências que, em favor dela, se deveriam fazer à Ação Paralela. Agora, porém, o grupo social original voltou a tomar a palavra, articulando novas vozes. A pergunta sobre o que seria mais importante, dez mil pessoas famintas ou uma obra de arte, transformou-se em outra: se dez mil obras de arte compensariam a miséria de uma pessoa? Artistas corpulentos exigiram que o artista não se desse tanta importância; ele deveria deixar de se autoglorificar, deveria passar fome, e socializar-se, era isso que queriam! Alguém disse que a vida era a grande e única obra de arte; uma voz forte objetou: não é a arte que une, é a fome! Uma voz do compromisso lembrou então que o melhor meio de combater a supervalorização do eu na arte era uma saudável base artesanal. E depois dessa opinião de compromisso alguém aproveitou a pausa nascida do cansaço ou da repulsa mútua, e perguntou outra vez, calmamente, se alguém ali acreditava poder conseguir qualquer coisa enquanto não fosse pelo menos estabelecido o contato entre homem e espaço! Isso deu o sinal para que o tecnicismo, o acelerismo e assim por diante voltassem a falar, e o debate continuou indo e vindo um bom tempo ainda. Por fim, acabaram chegando a um acordo, porque queriam ir para casa e também obter algum resultado; concordaram assim uns com os outros numa afirmação que dizia mais ou menos isto: os tempos presentes são cheios de expectativa, impaciência, descontrole e infelicidade; o Messias em quem se espera e por quem se espera., porém, ainda não está à vista.

Arnheim ficou um momento refletindo.

Tinha havido sempre um grupo ao redor dele; quando pessoas que escutavam mal ou não conseguiam se impor se afastavam dele, eram logo substituídas por outras; ele fora decididamente o centro dessa nova congregação, ainda que isso nem sempre ficasse evidente naqueles debates bastante malcriados. Ele há muito conhecia os assuntos debatidos. Sabia das relações do cubo; construía bairros-jardins para seus empregados; a inteligência e o ritmo das máquinas lhe eram familiares; sabia falar da visão de uma alma, e metera dinheiro na incipiente indústria cinematográfica. Reconstituindo o teor dos debates lembrou-se além do mais que não tinham transcorrido tão ordenados como sua memória os registrara. Tais conversas têm um curso singular, como se se colocassem os partidos de olhos vendados num polígono, mandando

que atacassem, armados de paus; é um espetáculo confuso e cansativo, sem lógica. Mas não será uma imagem do curso das coisas em geral? Também este não nasce das proibições e leis da lógica, que quando muito têm a eficácia de uma polícia, mas vem dos desordenados impulsos do espírito.

Eram essas as indagações de Arnheim ao recordar a atenção que recebera, e achou que também se podia dizer que a nova maneira de pensar se parecia com a livre-associação quando a razão se afrouxa, procedimento muito excitante.

Excepcionalmente ele acendeu um segundo charuto, embora de hábito não se permitisse essas fraquezas sensuais. E enquanto segurava o fósforo e tensionava os músculos do rosto para as primeiras tragadas, teve de sorrir de repente, lembrando do pequeno general que lhe falara durante o encontro. Como Arnheim possuísse uma fábrica de peças de canhão e tanques, preparados para uma imensa produção de munições em caso de emergência, compreendera muito bem quando aquele general meio esquisito, mas simpático (que falava bem diferente dos generais prussianos; mais frouxo, mais natural, mas também abençoado por uma velha cultura! Ainda que se devesse acrescentar: uma cultura decadente), se reunira a ele falando-lhe de maneira familiar — e suspirando, com ares filosóficos! — sobre os debates daquela noite, que tinham, ao menos em parte, um caráter radicalmente pacifista.

É claro que, como único oficial presente, o general não se sentia muito à vontade, e queixou-se da oscilação da opinião pública, porque algumas frases sobre a santidade da vida humana foram aplaudidas. “Não entendo essa gente”. Com essas palavras dirigira-se a Arnheim, pedindo-lhe explicação como a um intelectual de destaque internacional: — Não entendo por que essa gente nova fala de “generais sanguinários”! Tenho a impressão de que compreendo muito bem os cavalheiros mais idosos que normalmente aparecem aqui, embora não sejam nada militares. Por exemplo, quando aquele poeta famoso — não sei o nome dele, aquele senhor idoso, graúdo, com barriga, que fez aqueles versos sobre os deuses gregos, as estrelas e as eternas emoções humanas; a dona da casa me disse que ele é um poeta de verdade, em tempos que normalmente só produzem, quando muito, pessoas inteligentes — pois então, como eu dizia, não li nada dele mas certamente o compreenderia se sua importância vem de ele não se interessar por coisas pequenas; afinal, nós militares chamaríamos isso de estrategista. Se me permite um exemplo menor, o sargento naturalmente precisa cuidar do bem-estar de cada homem de sua companhia; mas o estrategista calcula um milhar de homens como se fosse uma unidade menor, e também tem de poder sacrificar por vezes dez unidades dessas, se um objetivo maior o exigir. Acho ilógico falar-se num caso de general sanguinário e no outro de idéias eternas. E peço que me explique isso, se for possível!

A singular situação de Arnheim naquela cidade e naquela sociedade despertara nele a vontade de ironizar, que habitualmente controlava. Sabia a quem o pequeno general se referia, embora não demonstrasse isso; além do mais, não interessava, ele próprio poderia ter acrescentado outros exemplos daquele tipo. Não se podia ignorar que haviam feito má figura naquela noite.

Recordando aquilo com certo desagrado, Arnheim reteve a fumaça do charuto entre os lábios abertos. Sua própria situação naquele círculo nem sempre fora fácil. Apesar de sua importância, ouvira vários comentários maldosos, que pareciam dirigir-se a ele; muitas vezes amaldiçoavam coisas que ele amara na juventude, assim como esses jovens de hoje amavam as idéias de sua geração. Era uma sensação muito es-

tranha, quase sinistra, ser venerado por jovens que no mesmo sopro escarneciam de um passado do qual ele próprio secretamente participava; Arnheim sentia-se dotado de elasticidade, capacidade de transformação, iniciativa, daquela audaciosa inescrupulosidade de uma consciência suja bem dissimulada. Pensou célere no que o separava dessa nova geração. Os jovens se contradiziam em tudo, e a única coisa em que concordavam era a necessidade de atacar a objetividade, a responsabilidade intelectual, a personalidade equilibrada.

Uma circunstância especial permitiu a Arnheim sentir uma vaga alegria maligna. A supervalorização de alguns de seus contemporâneos nos quais o elemento pessoal se destacava grandemente, sempre lhe fora antipática. Um adversário distinto como ele naturalmente não dava nomes nem em pensamento, mas ele sabia muito bem em quem pensava. “Um rapaz modesto e sóbrio, de distintos prazeres desejoso” — para usar as palavras de Heine, que Arnheim secretamente amava, e citava para si mesmo naquele instante. “É preciso louvar seus esforços e seu zelo na poesia... a amarga labuta, a indizível persistência, as ferozes fadigas com que trabalha seu verso...” “As Musas não o favorecem, mas ele tem na mão o gênio da língua.” “Ele chama de grande façanha com as palavras esse inquietante cabresto que se impõe.” Arnheim tinha excelente memória, e podia citar de cor páginas inteiras. Deixou o pensamento correr. Admirava Heine, um homem que combatia seu tempo, que pre-vira acontecimentos só agora plenamente reconhecidos; isso o inspirava em suas próprias realizações, quando se dirigiu ao segundo defensor do grande idealismo alemão, o poeta do general. Era o tipo intelectual gordo, que substituíra o magro. Seu idealismo solene correspondia àqueles grandes e profundos instrumentos de sopro na orquestra, que parecem caldeiras de locomotivas erguidas no ar, produzindo grunhi-dos e roncões desmesurados. Com um só tom, recobrem mil possibilidades. Espirram enormes jatos de emoções eternas. Quem puder soprar versos dessa forma, pensou Arnheim com alguma amargura, é considerado hoje em dia poeta, diferenciado de literato. Por que não o consideraram logo general? Gente desse tipo também sabe lidar com a morte, e sempre precisa de alguns milhares de mortos para saborear com dignidade cada momento da vida.

Mas então alguém afirmara que até o cachorro do general, que uiva para a lua numa noite perfumada de rosas, se interrogado, responderia: o que é que vocês querem? É a lua, são os eternos sentimentos de minha raça; exatamente como diria, pelo mesmo motivo, um daqueles cavalheiros famosos. Até poderia acrescentar que sua emoção sem dúvida era intensa, sua expressão ágil mas simples, que o público o entendia; e quanto a seus pensamentos, recuavam diante das emoções, mas isso correspondia precisamente às exigências vigentes, e jamais fora obstáculo para a literatura.

Desagradavelmente tocado, Arnheim reteve mais uma vez a fumaça do charuto entre os lábios que funcionavam como fronteira entre pessoa e mundo exterior. Elogiara em todas as ocasiões alguns daqueles poetas puros, porque era de bom-tom; em algumas ocasiões até os ajudara com dinheiro; mas na verdade, não suportava nem a eles nem a seus versos empolados, e só agora percebia isso. “Esses cavalheiros heráldicos, que não conseguem nem se sustentar”, pensou, “no fundo deviam estar num parque de reserva nacional com os últimos bisões e águias!” Mas a noite decorrida revelara que já não era hora de ajudá-los, e a reflexão de Arnheim encerrou-se, portanto, com algum lucro.

## DESTRONIZAÇÃO DA IDEOCRACIA

Provavelmente é um fenômeno bem fundamentado que tempos, cujo espírito parece uma feira livre, tenham como antítese poetas que nada têm a ver com seu tempo. Eles não se sujam com pensamentos contemporâneos, produzem por assim dizer poesia pura, falam a seus seguidores com o dialeto morto da grandeza, como se estivessem por pouco tempo, de passagem, na Terra, acabando de voltar da eternidade, como um homem que há três anos foi para a América, e ao voltar para casa já fala alemão com sotaque. É mais ou menos como tamparmos um buraco vazio com uma cúpula vazia: o vazio superior apenas aumenta o vazio vulgar, e, assim, nada é mais natural do que, a uma época de culto à personalidade, suceder outra que não dê valor algum à responsabilidade e grandeza.

Com a confortável sensação de estar seguro contra qualquer prejuízo, Arnheim procurou cautelosa e provisoriamente adaptar-se a uma situação que suspeitava ser iminente. Não era pouca coisa. Pensava em tudo o que vira nos últimos anos, na América e Europa; na nova paixão da dança, quer se dançasse Beethoven profundamente ou expressando, pelo ritmo, uma nova sensualidade; pensou na pintura, em que se devia exprimir um máximo de relações espirituais com um mínimo de linhas e cores; no cinema, em que um gesto de significado conhecido arrebatava o mundo todo por um pequeno detalhe inovador; e finalmente pensou no homem comum, que já naquele tempo, persuadido do valor do esporte, pensava poder apossar-se do grande seio da natureza esperneando como uma criança.

O que mais chama atenção em todos esses fenômenos é uma tendência para a alegoria, se entendermos com essa palavra uma relação espiritual na qual tudo significa mais do que lhe compete honestamente. Pois assim como um elmo e duas espadas cruzadas lembravam à sociedade barroca os deuses e suas histórias, e que não foi um cavaleiro João que beijou a mão da dama Joana, mas um Deus da Guerra que beijou uma Deusa da Castidade, assim João e Joana, quando se bolinam hoje em dia, vivem o ritmo do seu tempo, ou qualquer outra imagem tirada dessa coleção de dez dúzias de novos modelos, que já não formam um Olimpo a pairar sobre alamedas de teixos, mas toda a confusão dos tempos modernos. No cinema, no teatro, no palco de danças, no concerto, automóvel, avião, na água, ao sol, nas alfaiatarias e nos escritórios comerciais, surge constantemente uma gigantesca superfície de impressões e expressões, gestos, atitudes e vivências.

Muito nítidos em detalhes exteriores, esses acontecimentos lembram um corpo a girar velozmente, em que tudo é impelido para a superfície e ali se liga, enquanto o interior permanece informe, tumultuado e impetuoso. E se Arnheim tivesse podido ver alguns anos à sua frente, teria visto que mil novecentos e vinte anos de moral cristã, milhões de mortos de uma terrível guerra, e uma floresta alemã de poemas bradando sobre o pudor feminino não conseguiram adiar uma só hora o fato de um dia as saias e cabelos das mulheres começarem a encurtar; e teria visto as jovens européias despindo-se de proibições milenares como bananas que se vão descascando, nuas. Teria visto outras mudanças que julgaria impossíveis, e não importava o que fosse durar ou desaparecer, desde que se pensasse nos grandes e provavelmente vãos esforços que custaria conduzir essas mudanças pelo criterioso caminho da evolução

espiritual, com filósofos, pintores e poetas, em vez de trilhar o caminho dos alfaiates, moda e acaso. Pois com isso pode-se calcular a força criadora da superfície, comparada com a estéril teimosia da mente.

Arnheim julgava isso a destronização da ideocracia, da mente, a transferência do espírito para a periferia, a última problemática. Na verdade, a vida sempre seguiu esse caminho, constantemente transformando pessoas de fora para dentro; antigamente a diferença era que nos sentíamos obrigados a também produzir algo de dentro para fora. Até o cão do general, de quem se lembrou naquele instante com simpatia, jamais poderia entender outra evolução das coisas, esse fiel companheiro que o estável e obediente homem do século passado formou à sua imagem e semelhança. Mas seu primo, o galo das estepes, que passa horas a fio dançando, haveria de compreender tudo. Quando arrufa as penas e raspa as patas no chão, provavelmente tem mais alma do que um erudito encadeando idéias diante de sua escrivaninha. Pois, afinal, todos os pensamentos emanam das articulações, músculos, glândulas, olhos, ouvidos e das vagas impressões gerais que esse saco de pele, a que pertencem, pode ter. Talvez os séculos passados tenham cometido grave erro valorizando tanto razão e sensatez, convicção, conceito e caráter; era como se considerássemos o arquivo e o registro a parte mais importante de um ministério, porque eles têm seu escritório na sede central, embora sejam apenas repartições auxiliares que recebem instruções de fora.

De repente, possivelmente estimulado por pequenos fenômenos de dissolução provocados pelo amor, Arnheim descobriu onde poderia encontrar o pensamento salvador que pusesse ordem naquela confusão intrincada: ligava-se de alguma forma simpática com a idéia de aumento de produção. Um aumento na produção de pensamentos e experiências era inegável nessa nova época e tivera mesmo de surgir para evitar qualquer elaboração intelectual que esbanjasse tempo. Arnheim imaginava o cérebro do tempo substituído por oferta e demanda, o pensador criterioso pelo comerciante, e saboreou involuntariamente o comovente espetáculo de uma gigantesca produção de experiências que se juntam e soltam livremente, uma espécie de pudim nervoso que tremelica por toda parte ao menor abalo, um enorme tanta que reboa terrivelmente mal o tocamos. O fato de essas imagens não combinarem entre si era consequência do estado sonhador em que colocavam Arnheim; pois lhe parecia que exatamente uma vida assim se poderia comparar a um sonho no qual se estivesse ao mesmo tempo, do lado de fora, com os acontecimentos mais singulares, e dentro, no meio, deitado quieto, com um Eu vaporoso, por cujo vácuo os sentimentos brilham azulados como lâmpadas fluorescentes. A vida pensa em torno da pessoa, e dançando estabelece ligações que ela, quando emprega a razão, só a muito custo realiza, e sem aquele efeito de caleidoscópio.

Portanto, Arnheim refletia como homem de negócios e ao mesmo tempo excitava-se até os vinte dedos dos pés e das mãos, imaginando a livre relação corpo-e-espírito dos próximos tempos, e não lhe pareceu impossível que estivesse por suceder algo coletivo, pan-lógico, e que, abandonando o individualismo desgastado, estivéssemos voltando a uma reforma do paraíso, para levar, ao isolamento do Jardim do Eden, um programa novo e variado, com toda a superioridade e inventividade da raça branca

Só uma coisa o perturbava. Pois assim como um homem tem, no sonho, capacidade de inserir num acontecimento alguma emoção inexplicável que divide a pessoa em dois, temos a mesma capacidade na vigília, mas apenas aos quinze ou dez-



seis anos, quando estamos na escola. Aí também há na pessoa grandes tumultos, estímulos, experiências informes; os sentimentos são muito agitados, mas não muito bem distintos uns dos outros. Amor e raiva, felicidade e sarcasmo, em suma, todas as abstrações morais, são acontecimentos pulsantes que ora recobrem o mundo inteiro, ora se encolhem e anulam; tristeza, ternura, grandeza e nobreza escavam céus altos e vazios. E o que acontece? De fora, do mundo articulado, chega uma forma pronta — uma palavra, um verso, um riso diabólico, chegam Napoleão, César, Cristo ou talvez apenas a lágrima no túmulo paterno —, e surge a obra, numa ligação rápida como um raio. Essa obra de aluno do secundário, esquecemos isso facilmente, é traço a traço uma expressão mais perfeita da emoção, a mais exata coincidência de intenção e realização, a perfeita inserção das experiências de um jovem na vida do grande Napoleão. Mas parece que a relação do grande com o pequeno não é reversível. Vivemos isso no sonho e na juventude, quando pronunciamos um grande discurso e ao acordar infelizmente ainda apanhamos as últimas palavras, vendo que afinal não eram tão bonitas como nos pareciam. E não nos sentimos tão cintilantes e leves como o galo que dança, apenas uivamos para a lua com muita emoção, como o cãozinho do senhor general, várias vezes citado.

Então não podia estar tudo certo, refletiu Arnheim, animando-se, mas é preciso seriamente andar com o seu tempo, acrescentou, alerta; pois afinal, o que lhe interessava mais do que aplicar à produção da vida esse comprovado princípio de fabricação?

91

## ESPECULAÇÃO SOBRE ESPÍRITO EM ALTA E EM BAIXA

Os encontros prosseguiram num curso regular e rápido. O subsecretário Tuzzi falou com o “primo” no “concílio”.

— Sabe que tudo isso já aconteceu uma vez?

E com os olhos indicou a humanidade fervente na casa que agora lhe parecia estranha embora fosse sua.

— Nos inícios do Cristianismo; nos séculos próximos ao nascimento de Cristo. Naqueles tempos formaram-se no caldeirão cristão-levantino-helênico-judaico incontáveis seitas. — E começou a citá-las: — Os adamitas, caninitas, ebionitas, coloridianos, arcônticos, encratitas, ofitas... — Com uma singular lentidão apressada, como quando alguém pretende dissimular a nervosa agilidade de seus atos, apresentou uma longa lista de associações religiosas pré-cristãs ou dos inícios do Cristianismo; dava a impressão de que ele quisesse cuidadosamente fazer o primo de sua mulher entender que sabia mais sobre o que acontecia em sua casa do que, por razões especiais, costumava demonstrar.

E prosseguindo, sob pretexto de comentar os nomes citados, disse que uma seita era contra o casamento porque exigia castidade, enquanto a outra exigia castidade mas, comicamente, pretendia atingir esse objetivo através de rituais lascivos. Os membros de uma seita se mutilavam porque consideravam a carne feminina invenção do diabo, em outras, homens e mulheres se encontravam nus nas reuniões da igreja.

Crentes que gostavam de filosofar e chegaram à conclusão de que a serpente que seduzira Eva no Paraíso fora uma pessoa divina, praticavam sodomia; outros não toleravam virgens porque, segundo sua convicção religiosa, a Virgem Mãe de Deus tivera outros filhos além de Jesus, de modo que a virgindade era um erro perigoso. Uns sempre faziam o contrário do que os outros praticavam, e todos por motivos e convicções mais ou menos parecidos.

Tuzzi contou isso com a gravidade que os fatos históricos exigem, ainda que sejam esquisitos, e com um vago tom de piada masculina. Estavam parados junto à parede; o subsecretário jogou o resto de seu cigarro num cinzeiro com um sorrisinho aborrecido, continuou olhando distraidamente o burburinho de gente, e encerrou, como se quisesse apenas falar o tempo de duração de um cigarro, dizendo:

— Acho que essa diversidade de opiniões e conceitos subjetivos lembra bastante as disputas de nossos literatos. Amanhã terão acabado. Se, por várias circunstâncias históricas, um sistema sacerdotal burocrático com eficiência política não tivesse aparecido em tempo, não haveria hoje praticamente rastro da fé cristã...

Ulrich aprovou:

— Burocratas da fé pagos pela comunidade não brincam com regulamentos. Aliás, eu acho que somos injustos para com nossas qualidades vulgares; sem a confiabilidade delas não poderia haver história, pois os esforços espirituais são eternamente litigiosos e fúteis.

O subsecretário ergueu os olhos, desconfiado, e logo os desviou outra vez. Manifestações desse tipo lhe pareciam desinibidas demais. Mas tratava o primo de sua mulher com grande amabilidade e familiaridade, embora mal o conhecesse. Ia e vinha, e dava a impressão de viver, no meio de tudo aquilo que se desenrolava em sua casa, num mundo à parte, cujo sentido mais alto ocultava de todos; mas por vezes parecia não conseguir resistir, e precisava revelar-se a alguém, ainda que num momento e indistintamente, e então era sempre com o primo que iniciava uma conversa. Era uma conseqüência da falta de valorização junto de sua esposa, apesar dos eventuais acessos de ternura. Nesses momentos, Diotima o beijava como uma menini-nha; uma menininha de talvez catorze anos quando cobre de beijos um menino mais moço, por sabe Deus que motivo. Involuntariamente, o lábio superior de Tuzzi se encolhia envergonhado debaixo do bigodinho crespo. As novas circunstâncias em sua casa deixavam-nos em uma situação absurda. Não esquecera a acusação de Diotima, de que ele roncava, lera também os escritos de Arnheim, e estava disposto a falar a respeito; muitas coisas podia aceitar, muitas condenar como erradas, algumas coisas não entendia, com aquela calma de quem acha que isso é azar do autor; mas sempre estivera habituado a emitir o juízo respeitado do homem experiente. A possibilidade atual de que Diotima o contrariasse sempre, e, portanto, a necessidade de entrar com ela nessas discussões frouxas, lhe pareciam uma alteração tão injusta em sua vida pessoal, que não conseguia decidir-se a uma explicação, preferindo meio inconscientemente até mesmo duelar com Arnheim.

Tuzzi fechou subitamente seus belos olhos castanhos, com ar aborrecido, e pensou que devia controlar mais suas emoções. O primo ao lado dele (na sua opinião, longe de ser homem com que devesse se aliar!) recordou-lhe a esposa, devido àquela vaga idéia de parentesco; há muito percebera também que Arnheim mimava discretamente aquele homem mais moço, e que o outro demonstrava uma evidente repulsa: eram duas observações não muito substanciais, mas bastaram para provocar em Tuzzi

a inquietante suspeita de uma inexplicável simpatia. Ele abriu os olhos castanhos e por algum tempo ficou olhando a sala com ar de coruja, sem ver nada direito.

O primo de sua esposa olhava em frente, como ele, com ar de tédio e familiaridade, e nem notara a pausa na conversa. Tuzzi achou que devia dizer alguma coisa; sentia-se inseguro como uma pessoa sofrendo de alucinações que poderiam ser traídas pelo silêncio.

— O senhor gosta de pensar mal de todas as coisas — comentou ele, sorrindo, como se aquela observação sobre os burocratas da fé só agora tivesse chegado ao seu ouvido —, e minha mulher provavelmente está certa ao rezear sua colaboração apesar do parentesco. Se me permite dizer, suas idéias sobre as outras pessoas tendem a ser uma especulação em baixa.

— Expressão excelente — retrucou Ulrich, contente —, embora eu tenha de admitir que não mereço tanto! Pois foi a história mundial que sempre especulou em baixa ou em alta com os homens; em baixa, através de astúcia e violência, em alta, mais ou menos como sua esposa tenta, pela fé na força das idéias. Também o Dr. Arnheim, até onde se pode confiar em suas palavras, é um especulador em alta. Em compensação, o senhor, sendo por profissão um especulador em baixa, deve ter nesse coro de anjos emoções que eu bem gostaria de conhecer.

E examinou com simpatia o subsecretário Tuzzi. Este tirou a cigarreira do bolso e deu de ombros:

— Por que acha que eu penso diferente de minha mulher? — replicou. Queria rejeitar o tom pessoal da conversa, mas reforçara-o com sua réplica. Por sorte, o outro não percebeu nada, e prosseguiu:

— Somos uma massa que assume, de um modo ou de outro, qualquer forma do espaço em que penetra.

— Pensamento difícil demais para mim — respondeu Tuzzi, esquivando-se. Ulrich alegrou-se. Era o oposto dele mesmo; apreciava imensamente conversar

com um homem que não reagia a provocações intelectuais, e cujo único meio de defesa disponível ou desejável era usar logo toda a sua pessoa como pretexto. Sua antipatia inicial por Tuzzi há muito se modificara sob a pressão da repulsa ainda maior que sentia pelo espalhafato que reinava naquela casa. Apenas não entendia por que Tuzzi tolerava tudo aquilo, e tecia várias conjecturas a respeito. Aprendia a conhecê-lo muito devagar, exteriormente, como a um animal que se observa, sem aquela visão que a palavra permite ter do interior das pessoas que falam por alguma necessidade, o que facilitaria tudo. Primeiro, agradara-lhe a aparência ressequida daquele homem, que mal tinha uma estatura mediana, e os olhos escuros, intensos, revelando muita insegurança, que não eram em absoluto os olhos de um funcionário público, mas também não combinavam com a pessoa que Tuzzi revelava nas conversas; a não ser que, como volta e meia acontece, fossem olhos de rapazinho a espreitar nos traços do homem, como janela de um recanto não usado, fechado e esquecido do seu interior.

A outra coisa que chamara a atenção do primo fora o cheiro do corpo de Tuzzi; era um odor chinês, ou de caixinhas de madeira seca, ou uma mistura de efeitos do sol, mar, exotismo, prisão de ventre, e discretos resquícios de barbearia. Esse aroma o fazia pensar; só conhecia duas pessoas com cheiro pessoal, Tuzzi e Moosbrugger. Quando percebia o odor levemente áspero de Tuzzi e pensava em Diotima, com sua grande superfície recoberta de um tênue aroma de pó-de-arroz que parecia não ocultar nada, chegava aos paradoxos de paixão a que não parecia corresponder em absoluto a

convivência um pouco cômica daquelas duas pessoas. Ulrich teve de recolher seus pensamentos até chegar àquela distância das coisas que se diz permissível, para poder retrucar a resposta esquivada de Tuzzi.

— É uma presunção de minha parte — começou ele de novo naquele tom um pouco entediado mas decidido que, em sociedade, exprime tristeza por ter de entediar também ao outro porque a situação não permite coisa melhor —, certamente é presunção minha tentar definir diplomacia na sua presença; mas espero que me corrija. Tentarei dizer que a diplomacia presume que se possa atingir uma ordem confiável das coisas unicamente utilizando a mentira, a covardia, o canibalismo, em suma, as sólidas baixezas do ser humano; ela é um idealismo em baixa, para usar novamente sua excelente expressão. E eu acho isso encantadoramente melancólico, pois pressupõe que a inconfiabilidade de nossas forças superiores nos facilita o caminho ao antropófago da mesma forma que permite o acesso à crítica da razão pura.

— Infelizmente — defendeu-se o subsecretário —, o senhor tem uma visão romântica da diplomacia, e, como tanta gente, confunde política com intriga. Isso pode estar correto para os tempos em que ela era exercida por príncipes, amadores nesse campo; mas não é correto num tempo em que tudo depende de considerações burguesas. Não somos melancólicos, mas otimistas. Temos de acreditar num futuro melhor, ou não resistiríamos diante de nossa própria consciência, que não é diferente da de outras pessoas. Se quiser realmente usar a palavra canibalismo, posso apenas dizer que o mérito da diplomacia é evitar que o mundo pratique canibalismo; mas para podermos fazer isso, precisamos acreditar em alguma coisa superior.

— E em que o senhor acredita? — interrompeu o primo sem rodeios.

— Ora, veja! — disse Tuzzi. — Não sou mais uma criança que possa responder a isso, assim, sem mais nem menos! Só quis dizer que quanto mais um diplomata sabe identificar-se com as correntes espirituais de seu tempo, tanto mais fácil lhe será exercer sua profissão. Inversamente, nas últimas gerações viu-se que precisamos de tanto mais diplomacia quanto maiores os avanços do espírito em todos os lados; mas isso é apenas natural!

— Natural? Mas o senhor acaba de dizer o mesmo que eu! — exclamou Ulrich, tão vivamente quanto permitia a imagem desejada de dois cavalheiros conversando moderadamente. — Eu demonstrei com dificuldade que o espiritual e o bom não podem existir duradouramente sem ajuda do mau e do material, e o senhor responde mais ou menos que quanto mais espírito existir mais cautela será necessária. Então, digamos: podemos tratar o ser humano como um sujeitinho ordinário, e assim não o levaremos a muita coisa; mas podemos entusiasmá-lo, e também não o levaremos a grande coisa. Por isso oscilamos entre esses dois métodos e os misturamos; é isso. Parece-me que concordamos muito mais do que o senhor quer admitir.

O subsecretário Tuzzi virou-se para aquele incômodo interlocutor; um sorrisinho ergueu seu bigode, seus olhos brilhantes assumiram uma expressão ironicamente indulgente; queria terminar com aquele tipo de conversa, insegura como gelo escorregadio, e infantilmente inútil como crianças esquiando sobre esse gelo.

— Veja, provavelmente o senhor vai considerar isso uma barbárie — respondeu —, mas vou lhe explicar: na verdade, só professores universitários deveriam filosofar! Naturalmente excluo disso nossos grandes filósofos, que prezo muito e que li todos; mas eles pertencem, por assim dizer, a uma outra época. E nossos professores são empregados para fazer isso, é uma profissão e não tem nada de mais; afinal

precisamos dos professores para que a coisa não morra. Mas de resto, a antiga máxima austríaca, de que o cidadão não deve refletir sobre todas as coisas, tinha razão. Raramente nasce disso algo de bom, salvo a fácil arrogância.

O subsecretário enrolava um cigarro e calou-se; não sentia necessidade de desculpar-se pela sua “barbárie”. Ulrich contemplava seus esguios dedos morenos, e ficou encantado com a despudorada semiburrice que Tuzzi manifestara.

— O senhor expressou o conceito moderno usado há milênios pelas igrejas em relação a seus membros, e, ultimamente, pelo socialismo — comentou cortesmente.

Tuzzi ergueu rapidamente os olhos, para ver o que o primo queria dizer com aquela analogia. Depois aguardou que o outro voltasse a fazer uma longa reflexão, antecipadamente irritado com aquela eterna indiscrição intelectual. Mas o primo não fez nada além de contemplar com simpatia o antiquado homem a seu lado. Há muito tempo achava que Tuzzi tinha motivos para permitir as relações de sua esposa com Arnheim dentro de certos limites, e teria gostado de saber o que pretendia com isso. Continuava na dúvida. Talvez Tuzzi apenas se portasse como os bancos em relação à Ação Paralela, da qual se mantinham, por ora, o mais afastados possível, sem se desligarem dela inteiramente; e talvez ele não notasse a segunda floração amorosa de Diotima, por mais visível que fosse. Era difícil de acreditar. Ulrich divertia-se contemplando as fundas rugas e vincos no rosto do vizinho, e a dureza dos músculos dos maxilares quando os dentes mordiam a ponta do cigarro. Aquele homem lhe dava impressão de pura virilidade. Estava um pouco cansado de tantos monólogos e gostava de imaginar um homem que fosse taciturno. Calculava que já em menino Tuzzi não devia ter gostado de outros meninos falastrões; os que falam muito acabam sendo mais tarde os homens das belas-letras, enquanto os meninos que preferem cuspir entre os dentes a abrir a boca se tornam homens que não gostam de desperdiçar pensamentos e procuram na ação, na intriga, na simples tolerância ou rejeição uma compensação pelo inevitável ato de sentir e pensar, que de alguma forma os envergonha; pois preferem utilizar pensamentos e emoções apenas para enganar aos outros.

Naturalmente, se lhe fizessem essa observação, Tuzzi a teria rejeitado assim como rejeitaria uma observação sentimental; pois era princípio seu não admitir exageros e coisas inusitadas, nem numa direção, nem noutra. Aliás, devia-se falar pouco com ele sobre o que sua pessoa tão bem representava, assim como não se pergunta a um músico, um ator ou dançarino o que ele quer dizer; e naquele momento Ulrich teve vontade de bater no ombro do subsecretário, ou passar-lhe mansamente a mão pelos cabelos, mostrando numa pantomima sem palavras a harmonia que havia entre eles.

Ulrich só não podia imaginar que Tuzzi, não apenas quando menino mas também naquele instante, tinha desejos de cuspir entre os dentes um jato bem viril. Pois sentia a seu lado algo parecido com vaga simpatia, e isso lhe causava desconforto. Sabia bem que em sua observação sobre filosofia misturavam-se muitas coisas para um ouvinte estranho, nem sempre coisas bem-vindas, e o diabo devia tê-lo instigado a dar ao “primo” (pois por alguma razão sempre chamava Ulrich assim) aquela prova juvenil de confiança. Não suportava homens falastrões, e indagou-se, consternado, se afinal, sem saber, desejaria conquistar aquele homem como aliado junto de sua esposa; sua pele ficou rubra de vergonha quando pensou nisso, pois recusava esse tipo de ajuda, e involuntariamente afastou-se mais de Ulrich, por um pretexto qualquer, com alguns passos maldisfarçados.

Mas então mudou de idéia, voltou, e perguntou:

— Já pensou alguma vez no motivo por que o Dr. Arnheim passa tanto tempo aqui em nossa casa? — De repente imaginou que com uma pergunta dessas mostraria melhor que considerava impossível qualquer ligação com sua mulher.

O primo o encarou, francamente perplexo. A resposta correta era tão evidente que ficava difícil encontrar outra.

— Acha que há realmente um motivo especial? — perguntou, hesitante.

— Nesse caso, será certamente apenas algum assunto de negócios.

— Não posso afirmar nada — respondeu Tuzzi, sentindo-se novamente um diplomata. — Mas poderá haver outro motivo?

— Naturalmente não pode haver — disse Ulrich cortesmente. — O senhor fez uma observação excelente. Devo admitir que não pensei em coisa alguma. Achei que devia ser por causa das inclinações literárias dele. Aliás, seria bem provável.

O subsecretário concedeu apenas um sorriso distraído.

— Então devia me explicar por que um homem como Arnheim tem inclinações literárias — disse; mas logo se arrependeu, pois o primo começava novamente uma longa resposta.

— Não percebeu ainda que hoje em dia há um número singular de pessoas falando sozinhas nas ruas?

Tuzzi deu de ombros, indiferente.

— Há qualquer coisa errada com elas. Obviamente não conseguem viver suas experiências inteiramente, ou não conseguem assimilá-las, e precisam livrar-se dos restos. Assim, penso eu, surge também uma necessidade exagerada de escrever. Talvez não veja isso tão nitidamente no ato de escrever, porque havendo talento e prática surge algo que supera de longe as motivações iniciais; mas na leitura se reconhece sem dúvida alguma: praticamente ninguém mais lê hoje em dia, todo mundo só usa o escritor para liberar de maneira perversa, através da aceitação ou da rejeição, seus próprios excessos.

— Então acha que há alguma coisa errada na vida de Arnheim? — perguntou Tuzzi, atento. — Nos últimos tempos andei lendo seus livros, apenas por curiosidade, porque tanta gente lhe dá tão grandes chances na política; mas devo confessar que não reconheço nem sua necessidade nem seu objetivo.

— Pode se colocar essa questão de maneira bem mais generalizada — disse o primo. — Se uma pessoa tem tanto dinheiro e influência que pode realmente ter tudo o que quiser, por que escreve? Na verdade, eu deveria perguntar, muito ingenuamente, por que todos os contadores de histórias profissionais escrevem. Eles contam uma coisa que não existiu, como se tivesse acontecido. É óbvio. Mas será que admiram a vida apenas como os mendigos que admiram o homem rico e não se cansam de falar que ele pouco se importa com eles? Ou apenas ruminam? Ou roubam felicidade, criando na fantasia algo que na verdade não podem atingir ou suportar?

— O senhor nunca escreveu? — interrompeu Tuzzi.

— Nunca, e isso me inquieta. Pois não sou feliz a ponto de não precisar escrever. Tomei o propósito de, se em breve não sentir necessidade de fazê-lo, me suicidar por ser totalmente anormal!

Ele disse aquilo com uma amabilidade tão grave que a anedota se destacou do rio da conversa como uma pedra recoberta pela água.

Tuzzi notou isso, e seu tato o fez reconstituir imediatamente a conexão.

— Então — disse com firmeza —, o senhor diz o mesmo que eu quando afirmo que o burocrata só começa a escrever quando se aposenta. Mas e o Dr. Arnheim ?

O primo ficou calado.

— Sabe que Arnheim é totalmente pessimista e não especula absolutamente “em alta” quanto ao empreendimento que acontece aqui em casa, e do qual participa tão altruisticamente? — disse Tuzzi, baixando repentinamente a voz. Recordara que, no começo, Arnheim falara com ele e sua esposa sobre as possibilidades da Ação Paralela num tom muito pessimista, e não entendia o fato de ele próprio se recordar disso só agora, depois de tanto tempo, a não ser como resultado de sua diplomacia, embora não tivesse descoberto praticamente nada sobre os motivos da estada de Arnheim na cidade.

O primo fez um ar de surpresa.

Talvez só por amabilidade, porque ainda preferia calar. Mas de qualquer modo, dessa maneira os dois cavalheiros, logo separados pelos convidados que se aproximavam, guardaram a impressão de uma conversa excitante.

## REGRAS DE VIDA DE GENTE RICA

A atenção e admiração que Arnheim recebia talvez tivessem deixado qualquer outro homem inseguro e desconfiado, se tivesse podido imaginar que se deviam ao seu dinheiro. Mas Arnheim considerava a desconfiança um sinal de natureza vulgar, que um homem da sua posição só poderia se permitir por razões puramente comerciais. Além disso, estava convencido de que a riqueza é uma qualidade de caráter. Todo homem rico considera a riqueza uma qualidade de caráter. Todo homem pobre também. Todo mundo está silenciosamente convicto disso. Só a lógica cria aqui algumas dificuldades, afirmando que a posse de dinheiro talvez conduza a certas qualidades, mas jamais pode ser, ela mesma, uma qualidade humana. A mentira salta aos olhos. Todo nariz humano cheira imediatamente o doce aroma de independência, hábito de comando, hábito de escolher sempre o melhor para si, o leve desprezo pelo mundo e constante e consciente responsabilidade pelo poder, que nascem de uma renda certa e volumosa. Percebe-se pela aparência de uma pessoa dessas que ela é nutrida e diariamente renovada por forças selecionadas no mundo inteiro. O dinheiro circula em sua superfície como seiva numa flor; não há empréstimo de qualidades, conquista de hábitos, nada que seja indireto ou de segunda mão: mas destrua-se a conta bancária e o crédito, e o homem rico não só não terá mais dinheiro, mas no dia em que se der conta disso, será uma flor murcha. Com a mesma evidência com que antes se percebia a qualidade de sua riqueza percebe-se, só agora, a indescritível qualidade do Nada nele, que cheira a uma nuvem chamuscada de insegurança, inconfiabilidade, incompetência e pobreza. Portanto, a riqueza é uma qualidade pessoal, simples, que se des-trói quando decomposta.

Mas o efeito e as funções dessa rara qualidade são extraordinariamente enredados e exigem força psíquica para serem dominados. Só gente que não tem dinheiro imagina a riqueza como um sonho; pessoas que o têm, em todas as oportunidades em que encontram pessoas pobres, afirmam que ele é um grande incômodo. Arnheim, por exemplo, pensara muitas vezes que, na verdade, qualquer chefe de seção técnica ou comercial de sua firma o superava em alguma capacidade especial, e precisava assegurar-se todas as vezes de que, considerados de um ponto de vista bastante elevado, os pensamentos, o saber, a lealdade, a cautela e coisas semelhantes parecem qualidades compráveis, porque existem em abundância, enquanto que a capacidade de se servir delas presume qualidades que poucos possuem — no caso, os que já nasceram e cresceram nas alturas.

Outra dificuldade não pequena para as pessoas ricas é que todas as pessoas querem dinheiro delas. Dinheiro não importa; é verdade, um homem rico não sente a presença ou falta de alguns milhares ou dezenas de milhares de marcos. Os ricos gostam de afirmar em todas as oportunidades que o dinheiro não muda em nada o valor de uma pessoa; com isso querem dizer que sem dinheiro valeriam tanto quanto valem hoje, e sempre ficam ofendidos quando alguém os interpreta mal. Infelizmente, na relação com intelectuais isso não raro lhes acontece. Os intelectuais raramente têm dinheiro, só planos e talento, mas não se sentem diminuídos em seu valor; e parecem gostar de pedir a um amigo rico, que não se importa com dinheiro, que os ajude com *esse excesso* de riqueza em algum bom propósito. Não compreendem que o homem rico os gostaria de apoiar com suas idéias, sua capacidade e atração pessoal. Dessa maneira o colocamos além do mais em litígio com a própria natureza do dinheiro, pois *este* quer se multiplicar assim como a natureza animal anseia pela reprodução. Pode-se meter dinheiro em maus negócios, e ele perecerá então no campo da honra monetária; pode-se comprar um carro embora o velho esteja praticamente novo, desembarcar nos mais caros hotéis de estações de água do mundo em companhia do cavalo de pólo preferido, instituir prêmios de corridas ou de artes, ou gastar num jantar com cem convidados uma quantia que alimentaria cem famílias por um ano: tudo isso é jogar dinheiro pela janela como um semeador joga sementes, e ele entrará novamente pela porta, multiplicado. Mas gastá-lo silenciosamente com objetivos e pessoas que não nos dão proveito é como assassinar o dinheiro. Talvez os objetivos sejam bons e as pessoas incomparáveis; nesse caso, devem ser estimuladas por todos os meios, à exceção do dinheiro. Era um princípio básico de Arnheim, e aplicá-lo obstinadamente dera-lhe fama de participar ativa e criativamente na evolução intelectual de seu tempo.

Arnheim também podia dizer de si próprio que pensava como socialista, e muitos ricos pensam como socialistas. Não negam que esteja aí uma lei natural da sociedade à qual devem seu capital, e estão convencidos de que é o ser humano que confere importância ao que possui, e não o contrário. Discutem calmamente que não haverá mais propriedade privada no futuro, quando eles não viverem mais; e sua opinião de que têm caráter social se fortalece porque não poucos socialistas de caráter, convictos de que a revolução social se fará de qualquer jeito, preferem a companhia dos ricos à dos pobres. Podia-se prosseguir assim por longo tempo, se se quisesse detalhar todos os aspectos do dinheiro dominados por Arnheim. A atividade econômica não poderia ser destacada das outras atividades intelectuais, e era natural que ele desse seu dinheiro, além de conselhos, aos seus amigos artistas e intelectuais quando lhe



pediam com insistência; mas não lhes dava sempre, e nunca dava muito. Eles lhe asseguravam que só a ele no mundo inteiro se atreviam a pedir, porque era o único a ter as qualidades intelectuais necessárias para isso, e ele acreditava; pois estava convicto de que a necessidade de capital repassava todas as relações humanas, e era tão natural quanto a necessidade de respirar, enquanto que, por outro lado, também concordava com os conceitos deles, de que dinheiro era um poder espiritual, aplicando-o unicamente com muito tato e reserva.

E por que, afinal, somos admirados e amados? Não será um mistério difícil de entender, redondo e delicado como um ovo? Seremos mais sinceramente amados por causa de um bigode do que por um automóvel? O amor que em alguém despertamos por ser um filho do sul, moreno de sol, será mais pessoal do que aquele que se desperta por ser filho de um dos maiores empresários? No tempo em que quase todos os homens modernos raspavam o rosto, Arnheim usava o mesmo cavanhaque pontudo e um bigode aparado que era moda antigamente; por motivos que nem ele compreendia bem, uma pequena sensação estranha, mas ainda assim bem sua, no rosto, trazia-lhe a agradável lembrança de seu dinheiro, quando começava a falar, totalmente esquecido de si mesmo, diante de interlocutores fervorosos.

### MESMO ATRAVÉS DA CULTURA FÍSICA É DIFÍCIL DOMINAR A MENTALIDADE CIVIL

O general estava sentado há bastante tempo numa das cadeiras colocadas ao longo das paredes em torno daquela praça de exercícios, tendo ao lado o seu “protetor”, como gostava de chamar Ulrich, e entre eles havia uma cadeira livre com dois cálices cheios, que tinham conseguido no bufê. O casaco azul-claro do general subira quando ele se sentara, formando pregas sobre o ventre como uma testa preocupada. Os dois homens estavam calados ouvindo uma conversa que se desenrolava à sua frente.

—É preciso admitir que o jogo de Beaupré é genial — dizia alguém. — Eu o vi jogar aqui no verão, e na Riviera no inverno passado. Quando erra, a sorte vem em seu auxílio. Ele até erra freqüentemente, seu jogo não segue o planejamento de alguém que realmente conhece tênis; mas esse sujeito abençoado por Deus está acima das regras normais do tênis.

—Prefiro tênis científico ao intuitivo — interveio outra pessoa. — Braddock por exemplo. Talvez não exista a perfeição, mas Braddock está perto dela.

O primeiro respondeu:

— O gênio de Beaupré, aquela sua confusão genial e não planejada, chega ao auge quando o saber fracassa!

Um terceiro homem:

—Falar em genialidade talvez seja um pouco exagerado.

—Como quer que se chame? É o gênio que ensina ao homem o jeito certo de tratar uma bola num momento difícil.

Eu diria — ajudou o braddockiano — que tem de se ver personalidade, não importa se a mão segura uma raqueta de tênis ou o destino de um povo.

— Não, não; gênio é exagero! — insistiu o terceiro.

O quarto era músico, e disse:

— Vocês estão enganados. Não vêem o pensamento real que se encontra no esporte, porque ainda estão habituados à supervalorização do lógico-sistemático. E isto é tão antiquado quanto o preconceito de que música é um enriquecimento de emoções, e esporte uma escola da vontade. Mas uma façanha dos movimentos é tão mágica que o ser humano não a tolera desprotegido; vê-se isso no cinema quando falta música. Música é movimento interior, estimula a fantasia dos movimentos. Quando se entender o que há de mágico na música, não se hesitará um segundo em dizer que há genialidade no tênis; só a ciência não é genial, ela é acrobacia cerebral!

— Então tenho razão — disse o seguidor de Beaupré — ao negar genialidade ao jogo científico de Braddock.

— Você ignora — disse o seguidor de Braddock — que precisamos partir de uma renovação do conceito de ciência!

— Afinal, qual dos dois vence ao outro? — perguntou alguém.

Ninguém sabia; os dois já haviam vencido um ao outro várias vezes, mas ninguém tinha os dados exatos na cabeça.

— Vamos perguntar a Arnheim — sugeriu um deles.

O grupo se desfez. O silêncio nas três cadeiras foi demorado. Por fim o General Stumm disse, pensativo:

— Desculpe, estive ouvindo o tempo todo, e tudo isso também se poderia dizer de um general vitorioso, exceto quanto à música. Por que acham essa qualidade genial num tenista, e bárbara num general? — Desde que seu protetor lhe sugerira que tentasse conquistar Diotima com a cultura física, ele refletira várias vezes em como poderia utilizar esse esperançoso acesso às idéias civis, apesar da sua repulsa pelo assunto, mas as dificuldades também nesse sentido eram imensas, como infelizmente ele voltava a constatar.

## NOITES DE DIOTIMA

Diotima espantava-se porque Arnheim tolerava toda aquela gente com visível simpatia, pois as emoções dela correspondiam ao que algumas vezes manifestara com as palavras: negócios internacionais eram apenas *un peu de bruit autour de notre âme*.

Ficava bem confusa às vezes, olhando em torno e vendo sua casa cheia de aristocratas mundanos e intelectuais. Da história de sua vida, restara apenas o extremo contraste entre alto e baixo, sua situação de moça numa medrosa e estreita condição social, e agora aquele sucesso que lhe ofuscava a alma. Apesar da parada num degrau vertiginosamente estreito, tinha vontade de erguer o pé novamente esperando subir

ainda mais. A incerteza a atraía. Lutava contra o desejo de entrar numa existência em que ação, intelecto, alma e sonho são uma coisa só. No fundo, não se preocupava mais com a falta de uma grande idéia que coroasse a Ação Paralela; também uma Áustria Universal lhe interessava menos; já nem a assustava mais ver que todo grande projeto do espírito humano tem um projeto contrário. O curso das coisas não tem lógica quando elas são importantes, antes lembra uma tempestade, com raios e trovões, e Diotima habituara-se a não saber definir a grandiosidade que a rodeava. Teria gostado de largar a Ação e casar-se com Arnheim, como uma menininha para quem todos os problemas terminam quando ela os larga e corre para o peito do pai. Mas a intensa atividade exterior de sua vida agora a inibia. Não conseguia tempo para essa decisão. A ligação exterior dos fatos corria paralelamente com a interior, em linhas independentes, e vãs tentativas de unificação. Era como em seu casamento que aparentemente até andava mais feliz que antes, agora que o laço espiritual se dissolvia.

Segundo seu caráter, Diotima deveria falar abertamente com o marido, mas nada tinha a lhe dizer. Amava Arnheim? Podia-se dar tantos nomes à sua relação com ele, que esse nome trivial eventualmente também aparecia em seus pensamentos. Ainda nem se haviam beijado, e Tuzzi não compreenderia abraços extremados da alma, ainda que ela lhes tivesse confessado. Por vezes a própria Diotima se admirava de não acontecerem mais coisas relatáveis entre ela e Arnheim. Mas nunca perdera de todo o hábito de menina boazinha, ambiciosamente interessada em homens mais velhos, e teria imaginado mais facilmente acontecimentos, se não físicos ao menos interessantes, com seu primo, que lhe parecia mais jovem do que ela própria, e a quem desprezava um pouquinho, do que com aquele homem a quem amava, e que sabia valorizar tão bem os momentos em que ela manifestava suas emoções em considerações sublimes de ordem geral.

Diotima sabia que é preciso entregar-se às transformações fundamentais da vida e despertar de novo entre quatro paredes novas sem recordar direito como se entrou ali; mas sentia-se exposta a influências que a deixavam cautelosa. Não estava inteiramente livre da repulsa que o austriaco mediano de seu tempo sentia contra o irmão alemão. Essa repulsa em sua forma clássica, atualmente rara, correspondia mais ou menos à idéia de colocarem-se inocentemente as veneradas cabeças de Goethe e Schiller num só corpo, alimentado com pudins e molhos pegajosos, e recheado com algo daquela inumana substância. Embora o sucesso de Arnheim no ambiente dela fosse enorme, ela percebia que depois da primeira surpresa havia resistências, que não assumiam forma precisa nem se manifestavam, mas cujos ecos a deixavam insegura, mostrando-lhe a diferença entre sua própria postura e a reserva de muitas pessoas segundo as quais antigamente pautara seu comportamento. Mas repulsas nacionalistas habitualmente são repulsa contra si próprio, extraídas da penumbra das próprias contradições e presas a uma vítima adequada, procedimento existente desde tempos primitivos, quando o feiticeiro declarava que um bastãozinho, apresentado como morada do demônio, extraía a enfermidade do corpo do doente. O fato de seu amado ser prussiano perturbava o coração de Diotima, além de tudo mais com temores que não entendia direito, e não era totalmente injustificado chamar de paixão aquele estado indefinido tão diferente da rudeza simples da vida conjugal.

Diotima passava noites sem dormir; nessas noites oscilava entre um capitão de indústria prussiano e um secretário austríaco. Na transfiguração do entressonho, a grande vida luminosa de Arnheim passava diante dela. Ela voava ao lado do homem

amado por um céu de novas honradas, mas esse céu tinha um desagradável tom azul-da-prússia. Na noite negra jazia ao lado do dela o corpo amarelo do subsecretário Tuzzi. Ela apenas o sentia vagamente, como um símbolo negro-amarelo da velha cultura da Kakânia, embora ele pouco tivesse dela. A fachada barroca no palácio do Conde Leinsdorf, seu nobre amigo, estava atrás de tudo; a proximidade de Beethoven, Mozart, Haydn, do Príncipe Eugênio pairava sobre tudo como uma nostalgia que, antes da fuga, já tem saudade de casa. Diotima não conseguia decidir-se a dar o passo para fora daquele mundo, embora quase odiasse o marido por isso. No seu grande e belo corpo, a alma sentia-se desamparada como numa ampla paisagem florida.

“Não devo ser injusta”, dizia para si mesma. “O homem profissional, o burocrata, não é mais tão aberto, perspicaz e receptivo, mas na sua juventude ainda teria havido possibilidades.” Recordava as horas do tempo de noivado, embora já nessa época o subsecretário Tuzzi não fosse muito moço. “Ele conseguiu seu posto e temperou seu caráter com trabalho e espírito de dever”, pensava ela, bondosamente, “e não adivinha que isso sacrificou sua personalidade.”

Desde sua vitória social ela pensava de modo mais tolerante no marido, e seus pensamentos fizeram por isso mesmo mais uma concessão. “Ninguém é pura razão e pragmatismo; todos começam vivendo com uma alma viva”, refletia. “Mas o cotidiano o absorve, as paixões vulgares consomem-no como um incêndio, o mundo frio provoca nele aquela frieza que lhe devora a alma.” Talvez tivesse sido modesta demais para poder censurar-lhe isso em tempo e com severidade. Era tão triste. Parecia-lhe que jamais teria coragem de implicar o subsecretário Tuzzi no escândalo de um divórcio, coisa que, envolvido como era com seu trabalho, o abalaria terrivelmente.

— Então, prefiro o adultério! — disse ela, de repente.

Há algum tempo Diotima cultivava essa idéia: adultério.

É um conceito estéril cumprir o dever em qualquer lugar onde se foi colocado; desgastamo-nos por nada; o verdadeiro dever é quando podemos escolher nosso lugar e modelar conscientemente os acontecimentos! Se ela se condenava a permanecer ao lado do marido, haveria uma infelicidade inútil e outra fecunda, e era dever dela escolher. Mas Diotima jamais conseguira subir além daquela postura penosamente coquete e leviana de todas as descrições que conhecia de adultérios. Não conseguia imaginar-se numa situação daquelas. Tocar a maçaneta de um quarto alheio parecia-lhe o mesmo que mergulhar num charco. Esgueirar-se de graus acima por uma escada desconhecida, com um farfalhar de saias: a placidez moral de seu corpo recusava-se a isso. Beijos apressados contrariavam sua natureza, assim como rápidas palavras de amor. Ela preferia as catástrofes. Últimos passos, palavras de adeus sufocadas na garganta, profundos conflitos entre o dever de amante e de mãe, isso combinava melhor com suas inclinações. Mas não tinha filhos, devido à grande parcimônia do marido, e devia-se evitar a tragédia. Portanto, decidiu-se pelo modelo do Renascimento, quando chegasse a hora. Um amor que vive com o punhal da dor no coração. Não sabia ao certo como imaginar isso, mas sem dúvida era coisa muito leal; tendo ao fundo colunas partidas, e nuvens disparando no alto. Nessa imagem fremia culpa e superação do sentimento de culpa, sensualidade expiada pelo sofrimento, e tudo isso enchia Diotima com uma inaudita exaltação e unção.

“Lá onde uma pessoa encontra suas mais altas possibilidades e realiza mais abundantemente suas forças é o seu lugar”, pensou ela. “Pois lá ela é útil à mais profunda exaltação da vida em geral!”

Diotima fitou o marido, o melhor que pôde na escuridão da noite. Assim como os olhos não percebem os raios ultravioletas, aquele homem inteligente não perceberia certas realidades espirituais!

O subsecretário Tuzzi respirava tranqüilamente, sem saber de nada, embalado pio pensamento de que durante sua merecida ausência de oito horas, no sono, nada de importante aconteceria na Europa. Essa paz também impressionava Diotima, e mais de uma vez ela ponderou a idéia: renúncia! Despedir-se de Arnheim, com grandes e nobres palavras de dor, uma renúncia que abalasse os céus, despedidas beethovenianas: o forte músculo do seu coração encolhia-se debaixo dessas exigências. Diálogos trêmulos, de brilho outonal, repletos daquela melancolia de distantes montanhas azuis ocupavam o futuro. Mas renúncia e cama de casal?! Diotima ergueu-se nos travesseiros, seus negros cabelos em desalinho. O sono do subsecretário Tuzzi não era mais o sono da inocência mas o da serpente com um coelhinho na barriga. Por pouco Diotima o teria acordado e gritado em seu rosto que tinha de deixá-lo, precisava, queria fazer isso!! Essa fuga para uma cena histórica seria bem compreensível naquela situação ambígua; mas o corpo dela era são demais para isso, sentia que esse corpo não respondia com muito asco à proximidade de Tuzzi. E sentiu um horror seco ao constatar que não sentia repulsa por ele. Desejou chorar, em vão, mas, singularmente, nesse estado a lembrança de Ulrich lhe deu certo consolo. Nunca pensava nele nesses tempos, mas suas singulares palavras, dizendo que desejava eliminar a realidade, e que Arnheim a supervalorizava, tinham um tom incompreensível, vago, que Diotima ignorara na hora, mas que retornava naquelas noites.

“Isso significa apenas que não devo me importar demais com o que vai acontecer”, disse para si mesma, irritada, “é a coisa mais trivial do mundo!” E enquanto traduzia tão mal e simploriamente aquele pensamento, sabia que havia ali alguma coisa que ela não entendia, e por isso aquela inquietação era como um sonífero que paralisava seu desespero junto com sua consciência. O tempo corria como um traço escuro, e ela sentia, consolada, que de alguma forma poderia também admirar aquela ausência de um desespero constante, mas já não via nada claramente.

À noite os pensamentos correm ora em zonas lúcidas, ora em zonas de sono, como água entre pedras, e quando reapareciam calmamente depois de algum tempo, Diotima tinha a impressão de que apenas sonhara as espumaradas de há pouco. O riozinho efervescente atrás da montanha sombria não era o mesmo que aquela torrente serena na qual finalmente Diotima deslizava. Ira, repulsa, coragem e medo se diluíam, não se deviam permitir tais sentimentos, não existiam: ninguém tem culpa nos combates da alma! E Ulrich também era esquecido. Pois existiam apenas os últimos segredos, a eterna nostalgia da alma. Sua moral não depende do que fazemos. Não consiste nos movimentos da consciência nem da paixão. Também as paixões são apenas *un peu de bruit autour de notre ame*. Podemos conquistar impérios ou perdê-los, mas a alma não se move, e nada podemos fazer para atingirmos nosso destino; mas por vezes ele emerge das profundezas do ser, quieto e cotidiano, como o cântico das esferas.

Nessas horas Diotima ficava na cama acordada como nunca, mas cheia de confiança. Esses pensamentos, com o ponto final indivisível, tinham a vantagem de fazê-la dormir depois de pouco tempo, mesmo nas noites de pior insônia. Ela sentia seu amor passar como uma visão aveludada para o infinito negrume que ultrapassa as estrelas, inseparável dela, inseparável de Paul Arnheim, onde nenhum plano nem in-

tenção podiam chegar. E mal tinha tempo de pegar o copo de água com açúcar, que tinha na mesinha-de-cabeceira para combater a insônia, mas só usava nesse último momento, porque quando estava muito nervosa se esquecia dele. O tênue rumor de quem bebe escorria como sussurros de amantes atrás de uma parede, ao lado do marido adormecido, que nada escutava; então Diotima se recostava devotamente nas almofadas, e mergulhava no silêncio do ser.

## O GRANDE ESCRITOR VISTO DE COSTAS

É quase evidente demais para ser comentado: desde que se haviam convencido de que a seriedade do empreendimento não pedia maiores esforços, seus ilustres convidados comportavam-se como seres humanos, e Diotima, vendo sua casa repleta de agitação e espírito, ficou decepcionada. Como alma nobre, não conhecia a lei da cautela, segundo a qual na vida particular nos portamos ao contrário da vida profissional. Não sabia que os políticos tomam seu lanche lado a lado amigavelmente depois de terem-se chamado de ladrões e vigaristas na Câmara. Sabia que juizes que, como juristas, condenaram um infeliz a pesadas penas, depois da sessão do tribunal lhe apertam a mão com simpatia como seres humanos, mas não tivera nenhuma objeção a isso. Ouvira contar por vezes que fora de sua duvidosa profissão freqüentemente bailarinas são exemplares mães de família, e até achava isso comovente. Também lhe parecia um belo símbolo os príncipes tirarem às vezes a coroa para serem unicamente gente. Mas ao perceber que também príncipes do espírito dão suas voltas incógnitos, achou aquela dupla postura muito estranha. Que paixão é essa, que lei fundamenta essa tendência geral, e faz com que homens fora da profissão não queiram ser os homens que são dentro dela? Depois de encerrado o expediente, quando estão de bom humor, parecem exatamente como um escritório arrumado, com o material de trabalho nas gavetas e as poltronas sobre as mesas. Cada homem é feito de dois homens e não se sabe se é de manhã ou à noite que voltam a si mesmos.

Embora a lisonjeasse o amado de sua alma ser apreciado por todos os homens que ela reunira e conviver especialmente com os mais jovens, como seu líder, por vezes ficava desanimada ao vê-lo enredado naquela agitação, achando que um príncipe do espírito não deveria se permitir tanto convívio com os espíritos mais vulgares, nem deveria ser tão acessível ao mercado instável das idéias.

O motivo residia no fato de Arnheim não ser um príncipe do espírito mas um grande escritor.

O grande escritor é o sucessor do príncipe do espírito, e, no mundo intelectual, corresponde à sucessão dos príncipes pelo homem rico, realizada no mundo político. Assim como o príncipe do espírito faz parte do tempo dos príncipes, o grande escritor pertence ao tempo das grandes batalhas e grandes casas comerciais. É uma forma especial de ligação do espírito com as grandes coisas. O mínimo que se pede de um grande escritor é que tenha um automóvel. Precisa viajar muito, ser recebido por ministros, dar conferências; dar aos líderes da opinião pública a impressão de repre-

sentar uma força da consciência que não se deve menosprezar; é o encarregado-de-negócios do espírito da nação, quando se trata de provar no exterior que somos humanitários; em casa, recebe convidados notáveis, e além disso ainda precisa cuidar de seus negócios, que tem de tratar com a agilidade de um artista de circo em quem não se deve perceber o esforço dispendido. Pois o grande escritor de modo algum é o mesmo que um escritor que ganha muito dinheiro. Ele não precisa ter escrito o “livro mais vendido” do ano ou do mês, basta que não tenha objeções contra esse tipo de avaliação. Está em todas as comissões julgadoras de premiações, assina todos os manifestos, escreve todos os prefácios, faz todos os discursos de aniversário, manifesta-se sobre todos os fatos importantes, e é chamado por toda parte onde se precisa mostrar serviço. Em todas as suas atividades o grande escritor jamais represento a nação inteira, apenas sua parte progressista, a camada selecionada que é grande, é quase a maioria, e isso o envolve numa constante tensão espiritual. Naturalmente é a vida atual que leva à grande indústria do espírito, assim como inversamente a indústria preme em direção ao intelecto, à política, ao domínio da consciência pública; os dois fenômenos se tocam no centro. Por isso, o papel do grande escritor não se liga a uma pessoa determinada, mas coloca sua figura no tabuleiro de xadrez social, com a regra do jogo e as obrigações do seu tempo. As pessoas bem-intencionadas desse tempo dizem que pouco lhes adianta alguém ter espírito (existe tanto dele que um pouco mais, ou um pouco menos, não importa, e todos pensamos ter o suficiente), mas que se precisa combater a barbárie, e para isso se deve mostrar, ver, fazer agir, o espírito; e como, para isso, o grande escritor é ainda melhor do que um escritor maior, o que talvez poucas pessoas consigam entender, todos se esforçam para que a grandeza apareça em tamanho grande.

Se compreendermos o caso sob esse prisma não se pode censurar seriamente Arnheim por ele ser uma das corporificações primeiras, experimentais, embora bastante perfeitas, dessa condição, já que ele era talentoso para isso. Pois a maioria dos escritores gostariam de ser grandes escritores, se pudessem. Porém, isso é como com as montanhas: entre Graz e Sankt Polten há muitas que gostariam de parecer o Monte Rosa, só que são baixas demais. A condição indispensável para ser grande escritor é escrever livros ou peças teatrais que sirvam para todos os níveis de leitor. É preciso fazer efeito, para poder então fazer boas realizações; esse princípio fundamenta a existência do grande escritor. É um princípio maravilhoso, que defende contra as tentações de solidão, é o próprio princípio goethiano do sucesso: basta nos mexermos neste mundo amável e o resto virá por si.

Quando um escritor começa a fazer efeito, sua vida se modifica. Seu editor pára de dizer que um comerciante que resolve ser editor parece um idealista trágico, porque ganharia muito mais vendendo tecidos ou papel branco do que vendendo livros. A crítica descobre nele objeto digno de seu trabalho, pois críticos nem sempre são gente ruim, são apenas, por força dos tempos adversos, ex-poetas líricos que precisam encostar o coração em alguma coisa, para desabafar; são poetas líricos do amor, ou da guerra, conforme o capital interior que precisem aplicar favoravelmente, e é compreensível que prefiram aplicá-lo no grande escritor e não no escritor comum. Naturalmente, cada pessoa tem uma capacidade limitada de trabalho, e seus melhores esforços aplicam-se às novidades brotadas anualmente das canetas dos grandes escritores. Assim, estes tornam-se as cadernetas de poupança intelectual da nação, na medida em que cada um provoca interpretações críticas que não são apenas expli-

cações, mas aplicações, e para o restante pouco sobra. Mas isso só assume grandes proporções com os ensaístas, biógrafos e historiadores instantâneos que fazem suas necessidades em cima do grande homem. Com todo o respeito, se os cães preferem uma esquina movimentada a um rochedo solitário para suas necessidades, por que as pessoas dotadas do nobre impulso de perpetuar seu nome deverão preferir um rochedo notoriamente solitário?! Quando se dá conta, o grande escritor não existe mais por si, mas antes numa simbiose, resultado de uma comunidade de trabalho nacional, no sentido mais refinado, experimentando a mais sublime certeza que a vida nos poderia dar: a de que seu êxito se liga intimamente ao de inúmeras pessoas.

Provavelmente é por isso que muitas vezes encontramos como traço geral do grande escritor o seu bom comportamento. O grande escritor só usa uma escrita combativa quando sente ameaçado seu prestígio; no restante, seu comportamento é marcado pelo equilíbrio e benevolência. É tolerante à perfeição com as ninharias que dizem em seu louvor. Não se digna facilmente a comentar outros autores; mas, quando o faz, raramente lisonjeia homens de alto nível, preferindo estimular um desses talentos inofensivos, feitos quarenta e nove por cento de capacidade, e cinquenta e um por cento de incompetência, e que, devido a essa dosagem, são tão úteis sempre que se precisa de uma força, mas um homem forte poderia prejudicar, que cedo ou tarde terão algum posto influente na literatura.

Mas, assim, já não teremos mais do que caracteriza unicamente o grande escritor? Um bom provérbio diz que, onde há pombas, aparecerão outras pombas; é difícil imaginar a agitação da vida de um escritor comum bem antes de ele se tornar um grande escritor, quando ainda é mero resenhista de livros, redator da página literária, produtor de rádio, roteirista de filme ou editor de um jornalzinho literário; muitos deles parecem burrinhos ou porquinhos de borracha com um furo atrás por onde os enchemos de ar. Quando vemos grandes escritores analisando laboriosamente essas circunstâncias, esforçando-se por construir com elas a imagem de um povo trabalhador que honra os seus grandes, não lhes devemos agradecer? Seu interesse enobrece a nossa vida.

Tentemos imaginar o contrário: um homem que escreve mas não faz nada disso. Teria de recusar convites cordiais, rejeitar pessoas, avaliar o elogio, não como elogiado mas como juiz, criticar fatos naturais, considerar suspeitas as grandes possibilidades de sucesso só por serem grandes, e nada teria a oferecer como compensação senão acontecimentos indizíveis e imponderáveis dentro de sua cabeça, e a sua obra de escritor, que uma era onde já existem tantos grandes escritores não precisa mesmo valorizar muito! Um homem desses não ficaria à margem da comunidade, tendo de afastar-se da realidade com todas as conseqüências desse ato?!

Essa era pelo menos a opinião de Arnheim.



## O GRANDE ESCRITOR VISTO DE FRENTE

A verdadeira dificuldade na vida de um grande escritor surge na medida em que, na vida intelectual, agimos com espírito comercial, mas, por velha tradição, falamos de maneira idealista; e essa ligação entre comércio e idealismo representava um papel decisivo na atuação de Arnheim.

Por toda parte encontramos hoje em dia essas ligações fora de época. Quando os mortos já são levados ao cemitério ao trotar dos cavalos-vapor, ainda colocamos no teto do belo cadáver motorizado, como símbolo, um elmo e duas espadas de cavaleiro cruzadas, e assim é em todos os domínios; a evolução humana é um interminável cortejo, e assim como, duas gerações atrás, ainda se enfeitavam cartas comerciais com floreios retóricos, hoje poderiam-se expressar todas as relações, do amor à lógica pura, em termos de oferta e procura, saldo e superávit, e faríamos isso tão bem como se as expressássemos em linguagem psicológica ou religiosa; apenas não o fazemos. Pois a nova linguagem ainda é insegura. O homem de negócios ambicioso está numa situação difícil hoje em dia. Se quiser preservar as antigas forças do ser, precisa ligar sua atividade a grandes idéias; mas não existem mais grandes idéias em que acreditar sem objeção, pois o cético tempo atual não acredita em Deus, humanidade, coroas ou ética — ou acredita em tudo isso, o que dá na mesma. Portanto, se o homem de negócios não quer renunciar às grandes idéias nem à sua bússola, precisa do artifício democrático de substituir o efeito imensurável da grandeza pela mensurável grandeza do efeito. É grande o que julgamos ser grande; mas isso significa que também é grande o que uma propaganda eficiente afirma aos berros ser grande; e nem todo mundo consegue engolir facilmente essa característica essencial dos nossos tempos; Arnheim tentara várias vezes fazer isso.

Um homem culto pode pensar, por exemplo, na relação entre ciência e Igreja na Idade Média. O filósofo precisava dar-se bem com a Igreja para ter êxito e influenciar o pensamento de seus contemporâneos, e uma análise laicista medíocre poderia concluir que essas algemas o impediriam de ascender à grandeza; mas era o contrário que acontecia. Os entendidos acham que isso produziu uma incomparável beleza gótica de idéias, e, se foi possível ter consideração para com a Igreja sem prejudicar o intelecto, por que não poderia acontecer o mesmo em relação à propaganda? Quem quiser ter êxito não pode agir também sob essa condição? Arnheim estava convencido de que era sinal de grandeza não criticar demais o seu tempo! O melhor cavaleiro com o melhor cavalo, se atormenta sua montaria, não vence tão bem um obstáculo quanto um cavaleiro que se adapta aos movimentos do seu pangaré.

Outro exemplo: Goethe! Foi um gênio como dificilmente a terra produzirá outro, mas era filho aristocrático de uma família de comerciantes alemães, e, segundo Arnheim, o primeiro dos “grandes escritores” que essa nação produzira. Arnheim o considerava seu modelo em muitas coisas. Mas sua história predileta era aquele caso conhecido de como, apesar de simpatizar com ele, Goethe deixou na mão o pobre Johann Gottlieb Fichte, quando este foi censurado em Jena como professor de filosofia, porque falara “com grandeza, mas talvez não muito adequadamente”, sobre Deus e coisas divinas, e por ter “trabalhado apaixonadamente” em sua própria defesa

em vez de safar-se “da maneira mais branda”, segundo afirmou em suas memórias o hábil mestre-poeta.

Arnheim não apenas teria a mesma atitude de Goethe, mas, se convocado, teria tentado convencer o mundo de que isso era propriamente goethiano e importante. Dificilmente teria-se contentado com a verdade de que estranhamente temos mais simpatia pelo erro de um grande homem do que pela ação correta de um homem menos importante; Arnheim teria declarado que a luta incondicional pela própria convicção é tão infecunda quanto uma postura sem profundidade nem ironia histórica; e quanto a essa última, também a teria chamado de goethiana, isto é, a ironia do grave adaptar-se-às-circunstâncias, agindo com humor, à qual o tempo dá razão. Quando se pensa que hoje, apenas duas gerações depois, a injustiça contra o valente, leal e um tanto exagerado Fichte há muito se tornou assunto particular, que nada acrescenta à importância dele, enquanto a importância de Goethe, embora se portasse mal, a longo prazo não sofreu nada, é preciso admitir que a sabedoria do tempo realmente coincidia com a sabedoria de Arnheim.

Um terceiro exemplo — Arnheim estava sempre rodeado de bons exemplos — revelava o sentido profundo dos dois primeiros: Napoleão. Heine descreve-o, nos seus esboços de viagem, de maneira tão harmônica com os conceitos de Arnheim que é melhor repeti-lo nas próprias palavras dele, que Arnheim sabia de cor: “Um espírito desses”, dizia Heine, falando de Napoleão (mas podia ter dito isso de Goethe, cuja natureza diplomática sempre defendia com a argúcia de um amante que secretamente sabe não concordar com o objeto de sua admiração), “um espírito desses é o que Kant tem em mente ao dizer que podemos imaginar uma inteligência que não seja como a nossa, mas seja intuitiva. O que reconhecemos através de reflexão analítica lenta, e longas deduções, aquela mente contempla e compreende profundamente no mesmo instante. Daí seu talento de entender o presente, de lisonjear seu espírito, de jamais o ofender, e de utilizá-lo sempre. Mas como esse espírito do tempo não é apenas revolucionário, mas foi formado pela confluência dos dois conceitos, revolucionário e contra-revolucionário, Napoleão nunca era inteiramente revolucionário nem inteiramente contra-revolucionário, mas sempre agia dentro dos dois conceitos, dois princípios, duas tendências que se uniam nele, e por isso sempre de maneira natural, simples, grande, nunca com aspereza crispada, mas sempre calmo e brando. Por isso nunca fazia intrigas individuais, dando seus golpes sempre de acordo com a arte de compreender e dirigir as massas. Espíritos analíticos e pequenos tendem à lenta, enredada intriga, enquanto espíritos sintéticos e intuitivos sabem ligar de maneira tão maravilhosa e genial os meios que o presente lhes oferece, que os podem utilizar rapidamente para seus objetivos.”

Talvez a intenção de Heine tivesse sido um pouco diferente da atual interpretação de seu admirador Arnheim, mas este sentia-se inteiramente incluído nas palavras do outro.

## AS FORÇAS E TAREFAS MISTERIOSAS DE CLARISSE

Clarisse, no quarto; Walter sumira, ela tem uma maçã e o roupão. Maçã e roupão são duas fontes das quais um fino jorro imperceptível de realidade corre para o consciente dela. Por que Moosbrugger lhe parecia musicalmente dotado? Não sabia. Talvez todos os assassinos sejam musicais. Ela sabe que escreveu uma carta a Sua Alteza o Conde Leinsdorf sobre essa questão; lembra-se mais ou menos do conteúdo mas não tem acesso a ele.

Mas o homem sem qualidades era não-musical?

Como não lhe ocorresse resposta adequada, ela largou esse pensamento e foi adiante.

Algun tempo depois, porém, lembrou: Ulrich é o homem sem qualidades. Um homem sem qualidades naturalmente pode também não ser musical. Mas também pode não ser não-musical?

E seguiu pensando.

Ele lhe dissera: “Você parece uma menina e uma heroína.”

Ela repetiu: “menina... e heroína!” Um calor subiu-lhe às faces. Aquilo implicava um dever que ela não compreendia bem.

Seus pensamentos seguiam em duas direções, como uma briga. Sentia-se atraída e repelida, mas não sabia para onde e de onde; por fim uma débil ternura, que sobrara, ela não sabia do que, levou-a a querer procurar Walter. Ergueu-se e largou a maçã.

Tinha pena de estar sempre atormentando Walter. *Já* aos quinze anos percebera que tinha o dom de o atormentar. Bastava exclamar em tom decidido que alguma coisa não era como ele dizia, e ele estremecia, ainda que o que tivesse dito fosse verdade! Clarisse sabia que Walter tinha medo dela. Receava que ficasse doida. Uma vez deixara escapar isso, depois disfarçara depressa; mas desde então ela sabia que ele pensava nisso. Clarisse achava isso muito bonito. Nietzsche diz: “Haverá um pessimismo da força? Uma inclinação intelectual para o que é duro, terrível, perverso? Uma profundidade da tendência antimoral? O desejo do terrível, como de um adversário digno?” Essas palavras, quando pensava nelas, causavam-lhe uma excitação sensual na boca, tão suave e intensa como leite, e quase nem podia engolir.

Pensava na criança que Walter queria ter dela. Ele também tinha medo disso. Era compreensível, se pensava que ela enlouqueceria algum dia. Isso lhe provocava ternura por ele, mesmo quando se recusava energicamente. Mas esquecera que queria procurar Walter. Agora acontecia alguma coisa em seu corpo. Os seios estavam intumescidos, um sangue mais grosso rolava nas veias de suas pernas e braços, sentia um impulso indefinido na zona de bexiga e intestino. Seu corpo esguio aprofundava-se para dentro, seguidamente; tornava-se sensível, vivo, estranho; um filho jazia em seus braços, sorrindo, luminoso; dos ombros dela descia ao chão a roupagem dourada da Mãe de Deus; e a paróquia cantava. Era tudo exterior a ela, e nascera o Senhor do mundo!

Mas, mal isso acontecera, o corpo dela lançou-se novamente sobre esse quadro aberto, como madeira que lança uma cunha; magra, lúcida, cheia de repulsa, sentia

uma alegria cruel. Não queria facilitar as coisas para Walter. “Eu quero que sua vitória e sua liberdade anseiem por um filho!”, disse para si mesma. “Quero que construa monumentos vivos de si mesmo. Mas primeiro precisa construir para mim seu próprio corpo e alma!” Clarisse sorria; seu sorriso era fino e sinuoso como uma labareda coberta com uma pedra grande.

Então lembrou-se de que o pai dela tinha medo de Walter. Voltou alguns anos atrás. Estava habituada a isso; Walter e ela gostavam de indagar um ao outro: você se lembra? E uma luz passada retornava, encantadora, da distância, entrando no presente. Era uma coisa tão bonita, e eles a apreciavam muito. Talvez seja como quando se andou sem vontade horas a fio, e nos viramos, e todo o vazio percorrido jaz à nossa frente, de súbito transformado em paisagem, bela recompensa; mas nunca a consideravam assim; levavam muito a sério suas recordações. Por isso lhe parecera incrivelmente excitante e confuso que seu pai, o pintor já idoso, naquele tempo autoridade máxima para ela, tivesse medo de Walter, que introduzira na casa deles o espírito moderno; e que Walter por sua vez tivesse medo dela. Era parecido com a época em que ela passava o braço pelo ombro de sua amiga Lucy Pachhofen, e tinha de dizer “papai”, sabendo que papai era amante de Lucy, pois as duas coisas aconteciam no mesmo tempo.

Clarisse sentiu novamente as faces em fogo. Interessou-se por esse vagido singular, esse vagido estranho de que falara ao amigo. Pegou um espelho e procurou encontrar outra vez o rosto com os lábios apertados de medo, que devia ter feito naquela noite, quando seu pai se aproximara da sua cama. Não conseguiu produzir o som que se soltara de seu peito naquela tentativa. Refletiu que esse som ainda hoje deveria estar dentro de seu peito, como naquela vez. Era um som sem deferência nem cuidado; mas nunca mais subira à superfície. Ela largou o espelho e olhou em torno, cautelosamente, reforçando com olhos tateantes a consciência de estar sozinha. Depois, procurou com as pontas dos dedos, através do vestido, aquele sinal de nascença preto, tão singular. Na região da virilha, meio escondido na parte interna superior da coxa, à beira dos pêlos que terminavam ali, irregulares; ela deixou a mão pousada no sinal, evitou todos os pensamentos e ficou à espreita, para ver a transformação que se passaria nela. Sentiu-a imediatamente. Não era a torrente macia da sensualidade, mas seu braço ficou hirto, duro como um braço de homem; teve a impressão de que se o erguesse direito poderia esmagar qualquer coisa com ele! Chamava aquele local de seu corpo de Olho do Diabo. Seu pai parará naquele ponto. O Olho do Diabo tinha um olhar que atravessava as vestes; esse olhar “botava” o “olho” nos homens, atraía-os, fascinados, mas não permitia que se mexessem enquanto Clarisse não desejasse. Clarisse pensava certas palavras entre aspas, destacadas como, ao escrever, sublinhava certas palavras com grossos traços de tinta; tais palavras assim destacadas tinham um sentido tenso, duma tensão parecida com a do seu braço; quem jamais pensaria que se pudesse realmente captar alguma coisa com os olhos? Mas ela era a primeira pessoa a segurar essa palavra na mão como a uma pedra que se pode atirar contra um alvo. Era uma parte da tremenda força do seu braço. E com tudo isso ela esquecera o ganido no qual desejava refletir, e pensava em sua irmã mais moça, Marion. Quando Marion tinha quatro anos precisavam atar-lhe as mãos, à noite, porque do contrário, sem se dar conta pela pura alegria daquele prazer, elas desciam cobertas abaixo como dois jovens ursos em direção a um favo de mel. Mais tarde ela, Clarisse, certa vez tivera de arrancar Walter de Marion. A sensualidade circulava na sua família como vinho en-

tre vinhateiros. Era o destino. Ela carregava um ônus pesado. Apesar disso, seus pensamentos vagavam pelo passado, a tensão no braço se desfazia passando a um estado natural, e a mão ficou esquecida no colo. Naquele tempo ainda não tratava Walter por você. Na verdade devia-lhe muita coisa. Ele trouxera a mensagem de gente nova que gostava de móveis frios e claros, e pendurava nas salas quadros que representavam a verdade. E lia para ela: Peter Altenberg, pequenas histórias de meninas pequenas que jogavam aros entre canteiros de tulipas enlouquecidos de amor, e tinham olhos inocentes, claros e doces como *marron-glacés*; e Clarisse soube desde aquele momento que suas pernas esguias, que ainda lhe pareciam infantis, significavam tanto quanto um *scherzo* de “não-sei-de-quem”.

Estavam todos num lugar de veraneio, um grande grupo, várias famílias conhecidas tinham alugado mansões junto a um lago, e todos os quartos de dormir estavam ocupados por amigos e amigas convidados. Clarisse dormia com Marion, e, às vezes, o Dr. Meingast ia ao quarto delas, às onze horas, num secreto passeio ao luar, para conversar; agora era um homem famoso na Suíça, naquele tempo um mestre nas diversões, endeusado por todas as mãos. Que idade ela teria naquele tempo? Quinze ou dezesseis anos, ou entre catorze e quinze, quando o aluno dele, Georg Gröschl, veio junto, pouco mais velho do que Marion e Clarisse? O Dr. Meingast estava distraído naquela noite, fez apenas um breve discurso sobre os raios de luar, pois que dormiam insensíveis, e gente nova; de repente sumiu e parecia só ter vindo para deixar com as meninas o seu musculoso pequeno Georg, seu admirador. Georg não disse nada, devia sentir-se intimidado, e as duas meninas, que até ali haviam apenas respondido a Meingast, também se calaram. Mas, então, provavelmente Georg cerrou os dentes no escuro e aproximou-se da cama de Marion. O quarto estava um pouco iluminado pela luz que vinha de fora, mas nos cantos, onde ficavam as camas, erguiam-se densas massas de sombra, e Clarisse não conseguia divisar o que acontecia; apenas notou que Georg parecia estar parado junto à cama de Marion baixando os olhos para ela, mas de costas viradas para Clarisse, e Marion estava absolutamente quieta, como se nem estivesse no quarto. Aquilo durou bastante tempo. Finalmente Georg se destacara das sombras, como um assassino, enquanto Marion continuava imóvel como antes; o ombro e o flanco apareceram por um momento no luar, no centro do quarto, e ele veio até Clarisse, que se deitara depressa outra vez, puxando o cobertor até o queixo. Sabia que agora se repetiria com ela a coisa secreta que acontecera com Marion, e estava hirta de expectativa, enquanto Georg se postava mudo junto da sua cama, e parecia apertar os lábios com incrível força. Por fim a mão dele chegou como uma cobra, e começou a manipular Clarisse. Ela não percebia bem o que mais ele estava fazendo; não tinha idéia daquilo, e não conseguia dar sentido ao pouco que percebia de seus movimentos apesar da excitação. Ela própria não sentia prazer nenhum, este só veio depois; no momento, era apenas um nervosismo intenso, inominado, assustado; estava quieta como uma pedra trêmula numa ponte sobre a qual passa uma pesada carroça com infinita lentidão, não conseguia dizer nada, e deixou-o fazer o que quisesse. Depois de soltá-la, Georg sumiu sem se despedir, e nenhuma das duas irmãs soube ao certo se com a outra acontecera o mesmo que com ela; não tinham pedido socorro uma à outra nem tinham-se convidado a participar, e passaram-se anos antes de comentarem o ocorrido.

Clarisse encontrara novamente sua maçã, ficou roendo a fruta e mastigando pedacinhos. Georg nunca se traíra nem mencionara o acontecido, apenas talvez, bem

no começo, de vez em quando lançava uns olhares significativos; hoje era um brilhante e elegante funcionário da Justiça, e Marion estava casada. Mas com o Dr. Meingast mais coisas haviam acontecido: deixara aquela máscara de cínico quando fora para o exterior, tornara-se o que, fora das universidades, se chama de filósofo famoso, mantinha ao seu redor constantemente uma multidão de discípulos e discípulas, e há pouco tempo escrevera uma carta a Walter e Clarisse, anunciando que em breve pretendia visitar a pátria para poder trabalhar um pouco sem ser perturbado pelos seguidores. Também perguntara se o poderiam hospedar, pois ouvira dizer que viviam “na fronteira entre natureza e cidade”. Talvez esse fosse o motivo de os pensamentos de Clarisse estarem seguindo velhos caminhos naquele dia. “Meu Deus, que tempo estranho aquele!”, pensou. E agora também sabia: fora no verão antes daquele verão com Lucy. Meingast a beijava sempre que tinha vontade. “Permita que eu a beije agora!”, dizia educadamente, antes de fazê-lo, e também beijava todas as amigas dela; Clarisse até sabia de uma cujo vestido nunca mais pudera ver sem pensar naqueles olhos baixos falsamente inocentes. O próprio Meingast lhe contara tudo, e Clarisse — que naquele tempo tinha só quinze anos! — dizia ao adulto Dr. Meingast quando ele lhe contava suas aventuras com amigas dela: “O senhor é um porco!” Divertia-a enormemente usar aquela palavra vulgar e insultá-lo; mas tinha medo de afinal também não poder lhe resistir, e quando ele pedia um beijo não tinha coragem de negar por medo de parecer idiota.

Mas quando Walter a beijara pela primeira vez, ela dissera muito séria: “Prometi a mamãe nunca fazer uma coisa dessas.” Era essa a diferença: Walter dizia frases bonitas como as do Evangelho, e falava muito, a arte e a filosofia o rodeavam como um bando de nuvens rodeia a lua. Lia para ela em voz alta. Mas principalmente olhava para ela, ela entre todas as amigas, e nisso constava de início a sua relação; era como quando a lua aparece e a gente cruza as mãos. Na verdade o relacionamento deles prosseguira com apertos de mão; apertos de mão silenciosos, sem palavras, com uma singular força de união. Clarisse sentia o corpo purificado pela mão dele; e se esta lhe era estendida alguma vez com frieza e distração, ficava infeliz.

“Você não sabe o que isso significa para mim!”, disse. Naquele tempo os dois já se tratavam por “você”. Por causa dele, Clarisse começou a compreender montanhas e besouros, pois até ali apenas considerara a natureza uma paisagem que papai ou um de seus colegas pintava e vendia. De repente, despertara seu espírito de crítica em relação à família; sentia-se outra, diferente. Clarisse também recordou exatamente aquela história do *scherzo*: “Suas pernas, Srta. Clarisse”, dissera Walter, “têm mais a ver com a verdadeira arte do que todos os quadros que seu pai pinta!” Havia um piano naquele veraneio, e eles tocavam a quatro mãos. Clarisse aprendeu com ele; queria superar as amigas e a família; ninguém compreendia como podiam ficar tocando piano naqueles dias bonitos, em vez de remar ou tomar banho, mas ela colocara sua esperança em Walter; já naquela ocasião decidira que seria “mulher dele”, ia casar-se com ele, e quando ele a censurava por algum erro ao tocar, ficava indignada, mas o prazer superava tudo. E Walter às vezes realmente a censurava, pois o espírito não conhece concessões; mas era só quando tocavam piano. Além da música ainda acontecia que Meingast a beijassem; e num passeio ao luar, quando Walter remava, ela deitara espontaneamente a cabeça no peito de Meingast, sentado a seu lado na proa. Meingast era incrivelmente hábil nesses assuntos, ela não sabia o que iria acontecer; quando Walter a pegou pela segunda vez, depois da aula de piano, no último momen-

to, quando já estavam na porta, agarrando-a por trás e beijando-a, Clarisse teve apenas uma sensação enjoada de sufocação, e livrou-se dele; apesar disso, estava determinada: não importava o que ainda poderia acontecer com o outro, a esse não largaria!

Acontecem coisas estranhas nesses assuntos; a respiração do Dr. Meingast tinha algo que derretia a resistência dela, algo como um ar leve e puro, no qual a gente se sente feliz sem notar; enquanto Walter, que, Clarisse há muito sabia, sempre sofria de digestão difícil, com os intestinos tão lentos quanto suas decisões, tinha respiração um tanto pesada, quente demais, fermentada e paralisante. Esses fatores físicos e espirituais tinham-se relacionado singularmente desde o começo, e Clarisse não se espantava, porque nada lhe parecia mais natural do que isso que Nietzsche diz, que o corpo de uma pessoa é a sua alma. As pernas dela não tinham mais genialidade do que a cabeça, mas exatamente a mesma; eram a própria genialidade. Sua mão, tocada por Walter, movia momentaneamente uma torrente de propósitos e afirmações que corria da cabeça aos pés, sem palavras; e sua juventude, assim que se tornara consciente, rebelava-se contra as convicções e outras bobagens de seus pais com o frescor de um corpo duro que desdenha todas as emoções que lembrem de longe opulentas camas de casal e luxuosos tapetes turcos, tão apreciados pela geração anterior, de costumes tão severos. Por isso o físico continuou tendo um papel, que ela encarava de um modo talvez diferente do de outras pessoas.

Mas aqui Clarisse interrompeu suas recordações; ou não era bem isso, eram as recordações que, de súbito, sem terem tocado a terra, se afastavam do presente. Pois tudo isso, e o que ainda viria, ela desejara transmitir ao seu amigo sem qualidades. Talvez Meingast no momento ocupasse um espaço excessivo, pois desaparecera logo depois daquele verão agitado, fugira para o estrangeiro, começara aquela imensa transformação que faz do mundano frívolo um pensador famoso, e Clarisse só o revira rapidamente depois daquilo, sem pensar no passado. Mas pensando nele agora, via claramente sua participação naquela mudança. Muitas coisas tinham acontecido entre os dois nas semanas antes da fuga dele; sem Walter, e com a ciumenta participação de Walter, afastando Walter, excitando Walter, tempestades espirituais, horas ainda mais loucas que transtornam um homem e uma mulher antes da tempestade, e horas de esgotamento, que gastaram toda a paixão e jazem como prados depois da chuva, no puro ar da amizade. Clarisse tivera de suportar muita coisa, e não o fizera de má vontade, mas, criança curiosa, depois acabava se rebelando, dizendo o que pensava daquele amigo descontrolado; e porque nos últimos tempos antes da sua partida Meingast já se tornara mais sério, quase nobre e melancólico naquela disputa com Walter, ela hoje estava convencida de que atraíra para si tudo o que o perturbava antes de ele ir para a Suíça, permitindo assim que ele se transformasse tão inesperadamente. Essa idéia se fortalecia por tudo que em seguida acontecera entre ela e Walter; Clarisse não conseguia mais distinguir direito aqueles anos e meses há tanto passados, mas afinal era indiferente em que época acontecera uma coisa ou outra; depois da hesitante aproximação com Walter, viera um tempo romântico, com passeios, confissões e posse espiritual, ao mesmo tempo repleto daqueles incontáveis, pequenos, infinitamente torturantes excessos que arrebatam dois apaixonados, aos quais falta a coragem para se decidirem, mas que já se afastaram da castidade. Era como se Meingast tivesse deixado com eles seus pecados, para os experimentarem novamente num sentido mais sublime, e levá-los ao ápice do esgotamento; assim pensavam. E hoje que Clarisse gostava tão pouco de Walter que seguidamente sentia repulsa por ele, via ainda mais

claro que a embriaguez de amor, que a deixara tão enlouquecida, não podia ter sido senão uma encarnação, o que, ela sabia, significava “entrada na carne”, de algo não carnal, um sentido, uma tarefa, um destino, como os que são preparados entre as estrelas para os escolhidos.

Não se envergonhava, antes sentia vontade de chorar um pouco, ao comparar ontem e hoje; mas jamais conseguia chorar, apenas apertava os lábios, e neles aparecia algo semelhante a um sorriso. Seu braço, beijado até na axila, a perna vigiada pelo Olho do Diabo, seu corpo flexível, mil vezes revirado pelos langores do amado e voltando a si como um cordão esticado, guardavam a maravilhosa sensação que acompanha a do amor: de estar repleto de uma misteriosa importância em cada gesto.

Clarisse estava ali sentada e sentia-se como uma atriz no intervalo da peça. Não sabia o que estava por vir; mas estava certa de que era a tarefa infinita de todos os apaixonados manter-se como aquilo que se foi para o outro nos momentos supremos. E seu braço estava ali, suas pernas, sua cabeça sobre o corpo, sinistramente pronta a ser a primeira a perceber o inevitável. Talvez seja difícil entender o que Clarisse pensava, mas para ela não era grande esforço. Escreveu uma carta ao Conde Leinsdorf, pedindo um Ano Nietzsche, e ao mesmo tempo a libertação do assassino de mulheres, e talvez sua exposição pública, lembrando a via-sacra daqueles que reúnem em si todos os pecados do mundo; e agora ela também sabia por que fizera isso. É preciso pronunciar a primeira palavra. Provavelmente não se expressara bem, mas não tinha importância; o principal é começar, e acabar com a tolerância, o *laissez-faire*. Está historicamente provado que de tempos em tempos — atrás disso soa a expressão “de eternidade a eternidade”, como dois sinos que não se enxergam embora próximos — o mundo precisa dessas pessoas que não podem colaborar, nem na mentira, e com isso chamam desagradavelmente a atenção. Até ali estava tudo claro.

E também está claro que pessoas que chamam atenção de modo desagradável sentem a pressão do mundo. Clarisse sabe que os grandes gênios em geral sofrem, e não se espanta ao ver que muitos dias e semanas de sua vida transcorrem sob uma pressão intensa, como se tivessem colocado por cima deles uma pesada laje; mas isso sempre passava, e todas as pessoas são assim; na sua sabedoria a Igreja até introduziu épocas de luto para concentrar toda a tristeza e impedir que os séculos sejam inundados de desânimo e insensibilidade, o que já chegou a acontecer. Outros momentos da vida de Clarisse são mais difíceis de tratar, tão livres e desinibidos que às vezes basta uma palavra para a fazer logo saltar dos trilhos; ela fica então fora de si, mas não sabe dizer onde está; porém não está em absoluto ausente, ao contrário, poderia-se antes dizer que está dentro de si, num lugar mais profundo, colocada de maneira inconcebível para as idéias comuns no espaço que o corpo dela assume no mundo; mas para que procurar palavras para algo que não fica na rua das palavras, se, de qualquer modo, em breve ela acaba junto das outras pessoas, restando apenas um leve formigar na cabeça, como depois de uma hemorragia nasal. Clarisse compreende que são momentos perigosos os que por vezes experimenta. Obviamente são preparativos e testes. Além disso tinha o hábito de pensar várias coisas ao mesmo tempo, como um leque que se abre e fecha, e uma parte fica meio do lado, meio embaixo da outra, e quando tudo fica confuso demais, compreende-se a necessidade de escapar disso com um puxão; muita gente sente isso, apenas não o entende. Portanto, Clarisse vivência preparativos e indícios como outras pessoas confiam em sua memória ou sua boa digestão, dizendo que podem até comer cacos de vidro. Mas Clarisse já provou algumas



vezes que realmente sabe suportar muita coisa; demonstrou sua força com o pai, Meingast, Georg Gröschl, e ainda precisa fazer alguns esforços com Walter, com quem as coisas ainda seguiam seu curso, embora hesitante; mas há algum tempo Clarisse desejava provar sua força com o homem sem qualidades. Não sabia ao certo desde quando; ligava-se a esse nome que Walter mencionara e Ulrich aprovara; na verdade, antigamente nunca prestara muita atenção a ele, embora fossem bons amigos. Mas “homem sem qualidades”, isso lhe recordava, por exemplo, música de piano, isto é, todas aquelas melancolias, saltos de alegria, explosões de raiva, que experimentamos tocando piano, sem que cheguem a ser verdadeiramente paixões. Tinha afinidade com isso. Dali passava direto para a afirmação de que era preciso negar-se a fazer qualquer coisa que não acontece do fundo da alma, e chegava ao centro da profunda e tumultuada realidade de seu casamento. Um homem sem qualidades não diz *não* à vida, ele diz *ainda não*! E poupa-se; ela compreendera isso com todo o corpo. Talvez fosse esse o sentido de todos os momentos em que saía de si mesma e queria ser a Mãe de Deus. Lembrava-se do rosto que a visitara há menos de quinze minutos. “Talvez toda mãe possa ser Mãe de Deus”, pensou, “se não se entregar, não mentir nem agir, mas colocar para fora de si, como a um filho, o que está no seu mais remoto interior! Isto desde que não procure nada para si mesma!”, acrescentou tristemente. Pois a idéia não lhe agradava nada, ao contrário, enchia-a com a sensação, dividida entre tormento e felicidade, de ser sacrificada por alguma coisa. Mas se sua visão fora como quando, entre ramos de uma árvore, no meio das folhas que de repente bruxuleiam como círios, aparece um quadro, para logo depois se fecharem novamente as ramadas, agora seu estado de alma se modificara de forma duradoura. No momento seguinte um acaso lhe proporcionou aquela descoberta, sem significado para outras pessoas, de que a palavra *Mutter*, “mãe”, está contida na expressão *Muttermal*, “sinal de nascente”. Para ela, isso significava o mesmo que seu destino de repente estar escrito nas estrelas. O pensamento maravilhoso de que a mulher devia receber o homem dentro de si como mulher e como mãe a deixava terna e excitada. Não sabia como essa idéia lhe viera, mas desfazia todas as suas resistências, e ainda assim lhe conferia poder.

Ela ainda não confiava no homem sem qualidades. Ele não era sincero ao falar. Quando afirmava que não se poderiam executar suas idéias, ou que não levava nada muito a sério, era apenas um disfarce, ela sabia muito bem; haviam-se explorado mutuamente, e reconhecido por sinais, quando Walter achava que às vezes Clarisse era meio doida! Mas em Ulrich havia algo amargamente cruel, diabolicamente preso ao negligente ritmo do mundo. Era preciso salvá-lo. Ela teria de buscá-lo. Disse a Walter: mate-o. Não significava muita coisa, ela nem soubera direito o que dizia com aquilo; mas era mais ou menos que alguma coisa precisa ser feita para o arrancar de si mesmo, e não devemos parar diante de obstáculo algum.

Clarisse precisava lutar com ele.

Ela riu, esfregou o nariz. Andou de um lado para o outro na escuridão. Tinha de acontecer alguma coisa com a Ação Paralela. O que, ela não sabia.

## SOBRE UM ESTADO ARRUINADO POR UM LAPSO DE LINGUAGEM

O trem do tempo rola os trilhos à sua frente. O rio do tempo leva consigo suas margens. O viajante move-se entre paredes firmes sobre solo firme; mas solo e paredes são imperceptivelmente agitados pelos movimentos dos que viajam. Era uma felicidade imensa para a paz interior de Clarisse ainda não ter pensado nisso.

Mas também o Conde Leinsdorf estava protegido dessa idéia. E o que o protegia era a sua convicção de estar fazendo *Realpolitik*.

Os dias balançavam formando as semanas. As semanas não paravam, mas formavam guirlandas. Estava sempre acontecendo algo. E quando está sempre acontecendo algo, temos facilmente a impressão de estarmos fazendo algo bem real. Por isso, iam abrir as pomposas salas do palácio Leinsdorf ao público numa grande festa em benefício das crianças tuberculosas; esse acontecimento provocava longas conversas de Sua Alteza com o mordomo, designando-se dias determinados para executar determinadas tarefas. Ao mesmo tempo, a polícia estava realizando uma exposição de jubileu, em cuja inauguração apareceu toda a sociedade, e o chefe de polícia visitara Sua Alteza pessoalmente para convidá-la. Quando o Conde Leinsdorf chegou, o chefe de polícia reconheceu a seu lado o “auxiliar voluntário e secretário de honra”, que lhe foi mais uma vez apresentado, superfluamente, o que lhe deu oportunidade de demonstrar mais uma vez sua prodigiosa memória, pois tinha fama de conhecer pessoalmente um entre cada dez dos cidadãos, ou pelo menos estar informado a seu respeito. Diotima também foi, acompanhada pelo marido, e todos esperaram pelo membro da Casa Imperial que foi apresentado a uma parte dos convidados; e todos foram unânimes em dizer que a exposição era um sucesso e estava fascinante. Constava de uma série de quadros escolhidos com sensibilidade, pendurados nas paredes, e de objetos recordando grandes crimes, expostos em vitrines e armários com portas de vidro. Entre eles, utensílios de arrombadores, máquinas de falsários, botões caídos que tinham fornecido pistas, e os trágicos instrumentos de conhecidos assassinos, com as respectivas legendas; os retratos nas paredes, ao contrário daqueles objetos sinistros, davam edificantes exemplos da vida policial. Lá estava o bondoso guarda levando pela rua a boa avozinha, o guarda sério diante do cadáver que boiava no rio, o guarda corajoso que segura os freios de cavalos assustados, a alegoria da “Polícia protegendo a cidade”, a criança perdida entre os guardas maternos no posto de serviço, o guarda em chamas retirando nos braços uma mocinha do fogo, e uma série de retratos desse tipo, como “Primeiros Socorros”, “Patrulha Solitária”, ao lado de fotos de bravos policiais até o ano de 1869, descrições de suas vidas e poemas emoldurados elogiando o trabalho da polícia ou de algum de seus funcionários. A sua autoridade maior, o chefe desse ministério, que na Kakânia tinha o título psicológico “de Assuntos Interiores”, falou sobre a exposição em seu discurso inaugural, dizendo que representava o espírito da polícia como algo realmente popular, e chamou esse espírito disciplinado e altruísta de fonte de juventude moral num tempo em que a arte e a vida se inclinavam para o culto covarde de uma absurda frivolidade. Diotima, parada ao lado do Conde Leinsdorf, inquietou-se quanto aos seus esforços em favor da arte moderna, & tratou de olhar fixamente para o ar, com expressão suave mas firme, para mostrar

àquele amável elemento que também havia outras cabeças na Kakânia além do ministro em questão. E seu primo, que a observava a alguma distância durante o discurso, com os respeitáveis pensamentos de um secretário de honra da Ação Paralela, sentiu de repente naquela multidão uma mão leve e cautelosa pousar em seu braço, e, surpreso, reconheceu Bonadéia, que viera à inauguração com seu marido, alto funcionário da Justiça, e aproveitava o momento em que todos viravam o rosto para o ministro e o arquiduque, para aproximar-se de seu infiel amigo. Esse audacioso ataque fora longamente planejado; sentindo-se infeliz pelo afastamento do amado, num momento em que fora dominada por uma melancólica necessidade de amarrar também na extremidade livre a esvoaçante bandeira do seu prazer, para falar figuradamente, nas últimas semanas ela passara a pensar unicamente em reconquistá-lo. Ele se esquivava, e alguns encontros que ela forçara apenas a deixavam com a desvantagem de quem pede diante do que prefere ficar sozinho; assim, decidira forçar sua entrada naquele meio que seu amado freqüentava diariamente, e essa intenção albergava outra, de utilizar as relações profissionais de seu marido com aquele repulsivo assassino Moosbrugger, e a intenção de seu amigo de aliviar de alguma forma o destino do criminoso, para ligar-se a ele. Para isso insistira com o marido sobre a simpatia das esferas influentes pelos criminosos, e quando soube da exposição e de sua inauguração festiva, convenceu-o a levá-la consigo, pois o instinto lhe dizia que essa seria a tão desejada festa beneficente em que viria a conhecer Diotima.

Quando o ministro encerrou seu discurso e o grupo começou a circular, ela não saiu do lado do consternado amante, e começou a examinar em sua companhia os terríveis instrumentos ensanguentados, apesar do horror quase invencível que lhe causavam.

— Você disse que poderíamos acabar com tudo isso, bastava querer — ceceou ela e, como uma criança boazinha que deseja mostrar sua atenção, lembrou-o da última conversa detalhada que haviam tido sobre o assunto. Um pouco depois sorriu, deixou que a multidão a empurrasse contra o corpo dele, e aproveitou este momento para sussurrar-lhe:

— Uma vez você disse que qualquer pessoa é capaz de qualquer fraqueza nas circunstâncias certas! — Ulrich ficou extremamente constrangido por aquela maneira ostensiva de andar ao lado dele, e como, apesar das tentativas de a afastar, a amante se dirigisse para Diotima, e ele não a pudesse repreender diante de tanta gente, viu que naquele dia nada lhe restava senão apresentar as duas mulheres uma à outra, coisa a que até então sempre se opusera. Já estavam perto de um grupo cujo centro eram Diotima e Sua Alteza, quando Bonadéia exclamou bem alto diante de uma vitrina:

— Olhe só, lá está a faca de Moosbrugger! — Estava lá, com efeito, e Bonadéia a encarava entusiasmada, como se tivesse descoberto numa gaveta o primeiro cotilhão da vovó; então, seu amigo se decidiu precipitadamente, e sob um pretexto adequado pediu à prima que o deixasse apresentá-la a uma senhora que desejava isso, e que ele conhecia como ardente admiradora de todas as iniciativas boas, verdadeiras e belas.

Portanto, não se podia dizer que no balanço dos dias e das semanas acontecessem poucas coisas, e a exposição da polícia, com tudo que se ligava a ela, fora na verdade a menor delas.

Na Inglaterra, por exemplo, havia coisa bem mais impressionante a comentar em sociedade: uma casa de bonecas que a rainha recebera de presente, construída por

um famoso arquiteto, com sala de jantar de um metro de comprimento, onde se viam miniaturas de quadros de famosos pintores modernos, quartos com água quente e fria nas torneiras, e uma biblioteca com um livrinho todo de ouro, no qual a rainha colou as fotos de toda a família real, um guia das ferrovias e roteiros marítimos microscopicamente impressos, e cerca de duzentos minúsculos volumes em que autores famosos tinham escrito pessoalmente poemas e histórias para a rainha. Diotima tinha a luxuosa obra inglesa em dois tomos, que acabava de sair a respeito, reproduzindo em preciosos retratos todas as maravilhas desse trabalho, e a essa edição devia um aumento de frequência da mais alta sociedade em seu salão. Mas havia também toda a sorte de outras coisas acontecendo incessantemente, para as quais nem se encontravam palavras, de modo que a alma se enchia com um rufar de tambores precedendo algo que ainda não aparecera na esquina. Funcionários do telégrafo imperial e real fizeram a primeira greve, inquietante e estranha, que recebeu o nome de resistência passiva, e consistia apenas em cumprirem com estrita exatidão suas prescrições de serviço; viu-se então que cumprir estritamente a regra fazia parar todo o trabalho mais depressa do que uma anarquia desenfreada. Além do capitão de Köpenick, na Prússia, que, como ainda hoje se recorda, chegara a oficial comprando um uniforme a um vendedor de roupa usada, parando uma patrulha na rua e com ajuda dela e da obediência prussiana ao rei roubara o cofre municipal, a resistência passiva dava cócegas na boca, mas ao mesmo tempo minava as idéias que fundamentavam a reprovação que se desejaria expressar.

Lia-se também, entre as novidades dos jornais, que o governo de Sua Majestade fizera um acordo com o governo de outra majestade para assegurar a paz, melhorar as finanças, colaborar lealmente e respeitar os direitos de todos, mas também incluindo medidas para o caso de se verem ameaçados. O ministro sob cujas ordens trabalhava o subsecretário Tuzzi fizera um discurso poucos dias depois, provando a urgente necessidade de uma estreita união entre os três impérios continentais, que não deveriam ignorar a moderna evolução social, mas fazer frente a novas estruturas sociais, no interesse comum das dinastias; a Itália estava envolvida numa empresa armada na Líbia; a Alemanha e a Inglaterra tinham a questão de Bagdá; a Kakânia fazia certos preparativos militares no sul, para mostrar ao mundo que não permitiria a expansão da Sérvia para o mar, mas apenas uma ligação de ferrovia; e, acontecimento de igual importância, a mundialmente famosa atriz sueca, Srta. Vogelsang, afirmava que nunca dormira tão bem como na primeira noite depois de sua chegada à Kakânia, contente com o guarda que a salvara da multidão entusiasmada, mas depois pedira para poder apertar com as duas mãos a mão dela.

E assim, nossos pensamentos voltam à exposição policial. Muita coisa acontecia, e todos as percebiam. Acharmos boas as coisas que fazemos, mas temos nossas reservas quando outros as fazem. Individualmente, qualquer menino de colégio entendia isso, mas ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo, exceto algumas pessoas, e estas não tinham certeza de saber. Algum tempo depois, tudo teria podido acontecer numa sequência diferente ou inversa, e ninguém teria notado a diferença, à exceção de certas mudanças que permanecem incompreensivelmente, e formam os rastros de gosma da lesma histórica. É compreensível que uma embaixada estrangeira se depare nessas circunstâncias com uma pesada tarefa, se desejar descobrir o que realmente ocorre. Os representantes diplomáticos teriam gostado de compreender o Conde Leinsdorf, mas Sua Alteza lhes causava dificuldades. Ele reencontrava diariamente em

seu trabalho a satisfação que advém da firme solidez, e seu rosto mostrava aos observadores estrangeiros a radiante calma luminosa de acontecimentos bem ordenados. A Repartição Um escrevia, a Repartição Dois respondia; quando a Repartição Dois tivesse respondido seria preciso avisar disso a Repartição Um, e era melhor que se sugerisse uma reunião; quando Repartição Um e Repartição Dois chegavam a um acordo, constatava-se que nada poderia ser feito; e assim havia sempre o que fazer. Além disso, havia incontáveis elementos secundários a considerar. Colaborava-se com todos os ministérios; não se desejava ofender a Igreja; era preciso ter em conta certas pessoas e relações sociais; em suma, também em dias em que não se fazia nada de especial, havia tantas coisas que não se podiam fazer, que se ficava com a impressão de uma grande atividade. Sua Alteza sabia avaliar muito bem isso:

— Quanto mais alta a posição em que o destino coloca um homem — costumava dizer —, tanto mais nitidamente ele reconhece que só interessam alguns poucos princípios sólidos, vontade firme e ação planejada.

E certa vez ele também se estendeu um pouco mais sobre esse assunto e outros com seu “jovem amigo”. Falou nos esforços pela unidade alemã, e admitiu que, entre mil oitocentos e quarenta e oito e mil oitocentos e sessenta e seis, muitas pessoas sensatas haviam influído na política.

— Mas então — prosseguiu ele — apareceu esse Bismarck, e ele teve uma coisa boa: mostrar que não se faz política com discursos e bom senso! Apesar de seus lados sombrios, ele conseguiu que desde seus tempos, onde quer que se fale alemão, qualquer um saiba que na política nada se espera do bom senso e dos discursos, mas sim da reflexão silenciosa e da ação!

O Conde Leinsdorf também fez pronunciamentos semelhantes no concílio, e os representantes das potências estrangeiras, que tinham seus observadores lá, acharam difícil formar um quadro correto das suas intenções. Atribuíam importância à participação de Arnheim bem como à posição do subsecretário Tuzzi, e deduziram que havia um acordo secreto entre esses dois homens e o conde, com objetivo político momentaneamente oculto no empreendimento da sra. Tuzzi, para desviar a atenção através de seus esforços de ordem pan-cultural. Se pensarmos nesse êxito com que o Conde Leinsdorf conseguia lograr a curiosidade dos mais experientes observadores, sem o menor esforço, é preciso reconhecer que possuía aquele talento de política realista que julgava ter.

Mas também os cavalheiros que usam galardões de ouro bordados e enfeites semelhantes nas casacas em ocasiões solenes seguiam os preceitos de política realista de seu ofício, e como na busca de motivos secretos da Ação Paralela não obtivessem resultados palpáveis, em breve dirigiram sua atenção para aquilo que causava a maioria dos fenômenos inexplicados na Kakânia, e que se chamavam “as nações não-libertadas”.

Hoje em dia agimos como se o nacionalismo fosse invenção dos fornecedores dos exércitos, mas deveríamos tentar uma explicação mais ampla, e a Kakânia fornecia uma importante comprovação para tal. Os habitantes dessa dupla imperial-real monarquia imperial e real enfrentavam uma pesada tarefa; deviam sentir-se patriotas imperiais e reais austro-húngaros, mas ao mesmo tempo do reino húngaro ou do real império austríaco. Seu lema predileto face a essas dificuldades era: “forças unidas!” Chamava-se a isso *viribus unitis*. Os austríacos porém precisavam de mais forças para isso do que os húngaros. Pois os húngaros eram antes e depois de tudo apenas

húngaros, e só secundariamente outras pessoas que não entendiam sua língua os consideravam austro-húngaros; os austríacos, ao contrário, antes de tudo, originariamente, não eram nada, e segundo seus dirigentes deveriam sentir-se indiferentemente austro-húngaros ou austríacos-húngaros — nem ao menos havia uma expressão adequada para isso. Tampouco havia a Áustria. As duas partes, Hungria e Austria, combinavam entre si como um casaco vermelho-branco-verde com uma calça preta-e-amarela; o casaco era uma peça isolada, a calça era o resto de um terno preto-e-amarelo que já não existia mais, pois fora separado em mil oitocentos e sessenta e sete. A calça “Áustria” chamava-se desde então, na linguagem oficial, “reinos e países representados no Conselho do Reino”. O que naturalmente não significava coisa alguma, e era um nome feito de nomes, pois também esses reinos, por exemplo os reinos tão shakespearianos da Lodoméria e da Ilíria, há muito não existiam mais, e já nem existiam quando ainda havia um terno preto-e-amarelo completo. Por isso, se perguntavam a um austríaco o que ele era, naturalmente o homem não podia responder: sou de um dos reinos e países inexistentes representados no Conselho do Reino. Assim, preferia dizer: sou polonês, tcheco, italiano, friulano, rético, esloveno, croata, sérvio, eslovaco, ruteno ou valaco, e era isso que chamavam nacionalismo. Imagine-se um porquinho-da-índia, que não sabe se é porco ou roedor, portanto um ser que não tem nenhum conceito sobre si mesmo, e entender-se-á que eventualmente ele possa sentir um medo enorme até do próprio rabinho; mas era nessa relação que se encontravam os kakanianos uns com os outros, e encaravam-se com o pânico horror de membros que, unindo as forças, impediam uns aos outros de serem qualquer coisa. Desde que existe a Terra não houve uma criatura que tivesse morrido de um lapso de linguagem, mas deve-se acrescentar que, mesmo assim, a dupla monarquia austro-húngara e austríaca e húngara acabou arruinada por ser impronunciável.

É importante para os estrangeiros saberem de que maneira um kakaniano experiente e destacado como o Conde Leinsdorf lidava com essas dificuldades. Primeiro, separou cuidadosamente a Hungria em sua mente lúcida, e dela jamais falava, como diplomata sábio que era, assim como nunca se fala de um filho que se tornou independente contrariando a vontade dos pais, embora se deseje que leve boas lições da vida; mas designava todo o restante como “nacionalidades”, ou como “raças” austríacas. Era uma criação muito sutil. Sua Alteza estudara direito constitucional, e lá encontrara a definição difundida por todo o mundo como adequada, de que um povo só tem direito de ser considerado nação quando tem uma forma própria de governo e, como consequência disso, para ele as nações kakanianas eram no máximo nacionalidades. Por outro lado, o Conde Leinsdorf sabia que o ser humano só consegue encontrar sua verdadeira destinação na vida comunitária de uma nação que a ele se sobreponha. E porque não queria ver ninguém privado disso, concluía pela necessidade de subordinar nacionalidades e raças a um Estado. Além disso acreditava na ordem divina, embora essa nem sempre fosse visível ao olho humano, e nas horas revolucionariamente modernas que por vezes ele tinha, era até capaz de pensar que a idéia de estado, tão reforçada nos tempos modernos, talvez não fosse senão a idéia de Majestade imposta por Deus, numa forma fenomênica rejuvenescida e recente. Seja como for, como político realista ele rejeitava raciocínios exagerados e também teria-se ajeitado com o conceito de Diotima, de que a idéia do Estado kakaniano era semelhante à idéia da Paz Mundial — o principal era que houvesse um Estado kakaniano, embora sem ter nome preciso, e se tivesse de inventar, para isso, um povo kakaniano. Ele cuidava

de tornar clara esta posição como exemplo de que ninguém que não fosse à escola era um escolar, mas que a escola continuava sendo escola ainda que vazia. Quanto mais as populações resistiam à escola kakaniana que desejava transformá-las num povo, tanto mais ele achava necessária a escola. As populações acentuavam com veemência que eram nações, exigiam a devolução de direitos históricos perdidos, namoravam primos-irmãos e parentes de além-fronteiras, e chamavam abertamente o reino de prisão, da qual queriam ser libertados.

O Conde Leinsdorf, em contrapartida, chamava-os tanto mais diplomaticamente de raças; e acentuava o seu estado inacabado, apenas queria completá-lo, transformando aquelas raças em um povo austríaco, e o que não seria para seu plano, ou era sedicioso demais, ele declarava, na sua proverbial maneira, como resultado de uma imaturidade ainda não superada, e desejava que se empregasse contra isso uma sábia mistura de inteligente condescendência e severa brandura.

Quando o Conde Leinsdorf criou a Ação Paralela, esta passou a ser vista por todas as nacionalidades como misteriosa conspiração pangermânica, e a participação de Sua Alteza na exposição policial foi interpretada como uma confirmação dessas ligações com a polícia política. Os observadores estrangeiros sabiam de tudo isso, e tinham ouvido dizer coisas terríveis da Ação Paralela. Pensavam nelas quando lhes falavam sobre a recepção oferecida à atriz Vogelsang, a casa de bonecas da rainha e os funcionários em greve, ou se lhes pediam opinião sobre os mais recentes acordos estatais; e embora, querendo, se pudesse tomar como aviso as palavras sobre espírito de severidade que o ministro empregara em sua oração, tinham a impressão de que na inauguração da comentadíssima exposição policial nada se notara, mesmo depois de uma análise lúcida, mas também tinham, como todos os outros, a impressão de estar acontecendo algo geral, indefinido, e por enquanto impossível de comprovar.

## 99

### DA MEIA-INTELIGÊNCIA E SUA FECUNDA OUTRA METADE; DA SEMELHANÇA DE DUAS ÉPOCAS, DA AMÁVEL NATUREZA DE TIA JANE, E DESSE DISPARATE QUE SE CHAMA NOVOS TEMPOS

Mas também era impossível ter uma visão ordenada dos fatos nas reuniões do concílio. De modo geral, pessoas progressistas eram a favor de um espírito ativo; havia-se reconhecido o dever dos homens-cérebro, de liderar os homens-ventre. Além disso havia algo que se chamava expressionismo; não se podia dizer ao certo o que era, mas, como a palavra dizia, era um empurrar para fora; talvez visões construtivas, mas essas, comparadas com a tradição artística, também eram destrutivas, por isso as podemos chamar simplesmente estrutivas, o que não obriga a nada, e uma concepção estrutiva do mundo parece bastante respeitável. Mas não é tudo. Naquele tempo, as pessoas se voltavam para a atualidade e o mundo de dentro para fora, mas, já então, também de fora para dentro; o intelectual e o individualismo já passavam por superados e egocêntricos, o amor estava novamente por baixo, e estava-se na iminência de redescobrir o saudável efeito de massas da arte *kitsch* quando esta cai na alma de

homens de ação purificados. “A gente é” parece mudar tão depressa quanto “a gente usa”, e ambos têm em comum que ninguém, provavelmente nem mesmo os comerciantes ligados à moda, conhece o verdadeiro segredo desse “a gente”. Quem se rebelasse contra isso daria a impressão ridícula de um homem que se encontra entre os pólos da máquina de Faraday, e treme e sacode fortemente sem avistar seu adversário. Pois o adversário não são as pessoas que, rápidas e espertas, exploram uma situação momentânea do comércio, é a instável e aérea fluidez do estado geral, uma junção de elementos de incontáveis áreas, sua ilimitada capacidade de ligar-se e transformar-se, acrescentando a isso a ausência ou falha de princípios válidos, sólidos e ordenados, de parte do receptor.

Nessa alternância de fenômenos, é tão difícil ter segurança quanto encontrar uma agulha num palheiro; contudo, existe uma coisa que permanece igual a si mesma. Pois o que acontece, por exemplo, quando pessoas ligadas aos esportes chamam um jogador de tênis de genial? Estão omitindo uma coisa. E quando chamam de genial um cavalo de corrida? Omitem mais alguma coisa. Quer se chame um jogador de futebol de científico, ou um esgrimista de espiritual, ou se fale na trágica derrota de um boxeador, sempre se omite alguma coisa. Há um exagero; mas é a inexatidão que provoca esse exagero, assim como numa cidade pequena a inexatidão das idéias faz com que se considere o filho do dono do armazém um homem do mundo. Alguma coisa haverá de estar correta nisso; e por que as surpresas de um campeão não haveriam de lembrar as de um gênio, e suas reflexões não recordariam as de um pesquisador experiente? Alguma coisa aí não está correta, naturalmente; mas esse resto não é percebido, ou só o percebemos de má vontade. É tido como incerto; é omitido, deixado de fora, e provavelmente nosso tempo não se importa muito com o conceito de genialidade ao chamar de genial um cavalo de corrida ou um tenista, mas mostra sua desconfiança em relação a todas as esferas mais altas.

Aqui conviria falar de tia Jane, de quem Ulrich se lembrou porque folheava velhos álbuns de família que Diotima lhe emprestara, e comparava aqueles rostos com os que via na casa dela. Pois, quando menino, Ulrich passara muitas vezes longo tempo em casa de uma tia-avó, de quem tia Jane era amiga há tempos imemoriais. Na verdade, ela nem era tia: viera para a casa como professora de piano das crianças, o que não lhe propiciara muitas honrarias mas muito amor, pois seu princípio básico era que não fazia muito sentido fazer exercícios de piano quando não se nasceu para a música, como ela dizia. Alegrou-se mais vendo as crianças treparem em árvores do que tocando piano, e assim tornou-se tia de duas gerações e, pela força dos anos, amiga de juventude de sua decepcionada patroa.

“Ah, esse Mucki!”, dizia tia Jane, por exemplo, sem nenhuma noção de tempo, com tanta tolerância e admiração pelo pequeno tio Nepomuceno (que naquela época já contava quarenta anos), que sua voz ainda hoje parecia viva para quem alguma vez a tivesse ouvido. Essa voz de tia Jane era como que recoberta de farinha; exatamente quando se mergulha o braço numa farinha finíssima. Era uma voz velada, levemente empanada; isso porque ela bebia muito café preto, fumando longos charutos Virginia fininhos, que, junto com a idade, a deixaram com dentes pequenos e pretos. Observando o rosto dela, acreditava-se também que o tom de sua voz se ligava às incontáveis diminutas rugas que recobriam sua pele como uma água-forte. Era um rosto comprido e doce, e jamais mudara para as gerações posteriores, como aliás nada mudava em tia Jane. Usara um único vestido a vida toda, embora, provavelmente, exis-



tissem vários exemplares dele; era um traje informe de seda preta canelada, até o chão, que não adulava quaisquer curvas do corpo, fechado com muitos botõezinhos pretos, como a batina de um padre. No alto aparecia uma gola baixa e dura, com pontas viradas, entre as duas a garganta formava fundas pregas na pele descarnada de seu pescoço, a cada tragada do charuto; as mangas justas eram fechadas por punhos brancos engomados, e a cobertura de tudo isso era uma peruca de homem, crespa, de um louro arruivado, repartida no meio. Com os anos, começou a aparecer um pouco da tela na risca do cabelo, mas eram comoventes os dois lugares onde se viam, ao lado da peruca tingida, as suas próprias têmporas grisalhas, único sinal de que tia Jane não tivera a mesma idade a vida inteira.

Podia-se crer que antecipasse em muitas décadas aquele tipo de mulher masculinizada que depois disso entrou em moda; mas não era assim, pois no seu peito viril batia um coração muito feminino. Também se poderia crer que algum dia ela fora uma pianista famosa, que mais tarde perdera o contato com seu tempo, pois dava essa impressão; mas também isso não era verdade, nunca passara de uma professora de piano, e a cabeça masculina bem como a batina de padre vinham do fato de tia Jane ter sonhado tanto com Franz Liszt na juventude; encontrara-o algumas vezes em sociedade, durante certo tempo, e de alguma maneira seu nome assumira aquela forma inglesa. Pois ela se mantinha fiel àquele encontro, como um cavalheiro apaixonado usa até à velhice as cores da sua dama, sem jamais ter desejado nada além disso; e em tia Jane isso era mais comovente do que se um militar tivesse continuado usando o uniforme dos tempos de glória depois de passar para a reserva. Também o segredo de sua vida, que a família só transmitia aos adolescentes depois de pedir severamente que a respeitassem, combinava com tudo isso. Jane não era mais mocinha (pois uma alma exigente escolhe muito) quando encontrara o homem a quem amara e com quem se casara contra a vontade da família; e naturalmente esse homem fora um artista, embora, pela triste sorte das mesquinhas condições de cidadezinha do interior, apenas um artista da fotografia. Pouco tempo depois de casado, ele já se endividara como um gênio, e bebia demais. Tia Jane privava-se de coisas por amor a ele, tirava-o da taverna levando-o de volta ao convívio dos deuses, chorava escondida e na frente dele. Ele tinha ar de gênio, com boca poderosa e cabelos altivos, e se tia Jane tivesse tido capacidade de lhe transmitir a paixão do seu desespero, ele teria tido a grandeza de um Lord Byron, só pela desgraça de seus vícios. Mas o fotógrafo dificultava essa transferência de sentimentos, abandonou Jane depois de um ano de casados, fugindo com uma criada camponesa a quem engravidara, e morreu logo depois, bastante decadente. Jane cortou um cacho de cabelo da sua poderosa cabeça, e guardou-o; assumiu a criança bastarda que ele deixara, e criou-a com grandes sacrifícios; raramente falava desse tempo passado, pois quando uma vida é intensa não se pode também exigir que seja boa.

Portanto, tia Jane era dotada de certa perversão romântica. Porém, mais tarde, quando o fotógrafo com sua imperfeição terrena já há bastante tempo não mais exercia influência alguma sobre ela, também a substância imperfeita do amor de tia Jane se decompôs; ficou apenas a forma eterna do amor e do fervor; a distância, essa experiência agia como o teria feito uma intensa experiência concreta. Mas tia Jane era assim. Seu conteúdo espiritual não era provavelmente grande, mas sua forma era bastante bonita. Sua postura era heróica, e esses gestos só são desagradáveis quando têm conteúdos falsos; quando são totalmente vazios, tornam-se outra vez labareda e fê.

Tia Jane vivia só de chá, café preto e duas xícaras de caldo de carne diariamente, mas nas ruas da cidadezinha as pessoas não paravam para olhá-la quando passava na sua batina preta, pois sabiam que era uma boa pessoa; mais que isso, tinham certo respeito por ela, por ser uma boa pessoa e apesar disso ter a capacidade de manter uma aparência que correspondesse ao seu coração, embora não se soubesse grande coisa a respeito disso.

Essa seria, pois, a história de tia Jane, que já morreu há muito em idade avançada, e a tia-avó morreu, e o tio Nepomuceno morreu, e por que afinal todos eles viveram?, perguntava-se Ulrich. Daria tudo para poder rever tia Jane e falar com ela outra vez. Folheava os grossos velhos álbuns com fotografias da sua família, que chegaram às mãos de Diotima de uma maneira qualquer, e quanto mais detidamente folheava os inícios daquela nova arte de fazer retratos, tanto mais altivas lhe pareciam ter posado aquelas pessoas. Apoiavam o pé em rochedos de papelão rodeados de hera de papel; se fossem oficiais, postavam-se de pernas abertas, a espada no meio; as mocinhas deitavam as mãos no regaço e abriam bem os olhos; sendo homens livres, suas calças se erguiam do chão num romantismo audacioso, sem vinco, em volutas de fumaça, e os casacos tinham corte redondo, algo de tempestuoso, que rejeitara a hirta dignidade do casaco burguês. Devia ter sido entre mil oitocentos e sessenta e oito e mil oitocentos e setenta, depois de terem sido superados os inícios dessa técnica. A revolução dos anos quarenta ficara para trás como uma fase tumultuada, e havia novos significados na vida, hoje não se sabe mais direito quais; também as lágrimas, abraços e confissões nas quais a nova burguesia procurara sua alma nos começos de sua era já não existiam; mas como uma onda morre na praia, aquela nobreza de espírito chegara até às roupas, e a um certo fervor íntimo, para o qual provavelmente existe alguma palavra melhor, mas do qual por enquanto só temos as fotografias. Foi o tempo em que os fotógrafos usavam casacos de veludo e bigodões, e pareciam pintores, e os pintores pintavam grandes cartões nos quais se exercitavam desenhando grupos de pessoas; e as pessoas comuns achavam que estava na hora de descobrir também algum meio de se eternizarem. Deve-se acrescentar que dificilmente pessoas de outras épocas se sentiram tão geniais e importantes quanto as desse tempo, quando houve tão poucos homens fora do comum — ou rarissimamente conseguiram se destacar das demais pessoas.

E muitas vezes Ulrich se indagava se haveria alguma ligação entre esse tempo em que um fotógrafo podia se julgar genial porque bebia, usava colarinho aberto e, com métodos modernos, provava a sua nobreza espiritual aos contemporâneos que se postavam diante de sua objetiva, e um outro tempo em que só ainda se julgavam geniais os cavalos de corrida, devido à sua insuperável capacidade de se esticar e encolher. As duas épocas são diferentes: o presente baixa os olhos orgulhosamente para o passado, e se o passado por acaso tivesse acontecido mais tarde, olharia o presente de cima para baixo; mas os dois se parecem muito em um aspecto, pois tanto num como noutro a inexactidão e a omissão das diferenças decisivas teve a maior importância. Toma-se uma parte do que é grande pelo todo, distante analogia para a realização da verdade, e o balão vazio de uma grande palavra é enchido segundo a moda do dia. Isso vai muito bem, embora não dure muito tempo.

As pessoas que conversavam no salão de Diotima não estavam totalmente erradas em nada porque seus conceitos eram tão imprecisos como vultos numa lavanderia enevoadas. “Esses conceitos, em que a vida se pendura como uma águia em suas

asas!”, pensou Ulrich. “Esses incontáveis conceitos morais e artísticos da vida, tão delicados como as duras montanhas na imprecisa distância!” Multiplicavam-se nas línguas delas de tanto serem revolvidos, e não se podia falar muito tempo de nenhuma de suas idéias sem entrar involuntariamente na idéia seguinte.

Em qualquer época esse tipo de pessoas se designou como “tempos modernos”. Uma expressão que parece um saco no qual se desejassem pegar os ventos eólios; essa expressão é a constante desculpa para não ordenarmos as coisas, isto é, não em sua própria ordem objetiva, mas na imaginária ordem do absurdo. Contudo, há nisso uma profissão de fé. A convicção de que tinham a missão de pôr ordem no mundo vivia singularmente nessas pessoas. Se se quisesse chamar de meia-inteligência o que faziam com esse propósito, seria notável que exatamente a outra metade, não mencionada, ou, para a mencionar, a metade tola, nunca exata nem certa dessa meia-inteligência, possuísse uma inesgotável força de renovação e fecundidade. Mas eles próprios provavelmente sentiam isso. Era algo que os sacudia, soprava em suas cabeças; pertenciam a uma era nervosa em que alguma coisa não andava muito certa, cada um se achava inteligente, mas todos juntos sentiam-se estéreis. Se ainda por cima tinham talento — o que sua inexactidão não excluía — esse talento estava nas cabeças deles, como se se avistasse o tempo e as nuvens, os trens, os fios do telégrafo, as árvores e os bichos, e toda a móvel imagem do nosso querido mundo, através de uma janelinha estreita e suja; e ninguém percebia isso facilmente na sua própria janela, mas sempre na janela do outro.

Certa vez, Ulrich fizera a brincadeira de pedir-lhes dados exatos sobre o que estavam pensando; encararam-no com ar desdenhoso, chamaram seu desejo de concepção mecânica da vida e ceticismo, e afirmaram que a coisa mais complicada só se poderia resolver da maneira mais simples, de modo que os novos tempos, assim que se tivessem apartado do presente, pareceriam muito simples. Ao contrário de Arnheim, Ulrich não os impressionava nem um pouco, e tia Jane teria acariciado seu rosto, dizendo: “Eu os compreendo muito bem: você os perturba, com essa sua seriedade.”

100

## O GENERAL STUMM SE INFILTRA NA BIBLIOTECA PÚBLICA E COLHE EXPERIÊNCIAS SOBRE BIBLIOTECÁRIOS, SERVENTES DE BIBLIOTECAS, E ORDEM INTELECTUAL

O General Stumm observara o fracasso de seu “camarada” e tentou consolá-lo:

— Mas que confusão mais inútil essa! — censurou, indignado, os membros do concílio; algum tempo depois, embora Ulrich não o animasse, começou a desabafar, excitado mas com certa satisfação:

— Você se lembra — disse ele — que resolvi colocar aos pés de Diotima aquela idéia salvadora que ela está procurando? Há muitas idéias grandiosas, mas uma delas, afinal, tem de ser a mais importante de todas; é lógico, não é? Trata-se apenas de pôr as idéias em ordem. Você mesmo disse que uma decisão dessas seria digna de

um Napoleão. Lembra-se disso? E ainda me deu uma série de excelentes sugestões — não se esperaria outra coisa de você —, mas que não cheguei a utilizar. Em suma, eu próprio decidi assumir o caso!

Estava usando agora óculos de aro de tartaruga, que tirou do bolso no lugar do pincenê e colocou no nariz, como sempre fazia quando desejava examinar atentamente uma pessoa ou um assunto.

Uma das mais importantes condições da arte de comando militar é ter clareza quanto à força do adversário.

— Portanto — contou o general —, arranjei um cartão de freqüentador da nossa mundialmente famosa biblioteca da Corte, e, sob a orientação de um bibliotecário que se colocou amavelmente à minha disposição quando eu lhe disse quem era, me infiltrei nas linhas inimigas. Percorremos esse colossal tesouro de livros, e posso dizer que não me abalei tanto assim, essas fileiras de livros não são piores do que um desfile da guarnição. Mas depois de algum tempo, tive de começar a calcular mentalmente, e cheguei a um resultado inesperado. Veja, antes eu imaginava que, se lesse um livro por dia, seria cansativo mas eu chegaria ao fim, e então teria direito a certa posição na vida intelectual, ainda que me faltasse uma ou outra condição. Como nosso passeio não acabava nunca, perguntei ao bibliotecário quantos volumes havia nessa biblioteca maluca. Imagine só o que ele respondeu: três milhões e meio de volumes!!! Estávamos, segundo ele, no número setecentos mil, mas a partir dali fiquei calculando sem parar; vou poupar você disso, mas no ministério calculei mais uma vez com lápis e papel: eu levaria dez mil anos para conseguir o que pretendia!

— Nesse momento senti-me preso ao chão, e o mundo me pareceu um grande logro. Acredite, até agora, que já me acalmei, sinto que há alguma coisa fundamentalmente errada nisso tudo! Você pode dizer que não se precisa ler todos os livros. E eu respondo: também na guerra não se precisa matar cada soldado, mas cada um é necessário! Você dirá: cada livro também é necessário. Mas, veja, aí já há alguma coisa errada, pois isto não é verdade; eu perguntei ao bibliotecário!

— Caro amigo, eu simplesmente pensei: esse sujeito aí vive entre esses milhões de livros, conhece todos eles, sabe o lugar de cada um deles; portanto, deveria poder me ajudar. É claro que não quis lhe perguntar diretamente: onde é que eu encontro a idéia mais bonita do mundo? Pareceria o começo de um conto de fadas, e sou suficientemente esperto para saber disso. Além do mais, desde pequeno detesto contos de fadas. Mas o que é que se vai fazer? Afinal teria de lhe perguntar qualquer coisa parecida! Além do mais meu sentido de conveniência me impedia de lhe dizer a verdade, dar explicações sobre nossa ação, e pedir ao homem que me desse a pista do que poderia ser o melhor objetivo para ela; achei que não tinha licença para isso. Então usei de um pequeno truque. “Ah”, eu disse, com jeito muito inocente, “ah, esqueci de perguntar como é que se faz para achar o livro certo neste depósito interminável”. Sabe, eu disse exatamente assim, como imaginei que Diotima diria, e com um ar de admiração por ele, no tom certo para que caísse na armadilha.

— E, realmente, ele me perguntou, muito meloso e solícito, o que o senhor general gostaria de saber. Bom, fiquei um pouco constrangido. “Oh, muita coisa”, disse eu, bem devagar.

“Quero dizer, que questão ou autor o senhor está estudando? História das guerras?”, disse ele.

“Não, nada disso; antes história da paz.” “História? Ou literatura pacifista atual?”

— Aí eu disse que não era tão simples de dizer. Por exemplo, uma reunião de todos os grandes pensamentos da humanidade, será que existia isso?, perguntei astutamente; você se lembra do que eu já mandei elaborar sobre isso.

— O outro ficou calado, aí eu disse: “Ou quem sabe um livro sobre a concretização do essencial?”

“Então, ética teológica?”, disse ele.

“Pode ser ética teológica, mas tem de mencionar algo sobre antiga cultura austríaca e sobre Grillparzer”, pedi. Sabe, devo ter manifestado tamanha sede de saber em meus olhos que de repente o cara ficou com medo de que eu o sugasse até o fundo; eu disse mais alguma coisa sobre roteiros de ferrovia que deveriam permitir ligar quaisquer pensamentos e fazer conexões; aí ele ficou incrivelmente cortês e se ofereceu para me levar à sala dos catálogos, embora fosse proibido, porque só os bibliotecários podem utilizá-la. E logo me encontrei no verdadeiro empíreo da biblioteca. Acredite, tive a sensação de ter entrado no interior de um crânio; nada ao meu redor além de prateleiras com livros, por toda parte escadas para subir, e sobre as prateleiras e mesas nada senão catálogos e bibliografias, a essência do saber, e em nenhum lugar nada para ler, só livros a respeito de livros: tudo com um verdadeiro cheiro de fósforo cerebral, e não estou inventando ao dizer que tive a impressão de ter conseguido alguma coisa! Mas naturalmente, quando o homem quis me deixar sozinho, senti-me esquisito, quase diria que era uma sensação sinistra; devota e sinistra. Ele sobe uma escada feito um macaco, atira-se sobre um livro que ele mirou de baixo, joga-se sobre ele, pega-o para mim, e diz:

“Senhor general, aqui tenho uma bibliografia das bibliografias.” Você sabe o que é isso? É o registro alfabético dos registros alfabéticos dos títulos daqueles livros e trabalhos que, nos últimos cinco anos, trataram dos progressos das questões éticas, exceto teologia moral e as belas-letas — ou foi algo assim que ele me disse, e quis ir embora. Mas eu o peguei a tempo pela jaqueta e me segurei nele.

“Senhor bibliotecário!” — exclamei —, “não me abandone sem me ter revelado como consegue se orientar nesse” (por descuido eu disse hospício) “hospício de livros”. Ele deve ter me entendido mal; depois ocorreu-me que se diz que os loucos gostam de chamar os outros de doidos; ele ficou olhando o tempo todo para a minha espada, e não consegui segurá-lo a meu lado. Por fim, ele me deu um susto tremendo. Como eu não o largasse, endireitou-se, pareceu crescer dentro das suas calças largas, e me disse, sublinhando bem cada palavra, como se tivesse de revelar o segredo daquelas paredes:

“Senhor general”, disse ele, “o senhor quer saber como é que conheço cada livro? Posso lhe dizer: é porque não leio nenhum!”

— Sabe, de repente quase achei que era demais! Mas vendo minha consternação, ele me explicou tudo direito. O segredo de todos os bons bibliotecários é que nunca lêem senão os títulos e índices de conteúdo dos livros que lhes são confiados.

“Quem se interessa pelo conteúdo está perdido como bibliotecário!”, esclareceu-me. “Nunca terá uma visão geral!”

— Eu lhe perguntei, perplexo: “Então nunca lê esses livros?”

“Nunca. Com exceção dos catálogos.”

“Mas você é doutor?”

“Claro. Professor universitário; professor de biblioteconomia. A biblioteconomia é uma ciência independente”, explicou ele. “Quantos sistemas o senhor acredita que existem, general, segundo os quais se colocam, conservam, ordenam os títulos, corrigem nas capas os erros de impressão, dados falsos, e assim por diante?”

— Preciso confessar que depois disso ele me deixou sozinho e eu tive vontade de fazer duas coisas: ou começar a chorar, ou acender um cigarro; mas não podia fazer nenhuma das duas coisas naquele lugar! E o que você pensa que aconteceu? Quando eu estava ali estatelado, chegou um velho criado que provavelmente nos tinha visto, passou algumas vezes perto de mim arrastando os pés, depois parou, olhou para mim e começou a falar com uma voz muito branda, talvez pela poeira dos livros ou pelo gosto da gorjeta.

“O senhor precisa de alguma coisa, general?”, perguntou.

Eu quis negar, mas o velho continuou: “Muitas vezes senhores da Escola de Guerra vêm até aqui. Basta que o general me diga qual o tema que o interessa de momento. Júlio César, o Príncipe Eugênio, o Conde Daun? Ou uma dessas coisas modernas? Leis de defesa? Discussões de orçamento?” Acredite, o homem falava com tanta sensatez e sabia tanta coisa que estava nos livros, que lhe dei uma gorjeta e perguntei como conseguia isso. E o que acha que ele disse? Contou-me outra vez que os alunos da Escola de Guerra, quando têm uma tarefa escrita, às vezes o procuram pedindo livros.

“Aí muitas vezes eles xingam um pouco quando lhes trago os livros”, continuou ele, “dizendo que é bobagem o que têm de aprender, e assim eu fico sabendo de uma porção de coisas. Ou então o senhor deputado, que precisa escrever o relatório sobre o orçamento de educação, vem e me pergunta que obras consultou o deputado que fez a mesma coisa no ano passado. Ou ainda o senhor prelado, que há quinze anos escreve sobre um tipo de besouros, ou um dos professores da universidade se queixa de que há três semanas está pedindo um livro sem o receber, e aí preciso procurar em todas as prateleiras vizinhas para ver se não o colocaram fora de lugar, até descobrir que o professor já está com o livro há dois anos e não o devolveu. E já estou nisso há quase quarenta anos; assim, a gente logo nota o que a pessoa quer, e o que lê para isso”.

“Bom”, disse eu, “meu caro, não é tão simples de explicar o que desejo ler!”

— E você sabe o que ele respondeu? Olhou-me com ar modesto, balançou a cabeça e disse:

“Senhor general, por favor não se incomode, isso acontece. Há pouco tempo uma senhora falou comigo dizendo exatamente a mesma coisa; talvez o senhor a conheça, general, é a esposa do secretário Tuzzi, do Ministério do Exterior.”

— Então, o que você me diz? Achei que estava maluco. E como o velho percebesse isso, me trouxe todos os livros que Diotima reservara para si, e agora, quando vou à biblioteca, é quase como um casamento espiritual secreto, e aqui e ali faço de leve algum sinal a lápis na margem do livro, ou escrevo uma palavra, e sei que no dia seguinte ela vai ver, sem saber quem está dentro da cabeça dela quando pensa no que isso quer dizer!

O general fez uma pausa de contentamento. Mas depois controlou-se, seu rosto assumiu uma feição grave, e ele continuou:

— Agora concentre-se um pouco, quero lhe fazer uma pergunta. Todos estamos convencidos de que nossa época é mais ou menos a mais organizada que já existiu. Uma vez comentei com Diotima que isso era um preconceito, mas naturalmente eu mesmo tenho esse preconceito. E agora que as únicas pessoas que têm uma verdadeira e confiável ordem intelectual são os empregados de biblioteca, eu pergunto — não, não lhe pergunto, nós já falamos sobre isso, e naturalmente com minhas novas experiências refleti muito a respeito, portanto eu lhe digo: imagine que você bebe cachaça, sim? É bom em certas circunstâncias. Mas você bebe mais e mais e mais cachaça — está me acompanhando? Então, primeiro você fica bêbado, mais tarde passa a ter *delirium tremens*, e por fim honras militares na hora do enterro, e o capelão diz algumas palavras sobre férreo cumprimento do dever à beira de sua sepultura. Imaginou isso? Muito bem, se imaginou isso, tudo bem, agora imagine água. E imagine que tem de beber cada vez mais, de modo que por fim acaba se afogando. E imagine que come até ficar com nó nas tripas. Ou remédios, quinino ou arsênico ou ópio. Você pergunta, para quê? Mas, meu querido camarada, agora vou lhe fazer a sugestão mais incrível. Imagine a ordem. Ou melhor, imagine primeiro uma grande idéia, depois outra maior, depois uma maior ainda, e sempre uma ainda maior; e seguindo esse modelo, imagine sempre mais ordem em sua cabeça. Primeiro, isso parece tão bonito como o quarto de uma velha solteirona, e limpo como um estábulo de quartel; depois, grandioso como uma brigada em linha de batalha; depois, tão incrível como a gente sair do cassino e comandar as estrelas: “mundo inteiro, atenção; direita volver!”. Ou, digamos, no começo a ordem foi como quando um recruta se atrapalha com as pernas e você o ensina a andar; ou então como quando, no sonho, você sai da rotina e é nomeado ministro da guerra; mas imagine apenas uma ordem humana total, universal, em suma uma ordem civil perfeita: eu afirmo, essa é a morte pelo frio, a rigidez cadavérica, uma paisagem lunar, uma epidemia geométrica!

— Falei sobre isso com meu funcionário da biblioteca. Ele sugeriu que eu lesse Kant ou algo assim, sobre os limites dos conceitos da capacidade de conhecimento. Mas na verdade não quero ler mais coisa alguma. Tenho uma sensação engraçada: compreendo por que no exército, onde temos a maior ordem, ao mesmo tempo devemos estar prontos para dar nossa vida a qualquer momento. Não posso explicar por quê. De alguma forma a ordem passa a ser desejo de matar. E me preocupo sinceramente: do jeito que ela vai, a sua prima pode acabar fazendo alguma coisa que venha a prejudicá-la muito, ao passo que eu cada vez posso dar-lhe menos ajuda! Está me entendendo? Naturalmente não pretendi dizer nada contra as grandes e maravilhosas idéias que a ciência e a arte acabam produzindo; tenho o maior respeito por elas!

## OS PARENTES INIMIGOS

Naquela época, também Diotima voltou a conversar com seu primo. Certa noite, atrás de torvelinhos que giravam tenazes e incessantes pelas salas de sua casa, formou-se uma laguna de paz junto à parede, onde ele estava sentado num banquinho, e Diotima veio sentar-se a seu lado como uma bailarina fatigada. Fazia tempo que isso não acontecia. Desde aqueles passeios, e como se fosse resultado deles, ela evitara qualquer contato “extra-oficial” com ele.

O rosto de Diotima estava levemente manchado pelo calor e cansaço. Ela apoiou as mãos no banco, disse “como vai?”, apenas isso, embora houvesse muito mais a dizer, e ficou olhando em frente, a cabeça um pouco inclinada. Dava a impressão de estar fortemente “golpeada”, para se usar uma expressão própria do boxe. Ali agachada, nem teve cuidado de ver se seu vestido estava bem-posto.

Seu primo pensou em cabelo desgrenhado, vestido de camponesa e pernas nuas. Tirando-se dela os falsos ornamentos, sobrava uma pessoa forte e bonita, e ele teve de controlar-se para simplesmente não agarrar sua mão a pulso como fazem os camponeses.

— Então, não está feliz com Arnheim — constatou com calma.

Talvez ela devesse ter negado, mas sentiu-se estranhamente comovida, e ficou calada; só algum tempo depois respondeu:

— A amizade dele me faz muito feliz!

— Tive a impressão de que a amizade dele a atormentava um pouco.

— Mas o que está dizendo? — Diotima endireitou-se e era novamente uma dama.

— Sabe quem me atormenta? — perguntou, esforçando-se por encontrar um tom de conversa frívola. — Seu amigo, o general! O que é que esse sujeito quer? Por que vem para cá? Por que fica me olhando o tempo todo?

— Está apaixonado pela senhora! — respondeu o primo. Diotima deu uma risada nervosa, e continuou:

— Sabe que tenho calafrios da cabeça aos pés quando o vejo? Ele me faz pensar na morte!

— Uma morte com aparência singularmente amável, se encará-lo sem preconceitos!

— Obviamente não sou imparcial. Não posso explicar. Mas entro em pânico quando ele fala comigo e me explica que tenho idéias “eminentes”, que apresento “eminentemente” situações “eminentes”. Sinto um medo indescritível, incompreensível, como num pesadelo!

— Dele?

— Do que mais? Ele é uma hiena!

O primo teve de rir. Mas ela continuou desfazendo do outro com a desinibição de uma criança.

— Ele fica por aí esgueirando-se e esperando que nossos belos esforços caiam por terra!

— E provavelmente é disso que a senhora tem medo! Ilustre prima, lembre-se de que eu lhe predisse esse fracasso desde o começo! Ele é inevitável: deve preparar-se para ele!



Diotima encarou Ulrich com altivez. Lembrava-se muito bem; mais que isso, naquele momento recordou as palavras que ele lhe dissera quando da sua primeira visita, palavras que agora a faziam sofrer. Ela lhe dissera que era um grande privilégio poder convocar uma nação, na verdade o mundo todo para, em meio ao materialismo reinante, pensar no espírito. Não quisera nada de gasto ou antiquado; mas o olhar com que ela hoje encarava o primo era antes soberbo que arrogante. Imaginara um Ano Mundial, cheio de fervor, e procurara um conteúdo cultural que o coroasse; estivera ora perto disso, ora muito longe; vacilara e sofrerá muito; os últimos meses lhe pareciam uma longa travessia na qual somos cruelmente erguidos e largados por ondas que se repetem, sempre iguais, de modo que dificilmente podia distinguir o que vinha antes ou depois. Agora, estava ali sentada como alguém que, depois de um esforço enorme, senta-se num banco que graças a Deus não balança, sem desejar fazer, no momento, coisa alguma senão contemplar a fumaça do seu cachimbo: esse estado de alma em Diotima era tão vivo, que ela própria escolheu a comparação, lembrando um ancião no sol do fim da tarde. Sentia-se alguém que superou grandes combates apaixonados. Com voz cansada, falou ao primo:

— Passei por muita coisa; mudei muito.

— Será em meu favor, essa mudança? — perguntou ele. Diotima balançou a cabeça sorrindo, sem fitá-lo.

— Então vou lhe contar que é Arnheim que está atrás do general, não eu; a senhora sempre me atribuiu a culpa pela presença do general! — disse Ulrich de repente. — Lembra-se do que eu lhe respondi quando me interpelou a respeito?

Diotima lembrava. Mantenha-o a distância, dissera o primo. Mas Arnheim por seu turno dissera que ela devia receber amavelmente ao general! Naquele momento ela sentiu algo que não se podia descrever; como se estivesse numa nuvem que rapidamente lhe encobria os olhos. Mas logo o banquinho voltava a ser duro e firme, e ela falou:

— Não sei como esse general veio parar em nossa casa, eu não o convidei. E o Dr. Arnheim, quando lhe perguntei, disse que naturalmente não sabia de nada. Deve ter havido algum engano.

O primo abrandou-se um pouco:

— Conheço o general de antigamente, mas nos revimos pela primeira vez aqui na sua casa — explicou. — É muito provável que ele esteja apenas espionando um pouquinho por aqui, a mando do Ministério da Guerra, mas também quer honestamente ajudá-la. E ele mesmo me disse que Arnheim, estranhamente, anda se interessando muito por ele!

— Porque Arnheim se interessa por tudo! — respondeu Diotima. — Ele me aconselhou a não rejeitar o general, pois acredita na sua boa-vontade e vê na sua posição influente uma oportunidade útil para nossas aspirações.

Ulrich balançou violentamente a cabeça.

— Ouça só os cacarejos ao redor dele — disse, tão subitamente que os circunstantes poderiam escutar, e a dona da casa ficou constrangida. — Ele se permite isso porque é rico. Tem dinheiro, dá razão a todo mundo, e sabe que fazem propaganda dele, espontaneamente!

— E por que ele faria isso? — respondeu Diotima, em tom de censura.

— Porque é vaidoso! — prosseguiu Ulrich. — Desmedidamente vaidoso! Não sei como fazer com que entenda todo o significado dessa afirmação. Há uma vaidade

no sentido bíblico: a gente transforma o vazio num sino! Vaidosa é uma pessoa que se julga invejável porque vê a lua subir sobre a Ásia à sua esquerda, e o crepúsculo na Europa à direita; foi assim que ele me descreveu certa vez a viagem pelo mar de Mármara! Provavelmente a lua nasce mais bonita atrás do vaso de flores de uma menininha do que sobre a Ásia!

Diotima procurou um lugar onde as pessoas que andavam de um lado para outro não os escutassem. E disse baixinho:

— Está irritado pelo sucesso dele — e levou-o pelas salas; depois, com um gesto inteligente, ajeitou tudo de modo a atravessarem a porta e entrarem no vestíbulo sem chamar atenção. Todos os outros aposentos estavam ocupados por convidados. — Por que é tão hostil a ele? — prosseguiu, chegando lá. — Assim, me põe em dificuldades.

— Eu lhe causo dificuldades? — perguntou Ulrich espantado.

— Talvez eu tivesse vontade de me abrir com o senhor. Mas enquanto se comportar desse jeito, não posso lhe dizer nada!

Ela parará no centro do vestíbulo.

— Por favor, confie em mim e me diga o que tem a dizer — pediu Ulrich. — Eu sei que estão apaixonados. Ele vai se casar com a senhora?

— Ele me propôs isso — respondeu Diotima sem se importar com o lugar inseguro onde se encontravam. Estava arrebatada por suas próprias emoções, e não se importou com a brusca franqueza do primo.

— E a senhora? — perguntou ele.

Ela ficou vermelha como uma escolar nervosa.

— Ah, é uma pergunta de resposta difícil! — retrucou ela, hesitante. — Não quero cometer nenhuma injustiça. Em assuntos de verdadeira grandeza não é tão importante o que se faz!

Ulrich não entendeu aquelas palavras, pois não conhecia as noites em que Diotima vencia a voz da paixão e atingia um imóvel equilíbrio das almas cujo amor paira dos dois lados como um fiel da balança. Por isso, teve a impressão de que de momento era melhor abandonar aquela linguagem direta, e disse:

— Eu gostaria de falar sobre minha relação com Arnheim, porque nessas circunstâncias lamento que a senhora tenha impressão de hostilidade. Acho que compreendo bem Arnheim. Tente imaginar: o que acontece na sua casa, que, segundo o seu desejo, chamarei síntese, é coisa que ele já experimentou centenas de vezes! Onde o movimento intelectual aparece na forma de convicções, logo aparece também na forma de convicções opostas. E onde ele se corporifica numa dessas chamadas grandes personalidades intelectuais, torna-se tão inseguro quanto uma caixa de papelão jogada na água, sempre que essa personalidade não recebe voluntária admiração de todos os lados. Pelo menos na Alemanha, ficamos quase tão comovidos com o amor por personalidades reconhecidas como bêbados que se atiram ao pescoço de um homem desconhecido e, depois, por razões igualmente obscuras, o derrubam no chão. Portanto, posso imaginar muito bem o que Arnheim sente: deve ser como estar mareado. E quando, nesse ambiente, ele recorda o que se pode fazer com a riqueza quando bem empregada, sente chão firme debaixo dos pés depois de uma longa via gem marítima. Ele há de notar como sugestão, estímulo, desejo, disposição, realização procuram a proximidade do dinheiro, e isso é uma imagem do próprio intelecto. Pois também pensamentos que almejam ao poder prendem-se a outros já poderosos.

Não sei como exprimir isso; a diferença entre um pensamento que tem altas aspirações e um pensamento simplesmente ambicioso é quase impalpável. Mas se essa ligação falsa com algo de grande toma o lugar da pobreza material e da pureza do espírito, também aquilo que passa por ser grande acaba se impondo, e naturalmente com razão, e por fim aquilo que a propaganda e a habilidade comercial fazem parecer grande. E temos um Arnheim com toda a sua inocência e culpa!

— O senhor hoje está com umas idéias muito santas — respondeu Diotima asperamente.

— Admito que não tenho nada a ver com ele. Mas seu modo de aceitar a mistura de efeitos da grandeza interior e exterior, pretendendo transformar-se num modelo da humanidade, me dá ânsias de uma santidade selvagem!

— Ah, como está enganado! — interrompeu Diotima, veemente. — Está imaginando um homem rico e pedante. Mas para Arnheim a riqueza é uma responsabilidade incrível. Ele cuida de seus negócios como outros cuidariam de uma pessoa que lhes fosse confiada. E, para ele, atuar é uma necessidade profunda; trata amavelmente o mundo porque é preciso, como ele diz, mover-se para se comover! Ou é Goethe quem diz isso? Ele me explicou tudo muito detalhadamente. Parte do princípio de que só se pode começar a fazer o bem quando se começou a agir; pois admito que também eu às vezes tinha a impressão de que ele dava trela demais a qualquer um.

Com essas palavras, tinham andado de um lado para outro no vestíbulo vazio, onde só havia espelhos e roupas penduradas. Diotima parou e colocou a mão no braço do primo.

— Essa pessoa distinguida pelo destino de todas as maneiras — falou — tem o modesto princípio básico de que o indivíduo não é mais forte do que um enfermo abandonado! O senhor não lhe pode dar razão? Quando uma pessoa está só, cai em mil excessos! — Ela olhou o chão como se procurasse alguma coisa, sentindo o olhar do primo pousado em suas pálpebras abaixadas. — Ah, eu poderia falar de mim mesma, andei muito solitária ultimamente — prosseguiu, mas vejo que o senhor também esteve. Está amargurado e infeliz. Não se dá bem em seu ambiente, e nota-se isso em todas as suas opiniões. Critica tudo, com sua natureza ciumenta. Com efeito, Arnheim se queixou a mim de que o senhor recusa a sua amizade.

— Ele lhe disse que deseja minha amizade? Ele mente! Diotima ergueu os olhos e riu:

— Já está exagerando outra vez! Nós dois desejamos sua amizade. Talvez exatamente porque o senhor é como é. Mas devo dizer mais: Arnheim usou o seguinte exemplo para isso... — Ela hesitou um momento, depois corrigiu-se: — Não, isso levaria longe demais. Resumindo: Arnheim diz que devemos usar os meios que nosso tempo nos coloca nas mãos; devemos mesmo agir sempre segundo dois pontos de vista, nunca inteiramente revolucionários, nunca inteiramente contra-revolucionários, nunca amando nem odiando demais, e nunca obedecendo a uma única tendência, mas desenvolvendo tudo o que trazemos em nós. Mas isso não é esperteza, como pensa, e sim sinal de uma natureza abrangente, sintética e simples, que supera diferenças superficiais — uma natureza dominadora!

— E o que tem isso a ver comigo? — perguntou Ulrich.

A objeção desfez a lembrança de uma conversa sobre escolástica, Igreja, Goethe e Napoleão, e o nevoeiro de formação intelectual que se adensara em torno da cabeça

de Diotima, e ela de repente se viu muito nitidamente sentada ao lado do primo sobre uma sapateira comprida, para a qual, zelosa, o puxara; as costas de Ulrich se desviavam obstinadamente dos casacões pendurados atrás dele, que também haviam desarrumado os cabelos dela, que agora precisavam ser penteados. Fazendo isso, ela respondeu:

— Mas o senhor é o contrário disso! Gostaria de transformar o mundo à sua própria imagem! Toma sempre uma atitude de resistência passiva, para usar dessa expressão pavorosa! — Estava contentíssima por poder lhe dizer assim o que pensava. Mas ela se lembrou que não podiam ficar sentados onde estavam, pois os convidados começariam a ir embora a qualquer momento, ou a vir ao vestibulo por outros motivos. — É sempre tão crítico; não me recordo de já ter achado algo bom — continuou ela. — Para fazer oposição, elogia tudo o que hoje é insuportável. Quando, no deserto morto de nosso tempo desmitificado, queremos salvar um pouco de sensibilidade e intuição, podemos ter certeza de que vai elogiar com fanatismo tudo o que é técnico, a desordem, o ser negativo!

Diotima ergueu-se, sorrindo, e deu-lhe a entender que tinham de procurar outro lugar. Só podiam voltar às salas, ou, se quisessem prosseguir na conversa, esconder-se dos outros; seria possível chegar ao quarto de dormir dos Tuzzi através de uma porta falsa, mas Diotima achou íntimo demais levar o primo para lá, tanto mais que, para fazer espaço nos outros aposentos em dias de recepção, sempre se amontoava naquele quarto uma porção de coisas em desordem; portanto, só restavam como refúgio os dois quartinhos de empregada. A idéia de ser uma divertida mistura de aventura e dever de dona de casa inspecionar uma vez o quarto de Raquel, onde nunca entrava, foi decisiva. Enquanto andavam, ela se desculpava por aquela sugestão, e ainda quando chegaram ao pequeno quarto, continuava tentando convencer Ulrich:

— A gente tem a impressão de que quer contrariar Arnheim em todas as oportunidades. Essa sua oposição o magoa. Ele é um extraordinário exemplar do homem de hoje. Por isso, ele deve e precisa estar ligado à realidade. O senhor, ao contrário, está sempre saltando para o impossível. Ele é afirmação, e equilíbrio total; o senhor é, no fundo, anti-social. Ele procura a unidade, esforça-se por tomar decisões; o senhor lhe opõe uma mentalidade vaga. Ele aprecia o passado, mas, e o senhor? O que faz? Age como se o mundo só fosse começar amanhã. Não é assim que fala? Desde o primeiro dia, quando eu lhe disse que tínhamos a oportunidade de realizar grandes coisas, se portou assim. E quando encaramos essa oportunidade como um destino, e nos encontramos no momento decisivo, esperando por uma resposta, por assim dizer com olhar silencioso e interrogativo, o senhor se porta como um menino malcriado que quer incomodar! — Ela tinha necessidade de disfarçar com palavras sensatas a situação melindrosa que era estarem naquele quarto, e, agredindo o primo com certo exagero, ganhava coragem para enfrentar a situação.

— E, se eu sou assim, o que deseja de mim? — perguntou Ulrich. Sentara-se na caminha de ferro da criadinha Raquel, e Diotima sentou-se na pequena cadeira de vime, a pouca distância dele. E então ele recebeu uma resposta admirável:

— Se eu alguma vez me portasse pessimamente com o senhor — disse ela com franqueza —, certamente se mostraria maravilhoso como um arcanjo! — Ela própria assustou-se com suas palavras. Quisera apenas assinalar o desejo dele de contrariar, e fazer uma piada dizendo que ele seria bonzinho mesmo que sua bondade não fosse merecida; mas inconscientemente uma fonte jorrara e pronunciara palavras que,

depois de ditas, logo lhe pareceram insensatas; mas, surpreendentemente, pareciam enquadrar-se bem na sua relação com aquele primo.

Ulrich sentiu isso; encarou-a silencioso, e pouco depois respondeu com uma pergunta:

— Está muito, está loucamente apaixonada por ele? Diotima olhou para o chão.

— Que jeito de falar! Não sou nenhuma adolescente apaixonada! Mas o primo insistia:

— Pergunto por um motivo que posso tornar mais ou menos claro. Quero saber se já conheceu o desejo de que todas as pessoas — estou pensando também nas piores, nessas que estão aí perto, nos seus salões — tirassem a roupa e se enlaçassem pelos ombros, e, em vez de falar, apenas cantassem; mas teria de ir de uma em uma e beijá-las fraternalmente nos lábios. Se acha isso repulsivo demais, talvez eu possa admitir camisolas.

Diotima respondeu:

— Muito simpáticas essas suas fantasias!

— Mas, veja, eu conheço esse anseio, embora tenha sido há muito tempo! Há gente muito respeitada que afirma que na verdade assim é que devia ser, no mundo!

— Pois então é sua própria culpa, se não age assim! — interrompeu Diotima. — Além disso, não é preciso pintar tudo de modo tão ridículo! — Ela se lembrara de que sua aventura com Arnheim era muito vaga e despertava o desejo de uma vida em que desaparecessem as diferenças sociais, e a atividade, a alma, o intelecto e o sonho fossem uma coisa só.

Ulrich não retrucou. Ofereceu um cigarro à prima. Ela aceitou. Quando as nuvens aromáticas encheram o “estreito cubículo”, Diotima imaginou o que Raquel pensaria sentindo no ar os vagos vestígios daquela visita. Deveria arejar o quarto? Ou dar uma pequena explicação na manhã seguinte? Singularmente, foi a lembrança de Raquel que a fez ficar; já quase interrompera aquele encontro que se tornava estranho demais, mas os privilégios da superioridade espiritual e o inexplicável aroma de cigarros sugerindo à criada uma visita misteriosa fundiram-se, e a divertiam.

O primo a contemplava. Admirava-se de ter-lhe falado naquele tom, mas prosseguiu: queria ter companhia.

— Vou lhe dizer — ele retomou a palavra — em que condições eu seria tão seráfico assim; pois seráfico não deve ser uma expressão forte demais para o fato de não apenas suportar o próximo fisicamente, mas, por assim dizer, poder apalpá-lo debaixo da tanga psicológica, sem calafrios.

— A não ser que se trate de uma mulher! — objetou Diotima, lembrando a má-fama de seu primo na família.

— Não faço exceção nem para isso!

— Tem razão! O que chamo de “amar na mulher o ser humano” é incrivelmente raro! — Diotima achava que Ulrich tinha opiniões parecidas com as dela, mas o que ele dizia era sempre errado, e insuficiente.

— Vou lhe descrever isso a sério — disse ele, dessa vez com obstinação. Sentava-se inclinado para diante, os braços apoiados nas coxas musculosas, olhando sombriamente o chão. — Ainda hoje dizemos: eu amo esta mulher, e odeio aquela pessoa, em vez de dizer, elas me atraem ou repelem. Para sermos mais exatos, deveríamos acrescentar sou eu quem desperta nelas a capacidade de me atrair ou repelir. E

para sermos mais exatos ainda, seria preciso acrescentar que elas fazem brotar em mim as qualidades necessárias para isso. E assim por diante; não se pode dizer onde se dá o primeiro passo, pois é uma dependência mútua, funcional, como entre dois balões de borracha ou dois circuitos elétricos. E naturalmente há muito tempo sabemos que também nós deveríamos sentir assim, mas ainda preferimos, de longe, ser a causa primeira nos campos de força das emoções que nos rodeiam; mesmo quando um de nós admite que imita outro, exprime isso como se fosse uma realização ativa! Por isso perguntei, e pergunto de novo, se já se apaixonou desmedidamente, ou se sentiu desmedidamente irada ou desesperada. Pois então, com um pouco de capacidade de observação, a gente compreende perfeitamente que no meio da maior excitação somos como uma abelha numa janela, ou um infusório numa água envenenada; sofremos uma tempestade emocional, corremos cegamente para todos os lados, batemos cem vezes contra o impenetrável, e uma vez, com sorte, passamos pela porta que dá para a liberdade, o que mais tarde, é claro, no rígido estado consciente, julgamos ter sido ato planejado.

— Preciso objetar — comentou Diotima — que este seria um conceito indigno e cético de emoções que podem decidir toda a vida de uma pessoa.

— Talvez esteja pensando na velha, monótona questão de o ser humano ser ou não senhor de si mesmo — retrucou Ulrich, erguendo depressa os olhos. — Se tudo tem uma causa, não podemos... e assim por diante? Devo admitir que isso nunca me interessou nem por quinze minutos em toda a minha vida. É uma indagação de um tempo que foi sendo imperceptivelmente superado; vem da teologia, e, além dos juristas que ainda têm teologia na cabeça e cheiro de hereges queimados no nariz, hoje em dia só parentes indagam por causas, dizendo: você é a causa de minhas noites insones, ou: a queda do preço do cereal foi a causa de sua desgraça. Mas pergunte a um criminoso, depois de ter mexido com sua consciência, como foi que ele cometeu seu crime! Ele não sabe; mesmo que sua consciência não se tenha apagado em nenhum momento durante a ação!

Diotima endireitou mais o corpo.

— Por que fala tantas vezes em criminosos? Parece gostar muito do crime. Isso deve significar alguma coisa.

— Não — respondeu o primo. — Não significa coisa alguma. Quando muito, um certo estímulo. A vida comum é um estado intermediário entre todos os nossos crimes possíveis. Mas já que usamos a palavra teologia, queria lhe perguntar uma coisa.

— Certamente vai querer saber outra vez se já estive loucamente apaixonada ou enciumada!

— Não. Pense bem: se Deus predetermina tudo, e sabe tudo antecipadamente, como é que alguém pode pecar? Era assim que, antigamente, se indagava; e, veja, ainda é uma questão bem moderna. Deus era concebido como um incrível intrigante. Um homem o ofende concordando com ele, ele incita os homens ao erro pelo qual mais tarde os castigará; ele não apenas sabe disso de antemão — para um amor tão resignado sempre teríamos exemplos — mas até o provoca! Hoje em dia, nos encontramos todos em situação semelhante em relação uns aos outros. O eu perde a significação que teve até agora, como soberano que emite decretos; aprendemos a entender as leis que o determinam, a influência de seu ambiente, os tipos de estrutura, seu desaparecimento nas horas mais intensas, em suma, as leis que regulam sua formação e

seu comportamento. Pense bem: as leis da personalidade, prima! É como se falássemos numa sindicalização das serpentes venenosas, ou numa câmara de comércio de ladrões! Pois como as leis são a coisa mais impessoal do mundo, a personalidade em breve será apenas o ponto de encontro imaginário do impessoal, e será difícil encontrar um ponto de vista honroso, ao qual você não deseje renunciar...

Assim se expressava o primo, e, em certas oportunidades, Diotima interveio:

— Mas, caro amigo, deveríamos fazer tudo da maneira mais pessoal possível! — Por fim, disse: — Está parecendo um teólogo; não conhecia esse lado seu! Estava novamente sentada como uma bailarina fatigada. Uma mulher bela e forte; de alguma forma, ela própria sentia isso no corpo. Evitara o primo semanas a fio, talvez meses. Mas gostava daquele homem que tinha a mesma idade que a sua. Ele tinha uma aparência engraçada, de fraque, naquele quartinho mal iluminado, preto e branco como um monge; aquele preto-e-branco tinha algo da paixão de um crucifixo. Olhou em torno no modesto aposento: a Ação Paralela estava distante, ela superara grandes batalhas apaixonadas, aquele quarto era simples como o dever, suavizado por raminhos e cartões-postais nos cantos do espelho; entre eles, rodeado pela pompa da cidade grande, aparecia o rosto de Raquel quando a pequena se olhava no espelho. Onde se lavava? Naquela caixinha estreita deveria haver uma bacia de lata, se abrisse a tampa., lembrou Diotima, e depois pensou: esse homem quer, e não quer.

Olhou-o calmamente, uma ouvinte amável. “Será que Arnheim quer realmente se casar comigo?”, pensou. Ele dissera que sim. Mas, depois, não insistira mais. Tinha tantas outras coisas a dizer. Mas também seu primo devia ter perguntado, em vez de falar sobre coisas remotas: então, como estão as coisas? Por que não perguntava? Parecia-lhe que ele a compreenderia, se lhe falasse mais de suas lutas interiores. Quando lhe contara que se havia modificado, ele dissera: “Em meu favor?” Que insolente! Diotima sorriu.

No fundo, os dois homens eram, ambos, bem estranhos. Por que seu primo não gostava de Arnheim? Ela sabia que Arnheim procurava a amizade dele; mas também Ulrich, segundo suas próprias afirmações veementes, interessava-se por Arnheim. “E como o interpreta mal”, pensou ela mais uma vez, “mas não há nada a fazer!” Aliás, agora não apenas sua alma se rebelava contra seu corpo casado com o subsecretário Tuzzi, como também, por vezes, esse corpo se rebelava contra a alma que se consumia na beira de um deserto por causa daquele amor hesitante e envolvente, sobre o qual talvez apenas freuisse a enganosa miragem do anseio. Ela gostaria de dividir sua dor e sua fraqueza com o primo; aquela parcialidade renitente que ele revelava lhe agradava. A multiplicidade equilibrada de Arnheim era mais elevada, mas Ulrich não hesitaria tanto na hora de uma decisão, apesar de suas teorias que gostariam de diluir tudo no absolutamente indefinido. Ela sentia isso, e não sabia como o sentia; provavelmente fazia parte daquilo que desde o começo sentira por ele. Se naquele momento Arnheim lhe parecia um incrível esforço, um ônus real sobre a alma dela, uma carga que excedia à sua alma por todos os lados, tudo o que Ulrich lhe dizia parecia unicamente multiplicar as relações, libertando-a da responsabilidade, e fazendo-a entrar num suspeito estado de liberdade.

De repente, sentiu necessidade de se fazer mais pesada do que era; e sem saber ao certo por que, lembrou-se de como em menina certa vez tirara um menininho do perigo carregando-o nos braços, e ele ficara lhe batendo com os joelhos na barriga, obstinadamente, para se defender. A força dessa lembrança, tão inesperada como se

tivesse entrado no pequeno quarto pela chaminé, a fez perder totalmente o equilíbrio. “Desmedidamente?”, pensou. Por que Ulrich sempre perguntava isso? Como se ela não pudesse ter emoções desmedidas! Esquecera-se de escutar o que ele dizia, não sabia se era conveniente ou não, mas simplesmente o interrompeu, afastou todas as palavras dele, e deu-lhe, rindo, definitivamente (só não era muito confiável a sua sensação de estar rindo, naquela súbita excitação desordenada), a resposta:

— Mas eu estou desmedidamente apaixonada! Ulrich encarou-a diretamente, sorrindo:

— Não é capaz disso.

Ela se levantara, tinha as mãos nos cabelos, fitou-o com olhos espantados e fixos.

— Para ser desmedido — explicou ele tranqüilamente — é preciso ser muito exato e objetivo. Dois eus, que sabem como é precário o eu hoje em dia, seguram-se um no outro, é assim que imagino o amor, se é que ele existe e não é apenas uma atividade comum; os dois eus ficam tão entrelaçados um no outro, que um é causa do outro, quando sentem que estão ampliados e flutuam como um véu. Portanto, é incrivelmente difícil não fazer movimentos em falso, mesmo quando já se têm os movimentos certos há muito tempo. É simplesmente difícil sentir o que é certo no mundo! Bem ao contrário de um preconceito generalizado, é preciso quase ser pedante. Aliás, eu queria mesmo lhe dizer isso. Lisonjeou-me muito, Diotima, dizendo que sou capaz de ser um serafim; com toda a modéstia, como logo verá. Pois só se as pessoas fossem completamente objetivas — e isso é quase o mesmo que impessoais —, seriam todas amor. Porque só então seriam todas sensibilidade e sentimento, e pensamento; e todos os elementos que formam o ser humano são delicados, pois procuram-se mutuamente; só o próprio ser humano não o é. Estar desmedidamente apaixonada é, portanto, algo que a senhora talvez nem deseje...!

Ele tentara dizer isso da maneira menos solene possível; acendeu até outro cigarro, para dominar a expressão facial, e Diotima, constrangida, aceitou o que ele lhe oferecia. Ela tinha um ar engraçado e desafiador, e soprou a fumaça no ar para mostrar-se independente, pois não o compreendera bem. Mas o todo tinha grande efeito sobre ela, o fato de o primo lhe dizer isso exatamente naquele quatinho onde estavam a sós, e não tentar a mínima coisa vulgar, como pegar a mão dela, ou tocar seu cabelo, embora sentissem como uma corrente magnética a atração que seus corpos exerciam um sobre o outro naquela proximidade. E se eles..., pensou. Mas o que poderia fazer naquele cubículo? Olhou em torno. Portar-se como uma prostituta? Mas como se faz isso? E se se lamuriasse? Lamuriar-se, palavra dos tempos de colégio, que lhe ocorria de repente. E se fizesse o que ele pedia, despir-se, colocar o braço no ombro dele e cantar, cantar o quê? Tocar harpa? Ela o contemplava, sorrindo. Parecia um irmão malcriado em cuja companhia poderia fazer tudo o que lhe desse na cabeça. Ulrich também sorriu. Mas seu sorriso era como uma janela fechada; pois após ter cedido à tentação de manter aquele diálogo com Diotima, sentia-se apenas envergonhado. Ela, porém, pressentia uma vaga possibilidade de amar aquele homem; era como a música moderna, na sua opinião, totalmente insatisfatória mas cheia de uma excitante novidade. E embora pensasse saber mais sobre isso do que ele próprio, ali, parada diante dele, suas pernas começaram a arder secretamente, de modo que de repente disse ao primo, um tanto brusca, como se aquela conversa já tivesse durado tempo demais:



— Caro amigo, estamos fazendo uma coisa muito inconveniente; fique mais um pouco aqui sozinho, eu vou na frente, para me mostrar outra vez aos nossos convidados.

## GUERRA E AMOR NA FAMÍLIA FISCHEL

Gerda esperou em vão a visita de Ulrich. A verdade era que ele esquecera a promessa, ou lembrava dela por um momento quando pretendia fazer outra coisa.

— Esqueça-o! — dizia dona Clementina quando o Diretor Fischel reclamava. — Antigamente nós lhe servíamos, agora decerto ficou arrogante. Se você procurar por ele, vai piorar ainda mais as coisas; você é desajeitado demais para isso.

Gerda tinha saudades do amigo mais velho. Queria que viesse, e sabia que se viesse desejaria que se fosse. Apesar de seus vinte e três anos, ela não tivera nenhuma experiência a não ser um Sr. Glanz que, apoiado pelo pai dela, a cortejava cautelosamente, e seus amigos germano-cristãos, que, de vez em quando, nem lhe pareciam homens e sim garotos de escola.

“Por que será que ele nunca vem?”, indagava-se Gerda ao pensar em Ulrich. Seus amigos consideravam certo que a Ação Paralela levaria a uma aniquilação espiritual do povo alemão, e ela se envergonhava da participação de Ulrich; teria gostado de ouvi-lo falar a respeito, e esperava que ele tivesse motivos que o redimissem.

Sua mãe dizia ao marido:

— Você perdeu essa oportunidade. Teria sido bom para Gerda, ela iria pensar em outra coisa; um monte de gente frequenta a casa dos Tuzzi. — Tinham descoberto que ele se esquecera de responder ao convite para a festa de Sua Alteza, e agora a mulher o atormentava por isso.

Os jovens que Gerda chamava de almas amigas tinham-se instalado na casa dele como os pretendentes de Penélope, e conferenciavam sobre o que um alemão deveria fazer face a essa Ação Paralela.

— Em certas circunstâncias, um financista precisa mostrar qualidades de Mecenaz! — exigia dona Clementina quando ele protestava que não recebera Hans Sepp, o “líder espiritual” de Gerda, em sua casa como professor particular em troca de bom dinheiro, para que agora acontecesse isso.

Pois era assim: Hans Sepp, o estudante que não oferecia a menor possibilidade de sustentar Gerda, entrara na casa como preceptor, e tornara-se um tirano, devido aos contrastes que ali imperavam; agora ele conferenciava com seus amigos, que se tinham tornado amigos de Gerda, na casa dos Fischel, sobre a salvação da nobreza alemã que caía nas redes do espírito judeu em casa de Diotima (de quem se dizia que não fazia diferença entre pessoas da própria raça ou de outra). E embora na presença de Leo Fischel só mencionassem o fato com uma objetividade atenuante, havia bastante palavras e princípios que o irritavam muito. Eles se inquietavam

porque, num século que não produzira grandes símbolos, se fazia aquela tentativa que levaria a uma catástrofe completa; e as expressões “altamente significativo”, “humanização ascendente” e “humanidade livre” já faziam tremer o pincenê no nariz de Fischel. Em sua casa floresciam conceitos como “arte de pensamento vital”, “curva de crescimento espiritual” e “batimento da ação”. Ele descobriu que a cada quinze dias se realizava em sua casa uma “hora de purificação”. Exigiu explicações. Soube então que liam Stefan George coletivamente. Em vão, Leo Fischel procurou saber em sua velha enciclopédia quem era esse Stefan George. O que mais aborrecia o velho liberal eram aqueles fedelhos, ao falarem da Ação Paralela, chamarem a todos os funcionários de ministérios, presidentes de banco e intelectuais de “pígmios empertigados”; afirmarem pedantemente que hoje em dia não havia mais grandes idéias ou pessoas que as entendessem, e até mesmo declararem que Humanidade não passava de uma palavra, só aceitando como realidade a Nação, ou, como diziam, o povo e suas tradições.

— Papai — respondeu Gerda quando ele lhe chamou atenção —, Humanidade não significa nada para mim, isso hoje não tem mais nenhum conteúdo; mas a minha nação, isso é uma coisa física!

— A sua nação! — começou Leo Fischel, e quis dizer alguma coisa sobre os grandes profetas e sobre seu próprio pai, que fora advogado em Trieste.

— Eu sei — interrompeu Gerda. — Mas a minha nação é espiritual; é dessa que estou falando.

— Vou trancar você em seu quarto até que tenha juízo! — disse papai Leo. — E vou proibir seus amigos de virem à nossa casa. São pessoas indisciplinadas, que se ocupam o tempo todo com sua consciência em vez de trabalhar!

— Papai, eu sei como você pensa — respondeu Gerda. — Vocês mais velhos acham que podem nos desprezar porque nos sustentam. São capitalistas patriarcas!

Graças às preocupações do pai, tais diálogos não eram raros.

— E de que você pensa que ia viver se eu não fosse capitalista? — perguntou o dono da casa.

— Não posso saber tudo — habitualmente, Gerda interrompia esse tipo de extensão da conversa. — Mas sei que cientistas, educadores, sacerdotes, políticos e outros trabalhadores estão tratando de conseguir novos valores doutrinários!

Talvez o Diretor Fischel ainda se esforçasse por indagar ironicamente:

— Esses sacerdotes e políticos serão vocês? — Mas só fazia isso para ficar com a última palavra; no fim, alegrava-se por Gerda não notar o quanto, já por hábito, temia ceder a uma coisa que lhe parecia insensata. A situação chegou a ponto de, ao fim de algumas dessas conversas, ele até começar a elogiar cautelosamente a Ação Paralela, por ser diferente daquelas loucas contestações dentro de sua casa; mas isso só acontecia quando Clementina não podia escutar.

O que conferia à oposição de Gerda às exortações do pai uma calada obstinação de mártir, que também Leo e Clementina sentiam, perturbados, era o sopro de inocente sensualidade que perpassava a casa. Os jovens falavam de muita coisa sobre a qual os pais mantinham um silêncio amargurado. Mesmo o que chamavam sentimento nacional, essa fusão dos eus deles, constantemente atritados, numa sonhada unidade, entre eles chamada de comunidade germano-cristã, tinha, em contraste com as corrosivas relações amorosas dos mais velhos, algo de um Eros alado. Desprezavam, com sabedoria de criança precoce, a “avidez”, a “artificial mentira do prazer

existencial grosseiro”, na expressão deles, mas falavam tanto de supra-sensualidade e de fervor, que, na alma do atônito ouvinte, nascia involuntariamente e por contraste uma terna sensualidade e ardor. E até Leo Fischel teve de admitir que por vezes aquele zelo desenfreado com que falavam fazia o ouvinte sentir até nas pernas as raízes daquelas idéias, o que ele censurava, pois exigia respeito diante de grandes idéias. Clementina, porém, dizia:

— Leo, você não devia negar tudo, assim, tão simplesmente!

— Como é que eles podem afirmar que a propriedade mata o espírito? E começava a brigar com ela. — Acaso sou desprovido de espírito? Você talvez já esteja, porque leva a sério a lengalenga deles!

— Você não entende, Leo; eles são cristãos, querem passar ao largo dessa vida e conseguir uma vida mais elevada aqui na terra.

— Isso não é cristianismo, é extravagância! — defendia-se Leo.

— Talvez os realistas não vejam a verdadeira realidade, mas sim aqueles que olham para dentro — opinou Clementina.

— Ora, não me faça rir! — afirmava Fischel. Mas estava confuso, e chorava; chorava interiormente, de impotência, por não poder controlar a transformação espiritual ao seu redor.

Agora mais do que antigamente, o Dr. Fischel sentia necessidade de ar puro; depois de terminar o trabalho não queria ir logo para casa, e se saía do escritório ainda de dia, gostava de passear um pouco pelos parques da cidade, embora fosse inverno. Desde seus tempos de aprendiz apreciava aqueles jardins. Por um motivo que não conseguia entender, a administração municipal mandara pintar as cadeiras de dobrar de ferro no fim do outono; agora verdes, estavam encostadas umas às outras nas veredas brancas de neve, e excitavam a fantasia com cores primaveris. Leo Fischel às vezes se sentava numa cadeira daquelas, totalmente só e embuçado, na beira de um campo de esportes ou de uma vereda, e ficava olhando as babás que com suas crianças ganhavam, ao sol, uma aparência de saúde invernal. Brincavam de diabolô ou jogavam pequenas bolas de neve, e as menininhas tinham grandes olhos de mulheres adultas. Ah, pensava Fischel, são aqueles olhos que dão, no rosto de uma bela mulher, aquela magnífica impressão de serem olhos infantis. Fazia-lhe bem observar as menininhas que brincavam, em cujos olhos o amor ainda boiava num lago de contos de fadas, do qual mais tarde a cegonha as viria tirar; e por vezes, também gostava de ver as suas babás. Quando jovem, muitas vezes saboreava aquela visão, quando ainda estava do lado de fora da vitrine da vida, e não tinha dinheiro para entrar, mas apenas podia sonhar com o que seu destino lhe reservava. Tudo acabara tão lamentavelmente, achou — e por um instante acreditou estar de novo cheio da tensão da juventude, entre os alvos açafrões e a relva verde. Quando, depois, sua consciência da realidade voltou à neve e às cadeiras verdes, pensou no seu salário, o que era bastante estranho; dinheiro dá independência, mas naquele tempo seu salário ia todo para o sustento da família, e para a poupança aconselhada pela sensatez. Portanto, refletiu, para se tornar independente seria preciso fazer alguma outra coisa além de trabalhar, talvez aproveitar os seus conhecimentos da Bolsa, como faziam os diretores principais. Mas Leo alimentava essas idéias apenas quando observava as menininhas, e as afastava por sentir que não tinha temperamento para especulação. Era apenas um procurador, só usava o título de diretor, não tinha possibilidade de passar disso, e intimidava-se com a idéia de que um pobre lombo de trabalhador como o dele já estivesse curvado

demais para se endireitar livremente. Não sabia que pensava isso tão-somente para erguer entre si próprio e as lindas crianças e babás que representavam, naqueles momentos no parque, toda a fascinação da vida um obstáculo intransponível; pois, mesmo nessa depressão que o impedia de voltar logo para casa, era um incorrigível pai de família, e teria dado tudo para transformar o círculo do inferno de sua casa num círculo de anjos esvoaçando em torno de um Deus-Pai-Diretor-Titular.

Ulrich também gostava muito dos parques, e atravessava-os quando seu caminho o permitia; assim, encontrou-se novamente com Fischel e Fischel de repente recordou tudo o que já sofrerá em casa por causa da Ação Paralela. Mostrou-se descontente por seu jovem amigo não ter dado maior valor aos convites de suas velhas amizades, desgosto que se permitia sofrer com a sinceridade de quem sabe que, tanto quanto as mais intensas, também amizades ocasionais podem com o tempo tornar-se velhas.

O velho jovem amigo asseverou que realmente era uma grande alegria rever Fischel, e lamentou sua ridícula atividade, que o impedira de visitá-lo.

Fischel queixou-se dos maus tempos e dos negócios difíceis. E do afrouxamento da moral. Tudo tão materialista e precipitado.

— E eu pensando que devia sentir inveja do senhor! — retrucou Ulrich. — A profissão de homem de negócios deve ser um verdadeiro sanatório para a alma! Pelo menos, é a única profissão com uma base idealmente limpa!

— Isso é mesmo! — reforçou Fischel. — O homem de negócios serve ao progresso da humanidade e contenta-se com um lucro permitido. E vive tão mal como todos os outros! — acrescentou, melancólico e sombrio.

Ulrich se declarara disposto a acompanhá-lo até em casa.

Ao entrar, já encontraram um ambiente muito tenso.

Todos os amigos estavam lá, e desenrolava-se uma grande batalha verbal. Os jovens freqüentavam o liceu ou estavam no primeiro semestre da faculdade, alguns tinham emprego no comércio. Nem eles sabiam mais como se formara seu círculo. De um a um. Alguns haviam-se conhecido em ligas nacionalistas de estudantes, outros em movimentos de juventude socialista ou católica, outros ainda em grupos de excursionistas.

Não estaremos inteiramente enganados supondo que a única coisa comum a todos eles era Leo Fischel. Um movimento espiritual precisa, para durar, de um corpo, e este era a casa dos Fischel, incluídas as refeições, e certa regra de convívio imposta pela Sra. Clementina. Essa casa também incluía Gerda, e Gerda incluía Hans Sepp, e Hans Sepp, o universitário de pele encardida mas alma limpíssima, não era o líder, porque os jovens não reconheciam líderes, mas era a mais intensa paixão de todos. Eventualmente se encontravam em outro local qualquer, e então havia outras mulheres além de Gerda entre os ouvintes; mas o cerne do movimento era o descrito.

Apesar disso, a origem do espírito daqueles jovens era tão estranha quanto o surgimento de uma nova enfermidade ou uma longa série de acertos na loteria. Quando o sol do velho idealismo europeu começou a se apagar, e o claro espírito se sombreava, muitos archotes passaram de mão em mão — archotes de idéias; Deus sabe de onde foram roubados ou como foram inventados! —, que formavam aqui e ali o mar de fogo ondulante de uma pequena comunidade espiritual. Assim, nos últimos anos, antes que a Grande Guerra mostrasse as conseqüências disso, se falava muito

em amor e comunidade entre os jovens; e especialmente os jovens anti-semitas da casa do diretor de banco Fischel viviam sob o signo de um amor e espírito comunitário que tudo abrangia. A verdadeira comunidade é feita de uma lei interior, e a lei mais profunda, simples e perfeita, a primeira delas, é a lei do amor. Como já se comentou, não amor no sentido vulgar e sensual, pois a posse física é uma invenção da cobiça, só causando separação e vazio. E naturalmente, não se pode amar todo mundo. Mas pode-se respeitar o caráter de todos, desde que se esforcem como seres verídicos, sob severa responsabilidade pessoal. Assim, em nome do amor, eles brigavam por causa de tudo.

Mas naquele dia formara-se uma frente ampla contra Dona Clementina, que gostava tanto de se sentir novamente jovem, e admitia secretamente que o amor conjugal tinha muito em comum com os juros de um capital, mas não queria conceder que se rejeitasse a Ação Paralela porque arianos só conseguiriam criar símbolos quando estão entre si, sem misturas. Dona Clementina tinha dificuldade em controlar-se, e Gerda estava com redondas manchas vermelhas sob as faces, de raiva da mãe que não saía da sala. Quando Leo Fischel entrou em casa com Ulrich, ela fez a Hans Sepp sinais secretos para que ficasse quieto, e ele disse, conciliadoramente:

— Pessoas do nosso tempo não conseguem criar coisa alguma de grande! — e com isso pensou ter levado o assunto à fórmula impessoal à qual já estavam habituados.

Nesse momento, porém, Ulrich infelizmente se meteu na conversa, e perguntou a Hans, com um pouco de maldade contra Fischel, se não acreditava absolutamente no progresso.

— Progresso? — perguntou Hans Sepp com ar arrogante. — Compare o tipo de pessoas que existiram há cem anos, antes do progresso: Beethoven! Goethe! Napoleão! Hebbel!

— Hmm — fez Ulrich —, há cem anos, esse último ainda era um bebezinho.

— Esses jovens cavalheiros desprezam os números! — explicou o Diretor Fischel, divertido. Ulrich se ateu à observação; sabia que Hans Sepp, por ciúme, o desprezava, mas ele próprio sentia certa inclinação pelos estranhos amigos de Gerda. Por isso, juntou-se ao círculo, e prosseguiu:

— É inegável que fazemos tantos progressos nos ramos isolados do saber humano, que podemos sentir que já nem os acompanhamos mais; não é possível que isso provoque a sensação de não termos progredido? Afinal, progresso é aquilo que resulta dos esforços de todos juntos, e pode-se dizer de antemão que o verdadeiro progresso será sempre exatamente aquilo que ninguém pretendia.

O negro topete de Hans Sepp voltou-se contra ele como um chifre trêmulo:

— O senhor mesmo disse: aquilo que ninguém pretendia! Um vaivém cacarejante! Cem caminhos, e nenhum caminho! Portanto, pensamentos, mas nenhuma alma! A frase salta da página, a palavra salta da frase, o todo não é mais todo — Nietzsche já dizia isso; sem falar em que a egolatria de Nietzsche é uma indignidade existencial! Diga-me um único valor sólido segundo o qual o senhor, por exemplo, orienta sua vida!

— Mas assim, sem mais nem menos? — protestou o Diretor Fischel. Ulrich, porém, perguntou a Hans:

— O senhor realmente não é capaz de viver sem um valor absoluto?

— Não — disse Hans. — Mas admito que sou infeliz por isso!

— Que o diabo o carregue! — disse Ulrich, rindo. — Todo o nosso saber provém do fato de não sermos severos demais nem ficarmos esperando o conhecimento supremo; a Idade Média fez isso, e continuou ignorante.

— Muito duvidoso — replicou Hans Sepp. — Eu afirmo que nós é que somos ignorantes!

— Mas tem de admitir que nossa ignorância é extremamente feliz e variada. Uma voz calma rosnou do fundo.

— Variada! Saber! Progresso relativo! Conceitos do pensamento mecanicista de um tempo desfibrado pelo capitalismo! Não preciso lhe dizer mais...

Leo Fischel também resmungou; até onde podia compreender, achava que Ulrich estava dando confiança demais àquele rapaz malcriado; e escudou-se atrás de um jornal que tirou do bolso.

Mas Ulrich estava-se divertindo.

— A moderna residência burguesa com seis quartos, dependências para criados, aspirador de pó e coisas assim, comparada com as casas antigas, de aposentos altos, paredes grossas e belas abóbadas, é progresso ou não? — perguntou.

— Não! — gritou Hans Sepp.

— O avião é um progresso em relação à diligência?

— Sim! — gritou o Diretor Fischel.

— A máquina em relação ao trabalho braçal?

— Trabalho braçal! — gritou Hans, e Leo gritou:

— A máquina!

— Acho que todo o progresso é a um tempo retrocesso — disse Ulrich. — Sempre há progresso só num sentido determinado. E como, de modo geral, nossa vida não tem sentido, também não existe um progresso geral.

Leo Fischel baixou o jornal.

— Acha melhor atravessar o Atlântico em seis dias ou em seis semanas?

— Provavelmente eu diria que progresso é poder fazer ambas as coisas. Porém, nossos jovens cristãos negam até isso.

O grupo permaneceu imóvel como um arco retesado. Ulrich paralisara a conversa, mas não a hostilidade. Ele prosseguiu, tranqüilo:

— Mas também podemos dizer o inverso. Se nossa vida tem progressos isolados, tem sentido em coisas isoladas. Mas se teve algum sentido, por exemplo, sacrificar pessoas aos deuses, ou queimar bruxas, ou empoar o cabelo, essa sensação de vida plena de sentido continua existindo, embora os costumes higiênicos e o humanitarismo sejam progressos. O erro é que o progresso sempre quer eliminar o sentido antigo.

— Talvez você queira dizer que devemos voltar aos sacrifícios humanos, de pois de termos por sorte superado aquele obscurantismo repugnante? — perguntou Fischel.

— Não é tão certo que tenha sido obscurantismo! — respondeu Hans Sepp em lugar de Ulrich. — Se o senhor devora um coelho inocente isso é uma coisa sombria; mas se um canibal come respeitosa e um estrangeiro num ritual religioso, simplesmente não sabemos o que se passa nele!

— Deve realmente ter havido algum valor nos tempos passados — concordou Ulrich —, senão tanta gente boa não teria concordado com eles. Talvez pudéssemos utilizá-los sem maiores sacrifícios. E talvez hoje em dia ainda sacrifiquemos tanta

gente porque nunca fizemos uma indagação clara sobre a correta superação de antigas idéias humanas. São relações difíceis de explicar, e complicadas!

— Mas para o seu modo de pensar, a meta desejada continua sendo uma cifra, ou um orçamento! — explodiu Hans Sepp, agora diretamente contra Ulrich. O senhor acredita no progresso burguês exatamente como o Diretor Fischel, apenas exprime isso de maneira complicada e perversa, para que a gente não perceba! Hans transmitira a opinião de seus amigos. Ulrich procurou o rosto de Gerda. Queria retomar novamente seus pensamentos, imperturbado, sem notar que Fischel e os jovens estavam dispostos a se lançar outra vez sobre ele, e uns sobre os outros.

— Mas o senhor também aspira a alguma meta, Hans? — perguntou.

— É ela que aspira. Em mim. Através de mim — retrucou Hans Sepp, laconicamente.

— E chegará lá? — Leo Fischel permitia-se aquela indagação zombeteira, e com isso, como todos exceto ele próprio compreenderam, colocava-se ao lado de Ulrich.

— Não sei! — respondeu Hans, sombrio.

— Pois devia fazer os seus exames: já seria um progresso! — Leo Fischel não pudera se conter e, de tão irritado, fez esse comentário; mas estava tão irritado com seu amigo quanto com os rapazinhos imaturos.

Nesse momento, a sala explodiu. Dona Clementina lançou um olhar suplicante ao marido; Gerda quis antecipar-se a Hans, e este procurava o que dizer; por fim, suas palavras descarregaram-se novamente sobre Ulrich:

— Acredite, no fundo o senhor também não tem um só pensamento que o Diretor Fischel não pudesse ter!

E com isso saiu precipitadamente, os amigos lançaram-se atrás dele, despedindo-se com uma reverência irada. O Diretor Fischel, empurrado pelos olhares de Clementina, fingiu que só tardiamente recordava seus deveres de dono da casa, e foi resmungando até o vestibulo para dar uma palavra de cortesia aos jovens. Na sala ficaram apenas Gerda, Ulrich e Dona Clementina, que respirou fundo algumas vezes, mais calma, porque agora o ar estava mais leve. Depois, levantou-se, e, para sua surpresa, Ulrich viu-se sozinho com Gerda.

## A TENTAÇÃO

Gerda estava visivelmente agitada quando ficaram sozinhos. Ele pegou sua mão; o braço dela começou a tremer, e ela se libertou.

— Você não sabe — disse — o que significa isso para Hans: uma meta! E você zomba disso, o que é muito vulgar. Acho que seus pensamentos se tornaram mais torpes ainda! — Ela usara uma palavra bem forte, e assustou-se com isso. Ulrich tentou novamente segurar a mão dela; Gerda encolheu o braço. — Não estamos brincando! — explodiu; pronunciou as palavras com intenso desprezo, mas seu corpo vacilava.

Eu sei — ironizou Ulrich. — Tudo o que acontece entre vocês satisfaz as mais altas exigências. É exatamente isso que provoca em mim essa atitude que você designou tão amavelmente há pouco. E não imagina como antigamente eu gostava de falar com você em outro tom!

— Você nunca foi diferente! — respondeu Gerda depressa.

— Sempre oscilei muito — disse Ulrich com simplicidade, perscrutando o rosto dela. Será que você vai se divertir se eu lhe contar um pouco do que acontece em casa de minha prima?

Nos olhos de Gerda surgiu algo bem diferente da insegurança que sempre sentia na presença dele; pois aguardava com grande interesse aquelas notícias, para transmiti-las a Hans, coisa que procurou esconder. O amigo percebeu isso, com alguma satisfação, e assim como um animal que fareja perigo muda instintivamente de trilha, começou outro assunto.

— Ainda se recorda da história da lua, que lhe contei? — perguntou. — Gostaria de lhe fazer outra confidência parecida.

— Vai mentir de novo! — disse Gerda.

— Se for possível, não! Lembra-se, das aulas a que assistiu, do que acontece no mundo, quando se quer saber se uma coisa é lei ou não? Ou se têm de antemão os motivos para achar que algo é lei, como por exemplo na física ou na química. Nesse caso, mesmo que as observações nunca levem ao valor procurado, elas se aproximam dele, permitindo que o calculemos. Mas muitas vezes na vida não temos esses motivos; estamos, então, diante de um fenômeno do qual não se sabe ao certo se é acaso ou lei. É aí que, para nós, a coisa fica interessante. Começamos transformando um monte de observações em um monte de números; marcamos segmentos — que números ficam entre esse e aquele valor, entre o próximo valor e o subsequente, e assim por diante —; partindo daí, elaboramos séries distributivas; verifica-se se a frequência do fenômeno tem ou não uma intensificação ou redução sistemática; obtém-se uma série estável ou função de distribuição, calcula-se a medida da oscilação, o desvio médio, a medida do desvio de um valor qualquer, o valor central, o valor normal, o valor médio, a dispersão, e assim por diante, e com todos esses conceitos examina-se o fato dado.

Ulrich fez esse relato num tom calmo de explicação, e seria difícil saber se estava refletindo, ou se se divertia hipnotizando Gerda com dados científicos. Ela se afastara; inclinada para a frente numa poltrona, tinha uma ruga de concentração entre as sobrancelhas, olhava o chão. Quando alguém falava tão objetivamente apelando para a vaidade de sua inteligência, seu mau humor se intimidava; ela sentia desaparecer a certeza simples que ele lhe conferira.

Gerda freqüentara o científico e alguns semestres da universidade; tivera contato com uma enormidade de novas idéias que já não se podiam abrigar nos velhos conceitos do espírito clássico e humanista; em muitos jovens, essa formação deixa hoje a sensação de ele ser totalmente impotente, enquanto os novos tempos se abrem à frente deles como um novo mundo cujo solo não pode ser trabalhado com as velhas ferramentas.

Ela não sabia aonde as palavras de Ulrich a levariam; acreditava nele porque o amava; e não acreditava porque era dez anos mais moça e pertencia a outra geração que se julgava não desgastada, e as duas coisas se interligavam de maneira muito indefinida enquanto ele continuava falando.



— E existem — prosseguiu ele — observações absolutamente idênticas a uma lei natural, mas sem nenhum fundamento que pudéssemos considerar como tal. A regularidade de séries estatísticas, por exemplo, é tão grande quanto a das leis. Você certamente conhece esses casos de alguma aula de sociologia. A estatística dos divórcios na América, por exemplo. Ou a proporção dos nascimentos de meninos e meninas, que é uma das mais constantes relações que existem. E depois, você sabe que a cada ano um número quase idêntico de rapazes em idade de serviço militar tenta se livrar dele pela automutilação. Ou que, anualmente, mais ou menos a mesma parcela da humanidade européia comete suicídio. Também roubos, estupros e, até onde sei, falências têm aproximadamente a mesma frequência anual.

As objeções de Gerda tentaram irromper:

— Está querendo me explicar o progresso? — exclamou, esforçando-se por formular essa suspeita com muito sarcasmo.

— Mas claro que sim! — respondeu Ulrich, sem se deixar interromper. — Chama-se isso, um pouco vagamente, lei dos grandes números. Significa que uma pessoa se mata por esse motivo, uma outra por aquele, mas, tomando-se um grande número de suicidas, o caráter casual e pessoal desses motivos se anula, e permanece... sim, o que permanece? É isso que quero lhe perguntar. Pois, como vê, sobra isso que qualquer um de nós leigos chamará simplesmente a média, e que não sabemos ao certo o que seja. Quero acrescentar que se tentou esclarecer de forma lógica e formal essa lei dos grandes números, por assim dizer como uma obviedade; também se afirmou o contrário, que essa regularidade de fenômenos sem ligação casual entre si não poderia ser esclarecida pelo pensamento comum; e, ao lado de muitas outras análises do fenômeno, afirmou-se que não se tratava apenas de fatos isolados, mas de leis gerais ainda desconhecidas. Não a quero aborrecer com detalhes, nem recordo todos, mas sem dúvida seria importante para mim saber se atrás disso há leis não compreendidas da sociedade, ou se simplesmente, por ironia da natureza, nasce daí a peculiaridade de que nada de peculiar aconteça, e o sentido mais alto seja atingível unicamente pela média da mais profunda absurdidade. Tanto um como o outro saber deveriam ter influência decisiva em nosso sentimento de vida! Pois seja como for, repousa nessa lei dos grandes números toda a possibilidade de uma vida ordenada; e se não existisse essa lei da compensação, num ano não aconteceria nada, e no outro nada estaria seguro, a fome se alternaria com a abundância, haveria crianças de menos ou em excesso, e a humanidade voaria de um lado para outro entre possibilidades infernais e celestiais como passarinhos quando nos aproximamos de sua gaiola.

— Tudo isso é verdade? — perguntou Gerda, hesitante.

— Você mesma sabe.

— Claro; isoladamente sei de muita coisa. Mas não sei se era isso que você quis dizer há pouco, quando todo mundo estava brigando. O que você disse sobre progresso pareceu apenas destinado a incomodar os outros.

— Você sempre pensa isso de mim. Mas o que sabemos sobre o que é nosso progresso? Nada! Há muitas possibilidades de como ele poderia ser, e eu há pouco mencionei mais uma.

— Como poderia ser! Você sempre pensa dessa maneira e nunca procurará responder à pergunta: como tem de ser?

— Vocês são muito precipitados. Tem de haver sempre uma meta, um ideal, um programa, um absoluto. E o que surge no fim será um compromisso, uma mé-

dia! Não quer admitir que a longo prazo é cansativo e ridículo fazer e querer sempre o máximo, para conseguir apenas o medíocre?

No fundo, o mesmo diálogo que ele tivera com Diotima; só o exterior era diferente, mas por trás disso, um era continuação do outro. Era indiferente que mulher estava sentada ali; um corpo que, inserido num campo de força espiritual existente, estimula o curso de certos fatos! Ulrich contemplou Gerda, que não respondera à última pergunta. Sentada ali, magra, ruguinha de mau humor entre os olhos. Também o colo, entrevisto no decote, formava um vinco oco e vertical. Braços e pernas eram longos e delicados. Uma primavera flácida, ardendo com prematura severidade estival; essa impressão o atingia com todo o ímpeto da obstinação encerrada num corpo tão jovem. Uma singular mistura de repulsa e autocontrole se apossou dele, pois de súbito teve a sensação de estar mais próximo de uma decisão do que pensava, e de que aquela mocinha fora chamada a colaborar nisso. Então, começou involuntariamente a falar das impressões que, levado pela suposta juventude, tinha sobre a Ação Paralela, e encerrou com palavras que surpreenderam Gerda:

— Eles também são muito radicais, e também não simpatizam comigo. Mas vingome na mesma moeda, pois também sou radical à minha maneira, e prefiro qualquer desordem à desordem intelectual. Não queria apenas ver idéias sendo elaboradas, mas também sendo reunidas. Não desejo apenas a oscilação, quero a densidade da idéia. Você, caríssima amiga, censura isso, dizendo que eu sempre falo do que poderia ser, e não do que teria de ser. Não confundo as duas coisas. Provavelmente, essa é a qualidade mais anacrônica que se pode ter, pois hoje em dia nada é tão estranho quanto rigor e sentimentos em sua relação mútua, e nossa precisão mecânica infelizmente chegou ao ponto em que a imprecisão viva parece ser sua complementação correta. Por que não quer me compreender? É provável que seja totalmente incapaz disso, e é um pecado de minha parte esforçar-me por perturbar sua cabeça tão atual. Mas, de verdade, Gerda, às vezes me pergunto se não estou errado. Talvez exatamente aqueles que não suportam façam aquilo que um dia desejei. Talvez o façam erradamente, sem pensar. Um corre para cá, outro para lá, cada um com um pensamento no bico, considerando-o o único no mundo; cada qual se acha terrivelmente inteligente, e todos juntos acreditam que nossos tempos estão condenados à esterilidade. Ou talvez seja o contrário, e cada um deles seja tolo, mas, dos juntos, fecundos? Parece que hoje qualquer verdade vem ao mundo dividida em duas inverdades opostas, e isso também pode ser uma maneira de chegar a um resultado suprapessoal! A compensação, a soma das tentativas, não surgiria mais no indivíduo, tornado insuportavelmente unilateral, mas o todo seria como uma comunidade experimental. Em uma palavra, seja tolerante com um velho a quem a solidão por vezes leva a excessos!

— Quanta coisa você já me contou! — replicou Gerda, sombria. — Por que não escreve um livro sobre suas concepções? Talvez pudesse ajudar-nos, e ajudar a si mesmo.

— Mas como poderei escrever um livro? — opinou Ulrich. — Afinal fui parido por minha mãe, não por um tinteiro!

Gerda refletiu se um livro de Ulrich realmente poderia ajudar a quem quer que fosse. Como todos os jovens de seu círculo de amizades, ela supervalorizava a força do livro. Quando se calaram, a casa caiu no mais completo silêncio; parecia que o casal Fischel saíra atrás dos visitantes indignados. Gerda sentiu a proximidade daquele

poderoso corpo masculino, sentia-o sempre quando estavam a sós, e isso contrariava todas as suas convicções. Ela resistia, e começou a tremer. Ulrich percebeu isso, levantou-se, pôs a mão no frágil ombro de Gerda, e disse:

— Gerda, vou lhe fazer uma sugestão. Suponhamos que no campo moral as coisas se passem como na teoria cinética dos gases: tudo voa desordenadamente, cada qual faz o que quer, mas quando se calcula aquilo que, por assim dizer, não tem razão alguma para resultar de toda essa confusão, eis que exatamente esse é o resultado! Há concordâncias singulares! Suponhamos também que uma certa quantidade de idéias voa em desordem pelo presente; dela resulta um valor médio provável; este se desloca lenta e automaticamente, e é isso que chamamos progresso, ou momento histórico; o mais importante, porém, é que, nisso tudo, nosso movimento individual, pessoal, nada vale; podemos pensar e agir à esquerda ou à direita, num vôo ou com profundidade, de maneira moderna ou antiga, imprevisível ou refletida: para o valor médio é totalmente indiferente, e Deus e o mundo só se interessam por ele, não por nós!

Com essas palavras, ele fez menção de abraçá-la, embora sentindo que precisava esforçar-se para isso.

Gerda ficou zangada.

— Você sempre começa assim meditativo — exclamou — para acabar na vulgaridade, cantando de galo! — Seu rosto estava quente, com manchas redondas, os lábios pareciam transpirar, mas havia beleza naquela indignação. — O que você quer deduzir de tudo isso é exatamente o que *nós* não queremos!

Ulrich não resistiu à tentação de perguntar baixinho:

— Possuir mata?

— Não quero falar com você sobre isso! — respondeu Gerda, também baixinho.

— Não importa se se trata da posse de uma pessoa ou um objeto — prosseguiu Ulrich. — Sei muito bem. Gerda, eu compreendo você e Hans bem melhor do que imaginam. Então, o que é que você e Hans desejam? Diga!

— Está vendo? Não queremos nada! — exclamou Gerda, triunfante. — Não se pode dizer. Papai também vive dizendo: “descubra o que você quer, verá que é bobagem”. Tudo é bobagem quando analisamos direito! Enquanto formos sensatos, jamais sairemos dos lugares-comuns! Agora, você vai fazer nova objeção, com esse seu racionalismo!

Ulrich balançou a cabeça:

— E aquela manifestação contra o Conde Leinsdorf? — perguntou brandamente, como se isso fizesse parte do assunto.

— Ah, anda espionando! — exclamou Gerda.

— Se quiser, pense que estou espionando, mas me diga, Gerda. Para mim tanto faz, pode pensar também isso a meu respeito.

Gerda ficou encabulada:

— Nada de mais. Só uma manifestação da juventude alemã. Talvez uma passeata, gritos de desprezo. A Ação Paralela é uma infâmia!

— Por quê?

Gerda deu de ombros.

— Sente-se outra vez! — pediu Ulrich. — Você está dando um valor exagerado a ela. Vamos falar calmamente.

Gerda obedeceu.

Vamos ver se compreendo a sua situação — continuou Ulrich. — Você diz que a posse mata. Pensa acima de tudo no dinheiro e em seus pais. Naturalmente, são almas mortas...

Gerda fez um gesto altivo.

— Pois então, em vez de dinheiro, vamos falar logo de qualquer tipo de posse. O ser humano que se possui a si mesmo; o ser humano que possui suas convicções; o ser humano que se deixa possuir por outro ou por suas próprias paixões, ou apenas por seus hábitos, ou por seus êxitos; o ser humano que deseja conquistar alguma coisa; o ser humano que simplesmente quer alguma coisa; vocês negam tudo isso? Querem ser peregrinos. Vagantes peregrinos, disse Hans certa vez, se não me engano. Vagando em direção a outro sentido e outro ser? Está correto?

— Tudo o que você diz está terrivelmente correto; a inteligência pode imitar a alma!

— E a inteligência pertence ao grupo das coisas possuídas? Ela mede, ela pondera, ela divide, ela coleta, como um velho banqueiro? Mas não lhe contei hoje uma porção de histórias nas quais há singularmente muito da nossa alma?

— Uma alma fria!

— Tem toda a razão, Gerda. Então apenas preciso lhe dizer por que estou do lado da alma fria, ou até do banqueiro.

— Porque é covarde! — Ulrich notou que, ao falar, ela mostrava os dentes como um animalzinho com medo da morte.

— Sim, em nome de Deus — respondeu ele. — Mas embora não me conceda nenhuma virtude, concede ao menos que eu seria homem o bastante para escapular agarrado ao pára-raios, ou ao menor beirai, se não estivesse convencido de que todas as tentativas de fuga levam a gente de volta ao colo do papai?

Gerda recusou-se a prosseguir aquele diálogo com Ulrich, pois já acontecera outro semelhante entre eles; os sentimentos dos quais se falava pertenciam só a ela e a Hans, e mais do que a zombaria de Ulrich ela receava a concordância dele, que a deixaria indefesa e entregue antes mesmo de saber se estava sendo sincero ou blasfemando. Desde o momento em que, há pouco, fora surpreendida pelas dolorosas palavras dele, cujos resultados agora tinha de agüentar, podia-se notar bem o quanto vacilava interiormente.

Mas com Ulrich também acontecia algo parecido. Estava longe de sentir qualquer alegria maligna pelo seu poder sobre a moça; não levava Gerda a sério, e como isso implicasse uma repulsa intelectual, ele habitualmente lhe dizia coisas desagradáveis. Há algum tempo, porém, quanto mais representava diante dela o advogado do mundo, tanto mais estranhamente era impelido a confiar-se a ela e lhe revelar seu interior, sem maldade nem beleza, ou a contemplar o dela, nu como uma lesma no caminho. Por isso, fitou, pensativo, o rosto de Gerda, e disse:

— Eu poderia deixar meu olhar pousar sobre seu rosto como as nuvens no céu. Não sei se as nuvens gostam de pousar no céu, mas afinal sei tão pouco quanto todos os Hans do mundo a respeito dos momentos em que Deus nos pega como a uma luva, e nos enfia em seus dedos, lentamente! Vocês simplificam demais; vislumbra um negativo do mundo positivo no qual vivemos, e afirmam laconicamente que o mundo positivo pertence aos pais e aos mais velhos, enquanto o mundo indefinido do negativo pertenceria à nova juventude. Não quero ser espião dos seus

pais, querida Gerda, mas reflita que na escolha entre um banqueiro e um anjo, a natureza mais real da profissão de banqueiro não deixa de ter sua importância!

— Você quer chá? — perguntou Gerda asperamente. — Permite que lhe torne nossa casa mais acolhedora? Quero ser a impecável filha de meus pais. Ela recuperara o autocontrole.

— Vamos imaginar que você se case com Hans.

— Mas eu não quero absolutamente me casar com Hans!

— A gente precisa ter algum objetivo; você não pode viver eternamente dessa oposição aos seus pais.

— Um dia vou sair de casa, ser independente, e continuaremos amigos!

— Mas querida Gerda, vamos imaginar que você se case com Hans ou coisa assim; certamente não se poderá evitar isso, se tudo continuar do jeito que vai. Você arquitetar um plano para, num estado de alheamento do mundo, escovar os dentes de manhã, enquanto Hans recebe o formulário do imposto de renda.

— É preciso que eu saiba isso?

— Seu pai diria que sim, se tivesse idéia do que são estados de alheamento do mundo; as pessoas comuns infelizmente conseguem enfiar as experiências incomuns tão fundo na quilha do navio de sua vida, que jamais as percebem. Mas tomemos uma pergunta mais simples: você vai pedir que Hans lhe seja fiel? Fidelidade faz parte do complexo de posse! Você deveria concordar que Hans estimulasse sua alma com outra mulher. Segundo as leis que você imagina, deveria considerar isso até um enriquecimento de sua própria condição!

— Não pense que nós mesmos nunca falamos nessas coisas! — respondeu Gerda. — Ninguém consegue ser um novo homem dando um passo apenas; mas é uma coisa muito burguesa transformar isso num argumento contrário.

— Na verdade, seu pai espera de você coisa bem diferente do que você imagina. Ele nem mesmo afirma que é mais lúcido nesses assuntos do que você e Hans; simplesmente diz que não entende o que vocês fazem. Mas sabe que a violência é algo de muito racional; acredita que a violência tem mais lucidez do que você e Hans juntos. Se ele oferecesse dinheiro para Hans concluir calmamente seus estudos? Se lhe promettesse, depois de um período de experiência, não o casamento, mas pelo menos que não se oporia por princípio? E se ligasse a isso apenas uma condição: de que, até o fim desse período de experiência, vocês não tivessem nenhum contato, nem mesmo esse que agora mantêm?

— E para isso que você está se prestando?!

— Tentei lhe explicar quem é seu pai. Ele é uma sombria divindade de medonha superioridade. Acredita que o dinheiro levaria Hans aonde ele o deseja ter, isto é, à lucidez da realidade. Na opinião dele, um Hans com uma renda mensal limitada não poderia mais ser de uma tolice sem limites. Mas talvez seu pai esteja fantasiando. Eu o admiro, assim como admiro os compromissos, a mediocridade, a aridez, as cifras mortas. Não acredito no diabo, mas, se acreditasse, eu o imaginaria como o treinador que instiga o céu a bater recordes. E prometi insistir com você até que nada sobrasse de suas idéias senão... a realidade.

Dizendo isso, Ulrich não sentia a consciência tranqüila. Gerda ardia de indignação diante dele; nos olhos, camadas sobrepostas de lágrimas e fúria. Para ela e Hans, o caminho ficara subitamente livre. Será que Ulrich os traía, ou queria ajudá-los? Ela não sabia; as duas coisas tanto poderiam fazê-la feliz, como infeliz. Confusa

como estava, desconfiava dele, e sentia, cheia de paixão, que tinha com ele sagradas afinidades, apenas ele não o queria demonstrar.

— Naturalmente — acrescentou Ulrich — seu pai deseja em segredo que, enquanto isso, eu a namore e a distraia dessas idéias.

— Impossível! — disse Gerda com dificuldade.

— Acho que é realmente impossível entre nós — repetiu Ulrich mansamente. — Mas também não podemos continuar como até aqui. Já avancei demais. — Ele tentou sorrir, e teve nojo de si mesmo. Realmente não queria nada daquilo. Sentia a indecisão daquela alma, e se desprezava porque isso despertava sua crueldade.

E nesse exato momento, Gerda o fitou com horror nos olhos. Ficara de repente bela como o fogo do qual nos aproximamos demais; quase sem contornos, puro calor que paralisa a vontade.

— Você deveria vir me visitar! — sugeriu ele. — Aqui não podemos falar como gostaríamos. — O vazio da brutalidade masculina transbordava dos seus olhos.

— Não — recusou Gerda. Mas desviou o olhar, e Ulrich viu com tristeza — como se só afastando assim o olhar ela conseguisse crescer outra vez diante dele — a imagem da moça, ofegante, nem bela, nem feia. Suspirou fundo, e dessa vez estava sendo sincero.

104

## RAQUEL E SOLIMÃO NA TRILHA DE GUERRA

Entre os nobres compromissos da família Tuzzi e os altos ideais ali concentrados, vivia uma pessoa esquivada, ágil, ardente e alienígena. E no entanto, essa criadinha de quarto, Raquel, era como música de Mozart escrita para uma empregadinha. Abria a porta de entrada, de braços abertos esperava o sobretudo dos visitantes. Ulrich gostaria de saber se ela tinha noção das relações dele com a família Tuzzi, e procurava ler em seus olhos, mas os olhos de Raquel esquivavam-se obliquamente ou sustentavam os dele como duas manchas de veludo fosco. Parecia-lhe que aquele olhar fora diferente na primeira ocasião em que se tinham visto, e chegou a notar por vezes que um par de olhos espreitava Raquel de um canto escuro do vestíbulo, como dois grandes caracóis brancos. Eram os olhos de Solimão, mas ele não conseguia descobrir se o menino era a causa da reserva de Raquel, pois ela tampouco retribuía o seu olhar, afastando-se, silenciosa, logo depois de anunciar o visitante.

A verdade era bem mais romântica do que a curiosidade poderia imaginar. Desde que as obstinadas suspeitas de Solimão tinham conseguido enredar a figura luminosa de Arnheim em sombrias intrigas, prejudicando também a admiração infantil de Raquel por Diotima, tudo o que a mocinha trazia em si de ânsia de fazer boa figura, e de amor servil, concentrara-se em Ulrich. Como, persuadida por Solimão de que devia vigiar os acontecimentos da casa, ela agora escutasse diligentemente atrás das portas e nos momentos em que servia, ouvia muitos diálogos entre o subsecretário Tuzzi e sua esposa, e percebera também aquela posição meio hostil, meio afetuosa, que Ulrich assumira entre Diotima e Arnheim. Ela correspondia inteiramente a seu

próprio sentimento, que vacilava entre rebeldia e arrependimento diante da patroa que tudo ignorava.

Há muito percebera que Ulrich esperava alguma coisa dela. Não lhe passava pela cabeça que lhe pudesse agradar. Esperava constantemente — desde que fora rejeitada e queria mostrar à sua família na Galícia como conseguira progredir apesar disso — uma sorte grande, uma herança inesperada, a descoberta de que era filha abandonada de pessoas nobres, ou a oportunidade de salvar a vida de algum príncipe — mas jamais imaginara essa simples possibilidade, que pudesse agradar a um cavaleiro que freqüentava a casa da patroa, tomar-se sua amante ou até casar com ele. Por isso, estava apenas disposta a prestar algum grande serviço a Ulrich. Foram ela e Solimão que haviam mandado um convite ao general depois de saberem que Ulrich era seu amigo; e também porque era preciso dar impulso às coisas, e um general parecia, de acordo com toda a história passada, uma personalidade muito adequada para isso. Mas como Raquel lidasse com Ulrich segundo um acordo tácito, quase uma combinação de duendes domésticos, era inevitável que entre ela e aquele homem cujos movimentos ela vigiava cheia de curiosidade, brotasse uma arrebatadora convivência que fazia de todos os movimentos dos lábios dele, seus olhos e dedos, aqueles atores nos quais ela se agarrava com a paixão da pessoa que vê sua modesta vida subitamente apresentada num grande palco. E quanto mais ela percebia que essa relação recíproca não pressionava menos seu peito do que um vestido apertado quando nos agachamos diante de um buraco de fechadura, tanto mais depravada se sentia, pois ao mesmo tempo, não resistia com mais firmeza à surda corte de Solimão; era esse o motivo que Ulrich desconhecia, mas que a fazia responder à curiosidade dele com a respeitosa paixão de quem se revela uma criada educada e modelar.

Ulrich indagava-se em vão por que aquela criatura, feita pela natureza para os jogos amorosos, era tão casta que quase se teria de acreditar numa resistência frígida, não raro atribuída a mulheres delicadas. Mas mudou de idéia, e talvez tenha-se decepcionado um pouco, quando certo dia observou um fato surpreendente. Arnheim acabara de chegar, Solimão agachara-se no vestibulo e Raquel se retirara tão depressa como de costume; Ulrich, todavia, aproveitou o momento de agitação causado pela entrada de Arnheim, para voltar e tirar um lenço do sobretudo. A luz fora novamente apagada, mas Solimão ainda estava lá, e não viu que Ulrich, dissimulado pelo umbral da porta, apenas fingira abrir e fechá-la como se já tivesse deixado novamente o aposento. Solimão ergueu-se cauteloso e tirou uma grande flor de dentro da jaqueta. Era um belo lírio branco, e Solimão o contemplou; depois, nas pontas dos pés, se pôs em movimento, mas não entrou na cozinha. Ulrich, que sabia onde ficava o quatinho de Raquel, seguiu sem fazer ruído, e viu o que acontecia: Solimão parou diante da porta, beijou a flor e depois prendeu-a na maçaneta, passando rapidamente o caule duas vezes em torno dela e metendo a ponta na fechadura.

Fora difícil arrancar o lírio do buquê sem ser notado, e escondê-lo para Raquel, e ela sabia valorizar essas atenções. Ser apanhada e demitida significaria para ela o mesmo que a morte e o Juízo Final: por isso, perturbava-a ter de cuidar-se de Solimão por toda parte, e pouco prazer lhe dava que ele de repente a beliscasse na perna, saindo de um esconderijo, sem que ela pudesse gritar; mas também a impressionava que alguém a cercasse de atenções expondo-se assim ao perigo, espionando seus passos com os maiores sacrifícios e testando seu caráter em situações difíceis. Aquele macaquinho apressava as coisas de um modo que lhe parecia insensato e

perigoso; Raquel, sentindo isso no meio de todas as confusas expectativas que lhe enchiam a cabeça, tinha por vezes contra seus princípios o pecaminoso desejo de, quaisquer que fossem as coisas importantes que o futuro lhe reservava, poder por enquanto usufruir generosamente dos grossos lábios do príncipe mouro, criados para servirem à criadinha.

Certo dia, Solimão lhe perguntou se ela era corajosa. Arnheim estava com Diotima e alguns amigos nas montanhas, por dois dias, e não o levava consigo. A cozinheira tinha vinte e quatro horas de folga, e o subsecretário Tuzzi fazia as refeições no restaurante. Raquel contara a Solimão dos restos de cigarro encontrados no quarto, e a indagação de Diotima sobre o que a pequena pensaria daquilo foi respondida: ela e Solimão suspeitaram de que alguma coisa andava acontecendo naquele concílio, exigindo deles dois uma intensificação de atividades.

Ao perguntar-lhe se era corajosa, Solimão anunciara que pretendia roubar do patrão os documentos que provavam sua origem aristocrática. Raquel não acreditava nesses documentos, mas todas as sedutoras complicações que os envolviam tinham despertado nela inegável necessidade de que acontecesse alguma coisa. Os dois combinaram que ela manteria sua touquinha branca e avental de criada quando Solimão a apanhasse e levasse ao hotel, para parecer que estava sendo enviada até lá por sua ama, com alguma tarefa. Quando saíram à rua, ela sentiu tal onda de calor atrás da beirada de rendas do aventalzinho, que seus olhos se enevoaram, mas Solimão, audacioso, fez parar um carro; ultimamente tinha muito dinheiro, porque Arnheim andava distraído. Raquel também criou coragem e entrou no carro diante de todo o mundo, como se fosse sua profissão e tarefa passear com um negrinho. As ruas da manhã passavam céleres, repletas dos elegantes ociosos a quem de direito pertenciam, enquanto Raquel se excitava como se estivesse cometendo algum roubo. Tentou recostar-se no carro como vira Diotima fazer; mas em cima e embaixo, onde tocava o estofamento, entrava por seu corpo um confuso embalo. O carro era fechado, e Solimão aproveitou a posição de Raquel, recostada para trás, para apertar sobre os lábios dela as grossas almofadas de sua boca; podia-se ver isso pelas janelas, mas o carro voava e a sensação de um líquido perfumado e efervescente derramou-se dos estofamentos balouçantes pelas costas da menina.

O mouro não hesitou em parar diante do hotel. Os criados da casa, com mangas de seda negra e aventais verdes, sorriram zombeteiramente quando Raquel desembarcou, o porteiro espiou pela porta de vidro enquanto Solimão pagava, e Raquel achou que o asfalto cedía sob seus pés. Então, porém, pensou que Solimão devia ter grande influência no hotel, pois ninguém os deteve enquanto atravessavam a imensa colunata do saguão. Alguns cavalheiros desacompanhados estavam sentados ali, e seguiram Raquel com o olhar, de suas poltronas de couro; ela sentiu uma profunda vergonha, mas subiu as escadas e logo percebeu as muitas criadas de quarto, vestidas de preto como ela, toucas brancas, embora as roupas fossem um pouco menos delicadas que a sua; sentiu-se então como um pesquisador que vaga por uma ilha desconhecida, talvez perigosa, e encontra os primeiros seres humanos.

Depois, pela primeira vez na vida, Raquel viu os aposentos de um hotel elegante. Solimão fechou todas as portas, e julgou oportuno beijar novamente a amiga. Os beijos que nos últimos tempos eram trocados entre Raquel e Solimão tinham algo do ardor de beijos infantis; eram antes afirmações do que fraquezas perigosas, e também agora, no primeiro momento a sós num quarto fechado, Solimão teve dese-



jos de trancar-se ainda mais romanticamente. Baixou as persianas e vedou todas as fechaduras que davam para o exterior do apartamento. Raquel também estava excitada demais com esses preparativos para pensar em outra coisa senão na própria coragem e na infâmia de uma eventual descoberta.

Solimão conduziu-a em seguida aos armários e malas de Arnheim, todas abertas exceto uma. Era claro que só ali se podia ocultar o segredo. O mouro tirou as chaves das malas abertas e experimentou-as. Nenhuma servia. Enquanto isso, ele tagarelava sem parar, toda a sua reserva de camelos, príncipes, mensageiros misteriosos e suspeitas sobre Arnheim brotavam de seus lábios. Pediu um grampo de cabelo emprestado a Raquel e tentou formar uma gazua. Como não o conseguisse, arrancou todas as chaves dos armários e cômodas, espalhou-as pelo chão, ficou pensativamente ajoelhado diante delas, e fez uma pausa para tomar nova decisão.

— Está vendo como ele se esconde de mim? — disse a Raquel, esfregando a testa.  
— Mas posso mostrar-lhe primeiro as outras coisas.

E espalhou simplesmente diante de Raquel, agachada no chão com as mãos espremidas entre os joelhos a contemplar curiosa o espetáculo, todo o perturbador tesouro dos armários e malas de Arnheim. Ela jamais vira a roupa íntima de um homem mimado e acostumado aos mais refinados prazeres da vida. Seu honrado patrão não se vestia mal, mas não tinha dinheiro para as mais sofisticadas invenções dos alfaiates, costureiros e fabricantes de artigos de luxo, nem necessidade disso, e até sua distinta patroa não possuía nem de longe objetos tão refinados, de feminina delicadeza e difíceis de usar, como os daquele homem desmedidamente rico. Raquel sentiu novamente um temeroso respeito diante do nababo, e Solimão jactava-se com a fortíssima impressão que causava através da riqueza do amo. Arrancou tudo dos armários, ligou todos os aparelhos, e explicou zelosamente todos os segredos. Aos poucos Raquel ia ficando cansada, quando de repente teve uma estranhíssima impressão. Lembrou-se muito bem de que há algum tempo também nas roupas e objetos pessoais de Diotima apareciam dessas coisas. Não tão abundantes e ricas como aquelas, mas comparadas à antiga simplicidade monacal eram muito mais parecidas com a visão daquele momento do que com a severidade do passado. E Raquel foi instantaneamente dominada pela vergonhosa suspeita de que a ligação entre sua patroa e Arnheim pudesse ser um pouco menos espiritual do que acreditara.

Corou até a raiz dos cabelos.

Desde que trabalhava para Diotima, seus pensamentos nunca tinham entrado naquele terreno. Seus olhos tinham devorado o magnífico corpo da patroa sem pensar na aplicação de toda aquela beleza, como se absorve pó dentro de um invólucro de papel. Sua satisfação por conviver com pessoas distintas fora tão grande, que em todo aquele tempo um homem não entrara em cogitação como ser real de outro sexo para aquela Raquel tão fácil de seduzir; apenas pensava neles como algo romântico, romanescamente diferente. Sua moral tornara-se infantil, ela fora transportada novamente para o período anterior ao do amadurecimento sexual, quando ardemos tão altruisticamente pela grandeza dos outros; e só assim se explicava que os caprichos de Solimão, dos quais a cozinheira apenas rira desdenhosamente, contassem com a tolerância e fraqueza de Raquel. Mas ali agachada no chão, vendo exposta à sua frente uma relação adúltera entre Diotima e Arnheim, realizou-se nela a transformação há muito contida, passando de um estado de alma pouco natural, para o estado carnal do mundo, cheio de desconfiança.

De um só golpe, ela perdeu todo o romantismo, e tornou-se um pouco irritada, um corpo resolutivo, achando que também criadas podem um dia ter lá sua vez. Solimão se acocorava ao lado dela diante de suas mercadorias; reunira tudo o que ela mais admirara e tentava enfiar em seu avental, como presente, o que não fosse grande demais. Depois levantou-se de um salto, e com um canivete tentou mais uma vez abrir a mala fechada. Explicou aos brados que queria retirar uma grande quantia de dinheiro com o talão de cheques do seu amo — pois aquele capeta era bem pouco infantil em assuntos pecuniários —, antes da volta de Arnheim, para fugir com Raquel, mas primeiro precisava encontrar seus documentos.

Raquel, que estava ajoelhada, ergueu-se, esvaziou completamente os bolsos entupidos de presentes, e disse:

— Chega de bobagens! Não tenho mais tempo; que horas são? — Sua voz estava mais grave. Alisou o avental e ajeitou a touca; Solimão sentiu imediatamente que ela não queria mais brincar, e de repente viu que ela era mais velha do que ele. Antes que ele pudesse reagir, Raquel lhe deu o beijo de despedida. Os lábios dela não tremiam, como habitualmente, mas apertaram-se contra o suculento fruto do rosto dele, e curvando para trás a cabeça de Solimão, mais baixo que ela, segurou-o assim até ele quase sufocar. Solimão esperneou; quando finalmente foi solto, sentiu-se como se um rapaz mais velho o tivesse enfiado debaixo d'água, e no primeiro momento só pensou em se vingar. Raquel, porém, escapulira pela porta; o olhar que a princípio alcançou foi tão irado quanto uma flecha de ponta de fogo, mas depois consumiu-se numa suave cinza; Solimão ergueu do chão os tesouros do seu amo, para guardá-los de volta. Tornara-se um jovem adulto, desejando algo que já não era inatingível.

## AMANTES SUBLIMES TÊM PROBLEMAS

Arnheim ficara mais tempo em viagem do que de hábito, depois do passeio às montanhas. Esse emprego da palavra “viagem”, que ele próprio fizera sem querer, era estranho, pois na verdade deveria ter dito que “estivera em casa”. Por muitos motivos dessa ordem, Arnheim sentia que uma decisão tornava-se cada vez mais premente. Vivia perseguido por devaneios incômodos, que sua mente disciplinada desconhecia. Um deles era especialmente renitente: estava com Diotima no topo de uma alta torre de igreja, a paisagem jazia verde a seus pés, em seguida os dois saltavam. Entrava à noite grosseiramente no quarto dos Tuzzi, e dava um tiro no subsecretário: outro de seus pesadelos em vigília. Poderia matá-lo num duelo, o que lhe parecia menos natural, pois tal fantasia já estava carregada de um excesso de cerimônias reais, e quanto mais Arnheim se aproximava do real, mais desagradáveis eram os obstáculos que se lhe apresentavam. Poderia também pedir abertamente a Tuzzi a mão da esposa, mas o que diria Tuzzi? Seria ridículo. E se o outro tivesse um comportamento humano, limitando o escândalo ao mínimo — era de se presumir que nem haveria escândalo, pois divórcios começavam a ser tolerados mesmo na melhor sociedade —, seria sem-

pre um solteirão a quem aquele casamento tardio tornaria um tanto ridículo, como ter um filho na época das bodas de prata.

Se Arnheim quisesse fazer alguma coisa, sua responsabilidade diante dos negócios teria exigido que se casasse com uma ilustre viúva americana, ou uma aristocrata próxima à Corte, e não com a mulher divorciada de um funcionário público burguês. Para ele, qualquer ação, também de ordem sensual, era carregada de responsabilidades. Num tempo em que reina tão pouca responsabilidade para com o que se pensa ou faz, como hoje em dia, não era apenas o orgulho pessoal que apresentava tais objeções, mas uma necessidade suprapessoal de colocar o poder de Arnheim (esse produto originado do desejo de riqueza mas que, superando-o, adquirira inteligência própria, vontade própria, tendo de crescer, solidificar-se, podendo adoecer e enferrujar, quando inativo!) em harmonia com as forças e hierarquias da vida, o que, até onde tinha consciência, jamais ocultara de Diotima. Evidentemente, um Arnheim poderia permitir-se até o casamento com uma pastora de cabras, mas só no plano pessoal; fora disso, seria trair uma causa por fraqueza pessoal.

Mesmo assim, era verdade que sugerira casamento a Diotima. Fizera-o porque desejava evitar situações adúlteras, incompatíveis com uma vida nobre e escrupulosa. Diotima, agradecida, apertara sua mão, e respondera a essa proposta com um sorriso que fazia pensar nos melhores exemplos de história da arte:

“Nosso mais profundo amor nunca se dirige àqueles que podemos abraçar!”

Depois dessa resposta, tão ambígua quanto o sedutor tom amarelo no seio do severo lírio, Arnheim não tivera determinação bastante para voltar a seu pedido. Em lugar disso, tiveram diálogos de natureza geral, nos quais as palavras divórcio, casamento, adultério, e similares tendiam estranhamente a aparecer. Profundas conversas sobre o modo como a literatura contemporânea tratava o adultério se repetiam, e Diotima achava que esse problema era tratado do ponto de vista meramente sensualista, sem consideração para com o nobre sentido de disciplina, renúncia, ascese heróica; infelizmente, essa era também a opinião de Arnheim, de modo que só lhe restava acrescentar que, hoje, a compreensão do profundo mistério moral do ser humano se perdeu quase totalmente. Esse mistério consta de não nos podermos permitir tudo. Épocas em que tudo é permitido sempre trazem infelicidade aos que nela vivem. Disciplina, renúncia, cavalheirismo, música, moral, poesia, forma, proibição, tudo isso tem um objetivo mais profundo do que apenas conferir à vida uma forma limitada e determinada. Não existe felicidade sem limites. Não existe grande felicidade sem grandes proibições. Mesmo nos negócios, não podemos correr atrás de qualquer vantagem, ou não chegaremos a nada. O limite é o mistério do fenômeno, o mistério da força, da felicidade, da fé, e da missão de afirmar-se como minúsculo ser humano num universo.

Tais eram as explicações de Arnheim, e Diotima só podia concordar. Em certo sentido era uma lamentável seqüência dessas idéias que conferiam ao conceito de legitimidade uma plenitude de significado que ele já não tem mais para o homem comum. Mas as grandes almas têm necessidade de legitimação. Em horas sublimes pressente-se a vertical severidade do Universo. E o homem de negócios, embora domine o mundo, respeita a realeza, a aristocracia e o clero como portadores do irracional. Pois o legítimo é simples, como é simples tudo o que é grande, e não precisa de entendimento. Homero era simples. Cristo foi simples. Os grandes espíritos sempre voltam aos princípios simples; sim, é preciso ter coragem de dizer que voltam a

lugares-comuns de ordem moral. Em resumo, para ninguém é tão difícil agir contra a tradição como para as almas realmente livres.

Essas reflexões, por mais verdadeiras que sejam, não favorecem a intromissão num casamento estranho. Por isso, os dois estavam na situação de pessoas ligadas por uma ponte magnífica, mas em cujo meio há um buraco de poucos metros impedindo o encontro. Arnheim lamentava imensamente não ter uma centelha daquele desejo físico para o qual nada importa, e que leva a atitudes impensadas, tanto nos negócios quanto no amor. Pesaroso, começou a falar longamente do desejo. Para seguir seus pensamentos, este desejo é exatamente o sentimento que corresponde ao cultivo da razão em nosso século. Nenhum outro sentimento se dirige tão univocamente para seu objetivo. Prende-se como uma flecha cravada, e não esvoaça como um bando de aves sempre a distância. Empobrece a alma, assim como a empobrecem o cálculo, a mecânica e a brutalidade. Portanto, Arnheim falava desdenhosamente do desejo, ao mesmo tempo em que o sentia rumorejar nos porões como um escravo cego.

Diotima tentou de outra forma. Estendeu a mão ao amigo e pediu:

— Não falemos disso! Palavras podem fazer grandes coisas mas há outras maiores! A verdade verdadeira entre duas pessoas não pode ser dita. Assim que falamos, as portas se fecham; a palavra serve mais para as participações irreais, falamos em horas em que não estamos vivendo...

— Você tem razão — concordou Arnheim —, a palavra consciente de si mesma dá aos movimentos invisíveis do nosso interior uma forma pobre e arbitrária!

— Não diga nada! — repetiu Diotima, colocando a mão no braço dele. — Tenho a sensação de que nos presentamos mutuamente com um momento de vida, na medida em que nos calamos. — Um instante depois, retirou a mão, e suspirou: — Há minutos em que se expõem todas as pedras preciosas ocultas da alma!

— Talvez venha um tempo — completou Arnheim —, do qual já há muitos sinais, em que as almas possam se contemplar sem intermediação dos sentidos. As almas se unem quando os lábios se apartam!

Os lábios de Diotima encrespavam-se, produzindo uma alusão daquele pequeno tubo torto que as borboletas mergulham nas flores. Sentia uma intensa embriaguez espiritual. Provavelmente essa branda loucura é qualidade do amor, como de todos os estados sublimes. Onde quer que caíssem palavras, rebrilhava um múltiplo sentido como um deus velado, e diluía-se em silêncio. Diotima conhecia esse fenômeno de suas solitárias horas sublimes, mas antes aquilo jamais se intensificara de tal maneira, até o limite da felicidade espiritual, já quase insuportável; era uma anarquia de superabundâncias que a habitava agora, uma leveza divina, como se patinasse no gelo, e chegou a sentir-se como se fosse desmaiar.

Arnheim sustentava-a com frases grandiosas. Criava adiantamentos e pausas. Depois, balançava novamente debaixo deles a rede tensa dos pensamentos cheios de significado.

O tormento, nessa vasta felicidade, era a impossibilidade de concentração. Dela emanavam sempre novas ondas trêmulas ampliando-se em círculos, mas não se reuniam em torrentes de ação. Diotima chegara ao ponto de, ao menos no espírito, julgar mais delicado e superior preferir o risco de adultério à grande catástrofe de duas vidas destruídas, enquanto Arnheim há muito tomara a decisão moral de não aceitar esse sacrifício, e casar-se com ela; portanto, podiam possuir-se a qualquer momento, de

um ou outro modo, e sabiam disso. Mas não sabiam como o deveriam fazer, pois a felicidade arrebatava suas almas para alturas tão solenes que lá sentiam medo de qualquer gesto menos belo, muito natural em pessoas que andam sobre uma nuvem.

Assim, o espírito de ambos sugara tudo o que havia de grande e belo e que a vida espraia à sua frente, mas, no ápice da excitação, sobrevinha uma estranha ruptura. Os desejos e vaidades que normalmente preenchiam suas vidas jaziam abaixo deles como casinhas de brinquedo no fundo de um vale, engolidas pelo sossego, com os cacarejos, latidos, e toda a agitação. Restavam silêncio, vazio e profundidade

“Seremos eleitos?”, pensava Diotima olhando em tomo sobre aquele cimo de emoção, pressentindo martírios indescritíveis. Já experimentara isso em graus menores, até um homem não confiável como seu primo sabia falar deles, e ultimamente muito se escrevera a respeito. Mas se os relatos não mentiam, havia a cada mil anos momentos em que a alma está mais próxima do despertar do que normalmente, e ao mesmo tempo ingressa na realidade através de indivíduos isolados aos quais apresenta provações bem maiores do que ler e falar. E enquanto a excitação recurvava entre os dois um arco trêmulo, ela disse baixinho ao seu amigo que procurava novas palavras:

— A razão não é o único meio de entendimento entre duas pessoas!

E Arnheim respondeu:

— Não. — Seu olhar penetrou nos olhos dela, horizontal como um raio de sol crepuscular. — A senhora já disse isso há pouco. A verdade verdadeira entre duas pessoas não pode ser dita; qualquer esforço apenas a prejudica!

## O HOMEM MODERNO ACREDITA EM DEUS OU NO CHEFE DE UMA EMPRESA MUNDIAL? A INDECISÃO DE ARNHEIM

Arnheim sozinho. Está parado, pensativo, junto à janela de seu apartamento de hotel, olhando as copas das árvores despidas lá embaixo, que desenhavam uma grade de traços sob a qual as pessoas formam, coloridas e escuras, as duas filas do cortejo que já começara àquela hora. Um sorriso aborrecido divide os lábios do grande homem.

Até ali nunca tivera dificuldade em reconhecer o que julgava desprovido de alma. O que não é desprovido de alma hoje em dia? Reconhecem-se facilmente as poucas exceções. Arnheim ouviu longe, na memória, uma noite de música de câmara; havia amigos em seu castelo na Marca, as tília prussianas soltavam seu perfume, os amigos eram jovens músicos que estavam mal de vida, mas apesar disso tocavam com entusiasmo naquela noite; havia alma naquilo. Outro caso: recentemente ele se recusara a continuar com o encargo de ajudar a determinado artista, como já vinha fazendo há algum tempo. Esperava que o artista ficasse zangado com ele, sentindo-se abandonado antes de conseguir impor-se na profissão; era preciso dizer-lhe que havia mais artistas necessitados de auxílio, e outras coisas desagradáveis. Em vez disso, encontrando Arnheim em sua última viagem, o homem apenas o olhara duramente nos olhos, pegara sua mão e dissera: “O senhor me deixou numa situação difícil, mas

estou convencido de que um homem como o senhor nunca faz nada sem motivo!” Isso era ter alma viril, e Arnheim se sentira inclinado a ajudá-lo outra vez.

Assim, ainda hoje existe alma em muitos detalhes, o que sempre parecera importante para Arnheim. Mas quando temos de conviver com ela direta e abertamente, ela representa um sério perigo para a sinceridade. Estaria realmente chegando um tempo em que as almas se tocariam sem intermediação dos sentidos? Haveria um objetivo, da mesma importância e significação dos objetivos reais, em conviver daquela maneira, como seu anseio íntimo e o de sua maravilhosa amiga o obrigavam a fazer ultimamente? Quando consciente, ele não acreditava nisso nem por um instante sequer, mas estava claro que estimulava Diotima nessa crença.

Arnheim encontrava-se numa singular divisão interior. A fortuna moral liga-se estreitamente à material: ele sabia bem disso, e é fácil reconhecer por que as coisas são assim. Pois a alma substitui moral por lógica; quando uma alma tem moral não há mais problemas morais para ela, apenas lógicos; ela se pergunta se o que pretende fazer fere este ou aquele mandamento, se a intenção dela se deve entender assim ou assado, e coisas parecidas; como quando uma multidão enlouquecida se torna disciplinada e treinada, começa a avançar à direita, abrir os braços, flexionar os joelhos. Mas a lógica pressupõe experiências passíveis de repetição; é claro que, se os acontecimentos mudassem como um torvelinho no qual nada se repete, jamais poderíamos pronunciar a profunda verdade de que  $A$  é igual a  $A$ , ou que o maior não pode ser o menor; ficaríamos simplesmente sonhando, estado que repugna aos pensadores. O mesmo vale para a moral, e se não houvesse nada passível de repetição, nada nos poderia ser prescrito, e sem poder prescrever coisa alguma às pessoas a moral não teria graça.

Essa qualidade da repetitividade, característica da moral e da razão, porém, prende-se grandemente ao dinheiro; ele consta dessa qualidade e, na medida em que tem valor, divide todos os prazeres do mundo em bloquinhos de poder aquisitivo com os quais podemos construir o que desejarmos. Por isso, o dinheiro é moral e sensato, e como sabidamente não acontece o inverso, ou seja, nem sempre pessoas morais e sensatas têm dinheiro, conclui-se que essas qualidades residem originalmente no dinheiro, ou ao menos que dinheiro é o coroamento de uma existência moral e sensata.

É claro que Arnheim não pensava exatamente nesses termos, inferindo que cultura e religião eram conseqüências naturais da propriedade, mas achava que a propriedade obriga a tê-las. Gostava de dizer que as forças espirituais nem sempre entendiam o suficiente das forças atuantes do ser, e raramente eram livres de certa alienação em relação à vida. Ele, homem de visão, chegou também a conclusões bem diversas. Pois cada ponderação, cada pôr-na-conta, cada medição pressupõe que o objeto a ser avaliado não se modifique durante a reflexão. E se isso acontecer, é preciso aplicar toda a perspicácia em encontrar até nessa mudança algo imutável. Assim, o dinheiro é aparentado com todas as forças espirituais, e, segundo seu modelo, os sábios dissecam o mundo em átomos, leis, hipóteses e singulares sinais de operações, enquanto os técnicos partem dessas ficções para construir um mundo de coisas novas. Isso era tão corriqueiro para o dono de uma gigantesca indústria, bem-informado sobre a natureza das forças que o serviam, como um leitor comum de romances alemães conhece as noções morais da Bíblia.

Essa necessidade de univocidade, repetitividade e solidez, que é pressuposto do êxito do pensamento e do planejamento — pensava Arnheim ainda, olhando pela

janela — encontra sua satisfação, no campo da alma, pela violência. Quem quiser construir sobre terra firme no ser humano, deve servir-se unicamente das qualidades e paixões inferiores, pois só o que se liga mais estreitamente ao egocentrismo tem solidez e pode ser levado em conta por toda parte; as intenções mais elevadas não são confiáveis, são contraditórias e fugazes como o vento. Aquele homem que sabia que a curto ou longo prazo se deveriam governar reinos como se dirigem fábricas, fitava lá embaixo o torvelinho de uniformes e rostos orgulhosos do tamanho de ovos de piolhos com um sorriso onde se misturavam superioridade e melancolia. Não pode haver dúvida, se Deus voltasse hoje para instaurar entre nós o Milênio, nenhum homem prático e experiente confiaria nisso enquanto não se instalasse, ao lado do Juízo Final, uma jurisdição criminal, prisões sólidas, polícia, soldados, parágrafos sobre alta-traição, postos governamentais e o que mais fosse necessário para limitar as imprevisíveis ações da alma diante dos dois fatos básicos: que o futuro habitante do céu só poderá ser levado a fazer tudo o que quisermos dele por intimidação e aperto de parafusos, ou por suborno da sua ambição, em resumo, só através do “método forte”.

Mas então Paul Arnheim haveria de se adiantar e dizer ao Senhor: “Senhor, para que isso? O egocentrismo é a mais confiável qualidade da vida humana. O político, o soldado e o rei usaram-no para organizar o Seu mundo com astúcia e força. Essa é a melodia da humanidade: você e eu temos de admiti-lo. Abolir a força seria amolecer a ordem; nossa tarefa é capacitar o ser humano a grandes coisas, embora ele seja um bastardo!” E Arnheim sorria modestamente para o Senhor, numa postura calma, para não esquecer como é importante para todo ser humano reconhecer humildemente os grandes mistérios. E prosseguiria no seu discurso: “Mas o dinheiro não é um método tão seguro como a violência para tratar as relações humanas? Ele não nos permite dispensar o ingênuo emprego dela? É uma violência espiritualizada, uma forma especial de violência, flexível, altamente evoluída e criativa. Os negócios não se fundamentam em astúcia e violência, em vantagem e exploração, só que civilizadas, transferidas para o interior do ser humano revestindo-se da aparência de sua liberdade? O capitalismo, como organização do egocentrismo segundo a hierarquia da capacidade de obter dinheiro, é a ordem mais elevada e mais humana que conseguimos criar em Sua honra, Senhor; a atividade humana não tem critério de medida mais preciso do que esse!”

E Arnheim teria aconselhado o Senhor a organizar o Milênio segundo critérios comerciais, e entregar sua administração a um grande empresário, que naturalmente também teria de ter cultura filosófica universal. Pois afinal o lado puramente religioso sempre foi prejudicado e, comparado com a insegurança existencial dos tempos dos guerreiros, até ele teria grandes vantagens com uma administração comercial.

Assim teria falado Arnheim, pois uma voz profunda lhe dizia claramente que não se deve renunciar ao dinheiro como não se deve renunciar à sensatez e à moral. Outra voz, igualmente grave, lhe dizia, porém, com igual clareza, que era preciso ter audácia, e renunciar, sim, à sensatez, à moral e à racionalidade da vida. E nos momentos de maior perturbação, quando ele queria se lançar, como um satélite perdido, na massa solar de Diotima, essa segunda voz parecia a mais forte. O crescimento de seus pensamentos lhe parecia tão estranho quanto o das unhas e cabelos. A vida moral lhe parecia coisa morta, e uma secreta repulsa pela ordem e pela moral o deixava envergonhado.

Arnheim partilhava dos desígnios de sua época. Esta adora o dinheiro, a ordem, o saber, cálculo, medida, portanto, no fim das contas, o espírito do dinheiro e seus parentes; ao mesmo tempo se lamenta por isso. Enquanto em suas horas de trabalho martela e calcula, fora delas se porta como um bando de crianças, que sob o lema “e agora, o que faremos?”, com seu gosto amargo de tédio, corre de um excesso a outro, sem se libertar de uma voz interior que exorta à conversão. E a essa voz interior aplica o princípio de divisão do trabalho, empregando intelectuais, penitentes e confessores para cuidarem desses pressentimentos e queixas íntimas — vidas que são como atos de indulgência, pregadores e profetas literários, cuja simples existência nos ajuda muito se não conseguimos cumprir pessoalmente o que exigem. E as belas frases e recursos financeiros que o Estado verte anualmente em instituições culturais inesgotáveis também funcionam mais ou menos como esse tipo de resgate moral.

Essa divisão de trabalho existia igualmente dentro do próprio Arnheim. Quando estava sentado em um de seus escritórios de direção, examinando cálculos de faturamento, teria-se envergonhado de qualquer pensamento não-técnico ou comercial; mas, assim que o dinheiro da firma não estava em jogo, teria sentido vergonha de não pensar de maneira oposta, e de não exigir que o ser humano fosse capacitado a ascender na vida por outros meios que não o descaminho da regularidade, regulamento, norma e similares, cujos resultados são tão exteriores e, afinal, tão supérfluos. Não há dúvida de que designamos esse outro caminho por religião; ele escrevera livros sobre o assunto. Nesses livros, também o chamara de mito, retorno à simplicidade, reino da alma, espiritualização da economia, essência da ação e coisas semelhantes, pois tudo isso tinha muitos aspectos; para ser exato, tantos aspectos quantos ele percebia haver em si quando se ocupava de si mesmo, altruisticamente, como tem de fazer um homem com grandes tarefas a cumprir. Mas claro, seu destino era que essa divisão de trabalho ruísse na hora da decisão. No momento em que se queria lançar na fogueira da emoção, ou sentia necessidade de ser tão grande e íntegro quanto as figuras dos tempos primitivos, tão imperturbável como só conseguem ser os verdadeiros aristocratas, tão absolutamente religioso como exige a natureza do amor espiritualmente concebido; no instante, portanto, em que desejava lançar-se aos pés de Diotima sem se importar com as calças limpas ou o futuro, uma voz lhe ordenava que parasse. Era a voz da sensatez, despertando fora de hora, ou, como ele dizia, irritado, a voz do pé-de-meia e unha-de-fome, que se opõe hoje à plenitude da vida e ao mistério dos sentimentos. Odiava-a, ao mesmo tempo sabia que ela tinha certa razão. Pois, supondo que se pudesse falar em lua-de-mel: que forma de vida com Diotima haveria para ele depois do transcurso da lua-de-mel? Voltaria para seus negócios e realizaria com ela as outras tarefas da vida. O ano passaria entre operações financeiras e férias na natureza, na parte animal e vegetativa do próprio ser. Talvez houvesse um grande casamento entre atividade e descanso, necessidade e beleza humana. Tudo ótimo, aparecia-lhe mesmo como objetivo, e na opinião dele ninguém tinha força para grandes operações financeiras se não soubesse o que são relaxamento e entrega total, ficar deitado à margem da vida, sem ambições, praticamente vestindo apenas uma tanga: mas uma satisfação louca e muda se desencadeava dentro de Arnheim, pois tudo isso se opunha à sensação de começo e fim que Diotima despertava nele. Diariamente, sempre que a revia, aquela estátua antiga com suas agradáveis formas modernas e arredondadas, ficava perturbado, sentia suas forças fugirem, uma incapacidade de abrigar em seu íntimo aquela criatura equilibrada que girava sobre si mesma tão harmoniosamente.



Já não era um sentimento de humana grandeza, nem mesmo um simples sentimento humano. Todo o vazio da eternidade aparecia naquele estado. Ele fitava a beleza de sua amada com um olhar que parecia ter procurado por ela há mil anos, e agora que a encontrava, subitamente não sabia o que fazer, numa impotência com claros traços de estupor, de um espanto quase imbecil. A sensibilidade já não respondia àquele excesso de cobrança, cujo único termo de comparação seria o desejo de, em companhia da amada, deixar-se lançar por um canhão para fora do mundo!

Diotima, cheia de tato, encontrava também para isso as palavras corretas. Uma vez, num desses momentos, recordou que o grande Dostoiévski constataria uma ligação entre amor, imbecilidade e santidade interior, mas, ignorando isso, as pessoas de hoje, que não têm atrás de si aquela crédula Rússia, precisariam de uma redenção especial para conseguirem concretizar essa idéia.

Essas palavras correspondiam aos sentimentos do coração de Arnheim.

Tinham sido ditas num daqueles momentos repletos de subjetividade exacerbada e simultaneamente exacerbada objetividade, que fazem o sangue subir à cabeça como quando se sopra uma trombeta entupida, da qual não se tira um som; nada era desimportante, da menor taça sobre a prateleira impondo-se no espaço à maneira de Van Gogh, até os corpos humanos que, intumescidos e afiados pelo indizível, pareciam se comprimir dentro dele.

Diotima disse, assustada:

— Eu gostaria de gracejar. O humor é tão bonito, paira acima das aparências livre de todo o desejo!

Arnheim sorriu. Tinha-se levantado e começara a movimentar-se pelo aposento. “Se eu a rasgasse em pedaços, se começasse a berrar e dançar; se metesse a mão na garganta para tirar meu coração do peito, para ela: será que aconteceria um milagre?”, pensou. Mas interrompera-se, esfriando.

A cena voltara agora vivamente à sua memória. Seu olhar pousou, de novo gélido, sobre a rua a seus pés. “Deveria realmente acontecer o milagre de uma redenção”, pensou, “mas outras pessoas deveriam popular o mundo antes de se poder pensar na concretização dessas coisas”. Já não se esforçava por decifrar como, e do que, os homens precisavam ser redimidos; de qualquer forma, tudo deveria ser bem diferente. Ele voltou à sua escrivaninha, que deixara há meia hora, às cartas e telegramas, e tocou a sineta para mandar Solimão buscar seu secretário.

Enquanto esperava por ele, burilando em pensamento as primeiras frases de uma carta sobre finanças, o que experimentara cristalizou-se nele numa bela fórmula moral cheia de implicações. “Um homem consciente de sua responsabilidade”, disse para si mesmo, persuadido, “mesmo quando dá de presente sua alma deve sacrificar apenas os juros, jamais o capital!”

## O CONDE LEINSBORF CONSEGUE UM INESPERADO ÊXITO POLÍTICO

Quando Sua Alteza falava de uma família de estados europeus que se deveria reunir jubilosa em torno do ancião imperador-patriarca, sempre excluía tacitamente a Prússia. Talvez agora com mais fervor que antigamente, pois o Conde Leinsdorf sentia-se inegavelmente perturbado pela impressão que o Dr. Paul Arnheim causava. Sempre que visitava sua amiga Diotima, encontrava aquele homem, ou rastros dele, e sabia tão pouco quanto o subsecretário Tuzzi a quantas andava. Coisa que antes não sucedia, Diotima percebia agora, quando o contemplava enternecida, as veias inchadas nas mãos e no pescoço de Sua Alteza, e a pele cor de tabaco claro, emanando um odor de homem velho; embora não faltasse com respeito para com o ilustre senhor, alguma coisa mudara sob os raios da sua simpatia, como o sol de verão passa a sol invernal. O Conde Leinsdorf não tinha inclinações para a fantasia nem para a música, mas desde que era obrigado a tolerar o Dr. Arnheim, ouvia com singular freqüência um leve som, como de tambores e pratos de uma marcha militar austríaca; ou, fechando os olhos, algo se inquietava naquela escuridão, muitas bandeiras amarelas-e-pretas tremulando. Essas visões patrióticas pareciam insinuar-se também em outros amigos da família Tuzzi. Pelo menos, por toda parte, onde quer que ele ouvisse, falava-se com grande respeito da Alemanha, mas bastava ele dar a entender que talvez no curso dos acontecimentos a grande Ação Patriótica pudesse conter uma pequena alfinetada contra o reino irmão, para que esse respeito fosse embelezado por um sorriso cordial.

Sua Alteza deparara com um importante fenômeno em seu distrito. Há certos sentimentos de família especialmente fortes, entre eles a antipatia da família de estados europeus pela Alemanha, antes da guerra. Talvez a Alemanha fosse o país menos homogêneo espiritualmente, onde cada um podia encontrar alvo para a sua antipatia pessoal. Fora o país cuja velha cultura mais sofrerá sob as rodas dos tempos modernos, sendo dilacerada por grandes frases a favor do comércio e imitação. Além disso, era um país agressivo, ávido, fanfarrão e rigorosamente imprevisível como qualquer grande massa excitada: mas tudo isso era afinal apenas europeu, e quando muito teria podido parecer aos europeus um tanto europeu demais. Parece evidente que tenha de haver figuras indesejadas nas quais se concentra o desgosto, o desentendimento, como que o resíduo de uma fraca combustão que a vida hoje deixa para trás. Subitamente, para imensa surpresa de todos os participantes, a possibilidade torna-se uma realidade, e o que se suprime nesse acontecimento altamente desordenado, o que não está certo, o que é supérfluo e não satisfaz ao espírito parece formar aquele ódio que paira no ar entre todas as criaturas, tão característico da civilização atual, e que substitui a falta de alegria com a própria ação pela raiva fácil diante da atividade dos outros.

A tentativa de concentrar essa má vontade em entes especiais é parte do mais antigo procedimento psicotécnico da humanidade. Assim, o feiticeiro tirava do corpo do enfermo um fetiche previamente preparado, e o bom cristão transfere seus erros para o bom judeu, afirmando que por causa dele surgiram a propaganda, os juros, os

jornais e outros males semelhantes. No curso dos tempos, foram responsabilizados o trovão, as bruxas, os socialistas, os intelectuais e os generais; e nos últimos tempos antes da guerra, por razões especiais que não têm maior interesse, um dos objetos preferidos desse estranho fenômeno foi a Alemanha prussiana. O mundo não perdeu apenas Deus, perdeu também o Diabo. Assim como transfere o mal para alguma figura indesejada, transfere o bem para símbolos positivos, que venera por fazerem aquilo que se considera impróprio fazer na primeira pessoa. Deixamos que outros se esforcem, enquanto os contemplamos, da nossa cadeira, e chamamos isso de esporte; deixamos pessoas falarem as coisas mais parciais e exageradas, e chamamos isso de idealismo; sacudimo-nos afastando o mal, e aqueles que acabam respingados são os indesejáveis. Assim, tudo no mundo encontra seu lugar e sua ordem; mas essa técnica de veneração dos santos e engorda de bodes expiatórios através da projeção tem seus perigos, pois enche o mundo com as tensões de todos os combates interiores não efetuados. Matamo-nos a pauladas ou confraternizamos, e não podemos saber ao certo se o fazemos a sério, pois parte de nós está fora de nós, e todos os acontecimentos parecem se realizar parcialmente na frente ou atrás da realidade, como mímica de amor ou ódio. A velha crença nos demônios, que responsabilizava espíritos celestiais ou infernais por todo o bem ou mal, trabalhava melhor, com mais precisão, de maneira mais limpa, e podemos apenas esperar que, com o avanço da psicotécnica, retomemos a ela.

A Kakânia era um país incrivelmente adequado para se lidar com figuras desejadas ou indesejáveis; de qualquer modo, a vida lá tinha algo de irreal, e exatamente os kakanianos mais nobres de espírito, que se sentiam herdeiros e portadores da famosa cultura kakaniana, de Beethoven à opereta, consideravam perfeitamente natural serem aliados e irmãos dos alemães do Reich e ao mesmo tempo detestá-los. De vez em quando permitiam-se aplicar-lhes uma pequena censura, e pensando em seus êxitos, entristeciam-se um pouco com a situação da pátria, situação essa que consistia principalmente no fato de a Kakânia, Estado originalmente tão bom quanto todos, e melhor que alguns, ter no curso dos séculos perdido um pouco do gosto por si mesma.

No curso da Ação Paralela já se comentava que se faz História Universal como se fazem outras histórias; isto é, os autores raramente têm idéias novas, e copiam-se uns aos outros no que diz respeito a enredos e idéias. Mas há outra coisa ainda não mencionada: o prazer da história, a convicção, tão comum nos autores, de que produzem uma boa história, aquela paixão do autor, que encomprida suas orelhas em línguas de fogo e derrete todo o senso crítico.

O Conde Leinsdorf possuía essa convicção e essa paixão, ainda encontradiças entre seus amigos, mas o restante da Kakânia a perdera, e há muito procurara um sucedâneo. Em lugar da história da Kakânia surgira a história da Nação, escrita conforme aquele gosto tão europeu por edificantes romances históricos e dramas de costumes. Assim, aconteceu algo notável, talvez ainda não suficientemente notabilizado: pessoas que tinham de resolver algum problema bastante comum, como a construção de uma escola ou a escolha de um chefe de estação ferroviária, começavam a falar no ano de 1600 ou 400, discutindo qual o candidato preferido, tendo em vista a ocupação dos Pré-Alpes na migração dos povos ou as lutas da Contra-Reforma; e essas discussões eram guarnecidas com idéias de nobreza ou patifaria, pátria, lealdade e força viril, que correspondem por toda parte mais ou menos ao tipo de leitura reinante.

O Conde Leinsdorf, para quem a literatura não tinha grande importância, espantava-se com isso, tanto mais quando refletia que, no fundo, todos os camponeses, artesãos e cidadãos viviam bastante bem, como podia observar nas viagens por suas propriedades na Boêmia, povoadas por alemães e tchecos; e atribuía a um vírus especial, a uma instigação desprezível, o fato de terem de tempos em tempos acessos de rebelião uns contra os outros e contra a sabedoria do governo, o que parecia tanto mais incompreensível porque, nos grandes intervalos entre esses acessos, quando ninguém lhes lembrava seus ideais, conviviam pacificamente com todo mundo.

A política empregada contra isso pelo Estado, aquela conhecida política de nacionalidade da Kakânia, fazia com que, mais ou menos de seis em seis meses, ora punisse alguma das nacionalidades rebeldes, ora recuasse sabiamente diante dela. E o comportamento diante da “nacionalidade” alemã correspondia ao movimento de um tubo em U, em que uma metade com água sobe sempre que a outra baixa. Essa nacionalidade tinha um papel especial, pois o grosso de sua população sempre tivera um único desejo: um Estado forte. Fora ela quem por mais tempo mantivera a crença de que a história da Kakânia tinha de ter algum sentido, e só aos poucos, quando compreendeu que na Kakânia pode se começar como traidor e acabar como ministro, ou, ao contrário, prosseguir sua carreira de ministro novamente como traidor, também ela começou a sentir-se uma nacionalidade oprimida.

Talvez esse tipo de coisa não acontecesse só na Kakânia; mas era uma característica desse estado não ser preciso qualquer revolução ou motim para que tal acontecesse, pois lá tudo se resolvia com o tempo, num curso natural e pendular tranqüilo, simplesmente devido à variação dos conceitos; e por fim só havia na Kakânia nações oprimidas e um grupo superior de pessoas, que eram os verdadeiros opressores, e se sentiam imensamente atormentadas e achincalhadas pelos oprimidos. Os membros desse grupo viviam profundamente aflitos porque nada acontecia, com a falta de história, por assim dizer, e estavam convencidos de que algo teria finalmente de ocorrer. E se fosse contra a Alemanha, como parecia acontecer com a Ação Paralela, talvez até fosse bom, pois andavam um pouco envergonhados diante dos irmãos do Reich, e, além disso, os grupos dominantes se sentiam alemães, não podendo, portanto, melhor ressaltar a missão suprapartidária da Kakânia do que através dessa forma altruísta.

Era compreensível que nessas circunstâncias Sua Alteza nem de longe considerasse pangermânico o seu empreendimento. Este, entretanto, era tido como tal, já que as populações eslavas começaram paulatinamente a desaparecer das “representações populares” cujos desejos deveriam ser arrolados pelas comissões da Ação Paralela. Aos ouvidos dos embaixadores estrangeiros chegavam histórias tão horríveis sobre Arnheim, o subsecretário Tuzzi, e um atentado alemão contra os eslavos, que até Sua Alteza acabou informada, sob a discreta forma de boatos; isso confirmou seus receios de que, também em dias em que nada de especial acontece, desenvolve-se uma atividade complexa, pois há muita coisa que não se devia fazer.

Como fosse um político realista, não hesitou em contra-atacar. Infelizmente escapou-lhe um erro de cálculo tão generoso que a princípio assumiu feições de falha diplomática. Naquele tempo, a chefia do comitê de propaganda — aquela comissão cuja tarefa era popularizar a Ação Paralela — ainda não estava ocupada, e o Conde Leinsdorf decidiu escolher para a função o Barão Wisnieccky, exatamente porque este, que há muitos anos fora ministro, pertencera a um gabinete derrubado pelos partidos

alemães, e tinha fama de ter praticado uma pérfida política anti-alemã. Sua Alteza arquitetara um plano especial. Desde o começo da Ação Paralela desejava conquistar exatamente aquela parcela de kakanianos alemães que se sentiam menos ligados à Pátria do que à Nação alemã. Que as outras “nacionalidades” considerassem a Kakânia uma prisão, e expressassem publicamente seu amor pela França, Itália ou Rússia, era um romantismo mais remoto, e nenhum político sério podia comparar isso com o entusiasmo de certos alemães pelo Reich, que circundava geograficamente a Kakânia, e até uma geração atrás a ela estivera ligado por uma união. A esses renegados alemães, que provocavam no Conde Leinsdorf o mais doloroso sentimento porque ele próprio era alemão, fora dirigida aquela sua conhecida frase: “Eles virão por si!” Essa frase ascendera à condição de verdadeira profecia política, sobre a qual a Ação Patriótica se apoiava, e tinha mais ou menos o seguinte conteúdo: era preciso conquistar primeiro “os outros grupos austríacos” para o patriotismo, e só quando isso fosse feito, todos os círculos alemães se veriam forçados a colaborar, pois era sabidamente muito mais difícil excluir-se de algo que todos fazem, do que recusar-se a começar. Portanto, o caminho para os alemães era: agir contra eles e dar preferência às outras nações. O Conde Leinsdorf há muito reconhecia isso, e quando chegou a hora de agir, executou o que pensava, colocando, portanto, na chefia do comitê de propaganda Sua Excelência Wisnieccky que, segundo juízo de Leinsdorf, era polonês de nascimento mas kakaniano de coração.

Seria difícil decidir se Sua Alteza tinha consciência de que essa escolha ofendia o pensamento alemão, conforme o acusaram posteriormente; mas é provável que tenha imaginado servir ao verdadeiro pensamento alemão. A consequência foi que, de momento, também nos meios alemães se iniciou uma agitação contra a Ação Paralela, que acabou sendo, por um lado, considerada e combatida abertamente como um complô anti-alemão, e, por outro, passava por ser uma conspiração pangermânica, evitada desde o início com cautelosas desculpas. Esse resultado inesperado não passou despercebido a Sua Alteza, e causou viva e geral preocupação. Mas o Conde Leinsdorf mostrou-se extraordinariamente fortalecido com essa provação; e interrogado várias vezes por Diotima bem como por outros líderes, mostrou aos pusilânimes um rosto insondável, mas leal, e respondeu:

— Essa tentativa não teve êxito logo de saída, mas quem pretende algo de grande não pode depender de um sucesso momentâneo; de qualquer modo, o interesse pela Ação Paralela aumentou, e o resto, se formos persistentes, há de vir por si!

## AS NAÇÕES IRREDENTAS E OS PENSAMENTOS DO GENERAL STUMM SOBRE O TERMO REDENÇÃO

Por mais palavras que sejam pronunciadas a cada momento numa grande cidade para expressar os desejos pessoais de seus habitantes, uma jamais se encontra entre elas: a palavra “redimir”. Pode-se presumir que todas as outras, as palavras mais apaixonadas e as mais complicadas expressões, e até relações marcadas como exceção, são gritadas e sussurradas simultaneamente em muitas duplicatas, por exemplo, “Você é o maior patife que já encontrei”, ou “Não há outra mulher tão linda quanto

você.” De modo que essas experiências tão pessoais poderiam ser representadas por belas curvas estatísticas em sua distribuição de massa pela cidade. Mas um homem jamais diz a outro: “Você pode me redimir!” ou “Seja meu redentor!” Podemos pendurá-lo numa árvore e deixá-lo passar fome; podemos desterrá-lo numa ilha deserta com sua amada a quem tentou cortejar em vão meses a fio; podemos fazê-lo falsificar promissórias e encontrar quem o salve; todas as palavras do mundo jorrarão de sua boca, mas certamente, mesmo muito comovido, jamais ele dirá redimir, redentor ou redenção, embora lingüisticamente nada se pudesse objetar.

Apesar disso, os povos reunidos sob a coroa da Kakânia diziam-se nações irredentas!

O General Stumm von Bordwehr refletia. Por sua posição no Ministério da Guerra ele possuía suficientes conhecimentos sobre as dificuldades nacionais de que a Kakânia sofria, pois as forças armadas eram as primeiras a sentir os efeitos de uma política vacilante influenciada por centenas de considerações, quando se tratava do seu orçamento; e recentemente, para enorme desgosto do ministro, tiveram de retirar um pedido urgente de verbas, porque uma nação irredenta exigira concessões nacionais para votá-las, o que o governo não poderia jamais admitir sem excitar a necessidade de redenção de outras nações. Assim, a Kakânia ficara desprotegida contra o inimigo externo: tratava-se de um grande pedido da artilharia para substituir seu armamento totalmente obsoleto, que, comparado ao de outros estados, era como uma faca diante de uma lança, por novas armas, que estariam para as dos outros como uma lança diante de uma faca; e isso fora adiado por tempo indeterminado. Não se poderia dizer que o General Stumm tivesse ímpetos suicidas por tal causa, mas grandes aborrecimentos podem se manifestar por detalhes incontáveis, aparentemente desconexos. E certamente se relacionava à falta de possibilidade de defesa a que a Kakânia estava condenada pelas birras internas o fato de Stumm refletir sobre o irredento e a redenção, tanto mais que em sua atividade semicivil junto a Diotima ouvia ultimamente até à náusea a palavra redenção.

Primeiro, achou que ela simplesmente fazia parte do grupo de “palavras rebuscadas” não bem explicadas lingüisticamente, opinião que advinha da mentalidade militar que lhe era natural. Mas, apesar de essa mentalidade andar perturbada por Diotima — pois fora de sua boca que Stumm ouvira pela primeira vez a palavra “redenção”, e ficara encantado; e ainda hoje, apesar do pedido de armas da artilharia, essa palavra, vinda daquele lado, tinha um sublime encanto, a ponto de a primeira opinião do general já ser de fato a segunda de sua vida! —, a teoria do rebuscamento das palavras parecia não estar correta por outro motivo: bastava juntar aos indivíduos da família da palavra “redimir” uma pequena falta de seriedade, e eles brotavam da boca como brincadeira: “Puxa, você foi minha redenção!”, ou coisa assim. Quem já não teria dito isso, depois de dez minutos de espera impaciente, ou outro aborrecimento menor? Com isso, o general entendeu que não são as palavras em si que chocam o bom senso, mas a gravidade que elas conferem de maneira afetada a uma situação. E com efeito, quando Stumm indagava onde já ouvira falar em redenção além de em casa de Diotima e na política, lembrava-se de que fora nas igrejas e cafês, em revistas de arte e nos livros de Arnheim, que lera cheio de admiração. Compreendeu que não é um acontecimento natural, simples e humano, que se expressa com tais palavras, mas alguma complicação abstrata e geral; “redimir” e “ansiar pela redenção” é aparentemente algo que tão-somente um espírito pode fazer a outro.

O general balançava a cabeça, espantado diante das fascinantes visões que sua missão oficial lhe concedia. Acendia o painel vermelho sobre a porta do gabinete, mostrando que se encontrava numa reunião importante, e enquanto seus oficiais, suspirando, davam meia volta diante da soleira com suas pastas de documentos, ele continuava a refletir. As pessoas cultas que agora encontrava em seu caminho não estavam satisfeitas. Reclamavam de tudo, só viam excessos ou insuficiências em toda parte, a seus olhos as coisas pareciam nunca ir bem. Aos poucos acabara enojado delas. Pareciam aquelas pessoas infelizes e sensíveis que sempre se sentam onde há vento encanado. Reclamavam da exagerada cientificidade e da ignorância, da crueza e do excessivo refinamento, da agressividade e da indiferença: para onde voltassem os olhos, havia uma fenda aberta! Seus pensamentos jamais repousavam, prendiam-se àquele resquício eternamente errante de todas as coisas, que jamais fica em ordem. Por fim, convenciam-se de que o tempo em que viviam estava destinado à esterilidade espiritual, e só poderia ser redimido por um acontecimento ou uma pessoa muito especiais. Dessa forma, entre os então chamados intelectuais, surgiu a predileção pela palavra redenção. Estavam certos de que as coisas não prosseguiriam por muito tempo se não viesse logo um Messias. Segundo alguns, seria um Messias da Medicina, que redimiria a terapia das pesquisas eruditas em cujo curso as pessoas adoecem e morrem sem ajuda; ou um Messias da Literatura, capaz de escrever um drama que levasse milhões ao teatro, mas fosse de uma sublimidade espiritual a toda prova. E além dessa convicção de que toda e qualquer atividade humana só poderia voltar a encontrar-se através de um Messias especial, havia, é claro, aquele desejo simples e primitivo, verdadeiramente compacto, de um Messias de punho forte, que desse um jeito na situação geral. Eram tempos bastante messiânicos, aqueles antes da grande guerra, e não era raro ou estranho até nações inteiras desejarem ser redimidas.

Obviamente o general achava que isso não devia ser levado muito a sério, como tudo o que se dizia, aliás. “Se o Redentor voltasse hoje”, pensava, “haveriam de derrubar seu governo como a qualquer outro!” Sua experiência pessoal dizia que a causa era o excesso de livros e artigos. “Como é sensata a prescrição do exército”, pensava, “que proíbe ao oficial escrever livros sem permissão dos superiores”. Assustou-se um pouco com essa sensação tão viva de lealdade, há muito não experimentada. Sem dúvida, andara refletindo demais! Era por causa de seus contatos com o espírito civil, o qual perdera as vantagens de uma sólida visão do mundo.

Chegando a essa conclusão, o general pôde analisar sob outro prisma toda aquela conversa sobre “redimir”. Sua mente vagou até as lembranças das aulas de religião e história, para entender sua nova posição; é difícil dizer o que pensava, mas se o extraíssemos dele e esticássemos bem, seria mais ou menos o seguinte: Para começar brevemente com a parte religiosa, havendo fé, podia-se atirar um bom cristão ou um judeu devoto do alto de qualquer andar da esperança ou do conforto, e ele sempre cairia, por assim dizer, sobre os pés de sua alma. E que todas as religiões, esclarecendo o sentido da vida, prevêem aquela parcela irracional e imprevisível que chamam “designio insondável de Deus”. Se o mortal levou a pior, basta lembrar-lhe essa parcela, e seu espírito pode esfregar as mãos, satisfeito. Esse “cair sobre os pés da alma” e “esfregar as mãos” é que se chama visão do mundo, e é isso que o homem contemporâneo desaprendeu. Ele precisa deixar de refletir tanto sobre sua vida, coisa que basta a muito gente, ou sofrerá a estranha divisão interior que consiste em ser obrigado a pensar sem que isso o leve à satisfação final. No curso dos tempos, tal

contradição assumiu muitas vezes a forma de uma incredulidade total, outras vezes conduziu de volta a uma submissão absoluta à fé. Hoje, parece que sua forma mais freqüente é a convicção de que sem espírito não há propriamente vida humana, e com excesso de espírito também não. Sobre essa convicção repousa inteiramente nossa cultura. Ela concede dinheiro para centros de estudo e pesquisa, mas não dinheiro demais, apenas quantias adequadamente pequenas em relação a seus gastos com diversão, automóveis e armas. Abre todos os caminhos para os competentes, mas toma todo o cuidado para que tenham também competência comercial. Depois de alguma resistência, ela aceita qualquer idéia, o que muito naturalmente acaba favorecendo também a idéia contrária. Tudo isso parece uma monstruosa fraqueza e negligência, mas trata-se também de um esforço consciente de mostrar ao espírito que espírito não é tudo, pois se uma única vez levássemos inteiramente a sério uma das idéias que movem nossa vida, não deixando espaço para a idéia oposta, nossa cultura já não seria nossa cultura!

O general tinha um punho pequeno, gordo e infantil: fechou-o e bateu-o sobre a tampa da escrivaninha como se usasse uma luva de boxe, sentindo assim confirmada a necessidade de um punho forte. Como oficial, tinha a sua visão do mundo! O resquício irracional dentro dela chamava-se honra, obediência, comandante supremo, regulamento de serviço, parágrafo, e reunindo tudo isso, a convicção de que a guerra é apenas o prolongamento da paz com meios mais fortes, uma forma vigorosa de ordem sem a qual o mundo não mais subsistiria. O gesto de bater na tampa da mesa teria sido um pouco ridículo se o punho fosse apenas algo de atlético e não também algo de espiritual, uma espécie de indispensável complementação do espírito. Stumm von Bordwehr estava saturado das coisas paisanas. Vira que os serventes de biblioteca são as únicas pessoas que têm visão confiável da mentalidade civil. Descobrira o paradoxo do excesso de ordem, segundo o qual a perfeição fatalmente traria a inatividade. Tinha uma sensação esquisita, que explicava por que entre os militares existe a máxima ordem e ao mesmo tempo disposição para sacrificar a vida. Descobrira que, por alguma relação indizível, a ordem leva à necessidade de matar. E pensou, preocupado, que não devia continuar trabalhando naquele ritmo! “E afinal, o que é o espírito?”, indagou-se o general, rebelde. “Ele não anda passeando por aí à meia-noite de camisola branca; então, o que seria senão uma determinada ordem que damos a nossas impressões e experiências?! Mas por outro lado”, concluiu, decidido, com uma idéia que o encheu de felicidade, “se o espírito não é senão a vivência ordenada, ele não é absolutamente necessário num mundo ordeiro!”

Respirando aliviado, Stumm von Bordwehr desligou o sinal de reunião sobre a porta, parou diante do espelho e alisou os cabelos, para retirar antes da entrada de seus subalternos todas as marcas de suas emoções.



## BONADÉIA E KAKÂNIA: SISTEMAS DE FELICIDADE E EQUILÍBRIO

Se havia alguém na Kakânia que de política nada entendia nem queria saber, era Bonadéia; mas entre ela e as nações irredentas havia uma relação: Bonadéia (não se confunda com Diotima; Bonadéia, a boa deusa, deusa da castidade, cujo templo se tornara palco de libertinagens por um golpe do destino, esposa de um presidente de tribunal ou coisa assim, e infeliz amante de um homem que não era digno dela nem a desejava o suficiente) possuía um sistema, e a política na Kakânia não tinha nenhum.

O sistema de Bonadéia até ali consistira numa vida dupla. Saciava sua ambição num meio familiar elevado, e no seu convívio social também tinha a satisfação de passar por dama culta e distinta; e certas seduções a que se expunha seu espírito eram atendidas com a desculpa de que ela era vítima de uma constituição superexcitável, ou que seu coração a levava a cometer loucuras, pois loucuras do coração são tão honradas quanto crimes político-românticos, mesmo que as circunstâncias que as acompanhem não sejam de todo irreprocháveis. O coração desempenhava em tudo isso o mesmo papel da honra, obediência, regulamentos de serviço e parágrafo HI na vida do general, ou do resquício irracional que em qualquer vida ordeira acaba pondo em ordem tudo o que a razão não consegue dominar.

Mas esse sistema trabalhava com um erro; dividia a vida de Bonadéia em dois estados entre os quais ela transitava com grandes perdas. Pois tanto quanto o coração podia ser ardente antes de um passo em falso, acabava desanimado depois dele, e sua dona era eternamente impelida de um lado para outro entre estados de total euforia e negro desespero, que raramente se equilibravam. Mesmo assim, era um sistema; isto é, não era um casual jogo de instintos — à moda de outros tempos em que se pretendeu entender a vida como um balanço automático de prazer e desprazer, com um certo saldo final de prazer —, pois incluía consideráveis providências espirituais para falsificar esse balanço.

Cada qual tem seu método de modificar o balanço de suas impressões a seu próprio favor, propiciando de certa forma um mínimo diário de *prazer*, suficiente em tempos normais. O prazer da vida pode constar também de desprazer, essas diferenças de material não importam, pois sabidamente há melancólicos felizes como há marchas fúnebres pairando tão suaves em seu elemento quanto uma dança no seu. Provavelmente até se pode afirmar o contrário, ou seja, que muitas pessoas alegres não são mais felizes do que as tristes, pois a felicidade cansa tanto quanto a desgraça; é mais ou menos como voar segundo o princípio de ser mais leve ou mais pesado que o ar. Há, porém, outra objeção: não teria razão, então, a antiga sabedoria dos ricos, segundo a qual nenhum pobre os deve invejar, pois é fantasia pensar que o dinheiro deles tomaria o pobre mais feliz? Apenas o haveria de onerar com a tarefa de formar, em vez do seu próprio sistema de vida, um outro, cujas contas de prazer fechariam com o pequeno excedente em felicidade, que de qualquer maneira sempre existe. Teoricamente, isso significa que a família sem teto, se não morreu congelada durante uma gélida noite de inverno, se sente tão feliz com os primeiros raios de sol da manhã, quanto o rico que tem de sair da cama quente. E na prática, isso significa

que cada pessoa carrega com a paciência de um asno o que lhe é colocado sobre o lombo, pois um burro um pouquinho mais forte que sua carga é feliz. Com efeito, essa é a mais confiável definição da felicidade pessoal que se pode fazer, enquanto se considerar apenas um asno. Na verdade, porém, a felicidade pessoal (ou equilíbrio, satisfação, ou seja qual for a denominação que dermos ao mais íntimo objetivo automático das pessoas) só se encerra em si mesma como uma pedra numa parede ou uma gota num rio através do qual passam as forças e tensões do todo. O que a própria pessoa faz ou sente é insignificante comparado com tudo o que tem de pressupor que outros fazem ou sentem certinho por ela. Ninguém vive apenas seu próprio equilíbrio, cada qual se apoia sobre o equilíbrio das camadas que o rodeiam, e assim, na pequena fábrica de prazer de cada pessoa, intervém um complicadíssimo crédito moral, do qual ainda falaremos, pois participa tanto do balanço espiritual do todo como do do indivíduo.

Os esforços de Bonadéia para reconquistar o amante não tendo dado certo, fazendo-a crer que o espírito e a energia de Diotima lhe haviam roubado Ulrich, ela ficara desmedidamente enciumada dessa mulher. Mas, como facilmente acontece com pessoas fracas, encontrara na admiração por ela certa explicação e indenização que em parte a compensavam da perda. Estava nesse estado já havia bastante tempo, e conseguira ser recebida por Diotima aqui e ali, sob pretexto de modestas colaborações para a Ação Paralela, sem contudo ser incluída no convívio da casa; e imaginou que deveria haver uma correspondente combinação entre Diotima e Ulrich. Assim, sofria com a crueldade dos dois, e como também os amasse, teve a ilusão de haver uma incomparável pureza e altruísmo nesse sentimento.

De manhã, quando o marido saía de casa, coisa que esperava com impaciência, ela freqüentemente se sentava diante do espelho como um pássaro que ajeita sua plumagem. Então, amarrava, enrolava e prendia o cabelo até ele assumir uma forma semelhante ao coque grego de Diotima. Escovava cachinhos sobre a testa, e embora tudo isso fosse um pouco ridículo, não o percebia, pois do espelho lhe sorria um semblante que de longe lembrava o da divina. A segurança e beleza de um ser que ela admirava, e sua felicidade, emergiam nela em pequenas ondas brandas e cálidas, numa união misteriosa, embora ainda não profunda, como quando nos sentamos à beira de um grande mar e colocamos os pés na água. Esse comportamento, parecido com veneração religiosa — pois desde as máscaras de deuses nas quais o ser humano entra de corpo inteiro em povos primitivos até os rituais da civilização, essa felicidade que arrebatava a carne, que é a imitação do crente, jamais esgotou totalmente seu significado! —, dominava além disso Bonadéia, porque ela tinha obsessão por roupas e formalidades. Olhando-se no espelho com um vestido novo, ela jamais teria podido imaginar um tempo em que se usaria saíote curto e cabelo de rapaz em lugar de mangas bufantes, cachinhos na testa e longas saias rodadas. Nem mesmo teria negado essa possibilidade, pois seu cérebro não teria sido capaz de assimilar uma idéia dessas. Sempre se vestira como devia se vestir uma mulher distinta, e a cada meio ano a nova moda lhe insuflava o mesmo respeito que a eternidade. Se conseguíssemos extrair, de sua capacidade mental, a admissão de que tais coisas são transitórias, nem isso teria reduzido seu respeito por elas. Assimilava a pura pressão do mundo, e os tempos em que se dobravam os caminhos dos cartões de visita ou mandavam votos de Feliz Ano Novo à casa dos amigos, ou se tiravam as luvas no baile estavam, na mente dela, tão distantes dos tempos em que não se fazia isso, como para qualquer outro contem-

porâneo estava distante o que há cem anos se passara, isto é, no domínio do inconcebível, impossível e superado. Por isso era tão cômico ver Bonadéia sem roupas; ficava despida de toda aquela proteção ideal, a presa nua de uma pressão implacável que, desumana como um terremoto, a esmagava.

Agora, porém, sua vida já não sucumbia às periódicas vicissitudes do confuso mundo material: desde que aplicava aqueles misteriosos cuidados à sua aparência, Bonadéia vivia (o que não acontecia desde seus vinte anos) como viúva a parcela ilegítima de sua existência. É com certeza sabido por todos que mulheres que cuidam demais de sua aparência são relativamente virtuosas, pois o meio afasta o fim, assim como grandes esportistas muitas vezes são maus amantes, oficiais com aparência excessivamente marcial são maus soldados, e cabeças masculinas particularmente espiritualizadas podem ser até imbecis. Mas no caso de Bonadéia não se tratava apenas dessa questão de distribuição de energia; ela se entregara com surpreendente e enorme produtividade àquela nova vida. Retocava as sobrancelhas com cuidados de pintor, vitrificava um pouco testa e faces, de modo que superando o naturalismo, adquirissem aquela leve intensificação e irrealidade do estilo sacro; o corpo era sacudido para dentro de espartilhos macios, e os grandes seios, que sempre a tinham inibido e constrangido um pouco por serem femininos demais, de repente lhe despertavam amor fraternal. Seu marido ficava bastante espantado quando lhe fazia cócegas na nuca e ela respondia: “Não estrague meu penteado!”; ou quando perguntava: “Não quer me dar a mão?”, e ela dizia: “Não posso, estou com meu vestido novo!”

Mas a força do pecado se libertara das dobradiças em que o corpo a prende, esvoaçava como uma estrela primaveril no transfigurado novo mundo de Bonadéia, que se sentia libertada de sua “superexcitação” como se uma crosta tivesse caído. Pela primeira vez desde que estavam casados, seu marido se indagava, desconfiado, se não haveria um terceiro perturbando sua paz familiar.

Contudo, fora apenas um sintoma vindo dos sistemas de vida. Vestidos retirados do fluido do presente e contemplados em sua monstruosa existência sobre um corpo humano como forma em si são estranhos canos e excrescências, comparáveis ao costume de usar um aro no nariz e outro passado pelos lábios; mas como são encantadores quando os aliamos às qualidades que conferem aos seus donos! É como quando o sentido de uma palavra grandiosa se insere nos arabescos de tinta sobre um pedaço de papel. Imagine-se que a bondade invisível e a distinção de uma pessoa surgissem de repente como um halo de santidade dourado e redondo atrás de sua nuca como nos velhos quadros devotos, embora essa pessoa ande simplesmente pela calçada ou coloque sanduíches no prato na hora do chá: sem dúvida seria uma experiência das mais estranhas e chocantes; e essa força de tornar visível o invisível, ou até o inexistente, é provada diariamente por uma peça de roupa bem-feita!

Esses objetos parecem devedores que devolvem com fantásticos juros o dinheiro que lhes emprestamos, e em verdade nada há senão dívidas. Pois também convicções, preconceitos, teorias, esperanças, a crença em alguma coisa, pensamentos, até mesmo ausência de pensamentos — desde que por força própria imbuída de sua própria exatidão —, possuem a mesma qualidade das peças de roupa. Na medida em que nos emprestam a capacidade que lhes solicitamos, servem ao objetivo de colocar o mundo numa luz que emana de nós, e essa é no fundo a razão que leva cada um de nós a ter seu sistema particular. Com grande e variada arte produzimos um ofuscamento, e com sua ajuda podemos viver ao lado das coisas mais monstruosas e con-

tinuar inteiramente calmos, porque reconhecemos essas caretas congeladas do universo como sendo uma mesa, ou uma cadeira, um grito ou um braço estendido, uma velocidade ou um frango assado. Entre um abismo de céu sobre a cabeça e um abismo de céu maldisfarçado sob os pés, somos capazes de nos sentir tão absolutamente tranquilos na terra como num quarto fechado. Sabemos que a vida se perde igualmente nas desumanas vastidões do espaço e na desumana estreiteza dos átomos, mas, no meio disso, tratamos uma camada de formações como as coisas do mundo, sem nos deixarmos minimamente incomodar pelo fato de que não passam de uma preferência por impressões que captamos de uma certa distância média. Essa atitude está muito aquém de nosso entendimento, mas exatamente isso prova a força com que nossa emoção interfere. E com efeito, os mais importantes dispositivos intelectuais da humanidade servem à manutenção de um estado de espírito estável, e todas as emoções, todas as paixões do mundo, nada são diante do esforço gigantesco mas totalmente inconsciente despendido pela humanidade para manter sua soberba serenidade. Aparentemente, nem vale a pena falar disso, tão impecável é seu funcionamento. Mas, olhando melhor, é um estado de consciência altamente artificial, que permite ao homem andar ereto entre o giro dos astros, e enfiar dignamente a mão entre o segundo e terceiro botões do casaco, em meio a esse desconhecimento praticamente infinito do mundo. E para conseguir isso, cada ser humano, tanto o idiota quanto o sábio, não utiliza apenas seus artifícios: esses sistemas pessoais de artifícios encontram-se também engenhosamente embutidos nas disposições de equilíbrio moral e intelectual da sociedade e do todo, que servem em escala maior ao mesmo fim. Esse entrelaçamento assemelha-se ao da grande Natureza na qual todos os campos de força do cosmo influenciam o da Terra sem que se o perceba, pois o resultado são exatamente os acontecimentos terrenos; o alívio espiritual assim obtido é tão grande que tanto os mais sábios quanto as menininhas ignorantes se sentem muito inteligentes e bondosos nessa condição de imperturbabilidade.

Mas de tempos em tempos, depois desses estados de satisfação que em certo sentido podemos chamar de estados obsessivos da emoção e da vontade, parece que somos dominados pelo seu contrário; para o expressarmos também com conceitos de hospício, subitamente começa na Terra uma intensa fuga de idéias, depois da qual toda a vida humana vê-se transferida para novos eixos e centros. A causa profunda de todas as grandes revoluções não está no progressivo acúmulo de condições insuportáveis, mas no desgaste da coesão que apoiava o contentamento artificial das almas. A isso poder-se-ia aplicar muito bem o dito de um famoso escolástico antigo, o latino *Credo, ut intelligam*, que numa tradução livre e contemporânea significa mais ou menos: “Senhor meu Deus, concede ao meu espírito capital de giro!” Pois provavelmente todo o credo humano é apenas um caso especial de crédito. No amor como nos negócios, na ciência como no salto em distância é preciso crer, antes de lucrar e alcançar — e por que isso não valeria para a vida como um todo? Por mais fundamentada que seja sua ordem, uma parte de voluntária crença nessa ordem sempre subjaz a ela e, sim, designa, como numa planta, o local onde se deu a germinação; se essa crença, para a qual não existe prestação de contas nem fundos, se consumir, a ruína seguirá breve; épocas e reinados desmoronam como negócios quando perderam o crédito. E com isso essas considerações de princípio sobre o equilíbrio espiritual teriam chegado, do belo exemplo de Bonadéia, ao triste exemplo da Kakânia. Pois a Kakânia foi o primeiro país, na fase atual da evolução, a quem Deus retirou o crédito,

o prazer de viver, a crença em si mesmo e a capacidade de todos os estados civilizados de divulgarem a útil ilusão de que têm uma tarefa a cumprir. Era um país inteligente e abrigava pessoas cultas; como todas as pessoas cultas em todas as partes do mundo, elas corriam com humor instável de um lado para outro, em meio a uma incrível agitação de rumores, velocidade, inovação, disputa e tudo o mais que faz parte da paisagem ótico-acústica de nossa vida. Como todas as outras pessoas, liam e ouviam diariamente algumas dúzias de notícias que as deixavam de cabelos em pé, e estavam dispostas a se irritar com elas, até a interferir, mas não chegavam a fazê-lo, porque alguns minutos depois aquela excitação fora substituída por outras mais recentes. Como todas as demais, essas pessoas se sentiam envolvidas por assassinatos, homicídios, paixões, sacrifícios e grandeza, que ocorriam dentro do novelo que se formara ao seu redor, mas não chegavam a participar dessas aventuras, porque estavam prisioneiras de algum escritório ou qualquer profissão; e quando se viam livres, à noite, aquela tensão com a qual não sabiam o que fazer explodia em diversões que não as divertiam nada. E acontecia uma outra coisa, especialmente com as pessoas cultas, quando não se dedicavam exclusivamente ao amor a exemplo de Bonadéia: não tinham mais o dom do crédito, nem do logro. Não sabiam mais para onde iam seus sorrisos, seus suspiros, seus pensamentos. Para que haviam pensado, sorrido? Seus pontos de vista eram acasos, suas inclinações não eram novas, de alguma forma tudo pairava no ar, como um esquema no qual tivessem entrado, e não conseguiam fazer ou deixar de fazer coisa alguma de todo o coração, porque não havia uma lei de sua unidade. Assim, a pessoa culta era aquela que sentia que alguma dívida sua crescia cada vez mais, e não a poderia pagar; era quem via a falência chegando e queixava-se dos tempos nos quais fora condenada a viver, embora gostasse de viver neles como os outros; ou precipitava-se, com a coragem de quem nada tinha a perder, sobre cada idéia que lhe promettesse mudança.

Era certamente assim no mundo todo, mas quando Deus retirou o crédito da Kakânia, fez uma coisa especial: deu a entender as dificuldades da cultura a povos inteiros. Esses povos tinham estado presos ao solo como bactérias sem se preocupar com a exata abóbada celeste ou coisas semelhantes; mas de repente, sentiam-se apertados. Habitualmente, o ser humano não sabe que tem de acreditar que é mais do que é, para poder ser aquilo que é; mas de alguma forma, ele precisa sentir isso, lá no alto e ao redor de si, e por vezes, de repente, também pode sentir falta disso. Então falta-lhe algo imaginário. Não acontecera absolutamente nada na Kakânia, e antigamente se teria pensado que eram apenas coisas da velha e discreta cultura kakaniana; mas agora, aquele nada era tão inquietante quanto a insônia ou a incompreensão. Por isso, era fácil aos intelectuais, depois de se terem convencido de que numa cultura nacional tudo seria diferente, convencerem os povos kakanianos da mesma coisa. Era uma espécie de religião-substituta, ou sucedâneo do bom imperador de Viena, ou simplesmente uma explicação do fato incompreensível de que a semana tem sete dias. Pois há muitas coisas inexplicáveis, mas quando cantamos nosso hino nacional não as sentimos. Naturalmente teria sido o momento de um bom kakaniano, indagado sobre quem ele era, responder com entusiasmo: “Nada!” Pois isso significa Alguma Coisa, que novamente pode transformar um kakaniano em qualquer coisa que ainda não existiu! Mas os kakanianos não eram gente tão desafiadora, e satisfaziam-se com a metade, enquanto cada Nação só se esforçava por fazer com a outra o que lhe parecia ser o melhor. Naturalmente é difícil imaginar dores que nunca sentimos. E através de

dois mil anos de educação altruísta nos tornamos tão altruístas que mesmo quando eu ou você estamos indo mal, sempre somos a favor dos outros. Mesmo assim, não imaginemos nada de muito excepcional com esse famoso nacionalismo kakaniano. Era um fato antes histórico do que real. As pessoas de lá gostavam bastante umas das outras; quebravam a cara umas das outras, cuspiam umas nas outras, mas faziam isso apenas por considerações de uma cultura superior, assim como um homem que a sós não consegue matar uma mosca, sob a imagem do Crucificado numa sala de tribunal sentenciava uma pessoa à morte. E pode-se dizer sem susto: cada vez que seus eus mais nobres faziam uma pausa, os kakanianos respiravam aliviados e, como bons instrumentos de comer, coisa para a qual tinham sido criados como todo o resto do mundo, ficavam muito espantados vendo-se de repente como instrumentos da história.

## DISSOLUÇÃO E PRESERVAÇÃO DE MOOSBRUGGER

Moosbrugger ainda estava na prisão aguardando novo exame pelos psiquiatras. O resultado era uma massa compacta de dias. Quando chegava, cada dia isolado era palpável, mas à noitinha já voltara a mergulhar naquela massa. Moosbrugger encontrava prisioneiros, vigias, corredores, pátios, um pedacinho de céu azul e algumas nuvens que o cruzavam, via comida, água e, aqui e ali, algum dos superiores que vinha saber dele, mas essas impressões eram débeis demais para durar. Ele não tinha relógio nem sol, trabalho nem tempo. Estava sempre faminto. Estava sempre cansado de vagar pelos seus seis metros quadrados, o que cansa mais do que vagar por milhas a fio. Entediava-se com tudo o que fazia, como se tivesse de mexer com um pedaço de papelão o conteúdo de uma panela. Mas quando refletia sobre tudo isso e sentia que dia e noite, comida e outra vez comida, visita e controle formavam uma interminável e rápida ladainha acabava por se distrair. Seu relógio vital estava confuso; podia-se adiantá-lo ou atrasá-lo. Moosbrugger gostava disso: combinava com ele. Coisas remotas ou recentes já não estavam artificialmente apartadas: tudo era a mesma coisa, e o que se chama de “tempos diversos” não mais se prendia a elas como um fio vermelho que se precisa atar ao pescoço de um gêmeo recém-nascido para evitar confusão. O não-essencial desaparecera de sua vida. Quando refletia sobre essa vida, falava consigo mesmo bem devagar, e dava a cada sílaba átona a mesma ênfase que à tônica; era uma canção da vida bem diferente daquela que se escuta todo o dia. Muitas vezes parava longo tempo diante de uma palavra; por fim a deixava, e sem saber bem como, deparava novamente com ela em outro lugar, depois de algum tempo. Ria de prazer porque ninguém sabia as coisas que estava encontrando. É difícil achar uma expressão para essa unidade do ser que ele atingia em certas horas. Pode-se imaginar facilmente que a vida de uma pessoa flui como um regato; mas o movimento que Moosbrugger percebia na sua vida fluía como um regato através de um grande lago de água parada. Avançando, ela também se misturava com as coisas que ficavam atrás, e o curso próprio da vida quase desaparecia aí dentro. Ele próprio teve certa vez num devaneio a sensação de que usara o Moosbrugger da vida como um

casaco mal cortado sobre o corpo, e desse casaco, quando por vezes o abria um pouquinho, transbordava o mais estranho dos forros, em ondulações de seda grandes como florestas.

Não queria mais saber o que acontecia lá fora. Havia guerra em algum lugar. Em algum lugar celebrava-se um grande casamento. O rei do Beluquistão chega agora..., pensou. Por toda parte, os soldados faziam exercícios, as prostitutas vagavam, os carpinteiros estavam parados sob as armações dos telhados. Nas tavernas de Stuttgart a cerveja transbordava das mesmas torneiras amarelas e recurvadas que em Belgrado. Quando se anda por aí, policiais nos pedem os documentos. Por toda parte colocam mais um carimbo neles. Por toda parte há percevejos ou não há. Há trabalho ou não. As mulheres são todas iguais. Os médicos nos hospitais são todos iguais. Quando voltamos do trabalho à noite, as pessoas estão nas ruas e não fazem nada. Sempre e por toda parte a mesma coisa; as pessoas não têm idéias novas. Quando o primeiro aeroplano passou pelo céu azul sobre a cabeça de Moosbrugger, foi bonito; mas depois veio um avião atrás do outro, e um era igual ao outro. Era outro tipo de mesmice que a do milagre dos seus pensamentos. Moosbrugger não compreendia de onde ela vinha, sempre a mesma pedra em seu caminho! Balançou a cabeça. “O diabo que carregue este mundo!”, pensou. Ou o carrasco que o levasse a ele, não se perdia grande coisa...

Apesar disso, às vezes ia até a porta, como por distração, e tateava o local onde, do lado de fora, ficava a tranca. Então um olho espiava pelo buraco da vigia, do lado do corredor, e uma voz zangada ralhava com ele. Diante dessas ofensas, Moosbrugger recuava depressa para o interior da cela, e então acontecia sentir-se aprisionado e roubado. Quatro paredes e uma porta de ferro não são nada de especial quando a gente entra e sai. Também não há nada de especial numa grade diante de uma janela estranha, e nada há de errado se um catre ou uma mesa de madeira estão sempre em seu lugar. Mas no momento em que não podemos mais lidar com essas coisas como desejamos, acontece algo de totalmente absurdo. Esses objetos feitos pelo homem, servos, escravos que nem sabemos que cara têm, tornam-se insolentes. Nos mandam parar. Quando Moosbrugger notou que os objetos começavam a lhe dar ordens, teve muita vontade de despedaçá-los e grande dificuldade em convencer-se de que uma luta com essas coisas que serviam à Justiça não seria digna dele. Mas o tremor de suas mãos era tão forte que teve medo de ficar doente.

Tinham escolhido seis metros quadrados do vasto mundo, e neles Moosbrugger andava de um lado para outro. O pensamento das pessoas saudáveis, não aprisionadas, parecia-se muito com o dele. Embora há pouco ainda estivessem muito ocupadas com ele, haviam-no esquecido bem depressa. Fora levado àquele lugar como um prego é enfiado na parede; depois de colocado, ninguém mais o percebe. Chegara a vez de outros Moosbruggers; não eram ele, nem ao menos eram os mesmos, mas cumpriam o mesmo papel. Um crime sexual, uma história sombria, um assassinato terrível, ação de um louco, ato de um semi-irresponsável, diante do qual na verdade qualquer pessoa deveria se precaver, uma intervenção tranquilizadora da polícia criminal e da justiça...: essas idéias gerais, lembranças possíveis e pobres de conteúdo, prendem o acontecimento vazio em qualquer lugar de sua grande rede. Esquecia-se o nome Moosbrugger, esqueciam-se os detalhes. Ele se tornara um “esquisito, uma lebre ou uma raposa”, e a diferença exata não tinha mais importância; a consciência da opinião pública não guardava nenhuma idéia determinada sobre ele, apenas os amplos

campos foscos das idéias gerais que se fundiam, claridade cinza num binóculo para longa distância. Essa debilidade das conexões, a crueldade de um pensamento que opera com os conceitos que lhe agradam, sem se importar com o peso da dor e da vida que dificulta qualquer decisão: era isso que a alma geral tinha em comum com a dele; mas o que em sua mente de louco era sonho, lenda, aquele ponto falho ou confuso no espelho de sua consciência que já não devolvia a imagem do mundo mas deixava passar a luz, isso faltava a ela, ou quando muito aparecia, aqui e ali, em algum indivíduo em sua difusa excitação.

Quanto a Moosbrugger, a esse exato Moosbrugger e nenhum outro, que provisoriamente tinham prendido em determinados seis metros quadrados do mundo, quanto à sua alimentação, vigilância, seu tratamento oficial, sua transferência para a penitenciária ou para a morte, a competência cabia a um grupo bem pequeno de pessoas que se portava de modo bem diverso. Aqui, olhos espiavam desconfiados, no exercício de sua função, vozes censuravam a mínima falta. Nunca entravam menos de dois guardas em sua cela. Punham-lhe algemas quando o levavam pelos corredores. Agiam sob a influência do medo e da cautela, que continuavam ligados a Moosbrugger naquele pequeno território, contradizendo um tanto estranhamente o tratamento que ele de modo geral recebia. Ele se queixava muitas vezes dessa cautela. Mas então o vigia, o diretor, o médico, o padre, seja quem for que ouvisse seu protesto, fazia uma cara inatingível e respondia que seu tratamento correspondia às normas. A norma era o sucedâneo para o perdido interesse do mundo, e Moosbrugger pensava: “Você tem uma longa corda no pescoço e não consegue ver quem a está puxando.” Ela estava, por assim dizer, amarrada em uma esquina no mundo exterior. Pessoas que em sua maioria não pensavam nele, nem sabiam dele, ou para quem ele, quando muito, significava o mesmo que uma galinha comum na rua comum de alguma aldeia significa para um professor de zoologia, agiam em conjunto para propiciar-lhe o destino que ele sentia estar repuxando de forma incorpórea sua existência. Uma secretária escrevia um adendo a seu processo, que um arquivista tratava segundo engenhosas regras de memória. Um conselheiro ministerial preparava a mais recente instrução para a execução da pena. Alguns psiquiatras mantinham uma discussão especializada sobre o limite da tendência meramente psicopática de certos casos de epilepsia e sua mistura com outras síndromes. Juristas escreviam sobre a relação entre razões atenuantes e razões agravantes. Um bispo falava contra o generalizado afrouxamento dos costumes, e um guarda florestal queixava-se ao honrado esposo de Bonadéia a respeito da proliferação de raposas, o que reforçou no alto funcionário a opinião de que o direito devia ser inflexível.

Todos esses acontecimentos impessoais se conjugam formando o acontecimento pessoal, de modo por enquanto indescritível. E se despíssemos o caso Moosbrugger de todo o detalhe romântico individual que só interessava a ele e às pessoas que matara, nada restava dele além de um equivalente ao índice de obras citadas que o pai de Ulrich acrescentara a uma das mais recentes cartas ao filho, qual seja: ÀH. - AMP. - AAC. - AKA. - AP. - ASZ. - BKL. - BGK. - BUD. - CN. - DTJ. - DJZ. - FBgM. - GA. - GS. - JKV. - KBSA. - MMW. - NG. - PNW. - R. - VSgM. - WMW. - ZGS. - ZMB. - ZP. - ZSS: Ad-dickes apud — Aschaffenburg apud — Beling apud etc. etc. — ou, traduzido em palavras: Annales d’Hygiene Publique et de Medicine legale, ed. por Brouardel, Paris; Annales Médico-Psychologiques ed. por Ritti... etc. etc, em abreviações brevíssimas numa página cheia. A verdade não é um cristal que se possa meter no bolso, mas um



líquido infinito no qual caímos. Pensemos nas centenas ou dúzias de páginas impressas ligadas a cada uma dessas abreviações, em cada página um homem que as escreve com dez dedos, em cada dedo dez discípulos e dez adversários, em cada discípulo e adversário dez dedos, em cada dedo a décima parte de uma idéia pessoal, e obteremos uma pequena imagem dele. Sem ele mesmo o conhecido pardal não cairá do telhado. Sol, vento, alimento levaram o pardal até ali, doença, fome, frio ou um gato o mataram; mas tudo isso não teria podido acontecer sem leis biológicas, psicológicas, meteorológicas, físicas, químicas, sociais etc., e é tranquilizador apenas procurarmos essas leis em vez de as produzirmos nós próprios, como na moral e na jurisprudência. De resto, no que concerne pessoalmente a Moosbrugger, como sabemos, ele tinha grande respeito pelo conhecimento humano, do qual infelizmente possuía tão diminuta parcela; mas jamais teria entendido inteiramente sua situação ainda que a tivesse conhecido. Apenas a pressentia obscuramente. Seu estado lhe parecia vacilante. Seu poderoso corpo não estava de todo fechado. O céu por vezes espiava para dentro do seu crânio. Assim como antes acontecera muitas vezes nas suas andanças. E embora atualmente se tornasse bem desagradável, jamais o abandonava certa transcendência que lhe advinha do mundo inteiro através das paredes do cárcere. Assim, ele vivia como a louca possibilidade trancafiada de uma ação temida, como uma ilha de coral desabitada no meio de um infinito mar de teses, que invisivelmente o rodeava.

## PARA JURISTAS NÃO HÁ SEMILOUCOS

Muitas vezes a vida de um criminoso é bem fácil, se comparada com os trabalhosos pensamentos que ele impõe aos eruditos. O inculpado simplesmente aproveita o fato de que na natureza as transições de saúde para enfermidade são imponderáveis; num caso desses, o jurista tem de reiterar que “os motivos que levam a afirmar ou negar a determinação livre e própria ou o conhecimento do caráter criminoso da ação se entrecruzam e anulam reciprocamente de tal modo que, segundo todas as regras de raciocínio, emerge apenas um julgamento muito problemático”. Pois o jurista, por razões lógicas, sabe que “em relação ao mesmo ato nunca se pode admitir a mistura de dois estados”, e não permite que “o princípio da liberdade moral em relação aos estados de alma fisicamente condicionados se dilua na nebulosa indefinição do pensamento empírico”. Ele não retira seus conceitos da natureza, mas trespassa a natureza com a chama de seu pensamento e a espada da lei moral. Por isso, desencadeara-se uma disputa na comissão, à qual o pai de Ulrich pertencia, convocada pelo Ministério da Justiça para reformar o código penal; e foram precisos bastante tempo e algumas exortações incitando-o a cumprir o dever filial, para que se inteirasse finalmente da argumentação paterna com toda a documentação anexa.

Seu “pai que muito o estima” — pois ele assinava assim até as mais amargas cartas — afirmara e exigira que uma pessoa parcialmente enferma só fosse absolvida se se pudesse provar que entre suas alucinações ocorreram algumas que — não sendo alucinações — justificariam a ação ou anulariam sua punibilidade. O Professor

Schwung, ao contrário — talvez por ser há quarenta anos amigo e colega do ancião, o que afinal um dia tem de acabar em alguma briga mais violenta — afirmava e exigia que um indivíduo desse, no qual estados de responsabilidade e irresponsabilidade se seguem em rápida seqüência, já que juridicamente não podem coexistir, só deve ser absolvido se se puder provar que no momento da volição o culpado fora incapaz de controlar a vontade. Fora esse o ponto de partida da controvérsia. Para um leigo, é fácil compreender que quer se trate de não deixar escapar nenhum segundo de vontade sadia no momento do crime, quer se trate de não esquecer qualquer idéia que talvez pudesse fundamentar sua culpabilidade, as dificuldades do criminoso não serão menores. Mas a tarefa da jurisprudência não é facilitar as coisas para o pensamento e a ação moral! E como os dois eruditos estivessem igualmente persuadidos da dignidade do Direito e nenhum deles conseguisse conquistar a maioria da comissão, ambos se acusaram de erro, e então, em rápida seqüência, de ilogicidade, deliberado mal-entendido e falta de idealismo. Primeiramente fizeram isso no seio da indecisa comissão; mas depois, quando as reuniões começaram a ficar paralisadas, tendo de ser adiadas e por fim deixando de se realizar por longos períodos, o pai de Ulrich escreveu duas brochuras: *§ 318 do Código Penal e o verdadeiro espírito do Direito*, e *§ 318 do Código Penal e as fontes turvas da Jurisprudência*; o Professor Schwung as criticou na revista *O Erudito Mundo Jurídico*, que Ulrich também encontrou entre os anexos.

Nesses debates escritos apareciam muitos E e OU, pois era preciso “esclarecer” se se podia ou não ligar as duas posições por um E, ou se era preciso separá-las por um OU. E quando, depois de um longo intervalo, a comissão voltou a se reunir, já estava dividida em um partido do E e um partido do OU. Além disso, havia ainda outro partido, que defendia a simples sugestão de que a medida de atribuição de culpa e responsabilidade pode subir ou baixar com o tamanho da força psíquica necessária para manter o autocontrole num dado estado de enfermidade. Esse partido era contestado por um quarto, que insistia em que antes de tudo era preciso decidir plenamente se um criminoso era ou não responsável de um modo geral, pois a redução da responsabilidade pressupunha conceitualmente a existência anterior de responsabilidade, e se o criminoso era responsável por uma parte, deveria ser punido totalmente, porque de outro modo não se poderia conceber juridicamente aquela parte. Contra esse partido surgiu um outro, que admitia esse princípio, mas objetando que ele não incluía a Natureza, que produzia indivíduos semiloucos; por isso, só se podia aplicar o benefício da lei a tais indivíduos evitando uma redução da culpa, mas, consideradas as circunstâncias, abrandando a pena.

Assim formaram-se ainda um partido pró-responsabilidade e outro pró-atribuição, e só quando esses se haviam dividido o bastante, apareceram pontos de vista sobre cuja aplicação ainda não tinha havido nenhuma discussão. Naturalmente, nenhum especialista hoje em dia faz depender suas disputas das disputas da teologia e filosofia; mas como perspectivas, isto é, vazias como o espaço e, como ele, empurrando as coisas umas para as outras, essas duas rivais em busca da sabedoria última se intrometem em todas as óticas especializadas. Foi assim que a questão cautelosamente evitada, qual seja a de poder-se considerar todas as pessoas moralmente livres, em suma, a velha questão do livre-arbítrio, se tornou centro convergente de todas as discussões, embora por elas não fosse tocada. Pois se o homem for moralmente livre, é preciso exercer sobre ele, através do castigo, alguma pressão prática na qual

teoricamente não se acredita; porém, se não o considerarmos livre, mas o tomarmos como *rendez-vous* de processos naturais imutavelmente interligados, poderemos provocar nele, através da pena, uma eficaz tendência ao sofrimento, mas não lhe devemos imputar moralmente o que faz. Por causa dessa questão apareceu mais um partido, sugerindo que se devia dividir o autor em duas partes: uma zoológico-psicológica, que não interessava ao juiz, e uma jurídica, que era apenas uma invenção, mas juridicamente livre. Felizmente tudo isso se limitou à teoria.

É difícil em poucas palavras se fazer justiça à justiça. A comissão constava de mais ou menos vinte eruditos que podiam assumir uns em relação aos outros alguns milhares de pontos de vista, como é fácil calcular. As leis que deviam ser reformadas existiam desde 1852, tratava-se, portanto, de coisa muito antiga, que não se podia substituir levianamente por outra. Aliás, a organização estática do Direito não pode seguir todos os saltos de pensamento da moda intelectual de cada época — como comentou acertadamente um dos participantes. Entendemos melhor o quanto era preciso ser escrupuloso, observando que, segundo resultados estatísticos, mais ou menos setenta por cento de todas as pessoas que cometem crimes em nosso prejuízo têm certeza de que vão escapar das nossas instituições jurídicas; é evidente que tanto mais devemos refletir sobre aquela quarta parte que acaba sendo apanhada! Naturalmente tudo isso pode desde então ter sido melhorado um pouco, e seria falso crer que a verdadeira intenção desse relato é zombar das flores de gelo que a razão faz brotar em profusão na mente dos peritos em Direito, coisa que já serviu para divertir muita gente com inteligência líquuefeita; pelo contrário, eram severidade viril, altivez, saúde moral, respeitabilidade e conservadorismo, qualidades do caráter, portanto, e em grande parte virtudes que, como se diz, esperamos jamais perder, o que impedia os eruditos participantes de usar despreconceituosamente as forças de sua inteligência. Tratavam a criancinha humana como velhos mestres-escola tratariam um dos meninos confiados à sua tutela, que só precisa prestar atenção e ter boa-vontade para ser aprovado, e a razão disso era simplesmente o sentimento político da geração precedente, anterior às convulsões de 1848. Era verdade que os conhecimentos psicológicos desses juristas estavam assim cerca de cinquenta anos atrasados, mas isso acontece facilmente onde se tiver de elaborar uma peça de nosso próprio campo de conhecimento com a ferramenta do vizinho, e em circunstâncias favoráveis é fácil de corrigir; mas o que permanece constantemente atrás de seu tempo é o coração dos homens, especialmente dos escrupulosos. A razão nunca é tão seca, dura e intrincada como quando sofre de alguma pequena e antiga falha do coração!

Esta levou por fim a uma explosão apaixonada. Quando as lutas tinham enfraquecido suficientemente todos os membros e estorvado o bom andamento dos trabalhos, multiplicaram-se as vozes sugerindo um acordo que deveria parecer mais ou menos, como todas as fórmulas que se usam para reduzir a uma bela frase um antagonismo irreduzível. Havia uma tendência a concordarem naquela conhecida definição segundo a qual se considera ponderável o criminoso que, por suas qualidades morais e intelectuais, seria capaz de cometer um crime: isto é, nunca sem essas qualidades, o que é uma definição extraordinária, com a vantagem de que dá muito trabalho aos criminosos, e permitiria unir o direito a um uniforme de prisão com o título de doutor. Mas, diante da ameaça de clemência geral no Ano Jubilar e de uma definição redonda como um ovo, que ele julgava uma granada atirada em sua direção, o pai de Ulrich fez o que chamava de sua chocante virada para a escola social. O conceito social

diz que o “degenerado” criminoso não pode ser julgado do ponto de vista moral, mas apenas segundo o perigo que representa para a sociedade humana. Segue daí que precisa ser tanto mais responsável quanto mais perigoso for; e segue ainda, por forçosos caminhos lógicos, que os criminosos aparentemente mais inocentes, isto é, mentalmente enfermos, que devido à sua natureza são menos atingidos pela influência regeneradora da pena, precisam ser ameaçados com as penas mais duras, de qualquer modo piores do que as aplicadas aos sadios, para que a força da intimidação seja igualmente grande. Devíamos esperar que o colega Schwung não encontrasse nada a objetar nessa concepção social. Parecia ser assim, mas, por isso mesmo, recorreu a meios que deram motivo ao pai de Ulrich para também abandonar o caminho do Direito, que ameaçava levar a novas intermináveis brigas na comissão, e utilizar a ligação com esferas altas e altíssimas, nas quais colocara o filho, em favor da sua justa causa. Pois o que o colega Schwung fizera fora, em vez de tentar uma acusação objetiva, agarrar-se imediatamente à palavra “social”, tratando-a, numa nova publicação, de “materialista” e “própria do espírito estatal prussiano”.

“Meu querido filho”, escreveu o pai de Ulrich, “indiquei a origem latina, portanto nada prussiana, das idéias da escola de Direito social, mas diante de tal denúncia e difamação, isso possivelmente não terá efeito, pois essas acusações especulam, cheias de ódio infernal, com a repulsa que idéias como materialismo e Prússia causam tão fácil como necessariamente nas altas esferas. Não são censuras contra as quais possa haver defesa, mas sim difusão de boatos tão inqualificados que as altas esferas nem tentarão verificar, considerando a necessidade de delas terem de ocupar-se como mácula tanto da vítima inocente quanto do inescrupuloso denunciante. Eu, que na vida sempre desprezei os caminhos indiretos, vejo-me pois obrigado a pedir-lhe...” E a carta terminava nesses termos.

## 112

### ARNHEIM INCLUI SEU PAI SAMUEL ENTRE OS DEUSES E DECIDE CONQUISTAR ULRICH. SOLIMÃO DESEJA SABER DETALHES SOBRE SEU RÉGIO PAI

Arnheim tocou a sineta e mandou procurar Solimão. Há muito não sentia necessidade de conversar com ele, e o moleque devia estar em algum lugar do hotel.

Com sua hostilidade, Ulrich finalmente conseguira magoar Arnheim.

É claro, Arnheim sempre percebera que Ulrich trabalhava contra ele, agindo de maneira altruísta, agindo como água sobre fogo, sal sobre açúcar; quase sem querer, tentava anular Arnheim. Este estava certo de que Ulrich até malbaratava a confiança de Diotima, para secretamente fazer a seu respeito comentários desfavoráveis e irônicos.

Admitiu que há muito tempo não lhe acontecera nada semelhante. O método habitual de obter seus êxitos não estava adiantando. Pois o efeito de um homem grande e completo é como o da beleza: não suporta ser negado, como um balão de gás não suporta que lhe enfiem uma agulha, nem uma estátua fica bem de chapéu na cabeça. Uma bela mulher fica feia quando não agrada, e um grande homem, quando não lhe dão atenção, pode até ficar um pouco maior, mas deixa de ser um grande

homem. Arnheim admitia isso, não com essas palavras, mas pensava: “Não suporto ser contrariado, porque só a inteligência cresce pela contradição, e quando alguém só tem inteligência eu o desprezo!”

Arnheim presumia que não seria difícil deixar seu adversário fora de combate. Mas queria conquistar Ulrich, influenciá-lo, educá-lo e forçar sua admiração. Para facilitar isso, persuadira-se de que o amava com profunda e paradoxal simpatia, que não sabia como fundamentar. Nada tinha a recear ou a esperar da parte de Ulrich; Arnheim, de qualquer modo, não tinha amigos no Conde Leinsdorf e no subsecretário Tuzzi, sabia disso; de resto, as coisas seguiam o caminho que desejava, embora um pouco lentamente. A ação contrária de Ulrich anulava-se diante da ação de Arnheim, e parecia um protesto espectral; a única coisa que parecia conseguir era adiar a decisão de Diotima, inibindo um pouco a vontade dessa magnífica mulher. Arnheim descobrira isso cautelosamente, e agora sorria. Era um sorriso triste ou maligno? — tais diferenças não importam nesses casos; achava justo que a crítica da razão e a objeção de seu adversário devessem trabalhar a seu serviço sem o saber; era uma vitória da causa mais profunda, uma dessas tramas da vida maravilhosamente claras, resolvíveis por si. Arnheim sentia que esse laço do destino o ligava ao homem mais jovem, e o levava a concessões que o outro não entendia. Pois Ulrich era inacessível àquele namoro; era insensível, como um louco, às vantagens sociais, e parecia não notar, ou não valorizar, aquela proposta de amizade.

Havia uma coisa que Arnheim denominava o espírito de Ulrich. Referia-se em parte à incapacidade do intelectual em reconhecer as vantagens que a vida oferece e adaptar seu intelecto aos grandes objetivos e oportunidades que lhe dariam dignidade e posição sólida. Ulrich mostrava a ridícula tendência oposta, a vida é que deveria se adaptar ao espírito. Arnheim via-o à sua frente; da mesma altura que ele, mais moço, sem as carnes flácidas que ele não conseguia deixar de notar no próprio corpo; no rosto, algo de absolutamente independente; não sem inveja atribuiu isso ao fato de Ulrich descender de uma ascética estirpe de intelectuais, pois era assim que imaginava sua origem. Era um rosto muito mais despreocupado com dinheiro ou sucesso do que o que uma dinastia de refinadores de lixo em ascensão permitiria a um descendente seu! Mas faltava alguma coisa nesse rosto. Faltava a vida, faltavam, assustadoramente, as marcas da vida! No momento em que Arnheim o viu diante de si, teve uma impressão tão inquietante, que reconheceu ali uma vez mais toda a sua simpatia pelo outro; quase se poderia prever, naquele rosto, alguma desgraça. Refletiu naquela ambígua sensação de inveja e preocupação; era uma triste satisfação, como a que sente alguém que se salvou pela covardia, e de repente uma onda de inveja e desprezo fez surgir a idéia que andara procurando e evitando sem saber. Ocorreu-lhe que Ulrich devia ser um homem que sacrificaria não apenas os lucros mas todo o capital de sua alma se as circunstâncias o exigissem! Sim, era isso que Arnheim também queria dizer falando do “espírito de Ulrich”. Nesse momento em que recordou as palavras que ele próprio pronunciara, viu claramente: a idéia de que um homem pudesse deixar-se arrebatar por suas paixões para além da atmosfera afigurou-se-lhe como um dito espiritualoso.

Quando Solimão se esgueirou para dentro do quarto, parando diante do patrão, este praticamente esquecera por que o chamara, mas sentiu o apaziguamento emanado de uma criatura viva e devotada. Começou a andar pelo quarto de rosto fechado, e o negro disco daquela face o seguiu.

Sente-se! — ordenou Arnheim, parado no canto, na posição em que se voltara sobre os saltos e começou: — O grande Goethe nos dá, numa determinada passagem do Wilhelm Meister, uma prescrição para a vida correta, e faz isso com certa paixão. Ele diz: “Pensar para agir; agir para pensar!” Compreende isso? Não, acho que ainda não consegue entender... — respondeu à sua própria pergunta, e calou-se outra vez. “Essa receita contém toda a sabedoria de vida”, pensou, “e o homem que gostaria de ser meu adversário conhece apenas a metade, que *é pensar* !” Ocorrera-lhe que também isso se poderia chamar de “ter apenas espírito”. Reconheceu a fraqueza de Ulrich. Espirituoso vem de espírito, uma sabedoria lingüística, pois revela a origem intelectual dessa qualidade e sua natureza espectral, árida de sentimentos; o espirituoso é sempre espevitado, ultrapassa as fronteiras dadas, diante das quais o homem sensível pára. Assim, a questão com Diotima e o capital da alma foi posta sob um ponto de vista satisfatório, e, pensando nisso, Arnheim disse a Solimão:

— É uma prescrição que contém toda a sabedoria da vida, e por causa dela retirei todos os seus livros, obrigando você a trabalhar!

Solimão não respondeu, e fez uma cara muito séria.

— Você viu meu pai algumas vezes — afirmou Arnheim de repente. — Lembra-se dele?

Solimão achou conveniente revirar o branco dos olhos, e Arnheim disse, pensativo:

— Sabe, meu pai quase nunca lê livros. Que idade acha que meu pai tem? — Mais uma vez não esperou a resposta, e acrescentou: — Já passou dos setenta anos, e ainda participa de tudo o que interessa à nossa família!

Em seguida, Arnheim voltou a andar de um lado para outro, calado. Sentia uma necessidade irresistível de falar no pai, mas não podia dizer tudo o que pensava. Ninguém sabia melhor que ele que também seu pai por vezes fracassava em algum negócio; mas ninguém teria acreditado, pois assim que alguém se torna um Napoleão, acaba ganhando também suas batalhas perdidas. Por isso, Arnheim jamais tivera possibilidade de se afirmar ao lado do pai, senão no caminho que escolhera, isto é, colocando intelecto, política e sociedade a serviço dos negócios. O velho Arnheim parecia alegrar-se vendo que o jovem Arnheim sabia tanta coisa; mas quando se devia decidir alguma questão importante, que fora analisada dias a fio do ponto de vista da produtividade, da técnica de finanças, da política intelectual e também da política econômica, ele agradecia, e não raro ordenava exatamente o contrário do que lhe sugeriam, respondendo apenas com um sorriso teimoso a todas as objeções que lhe apresentassem. Muitas vezes, até os diretores balançavam as cabeças, mas a curto ou longo prazo sempre acabavam vendo que o velho tivera razão. Era mais ou menos como quando um velho caçador ou guia das montanhas tem de escutar uma conferência de meteorologistas, e depois segue as previsões do seu reumatismo. E no fundo não era de admirar, pois o reumatismo em muitas questões é mais exato do que a ciência, e também não importa a precisão das previsões, porque as coisas sempre acabam acontecendo diferentemente do que se imagina, e o principal é sabermos ser espertos e tenazes diante de suas renitências.

Não deveria ter sido difícil a Arnheim compreender que um velho prático sabe uma porção de coisas que teoricamente não se podem prever, mas apesar disso houve um dia decisivo em que ele descobriu que o velho Samuel Arnheim tinha intuição.

— Você sabe o que é intuição? — perguntou Arnheim, voltando daquele mergulho em seus pensamentos, como se tateasse em busca da sombra de uma desculpa para seu desejo de falar naquilo. Solimão piscou os olhos, concentrado, como fazia quando era interrogado sobre alguma tarefa que se esquecera de cumprir, e Arnheim corrigiu-se depressa.

— Estou muito nervoso hoje — disse —, naturalmente você não pode saber isso! Mas preste atenção no que vou lhe dizer agora: ganhar dinheiro, como pode imaginar, nos deixa em situações nem sempre muito bonitas. Esses eternos esforços de calcular e tirar vantagem de tudo contrariam uma postura grandiosa de vida, que podia ser cultivada em tempos mais felizes. Pôde-se transformar o assassinato na nobre virtude da coragem, mas parece-me duvidoso que se consiga algo parecido com o cálculo; não há nessa atividade verdadeira bondade, dignidade, profundidade; o dinheiro transforma tudo em conceitos, é desagradavelmente racional; quando vejo dinheiro, quer você compreenda ou não, sempre preciso pensar em dedos incredulamente examinadores, muita gritaria e muito bom senso, idéias que me são igualmente insuportáveis.

Ele interrompeu-se e novamente mergulhou na solidão. Lembrou-se de seus parentes, que lhe acariciavam a cabeça quando era criança e diziam que ele tinha uma cabecinha muito boa. Uma cabecinha boa para cálculos. Odiava aquela mentalidade! Nas peças de ouro reluzente espelhava-se o bom senso de uma família que subira na vida através do trabalho! Ele se desprezaria se tivesse vergonha da família; ao contrário, mesmo nas mais nobres esferas sempre insistia, digno e modesto, em sua própria origem; mas temia o bom senso de sua família, como se fosse uma fraqueza familiar, como falar demais e gesticular em excesso, algo que o tornasse inadequado para viver nos cimos da humanidade.

Provavelmente aí se originava seu respeito pelo irracional. A aristocracia era irracional: isso parecia quase uma brincadeira sobre as debilidades da inteligência dos aristocratas, mas Arnheim sabia o que queria dizer. Bastava pensar que, por ser judeu, não chegara a oficial da reserva, e que por ser Arnheim, também não pôde assumir a posição reles de um suboficial, sendo sumariamente declarado incapaz para o serviço militar, e ainda hoje ele se recusava a ver nisso apenas falta de entendimento, valorizando a honraria ligada ao fato. Essa lembrança levou-o a enriquecer com algumas frases seu discurso para Solimão.

— É possível — prosseguiu de onde tinha parado, pois apesar de toda a repulsa ao método era metódico até nas digressões —, é possível, até provável, que a palavra aristocracia nem sempre tenha designado exatamente aquilo que hoje consideramos uma mentalidade aristocrática. Para reunir os territórios sobre os quais mais tarde ergueria sua distinção, o aristocrata não deve ter sido menos calculista e ágil do que é hoje um negociante, e possivelmente os assuntos deste negociante sejam tratados até com mais honestidade. Mas há uma força na terra, você entende, quero dizer, ela estava na terra lavrada, na caça, na guerra, na fé no céu e na vida camponesa, em suma, na vida física dessas pessoas que agiam menos com a mente do que com pernas e braços; na ligação com a natureza residia a força que por fim os tornou dignos, nobres e avessos às coisas vulgares.

Ele refletiu se naquele estado de alma não teria falado demais. Se Solimão não compreendesse o sentido, era capaz de baixar o conceito que tinha da aristocracia, por causa das palavras do patrão. Mas então aconteceu algo inesperado. Há algum tempo,

Solimão escorregava de um lado para o outro, inquieto, e nesse momento interrompeu seu amo com uma pergunta:

— Por favor, diga-me, meu pai é um rei? Arnheim o encarou, atônito.

— Nada sei sobre isso — respondeu, em parte severo, em parte divertido. Mas vendo o rosto grave, zangado, de Solimão, comoveu-se vagamente. Apreciava o fato de aquele menino levar tudo tão a sério. “Ele não tem nenhum senso de humor”, pensou, “na verdade chega a ser trágico”. De alguma forma, a ausência de senso de humor lhe parecia o peso e plenitude de uma vida. E continuou respondendo ao menino, num tom de branda exortação:

— Não há provas de que seu pai tenha sido rei, ao contrário, acho que deve ter tido alguma profissão ilegal, pois encontrei você numa *troupe* de saltimbancos numa cidade da costa.

— Quanto pagou por mim? — quis saber Solimão.

— Mas meu caro, como posso saber isso hoje? Acho que não foi muita coisa. Certamente foi pouco! Mas para que lhe interessa tudo isso? Nascemos para construir nosso próprio reino! Talvez no próximo ano eu faça você assistir a um curso comercial, depois poderá começar a trabalhar num de nossos escritórios. Naturalmente seu futuro dependerá de você, mas vou ficar de olho. Mais tarde poderia, por exemplo, defender nossos interesses em lugares onde gente de corja tem seu espaço; seria preciso, naturalmente, agir com grande cautela, mas mesmo assim o fato de você ser negro poderia lhe trazer muitas vantagens. Nessa atividade compreenderia o quanto lhe foram úteis os anos que passou sob minha vigilância direta, e já hoje posso lhe dizer: você é de uma raça que ainda tem algo da aristocracia natural. Nas lendas medievais, sempre havia reis negros com papéis importantes. Se você cultivar a aristocracia do espírito, a dignidade, a bondade, a sinceridade, a coragem de ser verdadeiro e a coragem ainda maior de evitar a intolerância, a inveja, o ciúme e o ódio mesquinho e nervoso que marcam quase todas as pessoas hoje em dia, se conseguir isso, certamente seguirá um belo caminho como homem de negócios, pois nossa tarefa não é apenas fornecer mercadorias ao mundo, mas uma forma de vida melhor.

Há muito tempo Arnheim não falava nesse tom íntimo com Solimão, e achou que alguém que o escutasse o acharia ridículo, mas não havia ninguém por ali, e o que ele dizia era apenas a cobertura de idéias bem mais profundas, que guardou para si. Aquilo que ele dissera quanto à mentalidade aristocrática e à formação da aristocracia movia-se internamente em direção oposta à de suas palavras. Lembrou então que desde que existia o mundo jamais coisa alguma nascera apenas de pureza espiritual e boas inclinações, mas tudo vinha da maldade que com o tempo se ia cansando; e por fim até as grandes e puras intenções nascem dela! É perfeitamente evidente, pensou, que a formação de estirpes aristocráticas e a transformação de uma transportadora de lixo em conglomerado mundial não repousam num contexto que implique necessariamente uma humanidade mais evoluída; mas de um desses ramos surgira a cultura argêntea do *dixhuitième*, e do outro surgira Arnheim. A vida lhe apresentava claramente uma tarefa, que ele pensava divisar melhor naquela questão profundamente contraditória: que medida de mesquinhez é necessária e permitida para se criar um ideário grandioso?

Em outro nível, seus pensamentos continuavam perseguindo o que ele dissera a Solimão sobre intuição e racionalismo, e de repente Arnheim recordou vivamente



como dissera ao pai pela primeira vez que este realizava seus negócios por intuição. Naquele tempo, ter intuição era coisa de pessoas que não conseguiam respaldar seus atos na razão. Tinha mais ou menos o mesmo papel que atualmente tem o dinamismo. Tudo que se fazia de errado, ou que não se conseguia realizar plenamente, era justificado dizendo que fora criado para a intuição ou através dela, e usava-se a intuição tanto para cozinhar quanto para escrever um livro; mas o velho Arnheim não sabia nada disso, e na verdade olhara o filho, surpreso. Para este último fora um grande triunfo.

— Ganhar dinheiro — dissera — nos obriga a um pensamento nem sempre muito nobre. É provável que nós, grandes comerciantes, tenhamos a missão de assumir a direção das massas humanas na próxima virada da história, sem sabermos se teremos capacidade espiritual para isso! Mas se existe uma coisa que me dá coragem para isso, é você. Você tem a visão e a força de vontade dos reis e profetas dirigidos por Deus nos tempos antigos. É um mistério para mim essa sua maneira de enfrentar os negócios, e eu até gostaria de dizer que todos os mistérios que não podemos avaliar são do mesmo nível, não importa se se trata de um mistério no campo da coragem, das descobertas ou das estrelas!

Arnheim viu com ofensiva nitidez o olhar do velho Arnheim, erguido para ele, baixar novamente sobre o jornal depois das primeiras frases, e não se erguer mais dali, sempre que o filho falava de intuição nos negócios. Essa relação entre pai e filho persistira sempre, e num terceiro nível de pensamento, na mesma tela dessas imagens da memória, Arnheim podia controlar tudo isso ainda hoje. Via no superior talento comercial do pai, que sempre o oprimira, uma espécie de força primitiva inatingível para aquele filho bem mais complicado, que por isso eliminara esse modelo do campo de seus inúteis esforços, outorgando-se ao mesmo tempo um título de origem nobre. E saiu-se bem nesse duplo artifício. O dinheiro tornou-se uma força mística suprapessoal, e só os mais legítimos estão à altura dele; também colocou seu primeiro antepassado entre os deuses, assim como o faziam os antigos guerreiros para os quais o antepassado mítico, apesar de todo o respeito, também deveria ter parecido um pouco primitivo, comparado a eles próprios. Num quarto nível de pensamento Arnheim, porém, nada sabia do sorriso que recobria o terceiro, e repensou mais uma vez, com toda a seriedade, o mesmo pensamento, refletindo no papel que esperava desempenhar na Terra.

Naturalmente não se devem entender ao pé da letra essas camadas de pensamento, como se estivessem superpostas como solos de profundidades diferentes; são apenas uma expressão para a movimentação permeável e multidirecionada do pensamento sob influência de fortes paradoxos emocionais. Arnheim sempre tivera uma repulsa mórbida pelo espirituoso e a ironia, provavelmente nascida de uma tendência hereditária não pequena para as duas coisas. Ele a reprimira porque sempre lhe tinha parecido a essência do não-aristocrático e do popularmente intelectual, mas exatamente agora que seus sentimentos eram tão refinados e quase hostis ao racional, aquela capacidade se manifestava em relação a Diotima; e se suas emoções já estavam, por assim dizer, na ponta dos pés, muitas vezes o seduzia a diabólica possibilidade de escapar daquela emoção sublime com uma daquelas certeiras piadas sobre amor que não raro ouvira da boca de subalternos ou de pessoas grosseiras. E emergindo através de todos esses níveis, ele fitou de repente, espantado, o rosto sombrio e atento de Solimão, que parecia um saco de boxe sobre o qual tivesse sido

martelada toda a incompreensível sabedoria da vida. “Estou me expondo ao ridículo!”, pensou Arnheim.

O corpo de Solimão, sentado na cadeira, parecia ter adormecido de olhos abertos, quando seu amo concluiu o monólogo; os olhos se moviam, mas o corpo não queria se mexer, como se ainda esperasse a palavra que o despertaria. Arnheim percebeu isso; no olhar do negro interpelava-o a ânsia de saber mais detalhes a respeito das tramas pelas quais um filho de reis se tornara um criado. Aquele olhar, que parecia estender garras, fez com que Arnheim se recordasse do ajudante de jardineiro que roubara sua coleção, e, com um suspiro, pensou que provavelmente lhe faltaria para sempre o simples impulso de conquistar coisas. Subitamente teve a impressão de que era essa a sensação que também marcava suas relações com Diotima. Dolorosamente, no ápice da vida, ele se sentia apartado por uma sombra fria de tudo o que tocava. Não era pensamento fácil para um homem que acabara de enunciar o princípio de que era preciso pensar para agir, que sempre se empenhara em apoderar-se do que fosse grande, e impor ao que era pequeno a sua própria importância. Mas a sombra se interpusera entre ele e os objetos de seu desejo, apesar da vontade, que jamais negligenciara; e para sua própria surpresa, Arnheim pensou reconhecer com segurança que a sombra se relacionava com aquele levíssimo frêmito luminoso que rodeara sua juventude. Era como se, por havê-lo tratado erroneamente, se tivesse transformado numa tenuíssima camada de gelo. Ele só não pôde responder por que motivo essa camada não derreteria nem diante do sublime coração de Diotima; mas, como uma dor muito desagradável que apenas tivesse aguardado um sinal, voltou-lhe a lembrança de Ulrich. De súbito, Arnheim viu que sobre a vida daquele homem pairava a mesma sombra que pairava sobre a sua própria, mas com efeito diferente! Entre as paixões dos seres humanos raramente colocamos no devido lugar a de um homem ciumento da personalidade de outro homem, e a descoberta de que sua impotente raiva de Ulrich se assemelhava no fundo ao conflito de dois irmãos que ainda não se reconheceram era uma emoção intensa e ao mesmo tempo benfazeja. Arnheim avaliou curioso as naturezas de ambos nessa comparação. O grande impulso de conquista das vantagens da vida faltava ainda mais em Ulrich do que nele próprio, e o sublime impulso de adornar-se das dignidades e coisas importantes da vida lhe faltava de maneira até irritante. Aquele homem não tinha nenhuma necessidade do peso e substância da vida. Seu zelo objetivo, indiscutível, não buscava a posse da coisa; Arnheim teria até pensado nos seus empregados se o desinteresse gerado por sua situação profissional, projetado sobre Ulrich, não tivesse algo de incrivelmente arrogante. Podia-se dizer, antes, que ele era um possuído que não deseja ser proprietário. Talvez também se pudesse falar num lutador voluntariamente pobre. E parecia possível falar de um ser absolutamente teórico; mas isso não era exato porque nem ao menos se podia chamá-lo de teórico. Arnheim recordou então que uma vez lhe dissera expressamente que sua capacidade de pensamento estava aquém das capacidades práticas. Mas encarando-o do ponto de vista prático, aquele homem era inteiramente disparatado. Arnheim vacilava entre esses pensamentos, o que não acontecia pela primeira vez; mas apesar das dúvidas quanto a si mesmo, que o dominavam naquele dia, era impossível dar precedência a Ulrich em qualquer aspecto. Chegou à conclusão de que a diferença decisiva estava provavelmente no fato de que faltava alguma coisa a Ulrich. Mesmo assim, havia nele algo ainda não usado, algo livre, e Arnheim admitiu com hesitação que aquilo lhe recordava “o mistério do todo”, que ele próprio possuía, e que sentia estar sendo questio-

nado pelo outro. Pois, se se tratasse apenas de algo acessível às medidas da razão, como aplicar àquele homem irreal o mesmo conceito desconfortável de “espirituosidade”, que Arnheim aprendera a temer no minucioso conhecedor da realidade que era seu próprio pai? “Então falta alguma coisa nesse homem!” — pensou Arnheim; mas, como se isso fosse apenas o outro lado dessa certeza, ocorreu-lhe quase instantaneamente, e sem querer: “Esse homem tem alma!”

Esse homem possuía uma alma ainda não desgastada: como se tratava de um pensamento intuitivo, Arnheim não teria sabido dizer exatamente o que significava; mas era mais ou menos o seguinte: cada pessoa, ele sabia, dilui com o tempo sua alma em razão, moral e grandes idéias, num processo irreversível; no seu amigo-inimigo, porém, esse processo não terminara, de modo que sobrava alguma coisa cujo dúbio encanto não se podia designar adequadamente, mas que se reconhecia por ter ligações incomuns com elementos da esfera do insensível, racional e mecânico, que já não contava adequadamente entre os conceitos culturais.

Refletindo sobre tudo isso, e ao mesmo tempo adaptando-o à linguagem de suas obras filosóficas, Arnheim não tivera tempo de atribuir nada daquilo a Ulrich como mérito, ainda que um só, tão forte era a impressão de ter feito uma descoberta. Era ele próprio quem criava tais idéias, e sentiu-se como um mestre de canto que descobre um brilho possível numa voz ainda não educada. Seus pensamentos só esfriaram diante do rosto de Solimão, que o fitava pasmado há muito tempo, e que pensava ter chegado o momento de continuar perguntando. A consciência de que não era dado a qualquer um firmar seus conhecimentos com a ajuda de um pequeno semi-selvagem mudo aumentou a felicidade de Arnheim de ser o único a conhecer o segredo de seu adversário, embora muita coisa ainda estivesse obscura e seus resultados não fossem identificáveis. De repente sentiu o amor que um usurário sente pela vítima na qual aplicou seu capital. E foi talvez a visão de Solimão que de repente lhe deu a idéia de atrair a si, a qualquer preço, ainda que o tivesse de adotar como filho, aquele homem que lhe parecia ser a aventura de si mesmo sob outra forma física!

Sorriu dessa precipitada afirmação de uma intenção que precisava amadurecer, e interrompeu Solimão, cujo rosto fremia de trágica ânsia de saber, dizendo:

— Agora basta, você precisa levar à Sra. Tuzzi as flores que encomendei. Se tiver mais perguntas, podemos pensar nisso numa outra ocasião.

#### ULRICH CONVERSA COM HANS SEPP E GERDA NA LINGUAGEM MISTA DA FRONTEIRA ENTRE SUPRA E SUB-RACIONALIDADE

Ulrich realmente não sabia o que fazer para cumprir o desejo do pai, que pedia que ele arranjasse, por entusiasmo pela escola social, um encontro com Sua Alteza e outros importantes patriotas, e procurou Gerda, para esquecer o assunto inteiramente. Encontrou Hans na casa dela, e este passou logo ao ataque:

— O senhor está protegendo o Diretor Fischel?

Ulrich respondeu, esquivando-se, com outra pergunta: acaso Gerda lhe falara disso? Sim, Gerda lhe falara disso.

— O que mais? Quer saber por quê?

— Por favor! — pediu Hans.

— Não é tão simples, meu caro Hans!

— Não me chame de seu caro Hans!

— Pois então, querida Gerda — ele dirigiu-se à moça —, isso não é nada fácil. Já falei tanto no caso que pensei que me compreendia.

— Compreendo mas não acredito em você — respondeu Gerda, esforçando-se para dar à sua posição de combate, ao lado de Hans, um tom um pouco conciliador em relação a Ulrich.

— Não acreditamos — Hans interrompeu imediatamente aquela virada amigável do diálogo — que esteja falando sério. Deve ter apanhado isso de outros.

— O quê? Quer dizer, aquilo que... que não se pode explicar direito? — perguntou Ulrich, compreendendo imediatamente que a insolência de Hans se ligava ao que falara a sós com Gerda.

— Ah, pode-se explicar muito bem, desde que se fale a sério!

— Eu não consigo. Porém posso lhe contar uma história.

— Outra história? Parece que o senhor conta histórias como Homero! — exclamou Hans, mais malcriado e seguro de si ainda. Gerda fitou-o com ar suplicante. Mas Ulrich não se deixou irritar e prosseguiu:

— Uma vez estive muito apaixonado; devia estar mais ou menos com a idade de vocês agora. Na verdade, eu estava apaixonado pelo meu amor, por aquele meu novo estado, menos do que pela mulher que fazia parte do amor; naquele tempo aprendi tudo isso de que o senhor, seus amigos e Gerda fazem tamanho mistério. É essa a história que eu queria lhes contar.

Os dois estavam perplexos por ser uma história tão curta. Gerda perguntou, hesitante:

— Você esteve muito apaixonado... — e no mesmo instante irritou-se consigo mesma por fazer aquela pergunta de menininha curiosa na frente de Hans. Mas este interrompeu:

— De que nos interessa falar nessas coisas? Prefiro que nos conte o que anda fazendo aquela sua prima que caiu nas mãos de intelectuais falidos!

— Procura uma idéia que represente magnificamente diante do mundo inteiro o espírito da nossa pátria. Não quer ajudá-la com alguma sugestão? Estou disposto a ser o intermediário! — respondeu Ulrich.

Hans deu uma risada irônica.

— Por que finge não saber que vamos estragar esse empreendimento?

— Mas por que ele o irrita tanto assim?

— Porque é uma grande infâmia planejada contra o espírito germânico neste país — disse Hans. — Realmente não sabe que estamos organizando um considerável movimento contra isso? A Liga Nacional Alemã foi prevenida contra as intenções do seu conde. A Federação de Esportes já fez uma denúncia contra essa agressão ao espírito alemão. O sindicato de associações armadas nas universidades austríacas vai tomar uma posição contra essa ameaça eslava, e a Liga da Juventude Alemã, da qual faço parte, não descansará, ainda que tenhamos de sair às ruas! — Hans endireitara o

corpo e disse isso com certo orgulho. Ainda assim, acrescentou: — Mas isso tudo não vem ao caso! Essas pessoas dão valor demais a circunstâncias externas. O decisivo é que aqui nada pode dar certo!

Ulrich perguntou por quê.

As grandes raças sempre haviam criado seus mitos; haveria um mito austríaco?, perguntou Hans. Uma religião primitiva austríaca? Uma epopéia? Nem a religião católica, nem a protestante tinham surgido lá; a arte da impressão de livros e as tradições da pintura tinham vindo da Alemanha; os soberanos tinham sido fornecidos pela Suíça, Espanha, Luxemburgo; a técnica, pela Inglaterra e Alemanha; as belas cidades, Viena, Praga, Salzburgo, tinham sido construídas por italianos e alemães; o exército, organizado segundo o modelo de Napoleão. Um Estado não empreenderia nada por si próprio; para ele, só havia uma salvação: a anexação à Alemanha.

— E agora sabe tudo o que quis saber de nós! — concluiu Hans.

Gerda não sabia se devia orgulhar-se dele ou se envergonhar. Nos últimos tempos, sua inclinação por Ulrich fora reavivada, embora o desejo tão humano de ter algum papel importante fosse muito mais atendido com o amigo mais jovem. O singular era que essa mocinha se perturbava por duas tendências opostas: ser uma solteirona, ou entregar-se a Ulrich. Naturalmente essa segunda tendência era fruto do amor que sentia há anos, mas um amor que nunca se tornava chama, apenas ardia desoladamente nela; suas emoções se pareciam com o amor por alguém indigno, em que a alma, ofendida, é atormentada por um desprezível impulso de submissão física. Todavia, em estranha oposição a isso, ou talvez por simples e natural desejo de paz, tinha o pressentimento de que jamais iria se casar, e que, no fim de todos os sonhos, levaria uma vida solitária, calma e ativa. Não era um desejo nascido de convicções, pois Gerda não via claramente o que com ela ocorria; era antes um dos pressentimentos que nosso corpo muitas vezes tem antes da razão. Também a influência que Hans exercia sobre ela se ligava a isso. Hans era um rapaz insignificante, ossudo, nem grande nem forte, limpava as mãos nas roupas ou no cabelo, e a cada oportunidade olhava num espelhinho redondo emoldurado em lata, porque havia sempre alguma espinha inquietadora na sua pele ruim. Mas era assim, exatamente, que Gerda imaginava os primeiros cristãos romanos, desafiando as perseguições, reunidos debaixo da terra nas catacumbas; provavelmente, sem o espelhinho de bolso. “Exatamente assim” não significava que todos os detalhes fossem os mesmos, mas uma sensação de princípios e de medo, que ela ligava à idéia de cristianismo; os pagãos lavados e untados sempre lhe tinham agradado mais, mas ficar do lado dos cristãos era um sacrifício que se devia fazer em favor do caráter. Por isso, as exigências mais sublimes tinham para Gerda um leve cheiro mofado, repulsivo, que se harmonizava com a inclinação mística, cujas portas Hans abria para ela.

Ulrich conhecia muito bem essas tendências. Talvez se deva agradecer ao espiritismo, pois com seus cômicos relatos do Além, parecidos com os de falecidas cozinheiras, ele satisfaz a grosseira ânsia metafísica dos homens, que, se não podem ter Deus, querem ao menos saborear fantasmas como um mingau que, no escuro, corre gelado garganta abaixo. Antigamente, essa necessidade de contato pessoal com Deus ou seus camaradas, o que se dizia acontecer em estado de êxtase, apesar de sua forma delicada e miraculosa, era um misto de comportamento grosseiro e terreno com experiências de hipersensibilidade inusitada e vaga. O metafísico era o físico trans-

posto para aquele estado, reflexo de desejos terrenos, pois acreditava-se ver nele aquilo que as idéias da época, ardentemente, faziam querer ver. Mas são exatamente as representações da inteligência que mudam com os tempos e perdem a credibilidade; se alguém hoje quisesse contar que Deus lhe falou, que o agarrou dolorosamente pelos cabelos puxando-o até junto de si ou que, de maneira incompreensível mas intensa, se enfiou decentemente em seu peito, ninguém acreditaria nessas imagens, essas idéias com que reveste sua experiência, muito menos, naturalmente, os sacerdotes profissionais, pois como filhos de um século racional sentem um medo bem humano de serem desmascarados por seguidores histéricos ou exaltados. A consequência é que ou bem temos de considerar fantasias e sintomas mórbidos as experiências que aconteceram em grande número na Idade Média e na Antigüidade paga, ou bem será preciso supor que elas contêm algo independente do contexto místico em que sempre as colocamos. Tais experiências teriam então um cerne próprio, crível mesmo segundo rigorosos princípios empíricos, o que significaria algo de importantíssimo, sem nem de longe tocar a segunda questão, referente às consequências a tirar daí para nossas relações com o outro mundo. E enquanto a fé, inserida na ordem da razão teológica, enfrenta hoje por toda parte uma dura luta contra a dúvida e a resistência do racionalismo imperante, parece que, com efeito, a pura experiência fundamental de êxtase místico, despida de conceitos de crença tradicionais e livre de velhas idéias religiosas, se difundiu incrivelmente, não podendo mais nem mesmo ser chamada de exclusivamente religiosa e constituindo a alma do multiforme movimento irracionalista que assombra nossa época como uma ave noturna que se perdeu no dia.

Uma anedótica parcelazinha desse variado movimento era o círculo e redemoinho em que Hans Sepp desempenhava seu papel. Se reuníssemos as idéias — o que segundo seus conceitos fundamentais não deveríamos fazer, pois elas eram avessas a número e medida — que se alternavam nesse grupo, encontraríamos como primeira, tímida e absolutamente platônica reivindicação o casamento por experiência e por camaradagem, e mesmo a poligamia e poliandria; em seguida, no campo da arte, encontraríamos a tendência para o não-objetivo, dirigida para o absoluto e o eterno, que, sob o nome de *expressionismo*, se desviava então desdenhosamente da aparência e do invólucro grosseiro, da “vulgar visão exterior”, cuja reprodução fiel incompreensivelmente uma geração anterior considerara revolucionária. Em harmonia com essa intenção abstrata de, sem maiores considerações por exterioridades, pincelar uma “visão da essência” do espírito e do mundo, encontrava-se, entretanto, também a arte mais concreta, e mais limitada, isto é, a arte regional, que os jovens se julgavam obrigados a seguir devido à sua alma alemã, cheia de respeito servil. Encontravam-se assim, numa colorida fileira, ainda os mais belos talos e capins colhidos nos caminhos do tempo, com os quais se pensava construir um ninho para o espírito; e entre eles havia notadamente idéias pomposas de direito, dever e força criadora da juventude, com um papel tão destacado, que devem ser comentadas mais detidamente.

Dizia-se que o presente não reconhece um direito da juventude, pois até sua maioridade o ser humano praticamente não tem direitos. Pai, mãe, tutor podem alimentá-lo, vesti-lo, abrigá-lo como desejarem, castigá-lo e, segundo Hans Sepp, acabar com a vida dele, desde que não infrinjam uma remota fronteira dos parágrafos da lei, que assegura às crianças, quando muito, algo parecido com proteção aos animais. A criança pertence aos pais como o escravo ao senhor, e por sua dependência financeira é propriedade, objeto, do capitalismo. Esse “capitalismo em relação à cri-

anca”, cuja descrição Hans Sepp encontrara em alguma parte, mas depois elaborara melhor, foi a primeira coisa que ele ensinou à sua espantada discípula Gerda, até ali bastante bem tratada em sua casa. O cristianismo teria apenas suavizado o jugo da mulher, não o da filha; a filha, segundo ele, vegetava, pois era mantida forçadamente longe da realidade da vida. Depois dessa preparação, ele lhe ensinou o direito da criança a determinar sua educação segundo as leis da sua própria natureza. A criança era criativa porque era crescimento, e se construía a si mesma. Era como um rei ou rainha, pois prescrevia ao mundo suas fantasias, emoções e idéias. Nada queria saber do mundo casual e pré-elaborado, mas elaborava seu próprio mundo de ideais. Tinha sua própria sexualidade. Os adultos cometiam um crime bárbaro destruindo a criatividade da criança na medida em que lhe roubavam o mundo, sufocando-a com uma ciência artificial e morta, e dirigindo-a para objetivos estranhos a ela. A criança não era utilitária, criava brincando e crescendo ternamente. Quando não era obrigada pela violência, ela não aceitava nada que não fosse realmente assimilado por ela própria; cada objeto no qual ela toca, vive; a criança é mundo, cosmo, vê o Último, o Absoluto, ainda que não o saiba expressar: mas mata-se a criança ensinando-a a compreender objetivos e prendendo-a ao vulgar cotidiano, mentirosamente chamado realidade!

Assim falava Hans Sepp. Quando introduziu essa doutrina na casa dos Fischel, ele tinha vinte e um anos, como Gerda. Além disso, há muito não tinha mais pai, e tratava a mãe, que mantinha um pequeno negócio com o qual o sustentava junto com os irmãos, com uma tão desinibida grosseria, que não havia razão imediata para aquele tipo de filosofia de pobres-criancinhas-oprimidas.

Ouvindo suas lições, Gerda vacilava entre uma inclinação pedagógica de educar os homens do futuro, e a aplicação agressiva na relação com Leo e Clementina. Hans Sepp, em contrapartida, tratava o assunto muito mais doutrinariamente, e dava a palavra de ordem:

— Todos devíamos ser crianças!

Sua obstinada posição em defesa da criança podia ter origem em precoces necessidades de independência; mas vinha principalmente do fato de que a linguagem do movimento juvenil, que na época estava na moda, era a primeira linguagem que ajudava sua alma a se expressar, e, como deve acontecer com uma verdadeira linguagem, levava de uma palavra a outra, dizendo mais em cada uma do que realmente se sabia. Assim, também a frase “Todos devíamos ser crianças” desdobrava as mais importantes idéias. Pois as crianças não deviam renunciar à sua natureza para serem como o pai e a mãe; isso apenas acontece para que sejam “burguesas”, escravas do mundo, amarradas, e “objetivadas”. Assim, é o burguês que nos envelhece, e a criança resiste a ser transformada num burguês: com isso some a dificuldade de não podermos nos portar como criança aos vinte e um anos, pois essa luta dura do nascimento à velhice, e só termina quando o mundo do amor destrói o mundo burguês. Esse era por assim dizer o degrau mais alto da doutrina de Hans Sepp, e Ulrich descobrira tudo com o tempo, através de Gerda.

Fora ele quem descobrira uma ligação entre o que aqueles jovens chamavam seu amor ou, usando outra palavra, a comunidade, e as conseqüências de um estado singular, de uma religiosidade feroz, mítico sem mitologia, talvez simplesmente um estado apaixonado, que o tocava, mas sem que soubessem, pois Ulrich se limitava a ridicularizar suas marcas neles impressas. Era dessa maneira que ele estava se diri-

gindo a Hans, e perguntou-lhe diretamente por que não tentava usar a Ação Paralela para estimular uma “comunidade dos perfeitos altruístas”.

— Porque não é possível! — respondeu Hans.

Resultou daí um diálogo entre os dois, que deveria ter causado estranha impressão a um não iniciado, parecendo uma conversa num jargão de criminosos embora fosse apenas uma linguagem mista de enamoramento mundano e espiritual. Por isso é preferível repetir esse diálogo no seu sentido a fazê-lo textualmente: a comunidade dos perfeitos altruístas era uma expressão inventada por Hans, mas entende-se que quanto mais altruísta uma pessoa for, tanto mais claras e fortes se lhe tornam as coisas do mundo; quanto mais leve ela se fizer, tanto mais se sentirá elevada; experiências desse tipo são conhecidas de todo mundo; apenas não se devem confundir com alegria, hilariedade, despreocupação ou coisa assim, pois esses são apenas seus sucedâneos para uso vulgar ou até pervertido. Talvez nem se devesse chamar esse estado de elevação, mas de desencouraçamento; desencouraçamento do eu, explicava Hans. Era preciso distinguir entre duas muralhas do ser humano. Uma é ultrapassada sempre que ele faz algo de bom ou de altruísta, mas essa é apenas a muralha pequena. A grande consta do egoísmo do mais altruísta dos homens; trata-se do pecado original. Cada impressão sensual, cada emoção, até a da entrega, é mais um tomar do que dar em nossa maneira de agir, e dificilmente pode-se escapar a essa couraça saturada de egoísmo. Hans enumerou: o saber não é senão apoderar-se de uma coisa alheia; matamos, dilaceramos e digerimos essa coisa como um bicho. Conceito, o que foi morto e ficou enrijecido. Convicção, a relação congelada e imutável. Pesquisa, igual a fixar. Caráter, igual a preguiça de se transformar. Conhecimento de uma pessoa, o mesmo que não se comover com ela. Compreensão, um ponto de vista. Verdade, a tentativa bem-sucedida de pensar de modo objetivo e desumano. Em todas essas relações há morte, gelo, ânsia de posse, e imobilidade, e uma mistura de egoísmo com um altruísmo objetivo, covarde, traiçoeiro, ilegítimo.

— E quando — perguntou Hans, embora conhecesse apenas a inocente Gerda —, quando o amor seria outra coisa que não desejo de posse, ou entrega na espera de compensação?

Ulrich concordava com essas afirmações nem sempre coerentes, com cautela e algumas emendas. Disse que era verdade que também padecimento e esvaziamento de si mesmo sempre nos deixam um mínimo de benefício pessoal; não existindo predicados sem sujeito, uma sombra pálida, por assim dizer gramatical, de egoísmo, prende-se a todas as ações.

Mas Hans negou violentamente. Ele e seus amigos discutiam como se devia viver. Por vezes, achavam que cada um devia viver para si mesmo, e só depois para os demais; outras vezes convenciam-se de que cada um devia ter um só amigo de verdade, mas que este por sua vez precisava de outro amigo, e assim a comunidade lhes parecia uma aliança de almas em círculo, como um espectro de cores ou outras cadeias de muitos elos; mas sua idéia predileta era a existência de uma lei espiritual de senso comunitário, apenas sombreada pelo egoísmo, uma fonte de vida interior, imensa e não utilizada, à qual atribuíam possibilidades incríveis. A árvore, que luta na floresta e é por ela protegida, não se sente mais incerta que o homem sensível de hoje na morna escuridão da massa, em meio à sua força dinâmica, aos processos moleculares e invisíveis de sua coesão inconsciente, que lhe recordam, a cada respiração, que tanto o maior quanto o menor dos homens não está sozinho; com Ulrich



aconteciam o mesmo: via claramente que o egoísmo controlado que constitui a vida produz uma estrutura organizada, enquanto o hálito de comunidade permanece um resumo de relações indefinidas; ele era uma pessoa inclinada ao isolamento, mas sentia-se estranhamente comovido quando os jovens amigos de Gerda apresentavam seus longos projetos sobre a grande muralha a ser vencida.

Hans, ora em tom monótono, ora aos arrancos, olhando fixamente em frente sem ver, desfiava seus artigos de fê. Dizia que uma separação desnaturada dividia a criação como uma maçã cujas duas metades acabavam secando. Por isso, era preciso apropriar-se de maneira artificial e antinatural daquilo com que outrora formávamos uma unidade. Mas essa separação podia ser eliminada por uma abertura do eu, uma mudança de comportamento, pois quanto mais alguém pudesse se esquecer, apagar-se, afastar-se de si, tanto mais força restaria nele em favor da comunidade, como se ela ficasse liberada de alguma ligação falsa; ao mesmo tempo, quanto mais se aproximasse da comunidade, tanto mais esse indivíduo seria ele próprio; pois, seguindo as idéias de Hans, aprendia-se que o grau de verdadeira originalidade não reside no vaidoso ser-diferente, mas na abertura do eu, na crescente participação e entrega, talvez até o mais alto grau de uma comunidade dos altruístas perfeitos totalmente assimilados pelo mundo, que se desejava alcançar!

Essas frases que aparentemente nada poderia preencher faziam Ulrich sonhar em como dar-lhes conteúdo real, mas apenas perguntou friamente a Hans, como imaginava na prática essa abertura do eu e coisas desse tipo.

Hans usou de palavras grandiosas. O eu transcendente em lugar do sensual, o eu gótico no lugar do naturalista, o reino da essência em lugar da aparência, a experiência absoluta e outros substantivos impressionantes que inseria no seu conceito de experiências indescritíveis, como, diga-se de passagem, é costume bem difundido, para prejuízo de uma causa e fomento de sua dignidade. E como o estado que por vezes — talvez muitas vezes — entrevia nunca durasse mais do que alguns momentos de devaneio, afirmou também que, exatamente hoje, o Além se revelava com sua maior nitidez em fragmentos, numa visão supracorporal, compreensivelmente difícil de apreender exceto, eventualmente, em grandes obras de arte; para esse e outros sinais sobrenaturais da vida, usou sua palavra predileta: símbolo; por isso, chegara à experiência germânica resgatada para os portadores do disperso sangue germânico, de criar e contemplar tal coisa; através dessa sublime variante segundo o modelo dos “bons velhos tempos”, ele conseguiu explicar comodamente que uma apreensão duradoura do essencial pertencia ao passado, dom esse recusado ao presente, e a discussão partira desse ponto.

Ulrich ficou aborrecido com aquela conversa fiada supersticiosa. Há muito tempo pensava no que poderia haver em Hans Sepp para atrair Gerda. Ela estava ali sentada, pálida, sem participar ativamente da conversa. Hans Sepp tinha uma grandiosa teoria do amor, e talvez ela encontrasse nessa teoria um sentido mais profundo de seu próprio ser. Ulrich deu prosseguimento à conversa, afirmando — com toda a sorte de restrições a esse tipo de conversas! — que a mais intensa exaltação que uma pessoa podia sentir não nascia de um corriqueiro comportamento egoísta, em que nos apossamos de tudo que surge diante de nós, nem, como afirmavam os amigos, daquilo que se podia chamar de exaltação do eu através da abertura e da renúncia, mas de um estado de repouso, no qual nada se modificava, como uma água parada.

Gerda animou-se, e perguntou o que queria dizer com isso.

Ulrich respondeu que Hans só falara de amor o tempo todo, embora algumas vezes sob disfarces exagerados; amor dos santos, amor dos eremitas, amor que ultrapassa as margens dos desejos, que sempre fora descrito como uma dissolução, um afrouxamento, e mesmo uma inversão de todas as relações mundanas, não significando apenas um sentimento mas sim uma transformação do pensamento e dos sentidos.

Gerda o encarou como para conferir se ele, com sua sabedoria superior à dela, também teria descoberto aquilo, ou se aquele amado secreto, sentado ao lado dela sem revelar muita coisa, irradiava a singular vibração que une duas criaturas apesar dos corpos separados.

Ulrich sentiu que ela o examinava. Sentiu como se falasse em alguma língua estranha, na qual pudesse prosseguir fluentemente, mas de forma exterior, com palavras sem raízes nele.

— Nesse estado — disse —, em que saímos das fronteiras habitualmente impostas à nossa conduta, podemos entender tudo, porque a alma só aceita aquilo que lhe pertence; em certo sentido ela já sabe de antemão o que irá experimentar. Amantes nunca se contam novidades; para eles também não há identificação. Pois o amante nada reconhece na pessoa amada senão que esta lhe provoca de modo indescritível a atividade interior. E reconhecer uma pessoa a quem não ama, significa para ele incluí-la no amor como uma parede inanimada sobre a qual pousa a luz do sol. E reconhecer um objeto inanimado não significa identificar suas qualidades uma depois da outra, mas ver cair um véu ou anular-se um limite que não pertencem ao mundo perceptível. Também as coisas inanimadas, desconhecidas como são, mas cheias de familiaridade, participam da relação dos amantes. A natureza e o singular espírito dos amantes olham-se nos olhos; são duas direções da mesma ação, é um fluir em duas direções e um fogo que queima nas duas pontas.

E reconhecer uma pessoa ou coisa sem a ligar a si mesmo é mais impossível ainda, pois tomar conhecimento toma algo das coisas; elas mantêm sua forma, mas parecem desabar em cinzas dentro dela, alguma coisa se evapora, sobram suas múmias. Por isso, não há verdade para os amantes; ela seria um beco sem saída, um término, a morte do pensamento que, enquanto vive, parece a fimbria viva de uma labareda na qual luz e trevas se estreitam peito a peito. Como pode um detalhe iluminar, onde tudo é luz?! Para que as esmoladas da segurança e do inequívoco, onde tudo é plenitude? E como podemos desejar algo só para nós, ainda que seja a coisa amada, se já vivenciamos que os amantes não pertencem mais a si, mas a tudo o que se aproxima deles, entrelaçados que estão pelos olhares?

Quem domina esse tipo de linguagem pode prosseguir nesse tom sem dificuldade. Anda-se com uma luz na mão, cujo doce brilho ilumina uma após a outra as relações da vida, e todas parecem ter sido apenas grosseiros mal-entendidos naquela aparência comum que tinham na sólida luz do dia. Como parece impossível, pois, a fisionomia da palavra “posse” aplicada aos amantes! Mas revela desejos mais sublimes querer possuir, *pos-sidere*, princípios como quem fica sentado sobre eles? O respeito dos filhos? Pensamentos? A si próprio? Essa desajeitada postura de ataque de um animal pesado que esmaga a presa com o corpo inteiro é com razão a expressão conceitual e física do capitalismo, e assim se revela a relação entre os que possuem na vida burguesa e os que possuem conhecimentos e habilidades, pois a tal o capitalismo reduziu seus pensadores e artistas, enquanto, à parte disso, encontram-se o

amor e a ascese qual solitário par de irmãos. E quando estão lado a lado, não dispersam esses irmãos de mira e alvo, ao contrário das miras e alvos desta vida? Mas as palavras mira, e alvo, nascem da linguagem dos atiradores: então, não ter mira nem alvo não significará, no seu contexto original, o mesmo que não ser um matador? E assim, apenas perseguindo os rastros da linguagem — rastros borrados mas reveladores! — percebemos que uma grosseira alteração do significado substituiu por toda parte as relações mais ponderadas, que se perderam totalmente. É uma conexão perfeitamente percebida mas impalpável; Ulrich desistiu de continuar a segui-la falando, não podia levar a mal que Hans pensasse que bastava puxar um fio qualquer e toda a trama viraria pelo avesso, tendo-se perdido apenas a intuição do fio exato. Ele interrompera Ulrich várias vezes, complementando suas frases.

— Se quiser encarar essas questões como pesquisador, não verá nelas mais do que veria um bancário! Todas as explicações empíricas são apenas aparentes, e não levam para fora do círculo dos conhecimentos inferiores, apreensíveis aos sentidos! Seu desejo de saber quer atribuir o mundo apenas ao mecânico girar de polegares das chamadas forças naturais!

Eram desse tipo as suas intervenções. Ora era grosseiro, ora veemente. Sentia que havia apresentado mal a sua causa, e censurava a presença daquele estranho, que o impedia de ficar sozinho com Gerda, pois de olhos nos olhos dela as mesmas palavras seriam bem diferentes, como águas cintilantes, como águias em revôo; sentia que no fundo estava em grande forma. Ao mesmo tempo estava muito espantado e indignado, por ouvir Ulrich falar com tanta facilidade e profundidade em seu lugar.

Na verdade, Ulrich não falava como cientista; falava muito mais do que pretendia, e apesar disso não tinha a impressão de estar dizendo nada em que não acreditasse. Isso o enchia de uma contida raiva. Para falar assim é preciso exaltação, fervor, e Ulrich oscilava entre esse estado de alma e a visão de Hans, com seu cabelo gorduroso, a pele ruim, gestos feios e veementes, a cascata de palavras em cuja baba pendia o véu de algo muito íntimo, como uma pele sendo retirada do coração. Mas a rigor, Ulrich sempre vacilara entre duas impressões semelhantes desse assunto, sempre fora capaz de falar com a fluência daquela dia, acreditando pela metade no que dizia, mas nunca passara dessa habilidade fácil, porque não acreditava em seu conteúdo; e dessa forma, prazer e desprazer andavam lado a lado nesse diálogo.

Mas Gerda não prestou atenção àquelas intervenções irônicas que ele entremeava no discurso como uma paródia, impressionada que estava por ter ele se aberto. Fitou-o, quase assustada. “Ele é muito mais terno do que admite”, pensou, ouvindo-o falar, e uma sensação como a de uma criancinha que tateia no seio materno a deixou indefesa. Ulrich percebeu o seu olhar. Sabia de quase tudo o que acontecia entre ela e Hans, porque isso a assustava, e ela procurava alívio falando a respeito mesmo que de maneira alusiva, que Ulrich podia facilmente completar. Ela e Hans viam na posse, normalmente meta de jovens amantes, o começo do capitalismo da alma, o qual abominavam, e acreditando desprezar a paixão dos corpos, também desprezavam a prudência que lhes parecia suspeita, como ideal burguês. Assim, acabavam num entredevorar-se não corporal, ou semicorporal; procuravam afirmar-se mutuamente, como diziam, e sentiam o doce tremor da união dos seres, nascida da contemplação mútua, deslizando na invisível ondulação atrás do peito e da testa: no momento em que se pensa atingir a compreensão do outro, sente-se que um tem o outro dentro de si, e que são apenas um. Mas em horas menos festivas, contentavam-se com a vulgar

admiração recíproca; recordavam um ao outro simples quadros ou cenas famosos, e quando se beijavam espantavam-se porque — para repetir uma expressão antiga — milênios os estavam contemplando.

Pois beijavam-se; declaravam que no amor a sensação rude do eu retorcendo-se no corpo era tão vulgar quanto uma reviravolta do estômago, mas seus corpos não se importavam com os conceitos da alma, e apertavam-se um contra o outro por responsabilidade própria. Depois ficavam sempre muito perturbados. Sua delicada filosofia não se sustentava diante da consciência de estarem sós, da penumbra do quarto, da louca atração crescente dos corpos enlaçados. Gerda, que como mocinha era a mais velha dos dois, sentia com intensidade tão inocente o desejo de uma relação completa como uma árvore sentiria se alguma coisa a impedisse de florescer na primavera. Esses abraços pela metade, tão sem sal como beijos de criança, tão sem fronteiras como carícias de anciãos, sempre os deixavam esgotados. Hans adaptava-se melhor, porque quando tudo passava encarava-o como uma provação de suas idéias.

— Não nos é dado possuir — ensinava —, somos peregrinos que subimos de degrau em degrau.

E quando notava que o corpo de Gerda fremia de insatisfação, não hesitava em atribuir isso a uma fraqueza, quando não a um vestígio de sua origem não-germânica, e sentia-se como o devoto Adão, cujo coração viril mais uma vez devia ser afastado da fé pela sua antiga costela. Nessas horas, Gerda o desprezava. E provavelmente era por isso que, ao menos antigamente, contara a Ulrich tudo o que podia. Adivinhava que um homem de verdade faria bem mais e bem menos do que Hans, que, depois de a ofender, escondia o rosto coberto de lágrimas entre as pernas dela como uma criança. E, a um tempo orgulhosa e irritada com essas experiências, ela as revelava a Ulrich, na temerosa esperança de que, com suas palavras, ele destruísse aquela beleza dolorosa.

Mas Ulrich raramente lhe falava da forma esperada, em geral a esfriava com suas ironias, pois embora Gerda lhe recusasse sua confiança, Ulrich sabia muito bem que, com ele, a moça sentia uma permanente necessidade de submissão, e que nem Hans nem outra pessoa tinha sobre a natureza dela o poder que ele poderia ter. Desculpava-se pensando que qualquer outro homem de verdade teria sido um alívio para Gerda depois daquele confuso porcalhão que era Hans. Mas enquanto Ulrich refletia sobre tudo isso, e se sentia novamente presente e concentrado, Hans se controlara e tentava novo ataque.

— Resumindo — disse —, o senhor cometeu o maior erro que se pode cometer, pois tentou expressar em conceitos o que por vezes ergue o pensamento acima deles; mas essa deve ser a diferença entre um cavalheiro erudito e nós. Primeiro é preciso aprender a viver as coisas, depois talvez se aprenda a pensá-las! — acrescentou, orgulhoso, e como Ulrich sorrisse, continuou como o raio que castiga: — Jesus via tudo aos doze anos, sem precisar fazer o doutorado!

Infringindo o dever da discrição, Ulrich deu-lhe um conselho que revelava o conhecimento de detalhes que só Gerda poderia ter fornecido, pois respondeu:

— Não entendo por que, se o senhor quer viver a coisa, não vai até o fim. Eu tomaria Gerda nos braços, rejeitando todos os escrúpulos de minha razão, abraçando-a até que nossos corpos virassem cinza, ou aceitassem a mudança de sentido e se voltassem para dentro de si mesmos, o que é inimaginável!

Sentindo a ferroada do ciúme, Hans não olhou para ele mas para Gerda. Esta ficou pálida e constrangida. As palavras “Eu tomaria Gerda nos braços” tinham-lhe dado a impressão de uma secreta promessa. Naquele momento, tanto fazia qual fosse a idéia mais coerente de uma “outra vida”, e lhe veio a certeza: se Ulrich quisesse de verdade, realizaria tudo exatamente como deveria ser. Hans, furioso pela traição de Gerda, negou que fosse possível fazer o que Ulrich dizia; não eram tempos adequados, e as primeiras almas tinham de partir de um pico de montanha como tinham feito os primeiros aviões, e não de um vale raso. Talvez ainda precisasse aparecer uma pessoa que libertasse as demais de sua inibição, para ser atingido o clímax! E não era impossível que ele próprio fosse esse redentor, mas isso era problema seu, e além do mais negava que os tempos atuais, de tão baixo nível, conseguissem produzir alguém daquela espécie.

Ulrich disse alguma coisa a respeito da quantidade de redentores que já existiam no mundo. Qualquer diretor de uma associação podia passar por redentor! Estava convencido de que, se Cristo voltasse, teria pior destino do que da primeira vez; os jornais e clubes do livro de tendência moralista considerariam seu tom indelicado, e a grande imprensa mundial mal lhe daria espaço.

Tinham assim voltado ao começo da conversa, e Gerda sentia-se desanimada.

Mas uma coisa mudara: sem demonstrá-lo, Ulrich estava um pouco perdido. Seus pensamentos não seguiam suas palavras. Fitou Gerda. Seu corpo era magro, sua pele cansada e fosca. O vago ar de solteirona que a caracterizava lhe pareceu de súbito bem evidente, embora provavelmente sempre tivesse sido decisivo nessa inibição que o impedia de unir-se à mocinha que o amava. Hans também colaborava, com aqueles seus presságios semicorporais de comunhão, de certa forma não muito distantes dos sentimentos da virgindade envelhecida. Ulrich sentia certa repulsa por Gerda, mas desejou prosseguir o diálogo com ela. Lembrou-se de que a convidara a visitá-lo em casa. Ela não dera minimamente a entender se esquecera a sugestão ou se ainda pensava nela, e ele não encontrou mais a oportunidade de lhe perguntar. O fato lhe causava certa pena inquieta, e alívio ao mesmo tempo, como quando sentimos passar por perto algum perigo que reconhecemos tarde demais.

A SITUAÇÃO SE AGRAVA. ARNHEIM SE MOSTRA MUITO AFÁVEL COM  
O GENERAL STUMM. DIOTIMA TOMA PROVIDÊNCIAS PARA  
LANÇAR-SE AO ILIMITADO. ULRICH FANTASIA SOBRE A  
POSSIBILIDADE DE SE VIVER COMO SE LÊ

Sua Alteza desejara ardentemente que Diotima se informasse sobre o famoso cortejo do pintor Makart, que unira toda a Áustria numa onda de entusiasmo nos anos setenta; ainda recordava muito bem as carruagens cobertas de tapeçarias, os cavalos de pesados arreios, as trombetas e o orgulho das pessoas com suas vestes medievais que as alçavam acima do cotidiano. Foi assim que Diotima, Arnheim e Ulrich saíram da biblioteca da Corte, onde tinham ido procurar descrições daquele tempo. Conforme

Diotima previra, fazendo bico diante de Sua Alteza, o resultado fora nulo; não se podia mais arrancar a humanidade de sua vida rotineira com esse tipo de inquietude espiritual, e a bela dama anunciou a seus companheiros que queria saborear o sol e o ano de 1914, que, bem longe daquela época mofada, começara há várias semanas. Diotima dissera na escadaria que desejava ir para casa a pé, mas mal tinham emergido na luz do dia, encontraram o general que, entrando no portão da biblioteca, orgulhoso por ter sido encontrado naquela atividade tão científica, imediatamente se declarou disposto a dar meia volta e reunir-se ao séquito que acompanhava Diotima a caminho d'ólar.

Eis a razão por que, depois de alguns passos, Diotima achou que estava cansada, e pediu um carro. Mas como demorasse a passar um veículo disponível, ficaram parados na praça diante da biblioteca, um retângulo em forma de tanque, com três lados fechados por magníficas fachadas antigas, ao passo que no quarto lado, diante de um palácio baixo e comprido, corria uma rua asfaltada, rebrilhando como uma pista de gelo, com automóveis e carruagens que passavam sem atender aos sinais e acenos que eles faziam como náufragos, até se cansarem, ou esquecerem, e só eventualmente tornarem a repeti-los.

Arnheim carregava pessoalmente um grande livro debaixo do braço. Era uma atitude que lhe dava prazer; a um tempo altivo e respeitoso diante do espírito.

Falava vivamente com o general.

— Alegro-me ver que o senhor também frequenta bibliotecas; de tempos em tempos é preciso visitar o espírito em sua própria casa — disse —, mas hoje em dia isso é raro entre homens de posição!

O General Stumm respondeu que estava muito familiarizado com aquela biblioteca.

Arnheim achou aquilo louvável.

— Hoje praticamente só há escritores, e ninguém para ler seus livros — prosseguiu. — General, alguma vez imaginou quantos livros são impressos anualmente? Acho que me recordo de serem mais de cem livros diariamente, só na Alemanha. E fundam-se mais de mil revistas por ano! Todo mundo escreve; todo mundo se serve de qualquer pensamento como se fosse seu, desde que lhe convenha; ninguém mais pensa numa responsabilidade pelo todo! Desde que a Igreja perdeu sua força, não há mais autoridade em nosso caos. Não há modelo educacional nem idéia pedagógica. Nessas condições, é bem natural que sentimentos e moral derivem sem âncora, e o homem mais firme comece a vacilar!

O general sentiu a boca seca. Não se podia dizer que o Dr. Arnheim se dirigisse diretamente a ele; era um homem parado numa praça, pensando em voz alta. O general recordou que muitas pessoas na rua falam sozinhas enquanto correm para algum lugar; para ser mais exato, muitos civis, pois um soldado seria preso, e um oficial seria mandado para a enfermaria psiquiátrica. Stumm teve uma impressão penosa ao ver filosofarem em público bem no coração da capital e residência. Além dos dois, havia apenas outro homem, mudo, ao sol da praça: ele era de bronze e estava sobre uma grande pedra; o general não sabia mais quem estava ali representado, e era a primeira vez que o notava. Arnheim, percebendo-o, indagou quem era. O general desculpou-se:

— E puseram-no aqui para que o veneremos! — respondeu o poderoso. — Mas é isso mesmo! Nós nos movemos o tempo todo entre instituições, perguntas e

exigências das quais pouco sabemos, de modo que o presente está sempre recorrendo ao passado; se me permite a expressão, afundamos até os joelhos nos porões do tempo, e pensamos que é o presente!

Arnheim sorriu, dedicava-se à conversação. Seus lábios remexiam-se incessantemente ao sol, a luz se alternava em seus olhos como num navio que sinaliza. Stumm começou a sentir-se desconfortável; achou difícil fazer notar continuamente a atenção diante de tantos e tão raros assuntos, exposto a todo mundo na bandeja do uniforme e da praça. Crescia relva nas fendas entre as pedras do calçamento; era do ano anterior, mas parecia incrivelmente fresca, como um cadáver conservado na neve; aliás, era muito esquisito e perturbador estar crescendo grama entre as pedras, quando se pensava que a poucos passos dali o asfalto era modernamente limpo e esfregado pelo movimento dos carros. O general começou a recluir-se, se tivesse de escutar ainda por muito tempo, acabaria lançando-se de joelhos e comendo capim diante de todo mundo, não sabia bem por quê. Ele olhou para Ulrich e Diotima, em busca de auxílio.

Estes tinham-se abrigado na tênue sombra de um toldo numa esquina, e só se ouviam suas vozes abafadas e incompreensíveis dentro da discussão que travavam.

— Mas isso é uma idéia muito desoladora! — disse Diotima.

— O quê? — perguntou Ulrich, mais mecanicamente do que por curiosidade.

— Há individualidade na vida, sim senhor! Ulrich esforçou-se por olhá-la de lado nos olhos.

— Meu santo Deus — comentou —, nós já falamos sobre isso!

— O senhor não tem coração! Ou não estaria sempre falando desse jeito! — Ela disse isso brandamente. Um aroma quente de terra subia das lajes pelas pernas dela, inatingíveis e envoltas em saias, alheias ao mundo como pernas de estátua. Nenhum sinal revelava que ela sentia algo. Era uma ternura que não pertencia a nenhum homem, nenhum ser humano. Seus olhos estavam pálidos, mas podia ser apenas a impressão de reserva numa situação em que estava exposta aos olhares dos passantes. Virou-se para Ulrich e disse com esforço:

— Quando uma mulher tem de escolher entre paixão e dever, em que há de se apoiar se não for no seu caráter?

— Mas a senhora não tem de escolher! — replicou Ulrich.

— O senhor está se excedendo; não falei de mim mesma! — sussurrou a prima.

Como ele não respondesse, os dois ficaram algum tempo olhando para a praça, com ar hostil. Em seguida, Diotima perguntou:

— Acha possível que isso que chamamos nossa alma possa sair da sombra em que habitualmente se esconde?

Ulrich a fitou, atônito.

— Em pessoas especiais e privilegiadas — completou ela.

— Estará procurando contatos? — perguntou ele, incrédulo. — Arnheim a pôs em contato com algum médium?

Diotima estava decepcionada.

— Eu não esperava que me interpretasse tão mal assim — censurou-o. — Se falei em sair das sombras estava me referindo àquela irrealidade, àquele esconderijo cintilante, no qual de vez em quando experimentamos coisas inusitadas. Estende-se como uma rede que nos atormenta, porque nem nos segura nem nos larga. Não acha

que houve tempos em que isso foi diferente? O interior destacava-se mais; indivíduos seguiam caminhos iluminados; em suma, andavam, como se dizia antigamente, por um caminho sagrado, e milagres tornavam-se realidade porque não são senão uma outra espécie de realidade!

Diotima espantou-se pela segurança com a qual, mesmo sem emoção especial, exprimia essa idéia como coisa bastante palpável. Ulrich estava intimamente furioso, mas, no fundo, muito assustado. Então chegamos ao ponto dessa enorme galinha falar como eu?, perguntou-se. Viu a alma de Diotima e sua própria alma, ambas na forma de uma grande galinha picando um vermezinho. Foi dominado pelo medo ancestral da criança diante da Grande Mulher, medo misturado a outra sensação esquisita; achou agradável ser espiritualmente devorado por aquela tola concordância com uma pessoa de seu parentesco, concordância que naturalmente era apenas acaso e tolice; ele não acreditava na magia do parentesco nem na possibilidade de levar sua prima a sério, mesmo na pior das bebedeiras. Mas ultimamente, ele estava-se transformando por dentro; estava mais mole, sua configuração interior, sempre predisposta ao ataque, cedia, e mostrava tendências para sentir saudades da ternura, do sonho, do parentesco ou sabe Deus do que mais, e isso também se manifestava por uma disposição contrária que por vezes nascia nele imediatamente, uma espécie de má fé.

Por isso, debochou da prima.

—Se acredita nisso, considero seu dever tornar-se em segredo ou publicamente, mas bem depressa, “inteira e plenamente” amante de Arnheim.

—Por favor, pare! Não lhe dei direito de falar nisso! — disse Diotima, repelindo suas palavras.

—Mas tenho de falar nisso! Até pouco tempo atrás eu não sabia direito qual a sua relação com Arnheim, mas agora vejo claro, e a senhora me parece alguém que pretende seriamente voar até a Lua; eu não lhe teria atribuído tanta loucura.

—Eu lhe disse que posso ser desmedida! — Diotima tentou olhar em frente audaciosamente, mas o sol fechou suas pupilas e pálpebras numa expressão quase divertida.

—São delírios da fome de amor— disse Ulrich —, que passam quando a gente os sacia. — Perguntava-se o que Arnheim pretendia com sua prima. Estaria arrependido da proposta e tentando cobrir a retirada com alguma comédia? Mas teria sido mais fácil viajar e não voltar mais; um homem que sempre lidara com negócios deveria ser capaz da necessária falta de consideração. Recordou ter percebido certos sinais em Arnheim, que num homem mais velho indicavam paixão; o rosto era por vezes de um amarelo acinzentado, flácido, cansado; olhava-se para dentro dele como para um quarto onde, ao meio-dia, a cama ainda não foi feita. Ele adivinhava que isso se devia à devastação causada por duas paixões igualmente intensas que lutam em vão pela supremacia. Mas como não pudesse imaginar uma paixão de poder tão grande quanto a de Arnheim, não compreendia a intensidade das disposições que, em contrapartida, o amor tomava.

—O senhor é um homem estranho! — disse Diotima. — Sempre diferente do que se poderia esperar! Não foi o senhor mesmo quem me falou do amor seráfico?

—E acha isso realmente possível? — perguntou Ulrich, distraído.

—Como o descreveu, naturalmente que não!

—Então o amor de Arnheim pela senhora é seráfico? — Ulrich começou a rir baixinho.



— Não ria! — pediu Diotima, irritada, quase sibilando.

— Nem sabe por que estou rindo — desculpou-se ele. — Estou rindo, como se diz, de nervoso. A senhora e Arnheim são pessoas sensíveis; apreciam a poesia; estou absolutamente convencido de que por vezes são bafejados por um hálito vago: resta saber de quê. E agora quer atacar isso com toda a meticulosidade de que o seu idealismo é capaz?

— Mas o senhor não exige sempre que a gente seja metódico? Ulrich estava um pouco espantado.

— Está maluco! — disse. — Desculpe a palavra, mas está maluco! E logo *a senhora* não pode ficar assim!

Enquanto isso, Arnheim comunicara ao general que, há duas gerações, o mundo sofria as maiores transformações: a alma estava acabando.

O general sentiu uma pontada. Santo Deus, mais uma novidade! Para dizer a verdade, até aquele momento, apesar de Diotima, ele pensara que “a alma” era coisa que nem existia; na escola de cadetes e no regimento as pessoas riam dessa conversa de padrecos. Mas como era um fabricante de canhões e chapas de blindagem quem estava falando daquilo com tamanha tranquilidade, os olhos do general começaram a comichar revirando-se como sombras no ar translúcido.

Mas Arnheim não esperou que o outro pedisse explicações. As palavras lhe jorravam dos lábios pela fresta rosa-pálido entre bigode e cavanhaque aparados. Como ele dizia, desde a decadência da Igreja, portanto desde o começo da cultura burguesa, a alma estava num processo de emurchecimento e envelhecimento. Perdera Deus, os valores e ideais sólidos, e hoje o ser humano chegara ao ponto de poder viver sem moral, sem princípios, praticamente sem experiências.

O general não compreendia direito por que não se podia ter experiências sem moral, mas Arnheim abriu o grande volume encadernado em couro de porco, que trazia na mão; continha a reprodução preciosa de um manuscrito que nem mesmo alguém tão excepcional como ele deveria ter permissão de levar para a rua. O general viu um anjo, cujas asas perpendiculares se estendiam por duas páginas, postado no meio de uma folha coberta de terra escura, céu dourado, e estranhas cores a formarem nuvens; ele contemplava a reprodução de uma das mais comoventes e magníficas pinturas do começo da Idade Média, mas como não soubesse disso e entendesse muito bem de aves de caça e suas reproduções, apenas imaginou que uma criatura com asas e pescoço comprido, que não era nem ser humano nem galinha-d’água, devia ser uma aberração para a qual seu acompanhante lhe quisesse chamar a atenção.

Arnheim apontou a figura com o dedo e disse, pensativo:

— É isso o que a criadora da Ação austríaca gostaria de devolver ao mundo...!

— Ah, sim? — respondeu Stumm. Avaliara mal a importância da ave; era preciso ter cautela.

— Essa grandiosidade de expressão, apesar da mais perfeita simplicidade — prosseguiu Arnheim —, demonstra claramente o que nossos tempos perderam. O que significa diante disso a nossa ciência? Destroços! Nossa arte? Extremos, sem um corpo no meio! Falta ao nosso espírito o segredo da unidade, e, veja, por isso esse plano austríaco de dar ao mundo um exemplo unificador, um pensamento comum, me comove, embora eu não o julgue inteiramente exequível. Sou alemão. No mundo inteiro as coisas hoje são barulhentas e desajeitadas; mas na Alemanha, a gritaria é maior ainda. As pessoas se atormentam da manhã à noite em todos os países, quer se

divirtam quer trabalhem; mas entre nós se levantam mais cedo ainda, e vão ainda mais tarde para a cama. No mundo inteiro o espírito de cálculo e violência perdeu contato com a alma; mas nós na Alemanha temos o maior número de negociantes e o exército mais forte. — Ele olhou ao redor da praça, deleitado. — Na Áustria as coisas ainda não estão tão desenvolvidas. Aqui ainda há passado, e as pessoas mantiveram algo da sua intuição original. Se ainda for possível salvar a natureza alemã do racionalismo, essa salvação só poderá vir daqui. Mas receio — acrescentou com um suspiro — que isso seja difícil. Hoje em dia há obstáculos demais para uma grande idéia; grandes idéias apenas servem para impedir umas às outras de serem malbaratadas; vivemos por assim dizer num estado de paz moral armada com idéias. Ele sorriu do próprio gracejo. Depois ocorreu-lhe outra coisa:

— Veja, a diferença entre a Alemanha e a Áustria, da qual falamos há pouco, sempre me lembra o jogo de bilhar: também no bilhar erramos se quisermos jogar com calculismo e não com emoção!

O general adivinhara que devia sentir-se lisonjeado pela expressão “paz moral armada”, e decidiu demonstrar que prestava atenção. Entendia alguma coisa de bilhar, por isso disse:

— Desculpe, eu jogo carambola e bolão, mas nunca ouvi dizer que houvesse uma diferença entre a técnica alemã e a austríaca.

Arnheim fechou os olhos e refletiu.

— Eu próprio não jogo bilhar — disse então —, mas sei que se pode tocar a bola do alto ou de baixo, à direita ou esquerda; podemos atingir a segunda bola em cheio ou só tocá-la de raspão; podemos dar a tacada forte ou fraca; atingir com mais ou menos força as “falsas”; e deve haver muitas outras possibilidades. Posso imaginar cada um desses elementos em muitas gradações, portanto há um número quase infinito de combinações. Se eu as quisesse apresentar teoricamente, teria de levar em conta além das leis da matemática e mecânica dos corpos sólidos, também a teoria da elasticidade; teria de conhecer os coeficientes do material; a influência da temperatura; teria de possuir os mais refinados métodos de medida de coordenação e gradação de meus impulsos motores; minha avaliação da distância teria de ser precisa como um nônio; minha capacidade combinatória deveria ser mais rápida e certa do que a de uma régua de cálculo; sem falar do cálculo dos erros, da amplitude de dispersão e do fato de que a meta a ser atingida, a coincidência total de duas bolas, não é unívoca, mas constitui um grupo, disposto em torno de um valor médio, de fatos apenas suficientes.

Arnheim falava devagar, forçando o outro a prestar atenção, como quando se pinga um líquido em gotas num copo; e não poupou um só detalhe ao seu interlocutor.

— Portanto, está vendo — prosseguiu — que eu precisaria ter qualidades e fazer coisas impossíveis de ter e fazer. O senhor certamente sabe bastante matemática para poder avaliar que seria tarefa para uma vida inteira querer calcular dessa maneira o simples curso de uma carambola; nossa inteligência nos deixa na mão! Apesar disso, aproximo-me do jogo com um cigarro na boca, cantarolando em pensamento, por assim dizer de chapéu na cabeça. Mal me dou o trabalho de avaliar a situação, ataco e resolvo a tarefa! Senhor general, a mesma coisa acontece inúmeras vezes na vida! O senhor não é apenas austríaco, mas também oficial, e tem de me entender: política, honra, guerra, arte, os fatos decisivos da vida realizam-se além do

entendimento. A grandeza do homem está enraizada no irracional. Também nós homens de negócio não calculamos como o senhor talvez imagine, mas naturalmente falo dos principais, pois os pequenos talvez contem suas moedas — aprendemos a considerar nossas idéias realmente bem-sucedidas como um mistério que zomba de qualquer avaliação. Quem não aprecia o sentimento, a moral, a religião, a música, poemas, forma, disciplina, cavalheirismo, liberalidade, franqueza, tolerância... acredite, jamais será um grande homem de negócios. Por isso sempre admirei a categoria dos guerreiros; especialmente dos austríacos, que repousa sobre tradições antiquíssimas, e alegra-me muito vê-lo apoiando a distinta senhora. Isso me tranqüiliza. Sua influência é importantíssima, junto com a do nosso jovem amigo. Todas as grandes coisas repousam sobre as mesmas qualidades: grandes deveres são uma bênção, general!

Ele apertou involuntariamente a mão de Stumm e disse ainda:

— Pouquíssimas pessoas sabem que a verdadeira grandeza nunca tem fundamento, quero dizer: tudo o que é forte, é simples!

Stumm von Bordwehr parará de respirar, achou que não estava entendendo nada, sentiu necessidade de correr de volta à biblioteca e ler horas a fio sobre todos os pontos de vista que aquele homem lhe revelava, obviamente para o lisonjear. Mas por fim, no meio dessa tempestade primaveril, teve uma idéia surpreendentemente clara: “Que diabo, esse cara está querendo alguma coisa de mim!” Ergueu o olhar. Arnheim ainda estava com o livro nas mãos, mas agora fazia realmente esforços para conseguir um carro; seu rosto estava excitado e um pouquinho vermelho, como o de um homem que acaba de trocar idéias com outro. O general manteve o silêncio respeitoso que se impõe depois de grandes palavras; se Arnheim queria alguma coisa dele, também o general podia querer alguma coisa de Arnheim, para vantagem de Sua Majestade. Essa idéia abria tantas possibilidades que Stumm desistiu provisoriamente de refletir no caso. Mas se o anjo do livro subitamente tivesse erguido suas asas pintadas deixando o esperto General Stumm dar uma olhada embaixo delas, este não teria se sentido mais perturbado e mais feliz.

No canto onde estavam Diotima e Ulrich surgira entretanto a seguinte questão: uma mulher na difícil situação de Diotima deveria renunciar, deixar-se levar ao adultério, ou tomar uma terceira decisão intermediária, pertencendo fisicamente a um homem e espiritualmente a outro, e quem sabe não pertencendo fisicamente a ninguém? Essa terceira condição ainda não estava fixada em palavras, por assim dizer; era apenas uma sublime melodia. E Diotima ainda insistia rigorosamente em não estar falando de si mesma, mas sim a respeito de “uma mulher”; e seu olhar irado impedia Ulrich de reunir as duas pessoas numa só.

Portanto, também ele usava de rodeios.

— Alguma vez observou um cachorro? — perguntou. — É o que imagina! Sempre viu apenas uma coisa que, com maior ou menor razão, lhe parecia um cachorro. Não tem todas as qualidades de um cão, e tem algo de pessoal que nenhum outro cachorro tem. Como poderíamos então fazer “o que é certo” na vida? Podemos apenas fazer algo que jamais estará certo e será sempre mais ou menos que o certo.

— E acaso jamais uma telha caiu do telhado conforme a lei prescreve? Nunca! Nem no laboratório as coisas saem como deviam ser. Desviam-se regularmente para todos os lados, e é de certa forma uma ficção julgarmos que seja por erro de execução, supondo que exista no meio um valor verdadeiro.

— Ou então, encontramos certas pedras, e por causa de suas qualidades comuns as chamamos de diamantes. Mas uma das pedras vem da Ásia, outra da África. Uma é extraída da terra por um negro, a outra por um asiático. Talvez essa diferença seja tão importante que possa anular o que há de comum. Na equação “diamante mais circunstâncias igual a diamante” o valor de uso do diamante é tão grande que o valor da circunstância desaparece. Mas podemos imaginar circunstâncias espirituais nas quais acontece o inverso.

— Tudo participa do geral, e além disso é especial. Tudo é verdadeiro, mas também é imprevisível e incomparável. Parece-me que o que há de pessoal em qualquer criatura é exatamente aquilo que não coincide com nada mais. Eu lhe disse um dia que sobra tanto menos de pessoal no mundo quanto mais verdade descobrimos, pois há muito existe uma luta contra o individual, ao qual se rouba cada vez mais espaço. Não sei o que no fim sobrará de nós, quando tudo estiver racionalizado. Talvez, nada; mas talvez, então, quando desaparecer o falso significado que damos à personalidade, apareça uma nova, que será como uma magnífica aventura.

— Portanto, como pretende decidir? Quer que “uma mulher” decida segundo a lei? Então, ela que se oriente de uma vez pela lei burguesa. Moral é um valor médio e coletivo perfeitamente justificado, que temos de seguir ao pé da letra sem escorregadelas, quando o reconhecemos. Mas casos individuais não se podem decidir pela moral, eles têm tanto menos moral quanto mais dispuserem da inesgotável fonte do mundo!

— Mas que discurso o seu! — disse Diotima. Sentia uma certa satisfação, dado o gabarito das impertinências que lhe eram dirigidas, mas queria mostrar sua superioridade deixando de lado as divagações: — Então o que deveria fazer na vida real uma mulher na situação de que falamos? — perguntou.

— Deixar acontecer! — respondeu Ulrich.

— Quem?

— O que der e vier! Seu marido, seu amante, sua renúncia, aquela sua mistura.

— Tem idéia do que isso significa? — perguntou Diotima, lembrando dolorosamente que o sublime propósito de talvez renunciar a Arnheim aos poucos ia sendo podado pelo simples fato de que ela dormia no mesmo quarto com Tuzzi. Seu primo devia ter suspeitado algo desse pensamento, porque perguntou laconicamente:

— Quer experimentar comigo?

— Com o senhor? — respondeu Diotima devagar, procurando defender-se com uma brincadeira inofensiva. — Acaso quer me explicar como imagina isso?

— Imediatamente! — respondeu Ulrich. — Lê muito, não é verdade?

— É certo.

— E o que faz quando lê? Vou responder: sua mente deixa de fora aquilo que não lhe agrada. O autor já fez a mesma coisa. Também omite essas coisas no sonho ou nas fantasias. Portanto, beleza ou excitação aparecem no mundo por exclusão. É evidente que nossa postura no meio da realidade é um compromisso, um estado intermediário no qual as emoções impedem-se mutuamente de se transformarem em paixões, e se misturam em tons cinzentos. Crianças que ainda não assumiram essa postura são mais felizes e mais infelizes do que os adultos, exatamente por isso. E quero acrescentar logo que também os ignorantes são assim: a ignorância traz felicidade. Portanto, sugiro, em primeiro lugar: vamos tentar nos amar como se fôssemos

personagens de um escritor, que se encontram nas páginas de um livro. De qualquer modo, vamos deixar de lado toda a camada de gordura que arredonda a realidade.

Diotima queria fazer objeções; desejava desviar a conversa do terreno pessoal, e mostrar, por outro lado, que compreendia algo das questões abordadas.

— Muito bem — respondeu —, mas dizem que a arte é tirar férias da realidade, para voltar repousado a ela!

— E eu sou tão irracional que digo que não deve haver “férias”! — retrucou o primo. — Que vida essa, que se tem de perfurar periodicamente com férias! Faríamos furos num quadro, só porque ele nos confronta com uma excessiva exigência de beleza?! Será que na felicidade eterna se prevêem semanas de férias? Pois eu lhe digo que até a idéia do sono às vezes me desagrada!

— Ah, está vendo — interrompeu Diotima, apoderando-se daquele exemplo — como é pouco natural o que diz! Um homem sem necessidade de descanso e tréguas? Nenhum exemplo é melhor do que este para esclarecer a diferença entre o senhor e Arnheim! De um lado um espírito que não conhece as sombras das coisas, e de outro, um espírito que se desenvolve na plena humanidade, com sombras e sol!

— Sem dúvida, estou exagerando — concordou Ulrich imperturbável. — Vai reconhecer isso melhor se entrarmos em detalhes. Pensemos nos grandes escritores. Podemos orientar nossa vida por eles, mas não podemos espremer a vida como vinho das obras deles. Deram forma tão firme ao que os comoveu, que tudo aparece como metal laminado nos espaços entre as letras. Mas o que foi que disseram, na verdade? Ninguém sabe. Eles próprios nunca souberam inteiramente. São como um campo sobre o qual voam as abelhas; ao mesmo tempo, são esse próprio vôo. Seus pensamentos e emoções têm todas as gradações da transição entre verdades, ou também erros que somente com esforço se poderiam comprovar, e criaturas mutáveis, que se aproximam ou se esquivam de nós quando as queremos observar.

— É possível destacar da página o pensamento de um livro. Ele nos acena como o rosto de uma pessoa que passa por nós em disparada numa cadeia de outros rostos, e emerge por um breve instante, pleno de significação. Provavelmente estou exagerando de novo; mas queria perguntar o que acontece na nossa vida senão isso que descrevi? Não falarei das impressões exatas, mensuráveis e definíveis, mas todos os demais conceitos sobre os quais repousa nossa vida não são senão metáforas cristalizadas. Entre quantas noções não oscila e paira um conceito tão simples como o da masculinidade? É como um sopro que a cada respiração muda de figura, e nada é firme, nenhuma impressão, nenhuma ordem. Se, como eu disse, deixamos fora da literatura aquilo que não nos serve, tudo o que fazemos é apenas reconstituir o estado original da vida.

— Caro amigo — disse Diotima —, eu acho esses comentários completamente vazios. — Ulrich parará de falar por um instante, e as palavras dela caíram nesse intervalo.”

— É, parece. Espero não ter falado alto demais — disse ele.

— Falou baixo, rápido, e muito — completou ela, um pouco irônica. — Mas apesar disso, não disse uma palavra do que queria dizer. Sabe o que me explicou novamente? Que devíamos acabar com a realidade! Admito que quando ouvi esse seu comentário pela primeira vez, acho que em um de nossos passeios, fiquei pensando nele, por muito tempo, nem sei por quê. Mas infelizmente, mais uma vez não me disse como pretende pôr isso em prática!

É claro que teria então de, pelo menos, falar mais outro tanto. A senhora esperava que fosse coisa simples? Se não me engano, comentou que desejaria sair voando com Arnheim numa espécie de estado de santidade, que encara, portanto, como uma segunda espécie de realidade. O que eu disse significa, porém, que precisamos nos apossar outra vez do irreal; a realidade não tem mais sentido!

— Mas Arnheim dificilmente concordaria com isso! — opinou Diotima.

— Claro que não; essa é a diferença entre nós. Ele quereria dar um sentido ao fato de comer, beber, dormir, ser o grande Arnheim, e não saber se quer ou não se casar com a senhora, e para isso, juntou todos os tesouros do intelecto. — De repente, Ulrich fez uma pausa, que se transformou em silêncio.

Algum tempo depois, perguntou, em outro tom:

— Pode me dizer por que estou falando tudo isso logo consigo? Neste momento, recordo minha infância. Não vai acreditar, mas fui um bom menino, terno como o ar numa noite quente e enluarada. Podia-me apaixonar desmedidamente por um cachorro, uma faca... — Ele também não concluiu aquela frase.

Diotima fitou-o com ar de dúvida. Lembrou-se novamente do quanto um dia ele defendera a “precisão do sentimento”, enquanto hoje falava o contrário. Até acusara Arnheim certa vez de insuficiente pureza de intenção, e hoje falava em “deixar acontecer”. Inquietava-a o fato de Ulrich defender as “emoções sem férias”, enquanto Arnheim dissera ambigualmente que nunca se deveria odiar inteiramente nem amar *completamente!* Esse pensamento a deixava muito insegura.

— Acredita realmente que existe uma sensação ilimitada? — perguntou Ulrich.

— Ah, existe sentimento ilimitado! — respondeu Diotima, recuperando a segurança.

— Veja, não acredito muito nisso — disse Ulrich, distraído. — Estranho, estamos falando nisso, mas é exatamente o que evitamos a vida toda, como se fôssemos nos afogar aí dentro. — Ele notou que Diotima não estava escutando, mas olhava inquieta para Arnheim, cujos olhos procuravam um carro.

— Acho que temos de salvá-lo do general — comentou ela.

— Vou parar um carro e levar o general comigo — se ofereceu Ulrich, e, no momento em que ele se afastava, Diotima colocou a mão em seu braço e disse, para recompensá-lo amavelmente por seus esforços:

— Qualquer sentimento que não seja ilimitado não vale a pena.

## O BICO DO TEU SEIO É COMO UMA PÉTALA DE PAPOULA

Conforme a lei que afirma que depois de períodos de grande solidez acontecem mudanças tempestuosas, também Bonadéia sofreu uma recaída. Suas tentativas de aproximar-se de Diotima tinham sido inúteis, e falhara a bela intenção de punir Ulrich com a amizade das duas rivais, que lhe permitiria, ao mesmo tempo, ficar ao lado dele — fantasia essa à qual dedicara muitos sonhos. Ela teve que se humilhar ba-

tendo novamente na porta do amado, mas esse parecia ter organizado as coisas de tal modo que eles eram interrompidos a toda hora, e na sua fria amabilidade era impermeável aos relatos através dos quais ela queria lhe explicar por que voltara, embora ele não merecesse. O desejo de, por isso, armar uma cena terrível era premente, mas, de outro lado, sua postura de mulher virtuosa lhe proibía tal, de modo que com o tempo começou a sentir grande repulsa pelas virtudes que se impusera. A noite, a cabeça inchada pelo desejo sensual insatisfeito pesava sobre seus ombros como um coco cuja casca, peluda como um macaco, tivesse crescido para dentro por algum engano da natureza, e por fim ficou tão cheia de raiva impotente quanto um beerrão a quem tiraram a garrafa. Insultava Diotima, chamando-a em pensamento de farsante, de mulherzinha insuportável, e sua fantasia não poupava aquela nobreza feminina, cujo encanto era o segredo de Diotima, de embasados comentários. A imitação da aparência exterior da outra, que lhe dera tanta alegria, tornou-se uma prisão para Bonadéia, que dela escapou com uma liberalização desenfreada; tesoura de fazer cachos e espelho perderam o poder de transformá-la numa figura ideal, e com isso também desmoronou aquele estado de consciência artificial em que estivera. Até o sono, que, apesar dos conflitos de sua vida, sempre fora um grande prazer para Bonadéia, agora por vezes demorava um pouco a chegar à noite, o que era tão novo para ela que lhe parecia uma insônia doentia; e nesse estado sentiu o que sentem todas as pessoas realmente enfermas: a mente lhes foge, abandona o corpo como quem abandona um ferido. Quando Bonadéia jazia em suas lutas como sobre uma areia escaldante, todas aquelas frases inteligentes, que tanto admirara em Diotima, lhe pareciam muito remotas, e sentia sincero desprezo por elas.

Como não conseguisse se decidir a procurar Ulrich mais uma vez, arquitetou várias vezes um plano para reconquistá-lo para as emoções naturais, e o que primeiro concluiu foi o fim desse plano: Bonadéia entraria na casa de Diotima quando Ulrich estivesse com a sedutora. Obviamente, as reuniões em casa dela eram apenas pretexto para flertes, e não para algum trabalho comunitário real. Bonadéia, sim, faria algo pela comunidade, e com isso estava pronto também o começo de seu plano: pois ninguém mais se interessava por Moosbrugger, que estava se acabando enquanto os outros faziam belas frases! Bonadéia não se espantou nem um momento com o fato de que mais uma vez Moosbrugger a salvaria de uma aflição. Se tivesse refletido melhor a seu respeito, ela o teria achado medonho; mas só pensava: “Se Ulrich tem tanta simpatia por ele, não quero que o esqueça!” Depois, dedicando-se a seu plano, ocorreram-lhe mais dois detalhes: lembrou que, falando sobre esse assassino, Ulrich afirmara que as pessoas têm uma segunda alma, sempre inocente, e que um homem responsável pode agir de outra forma, mas o irresponsável jamais; ela concluiu que desejava ser irresponsável para ser inocente, estado em que Ulrich também não se encontrava mas que ela podia, para sua salvação, lhe devolver.

Vestida como se fosse a uma recepção, passou várias noites debaixo das janelas de Diotima, e não precisou esperar muito para que estas se iluminassem em toda a fachada, revelando a atividade em seu interior. Dissera ao marido que fora convidada mas que nunca ficava muito tempo nas reuniões; e nos poucos dias em que lhe faltou coragem, dessa mentira, e desse caminhar de um lado para outro diante da casa onde não tinha lugar, foi surgindo um impulso crescente que em breve a levaria às escadarias. Podia ser vista por conhecidos, por seu marido que talvez passasse por ali casualmente; poderia chamar a atenção do zelador, um guarda poderia ter a idéia de in-

terrogá-la: quanto mais freqüentemente repetia seu passeio, tanto mais plausível lhe pareceu que, se hesitasse muito tempo, haveria algum incidente. Pois bem, Bonadéia não raro se esgueirava por portais ou caminhos onde não queria ser vista, mas tivera então a seu lado, como anjo da guarda, a consciência de que aquilo era inevitável para alcançar seus objetivos, enquanto que, desta vez, pretendia entrar numa casa onde não era esperada, e não fazia idéia do que poderia acontecer; sentiu-se como uma mulher que vai cometer um atentado terrorista, e no começo não imagina o que vai suceder, mas, ajudada pelas circunstâncias, é levada ao estado em que o estouro de uma pistola, ou o brilho das gotas de ácido muriático pelo ar já não dão exaltação alguma.

Bonadéia não tinha intenções desse tipo, mas estava num estado de espírito de alheamento semelhante, quando por fim realmente apertou a campainha da porta e entrou. A pequena Raquel aproximara-se discretamente de Ulrich anunciando que alguém desejava lhe falar lá fora, sem revelar que esse “alguém” era uma estranha dama coberta de véus. Quando ela fechou a porta do salão atrás dele, Bonadéia ergueu os véus do rosto. Naquele momento estava firmemente convencida de que o destino de Moosbrugger não permitiria mais adiamentos, e não recebeu Ulrich como uma amante atormentada de ciúmes, mas ofegante como um corredor de maratona. Sem esforço, mentiu que seu marido lhe dissera no dia anterior que em breve não se poderia mais salvar Moosbrugger.

— Não há nada que eu odeie tanto — concluiu — quanto esse obsceno jeito de assassinar alguém; mas apesar disso, corri o risco de ser recebida como intrusa nesta casa, porque se você pretende conseguir alguma coisa, terá de voltar imediatamente para junto da dona da casa, e seus influentes convidados, para lhes expor esse assunto!

Ela não sabia o que a esperava. Será que Ulrich agradeceria comovido, chamaria Diotima, para que se juntasse a eles dois em algum aposento reservado? Ou será que Diotima, atraída para o vestibulo pelas vozes alteradas, daria a ela, Bonadéia, a oportunidade de mostrar que era a mais apta para cuidar dos nobres sentimentos de Ulrich! Seus olhos reluziram, úmidos, suas mãos tremiam. Ela falava alto. Ulrich ficou muito constrangido, e sorria o tempo todo, como artifício desesperado para tranquilizá-la e ter tempo de refletir no jeito de convencê-la de que precisava ir embora imediatamente. A situação era difícil e talvez tivesse terminado com um acesso de gritos ou choro de Bonadéia, não fosse Raquel, que veio em auxílio dele. A pequena Raquel estivera parada perto deles todo o tempo, com olhos brilhantes e arregalados. Logo pressentira algo de aventureiro na maneira como aquela bela dama, com o corpo todo agitado, pedira para falar com Ulrich. Ouviu grande parte da conversa, e as sílabas do nome Moosbrugger entraram em seus ouvidos como tiros. A voz da mulher, modulada por ondas de desejo e ciúme, arrebatava-a, embora não compreendesse esses sentimentos. Adivinhou que aquela dama era amante de Ulrich, e imediatamente ficou duas vezes mais apaixonada por ele. Sentia-se impelida a fazer alguma coisa, como se, ouvindo alguém cantar com grande fervor, tivesse de cantar também. Por isso, pedindo discrição com o olhar, abriu uma porta e convidou os dois a entrarem no único aposento que os convidados não estavam ocupando. Era a primeira deslealdade evidente contra sua patroa, pois não podia haver dúvida sobre o que aconteceria se fossem descobertos; mas o mundo era tão belo, e uma excitação dessas era tão inusitada, que ela nem chegou a refletir a respeito disso.



Quando a luz se acendeu e os olhos de Bonadéia viram aos poucos onde ela estava, suas pernas quase fraquejaram, e um rubor de ciúme lhe subiu às faces, pois era o quarto de dormir de Diotima; meias, escovas de cabelo e muitas outras coisas encontravam-se por ali, tudo o que fica depois que uma mulher se veste da cabeça aos pés apressadamente para uma festa, e a criada não teve tempo de arrumar, ou deixou de fazer isso porque, como era o caso, de qualquer modo terá de fazê-lo meticulosamente na manhã seguinte; pois nas grandes noites de festa também o quarto precisava servir para guardar móveis e esvaziar os outros aposentos. O ar cheirava àqueles móveis amontoados, a pó-de-arroz, sabonete e essências.

— A pequena fez uma bobagem. Não podemos ficar aqui! — disse Ulrich, rindo. — Aliás, você não devia ter vindo, afinal não se pode fazer nada pelo Moosbrugger.

— Está dizendo que eu não devia ter-me dado o incômodo de vir aqui? — repetiu Bonadéia, quase sem voz. Seus olhos erravam pelo quarto. E indagava-se torturada: como aquela mocinha teria tido a idéia de trazer Ulrich para a parte mais íntima da casa, se não estivesse habituada a isso?! Mas não teve coragem de jogar-lhe ao rosto essa prova, apenas disse, numa acusação em tom inexpressivo:

— Você consegue dormir tranquilo diante de uma injustiça dessas? Eu estou há noites sem dormir, por isso resolvi procurá-lo!

Agora voltara as costas para o quarto, parará junto da janela e olhava fixamente a penumbra ofuscante que se erguia lá fora. Podiam ser copas de árvores, ou o fundo de algum pátio. Não dava, portanto, para a rua. Apesar de estar tão nervosa, reconheceu a localização do quarto; era devassado por outras janelas, e, dando-se conta de que estava sozinha com seu amante infiel, com as cortinas abertas, iluminada pelas lâmpadas, diante de uma escura sala de espectadores, no quarto de dormir de sua rival, ficou excitadíssima. Tirara o chapéu e abrira o manto, a testa e os bicos quentes de seus seios tocavam as vidraças frias, lágrimas molhavam seus olhos. Afastou-se devagar e virou-se outra vez para o amigo, mas algo daquele negrume macio e suave que estivera olhando estava preso aos seus olhos, que tinham agora uma inconsciente profundidade.

— Ulrich! — disse, veemente. — Você não é mau! Apenas finge ser! Está sempre criando dificuldades para ser bom!

A situação voltou a ficar perigosa com aquelas palavras excessivamente inteligentes de Bonadéia; dessa vez, não era o anseio ridículo de uma mulher dominada por seu corpo, procurando consolo na nobreza espiritual; ali falava a própria beleza daquele corpo, reclamando seu direito à terna dignidade do amor. Ele foi até junto de Bonadéia, e passou o braço pelo seu ombro; tinham-se virado novamente para a escuridão, e olharam juntos para fora. Naquela treva aparentemente sem limites escorrera um pouco de luz vinda da casa, como quando um nevoeiro denso enche o ar com sua maciez. Por algum motivo, Ulrich teve a forte impressão de que olhava para uma suave e fria noite de outubro, embora fosse fim de inverno, e achou que a cidade estava envolta por ela como num gigantesco cobertor de lã. Depois, lembrou-se de que também se podia dizer que um cobertor de lã parece uma noite de outubro. Sentia na pele uma doce insegurança, e apertou Bonadéia contra si.

— Você vai entrar agora? — perguntou Bonadéia.

— E impedir a injustiça que querem fazer com Moosbrugger? Não. Nem sei mais se realmente é uma injustiça! Que sei dele? Só o vi uma vez rapidamente du-

rante o julgamento, e li algumas coisas que se escreveram a seu respeito. É como se eu tivesse sonhado que o bico do teu seio é uma pétala de papoula. Só por isso devo acreditar que é mesmo?

Ele refletia. Bonadéia também refletia. Ele pensava, “na verdade cada pessoa, mesmo objetivamente, não significa para outra muito mais do que uma série de símbolos”.

Bonadéia, refletindo, decidiu:

— Venha, vamos embora!

— Impossível! — disse Ulrich. — Iriam perguntar onde estive, e se descobrissem sua visita, seria bem desagradável.

Silêncio. Olhavam para fora, e algo que podia ser noite de outubro, noite de janeiro, cobertor de lã, dor ou felicidade, não sabiam direito, os unira novamente.

— Por que você nunca faz o que seria mais óbvio? — perguntou Bonadéia. De repente, ele recordou um sonho que devia ter tido nos últimos tempos.

Ulrich era uma das pessoas que raramente sonham ou, pelo menos, nunca se lembram dos sonhos, e ficou singularmente comovido vendo que essa lembrança se abria de repente deixando-o entrar. Tentava em vão várias vezes subir uma encosta de montanha íngreme, e sempre recuava com intensa vertigem. Sem maior explicação, entendia agora que aquela experiência se relacionava com Moosbrugger, que não aparecia no sonho. E como muitas vezes um sonho tem vários significados, também corporificava as vãs tentativas do seu espírito, que nos últimos tempos haviam-se manifestado em suas conversas e relações, e pareciam caminhar sem uma trilha certa que nunca avança além de determinado ponto. Ele sorriu da ingênua solidez com que seu sonho representara isso: pedra lisa e terra que deslizava, aqui e ali uma árvore isolada como objetivo ou apoio, e, ao andar, a vertiginosa diferença de alturas. Ele tentara subir e descer com o mesmo insucesso, e sentia náuseas por causa da vertigem, quando declarou a alguém que ia a seu lado: vamos esquecer isso, bem lá embaixo, no vale, passa o confortável caminho comum!

Fora bem nítido! E Ulrich achou que essa pessoa bem poderia ser Bonadéia. Talvez ele realmente tivesse sonhado que o bico do seio dela fosse uma pétala de papoula; algo desconexo que podia ser largo e recortado, algo azul-avermelhado com tons escuros de malva, destacava-se de um canto ainda sombrio do sonho, como um nevoeiro.

Nesse momento surgiu aquele clarão da consciência em que, com um olhar, vemos nossos próprios bastidores e tudo o que se desenrola entre eles, embora não se possa nem de longe explicar tal impressão. A relação entre o sonho e o que ele exprime lhe era sabida, nada senão a relação de analogia, de metáfora, que já muitas vezes o interessara. Um símbolo contém uma verdade e uma inverdade, que para a emoção estão indissoluvelmente unidas. Se o tomarmos como é e o plasmarmos com os sentidos, à moda da realidade, surgem sonho e arte, mas entre estes e a verdadeira, plena vida, ergue-se uma parede de vidro. Se o tomarmos com a razão, separando o que não coincide do que coincide perfeitamente, surgem a verdade e o saber, mas a emoção acaba destruída. Como aquelas estirpes de bactérias que dividem em duas partes algo orgânico, a estirpe humana ao viver fragmenta o estado original de vida do símbolo: na matéria sólida da realidade e da verdade, e na vítrea atmosfera da intuição, fé e artifício.

Parece que não há uma terceira possibilidade intermediária; mas quantas vezes algo incerto acaba desejado, quando o atacamos sem refletir muito! No torvelinho das ruas pelo qual seus pensamentos e emoções o levavam com frequência, Ulrich tinha a sensação de estar parado na praça principal da qual todas partem. E falara um pouco sobre isso a Bonadéia, quando ela perguntara por que ele nunca fazia o mais óbvio. Ela não compreendera, mas decididamente estava em plena forma; refletiu um pouco, enfiou mais seu braço no de Ulrich e respondeu resumindo:

— No sonho você não pensa, mas vive uma história qualquer!

Era quase verdade. Ele lhe apertou a mão. De repente, Bonadéia estava outra vez com lágrimas nos olhos. Corriam-lhe pelo rosto bem devagar, e sua pele banhada de sal exalou o indescritível aroma do amor. Ulrich o inspirou, e sentiu grande desejo daquela coisa escorregadia e velada, de entrega e de olvido. Mas controlou-se e levou-a ternamente de volta à porta. Naquele momento, teve certeza de que ainda tinha algo pela frente, e de que não o devia malbaratar em inclinações tão débeis.

— Você tem de ir agora — disse baixinho. — E não fique zangada comigo, não sei quando nos veremos de novo, ando muito ocupado comigo mesmo!

E aconteceu o milagre. Bonadéia não fez objeção, não falou como uma majestade ofendida. Não sentia mais ciúmes; sentiu que estava vivendo uma história. Gostaria de envolvê-lo nos braços; intuía que era preciso puxá-lo para a terra; acima de tudo teria querido traçar uma cruz protetora na testa dele, como fazia com seus filhos. E achou isso tão belo, que nem lhe ocorreu que era o fim.

Pôs o chapéu na cabeça e beijou-o, depois beijou-o mais uma vez através do véu cujos fios ficaram quentes como grades em fogo.

Com a ajuda da criada, que ficara vigiando e escutando diante da porta, Bonadéia conseguiu sair sem ser notada, embora na casa começasse o movimento dos convidados que partiam. Ulrich deu uma gorjeta maior a Raquel por causa disso, e disse algumas palavras elogiosas sobre sua presença de espírito; Raquel ficou tão entusiasmada com as duas coisas que, sem notar, seus dedos seguraram a mão dele junto com o dinheiro até que ele riu e deu um tapinha amável no ombro da moça ruborizada.

## AS DUAS ÁRVORES DA VIDA E A EXIGÊNCIA DE UM SECRETARIADO-GERAL DA EXATIDÃO E DA ALMA

Nessa noite não havia mais tantos convidados na casa dos Tuzzi como antigamente, a participação na Ação Paralela diminuía, e os que tinham vindo saíam mais cedo que de costume. Mesmo a chegada de Sua Alteza no último instante — aliás, com um ar preocupado e sombrio, e mal-humorado porque recebera notícias consternadoras sobre as conspirações nacionalistas contra sua obra — não conseguiu deter essa corrosão. As pessoas hesitavam um pouco, esperando que sua vinda trouxesse novidades especiais, mas como ele não comentasse nada e pouco ligasse para os presentes, os últimos também se foram. Por isso, ao voltar, Ulrich notou, assustado,

que os aposentos estavam quase vazios, e pouco depois só o “círculo mais íntimo” ficava sozinho nos salões desertos, acrescido do subsecretário Tuzzi que voltara para casa.

Sua Alteza repetiu:

— Também se pode chamar de símbolo um soberano da paz, de oitenta e oito anos; há nisso uma grande idéia; mas é preciso conferir-lhe também conteúdo político! De outro modo, é natural que o interesse diminua. Como vêm, fiz tudo o que depende de mim; os nacionalistas alemães estão furiosos por causa do Wisnieccky, pois dizem que é um eslavófilo, e os eslavos também estão furiosos porque dizem que nos seus tempos de ministro ele foi um lobo em pele de cordeiro. Mas daí decorre apenas que ele é uma verdadeira personalidade patriótica, acima dos partidos, e dou-lhe meu apoio! Isso precisa, porém, ser complementado o mais depressa possível a nível cultural, para que as pessoas tenham algo de positivo. Nossa enquete quanto à constatação da vontade dos grupos da população participantes avança muito devagar. Um Ano Austríaco ou um Ano Mundial é uma coisa muito bonita, mas penso que tudo o que é símbolo precisa aos poucos tornar-se verdadeiro; isto é, enquanto for símbolo, deixo que excite minha emoção, sem nada saber, mas mais tarde me afasto do espelho da emoção e faço outra coisa que nesse meio tempo aprendi a apreciar. Compreendem o que quero dizer? Nossa cara e prezada senhora realiza os maiores esforços, e já há meses falamos sobre as questões realmente dignas de nota, mas a participação vai diminuindo, e sinto que em breve teremos de tomar alguma decisão; não sei qual, talvez erigirmos uma segunda torre na Igreja de Santo Estêvão, ou uma colônia imperial e real na África, tanto faz. Pois estou convencido de que, no último momento, aparecerá alguma coisa bem diferente: o principal é que temos de pegar em tempo as rédeas da capacidade inventiva dos participantes, para que não se perca!

O Conde Leinsdorf sentiu que sua fala fora útil. Arnheim tomou a palavra, respondendo pelos outros.

— É extraordinariamente verdadeiro o que Vossa Alteza diz sobre a necessidade de fecundar a reflexão através da ação, ainda que seja só transitoriamente! E nesse contexto é realmente significativo que no grupo intelectual que se reúne aqui haja agora um estado de ânimo diferente. A profusão que nos fazia sofrer no começo desapareceu; quase não surgem novas sugestões, as mais antigas praticamente nem são mais mencionadas; de qualquer modo, ninguém as defende persistentemente. Isso dá a impressão de que por todos os lados despertou a consciência de que, aceitando o convite, as pessoas assumiram a obrigação de chegarem a um acordo unânime, de modo que qualquer sugestão razoável poderá ser aceita por todos.

— Meu caro doutor, e nós? — Sua Alteza dirigiu-se a Ulrich, cuja presença acabara de notar. — As coisas já estão mais claras?

Ulrich teve de responder negativamente. Diálogos escritos podem ser prolongados com muito mais prazer do que encontros pessoais, e a quantidade de propostas de emendas não diminuía; assim, ele continuava fundando associações e, em nome de Sua Alteza, encaminhava-as aos mais diversos ministérios, cuja disposição de se ocupar com elas se reduzira notavelmente nos últimos tempos. E foi isso que relatou.

— Não admira! — disse Sua Alteza, virando-se para os presentes. — Nosso povo é dotado de um incrível senso cívico; mas seria preciso ter a cultura de uma enciclopédia para poder satisfazê-lo em tudo aquilo que manifesta. Os ministros simplesmente se cansaram, e isso prova que chegou a hora de intervirmos, de cima.

— Nesse contexto — Arnheim tomou de novo a palavra — Vossa Alteza deve achar notável que o Sr. General von Stumm tenha despertado cada vez mais a atenção dos participantes das reuniões.

O Conde Leinsdorf olhou pela primeira vez para o general.

— E por quê? — perguntou, sem se esforçar por disfarçar a descortesia dessa pergunta

— Lamento muito! Não tive absolutamente essa intenção! — reagiu Stumm von Bordwehr, envergonhado. — O soldado tem apenas uma modesta missão na sala de conferências, e levo a sério esse preceito. Mas Vossa Alteza recorda que, logo na primeira sessão, e, por assim dizer, apenas cumprindo meu dever de soldado, pedi que a comissão para a elaboração de uma idéia especial pensasse, caso não lhe ocorresse nada melhor, no fato de nossa artilharia precisar de armamentos modernos, e que também nossa marinha não tem navios, isto é, não tem navios suficientes para a missão eventual de defesa do país...

— E...? — interrompeu Sua Alteza, lançando para Diotima um espantado olhar que revelava abertamente o seu desgosto.

Diotima ergueu os belos ombros e deixou-os cair resignadamente; estava quase habituada a ver o generalzinho gorducho, guiado por forças que incompreensivelmente o ajudavam, aparecer como um pesadelo por toda parte para onde ela se voltasse.

— E — prosseguiu Stumm von Bordwehr apressado, para não ser dominado pela modéstia diante do seu sucesso — nos últimos tempos, levantaram-se vozes que apoiariam isso, caso alguém desejasse dar início a essa sugestão. Foi dito que o exército e a marinha são um pensamento comum, e mesmo uma grande idéia, que provavelmente daria uma alegria a Sua Majestade. E os prussianos haveriam de arregalar os olhos... desculpe, Senhor von Arnheim!

— Qual nada, os prussianos não iriam arregalar os olhos — negou Arnheim, sorrindo. — Aliás, é evidente que, quando se fala desses problemas austríacos, eu nem estou presente, e apenas com grande modéstia faço uso da permissão de mesmo assim poder escutar.

— Pois, em todo caso — concluiu o general —, realmente ouviram-se vozes que julgaram ser mais simples não continuarmos apenas falando, mas que decidíssemos em favor de algum propósito militar. Pessoalmente, penso que isso se poderia ligar a uma segunda, talvez grandiosa idéia de caráter civil; mas, como disse, o soldado não deve interferir, e as vozes que disseram que a idéia civil não dará melhor resultado provêm exatamente dos mais elevados meios intelectuais.

Sua Alteza escutava com olhos fixos, bem abertos, e só vagas insinuações daquele involuntário giro de polegares, que não conseguia evitar, traíam o fatigante e penoso trabalho em seu interior.

O subsecretário Tuzzi, o qual não estava habituado a ouvir, interveio, lentamente e em voz baixa:

— Não creio que o ministro do exterior tivesse qualquer objeção!

— Ah, então as fontes competentes já o informaram? — perguntou o Conde Leinsdorf, irônico e irritado. Tuzzi respondeu com amável indiferença:

Vossa Alteza está brincando a respeito dos órgãos competentes. O Ministério da Guerra preferiria o desarmamento mundial a colaborar com o Ministério do decidíssemos

— Exterior. — E então continuou seu relato: — Vossa Alteza conhece a história das

fortificações no Tirol do Sul, construídas nos últimos dez anos por ordem do chefe do estado-maior? Dizem que são impecáveis e têm as mais modernas instalações. Naturalmente foram instaladas também cercas eletrificadas e grandes holofotes, e até providenciaram motores a diesel subterrâneos para fornecer energia; não se pode dizer que estejamos atrasados. A infelicidade é apenas que os motores foram encomendados pela seção de artilharia, e o combustível é fornecido pelo setor de construções do Ministério da Guerra; essa é a prescrição, e por isso não podem fazer funcionar as instalações, já que os dois departamentos não conseguem chegar a um acordo quanto aos fósforos necessários para iniciar o funcionamento: devem ser considerados material combustível, e fornecidos pelo setor de construções, ou são acessórios do motor e, portanto, pertencem à artilharia?

— Que delícia! — disse Arnheim, embora soubesse que Tuzzi estava confundindo o motor a diesel com motor a gás, e que mesmo neste caso há muito não se usavam mais fósforos; era uma daquelas histórias que circulam nos departamentos, cheias de adorável auto-ironia, e o tom de voz do subsecretário mostrava o quanto se divertia com ela. Todos sorriram, ou riram, o General Stumm parecia o mais divertido de todos.

— Mas a culpa disso é unicamente dos senhores do governo civil — disse, prolongando a anedota —, pois sempre que adquirimos alguma coisa não devidamente coberta pelo orçamento, o Ministério das Finanças nos diz imediatamente que não entendemos nada de um governo constitucional. Se, antes de terminar o ano orçamentário, irrompesse uma guerra, que Deus nos livre, teríamos de dar permissão telegráfica ao comandante das fortificações, no primeiro dia de mobilização, ainda ao nascer do sol, para comprar fósforos; e se não o conseguissem, lá nos seus picos de montanha, só lhes restaria guerrear com os fósforos de seus ordenanças!

O general certamente se excedera; pelo fino tecido da anedota passava novamente a ameaçadora gravidade da situação da Ação Paralela. Sua Alteza disse, pensativo:

— Com o passar do tempo... — mas depois, lembrou-se de que é mais inteligente deixar os outros falarem em situações difíceis, e não concluiu sua frase. As seis pessoas calaram-se por um momento, como se estivessem em torno de um poço, olhando para o fundo dele.

Diotima disse:

— Não, é impossível!

— O quê? — perguntaram todos os olhares.

— Fariamos uma coisa de que acusamos a Alemanha: armamentismo! — concluiu sua frase. A alma dela ignorara as anedotas, ou as esquecera, e continuava pensando no sucesso do general.

— Mas, e o que vai acontecer? — perguntou o Conde Leinsdorf agradecido e preocupado. — Temos de encontrar ao menos uma idéia provisória!

— A Alemanha é um país bastante ingênuo, transbordando de força! — disse Arnheim como se devesse responder com uma desculpa à censura de sua amiga. — Trouxeram-lhe a pólvora e a aguardente.

Tuzzi sorriu dessa comparação, que lhe pareceu mais do que ousada.

— Não se pode negar que a Alemanha é tratada com crescente repulsa nos meios em que nossa Ação ainda deve atingir — o Conde Leinsdorf não deixou escapar a oportunidade de fazer esse comentário. — Infelizmente, até mesmo nos meios que já atingimos! — acrescentou, com ar de oráculo.

Ficou surpreso quando Arnheim declarou que isso não o espantava

— Nós alemães — disse este — somos um povo infeliz; não apenas moramos no coração da Europa, mas sofremos como esse coração...

— Coração? — perguntou sem querer o Conde Leinsdorf. Esperara cérebro em lugar de coração, o que seria mais fácil de aceitar. Mas Arnheim fincou pé no coração.

— Recorda-se — perguntou ele — de que há pouco tempo a administração municipal de Praga fez uma grande encomenda à França, embora nós lhe tivéssemos feito uma oferta melhor e mais barata? Isso é simplesmente antipatia por nós. E devo dizer que a compreendo perfeitamente.

Antes que ele pudesse prosseguir, Stumm von Bordwehr pediu a palavra, satisfeito, e explicou a coisa.

— No mundo inteiro, as pessoas se atormentam, mas na Alemanha, mais ainda. No mundo inteiro, as pessoas fazem barulho, mas na Alemanha, o barulho é maior. Por toda parte, o comércio perdeu a ligação com a cultura milenar, mas no *Reich* foi ainda pior. Por toda parte, naturalmente se mete na caserna o melhor da juventude, mas os alemães têm mais casernas do que todos. Por isso, de certa forma é um dever fraterno — concluiu — não ficarmos muito atrás da Alemanha. Peço perdão se pareço paradoxal, mas o intelecto anda atualmente cheio de complicações!

Arnheim balançou a cabeça, concordando.

— Talvez na América seja ainda pior — acrescentou —, mas pelo menos lá são totalmente ingênuos, sem a nossa fragmentação espiritual. Somos em todos os aspectos o povo do meio, onde se cruzam todos os motivos do mundo. Em nós, necessidade de síntese é mais premente. Sabemos disso. Temos uma espécie de consciência do pecado. Mas, como disse de saída, a justiça também exige que se admita que sofremos pelos outros, que assumimos os erros deles como modelo, que somos de certa forma detratados ou crucificados pelo mundo, ou seja lá como quiserem dizer. E uma conversa da Alemanha é a coisa mais importante que poderia acontecer. Suspeito que nessa posição dividida e, como parece, um tanto apaixonada, contra nós, da qual Vossa Alteza falou, existe uma vaga noção desse fato!

Nisso, Ulrich se intrometeu.

— Os cavalheiros estão menosprezando as correntes favoráveis à Alemanha. Tenho uma notícia fidedigna de que em tempos muito próximos será feita uma manifestação violenta contra nossa Ação, porque entre os austríacos ela é considerada hostil à Alemanha. Vossa Alteza há de ver a população de Viena nas ruas. Vão manifestar contra a convocação do Barão Wisnietzky. Presume-se que os senhores Arnheim e Tuzzi estão secretamente conluídos, mas que Vossa Alteza contraria a influência alemã na Ação Paralela.

O olhar do Conde Leinsdorf tinha agora algo da calma de um sapo e da irritação de um touro. Os olhos de Tuzzi ergueram-se vagarosos e quentes, fixando-se interrogativamente em Ulrich. Arnheim deu uma risada franca e levantou-se; desejaria poder encarar o subsecretário com um humor cortês para assim desculpar-se da absurda acusação que lançavam contra os dois, mas como não conseguisse apanhar o olhar do outro, virou-se para Diotima. Enquanto isso, Tuzzi pegara Ulrich pelo braço e perguntava-lhe onde tinha conseguido aquela novidade. Ulrich respondeu que não era segredo, mas um boato público largamente difundido, que escutara numa residência

particular. Tuzzi aproximou o rosto e forçou-o assim a baixar o seu; protegido, sussurrou-lhe de repente:

— Ainda ignora por que Arnheim está aqui? Ele é um amigo íntimo do Príncipe Mosjoutoff, e *persona grata* junto ao czar. Tem ligações com a Rússia, e deve exercer influência pacifista sobre a Ação local. Tudo não-oficial, por assim dizer uma iniciativa particular do soberano russo. Questões ideológicas. Um prato para o senhor, meu amigo! — concluiu zombeteiramente. — Leinsdorf não faz a menor idéia disso!

O subsecretário Tuzzi soubera dessa notícia através do seu aparelho profissional. Acreditava nele porque considerava o pacifismo um movimento que combinava bem com as intenções de uma mulher bonita, e explicava aquele fervor de Diotima em relação a Arnheim, e a razão de Arnheim passar mais tempo na sua casa do que em outro local qualquer. Antes, andara quase sentindo ciúmes. Considerava inclinações espirituais possíveis, mas só até certo ponto, e não queria usar de astúcia para descobrir se esse grau de relacionamento se mantinha; por isso, obrigara-se a confiar na mulher; mas se esse sentido de uma atitude viril modelar era mais forte do que os sentimentos sexuais, mesmo assim ele sentia suficiente ciúme para, pela primeira vez, entender que um profissional jamais tem tempo de vigiar sua esposa se não quiser negligenciar suas obrigações. Dizia a si próprio que, se um maquinista não deve levar uma mulher na locomotiva, um homem que dirige um império também não pode ter ciúmes, mas a nobre ignorância em que dessa forma ficava não combinava por seu turno com a diplomacia, e roubava de Tuzzi algo de sua segurança profissional. Por isso, reencontrou agradecido a autoconfiança, já que tudo o que o inquietava parecia explicar-se de maneira tão inofensiva. E achou até que era um pequeno castigo para sua mulher, o fato de ele saber tudo sobre Arnheim, enquanto ela não via nele senão o ser humano, sem fazer idéia de que era um emissário do czar. Tuzzi lhe pedia reiteradas explicações de menor porte, divertindo-se muito, e ela respondia, a um tempo impaciente e condescendente; ele imaginara toda uma série de perguntas aparentemente inocentes, cujas respostas lhe dariam certas indicações. O esposo bem que teria gostado de contar um pouco de tudo aquilo ao “primo”, sem expor sua mulher, quando o Conde Leinsdorf reassumiu a direção da conversa. Fora o único a ficar sentado, e ninguém notara o que acontecera no seu íntimo com todas aquelas dificuldades que se tinham amontoado. Parecia ter armazenado sua disposição de luta, torceu a barba à Wallenstein, e disse, lenta e firmemente:

— Alguma coisa tem que acontecer.

— Vossa Alteza tomou alguma decisão? — perguntaram.

— Não me ocorreu coisa alguma — respondeu ele com simplicidade —, mas apesar disso tem de acontecer alguma coisa! — E ficou sentado como um homem que não vai se mexer enquanto não impuser sua vontade.

A força que dele emanava fazia com que todos sentissem os próprios esforços vazios para encontrar alguma sugestão, tremelicando no íntimo como uma moeda perdida num cofre, que, embora sacudida, não quer sair pela fenda.

Arnheim disse:

— Ora, não nos podemos orientar por esses incidentes!

Leinsdorf não respondeu.

Repetiu-se novamente todo o histórico das sugestões que teriam dado um conteúdo à Ação Paralela.



O Conde Leinsdorf respondia como um pêndulo que sempre muda de posição e logo volta pelo mesmo caminho.

— Isso não é permitido por consideração com a Igreja. Isso não é permitido em consideração aos livres-pensadores. Isso sofre oposição da Liga dos Arquitetos. Isso merece objeções de parte do Ministério das Finanças. — E assim por diante, interminavelmente.

Ulrich, que mantinha-se de fora, sentia que as cinco pessoas que ali falavam eram a repentina cristalização de uma água turva que o rodeara e inibira seus sentidos meses a fio. O que significava ter dito a Diotima que era preciso dominar o irreal ou, noutra ocasião, que era preciso eliminar o real? Lá estava ela sentada, lembrando aquelas frases, e devia pensar uma porção de coisas dele. Como chegara ao ponto de lhe contar aquelas coisas, sobre dever viver como um personagem numa página de livros? Supôs que ela já devia ter contado tudo isso há muito tempo a Arnheim!

Ele também pensava saber tão bem como todo mundo que horas eram e quanto custava um guarda-chuva! Se, apesar disso, naquele momento assumia uma posição entre si mesmo e os outros, a igual distância de ambos, isso não se revestia de uma aparência esquisita, como pode acontecer quando estamos amortecidos e distraídos; ao contrário, voltara a sentir um clarão em sua vida, como sentira antes na presença de Bonadéia. Lembrava-se de ter ido às corridas com os Tuzzi no outono, recentemente. Acontecera um incidente, com perdas suspeitas nas apostas, e a multidão pacífica se transformara, num abrir e fechar de olhos, num mar que inundou o terreno, quebrando o que estava a seu alcance e saqueando as caixas, para depois, por ação da polícia, voltar a acomodar-se na forma de uma platéia sossegada, querendo sua inocente diversão habitual. Diante de tais ocorrências era ridículo pensar em metáforas e diluídas formas-limite, que a vida provável ou improvavelmente pode assumir. Havia agora em Ulrich uma compreensão intacta da vida como um estado difícil e aflitivo, no qual não se deve pensar demais no amanhã, porque já temos bastantes dificuldades com o dia de hoje. Como se podia ignorar que o mundo humano não é vaporoso, mas pede a mais sólida firmeza, porque a qualquer irregularidade receia descontrolar-se totalmente? Mas ainda, como é que um bom observador poderia não reconhecer que essa mistura vital de preocupações, impulsos e idéias, que malbarata as idéias para se justificar, ou as utiliza como excitante, atua sobre elas, formando-as e unindo-as, conferindo-lhes assim movimento e limitações naturais? Esmagamos as uvas para obter vinho, mas quão mais belo do que um lago de vinho é o vinhedo com sua terra, áspera e intragável, e suas fileiras de cepas cintilantes de madeira morta! “Em suma”, pensou ele, “a criação não surgiu por amor a uma teoria, mas”... ele quis dizer, por violência, mas outra palavra se intrometeu, e seu pensamento terminou assim: “mas ela surge da violência e do amor, e a habitual ligação entre esses dois é falsa!”

Nesse momento, amor e violência voltavam a não ser inteiramente conceitos comuns para Ulrich. Toda a sua tendência para o que era duro e cruel estava na palavra violência, significava emanção de toda a postura cética, objetiva e alerta; pois uma certa violência fria e brutal penetrara até mesmo em suas tendências profissionais, de modo que talvez não tivesse se tornado matemático sem intenção de crueldade. Aquilo ligava-se como a ramagem de uma árvore que recobre o próprio tronco. E como quando não se fala em amor apenas no sentido habitual, mas, dizendo seu nome, se tem nostalgia de um estado diferente da falta de amor, que atinja cada átomo do corpo; ou quando sentimos ter toda as qualidades e nenhuma; ou quando estamos

sob a impressão de que acontece sempre a mesma coisa, porque a vida — que estourando de ilusões sobre o aqui e agora é em última análise um estado muito incerto e de fato totalmente irreal! se lança em dúzias de formas de bolo que constituem a realidade; ou quando sentimos que, em todos os círculos em que giramos, falta um pedaço; que de todos os sistemas que construímos, nenhum possui o segredo do repouso: tudo isso, que parece tão diverso, pende reunido como ramos de uma árvore que escondem o tronco por todos os lados.

Nessas duas árvores, sua vida crescia dividida. Ele não sabia dizer quando entrara sob o signo da árvore de ramadas intrincadas, mas acontecera cedo, pois já seus imaturos planos napoleônicos mostravam o homem que encarava sua vida como uma tarefa na qual aplicar seu dinamismo e vocação. Esse impulso de atacar a vida, e de dominá-la, sempre fora bem claro, quer sob a forma de uma recusa da ordem estabelecida, quer pela aspiração a uma ordem nova, quer como desejo lógico ou moral, ou simplesmente o desejo de preparo atlético do corpo. E tudo o que Ulrich, com o passar do tempo, chamara de ensaísmo ou senso de possibilidade, precisão fantástica, em oposição à precisão pedante, as exigências de inventar-se a história, de viver uma história de idéias em lugar de uma história mundial, de apoderar-se daquilo que não se consegue jamais concretizar e por fim talvez vivê-lo como se não se fosse humano mas apenas personagem de livro que só se mantém na sua essência, para que o resto se reúna magicamente — todas essas versões de seus pensamentos, que em sua singular intensificação se opunham à realidade, tinham algo em comum: queriam influir na realidade, com uma paixão evidente e implacável.

Mais difícil de reconhecer, por terem consistência de sombra e sonho, eram as relações na outra árvore, cuja imagem reproduzia a sua vida. Lembrança primitiva da relação infantil com o mundo, da confiança e entrega talvez fosse a base; tudo isso continuara vivendo na intuição de ainda vir a enxergar como terra vasta o que habitualmente enche apenas um vaso do qual brotam os raquíticos ramos da moral. Sem dúvida, aquela história um pouco ridícula com a esposa do major fora a única tentativa de plena realização surgida no doce lado de sombras de sua natureza, designando ao mesmo tempo o começo de um revés sem fim. Folhas e ramos da árvore desde então boiavam na superfície, mas a própria árvore não aparecia, só se podia reconhecer sua existência por aqueles sinais.

Talvez essa metade inativa de sua natureza se tivesse manifestado sobretudo na involuntária convicção da utilidade transitória da metade ativa e agitada, projetando essa convicção como uma sombra sobre ela. Em tudo o que ele fazia — incluindo-se aí tanto paixões físicas como espirituais — sempre se sentira por fim prisioneiro de preparativos que jamais chegavam ao término, e no curso dos anos apagara-se em sua vida a sensação de necessidade, como o azeite numa lamparina. Sua evolução se dividira visivelmente em duas trilhas, uma sob a luz do dia, outra fechada na escuridão, e o estado de calma moral que há muito tempo o oprimia, talvez mais do que o necessário, só podia vir do fato de que ele jamais conseguira reunir esses dois caminhos.

Lembrando que essa impossível reunião afinal lhe aparecera na tensa relação entre literatura e realidade, símbolo e verdade, Ulrich descobriu de repente que tudo isso significava muito mais do que apenas uma eventual inspiração num desses diálogos entrelaçados como caminhos sem destino que ele mantivera nos últimos tempos com as pessoas mais disparatadas. Pois até onde remonta a história humana, podemos dis-

tinguir esses dois elementos básicos do símbolo e da univocidade. Univocidade é a lei do verdadeiro pensar e agir, que reina tanto numa obrigatória conclusão da lógica quanto no cérebro de um chantagista que empurra à frente, passo a passo, a sua vítima; ela nasce das necessidades da vida, que levariam à morte se as relações não se pudessem conformar univocamente. O símbolo, em contrapartida, é aquela ligação de idéias que reina no sonho, é a deslizante lógica da alma, à qual corresponde o parentesco das coisas nas intuições da arte e da religião; mas também o que há na vida de mera simpatia e antipatia, harmonia e repulsa, admiração, submissão, liderança, imitação e seus opostos, essas múltiplas relações do ser humano consigo mesmo e com a natureza, que ainda não são puramente objetivas e talvez nunca o sejam, só se podem conceber como símbolos.

Sem dúvida isso que chamamos de humanidade mais elevada não é senão uma tentativa de fundir entre si essas duas grandes metades da vida, símbolo e verdade, mas, primeiro, separando-as cautelosamente. Porém se, num símbolo, separamos tudo o que talvez pudesse ser verdade daquilo que é apenas espuma, habitualmente conseguimos pouca verdade e destruimos o valor do símbolo; essa separação pode até ter sido inevitável na evolução intelectual, mas teve o mesmo efeito de se cozinhar e engrossar uma substância cujas forças e espíritos interiores se desprendessem em forma de nuvens de vapor durante esse procedimento. Hoje em dia, por vezes, não podemos fugir à impressão de que os conceitos e regras da vida moral são apenas símbolos cozidos em torno dos quais gira um intolerável vapor gorduroso de humanidade, e, se permitem uma digressão, só se pode dizer que essa impressão vagamente sobreposta a todas as coisas também causou aquilo que o presente deveria chamar honestamente de veneração da vulgaridade. Pois hoje em dia mentimos menos por fraqueza do que pela convicção de que um homem que domina a vida é obrigado a saber mentir. Somos violentos porque a univocidade da violência funciona como uma redenção depois de longas conversas sem resultado. Reunimo-nos em grupos porque a obediência permite fazer tudo o que já há muito não poderíamos mais fazer por convicção própria, e a hostilidade desses grupos confere aos homens a reciprocidade incansável da vingança cruenta, enquanto o amor em breve arrefeceria. Isso tem bem menos a ver com a questão de os homens serem bons ou maus, do que com o problema de terem perdido o legame entre elevação e baixeza. E o excesso de ornamentos espirituais com que se enfeita hoje a desconfiança em relação ao espírito é apenas uma outra consequência contraditória desse desmoronamento. A junção de uma cosmovisão com atividades que não a admitem, como a política; a ânsia generalizada de logo transformar um ponto de vista em uma tomada de posição, e de considerar qualquer tomada de posição como ponto de vista; a necessidade dos fanáticos de todas as colorações de repetirem à sua volta, como numa sala de espelhos, uma revelação que lhes foi feita — todos esses fenômenos tão populares não significam o que desejariam significar: uma luta pela humanidade, mas, ao contrário, a inexistência desta. Assim, resta-nos de modo geral a impressão de que teríamos primeiro de afastar inteiramente das relações humanas a alma mal embutida dentro delas; e no momento em que pensou isso, Ulrich sentiu que sua vida, se tinha algum sentido, era exatamente este, de que as duas esferas básicas da humanidade se mostravam nela apartadas, opondo-se em seu efeito. Tais pessoas existem hoje, sem dúvida, mas ainda estão sozinhas, e, sozinho, Ulrich não era capaz de recompor a unidade perdida. Não se iludia quanto ao valor de suas experiências intelectuais; talvez jamais conseguisse enca-

dear pensamentos fora de uma seqüência lógica, mas era como se colocasse uma escada sobre a outra, e a ponta finalmente oscilasse numa altura muito afastada da vida real. E isso lhe causava profunda repulsa.

Talvez por essa razão fitou de súbito Tuzzi, que falava; como se abrisse o ouvido aos primeiros rumores da manhã, escutou:

— Não sei se existem hoje grandes realizações humanas e artísticas, como o senhor diz; mas uma coisa é certa: em nenhuma parte a política externa é tão difícil quanto aqui. Podemos prever que no ano do jubileu os franceses dirigirão sua política no sentido do revanchismo e do domínio colonial, os ingleses farão seu jogo de xadrez no tabuleiro mundial manejando os peões, como foi descrito seu procedimento, e, por fim, os alemães hão de procurar o seu lugar ao sol, expressão nem sempre muito clara que eles mesmos usam. Mas nossa velha monarquia não precisa de nada, por isso ninguém sabe de antemão que idéias talvez sejamos obrigados a assumir até lá!

Tuzzi parecia querer frear e prevenir. Falava evidentemente sem intenções irônicas; o odor de ironia provinha daquela ingênua objetividade em cuja casca ressequida ele lhes apresentava sua convicção de que não precisar de nada terreno era um perigo. Ulrich reanimou-se como se tivesse mordido um grão de café. Mas Tuzzi obstinava-se em sua intenção de preveni-los, e concluiu:

— Quem é que hoje pode se atrever a concretizar grandes idéias políticas? — indagou. — Só quem tivesse inclinações de criminoso ou aventureiro, e os senhores não hão de querer isso! A diplomacia existe para conservar.

— A conservação leva à guerra — respondeu Arnheim.

— Pode ser — disse Tuzzi. — Provavelmente a única coisa a fazer seja escolher favoravelmente o momento em que somos lançados nela! Lembra-se da história de Alexandre II? Seu pai Nicolau foi um déspota, mas morreu de morte natural; Alexandre, ao contrário, era um soberano magnânimo, que começou seu governo com reformas liberais; a consequência foi que o liberalismo russo se converteu no radicalismo russo, e Alexandre foi vitimado por um quarto atentado, depois de escapar de três anteriores.

Ulrich encarou Diotima. Ereta, atenta, séria e opulenta, lá estava ela sentada, apoiando as palavras do marido.

— Está certo. Também em nossos esforços tenho uma impressão de radicalismo intelectual: se lhe dermos um dedo, ele vai querer logo a mão.

Tuzzi sorriu; parecia-lhe ter tido uma pequena vitória sobre Arnheim.

Este estava imperturbável, os lábios entreabertos ao respirar, como um botão de flor recém-desabrochado. Diotima o contemplava como uma torre de carne fechada que o fîtasse por sobre um fundo vale.

O general limpou os óculos de aro de tartaruga.

Ulrich disse, devagar:

— Isso acontece porque hoje os esforços de todos aqueles que se sentem chamados a restaurar o sentido da vida têm em comum o fato de desprezarem o pensamento sempre que não se trata de conquistar apenas opiniões pessoais, mas sim verdades; em compensação, lá onde está em jogo a inesgotabilidade das opiniões, eles se fixam em conceitos rápidos e meias-verdades!

Ninguém respondeu. Por que o fariam? O que se fala assim são apenas palavras. O fato era que seis pessoas sentadas numa sala mantinham uma discussão

importante; o que falavam e o que não falavam, e principalmente emoção, intuição, possibilidade, estavam incluídos nesse fato, sem lhe serem equiparados; estavam incluídos nele como o estão os obscuros movimentos do estômago e fígado numa pessoa vestida que acaba de colocar sua assinatura num documento importante. E essa hierarquia não devia ser perturbada, a realidade constava disso!

Stumm, o velho amigo de Ulrich, terminara de limpar os óculos; recolocou-os no rosto, e fitou-o.

Embora Ulrich apenas pensasse ter brincado com aquelas pessoas, de repente sentiu-se abandonado entre elas. Recordou que sentira algo semelhante há algumas semanas, ou meses: a resistência de um pequeno sopro da criação na petrificada paisagem lunar aonde entra; e pareceu-lhe que todos os momentos decisivos de sua vida eram acompanhados dessa sensação de assombro e solidão. Mas dessa vez não seria medo o que o importunava? Não conseguia entender direito seus próprios sentimentos; eles lhe diziam que nunca soubera decidir-se na vida, e em breve teria de fazê-lo, mas não pensava isso com palavras adequadas, apenas o sentia no seu desconforto, como se algo o quisesse arrancar do meio das pessoas entre as quais estava sentado; e embora lhe fossem bastante indiferentes, sua vontade resistiu subitamente com pernas e braços!

O Conde Leinsdorf, a quem o silêncio que se instaurara fez recordar os deveres de um político realista, disse, em tom de exortação:

— Então, o que vamos fazer? Temos que fazer, ao menos provisoriamente, alguma coisa decisiva, para evitar perigos para a nossa Ação!

Ulrich fez então uma tentativa absurda.

— Alteza — disse ele —, há uma única tarefa para a Ação Paralela: dar início a um inventário intelectual geral! Temos que fazer mais ou menos o que teríamos que fazer se em 1918 começasse o Juízo Final, com respectivo encerramento do velho espírito, e começo de outro, mais elevado. Funde, em nome de Sua Majestade, um Secretariado Terreno da Precisão e da Alma; antes disso, todas as outras tarefas serão insolúveis ou simplesmente aparentes! — E Ulrich acrescentou algo do que ocupara seus pensamentos nos minutos de introspecção.

Enquanto falava, pareceu-lhe que não apenas os olhos dos outros saltavam das órbitas, mas que, de tanta surpresa, seus corpos se levantavam dos assentos; esperava-se que, depois do dono da casa, ele quisesse agora contar uma anedota, mas como a anedota não veio, lá estava ele sentado como uma criança entre torres inclinadas que contemplavam, um pouco ofendidas, sua brincadeira pueril.

Só o Conde Leinsdorf fez uma cara amável.

— Está tudo muito certo — disse ele, espantado —, mas temos o dever de passar além das alusões e encontrar algo de verdadeiro; e que fizeram a cultura e a propriedade? Deixaram-nos inteiramente na mão!

Arnheim pensou dever evitar que o aristocrata caísse nas brincadeiras de Ulrich.

— Nosso amigo é perseguido por uma idéia determinada — explicou. — Pensa que há uma espécie de produção sintética da verdadeira vida, assim como se podem produzir borracha ou nitrogênio sintético. Mas o espírito humano — e virou-se para Ulrich com seu mais perfeito sorriso de cavalheiro — infelizmente sofre de uma limitação: suas formas de vida não se deixam criar como ratos de laboratório; pelo contrário, um grande celeiro basta quando muito para sustentar algumas famílias de camundongos! — Ele desculpou-se com os outros por essa comparação audaciosa,

mas estava satisfeito com ela, pois o tom agrícola e feudal combinava com o Conde Leinsdorf, expressando ao mesmo tempo a diferença entre pensamentos responsáveis e irresponsáveis pela execução prática.

Mas Sua Alteza balançou a cabeça, aborrecido:

— Estou compreendendo muito bem o doutor — disse. — Antigamente, as pessoas conheciam apenas uma situação que já encontravam, ao nascer; era uma maneira confiável de se encontrarem a si próprias; mas hoje, com essa misturada toda, onde tudo é desenraizado, seria preciso, por assim dizer, substituir, na criação da alma, a tradição do artesanato pela inteligência das fábricas. — Era uma daquelas respostas notáveis que, de vez em quando, o nobre senhor deixava surpreendentemente escapar, pois durante todo o tempo, antes de dizer isso, tinha apenas encarado Ulrich com uma expressão perplexa.

— Mas tudo o que o doutor disse é totalmente inexecutável! — disse Arnheim com firmeza.

— E por quê? — perguntou o conde laconicamente, com ar belicoso. Diotima resolveu intervir.

— Mas, Alteza — disse, como se lhe fizesse um pedido que não se deseja pronunciar, qual seja o de tomar razão — há muito tempo tentamos tudo o que meu primo diz! O que mais seriam esses grandes debates cansativos como o de hoje?

— Ah, sim? — retrucou a irritada Alteza. — Eu logo vi que tanta inteligência reunida não ia dar em nada! Essa história de psicanálise e teoria da relatividade, ou seja lá como esses troços se chamam, tudo isso não passa de vaidade! Cada qual quer arrumar o mundo do seu jeito! Eu lhes digo, o senhor doutor talvez não se tenha expressado com a máxima clareza, mas, no fundo, tem toda a razão. Mal começou um novo tempo, já vêm as novidades e nunca levam a nada que preste! — O nervosismo causado pelo fracasso atual da Ação Paralela irrompera. Sem notar, o Conde Leinsdorf agora girava os polegares em vez de retorcer a barba. Talvez também tivesse irrompido a antipatia contra Arnheim. Pois quando Ulrich começara a falar em alma, o Conde Leinsdorf ficara muito admirado, mas gostara bastante do que ou vira. “Que gente como esse Arnheim fale tanto em alma”, pensou, “é pura besteira; não precisamos disso, para tanto temos a religião”. Mas também Arnheim empalidecera até os lábios. Até então, só com o general o Conde Leinsdorf usara o tom que agora empregava com ele. E Arnheim não era homem de tolerar aquilo! Mas, involuntariamente, a determinação com que Sua Alteza defendera Ulrich o impressionara, despertando novamente seus dolorosos sentimentos em relação ao outro. Perturbava-o desejar uma conversa franca com Ulrich e não ter conseguido isso antes de começar uma briga diante de todos. Exatamente por isso, não contradisse o Conde Leinsdorf, simplesmente o deixou de lado, dirigindo-se a Ulrich com sinais de grande agitação física, inusitados nele:

— O senhor mesmo acredita em tudo o que acaba de dizer? — perguntou, severo, ignorando toda a cortesia. Acredita na possibilidade de execução? Acha realmente que se poderia viver apenas segundo “leis de analogia”? O que o senhor faria então se Sua Alteza lhe desse carta branca? Diga, eu lhe peço insistentemente que o diga!

Foi um momento penoso. Diotima lembrou-se estranhamente de uma história que lera no jornal há alguns dias. Uma mulher fora condenada a uma pena terrível, porque dera ao amante oportunidade de matar o velho marido dela, que há anos não

“consumava” mais o casamento, mas não concordava com a separação. Esse incidente chamara sua atenção por seus detalhes físicos, quase médicos, e por uma certa atração oposicional. A situação fazia tudo parecer tão compreensível, que não se podia considerar nenhuma das pessoas culpada por, dentro de suas limitadas possibilidades, procurar uma saída, mas sim uma vida antinatural que criava tal situação. Ela não compreendia por que isso lhe ocorria logo agora. Mas pensou que, nos últimos tempos, Ulrich lhe falara muito sobre “vacilação e flutuação”, e aborreceu-se porque ele logo ligava a isso um certo desdém. Ela própria dissera que, em pessoas privilegiadas, a alma pode destacar-se do que não lhe é essencial; por isso, parecia-lhe que seu primo andava tão inseguro quanto ela própria, e talvez com igual paixão. Tudo isso se entrelaçava de tal forma na mente dela ou em seu peito — aquela sede abandonada da condal e leinsdorfiana amizade — com a história da mulher condenada, que ela, sentada ali de lábios abertos, teve a sensação de que alguma coisa terrível aconteceria se deixassem Arnheim e Ulrich agirem à vontade; ou talvez acontecesse exatamente se *não* os deixassem agir e houvesse alguma intromissão.

Enquanto Arnheim o atacava, Ulrich ficara contemplando o subsecretário Tuzzi, que tinha dificuldade em disfarçar, nas rugas do rosto moreno, uma divertida curiosidade. Parecia-lhe que finalmente todo aquele espalhafato que se instalara em sua casa se fragmentaria por suas próprias contradições. Não simpatizava nem com Ulrich; o que aquele sujeito falava contradizia sua natureza, pois estava convencido de que o valor de um homem reside na vontade, ou na profissão, e de qualquer modo não nas emoções e pensamentos; e achava indecente falar toda aquela bobagem sobre símbolos. Talvez Ulrich adivinhasse algo disso, pois ocorreu-lhe que um dia anunciara a Tuzzi que se mataria se o seu ano de férias da vida transcorresse sem resultado; não dissera isso com essas palavras, mas mesmo assim com penosa clareza, e estava envergonhado. E novamente teve a impressão, não muito fundada, de que estava próximo de alguma decisão. Pensou nesse momento em Gerda Fischel, e reconheceu o perigo de ela o procurar e prosseguir aquela última conversa. De repente, viu claro que, embora ele tivesse apenas brincado, já haviam chegado ao limite extremo das palavras, e dali em diante havia só um passo a dar: responder amavelmente aos vagos desejos da moça, jogar fora o cinturão espiritual, superar a “segunda muralha”. Mas era uma loucura, e ele estava convencido de que sempre lhe seria impossível ir tão longe com Gerda, e achou que só se metera com ela por se sentir seguro a seu lado. Encontrava-se num singular estado de exaltação lúcida e irritada, via o rosto excitado de Arnheim, e ouviu-o censurá-lo por não ter “senso de realidade” e “se me permite, esses crassos ou-bem-de-um-jeito-ou-bem-do-outro são por demais coisas de jovem”, mas perdera totalmente o desejo de responder. Consultou seu relógio, sorriu sedutoramente, e comentou que era tarde, tarde demais para responder.

Com isso voltara pela primeira vez a estabelecer contato com os demais. O subsecretário Tuzzi até se levantou, disfarçando brevemente essa descortesia com um gesto qualquer. Também o Conde Leinsdorf se acalmara agora; teria-se alegrado se Ulrich tivesse estado em condições de chamar à ordem aquele “prussiano”, mas já que isso não acontecera, ficou satisfeito mesmo assim. “Quando a gente gosta de alguém, então gosta!”, pensou. “Por mais que o outro diga coisas sensatas!” E acrescentou, numa audaciosa mas inconsciente aproximação com Arnheim e o seu “mistério do todo”, contemplando a expressão nada brilhante de Ulrich naquele momento: “Acho

que uma pessoa simpática e agradável não pode falar nem fazer nada inteiramente idiota!”

Todos partiram depressa. O general acomodou os óculos de aro de tartaruga no bolso do revólver de sua calça, depois de tentar em vão metê-lo nas abas do casaco do uniforme, pois ainda não encontrara lugar adequado para aquele utensílio civil da sabedoria.

— Essa é a paz armada das idéias! — disse referindo-se àquela debandada geral, dirigindo-se a Tuzzi com ar de divertida camaradagem.

Só o Conde Leinsdorf deteve mais uma vez, escrupulosamente, os que partiam.

— Afinal, a que conclusão chegamos? — perguntou, e como ninguém respondesse, acrescentou, apaziguador:

— Bem, veremos!

## O DIA NEGRO DE RAQUEL

O despertar do homem e a decisão de seduzir Raquel tinham deixado Solimão frio como a caça deixa frio o caçador, ou a rês deixa frio o carnicheiro; ele não sabia, porém, como atingir seu objetivo, de que modo agir, e que circunstâncias de convívio bastariam para isso; em suma, a vontade de homem fazia-o sentir toda a fraqueza do menino. Também Raquel sabia o que estava por vir, e desde que segurara a mão de Ulrich nas suas, assistindo à aventura com Bonadéia, estava como que fora de si, por assim dizer, numa grande distração erótica, que caía sobre Solimão como chuva de pétalas. Mas as circunstâncias não eram favoráveis e provocavam adiamentos; a cozinheira estava doente e Raquel teve de sacrificar sua folga, o movimento na casa dava muito trabalho, e Arnheim vinha seguidamente ver Diotima. Mas talvez tivessem decidido dar mais atenção aos pequenos, pois raramente trazia Solimão, e, quando isso acontecia, viam-se apenas alguns minutos, na presença dos patrões, tendo de fazer caras inocentes e sérias.

Quase tiveram raiva um do outro, porque faziam sentir um ao outro a dor de estarem presos em correntes curtas demais. Além disso, o urgente impulso levava Solimão a violentas crises; planejava fugir do hotel à noite, e, para seu patrão não perceber nada, roubou um lençol e tentou fazer uma escada de cordas, cortando e torcendo tiras, mas não conseguiu, e fez o lençol estragado sumir numa clarabóia. Depois, refletiu longo tempo em vão sobre como escalar os beirais e ornamentos de uma parede, e de dia, em suas andanças pelas ruas, só via, da arquitetura da cidade, famosa por ela, as vantagens e obstáculos para seu empreendimento turístico. Raquel, a quem confiara sussurrando aqueles planos e impedimentos, não raro pensava, ao apagar a luz à noite, ver aos pés da parede a negra lua cheia do rosto dele, ou escutava um chamado murmurante, a que respondia, tímida, curvando-se bem para fora da janela de seu quatinho na noite vazia, antes de reconhecer o quanto estava vazia. A indignação com aquelas intromissões românticas passara, chegava a entregar-se a elas com dolente melancolia. Esse anseio se dirigia na verdade a Ulrich;



Solimão não era o homem amado, mas, mesmo assim, o homem a quem se entregaria, a esse respeito Raquel não tinha dúvidas. Pois o fato de não a deixarem a sós com ele, de nos últimos tempos apenas falarem sussurrando, e da ira dos patrões ter desabado sobre os dois ao mesmo tempo, tinha o efeito que uma noite cheia de incertezas, fantasmas e suspiros tem sobre os amantes, e concentrava suas ardentes fantasias como uma lente que não produz sobre nós um calor agradável, mas sim uma sensação intolerável.

E também nisso, Raquel, que não se distraía com escadas de corda ou sonhos de escalar paredes, era mais prática. A névoa de uma sedução apenas sonhada que durasse a vida inteira em breve se transformou numa noite que se poderia construir em segredo; e essa noite, por também ser inatingível, reduzira-se a um quarto de hora livre de qualquer vigilância. Afinal, quando depois daquelas grandes reuniões frustradas, seu “ofício” os levava a trocar idéias e preocupações, que muitas vezes os mantinham juntos por uma hora mais, nem Diotima, nem o Conde Leinsdorf ou Arnheim lembravam-se de que essa hora constava de quatro quartos de hora. Raquel calculara isso, e como a cozinheira ainda não estivesse totalmente curada e continuasse com licença para ir descansar mais cedo, sua colega mais jovem gozava da vantagem de andar tão ocupada que nunca se podia saber exatamente onde se metera; e durante esse período, a poupavam o mais possível nos serviços de copeira. Por experiência, mais ou menos como acontece a pessoas covardes demais para o suicídio, que o fingem até que, por engano, acabam se matando mesmo, ela conseguira introduzir Solimão algumas vezes, secretamente, bem armado de desculpas eloqüentes para o caso de ser descoberto; dera-lhe a entender que também havia aquele caminho para o quartinho dela, e não apenas o que levava paredes acima. Mas o jovem par de namorados nunca passara além de bocejos em comum no vestibulo, ou da observação da situação, até que, certa noite em que as vozes no salão formavam uma seqüência tão monótona quanto os rumores de uma debulhadora, Solimão declarou com uma linda frase romanesca que não conseguia mais ter paciência.

Também no quartinho, foi ele quem passou a tranca; mas depois, não se animaram a acender a luz, ficaram parados lado a lado no escuro, como estátuas num parque em noite fechada. Solimão pensava em pegar a mão de Raquel ou beliscar-lhe a perna, para que gritasse, pois até ali já tinham chegado suas vitórias masculinas; mas teve de controlar-se, pois não podiam fazer barulho, e quando ele fez um pequeno avanço grosseiro, Raquel apenas mostrou uma irritada indiferença. Pois sentia a mão do destino agarrando-a na espinha, empurrando-a para diante, enquanto seu nariz e testa ficavam gelados como se todas as suas fantasias já a tivessem abandonado. Solimão se sentia igualmente abandonado, desajeitado, e não conseguia divisar o fim daquele momento em que estavam parados um diante do outro nas trevas. Por fim, a nobre, mas um pouco mais experiente Raquel teve de fazer o papel de sedutora. Serviu-lhe de ajuda o rancor que sentia por Diotima em lugar do antigo amor, pois mudara bastante desde que não se satisfazia mais em ser partícipe dos sublimes encantos da patroa, mas vivia seu próprio romance. Não apenas mentia para esconder seus encontros com Solimão, mas, ao pentear Diotima, puxava seus cabelos para vingar-se da atenta vigilância sobre sua inocência. O que mais a aborrecia era o que antigamente lhe dera as maiores alegrias, ter de usar camisolas, calças e meias usadas que Diotima lhe dava; pois embora renovasse totalmente essas roupas de baixo, reduzindo-as a um terço do tamanho, sentia-se aprisionada dentro delas, sofria o jugo da

moral no corpo nu. Foi isso porém que lhe inspirou as idéias criativas de que precisava na sua situação. Pois já contara a Solimão das transformações que há muito notava na roupa branca da patroa, e bastou que as mostrasse a ele para conseguir a transição politicamente necessária.

— Por aí você pode ver como eles são ruins — disse, mostrando a Solimão, nas trevas, a fimbria enlustrada de suas calcinhas —, e se estão tendo um caso, certamente também traem o patrão nesse assunto da guerra que está sendo preparada aqui em casa!

E quando o rapazinho apalpou, cauteloso, as calcinhas delicadas e perigosas, ela acrescentou, um pouco ofegante:

— Solimão, aposto que suas calças são negras como você; sempre ouvi dizer isso!

Ofendido mas terno, Solimão enterrou as unhas na perna dela, e Raquel, para se libertar, teve de fazer um movimento em sua direção, além de outras coisas feitas ou ditas que não deram muito resultado; por fim, ela usou seus dentinhos pontudos no rosto de Solimão, que se apertava infantilmente contra o dela e a cada movimento saltava diante da moça como uma grande maçã. Nesses esforços, ela acabou se descontrolando, e Solimão se esqueceu de sentir vergonha por ser desajeitado, e a louca tempestade do amor varreu a escuridão.

Quando os abandonou, ela os deixou cair duramente ao chão; sumiu pelas paredes, e as trevas entre eles pareciam um pedaço de carvão que enegrece os pecadores. Não sabiam que horas eram, exageravam o tempo transcorrido, e sentiram medo. O último tímido beijo de Raquel teve para Solimão um sabor de incômodo; ele queria acender a luz, como um arrombador que realizou o roubo e agora empenha todas as suas forças em fugir. Raquel que, envergonhada, ajeitara rapidamente suas roupas, fitava-o com um olhar sem objetivo nem fundo. Sobre seus olhos pendia o cabelo desgrehado, e atrás deles ela reviu pela primeira vez o pudor, que esquecera até então. Além de todas as próprias virtudes imagináveis, pensara conseguir um amante rico e aventureiro, e lá estava Solimão, mal vestido, assustadoramente feio, e ela não acreditava em nenhuma palavra do que ele lhe contara. Talvez tivesse até gostado de abraçar mais um pouco, no escuro, aquele rosto gordo e tenso, antes de se apertarem; mas agora que havia luz, ele era seu novo amante, e nada mais; um pobre resumo de mil homens transformados num moleque pequeno e ridículo que excluía todos os outros homens. Raquel voltara a ser uma criadinha de quarto que se deixara seduzir, e estava com medo de engravidar, o que exporia aos olhos de todos aquele momento. Mas estava assustada demais por essa transformação para suspirar. Ajudou Solimão a vestir-se, pois, em sua confusão, o rapaz arrancara o casaco de muitos botões; mas não o ajudava por ternura e sim para que pudessem descer mais depressa. Tudo lhe pareceu custar horivelmente caro, não suportaria ser descoberta. Seja como for, quando ficaram prontos Solimão voltou-se para ela e deu um grande sorriso, pois afinal estava muito orgulhoso; e Raquel pegou depressa uma caixa de fósforos, apagou a luz, abriu sem rumor a tranca da porta, e antes de abrir, sussurrou-lhe:

— Me dê mais um beijo! — pois era assim que se devia fazer, mas os dois sentiram apenas gosto de dentifício.

Quando chegaram ao vestibulo, ficaram muito espantados porque não se haviam atrasado. As conversas atrás da porta continuavam exatamente como antes, e quando os convidados partiram, Solimão tinha sumido; meia hora depois, Raquel

penteava o cabelo de sua ama com muito cuidado, quase com o humilde amor de antes.

— Fico alegre ao ver que os avisos que lhe dei tiveram resultado! — elogiou-a Diotima, e embora em tantas questões andasse insatisfeita, deu uma palmadinha amável na mão da criadinha.

### ENTÃO MATE-O!

Walter vestira um terno melhor em lugar do que usava no escritório, e amarrava a gravata diante do toucador de Clarisse, que, apesar da moldura retorcida ao gosto moderno, lhe devolvia uma imagem deformada e superficial no espelho barato e provavelmente defeituoso.

— Eles têm razão — disse aborrecido —, essa famosa Ação é pura mentira.

— Então por que fazem tanto barulho em torno dela? — perguntou Clarisse.

— De que adianta a vida hoje? Se saírem às ruas ao menos formarão um cortejo, vão sentir os corpos uns dos outros. Pelo menos eles não pensam, nem fazem literatura! Não conseguem nenhum resultado.

— E você acha que essa Ação vale toda essa revolta? Walter deu de ombros.

— Você não leu no jornal sobre a resolução dos representantes alemães, entregue ao primeiro-ministro? Ofensas e desvantagens para a população alemã, e assim por diante? E a irônica decisão do Clube Tcheco? Ou a pequena notícia de que os deputados poloneses viajaram para seus territórios eleitorais: quem sabe ler nas entre linhas vê que essa notícia é a mais interessante, pois os poloneses, de quem sempre depende a decisão, estão abandonando o governo! A situação é tensa. Não era hora de irritar todo mundo com uma ação patriótica comum!

— Quando estive na cidade esta manhã — disse Clarisse —, vi policiais montados, um regimento inteiro; uma mulher me contou que os estão escondendo em alguma parte!

— Claro. Também o exército está de prontidão nos quartéis.

— Você acha que vai acontecer alguma coisa?

— Não se pode saber!

— E aí, vão jogar os cavalos em cima das pessoas? É horrível pensar em corpos de cavalo no meio da gente!

Walter desfizera mais uma vez sua gravata, e voltou a atar o laço.

— Você já participou alguma vez desse tipo de coisa? — perguntou Clarisse.

— Quando era estudante.

— E nunca mais?

Walter sacudiu a cabeça negativamente.

— Você disse há pouco que Ulrich será o culpado caso aconteça alguma coisa — Clarisse procurou certificar-se mais uma vez.

— Eu não disse isso! — defendeu-se Walter. — Infelizmente, os acontecimentos políticos lhe são indiferentes. Eu disse apenas que é bem típico dele provocar esse tipo de problema com tanta leviandade; ele frequenta o grupo que tem a culpa!

— Eu queria ir com você à cidade! — declarou Clarisse.

— De jeito nenhum! Você ia ficar nervosa demais! — respondeu Walter, decidido; no escritório, soubera dos muitos problemas que se esperavam com aquela manifestação, e queria manter Clarisse afastada de tudo. A histeria de uma multidão a poderia prejudicar; Clarisse precisava ser tratada como uma mulher grávida. Walter quase se engasgou com essa palavra, que envolvia sua arisca e irritadiça bem-amada com o inesperado calor de uma gravidez. “Existem analogias bem acima dos conceitos vulgares!”, pensou com certo orgulho, fazendo uma proposta a Clarisse:

— Se você prefere, eu também fico em casa.

— Não — respondeu ela —, ao menos você deve participar.

Queria ficar sozinha. Quando Walter lhe falara da manifestação iminente, descrevendo esse tipo de acontecimento, ela imaginara uma serpente com escamas que se moviam individualmente. Queria convencer-se dessa visão, sem ter de falar muito.

Walter passou o braço em torno dela.

— Fico também em casa? — repetiu, interrogativamente.

Clarisse livrou-se do braço dele, tirou um livro da estante, e não lhe deu mais atenção. Era um volume de Nietzsche. Mas Walter, em lugar de sair, pediu:

— Deixe-me ver o que está lendo!

Era fim de tarde. Havia na casa um vago pressentimento de primavera; era como se ouvissem vozes de pássaros abafadas pelas vidraças e paredes; um aroma de flores subia, ilusório, do cheiro de verniz do assoalho, dos estofamentos dos móveis, das lustrosas maçanetas de latão. Walter estendeu o braço para o livro. Clarisse envolveu o livro com as duas mãos, conservando o dedo na página aberta.

Então, aconteceu uma daquelas “terríveis” experiências, tão frequentes nesse casamento. Todas tinham o mesmo padrão: um teatro, o palco fica escuro, dois camarotes frente a frente iluminam-se; neles, Walter e Clarisse, um em cada camarote, destacados de todos os homens e mulheres; entre eles, o fundo abismo negro, cheio do calor daquelas pessoas invisíveis; Clarisse abre a boca, Walter responde, todos escutam sem respirar, pois é um espetáculo de imagens e sons que jamais ninguém conseguiu realizar.

Também agora acontecia isso, enquanto Walter estendia o braço, implorando, e Clarisse, a alguns passos dele, prendia firmemente o dedo entre as páginas do livro aberto. Encontrara ao acaso aquela bela passagem em que o mestre fala do empobrecimento pela decadência da vontade, que se manifesta em todas as formas de vida por um desordenado crescimento dos detalhes à custa do todo. “A vida reduzida a suas mais ínfimas figurações, e todo o resto carente de vida” — ela ainda recordava essa frase; fora isso, do contexto maior pelo qual passara os olhos antes de Walter a interromper, guardava apenas mais ou menos o sentido; e então, apesar do momento desfavorável, fez uma grande descoberta. Pois naquela passagem o mestre falava de todas as artes, sim, até de todas as formas de vida humana, mas só utilizava exemplos literários; e como Clarisse não compreendesse o geral, descobriu que Nietzsche não compreendera todo o alcance de seus próprios pensamentos, pois eles também se aplicavam à música! Pensando nisso, ela escutava o mórbido piano do marido, como se soasse em carne e osso a seu lado, aquela lentidão sentimental, a hesitante

emergência dos sons assim que os pensamentos dele voavam para ela, e, para falar com outra passagem do mestre, “a secundária inclinação moral” dominava o “artista” que havia nele. Clarisse sabia escutar quando Walter a desejava em silêncio, e podia ver a música quando se esquivava do rosto dele. Então, nesse rosto só os lábios brilhavam, ele parecia alguém que tivesse cortado o dedo e estava por desmaiar. Agora também tinha aquela expressão, sorrindo nervoso, braço estendido. Naturalmente Nietzsche não podia ter sabido tudo aquilo, mas era como um sinal o fato de ela por acaso ter aberto o livro logo naquele trecho que abordava esse assunto; e nesse ver, ouvir, compreender repentino, o raio da invenção se abateu sobre ela, transportando-a para o alto de uma alta montanha chamada Nietzsche, que soterrara Walter, mas apenas tocava a sola dos pés dela! A “filosofia e literatura aplicadas” da maioria das pessoas, que não são criativas nem insensíveis ao espírito, constam dessas cintilantes fusões de uma pequena transformação pessoal com um grande pensamento alheio.

Enquanto isso, Walter se levantara, e aproximava-se agora de Clarisse. Estava determinado a não ir à manifestação da qual pretendia participar, e a ficar com ela. Viu-a ali parada relutante, encostada à parede, e esse gesto ostensivo de uma mulher que se esquia de um homem infelizmente não lhe transmitiu a repulsa dela, mas despertou as fantasias masculinas que teriam podido inspirá-la nessa aversão. Pois um homem tem de ser capaz de comandar e impor sua vontade a alguém que se recusa, e de repente essa necessidade de impor-se como homem significou tanto para Walter como a luta contra os restos fragmentados da superstição de sua juventude, de que era preciso ser alguém especial. “Ninguém precisa ser especial!”, disse a si mesmo, desafiador. Parecia-lhe covardia não poder renunciar àquela idéia. “Todos temos nossos excessos”, pensou, desdenhoso. “Temos o doentio, o solitário, o terrível, o malvado dentro de nós; cada um de nós poderia fazer algo de que ninguém mais é capaz: isso não significa nada!” E amargurava-se com a obsessão de que temos a tarefa de desenvolver o inusitado, em vez de recolher essas excrescências mórbidas, diluindo-as interiormente no organismo, renovando um pouco com isso o sangue burguês por demais apaziguado. Pensava nisso, aguardando o dia em que música e pintura não significassem mais nada para ele além de uma nobre maneira de se divertir. Desejar um filho fazia parte dessas novas tarefas. A ânsia que o dominara na juventude de tornar-se um Titã e um Prometeu fazia agora com que, como última conseqüência, ele aceitasse com algum exagero a crença de que antes disso é preciso ser como todos. Nessa época, sentia vergonha de não ter filhos; teria querido cinco, se Clarisse e o salário dele o permitissem, pois desejava estar no centro de um cáldo círculo de vida, e queria superar em mediocridade o grande homem médio que é quem sustenta a vida, sem olhar para a contradição que existe nesse anseio.

Mas era possível que ele tivesse refletido ou dormido demais antes de se preparar para sair e começar aquele diálogo: tinha o rosto em brasa, e Clarisse logo compreendeu por que ele se aproximava do livro; aquela sutileza de entendimento mútuo, apesar do doloroso sinal de repulsa, imediatamente o comoveu de maneira misteriosa, sua brutalidade sofreu com isso e sua simplicidade se desfez.

— Por que não me mostra o que está lendo? Vamos conversar! — pediu, intimidado.

— Não se pode “conversar”! — sibilou Clarisse.

— Como você está tensa! — exclamou Walter. Queria tomar-lhe o livro aberto que Clarisse apertava teimosamente. Mas depois de terem lutado algum

tempo, Walter pensou: “Afinal, para que quero esse livro?”, e largou Clarisse. O incidente terminaria assim, se Clarisse, no momento em que se viu livre, não se tivesse comprimido tão fortemente contra a parede como se precisasse varar uma cerca para fugir de alguma ameaça. Estava ofegante, pálida, e gritou com voz rouca:

— Em vez de realizar você mesmo alguma coisa, fica querendo perpetuar-se num filho!

Sua boca regurgitou essas palavras como se fossem fogo venenoso, e também Walter arquejou involuntariamente o seu:

— Vamos conversar!

— Não quero conversar, tenho nojo de você! — respondeu Clarisse, de repente bem lúcida, dona de seus meios de expressão e usando-os com tamanha eficácia como se uma pesada travessa de porcelana caísse exatamente entre os pés dela e de Walter. Este deu um passo atrás e encarou-a, surpreendido.

Clarisse não queria ofendê-lo tanto assim. Apenas tinha medo de ceder alguma vez, por bondade ou negligência; então, Walter a amarraria a si mesmo imediatamente, com fraldas, e agora mais que nunca isso não devia acontecer, pois ela queria decidir toda aquela questão. Os fatos se tinham “aguçado”; ela sentia na mente, bem sublinhada por um traço grosso, essa expressão que Walter usara para lhe explicar por que as pessoas iam às ruas; pois Ulrich, ligado a Nietzsche porque lhe dera suas obras de presente de casamento, estava do outro lado, do lado contra o qual aquela ponta se aguçava e se dirigiria caso tudo se desencadeasse; Nietzsche acabava de lhe dar um sinal, e ela se via sobre uma “alta montanha”, mas o que é uma alta montanha senão uma elevação aguda de terra?! Portanto, tratava-se de analogias bem singulares, que dificilmente uma pessoa poderia deslindar, e nem Clarisse as via claramente; por isso mesmo queria ficar sozinha e enxotar Walter de casa. O ódio selvagem que naquele momento inflamava seu rosto não era nítido, não era puro nem grave, mas apenas algo físico e desvairado, com vaga participação pessoal, uma “fúria de piano”, que também Walter seguidamente sentia, e assim, também ele, depois de ter encarado a mulher por algum tempo, atônito, de repente ficou pálido, mostrou os dentes e respondeu gritando à afirmação de que lhe causava nojo:

— Cuidado com os gênios! Principalmente você!

E gritou ainda mais do que ela gritara, e até ele próprio achar sinistra a obscura profecia, que, mais forte do que ele, abrisse caminho pela sua garganta. De repente, Walter viu o quarto totalmente negro como num eclipse solar.

Também Clarisse ficara impressionada. Subitamente, calou-se.

Uma emoção tão intensa quanto um eclipse solar não é coisa simples; não importava o que acontecera, o fato é que, nela, o ciúme de Walter em relação a Ulrich explodira de um golpe, por descuido. Por que então o chamava de gênio? Era como uma atitude arrogante que não sabe como desmoronará depressa. Walter revia repentinamente velhas imagens: Ulrich de uniforme voltando para casa, o bárbaro que já tinha casos com mulheres de verdade, enquanto Walter, embora mais velho, ainda fazia poemas para as estátuas de pedra dos parques. Mais tarde: Ulrich trazendo para casa novidades sobre o espírito da precisão, da velocidade, do aço; para o humanista Walter, também isso era a invasão de uma horda de bárbaros.

Walter sempre tivera, diante do amigo mais jovem, a sensação desconfortável de ser fisicamente mais fraco e também menos dinâmico, ao mesmo tempo vindo em si mesmo o espírito, e no outro apenas a vontade crua. E sempre, fortalecendo essa

idéia, aquela relação entre eles: Walter movido pelo belo e bom, Ulrich balançando a cabeça, cético. Essas impressões permanecem. Se Walter tivesse conseguido ver a página aberta pela qual brigara com Clarisse, a desagregação ali descrita, que transfere a vontade de viver do todo para detalhes, não teria sido considerada por ele uma censura à sua própria tendência a rumações artísticas, como Clarisse a entendia. Teria-se convencido de que era uma excelente descrição de seu amigo Ulrich, começando pela supervalorização do detalhe, característica da superstição moderna em relação ao empírico, até a continuação dessa decadência bárbara no próprio eu, que ele chamara de homem sem qualidades, ou qualidades sem homem, enquanto Ulrich, na sua megalomania, ainda por cima aprovara essa designação. Walter incluía tudo isso na acusação relativa ao gênio; pois se alguém podia chamar-se de individualidade solitária, era ele próprio, mas renunciara a isso para voltar à sua natural tarefa humana, e nisso sentia-se uma geração à frente do amigo. Mas como Clarisse se calasse diante daquele insulto, ele pensou: “Se ela agora disser uma só palavra em favor de Ulrich, não vou suportar!”, e foi sacudido pelo ódio, como se o braço de Ulrich o agarrasse.

Em sua desmedida excitação, já sentiu-se a pegar o chapéu e sair correndo. E sem se dar conta, precipitar-se pelas ruas. Em sua imaginação, as casas se recurvavam ao vento. Só algum tempo depois reduziu o passo, viu as pessoas que cruzavam com ele. Seus rostos, olhando-o amavelmente, o inquietavam. E na medida em que a consciência dele se mantivera fora daquela fantasia, começou a dizer a Clarisse o que pensava. Mas em vez de brilhar em sua boca, as palavras cintilavam em seus olhos. Como descrever a felicidade de estar entre pessoas, entre irmãos? Clarisse diria que ele não tinha individualidade. Mas a íngreme autoconsciência de Clarisse tinha algo de desumano, e Walter não queria mais responder às excessivas exigências que lhe fazia. Sentiu uma dolorosa vontade de estar encerrado com ela em algum sistema ordenado, em vez de esvoaçar nos escancarados desvarios do amor e do desregramento pessoal.

“É preciso, em tudo o que somos ou fazemos, até mesmo quando nos opomos a outras pessoas, sentir um movimento fundamental em direção a elas”, era mais ou menos assim que deveria ter respondido. Pois Walter sempre tivera sorte com pessoas; até nas disputas eram atraídas por ele, e ele por elas, e assim a opinião bastante superficial de que a comunidade humana possui uma força equilibradora e finalmente vitoriosa que recompensa os esforços tornara-se uma convicção sólida em sua vida. Ocorreu-lhe que há pessoas que atraem os pássaros; os pássaros gostam de voar até elas, e muitas vezes essas pessoas têm também uma certa expressão de pássaros. Estava convencido de que cada ser humano se ligava inexplicavelmente a algum animal. Certa vez arquitetara essa teoria; não era científica, mas ele acreditava que pessoas musicais intuem muita coisa que fica além da ciência, e já em criança sabia que seu animal eram os peixes. Sempre o atraíam fortemente, num misto de fascinação e horror, e no começo das férias dedicava-se intensamente a eles. Ficava parado horas a fio junto da água, pescando-os de seu elemento e depositando os cadáveres a seu lado na relva, até parar repentinamente com um nojo que beirava o terror. Peixes na cozinha eram uma de suas mais antigas paixões. Os esqueletos dos peixes estripados eram postos numa grande travessa vitrificada em forma de barco, verde e branca como relva e nuvens, e por alguma razão do reino da culinária ali ficavam num pouco d’água até que, preparada a refeição, os jogassem no lixo. O menino era misteriosamente atraído

por aquela travessa, e sob qualquer pretexto, voltava muitas vezes para contemplá-la, mas quando o interrogavam, perdia a fala. Hoje talvez pudesse responder que o encanto dos peixes residia em não pertencerem a dois elementos, inserindo-se inteiramente num só. Revia-os, como os observara tantas vezes no fundo espelho das águas, não se moviam como ele sobre o solo, nos limites de uma vazia segunda coisa (nem ali nem acolá ele estava em casa, pensava Walter, lançando aquele pensamento em todas as direções; pertencemos a uma terra com a qual temos em comum apenas a planta dos pés, e nosso corpo se eleva no ar em que cairíamos e que empurramos de seu lugar!); o chão dos peixes, seu ar, sua bebida, sua comida, seu terror dos inimigos, o obscuro cortejo do seu amor e seu sepulcro os encerravam. Moviam-se naquilo que os embalava, numa experiência que o ser humano só pode ter no sonho, ou talvez na ânsia de voltar à protetora ternura do ventre materno, coisa na qual começava a ser moda acreditar.

Mas então, por que matara os peixes, arrancando-os de seu ambiente? Aquilo lhe dava um prazer indizível e sagrado. Mas ele, Walter, o enigmático, não queria saber por quê! Clarisse não dissera certa vez que os peixes eram os “burgueses da água?” Ele estremecera, ofendido. Naquele estado imaginário em que se encontrava e pensava tudo isso, corraera pelas ruas olhando os rostos das pessoas, firmara-se um belo dia para peixes; ainda não chovia mas estava úmido, viu finalmente que há algum tempo as ruas e calçadas tinham um tom marrom-escuro. As pessoas, de roupa preta e chapéu duro, não usavam colarinho; Walter não estranhou aquilo; não eram burgueses, aparentemente vinham de fábricas, andavam em grupos dispersos; outras pessoas, que ainda não tinham concluído sua jornada de trabalho, avançavam entre elas, apressadas como Walter, que se sentia muito feliz; apenas os pescoços nus lhe recordavam algo inquietante, suspeito. De repente, a chuva se destacou do quadro, as pessoas começaram a correr, o ar fendeu-se com um lampejo branco; caíam peixes do céu; e por cima de tudo isso pairou o trêmulo, terno, disparatado som de uma voz chamando por um cachorrinho.

Essas últimas transformações ocorreram tão independentes dele, que Walter se surpreendeu. Não percebera que seus pensamentos divagavam e se precipitavam velozmente com aquelas imagens. Ergueu os olhos e viu sua jovem esposa, o rosto ainda desfeito de repugnância. Sentiu-se muito inseguro. Lembrou-se de que pretendia fazer-lhe uma longa censura, ainda tinha a boca aberta para isso. Teriam se passado minutos, segundos ou milésimos de segundos? Não sabia. Um pouco de orgulho o aqueceu, como um calafrio ambíguo recobre a pele depois de um banho gelado, o que significava mais ou menos: “Estão vendo do que sou capaz?” Mas no mesmo instante, também teve vergonha por essa irrupção de coisas subterrâneas; há pouco pretendia dizer que o que fosse ordenado, controlado e contido num grande círculo era espiritualmente bem mais importante do que o anormal; agora, suas convicções estavam de raízes para o ar, e a lama do vulcão da vida grudava-se nelas! Por isso, a mais intensa sensação desde que despertara fora, na verdade, de terror. Havia algo terrível muito próximo. Era um medo totalmente insensato, mas, ainda pensando em parte por imagens, sentiu que Clarisse e Ulrich faziam força para arrancá-lo de seu quadro. Concentrou-se para interromper aquele devaneio, e quis dizer alguma coisa que ajudasse a prosseguir aquele diálogo interrompido pela sua veemência; já tinha algo na ponta da língua, mas foi detido pelo pressentimento de que suas palavras chegariam atrasadas, que, entretanto, outras coisas tinham sido



ditas, ou haviam acontecido, sem ele saber. Súbito, voltando no tempo, ouviu Clarisse dizer

— Se você quer matar Ulrich, então mate-o. Você é todo cheio de escrúpulos! Um artista só pode fazer boa música se não tiver escrúpulos!

Walter não queria compreender isso. Às vezes, só compreendemos uma coisa quando nós mesmos lhe damos resposta, e ele hesitava em responder por medo de trair sua ausência. Nessa insegurança, entendeu, ou deixou-se persuadir de que Clarisse realmente pronunciara aquela frase que dera origem à sua assustadora fuga de idéias. Clarisse estava certa dizendo que, se concedessem todos os desejos a Walter, ele muitas vezes teria um só: ver Ulrich morto. Essas coisas não são raras em amizades, que não se desfazem tão depressa quanto o amor, quando atingem intensamente o valor da pessoa. Não era nada muito sanguinário: no momento em que imaginava Ulrich morto, o antigo afeto juvenil pelo amigo perdido retornava, ao menos parcialmente; assim como, no teatro, se elimina a inibição burguesa diante do crime através de forte emoção estética, ele quase tinha a impressão de que, pensando numa solução trágica, aconteceria algo de belo também para aquele que fora imaginado como vítima. Ele se sentia muito exaltado, embora tivesse medo e não pudesse ver sangue. E mesmo desejando sinceramente que o orgulho de Ulrich se desmoronasse de uma vez, não teria feito nada para isso. Mas originalmente pensamentos não têm lógica, por mais que lhes atribuamos alguma; só a objetiva e fria resistência da realidade desvia a atenção para as contradições no poema Ser + Humano. Talvez Clarisse tivesse razão afirmando que um excesso de escrúpulo burguês prejudicava o artista. E tudo isso estava ao mesmo tempo em Walter, que encarava sua mulher, indeciso e repugnado.

Mas Clarisse repetiu, veemente:

— Se ele atrapalha você na sua obra, deve tirá-lo do caminho! — Ela parecia achar aquilo excitante e divertido.

Walter quis estender as mãos para ela. Seus braços pareciam presos, mas mesmo assim aproximou-se:

— Nietzsche e Cristo fracassaram por ficarem na metade do caminho! — sussurrou ela no ouvido de Walter. Tudo aquilo era absurdo. Por que ela introduzia Cristo no assunto? O que significava Cristo ter fracassado por ficar no meio do caminho?! Aquelas comparações eram penosas. Mas Walter ainda sentia algo indescritivelmente estimulante no movimento daqueles lábios; parecia que sua própria de cisão, duramente conseguida, de aliar-se à maioria dos homens, vivia sendo contestada pela violenta necessidade reprimida de ser uma exceção.

Agarrou Clarisse com toda a força e impediu-a de se mover. Os olhos dela apareciam diante dos seus como duas pequenas vidraças.

— Não sei como é que você tem essas idéias! — repetiu algumas vezes, mas não obteve resposta. E sem querer, devia tê-la puxado para si, pois Clarisse espalmou as unhas diante do rosto dele como um pássaro, de modo que ele não pudesse chegar mais perto. “Está louca!”, sentiu Walter. Mas não a podia soltar. Uma feiúra incompreensível baixara sobre o rosto dela. Ele nunca vira um louco; mas, pensou, devem ter essa cara.

E de repente, suspirou.

— Você o ama?! — Não era um comentário muito original, nem inusitado nas lutas entre eles; mas para não ter de acreditar que Clarisse estava doente, preferia

aceitar que ela estava apaixonada por Ulrich, e provavelmente esse espírito de sacrifício fora influenciado pelo fato de Clarisse, cuja beleza renascentista de lábios finos ele sempre admirara, pela primeira vez lhe parecer feia; e talvez parecesse feia porque seu rosto não estava mais ternamente protegido pelo amor por Walter, mas desvendado pelo rude amor do rival. Não faltavam complicações em tudo isso, elas tremulavam entre os olhos e o coração dele, como algo novo, com significado geral e particular; mas o fato de ele suspirar num tom inumano ao pronunciar a frase “você o ama” ocorrera talvez por já estar contagiado pela loucura de Clarisse, e isso o assustou um pouco.

Clarisse libertara-se brandamente, mas voltou a aproximar-se dele, respondendo algumas vezes, como se cantasse:

— Não quero um filho seu. Não quero um filho seu! — E beijou-o e beijou-o, muito de leve.

Depois, partiu.

Dissera ela realmente, além disso, “ele quer um filho meu?” Walter não tinha certeza de ela o ter dito, mas era como se ele ouvisse a possibilidade. Parou diante do piano, enciumado, e sentiu um sopro frio e um sopro quente, de um só lado. Eram as torrentes do gênio e da demência? Ou da condescendência e do ódio? Ou do amor e do espírito? Ele podia imaginar-se deixando Clarisse passar e deixando seu próprio coração no caminho, para que ela passasse por cima; e podia imaginar-se aniquilando Clarisse a Ulrich com palavras poderosas. Não sabia se devia procurar Ulrich ou começar a escrever sua sinfonia que naquele momento poderia se transformar na luta eterna entre terra e estrelas, ou se seria bom antes disso aliviar um pouco sua excitação no lago de ninfas da proibida música wagneriana.

O estado inexprimível em que se encontrava começou a desfazer-se aos poucos, enquanto refletia. Abriu o piano, acendeu um cigarro, e enquanto seus pensamentos se distraíam sempre mais, nas teclas seus dedos davam início à ondulante música do feiticeiro saxão. Depois de passar bom tempo descarregando lentamente as emoções, viu com clareza que sua mulher e ele tinham vivido um estado de irresponsabilidade; mas apesar da impressão dolorosa que isso lhe causava, sabia que teria sido em vão procurar logo em seguida por Clarisse para fazê-la entender isso. De repente teve o desejo de estar entre pessoas. Enfiou o chapéu na cabeça e foi à cidade para concretizar sua primeira intenção e misturar-se à excitação geral, caso a encontrasse. No caminho, teve a impressão de que trazia em seu interior uma tropa diabólica e que, como seu capitão, iria se juntar aos outros. Mas já no bonde a vida lhe pareceu bastante comum; talvez Ulrich estivesse do outro lado, talvez assaltassem o palácio do Conde Leinsdorf, Ulrich talvez fosse pendurado num poste ou esmagado pela multidão, ou talvez, trêmulo, protegido e salvo por Walter — eram apenas rapidíssimas sombras diurnas sobre a clara ordem daquela viagem com preço fixo, pontos de parada e sinais de sineta. Respirando calmamente outra vez, Walter sentiu-se muito ligado a tudo isso.

## A BOLSA E A SEDUÇÃO

Naquela época parecia que os acontecimentos se precipitavam para um desenlace, e também para o Diretor Leo Fischel, que no que diz respeito a Arnheim, especulava pacientemente com uma cotação em baixa, chegara a hora da compensação. Infelizmente, nesse momento sua mulher Clementina não estava em casa, por isso ele apenas entrou no quarto da filha Gerda, segurando na mão um jornal da tarde, sempre bem informado sobre a Bolsa de Valores; sentou-se numa cadeira confortável, apontou para uma pequena notícia de jornal, e perguntou muito à vontade:

— Filha, você sabe por que esse profundo financista anda por aqui?

Em casa, ele sempre chamava Arnheim assim, para mostrar que, sendo um homem de negócios sério, não ligava para a admiração das mulheres de sua família por aquele ricaço falastrão. E se o ódio não confere clarividência, um boato da Bolsa em geral tem fundamento, e a repulsa de Fischel por aquele homem o fez completar o que mal iniciara:

— Sabe? — repetiu procurando impor aos olhos da filha o raio triunfante do seu próprio olhar — Ele quer controlar os campos de petróleo da Galícia!

Fischel ergueu-se de novo, dobrou seu jornal como se pega um cachorro pela nuca, e saiu do quarto, porque lembrara-se de telefonar a algumas pessoas para maior segurança. Tinha a sensação de que o que acabava de ler sempre estivera em seu pensamento (como se vê, o efeito das notícias da Bolsa é o mesmo das notícias literárias), e ficou satisfeito com Arnheim, como se não pudesse esperar outra coisa de homem tão sensato; esqueceu totalmente que até ali apenas o julgara um falastrão. Não queria dar-se ao trabalho de explicar à filha o significado do que lhe dissera; qualquer outra palavra teria apenas prejudicado a linguagem dos fatos. “Ele quer controlar os campos de petróleo da Galícia!” Com o peso dessa simples frase sobre a língua, ele retirou-se, pensando: “Quem sabe esperar sempre ganha!” O que é uma velha regra da Bolsa, e, como todas as verdades da mesma, complementa perfeitamente as verdades eternas.

Mal ele saíra do quarto, Gerda teve uma reação intempestiva. Antes, não dera ao pai a satisfação de se mostrar chocada nem surpresa, mas agora, abriu depressa um armário de roupas, tirou chapéu e casaco, ajeitou vestido e cabelo na frente do espelho; sentou-se diante dele e contemplou o próprio rosto, indecisa. Decidira procurar Ulrich. Enquanto o pai falava, ela lembrara que Ulrich deveria saber daquilo o mais depressa possível, pois estava suficientemente informada do círculo que rodeava Diotima para entender o quanto a novidade que o pai estava contando lhe interessaria. Quando resolveu isso, foi como se em suas emoções se agitasse algo há muito tempo vacilante; até então obrigara-se a agir como se tivesse esquecido o convite de Ulrich para visitá-lo, mas mal as primeiras emoções começaram a se agitar naquela massa escura, percebeu também nas mais remotas uma correria, uma agitação; e embora não conseguisse se decidir, a decisão estava tomada e não ligava para Gerda.

“Ele não me ama!”, pensou olhando o rosto no espelho; nos últimos dias, esse rosto ficara ainda mais magro. “E nem pode, com essa minha aparência!”, pensou,

desalentada. Mas acrescentou, desafiadora: “Ele não vale tanto! Eu só me sugestionei!”

E o desânimo a dominou. Os recentes acontecimentos a consumiam. Sua relação com Ulrich lhe parecia algo simples que, no entanto, eles tivessem por anos a fio tentado complicar. E Hans, com sua ternura infantilizada, a deixava com os nervos à flor da pele; tratava-o com aspereza e, nos últimos tempos, até com desdém, mas Hans respondia com mais aspereza ainda, como um menino que ameaça se deixar machucar, e ela, quando tinha da acalmá-lo, era abraçada novamente, ela a tocava como um fantasma, deixando-a de ombros magros e com a pele sem frescor. Gerda cortara com todos esses tormentos ao abrir o armário para tirar o chapéu, e o medo diante do espelho acabou fazendo-a levantar-se e sair correndo, sem que dele minimamente se livrasse.

Quando Ulrich a viu entrar, compreendeu tudo; ela ainda por cima amarrara um véu diante do rosto, como Bonadéia costumava fazer em suas visitas. Todo o seu corpo tremia, o que ela procurava esconder através de uma postura artificialmente desinibida, com efeito ridículo e desajeitado.

— Vim visitar você porque ainda há pouco meu pai me contou uma coisa muito importante — disse ela.

“Estranhíssimo!”, pensou Ulrich. “Agora, de repente, esse você tem um tom de intimidade”. Isso o deixou furioso, e para que ela não percebesse nada, Ulrich procurou explicar o fato dizendo a si mesmo que a postura exagerada de Gerda certamente se destinava a eliminar dessa visita ares de fatalidade e qualquer significação especial, apresentando-a apenas como um acontecimento normal, ainda que um pouco tardio; devia-se, portanto, concluir exatamente o contrário, ficando claro que a moça dessa vez pretendia ir até o fim.

— Há muito tempo nos tratamos por você, só não o percebíamos porque sempre fugimos um do outro! — disse Gerda, que a caminho refletira em como se apresentaria a ele, e estava preparada para o espanto que iria causar.

Mas Ulrich agiu rapidamente, passando o braço pelo ombro dela e beijando-a. Gerda cedeu, como uma vela macia. Sua respiração, seus dedos que se prendiam nele, pareciam os de alguém inconsciente. Nesse momento assaltou-o a crueldade do sedutor irresistivelmente atraído pela indecisão de uma alma arrastada por seu corpo como um prisioneiro por policiais. Pelas janelas entrava no quarto em penumbra a claridade baça da tarde de inverno, e ele estava parado num desses recortes claros, segurando a moça nos braços; a cabeça dela destacava-se, loura e nítida, dos macios travesseiros de luz, e a cor do seu rosto era oleosa, dando-lhe um aspecto de morta. Ele a beijou devagar por toda parte na pele entre o cabelo e o vestido, e teve de superar uma leve repulsa, até tocar os lábios dela, que encontraram os seus” de um modo que o fez pensar nos bracinhos fracos com que uma criança enlaça o pescoço de um adulto. Pensou no belo rosto de Bonadéia, que no ímpeto da paixão lembrava uma pomba cujas plumagens se eriçavam nas presas de uma ave de rapina, e na nobreza de estátua de Diotima, que ele não saboreava; em vez da beleza que essas duas mulheres lhe queriam dar, seu olhar deparava singularmente com o rosto de Gerda, desfeito pela emoção, e desamparadamente feio.

Gerda não permaneceu muito tempo naquele desmaio acordado. Pensara fechar os olhos apenas por um segundo, e enquanto Ulrich lhe beijava o rosto, sentiu as estrelas paradas na infinitude do espaço e do tempo, de modo que não teve

impressão da duração e dos limites do fato, mas despertou assim que as atenções dele diminuíram; então, firmou-se novamente sobre as pernas. Tinham sido os primeiros beijos de paixão real, não fingida nem ilusória, que ela dera e, pensava ter recebido, e o eco em seu corpo era tão tremendo que naquele momento parecia ter-se tornado mulher. Mas esse fenômeno é semelhante a arrancar-se um dente: embora depois sobre menos do corpo do que havia antes, temos a sensação de estarmos mais completos, porque um motivo de inquietação foi eliminado; e depois de ter chegado a esse estado, Gerda endireitou-se, cheia de determinação:

— Você nem perguntou o que eu vim contar! — disse ao amigo.

— Que me ama! — respondeu Ulrich, um pouco desconcertado.

— Não, que seu amigo Arnheim está enganando sua prima; banca o apaixonado, mas suas intenções são bem diferentes! — E Gerda contou a descoberta de seu pai.

Essa notícia, na sua simplicidade, causou grande impressão em Ulrich. Achou que devia prevenir Diotima de estar caminhando para uma ridícula decepção, com as asas da alma bem abertas. Pois apesar do maligno prazer que essa idéia lhe proporcionava, ele sentia pena da bela prima. Essa compaixão era, porém, grandemente superada pela cordial gratidão para com papai Fischel, e embora Ulrich estivesse na iminência de lhe causar grande mágoa, admirava honestamente sua confiável e antiquada sensatez de homem de negócios, enfeitada com belas convicções, que conseguira desvendar o segredo de um grande intelectual moderno.

Com isso, Ulrich se distanciara das exigências amorosas que a presença de Gerda lhe fazia. Admirou-se de há poucos dias ter pensado na possibilidade de abrir o coração àquela mocinha; “superar a segunda muralha”, pensou, “é o que Hans diz sobre essa ridícula idéia de dois anjos ébrios de amor!”, e em pensamento, como se a acariciasse com os dedos, saboreou a superfície dura, magnificamente lisa da figura prosaica que a vida hoje em dia assume através dos sensatos esforços de Leo Fischel e seus iguais. Assim, a frase:

— Seu pai é formidável! — foi a única coisa que respondeu.

Gerda, consciente da importância de sua notícia, esperara outra reação; não sabia o que desejara como efeito do que lhe viera dizer, mas era mais ou menos como o momento em que numa orquestra todos os instrumentos soam e vibram, e a indiferença que Ulrich de repente aparentava fê-la lembrar-se dolorosamente de que, diante dela, ele sempre se apresentara como defensor do medíocre, comum e sóbrio. Pois se, entretantes, ela se persuadira de que aquilo era apenas uma forma espinhosa de aproximação amorosa, cujo modelo encontrava em sua própria alma de mocinha, agora “que já se amavam” — como rezava a fórmula meio infantil que tinha para isso em seu íntimo —, uma clareza desesperada a prevenia de que aquele homem, a quem estava entregando tudo, não a levava muito a sério. Perdeu boa parte da segurança que conquistara, mas, por outro lado, aquele “não ser levada a sério” lhe pareceu maravilhosamente agradável; eliminava todos os esforços que a relação com Hans exigia para manter-se, e quando Ulrich elogiou o pai dela, Gerda não compreendeu mas sentiu que se reestabelecia uma certa ordem que ela ferira magoando o pai por causa de Hans. Essa doce sensação de um retorno inusitado ao seio da família, que ela comemorava com aquele seu mau passo, distraiu-a tanto que resistiu ternamente aos braços de Ulrich e disse:

— Vamos nos encontrar primeiro como seres humanos, o resto virá por acréscimo!  
— Essas palavras vinham de um programa da “comunidade de ação” e representavam no momento a última coisa que restava de Hans Sepp e seu grupo.

Mas Ulrich lhe passara novamente o braço pelo ombro, porque desde a notícia sobre Arnheim sentia que algo de importante ia acontecer, mas antes era preciso levar a cabo aquele encontro com Gerda. Não sentia outra coisa senão um extraordinário desgosto por ter de cumprir tudo aquilo, e por isso passou logo em torno dela o braço rejeitado, mas dessa vez com aquela muda linguagem que fala sem violência, mais insinuante do que palavras, anunciando que qualquer resistência será inútil. Gerda sentiu a virilidade daquele braço descendo pelas suas costas; baixara a cabeça e olhava fixamente para o colo, como se lá reunisse num avental os pensamentos com cujo auxílio queria encontrar-se “humanamente” com Ulrich, antes de acontecer aquilo que seria o coroamento de tudo; mas sentiu que seu rosto ficava cada vez mais vazio e mais tolo, e por fim ergueu-o como uma casca vazia e ali ficou, com os olhos sob os olhos do seu sedutor.

Ele se curvou e cobriu-o com os beijos rudes que agitam a carne. Gerda levantou-se, sem vontade própria, e deixou-se conduzir. Faltavam uns dez passos até chegarem ao quarto de Ulrich, e a moça se apoiava como alguém gravemente ferido, ou um enfermo. Um pé colocava-se estranhamente diante do outro, embora ela não se deixasse arrastar mas andasse livremente. Gerda nunca sentira um vazio daqueles apesar de tanta excitação; pensou que o sangue lhe fugira todo, sentia interiormente um frio gelado, passou por um espelho que pareceu lhe mostrar sua imagem de uma distância excessiva, apesar disso percebeu seu rosto vermelho com manchas pálidas. E de repente, como ocorre nas desgraças, quando o olhar muitas vezes tem uma receptividade exagerada para todas as coisas simultâneas, viu o quarto de homem, fechado ao seu redor, com todos os detalhes. Lembrou-se de que talvez pudesse ter entrado lá com mais sabedoria e cálculo, como mulher; teria ficado muito feliz, mas procurou palavras para dizer que não queria nenhuma vantagem, apenas entregar-se; não encontrou as palavras, disse para si mesma: “tem de ser!”, e abriu a gola do vestido.

Ulrich a soltara; não conseguiu ajudá-la a despir-se com a tema assistência do amor, ficou parado de lado e tirou as roupas. Gerda contemplou o poderoso e esbelto corpo ereto do homem, seu equilíbrio de violência e beleza. Notou, assustada, que seu próprio corpo, embora ainda em roupas de baixo, se arrepiava todo. Procurou outra vez palavras que a pudessem ajudar; sentia-se deplorável, ali parada! Desejava dizer algo que tornasse Ulrich seu amante da maneira que sempre sonhara, numa dissolução infinitamente doce, para a qual nem se precisava fazer o que ela estava na iminência de fazer. Era maravilhoso e vago. Por um momento, viu-se com ele num ilimitado campo de círios como fileiras de amores-perfeitos enfiados no chão, incendiando-se a seus pés a um simples aceno. Mas como não conseguisse falar naquilo, sentiu-se terrivelmente feia e miserável, os braços tremiam; não conseguia terminar de se despir, seus lábios exangües fecharam-se com força para não se moverem num sinistro murmúrio sem palavras.

Ulrich, percebendo os tormentos dela e o perigo de estragar o que até ali fora conseguido com tanto esforço e autocontrole, foi até ela e desamarrou as fitas de seus ombros. Gerda enfiou-se na cama parecendo uma adolescente. Por um momento, Ulrich pensou ver os movimentos de um jovem nu; aquilo tinha tanto a ver com amor quanto o cintilar de um peixe na água. Adivinhava que Gerda resolvera apressar

o mais possível o acontecimento inevitável, e viu, como nunca, que a apaixonada penetração em um corpo estranho é o prosseguimento da tendência infantil de meter-se em esconderijos secretos e criminosos. As mãos dele tocaram a pele da moça, ainda eriçada de medo, e ele próprio sentiu-se mais assustado que atraído. Não apreciava aquele corpo, já meio flácido, ainda meio infantil; o que estava fazendo lhe pareceu absurdo, teria preferido fugir da cama, e para não o fazer evocou todos os pensamentos apropriados. Assim, persuadiu-se com desesperada rapidez de todas as razões gerais para, hoje em dia, agirmos sem fé, sem consideração, sem alegria; e, entregando-se a isso, não sentiu o arrebatamento do amor mas uma emoção meio louca, lembrando carnificina e crime sexual, ou, se isso existe, um arrebatamento que lembrava um suicídio sexual, executado pelos demônios do vazio que moram atrás de todas as imagens da vida.

De repente, sua situação lhe recordou por uma obscura analogia aquela briga noturna com os malandros de rua, e desta vez quis ser mais rápido; mas no mesmo momento começou a acontecer algo horrível. Gerda transformara em força de vontade todas as suas reservas interiores, usando-as para reprimir seu terrível pavor; era como se a fossem matar, e no momento em que sentiu Ulrich a seu lado, naquela nudez estranha, e as mãos dele a tocaram, seu corpo arremessou para longe todo o controle. Em algum lugar no fundo de seu peito ainda havia uma indizível amizade, um desejo terno e trêmulo de abraçar Ulrich, beijar seu cabelo, seguir sua voz com os lábios, e imaginou que, se atingisse a verdadeira natureza dele, haveria de se derreter toda como um punhado de neve numa mão quente; mas era um Ulrich vestido como de costume, movendo-se nos familiares aposentos da casa dos pais dela, e não aquele homem nu, cuja hostilidade ela adivinhava, que não levava a sério o sacrifício dela, embora não a deixasse refletir. Gerda percebeu de repente que estava gritando. Como uma nuvenzinha, uma bolha de sabão, aquele grito pairava no ar e outros seguiram. Eram gritinhos arrancados do peito, como se ela estivesse lutando com alguma coisa, ganidos dos quais se arredondavam e desprendiam claros sons de *i*. Seus lábios retorciam-se, molhados como num prazer mortal, e ela quis saltar da cama, mas não conseguiu se levantar. Os olhos não lhe obedeciam, emitiam sinais que ela não comandara. Gerda implorava que a poupassem, como uma criança que deve ser castigada ou levada ao médico e não pode dar um passo porque está totalmente dilacerada e retorcida pelos gritos. Ela pusera as mãos nos seios, e ameaçava Ulrich com as unhas, fechando convulsivamente as longas coxas. Aquela indignação do próprio corpo contra si mesma era terrível. Gerda tinha a sensação de estar num teatro, mas também de estar sentada sozinha e abandonada na platéia escura, sem poder evitar que seu destino se desenrolasse ali, entre gritos e violências, tendo de participar involuntariamente do espetáculo.

Ulrich contemplava, cheio de horror, as pequenas pupilas nos olhos enevoados dos quais o olhar emergia estranhamente rígido, e observou perplexo os movimentos singulares nos quais desejo e proibição, alma e ausência de alma se entrelaçavam de um modo inexprimível. Seus olhos tiveram brevemente a visão da pele loura e pálida com os pelinhos negros que se avermelhavam lá onde se tornavam mais abundantes. Aos poucos, entendera que presenciava um ataque histérico, mas não sabia o que fazer. Receava que os gritos incrivelmente dolorosos ficassem ainda mais altos. Lembrou-se de que gritar brutalmente com ela podia interromper o acesso, talvez uma súbita bofetada. O intangível algo de evitável naquele horror fê-lo pensar que um

homem mais moço talvez continuasse a tentar penetrar a moça. “Talvez assim se superasse esse momento”, pensou. “Talvez logo agora eu não deva ceder, depois que essa bobinha chegou a tal ponto!” Não fez nada disso, mas tais pensamentos irritados varavam sua mente de um lado para outro, pois ele sussurrava involuntária e incessantemente palavras consoladoras para Gerda, prometendo não lhe fazer mal algum, dizendo que não lhe tinha acontecido nada ainda, pedindo perdão, e aquelas cascas de palavras alinhavadas num momento de horror lhe pareceram tão indignas e ridículas que teve de lutar contra a tentação de simplesmente pegar uma braçada de almofadas e sufocar aquela boca que não parava de berrar.

Mas finalmente o ataque cedeu por si mesmo, e o corpo se acalmou. Os olhos da moça ficaram úmidos, ela se sentou na cama, os seios pequenos penderam, sem viço, no corpo ainda não vigiado pela consciência, e Ulrich, respirando aliviado, sentiu mais uma vez toda a repulsa por aquela experiência desumana, meramente corporal, que tivera de suportar. Depois, a consciência habitual voltou a Gerda; algo abriu-se em seus olhos, como alguém que abriu os olhos certo tempo antes de despertar; ela fixou por um segundo um ponto à sua frente, sem compreender, depois notou que estava ali sentada, nua; fitou Ulrich, e o sangue lhe voltou ao rosto, em ondas. Ulrich apenas conseguiu repetir tudo o que estivera lhe murmurando como consolo; passou o braço pelos ombros dela, puxou-a para seu peito, confortando-a, e pediu que não se preocupasse. Gerda voltara à situação de antes do ataque, mas tudo lhe parecia estranhamente pálido e desolado; a cama desfeita, seu corpo despido nos braços de um homem que lhe sussurrava coisas nervosamente, e os sentimentos que a tinham levado até ali. Sabia bem o que significava tudo aquilo, mas também sabia que entrementes acontecera algo pavoroso, de que só se recordava vagamente e com repulsa; e embora notasse que a voz de Ulrich agora estava mais terna, atribuiu-o ao fato de ser para ele, agora, apenas uma doente, e pensou que ele a fizera doente. Mas tudo lhe era indiferente, não tinha outro desejo senão sumir sem dizer mais nada. Baixou a cabeça e afastou Ulrich, Tateou procurando a camisa de baixo, vestiu-a pela cabeça como uma criança, ou uma pessoa que não liga mais para si mesma. Ulrich ajudou-a. Até lhe vestiu as meias, e também teve a impressão de estar vestindo uma criança. Gerda oscilou quando ficou de pé. Sua memória reviu as emoções com que saíra da casa dos pais, para a qual voltava agora. Sentiu que não passara no teste, e estava profundamente infeliz e envergonhada. Não respondeu uma palavra a tudo o que Ulrich dizia. Muito distante de todas as coisas presentes, recordou que certa vez, brincando, ele dissera que a solidão o levava a cometer excessos. Não estava zangada com ele. Apenas, nunca mais queria ouvi-lo.

Ulrich ofereceu-se para pegar um carro, ela, porém, apenas balançou a cabeça, colocou o chapéu nos cabelos desgrehados e saiu sem olhar para ele. Vendo-a partir, o véu agora na mão, Ulrich teve a sensação de estar assistindo a tudo como um menino; pois não deveria tê-la deixado partir em tal estado, mas não lhe ocorria nenhum jeito de a deter, e ele próprio, como tivera de ajudar a moça, estava ainda semidespido, o que conferia à gravidade do momento algo de inacabado, como se precisasse vestir-se inteiramente para decidir o que fazer consigo mesmo.



## A AÇÃO PARALELA CAUSA TUMULTOS

Quando Walter chegou à cidade havia algo no ar. As pessoas não caminhavam diferente do normal, e as carruagens e bondes rodavam como sempre; talvez aqui e ali houvesse algum movimento inusitado, mas desfazia-se outra vez antes que se pudesse percebê-lo direito. Mesmo assim, tudo lhe parecia dotado de um pequeno sinal cuja ponta em seta indicava certa direção, e mal Walter dera alguns passos, sentiu que também ele trazia aquele sinal. Seguiu a direção e notou que o funcionário do Departamento de Artes, que ele era, mas também o pintor e o músico batalhador, sim, até o atormentado marido de Clarisse davam lugar a uma pessoa que não se encontrava em nenhum desses estados determinados; também as ruas com sua atividade e grandes casas de fachadas enfatuadas estavam no mesmo “estado prévio”, como ele dizia de si mesmo, pois tudo dava mais ou menos a impressão de uma forma cristalizada cuja superfície começa a liquefazer-se, retornando a um estado anterior.

Por mais conservador que se mostrasse quando se tratava de rejeitar inovações futuras, dispunha-se a criticar o presente, e a alteração da ordem, que ele pressentia, o deixou contente. As pessoas a quem encontrava em grandes grupos lembravam-lhe seu sonho; elas davam a impressão de uma pressa agitada, de estarem ligadas umas às outras de uma forma que lhe parecia muito mais primitiva do que a habitual, feita de razão moral e afirmações inteligentes, transformando todos numa comunidade mais livre, aberta. Pensou num grande buquê de flores do qual se retirou o barbante para que se abra, mas sem se desmanchar; e pensou num corpo do qual se retiraram as vestes, para fazer surgir a sorridente nudez que não tem palavras nem precisa delas. Caminhando depressa, deparou com uma grande tropa de policiais de prontidão, mas nem isso perturbou o quadro, a visão o encantou como um acampamento militar que aguarda o sinal, e seus muitos colarinhos vermelhos, cavaleiros desmontados e o movimento dos homens anunciando chegadas e partidas estimularam sua belicosidade.

Atrás dessa barreira, embora ainda não estivesse cerrada, Walter logo notou a imagem mais escura da rua; quase não se via mulheres, e também os uniformes coloridos dos oficiais de folga, que normalmente animavam as ruas, pareciam engolidos pela incerteza reinante. Como ele próprio, muitas pessoas chegavam à cidade, e a impressão de seus movimentos era diferente; lembravam palha e restolhos que um vento forte arrasta atrás de si. Em breve, viu também os primeiros grupos assim formados, e, pareciam não só impelidos pela curiosidade mas pela indecisão, sem saber se deviam continuar seguindo aquele encanto estranho, ou dar meia-volta.

Walter recebeu diferentes respostas às suas perguntas. Algumas pessoas a quem se dirigiu disseram que estava acontecendo uma grande manifestação de lealdade ao Estado, outros pensavam ter ouvido dizer que a manifestação se dirigia contra certos patriotas ativos demais, e as opiniões também se dividiam quanto a ser aquela agitação toda promovida pelos alemães por causa da tolerância do governo favorecendo os desejos dos eslavos, o que a maioria acreditava, ou uma agitação em favor do governo, conclamando todos os kakanianos de boa vontade para uma marcha contra as

constantes desordens. As pessoas, como ele, apenas acompanhavam, e Walter não descobriu nada que não tivesse ouvido em seu escritório, mas uma incontável tendência à tagarelice o fazia continuar perguntando. E quer as pessoas à sua volta lhe dissessem que também não sabiam de nada, quer rissem zombando da própria curiosidade, quanto mais ele avançava, mais escutava as primeiras indicações de que era preciso finalmente acontecer alguma coisa, embora ninguém se dispusesse a lhe explicar o quê. E quanto mais avançava, tanto mais notava nos rostos algo insensato que transbordava, escorrendo por cima da sensatez, e já parecia indiferente o que acontecia, para onde todos iam, contanto que fosse algo inusitado, que os deixasse fora de si. E embora esse “ficar fora de si” fosse entendido apenas naquele sentido mais brando de uma leve excitação, sentia-se um distante parentesco com estados esquecidos de encantamento, iluminação, como uma crescente e inconsciente disposição de sair das roupas e da própria pele.

Trocando suposições e falando coisas que pouco combinavam com ele, Walter foi-se inserindo entre os outros que, vindos de grupos hesitantes e fragmentados, iam formando um cortejo movendo-se em direção ao suposto local da ocorrência, aumentando sem intenção determinada, tornando-se cada vez mais denso e forte. Mas todas essas impressões ainda tinham algo de um bando de coelhos que disparam ao redor da toca e a cada momento poderiam sumir dentro dela, quando da ponta daquele cortejo indisciplinado, que não se podia divisar, transmitiu-se até o outro extremo uma excitação mais decidida. Um grupo de estudantes ou outros jovens, que já tinha feito qualquer coisa e “vinha da linha de combate”, juntara-se à multidão; diziam-se coisas que ninguém entendia, mensagens mutiladas e ondas de muda excitação corriam da frente para trás, e, segundo sua natureza ou o que entendiam, as pessoas sentiam indignação ou medo, desejo de brigar ou de seguir princípios morais, avançando num estado em que eram dirigidas por aquelas idéias bastante comuns que parecem diferentes em cada indivíduo, mas, apesar de dominarem a consciência, significavam tão pouco que se uniam formando uma força viva, atingindo antes os músculos que a mente.

Também Walter, no meio do cortejo, foi contagiado e logo estava num estado de excitação e vazio, parecido com o começo da embriaguez. Não se sabe direito como surge essa mudança que, em certos momentos, faz de pessoas com vontade própria uma massa com vontade única, capaz dos maiores excessos no bem e no mal, incapaz de refletir, embora as pessoas que a constituam geralmente tenham cultivado a vida inteira comedimento e ponderação. Provavelmente, a excitação da multidão ansiosa por uma descarga, não vendo saída para suas emoções, salta por cima de todos os trilhos que se abrem inesperadamente, e é de se presumir que sejam exatamente os mais excitáveis, sensíveis e incapazes de resistência, isto é, os extremados, que serão capazes de repentina violência ou nobreza comovente, que vão dar exemplo e abrir caminho; eles são, na massa, os pontos de menor resistência, mas o grito que os atravessa sem ser propriamente emitido por eles, a pedra que chega às suas mãos, a emoção em que se lançam desimpedem o caminho para os outros que, depois de terem intensificado até o intolerável sua excitação, avançam inconscientemente e conferem aos atos dos que os rodeiam a forma de uma ação de massa, que todos sentem em parte como imposição, em parte como libertação.

Nessas excitações que já podemos observar nos espectadores de uma competição e nos ouvintes de um discurso, a psicologia da descarga é menos importante do

que a pergunta: de que fontes surge a disposição de se excitar assim? Pois se o sentido da vida estivesse em ordem, a falta de sentido também estaria, não precisando ter a idiotice como efeito colateral. Walter sabia disso como poucos, carregava em si muitas propostas de melhoria, que agora emergiam, de modo que se defendia o tempo todo, com um sentimento desagradável e insípido, do arrebatamento que apesar disso o entusiasmava. Nesse momento de consciência desanuviada,, pensou em Clarisse. “Bom que ela não esteja aqui”, pensou, “não suportaria essa pressão!” Mas uma dor aguda impediu-o de dar prosseguimento àquela idéia; recordara a nítida impressão de demência que ela lhe dera. “Talvez eu mesmo esteja louco, porque levei tanto tempo para notar isso!”, pensou. “Vou enlouquecer em breve, se continuar vivendo com ela!”, pensou. “Não acredito!”, pensou. “Não há dúvida!”, pensou, e pensou também: “Seu rosto amado, congelado numa careta entre minhas mãos!” Mas já não conseguia pensar nada direito, pois desespero e desesperança cegavam sua consciência. Apenas sentia que, apesar dessa dor, era incomparavelmente mais belo amar Clarisse do que correr ali com a multidão, e, esquivando-se do medo, foi mais para o meio da fileira em que marchava.

Enquanto isso, por outro caminho, Ulrich chegara ao palácio do Conde Leirisdorf. Entrando pelo portão, viu uma guarda dupla, e no pátio um forte piquete policial. Sua Alteza saudou-o, controlado, e mostrou saber que era objeto de indignação do povo.

— Preciso corrigir algo que disse — comentou. — Certa vez eu lhe falei que podemos estar bastante certos de que, quando muitas pessoas são a favor de alguma coisa, ela dará certo. Existem as exceções!

O mordomo entrou logo depois de Ulrich, trazendo a notícia de que a multidão se aproximava do palácio; perguntou, preocupado, se deviam fechar portão e venezianas. Sua Alteza sacudiu a cabeça.

— O que está pensando? — decidiu serenamente. — Isso só os alegraria, por parecer que temos medo. Além disso, estão aí todos os guardas que a polícia mandou! — Mas virou-se para Ulrich, e disse em tom de quem está moralmente ofendido: — Eles que quebrem nossas janelas! Eu disse que homens sensatos não fazem nada de bom!

Um rancor profundo parecia dominá-lo, mal o conseguia ocultar sob a dignidade da calma.

Ulrich fora até a janela quando a multidão chegava. Nas beiras das ruas havia policiais andando ao lado da massa, afastando do caminho pessoas que não participavam, como uma nuvem erguida pelos pés dos que marchavam em filas cerradas. Além disso, havia aqui e ali um veículo já bloqueado, em torno do qual escorria a torrente imperiosa em ondas negras, imprevisíveis, sobre as quais se via dançar a espuma desfeita dos rostos claros. Quando a vanguarda dos manifestantes avistou o palácio, pareceu que alguma ordem os fazia reduzir o passo, uma onda contrária correu para trás, as fileiras que avançavam bloquearam-se umas às outras, e, por um instante, formou-se uma imagem que lembrava um músculo engrossado preparando-se para o golpe. No momento seguinte, esse golpe disparou pelo ar; uma visão estranha, pois constava de um berro de indignação, do qual se viram primeiro as bocas escancaradas, só depois se ouviu o som. Grito após grito, abriam-se os rostos no momento em que chegavam ao palco, e como a gritaria dos mais afastados fosse superada pela dos que se aproxima-

vam, olhando ao longe podia-se ver aquele espetáculo mudo repetindo-se interminavelmente.

— A goela do povo! — disse o Conde Leinsdorf, que parará por um momento atrás de Ulrich; disse-o muito sério, como se isso fosse uma expressão usual como o pão de cada dia. — Mas que estão gritando? Não consigo entender, com todo esse barulho.

Ulrich achou que gritavam principalmente “uh!”

— Sim, mas mais alguma coisa?

Ulrich não lhe disse que entre os sons escuros daqueles “uhs” não raro se ouvia o longo clamor “abaixo Leinsdorf!”; até pensou ouvir por vezes, entre alternados “vivas” à Alemanha, alguns “viva Arnheim!”, mas não estava certo disso, pois o vidro grosso da janela não permitia escutar bem.

Logo depois de Gerda fugir, Ulrich viera até ali, sentindo necessidade de ao menos contar ao Conde Leinsdorf o que ouvira, e que desmascarava Arnheim mais do que tinham esperado. Mas até ali ainda não tocara no assunto. Contemplava a sombria agitação sob a janela, e a lembrança de seus tempos de oficial o enchia de desprezo, pois disse para si mesmo: “Com uma companhia de soldados, se varreria este lugar!” Quase enxergava isso, como se aquelas bocarras ameaçadoras fossem uma só bocarra espumante que de súbito passasse de ameaçadora a medrosa; as beiradas tornavam-se frouxas e tímidas, os lábios descaindo hesitantes sobre os dentes; e de repente, sua fantasia transformou aquela multidão negra e assustadora em um bando de galinhas esvoaçando, enxotadas por um cachorro! Isso aconteceu dentro dele como se todo o mal se condensasse e encrespasse mais uma vez, mas a antiga satisfação de observar o homem moral recuando diante do homem violento e insensível foi, como sempre, uma sensação ambígua.

— O que há com o senhor? — perguntou o Conde Leinsdorf, que andava de um lado para outro atrás de Ulrich, e, por um gesto estranho deste, tivera a impressão de que o outro se cortara nalguma lâmina afiada, o que por ali seria impossível. E como não recebesse resposta, parou, balançou a cabeça e disse:

— Afinal não devemos esquecer que a generosa decisão através da qual Sua Majestade deu ao povo certo direito de cogestão de seus assuntos é bastante recente; assim, podemos entender que não haja um amadurecimento político generalizado, digno da generosa confiança concedida ao povo! Acho que disse isso logo na primeira reunião!

Diante dessas palavras, Ulrich desistiu de falar a Sua Alteza ou a Diotima a respeito das intrigas de Arnheim; apesar de toda a hostilidade, sentia-se mais ligado a ele do que aos outros, lembrando que ele próprio se atirara sobre Gerda como um cachorro grande se lança sobre um caõzinho pequeno que choraminga... percebeu nesse momento que essa lembrança o atormentara o tempo todo, mas cedeu assim que pensou na infâmia que Arnheim preparava contra Diotima. A história daquele corpo que gritava, encenando um espetáculo para duas almas que esperavam impacientes, podia ter até um lado engraçado; e as pessoas ali embaixo, que Ulrich ainda contemplava fascinado, sem se importar com o Conde Leinsdorf, estavam também apenas representando uma comédia! Era isso que o fascinava. Elas certamente não queriam atacar nem dilacerar ninguém, embora tivessem cara disso. Mostravam-se seriamente indignadas, mas não era aquela seriedade que enfrenta fuzis em ação; não era nem mesmo a seriedade de um bombeiro. “Não”, pensou ele, “o que estão fazendo aí é antes um ato

ritual, um jogo sagrado com emoções profundas de humilhação, algum resquício civilizado-incivilizado de ato comunitário que o indivíduo não precisa levar até as últimas consequências!”

E sentiu inveja deles. “Como são agradáveis mesmo agora que procuram parecer o mais desagradáveis que podem!”, pensou. A sensação de poder-se proteger da solidão na massa humana subia até ele, e ter de estar ali em cima, longe disso — coisa que por um momento sentiu tão vivamente como se visse da rua sua própria imagem atrás de um vidro embutido na parede da casa — pareceu expressar o seu destino. Ele sentia que aquele destino teria sido melhor se ele agora se enfurecesse e em lugar do Conde Leinsdorf, desse o alarme à guarda em prontidão, para, noutra ocasião, unir-se amigavelmente àquela mesma gente; pois quem joga cartas com seus contemporâneos, negocia com eles, briga e partilha de suas diversões, pode eventualmente também mandar fuzilá-los, sem por isso ser um degenerado. Há uma certa compatibilidade com a vida, que deixa cada pessoa fazer o que bem entende, sem se importar com ela, e sob a mesma condição, dá a cada qual o seu quinhão: Ulrich pensava nisso. E trata-se de uma regra talvez bastante estranha, mas não menos segura do que um instinto natural, pois dela visivelmente brota a familiar intuição da humana proporção; quem não tem essa capacidade de compromisso, e é solitário, implacável e sério, inquieta os demais naquela maneira inofensiva mas repulsiva de uma lagarta. Nesse momento, Ulrich sentiu, oprimido, a funda repulsa pela falta de naturalidade do ser solitário e suas experiências intelectuais, repulsa que surge quando se contempla uma massa humana agitada por emoções naturais e comuns a todos.

A manifestação ficara mais impetuosa. O Conde Leinsdorf andava nervoso de lá para cá no fundo da sala, e de tempos em tempos dava uma olhada pela outra janela. Parecia sofrer muito embora não o quisesse revelar; seus olhos saltados lembravam duas duras bolas de pedra nas rugas macias do rosto, e os braços, cruzados nas costas, estendiam-se por vezes como num duro combate. Ulrich entendeu que o tomavam pelo conde, pois estava parado ali na janela o tempo todo. Todos os olhares miravam seu rosto lá de baixo, e brandiam bastões em sua direção. A poucos passos dali, onde o caminho fazia uma curva dando impressão de desaparecer atrás dos bastidores, a maioria já estava limpando a maquilagem; teria sido loucura continuar as ameaças sem espectadores, e de um modo que lhes parecia bem natural a excitação sumia dos seus rostos no mesmo instante; muitos riam e estavam contentes como num passeio. Também Ulrich, observando isso, riu, mas os que vinham atrás pensavam que era o conde que ria, e sua raiva aumentou, terrível, levando Ulrich a rir abertamente.

Mas de repente interrompeu-se, enojado. E enquanto seus olhos ainda olhavam alternadamente as bocas ameaçadoras e os rostos divertidos de uns e outros, e sua alma se negava a continuar assimilando aquelas impressões, ele passou por uma estranha mudança. “Não posso mais participar dessa vida, nem posso mais me rebelar contra ela!”, sentiu. Mas ao mesmo tempo sentia atrás de si a sala com grandes quadros na parede, a comprida escrivaninha Império, a hirta verticalidade dos cordões das campainhas e dos cortinados das janelas. É isso tudo parecia um pequeno palco em cuja boca ele se postasse, lá fora os acontecimentos se passando num outro palco, maior, e os dois palcos tinham uma maneira singular de se unirem, sem ligarem para o fato de ele estar ali no meio. Então, a imagem da sala que ele sabia atrás de si encolheu e virou-se para fora, passando através dele, ou, como algo muito macio, em torno dele.

“Estranha inversão espacial!”, pensou. As pessoas agora passavam atrás dele, e através delas ele chegara a um nada; talvez, porém, elas se afastassem passando pela frente e por trás dele, que era banhado por elas como um pedregulho revolvido pelas ondas de um riacho, sempre igualmente diferentes: era um acontecimento que só se podia entender pela metade, e o que Ulrich achou mais estranho foi o estado vítreo, vazio e calmo em que se achava. “Podemos sair de nosso espaço para entrar num outro, oculto?”, pensou, pois sentia como se o acaso o tivesse conduzido a isso por uma secreta porta de ligação.

Afastou esses sonhos com um movimento tão violento do corpo inteiro, que o Conde Leinsdorf parou, espantado.

— O que o senhor tem hoje? — perguntou Sua Alteza. — Está impressionado demais com tudo isso! Eu insisto: temos que conquistar os alemães através dos não-alemães, doa a quem doer!”

Pelo menos Ulrich conseguiu sorrir novamente diante dessa frase. Viu agradecido, à sua frente, o rosto do conde, marcado por muitas rugas e colinas. Há um momento especial quando se aterrissa de avião; o solo emerge redondo e exuberante da planura de mapa à qual se reduzira horas a fio, e o antigo significado que as coisas terrenas voltam a assumir parece crescer do solo: Ulrich lembrou-se disso. Mas incompreensivelmente, no mesmo momento lembrou a decisão de cometer um crime, ou talvez fosse apenas uma idéia informe, pois não ligava a ela nenhuma imagem. Era possível que se relacionasse com Moosbrugger, pois teria gostado de ajudar àquele doido, a quem o destino o ligara tão casualmente, como duas pessoas que podem-se sentar no mesmo banco de um parque. Mas na verdade encontrou naquele “crime” apenas a necessidade de ficar de fora, ou de abandonar a vida acomodada que vivemos no meio dos outros. Não era que os sentimentos ditos antiestatais e misantrópicos — sentimentos mil vezes fundados e merecidos — tivessem surgido de repente ou pudessem ser concretamente comprovados: simplesmente existiam, e Ulrich recordou que eles o tinham acompanhado a vida inteira, raramente, porém, com tal intensidade. Podemos dizer muito bem que, até hoje, todas as revoluções na Terra acabaram prejudicando o homem do espírito; elas começam prometendo uma nova cultura, acabam com as aquisições anteriores da alma como se fossem despojos do inimigo, e são superadas pela revolução seguinte, antes de terem podido ultrapassar o antigo apogeu. Assim, os chamados períodos culturais nada mais são que a longa série dos sinais de retorno de empreendimentos fracassados, e a idéia de se colocar fora dessa série não era novidade para Ulrich! Novas eram apenas as marcas cada vez mais fortes de uma decisão e mesmo de um ato que já parecia estar iniciando. Ele não se esforçou absolutamente por dar conteúdo a essa idéia; a sensação de que agora não viriam novamente generalidades e teorias, das quais já estava cansado, mas de que era preciso empreender algo pessoal e ativo de que ele participasse com sangue, braços e pernas, o dominou totalmente por alguns momentos. Sabia que, no momento desse “crime” singular ainda sem formas em sua consciência, não poderia mais oferecer a fronte ao mundo, e só Deus sabe por que isso era uma sensação apaixonadamente terna; ela estava ligada à estranha memória espacial da mistura dos acontecimentos diante e atrás das janelas, cujo eco mais débil conseguia evocar a qualquer momento, resultando numa relação obscuramente excitante com o mundo que, tendo mais tempo de reflexão, Ulrich talvez atribuísse à lendária luxúria dos heróis devorados pelas deusas que cortejavam.

Mas em vez disso, foi interrompido pelo Conde Leinsdorf que, enquanto isso, encerrara sua batalha pessoal.

— Resistirei aqui, para enfrentar essa indignação! — começou Sua Alteza. — Por isso não posso ir embora! Mas o senhor, meu caro, deveria procurar sua prima o mais depressa possível, antes que ela se assuste com esses fatos e talvez dê a um de nossos jornalistas alguma declaração inadequada! Talvez possa lhe dizer... ele refletiu mais uma vez antes de decidir. — Bem, acho que é melhor lhe dizer que todo remédio forte tem efeitos fortes! E diga-lhe: quem quer melhorar a vida não deve, em situações críticas, ter medo de agir com ferro e fogo! — Ele refletiu mais um pouco; parecia inquietantemente decidido, sua barbicha subia e baixava em prumo quando estava na iminência de dizer alguma coisa e mudava de idéia. Por fim, algo de sua bondade natural irrompeu, e ele prosseguiu:

— Mas também deve lhe explicar que ela não precisa ter medo! Nunca se precisa ter medo de homens enfurecidos! Quanto mais valor eles têm, tanto mais facilmente se adaptam às condições reais se lhes damos oportunidade. Não sei se já notou isso, mas nunca houve uma oposição que não tivesse deixado de fazer oposição ao assumir o poder; não é apenas, como se acredita, uma coisa natural, mas algo muito importante, pois daí resulta, se assim me posso expressar, o que há de efetivo, confiável e duradouro na política!

121

## A CONVERSA

Quando Ulrich entrou na casa de Diotima, Raquel ao abrir a porta lhe anunciou que a patroa não estava, mas o Dr. Arnheim sim, esperando por ela. Ulrich disse que queria entrar, sem notar que, ao vê-lo, sua pequena amiga arrependida corara intensamente.

As ruas ainda freMIam de agitação, e Arnheim, que estava parado à janela, veio em sua direção para o cumprimentar. O acaso daquele encontro hesitantemente procurado animava seu rosto; ele queria, porém, ser cauteloso e não sabia direito como começar. Também Ulrich não se decidia a falar logo nos campos de petróleo da Galícia, e assim, os dois homens se calaram logo depois dos primeiros cumprimentos; por fim foram juntos até a janela, onde ficaram olhando para baixo, mudos, contemplando a arruaça.

Algum tempo depois, Arnheim disse:

— Não consigo entender o senhor; não é mil vezes mais importante lidar com a vida do que escrever?

— Mas eu não escrevo — respondeu Ulrich, lacônico.

— E faz muito bem! — Arnheim aceitou a resposta. — Escrever é como uma doença, como o sarampo. Veja... — ele apontou para a rua com dois de seus dedos bem tratados, num gesto que apesar da rapidez tinha algo de uma bênção papal. — Veja essas pessoas isoladas ou em bandos; de tempos em tempos uma boca se abre por dentro, e grita. Noutra ocasião, o homem escreveria; nisso, o senhor tem razão!

— No entanto, o senhor é um escritor famoso!

— Ah, isso não significa nada! — Mas depois dessa resposta que deixava amavelmente tudo em aberto, Arnheim se virou para Ulrich, postando-se à sua frente, peito contra peito, e disse, escandindo bem as palavras: — Posso lhe fazer uma pergunta?

Naturalmente era impossível dizer não; mas como, sem querer, Ulrich tivesse recuado um pouco, aquela cortesia retórica pareceu um laço que o apanhasse outra vez.

— Espero que não tenha levado a mal nossa última pequena desavença, mas tenha em nota a simpatia que devoto aos seus pontos de vista, embora, o que não é raro, pareçam contradizer os meus. Então, posso lhe perguntar se realmente insiste em que... gostaria de resumir... em que se deve viver com uma consciência reduzida da realidade? Estou me expressando corretamente?

O sorriso com que Ulrich respondeu dizia: não sei, estou esperando para ver o que você vai dizer.

— O senhor falou de uma vida em suspenso, à maneira das metáforas que vivem indecisas em dois mundos. Além disso, disse à senhora sua prima várias coisas extraordinariamente fascinantes. Eu ficaria muito magoado se me considerasse um comerciante militarista prussiano, que não entende nada dessas coisas. Mas o senhor diz, por exemplo, que é apenas a parte indiferente de nós que forma nossa realidade e nossa história; compreendi isso como uma necessidade de renovar as formas e tipos de acontecimentos, e que até lá, na sua opinião, é bastante indiferente o que está acontecendo com Fulano e Sicrano.

— Eu penso — interveio Ulrich prudentemente, com certa resistência — que isso faz pensar numa substância produzida em mil fardos com grande perfeição técnica, mas segundo velhos padrões, por cuja evolução ninguém se interessa.

— Em outras palavras — objetou Arnheim —, pela sua afirmação entendo que o estado atual do mundo, indubitavelmente insatisfatório, se deve ao fato de os líderes acreditarem dever fazer história mundial em vez de dirigirem todas as forças humanas para entranhar de idéias as esferas do poder. Talvez ainda se pudesse fazer uma comparação melhor: com um fabricante que produz de qualquer jeito e só se orienta segundo o mercado, em vez de regular esse mercado! Como vê, suas idéias me tocam bem de perto. Mas por isso mesmo tem de entender que elas às vezes me parecem monstruosas, na medida em que sou um homem que precisa tomar decisões sempre, para manter em funcionamento empresas imensas! Por exemplo, isso acontece quando o senhor exige que se renuncie ao significado real de nossa atividade; ao “caráter provisoriamente definitivo” de nossas ações, para usar a expressão deliciosa de nosso amigo Leinsdorf, ao qual apesar de tudo realmente não podemos renunciar completamente.

— Eu não exijo coisa nenhuma — respondeu Ulrich.

— Ah, sim, e pede bem mais ainda! Pede a consciência da tentativa! — Arnheim disse isso com veemência e calor. — Os líderes responsáveis devem acreditar que não têm de fazer história, mas sim preencher os protocolos das suas experiências para servirem como base a novas experiências! Fico encantado com essa idéia; mas, e o que fazer, por exemplo, com as guerras e revoluções? Podemos ressuscitar os mortos, quando a experiência estiver concluída e eliminada do plano de trabalho?!

Ulrich acabara rendendo-se à excitação da fala, que instiga a prosseguir, mais ou menos como acontece com o cigarro, e respondeu que provavelmente tudo teria de ser



feito com absoluta seriedade para poder avançar, mesmo sabendo que cinquenta anos depois de sua execução todas as tentativas não valeram a pena. Mas essa “seriedade perfurada” não era nada de inusitado; muitas vezes empenhamos nossa vida por nada. Psicologicamente, uma vida por experiências não seria impossível; o que faltava era apenas a vontade de assumir uma responsabilidade de certa forma ilimitada.

— É nisso que reside a diferença decisiva — concluiu. — Antigamente, sentíamos de modo quase que dedutivo, partindo de certas premissas; esses tempos acabaram; hoje vivemos sem uma idéia-guia, mas também sem a técnica de uma indução consciente, ficamos fazendo experiências a esmo, como um macaco!

— Excelente! — admitiu Arnheim espontaneamente. — Mas permita-me uma última pergunta: o senhor sente, segundo sua prima me disse várias vezes, uma viva simpatia por um homem doente e perigoso. Diga-se de passagem que entendo isso perfeitamente. Também com relação a essas pessoas não existe ainda uma maneira certa de proceder, e o desleixo com que a sociedade as trata é vergonhoso. Mas, do jeito que as coisas são, não temos alternativa, ou matamos esse homem, mesmo inocente, ou ele matará inocentes. Assim sendo, o senhor o deixaria escapar na noite da execução, se tivesse poder para tanto?

— Não! — disse Ulrich.

— Não? Realmente, não? — perguntou Arnheim, de repente muito animado.

— Não sei. Acho que não. Naturalmente, eu poderia dar a desculpa de que num mundo mal organizado não posso agir como me parece certo; mas admito que não sei o que faria.

— Sem dúvida é preciso neutralizar esse homem — disse Arnheim pensativo. — Mas, durante seus ataques, ele é uma encarnação do diabólico, que, nos séculos mais fortes, sempre nos pareceu aparentado com o divino. Antigamente se teria mandado esse homem para o deserto quando tivesse seus acessos; então, talvez também cometesse algum assassinato, mas numa forma grandiosa e visionária, como Abraão queria sacrificar Isaac! É isso! Hoje, não sabemos mais o que fazer com esse tipo de coisa, e não somos sinceros!

Talvez Arnheim tivesse dito isso num impulso, não sabendo ao certo o que queria dizer; fora instigado em sua vaidade pelo fato de Ulrich não ter suficiente “alma e loucura” para confirmar sem inibição a pergunta: libertaria Moosbrugger? Mas embora sentisse essa reviravolta como sinal que lhe recordava inesperadamente sua “decisão” no palácio Leinsdorf, Ulrich se aborreceu com o excesso de floreios que Arnheim dedicava a Moosbrugger, e as duas coisas o fizeram indagar, tenso e seco:

— O senhor o libertaria?

— Não — respondeu Arnheim, sorrindo. — Mas queria lhe fazer outra sugestão. — E sem lhe dar tempo de recusar, prosseguiu: — Há muito tempo desejava lhe fazer essa sugestão, para que perdesse a desconfiança em relação a mim, coisa que, sinceramente, me ofende; até gostaria de conquistar sua amizade! Tem uma idéia do que seja uma grande empresa por dentro? Ela tem duas pontas: a direção dos negócios e o conselho administrativo. E habitualmente, acima dessas duas pontas, uma terceira, o comitê executivo, como é chamado aqui na Áustria, que consta de partes das duas outras e se reúne diariamente ou quase diariamente. O conselho administrativo naturalmente é composto de homens de confiança da maioria acionária. — Ele concedeu uma pausa a Ulrich, como se o examinasse para ver se ainda não teria percebido nada. — Eu disse que a maioria acionária coloca seus homens de confiança no

conselho administrativo e no comitê executivo — ajudou. — Essa maioria lhe dá alguma idéia determinada?

Ulrich não tinha idéia nenhuma; tinha apenas uma vaga noção geral sobre dinheiro, funcionários, guichês, ações e outros papéis desse tipo.

Arnheim veio mais uma vez em seu auxílio.

— Alguma vez elegeu um conselho administrativo? Nunca! — acrescentou ele próprio. — Nem teria sentido pensar nisso, porque nunca terá a maioria acionária de uma empresa! — Disse isso com tanta determinação que Ulrich quase se envergonhou por lhe faltar uma qualidade tão importante; e era também uma idéia bem típica de Arnheim, passar num só passo, sem esforço, dos demônios aos conselhos administrativos. Ele prosseguia, sorrindo:

— Até agora não lhe falei numa pessoa, que é em certo sentido a mais importante de todas! Eu disse “maioria acionária”, o que parece uma quantidade inofensiva; mas quase sempre é uma só pessoa, anônima e desconhecida do grande público, o dono principal da empresa, oculto por seus prepostos!

Ulrich começou naturalmente a entender que se tratava de coisa a respeito das quais se lia diariamente nos jornais; mas Arnheim sabia torná-las interessantes. Curioso, ele perguntou quem tinha a maioria acionária no Banco Lloyd.

— Não se sabe — respondeu Arnheim calmamente. — Na verdade, é claro que os iniciados sabem, mas não se costuma falar nisso. Prefiro que me deixe chegar ao cerne da questão. Por toda parte onde existem essas duas forças, um mandante de um lado, e uma administração de outro, surge por si o seguinte fenômeno: utiliza-se qualquer meio possível de expansão, seja moralmente bonito ou não. Digo realmente “por si”, pois esse fenômeno é altamente independente do aspecto pessoal. O mandante não entra diretamente em contato com a execução, e os órgãos de administração ficam protegidos porque não agem por motivos pessoais mas como funcionários. Essa relação existe hoje por toda parte, não só nas finanças. Pode ter certeza de que nosso amigo Tuzzi daria com absoluta tranquilidade de consciência o sinal para desencadear uma guerra, ainda que pessoalmente seja incapaz até de matar um cachorro velho com um tiro; e milhares de pessoas condenarão à morte o seu amigo Moosbrugger porque, não sendo os três carrascos, não precisarão fazer isso com as próprias mãos! Com essa postura “indireta”, aperfeiçoada até o virtuosismo, assegura-se hoje a consciência limpa do indivíduo e de toda a sociedade; o botão que se aperta é sempre branco e bonito, e o que acontece na outra ponta do fio interessa a outras pessoas, que de sua parte não apertaram o botão. Acha isso repugnante? Assim, deixamos milhares morrerem ou vegetarem, movemos montanhas de sofrimento, mas também realizamos coisas! Eu quase diria que nisso, na forma da divisão social do trabalho, exprime-se exatamente a velha bipolaridade da consciência humana em objetivo aprovado e meios tolerados, embora de modo grandioso e perigoso.

Ulrich dera de ombros quando Arnheim perguntara se sentia repugnância. A divisão da consciência moral, de que Arnheim falara, esse mais terrível fenômeno da vida atual, sempre existiu, mas só conseguiu sua sinistra consciência limpa como consequência da divisão geral do trabalho, e como tal possui algo de sua pomposa fatalidade. Ulrich não queria indignar-se com isso e

por desafio, teve a engraçada e agradável sensação que nos proporciona uma velocidade de cem quilômetros quando há no caminho um moralista empoeirado imprecando. Quando Arnheim se calou, ele disse:

— Toda forma de divisão de trabalho pode ser aperfeiçoada. A questão que o senhor me pode propor, portanto, não é se eu acho isso “repugnante”, mas se acredito que chegaremos a condições de vida mais dignas, sem retrocessos!

— Seu inventário geral! — interveio Arnheim. — Dividimos com perfeição as atividades, mas negligenciamos as instâncias para a sua coordenação; destruimos constantemente a moral e a alma segundo as mais novas patentes, e pensamos poder mantê-las intactas com os velhos remédios caseiros da tradição religiosa e filosófica! Não gosto de fazer esse tipo de ironia — corrigiu-se —, e de modo geral considero o chiste uma coisa muito ambígua; mas nunca julguei mera brincadeira a sugestão que fez ao Conde Leinsdorf em minha presença, de que se devia reorganizar a consciência!

— Mas foi brincadeira — respondeu Ulrich asperamente. — Não creio nessa possibilidade. Prefiro imaginar que o Diabo construiu o mundo europeu, e que Deus quer mostrar ao seu concorrente do que é capaz!

— Bela idéia! — disse Arnheim. — Mas por que se aborreceu comigo quando eu não quis acreditar no senhor?

Ulrich não respondeu.

— O que acaba de dizer contradiz a ousada afirmação sobre o método de nos aproximarmos de uma vida justa, que fez momentos atrás — prosseguiu Arnheim, calmo e obstinado. — Aliás, deixando de lado se eu concordo ou não com o senhor em certos particulares, percebo o quanto se misturam no senhor tendências a agir e indiferença

Como Ulrich não julgasse necessário responder, Arnheim falou com a cortesia necessária diante de uma má-criação:

— Eu apenas quis lhe mostrar que hoje, também em decisões de ordem econômica, das quais, aliás, quase tudo depende, ainda é preciso resolver a questão da responsabilidade moral, o que as torna fascinantes. — Mesmo nessa modéstia repassada de censura havia um leve tom de sedução.

— Perdoe — retrucou Ulrich —, refleti sobre suas palavras. — E como se ainda refletisse, acrescentou: — Eu gostaria de saber se, em sua opinião, essa postura indireta e divisão de consciência de nossos tempos se manifestam também quando se infundem sentimentos místicos na alma de uma mulher, julgando ao mesmo tempo que é mais sensato deixar o corpo dela a cargo do marido!

Arnheim corou um pouco ouvindo isso, mas não perdeu o domínio da situação, respondendo tranqüilamente:

— Não sei bem do que está falando. Mas caso fale de uma mulher a quem ama, não poderia dizer isso, pois a realidade é sempre mais rica do que o esquema dos princípios. — Ele se afastara da janela e convidou Ulrich a sentar-se. — Não admite facilmente que está preso! — continuou num misto de admiração e pena. — Mas sei que represento para o senhor antes um princípio hostil do que um adversário pessoal. E aqueles que são pessoalmente os mais encarniçados adversários do capitalismo, não raro são seus melhores servidores nos negócios. Eu mesmo me coloco de certa forma entre eles, senão não me permitiria dizer-lhe isso. Pessoas incondicionais e apaixonadas, quando reconhecem a necessidade de uma concessão, habitualmente são seus mais talentosos defensores. Por isso quero levar até o fim meu propósito em qualquer circunstância, e proponho-lhe que entre para minhas empresas.

Intencionalmente, ele não deu grande importância a essa sugestão; ao contrário, pareceu querer abrandar o efeito barato da surpresa de que estava seguro falando em

tom indiferente, e depressa. Sem responder ao olhar espantado de Ulrich, começou a contar detalhes que se deveriam cumprir se isso acontecesse, sem assumir nenhuma posição pessoal quanto ao caso.

— Naturalmente, no começo o senhor não teria a necessária formação — disse suavemente — para assumir um posto de chefia, e provavelmente nem quereria isso. Por isso, eu lhe ofereceria um posto a meu lado, digamos, de secretário-geral, posto que gostaria de criar especialmente para o senhor. Espero não ofendê-lo com isso, porque não imagino para esse cargo um salário muito sedutor; mas com o tempo, sua atividade lhe permitiria ganhar o que desejasse, e estou certo de que depois de um ano iria me compreender bem melhor do que agora.

Quando terminou esse discurso, Arnheim sentiu-se excitado. Na verdade admirou-se, nesse instante, de ter feito essa oferta a Ulrich, cuja recusa apenas o poderia expor, sem que a aceitação representasse um objetivo satisfatório. Pois a idéia de que aquela pessoa poderia ser capaz de algo que ele próprio não conseguia realizar desaparecera no curso da conversa, e, uma vez manifestada, a necessidade de conquistar aquele homem, colocando-o sob seu poder, se tornara absurda. Pareceu-lhe pouco natural ter reçado naquele homem o que chamava de “espirituosidade”. Ele, Arnheim, era um grande senhor, e para um grande senhor a vida tem de ser simples! Ele se relaciona bem com todos os outros grandes na medida em que isso for permitido, não contesta tudo aleatoriamente, nem duvida de todas as coisas, o que seria contra a sua natureza; por outro lado, porém, há naturalmente coisas belas e ambíguas, e procura-se atraí-las o mais possível. Arnheim acreditava nunca ter sentido a segurança da cultura ocidental com tanta força como naquele momento, maravilhosa tessitura de forças e inibições! Se Ulrich não reconhecia isso, não passava de um aventureiro, e ter sido capaz de quase levar um Arnheim a pensar... mas, apesar de sua muda obscuridade, a essa altura as palavras lhe faltaram. Não conseguiu articular claramente a idéia que tivera, de atrair Ulrich para junto de si em lugar de um filho. Não teria sido nada de mais, um pensamento como outro qualquer, afinal, um daqueles incontáveis pensamentos pelos quais não precisamos nos responsabilizar, provavelmente inspirados pela melancolia que no fundo reside em qualquer vida muito ativa, porque nunca encontramos o que nos satisfaça; e talvez nem tivesse tido aquele pensamento nessa forma contestável: seria uma vaga emoção à qual se poderia dar aquela forma. Mesmo assim, não quis recordar-se disso, apenas lhe brotava vivamente na cabeça a idéia de que, subtraindo da sua idade a de Ulrich, não havia grande diferença; e atrás disso, uma segunda idéia, espectral, de que Ulrich servia para preveni-lo contra Diotima! Recordava ter sentido várias vezes sua relação com Ulrich como uma cratera secundária na qual se reconhecem os sinistros acontecimentos que se preparam na cratera principal, e inquietou-se ao ver que houvera uma erupção, pois as palavras tinham transbordado e agora abriam caminho para a vida. “O que vai acontecer se esse sujeito aceitar minha proposta?” Dessa forma chegavam ao fim os momentos tensos em que um Arnheim tinha de esperar a decisão de um homem mais jovem ao qual só sua fantasia conferira importância. Ficou sentado, muito rígido, com lábios hostis e entreabertos, pensando: “De alguma forma vou poder dar um jeito nisso, caso seja mesmo inevitável”.

Enquanto emoção e reflexão seguiam esse curso, a situação não se estagnara totalmente, pois seguiam-se, ágeis, as perguntas e respostas.

— A que qualidades minhas — perguntou Ulrich secamente — devo essa proposta que comercialmente não se justifica?

— Continua errando nessa questão — respondeu Arnheim. — Em minha posição não se justificam os negócios apenas com dinheiro; o que eu poderia perder com o senhor não tem nenhuma importância diante do que espero ganhar!

— Está me deixando muito curioso — disse Ulrich. — Raramente me dizem que posso dar lucro a quem quer que seja. Eu poderia talvez trazer um pequeno ganho à minha ciência, mas mesmo aí, como sabe, fui uma decepção!

— Sabe muito bem que tem uma inteligência extraordinária — respondeu Arnheim prosseguindo no tom tranqüilo e imperturbável que fazia questão de aparentar. — Não preciso lhe dizer isso. Seria possível haver inteligências mais agudas e confiáveis em nossas empresas. Porém, é o seu caráter, são suas qualidades humanas, o que eu gostaria de ter a meu lado permanentemente, por determinados motivos.

— Minhas qualidades? — Ulrich teve de sorrir. — Sabe que meus amigos me chamam de homem sem qualidades?

Arnheim deixou escapar um pequeno gesto de impaciência, dizendo mais ou menos: “Não me diga a seu respeito nada que eu já não saiba melhor há muito tempo!” Nesse estremecimento que percorreu seu rosto descendo até o ombro manifestava-se a sua insatisfação, enquanto as palavras ainda fluíam segundo seus planos e intenções. Ulrich percebeu essa expressão, e Arnheim o irritava tão facilmente, que decidiu ser inteiramente franco, o que até ali tentara evitar. Tinham-se levantado, e ele afastou-se alguns passos de seu adversário, para observar melhor o efeito do que diria:

— O senhor me fez tantas perguntas importantes, que eu também gostaria de saber uma coisa antes de me decidir.

Ante um gesto convidativo de Arnheim, ele prosseguiu, claro e objetivo:

— Disseram-me que, participando de tudo o que se liga à “Ação” em curso — tanto a Sra. Tuzzi quanto eu seríamos um mero suplemento! —, o senhor visa a adquirir grande parte dos campos petrolíferos da Galícia.

Tanto quanto se podia entrever na luz já baça, Arnheim empalideceu, e dirigiu-se a passo lento para Ulrich. Este teve a impressão de que devia prevenir-se contra alguma descortesia, e lamentou ter dado ao outro, com sua franqueza precipitada, a oportunidade de negar-se a continuar com o diálogo no momento em que se lhe tornava desagradável. Por isso, foi tão amável quando podia ao dizer:

— Naturalmente, não quero ofendê-lo, mas nossa conversa jamais teria sentido se não fôssemos absolutamente francos!

Aquelas palavras, e o tempo do breve trajeto, bastaram para Arnheim recuperar o controle; aproximou-se de Ulrich com um sorriso, colocou-lhe a mão, o braço todo, sobre o ombro, e disse em tom de censura:

— Como pode acreditar nesse boato da Bolsa?

— Não soube disso como boato, mas por alguém bem informado!

— Sim, também já ouvi dizer que se comenta isso; mas, como pôde acreditar? É claro que não estou aqui apenas por prazer; infelizmente, nunca posso me permitir deixar os negócios inteiramente de lado. Nem quero negar que falei com algumas pessoas sobre esses campos petrolíferos, embora deva lhe pedir que não comente essa minha confissão. Mas tudo isso não é o essencial!

— Minha prima — prosseguiu Ulrich — não tem a menor idéia desse seu petróleo. Recebeu do marido a tarefa de sondar o motivo de sua estada aqui, porque

consideram-no homem de confiança do czar; mas estou convencido de que ela não executa muito bem essa missão diplomática, pois está certa de ser ela mesma a única razão de o senhor estar entre nós!

— Não seja tão indelicado! — O braço de Arnheim deu um pequeno empurrão amigável no ombro de Ulrich. — Talvez sempre haja significados secundários, mas há pouco, apesar do tom de sátira, o senhor falou nisso com a malcriada franqueza de um colegial!

Aquele braço em seu ombro deixou Ulrich inseguro. Era ridículo e desagradável sentir-se abraçado, podia-se dizer que era lamentável; mas Ulrich há muito tempo não tinha um amigo, e talvez por isso aquilo fosse um tanto perturbador. Teria gostado de afastar o braço e involuntariamente tentou fazer isso; mas Arnheim percebeu os pequenos sinais de repulsa e esforçou-se para não o demonstrar; por cortesia, sentindo a difícil situação do outro, Ulrich ficou firme e tolerou o contato, que começou a ter efeito cada vez mais estranho sobre ele, como um grande peso que mergulha num dique pouco sólido e o parte em dois. Sem notar, Ulrich erguera a seu redor essa parede de solidão, e agora, por uma brecha, jorrava a vida, o pulso tie outra pessoa, e era uma sensação boba, ridícula, mas um pouco excitante.

Pensou em Gerda. Lembrou-se de como já seu amigo de juventude, Walter, lhe despertara o desejo de poder se ligar mais uma vez inteiramente a outra pessoa, como se em todo o grande mundo não houvesse outras diferenças senão as da simpatia e antipatia. Agora que era tarde, brotou-lhe novamente esse anseio, em ondas prateadas, como, na amplidão de uma torrente, as ondas de água, luz e ar se tornam uma só superfície de prata; e era tão embriagador que ele teve de se cuidar para não ceder e, na sua situação dúbia, provocar algum mal-entendido. Mas quando seus músculos se enrijeceram, recordou que Bonadéia lhe dissera: “Ulrich, você não é mau, apenas torna difícil para si mesmo ser bom!” Bonadéia, que naquele dia fora tão espantosamente inteligente e também dissera: “No sonho você não pensa: vive!” E ele respondera: “Fui uma criança terna como o ar numa noite enluarada...” Recordou agora que na verdade a imagem fora outra: o clarão de uma lâmpada de magnésio dilacerando-se em luz como seu próprio coração dividido por um instante; mas isso fazia muito tempo, e não se atrevera a pronunciar aquela comparação, sucumbindo à outra. Nem fora numa conversa com Bonadéia, mas com Diotima, lembrava isso agora. “As diferenças da vida se juntam nas raízes”, pensou, encarando o homem que lhe oferecera sua amizade por motivos não muito claros.

Arnheim recolhera o braço. Estavam novamente parados no vão da janela, onde tinham começado o diálogo. Lá embaixo na rua ardiam agora pacíficos lampiões, mas sentia-se ainda a agitação dos fatos ocorridos antes. De vez em quando passavam bandos compactos de pessoas falando animadamente, e uma ou outra boca escancarava-se berrando uma ameaça ou fazendo um flamejante “uuu!”, seguido de risadas. Parecia um estado de semiconsciência. E na luz da rua inquieta, entre as cortinas verticais que emolduravam a imagem penumbrosa da sala, Ulrich viu Arnheim e sentiu sua própria figura ali parada, meio clara, meio escura, como rasgos de paixão conferidos pela disparidade da luz. Recordou os “vivas” a Arnheim, que pensara ouvir, e quer este ligasse ou não para os incidentes, naquela sua calma cesárea a contemplar pensativo a rua, era a figura dominante daquele quadro, e parecia sentir-se bem presente lá dentro. A seu lado Ulrich entendeu o que significava ter consciência de si mesmo. A consciência não consegue ordenar o que há de efervescente e cintilante no mundo,

pois quanto mais aguçada, mais ilimitado se torna o mundo. Mas a consciência de si mesmo entra nele como um diretor de teatro, transformando-o numa unidade artística de felicidade. Ulrich invejou aquele homem por sua felicidade. Nada lhe pareceu mais simples naquele instante do que matá-lo, pois, com sua necessidade de imagens plásticas, Arnheim o instigava a representar velhos textos! “Pegue um punhal e cumpra o destino dele!”, Ulrich tinha essas palavras no ouvido com entonação de mau ator, mas involuntariamente colocou-se com meio corpo atrás de Arnheim. Via a escura, larga superfície do pescoço e dos ombros à sua frente. Especialmente o pescoço o excitava. Sua mão procurou o canivete nos bolsos do lado direito. Ergueu-se na ponta dos pés e seu olhar passou por Arnheim, baixando novamente à rua. Na penumbra lá fora, as pessoas eram como areia trazida por uma onda que movesse seus corpos. Alguma coisa tinha de seguir-se àquela manifestação, por isso o futuro mandava à frente uma onda, misturando as pessoas num ato criativo que as transcendia, mas numa confusão muito vaga e negligente, como sempre. Era mais ou menos assim que Ulrich sentia as imagens que via; fixou-se nelas por um breve instante, mas estava cansado até a náusea para criticá-las. Com cautela, deixou-se cair novamente sobre os calcanhares; sentiu vergonha dos pensamentos que o tinham feito seguir o mesmo caminho em direção oposta, mas sem levar isso muito a sério; e teve vontade de bater no ombro de Arnheim, dizendo: “Obrigado, estou farto, quero tentar alguma coisa nova e aceito sua proposta!”

Mas como não fizesse isso, os dois homens acabaram ignorando a resposta à sugestão de Arnheim. Este retomou a conversa num ponto anterior:

— O senhor costuma ir ao cinema? Deveria ir! — disse. — Talvez ele ainda não tenha grande futuro na sua forma atual, mas espere que grandes interesses comerciais — da eletroquímica ou da indústria de tintas, por exemplo — se liguem a ele, e em algumas décadas verá uma evolução que nada mais poderá deter. Então começará um processo em que todos os meios de acumulação e intensificação serão usados; nossos poetas ou estetas podem imaginar o que quiserem: surgirá uma arte da A.E.G.\* ou da Hoechst. É horrível, meu caro! Você escreve? Não, eu já lhe perguntei isso. Mas por que não escreve? Tem razão. O futuro poeta e filósofo virá da mesa do jornalista! Nunca percebeu que nossos jornalistas estão cada vez melhores, e nossos poetas cada vez piores? Sem dúvida isso é uma evolução regular; alguma coisa está acontecendo, e não duvido do que seja: a era das grandes individualidades está chegando ao fim! — Ele curvou-se para diante. — Não posso ver seu rosto, minha luz de tiro é fraca! — Riu um pouco. — O senhor propôs um inventário geral do espírito: acredita nisso? Acredita que a vida é regulável pelo espírito? Disse não, é natural. Mas não acredito, pois o senhor é um homem que abraçaria o demônio, por ele ser o homem sem igual!

— De onde tirou isso?

— Do prefácio suprimido dos “Salteadores” de Schiller.

“Naturalmente, do suprimido”, pensou Ulrich, “só podia ser.” — “Espíritos excitados pelo repulsivo vício, por amor à grandeza que se prende a ele” — Arnheim

---

\* Trata-se da Companhia Geral de Eletricidade, gigantesco conglomerado, uma espécie de "General Electric" alemã. Note-se que Musil, para compor a figura de Arnheim, apoiou-se nos traços e na personalidade do herdeiro da AEG, Walther Rathenau, mais tarde ministro da República de Weimar, assassinado por forças reacionárias (N. do T.)

citou ainda, com sua poderosa memória. Sentiu que voltara a ser o dono da situação, e Ulrich, seja lá por que motivos, cedera; não sentia mais dureza hostil a seu lado, nem era mais preciso falar do convite, tudo aquilo acabara de maneira bastante feliz; mas como um boxeador adivinha o cansaço do adversário e emprega então todo o seu peso, ele sentia a necessidade de deixar agir o peso inteiro daquela proposta, e prosseguiu:

— Acho que agora vai me entender melhor do que de início. Confesso sinceramente que por vezes me sinto muito só. Quando as pessoas “começam”, pensam de maneira excessivamente econômica; mas quando as famílias de empresários estão na segunda ou terceira geração, perdem a fantasia. Então, produzem apenas administradores impecáveis, castelos, caçadas, oficiais e genros aristocratas. Conheço esse tipo de gente no mundo inteiro; existem entre eles pessoas inteligentes e finas, mas não são capazes de produzirem uma só idéia nova, que se relacione com essa inquietação, essa independência e talvez infelicidade que designei citando Schiller.

— Infelizmente não posso continuar conversando — respondeu Ulrich. — A Sra. Tuzzi deve estar esperando que volte a calma, na casa de uma pessoa amiga, e preciso ir. Então acha que, sem entender nada de economia, eu tenho essa inquietação, tão propícia porque tira à economia o que é excessivamente econômico? — Ele acendera a luz para despedir-se, e esperava resposta. Arnheim colocou o braço no ombro dele, numa amabilidade majestosa, gesto que parecia ter-se tornado costumeiro, e retrucou:

— Perdoe se talvez falei demais, era por me sentir só! A economia assume o poder, e o que fazemos com o poder?, nos perguntamos às vezes! Não me leve a mal!

— Ao contrário! — assegurou Ulrich. — Tomei o propósito de refletir seria mente sobre seu convite! — Disse isso depressa, e podia-se interpretar essa pressa como excitação. Por isso, Arnheim, ainda esperando Diotima, ficou ali, um pouco espantado, temendo que não seria tão simples fazer Ulrich desistir dessa idéia de maneira honrosa.

## A CAMINHO DE CASA

Ulrich foi a pé para casa. Era uma noite bonita, mas escura. As casas altas e fechadas formavam o espaço estranho das ruas, que se abria para o alto, onde, no ar, algo se passava, o vento, as trevas ou as nuvens. O caminho estava tão deserto que era como se a agitação anterior agora tivesse lançado o mundo num profundo sono. Quando Ulrich deparava com algum transeunte, o eco dos passos vinha sozinho a seu encontro por um longo tempo como um anúncio soturno. Os acontecimentos se desenrolavam na noite como num teatro. Ulrich sentia-se uma aparição, maior do que era, provocando ecos, arrastando sua sombra ao passar por alguma superfície iluminada, como um louco enorme e crispado, que num momento se alteia e no outro rasteja outra vez humildemente sobre os próprios calcanhares. “Como às vezes a gente é feliz!”, pensou.

Atravessou um portal, entrando num corredor de pedra que corria ao lado da rua por uns dez passos, separado dela por grossas colunas abobadadas; a treva saltava dos



cantos, cilada e morte bruxuleavam na saída mal iluminada: uma felicidade solene, antiga e sanguinária, dominou a alma. Talvez fosse excessiva; de repente, Ulrich imaginou com quanta autocomplacência e “maestria” interior Arnheim agora andaria, em seu lugar, naquela ruela. Ela já não se alegrava com sua sombra e ecos, e a música espectral das paredes se calara. Ulrich sabia que não aceitaria o convite de Arnheim; agora sentia-se apenas um fantasma errando pela galeria da vida, atônito, sem conseguir encontrar a moldura na qual enfiar-se, e ficou contente quando seu caminho desembocou num local menos opressivo e menos grandioso.

Ruas largas, praças, abriam-se escuras, e casas comuns enfeitadas com a paz de andares iluminados já não tinham magia alguma. Saindo para o ar livre, ele farejou aquela paz, e sem saber ao certo por que, lembrou certas imagens da infância, que revira há algum tempo: mostravam-no em companhia da mãe que morrera prematuramente, e com estranheza vira ali um menininho para quem uma bela mulher de roupas antiquadas sorria feliz. A idéia muito intensa que tinham dele como sendo um menininho comportado, carinhoso, inteligente; as esperanças que não eram absolutamente suas; expectativas indefinidas de um futuro honrado e desejado, que se voltavam para ele como asas abertas de alguma rede dourada: embora tudo isso outrora fosse invisível, depois de décadas tornara-se muito nítido nas velhas fotos; e do meio daquela invisibilidade visível, que tão facilmente poderia ter-se tornado realidade, contemplava-o seu terno e vazio rosto infantil com a expressão um pouco perplexa de quem precisa ficar quietinho. Não teve nenhuma simpatia por aquele menino, e embora se orgulhasse um pouco de sua bela mãe, o conjunto lhe causara principalmente a impressão de ter escapado de algum grande susto.

Quem experimentou essa impressão de sua própria pessoa, envolta num momento passado de autocomplacência, a encarar-nos em velhos retratos, como se um pouco de aglutinante tivesse secado ou caído, compreenderá a sensação com que ele se perguntava de que, afinal, era feito esse aglutinante que não descascava nos outros. Estava agora numa daquelas alamedas que seguem como anel intermitente a linha onde antigamente ficavam as muralhas, e teria podido atravessá-la com poucos passos, mas a grande faixa de céu que se estendia ao comprido sobre as árvores o fez dobrar e seguir por ela, parecendo aproximar-se constantemente daquela guirlanda de luzes que parecia existir só para ele e recobria num recolhimento celestial as alamedas invernosas que ele atravessava, parecendo sempre aproximar-se, mas sem jamais fazê-lo. “É uma espécie de encurtamento em perspectiva da inteligência”, pensou, “o efeito dessa paz noturna, produzindo, na sua duração de um dia ao outro, a sensação permanente de uma vida em paz consigo mesma. Pois segundo a maioria das pessoas, a premissa principal da felicidade não é resolver contradições, mas fazê-las desaparecer, como se fecham as lacunas numa alameda comprida. E assim como por toda parte as relações visíveis se deslocam diante dos olhos produzindo uma imagem que eles possam dominar, em que o urgente e próximo parece grande e, ao longe, mesmo o imenso parece pequeno, uma imagem em que as lacunas se fecham e, por fim, tudo aparece numa redondez ordenada e lisa, assim também agem as relações invisíveis, de tal forma deslocadas pela razão e a emoção, que inconscientemente surge algo em que sentimos: quem manda aqui sou eu. “É essa a operação que eu não consigo *realizar* corretamente”, pensou Ulrich.

Ele parou por um momento diante de uma larga poça que lhe fechava o caminho. Talvez fosse essa poça a seus pés, talvez apenas as árvores nuas a seu lado, que

de repente evocassem num passe de mágica a rua e a aldeia, e despertassem nele a monotonia da alma que jaz entre plenitude e desalento, peculiar ao campo, e que desde aquela primeira viagem-fuga da juventude mais de uma vez lhe trouxera o desejo de uma repetição. “Tudo se torna tão simples!”, sentiu. “As emoções adormecem; os pensamentos apartam-se uns dos outros como nuvens depois do mau tempo, e de repente um belo céu vazio irrompe da alma! Diante desse céu pode reluzir uma vaca à beira do caminho: é uma premência dos fatos, com se nada mais existisse no mundo! Uma nuvem passando poderia provocar a mesma sensação na paisagem inteira: a relva escurece, um momento depois cintila de umidade, nada mais aconteceu, mas é como viajar de uma costa do mar a outra! Um velho perde seu derradeiro dente: e esse pequeno acontecimento significa um corte na vida de todos os vizinhos, no qual podem prender suas lembranças! E assim, todas as tardinhas os pássaros cantam sempre da mesma maneira em torno da aldeia, quando se instala o silêncio atrás do sol poente, mas é cada dia um fato novo, como se o mundo ainda não tivesse nem sete dias de idade! No campo os deuses ainda descem até os homens”, pensou ele, “a gente é alguém e vive as coisas, mas na cidade, onde há mil vezes mais acontecimentos, não somos mais capazes de relacioná-los conosco: e assim a vida começa a tornar-se essa notória abstração.”

Em meio a esses pensamentos, ele não esquecia que isso amplia mil vezes o poder do homem; e mesmo que o dilua dez vezes individualmente, no todo o aumenta em cem vezes. Ele não pensava seriamente numa troca. E, num daqueles pensamentos aparentemente secundários e abstratos que em sua vida tantas vezes assumiam importância, ocorreu-lhe que a lei desta vida, pela qual ansia

mos, sobrecarregados mas sonhando com a simplicidade, não é senão a vida da ordem narrativa! Aquela ordem simples que consta de poder-se dizer: “depois de isso acontecer, aconteceu aquilo!” É a simples seqüência, a repetição da arrebatadora multiplicidade da vida numa dimensão só, como diria um matemático, e isso que nos tranqüiliza; o enfileiramento de tudo o que acontece no tempo e no espaço, em um só fio, aquele famoso “fio da narrativa”, no qual consistiria então também o fio da vida. Sorte daquele que pode dizer “quando”, “antes que”, e “depois que!” Pode-lhe ter acontecido coisa ruim, ou ele talvez se tenha contorcido de dor: assim que for capaz de repetir os acontecimentos na seqüência temporal de seu curso, sentir-se-á bem como se o sol lhe batesse na barriga. É isso que o romance utilizou artificialmente: o peregrino pode cavalgar por uma estrada aberta sob uma chuva intensa, ou ranger os pés na neve a vinte graus abaixo de zero, mas o leitor sente-se confortável, e isso seria difícil de entender, se esse eterno artifício da obra épica, com o qual já as amas-de-leite acalmam as criancinhas, esse eficiente “encurtamento em perspectiva da razão” já não fizesse parte da própria vida. No relacionamento básico com si mesmos, a maioria dos homens são contadores de histórias. Não apreciam a poesia lírica, ou o fazem apenas por alguns instantes, e embora no fio da vida entrelacem também um pouco de “porque” e “para que”, eles detestam toda a idéia que vá além disso: preferem a seqüência ordenada de fatos, porque parece necessária, e, com isso, a impressão de que suas vidas têm um “curso” protege-os de alguma forma no caos. Ulrich percebeu então que perdera esse sentido épico primitivo em que a vida pessoal ainda se agarra, mesmo que na vida pública tudo já se tenha tornado inenarrável e não siga mais “fio” algum, estendendo-se pelo contrário numa superfície infinitamente intrincada.

Quando, ao descobrir isso, voltou a andar, lembrou-se de que Goethe escrevera num ensaio sobre arte: “O homem não é um ser que ensina, é um ser que vive, age e atua!” Deu de ombros, respeitosamente. “É como um ator que perde a consciência dos bastidores e da maquilagem, e pensa estar atuando de verdade, que o ser humano de hoje pode, quando muito, esquecer o incerto pano de fundo de doutrina, do qual dependem todos os seus atos!”, pensou. Mas essa lembrança de Goethe se misturara provavelmente um pouco à de Arnheim, que vivia abusando de Goethe como álibi de suas idéias, pois Ulrich no mesmo instante recordou-se com desagrado daquela inusitada insegurança que o braço daquele homem lhe causara, pousado em seu ombro. Nesse meio tempo, ele emergira do meio das árvores, indo para a beira da alameda; procurava um caminho que o levasse em direção de casa. Tentava encontrar os nomes das ruas, e quase se chocou com uma sombra repentina, tendo de sustar rapidamente o passo para não derrubar a prostituta que se colocara em seu caminho. Lá estava ela, parada, sorrindo ao invés de mostrar raiva por ele quase a ter atropelado como um búfalo, e de súbito Ulrich sentiu que aquele sorriso profissional difundia um pouco de calor na noite. Ela disse algumas palavras; falou-lhe com as expressões gastas que pretendem seduzir e são como o resquício sujo de todos os homens. “Vem comigo, garoto!”, disse ela, ou coisa parecida. Seus ombros descaíam como os de uma criança, por baixo do chapéu brotava um cabelo louro, e na luz do lampião via-se um rosto pálido, de um encanto irregular; sob a maquilagem noturna, poderia se esconder a pele de uma juvenzinha sardenta. Ela erguia os olhos para fitar Ulrich; era muito menor do que ele, e apesar disso chamou-o de “garoto” mais uma vez, e na sua indiferença não achou nada inadequado naquela seqüência de sons pronunciada cem vezes cada noite.

Ulrich comoveu-se. Não a empurrou para o lado e sim parou e deixou-a repetir seu convite, como se não tivesse escutado direito. Encontrara uma inesperada amiga, que se colocava inteiramente à sua disposição em troca de uma pequena recompensa; ela vai se esforçar por ser agradável, e evitar tudo o que o possa irritar; se ele lhe der um sinal de concordância, colocará o braço no dele, com tema confiança e breve hesitação, como só acontece quando pessoas íntimas se reencontram pela primeira vez depois de uma separação involuntária. E se ele lhe prometer multiplicar seu preço habitual e pagar adiantado, para que ela não precise pensar em dinheiro, mas fique despreocupada, como acontece quando se fez um bom negócio, ver-se-á que também a pura indiferença participa, como todas as sensações puras, da vantagem de ser livre de arrogância pessoal e de prestar serviço sem a vã confusão das cobranças emocionais. Em parte a sério, em parte por brincadeira, ele pensava nisso, e não conseguia decepcionar completamente a criaturinha que esperava que ele aceitasse a transação. Ulrich percebeu que desejava a simpatia dela; mas, desajeitado, em vez de trocar simplesmente com ela algumas palavras em sua gíria profissional, procurou dinheiro no bolso, enfiou na mão da moça uma nota que valia mais ou menos o preço de uma visita, e seguiu caminho. Por um momento segurara firme na sua a mão dela, que estranhamente resistira, surpreendida, e dissera apenas uma única palavra amável. Deixou então a moça oferecida, certo de que ela se reuniria às colegas que sussurravam ali perto no escuro, e lhes mostraria o dinheiro, e por fim faria alguma piada exorcizando o que não conseguira entender direito.

Aquele encontro permaneceu vivo dentro dele por algum tempo como um doce idílio de certa duração. Não se iludia a respeito da grosseira pobreza de sua efêmera

amiga. Mas quando a imaginava revirando os olhos e dando aquele pequeno suspiro inabilmente fingido que aprendera a dar no momento certo, aquele teatro profundamente vil, totalmente desprovido de talento, em troca de um pagamento combinado, lhe pareceu comovente, o que não sabia por quê. Talvez por ser a comédia humana em versão mambembe. E já enquanto estivera falando com a moça, uma analogia fácil o fizera pensar em Moosbrugger. Moosbrugger, mórbido comediante, caçador e exterminador de prostitutas, que atravessara aquela noite de desgraças como ele hoje. Quando os vacilantes bastidores das fachadas da rua se tinham imobilizado por um momento, Moosbrugger deparara com aquela criatura desconhecida que esperava por ele junto à ponte na noite do crime. Deve ter sido uma estranha percepção, da cabeça aos pés: Ulrich imaginou a possibilidade por um instante! Sentiu que alguma coisa o erguia do solo, como uma onda. Perdeu o equilíbrio, mas não precisava dele, carregado que ia por aquele ímpeto. Seu coração encolheu, mas a fantasia se embaralhou alargando-se ilimitada, e logo cessou numa espécie de luxúria que quase o esgotava. Ele procurou recuperar a lucidez. Agarrara-se tanto tempo a uma vida sem unidade interior, que agora até sentia inveja de um doente mental por suas alucinações e aquela fé no próprio papel! Mas Moosbrugger atraía só a ele, ou também a todas as outras pessoas? Então ouviu em seu íntimo a voz de Arnheim perguntando: “O senhor o libertaria?” E ouviu-se respondendo: “Não. Provavelmente não”. — “Mil vezes não!”, acrescentou, e apesar disso sentiu, ofuscado, a visão de um ato no qual o ataque resultante de uma excitação máxima e a comoção se tornavam uma coisa só, num indescritível estado comum em que já não se distinguiam prazer de coação, sentido de necessidade máxima, atividade de serena passividade. Ele recordou brevemente a concepção de que esses desgraçados seriam personificação de instintos reprimidos comuns a todos, a encarnação de suas fantasias assassinas e violações imaginadas. Bem, os que acreditavam nisso que se ajeitassem com o fato à sua maneira, e o justificassem para reconstruir sua moral depois de se haverem saciado nele! O dilema de Ulrich era outro: ele não reprimia nada, e ao mesmo tempo tudo o que o contemplava na imagem de um assassino não lhe era mais estranho do que qualquer outra imagem do mundo, iguais, todas elas, aos seus próprios retratos antigos: metade adquiria sentido, metade tornava a revelar-se absurda!

Uma fugitiva metáfora da ordem: para ele, Moosbrugger era isso! E de repente, Ulrich disse: “Tudo isso...!”, e fez um gesto como se varresse para um lado alguma coisa, com as costas da mão. Não dissera isso em pensamento, falara em voz alta; fechou os lábios imediatamente e concluiu a frase, em silêncio: “Tudo isso tem de ser decidido!” Não queria mais saber em detalhe o que era “tudo isso”; “tudo isso” era o que o ocupara e atormentara, e às vezes também o deixara feliz desde o começo de suas “férias”, e o agrilhoara como a alguém que dorme e sonha, a quem tudo é possível, exceto levantar-se e andar. Tudo isso levava a impossibilidades do primeiro dia aos últimos minutos daquele regresso à casa! E Ulrich sentiu que finalmente teria de viver para uma meta atingível, como qualquer pessoa, ou levar a sério aquelas “impossibilidades”. E como tivesse chegado perto de casa, passou depressa pela última rua, com a estranha sensação de que alguma coisa ia acontecer. Era uma sensação estimulante, que jorrava na direção de algum ato, mas sem conteúdo, e por isso mesmo era singularmente livre.

Talvez tivesse passado como muitas outras sensações; mas quando entrou na rua em que morava, Ulrich notou depois de poucos passos que as janelas de sua casa

estavam iluminadas, e chegando diante do portão gradeado do jardim teve certeza. Seu velho criado pedira para passar a noite em casa de parentes em outro bairro; ele próprio não estivera em casa depois do incidente com Gerda, que acontecera durante o dia; os jardineiros, que viviam num subsolo, jamais entravam em seus aposentos. Mas havia luz por toda parte, parecia haver estranhos na casa, assaltantes a quem ele estava surpreendendo. Ulrich ficou tão perturbado, e tinha tão pouca intenção de fugir àquela sensação inusitada, que caminhou para casa sem hesitar. Não esperava nada definido. Viu sombras nas janelas, deduzindo que era uma pessoa só, movendo-se atrás das vidraças; mas poderiam ser várias, e poderiam atirar nele quando entrasse em casa; deveria ele próprio se preparar para atirar? Em outra situação, provavelmente Ulrich teria buscado um policial, ou pelo menos investigado a situação antes de decidir qualquer coisa, mas queria viver sozinho aquela experiência; nem ao menos pegou a pistola que às vezes trazia consigo desde a noite em que fora atacado por malandros. Queria: não sabia o quê, mas logo haveria de ver!

Ao abrir, num arranco, a porta da casa, viu que o assaltante, aguardado com tão confusas emoções, era apenas Clarisse.

123

## REVIRAVOLTA

Talvez Ulrich tivesse pensado desde o começo que tudo se explicaria de maneira inofensiva; era aquela incapacidade de acreditar no pior, com a qual sempre nos expomos ao perigo; mas quando, no saguão, seu velho criado veio inesperadamente ao seu encontro, teve vontade de rebatê-lo. Como, felizmente, desistisse no último instante, soube pelo velho que Clarisse chegara há mais ou menos uma hora, quando o criado se preparava para sair, e recebera um telegrama; não se deixara persuadir a ir embora, de modo que ele preferira também ficar em casa, e desistir da sua folga daquele dia; pois — o magnânimo patrão que lhe perdoasse o comentário — a moça lhe parecera muito nervosa.

Quando Ulrich agradeceu e entrou em seus aposentos, Clarisse estava deitada no divã, um pouco de lado, com as pernas encolhidas; seu corpo esguio e sem cintura, o cabelo de rapaz com o rosto doce e comprido, fitando-o apoiado no braço quando ele abriu a porta, eram extremamente sedutores. Ele lhe disse que pensara tratar-se de algum assaltante. Os olhos de Clarisse pareceram o fogo intenso de uma Browning.

— Quem sabe eu sou uma assaltante! — respondeu. — Aquele velho espertalhão, que é seu criado, não me queria deixar ficar aqui de jeito algum; eu o mandei para a cama, mas sei que está escondido lá embaixo em algum lugar! Bonita, a sua casa! — E deu-lhe o telegrama sem se levantar. — Eu queria ver como é que você chega em casa quando pensa estar sozinho — prosseguiu ela. — Walter está num concerto. Só volta depois da meia-noite. Mas eu não lhe disse que vinha à sua casa.

Ulrich abriu o telegrama e leu enquanto escutava só pela metade as palavras de Clarisse; ficou muito pálido, e leu mais uma vez, incrédulo, aquelas frases estranhas. Há algum tempo, embora deixasse de responder a várias indagações do pai sobre a Ação Paralela e a responsabilidade reduzida, não recebia nenhuma reclamação, mas

isso não o surpreendera. Agora, o telegrama lhe dizia num estilo circunstanciado, singular mistura de censura contida e solenidade fúnebre, certamente redigido em minúcias pelo próprio pai, que seu genitor falecera. Não tinham sido muito ligados, a lembrança do pai sempre fora desagradável para Ulrich, apesar disso pensou, lendo pela segunda vez aquele texto sinistro e grotesco: “Agora estou sozinho no mundo!” O que ele queria dizer não correspondia exatamente ao sentido textual dessas palavras que nem mesmo combinavam com o relacionamento agora concluído; sentia-se emergir, surpreso, como se se tivesse rompido um cabo de âncora; ou sentia-se totalmente estrangeiro num mundo ao qual estivera ligado apenas pelo pai.

— Meu pai morreu! — disse para Clarisse, e ergueu a mão com o telegrama, com involuntária solenidade.

— Ora! — disse Clarisse. — Parabéns! — E depois de uma pequena pausa de reflexão, acrescentou: — Agora você ficou muito rico? — Olhou em torno, curiosa.

— Acho que ele era apenas abastado — respondeu Ulrich. — Eu vivia acima das suas possibilidades.

Clarisse acolheu essa correção com um sorriso muito leve, quase uma mesura de sorriso; muitos dos seus movimentos eram tão precipitados; exageros num espaço em miniatura, como a mesura de um rapazinho que precisa cumprir os deveres sociais por ser educado. Ficou sozinha no quarto, pois Ulrich pediu licença por uns minutos para preparar sua viagem. Quando deixara Walter depois da violenta briga, ela não fora longe, pois diante da porta de casa havia uma escada raramente usada que levava ao sótão, onde ficara sentada, quieta, enrolada num pano até ouvir o marido sair. Conhecia alguma coisa dos bastidores de um teatro; portanto, ela ficara sentada lá em cima, onde correm as roldanas e cordas, enquanto Walter saía de cena pela escada. Imaginou as atrizes, em seus intervalos de ação em que não tinham nada a fazer, sentadas nas vigas sobre o palco, enroladas em panos, olhando tudo; também ela era agora uma dessas atrizes, todos os acontecimentos se desenrolavam a seus pés. E teve seu velho pensamento preferido, de que a vida é uma questão teatral. Não é preciso entendê-la com a razão — pensou; aliás, o que sabiam a respeito até os mais informados que ela? Mas é preciso ter o instinto certo para a vida, como as procelárias! Devemos abrir os braços — e isso, para ela, significava: abrir as palavras, os beijos, as lágrimas — como asas! E encontrou nessa idéia um sucedâneo para a perdida crença no futuro de Walter. Olhava pela escada íngreme que ele descera, abriu os braços e manteve-os assim, erguidos o mais que pôde: talvez isso o ajudasse! “Subir e descer a pique são parecidos em sua força antagônica, e fazem parte um do outro!”, pensou. “Jubilosa diagonal do mundo”, chamou aos braços estendidos, e ao olhar que ia ao fundo. Desistiu de assistir escondida às manifestações na cidade. Que lhe interessava o “rebanho”? Começara o terrível drama dos solitários!

E fora procurar Ulrich. A caminho, tivera por vezes um sorriso astuto, ao pensar que Walter a julgava louca sempre que ela lhe revelava partes de sua alta compreensão da situação de ambos. Sentia-se lisonjeada por ele ter medo de ter um filho dela, e ao mesmo tempo mal poder esperar por isso; “maluca” parecia-lhe ser algo como um relâmpago ou ter alguma saúde tão refinada que assusta aos outros; era uma qualidade que passo a passo se entremeara ao seu casamento, assim como crescera a sua superioridade e posição dominante em casa. Mas sabia que por vezes os outros não a compreendiam, e quando Ulrich voltou ao quarto, sentiu que devia dizer-lhe alguma coisa, como convinha diante de um acontecimento que interferia tão profunda-

mente na vida dele. Saltou rapidamente do divã, atravessou algumas vezes o quarto e os aposentos anexos, e disse:

— Então, meu velho, sinceros pêsames!

Ulrich fitou-a espantado, embora conhecesse aquele tom de voz quando ela ficava nervosa. “Nessas horas ela tem algo tão diretamente convencional”, pensou ele, “como uma página de livro encadernada por descuido em outro livro.” Ela não lhe falara no tom habitual, mas de lado, sobre o ombro, intensificando aquela impressão de que não se pensava ouvir um tom falso mas um texto trocado, com a sensação esquisita de que ela própria constava de várias camadas desses textos. Como Ulrich não respondesse, parou diante dele e disse:

Preciso falar com você.

— Eu gostaria de lhe oferecer alguma bebida — disse Ulrich.

Clarisse apenas moveu a mão rapidamente para lá e para cá, na altura do ombro, recusando. Reuniu seus pensamentos e começou:

— Walter quer muito um filho meu. Você entende isso? — Parecia esperar resposta.

O que Ulrich poderia ter respondido?

— Mas eu não quero! — exclamou ela, veemente.

— Não fique logo zangada — disse Ulrich. — Se você não quer, não pode acontecer nada!

— Mas então *ele* vai morrer de desgosto!

— Gente que pensa estar morrendo a toda hora vive muito! Você e eu já estaremos encarquilhados, enquanto Walter com seus cabelos brancos terá uma cara de jovem e será diretor de algum arquivo público!

Clarisse girou sobre os saltos, pensativa, e afastou-se dele; a alguma distância tomou posição de novo e “agarrou-o” com “os olhos”.

— Sabe como parece um guarda-chuva depois que se tira o cabo? Walter desaba quando eu me afasto. Eu sou o seu cabo, ele é... — “o guarda-chuva”, quis dizer, mas ocorreu-lhe algo muito melhor: — ele é o meu guardador — disse. — Pensa que precisa me proteger. Primeiro, quer me ver bem barriguda. Depois, vai me persuadir de que uma mãe natural amamenta seu filho. Depois, vai querer educar essa criança segundo suas idéias. Você sabe bem disso. Ele simplesmente quer fazer valer direitos, e transformar nós dois em burgueses quadrados, com uma desculpa magnífica. Mas se eu continuar dizendo não, como fiz até agora, ele estará liquidado! Eu sou tudo para ele!

Ulrich sorriu, incrédulo, dessa afirmação absoluta.

— Ele quer matar você! — acrescentou ela depressa.

— O quê? Pensei que você lhe tinha sugerido isso.

— Eu queria ter um filho, mas com você! — disse ela. Ulrich assobiou entre os dentes, surpreendido.

Ela sorriu como alguém muito jovem que fez um pedido impertinente.

— Eu não gostaria de passar a perna em alguém que conheço tão bem como Walter. Detesto isso — disse Ulrich devagar.

— Ah, é? Você então é muito decente? — Clarisse parecia conferir a isso um sentido que Ulrich não compreendia; ela refletiu, e só algum tempo depois continuou com seu ataque: — Mas se você me ama, estará nas mãos dele!

— Como assim?

— É bem evidente, só que não sei como dizer direito. Você vai ser forçado a ter consideração com ele. Ele vai nos magoar muito. É claro que você não conseguirá traí-lo simplesmente, portanto vai querer lhe dar alguma coisa em troca. Bem, e assim por diante. E o mais importante: você o forçará a dar o melhor de si. Não pode negar que estamos metidos dentro de nós mesmos como estátuas num bloco de pedra. Precisamos nos esculpir de nós mesmos! Precisamos nos obrigar a isso mutuamente!

— Bem — disse Ulrich —, mas você está pressupondo que isso vai acontecer, e sendo precipitada!

Clarisse sorriu novamente:

— Talvez eu esteja sendo precipitada! — disse. Aproximou-se e colocou amigavelmente o braço no dele, que ficou pendurado ao lado do corpo sem ceder a ela. — Não gosta de mim? — perguntou Clarisse. E como Ulrich não respondesse, prosseguiu: — Você gosta de mim, e sabe disso. Notei muitas vezes como me olha quando está lá em casa! Ainda se lembra de como eu lhe disse uma vez que você era o demônio? Eu sinto isso. Entenda-me bem: não digo que seja um pobre diabo, esse quer o mal porque não sabe coisa melhor; você é um grande diabo, sabe o que seria melhor mas faz exatamente o contrário do que desejaria! Acha nojenta a vida que nós todos levamos, por isso diz, de birra, que devemos continuar nela. E diz, com uma incrível decência: “Eu não traio meus amigos!”; mas só diz isso porque já pensou cem vezes: “Eu gostaria de possuir Clarisse!” Mas como é um diabo, você também tem algo de um deus, Ulo! De um grande deus! Um deus que mente para não ser reconhecido! Você gostaria de me...

Agora, em vez de um braço, ela agarrava os dois braços dele, e estava à sua frente de rosto erguido, o corpo inclinado para trás como uma planta docemente tocada na sua flor. “Agora aquilo vai transbordar pelo rosto dela como naquela vez!”, pensou Ulrich, com medo. Mas nada aconteceu. O rosto continuava belo. Ela não tinha seu habitual sorriso tênue, mas um sorriso de lábios abertos, que mostrava, com a carne dos lábios, um pouco dos dentes, como se quisesse se defender; e a forma de sua boca era o arco duplo e sinuoso do deus do amor, repelindo-se nas colinas da frente, e, sobre elas, mais uma vez, na nuvem dos cabelos repassados de luz.

— Há muito tempo você me quer pegar entre os dentes dessa sua boca mentirosa, e me carregar, se conseguisse revelar-se a mim como é de verdade! — prosseguira Clarisse. Ulrich livrou-se brandamente de suas mãos. Ela sentou-se no divã como se ele a tivesse colocado ali, e puxou-o para si.

— Você não deveria exagerar assim — censurou-a Ulrich.

Clarisse o largara. Fechara os olhos, apoiou-a cabeça nos dois braços, os cotovelos fincados nos joelhos; seu segundo ataque falhara, e agora ela pretendia persuadir Ulrich pela fria lógica.

— Não precisa interpretar as palavras textualmente — disse. — São apenas maneiras de falar, quando eu digo deus ou diabo. Mas quando fico sozinha em casa, em geral o dia inteiro, passeando pela vizinhança, penso muitas vezes, quer dizer, pensava antigamente: se eu andar para a esquerda, chegará Deus; se for para a direita, virá o Diabo. Também sentia isso quando tinha de pegar alguma coisa e podia fazê-lo com a mão direita ou a esquerda. Quando disse isso a Walter, ele meteu as mãos nos bolsos, de medo! Ele gosta das flores ou mesmo de um caracol; mas, diga, a vida que levamos não é incrivelmente triste? Nem Deus aparece, nem o Diabo. E faz anos que



vivo dessa maneira. O que poderia vir? Nada. Isso é tudo, se por milagre não acontecer através da arte alguma mudança!

Nesse momento, ela dava uma impressão tão doce e triste que Ulrich se deixou seduzir e tocou com a mão aquele cabelo macio.

— Você pode ter razão em alguns detalhes, Clarisse — disse —, mas nunca compreendo as relações entre suas idéias e os saltos do seu raciocínio!

— São simples — respondeu ela, ainda na mesma posição. — Com o tempo, eu tive uma idéia. Escute só! — Endireitou-se e, de repente, ficou animada. — Você mesmo não disse um dia que o estado em que vivemos tem rachaduras pelas quais aparece, por assim dizer, um estado inatingível? Nem precisa responder; sei disso há muito tempo. Naturalmente, toda pessoa quer ter sua vida em ordem, mas ninguém tem! Eu faço música, ou pinto; mas é como se colocasse um biombo diante de um buraco na parede. Você e Walter têm, além disso, idéias que eu entendo pouco, mas alguma coisa também não está certa nisso. Você disse que a gente não olha esse buraco, por preguiça ou hábito, ou que nos distraímos com coisas más. Bem, o resto é simples: é preciso sair através desse buraco! E eu posso fazer isso! Há dias em que consigo sair de mim mesma. Então, a gente fica — como direi? — como que descascada, no meio de coisas das quais também se retirou a casca suja. Ou ficamos ligados através do ar a tudo o que existe, como irmãos siameses. É um estado fantástico; tudo é musical e colorido e rítmico, e eu não sou a cidadã Clarisse, como me batizaram, mas talvez um caquinho brilhante enfiado numa felicidade inaudita. Mas você mesmo sabe de tudo isso! Pois foi a isso que se referiu quando falou que a realidade tem em si um estado inatingível, e que não devemos voltar as nossas experiências em nossa direção, nem encará-las de modo pessoal e real, mas que, cantadas ou pintadas, devemos dirigi-las para fora, etcetera, etcetera: posso repetir tudo direitinho!

Aquele etcetera voltou como uma rima imperfeita enquanto Clarisse continuava falando precipitadamente, e quase todas as vezes concluía dizendo:

— E você tem a força para fazer isso, mas não quer; não sei por que não quer, mas eu vou sacudi-lo!

Ulrich a deixara falar; aqui e ali negara, sem dizer nada, quando ela lhe atribuía alguma coisa que se afastava demais da verdade, mas não tinha vontade de objetar, e deixou a mão pousada no cabelo dela, sentindo pulsar ali embaixo o ritmo confuso dos pensamentos, quase tocando-os com as pontas dos dedos. Nunca vira Clarisse tão excitada sensualmente, e quase se espantou ao encontrar também naquele esguio corpo duro toda a descontracção e terna revelação do ardor feminino; e a eterna surpresa, quando uma mulher que sempre parece uma pessoa fechada de súbito se entreabre, também dessa vez causou efeito. Mas as palavras dela não o aborreciam, embora fossem insensatas; pois aproximando-se do interior dele, depois afastando-se até o absurdo, descreviam um movimento que era como um zumbido ou sussurro cuja beleza ou feiúra não se notava, devido à intensidade da vibração. Ele sentia que ouvi-la facilitava suas próprias decisões como uma música louca, e só quando achou que ela mesma não encontrava mais saída de suas palavras, nem lhes podia pôr fim, sacudiu um pouco a cabeça dela com sua mão espalmada, para chamá-la a si e a censurar.

Mas então aconteceu o contrário do que pretendia, pois, de repente, Clarisse se lançou sobre o corpo dele. Passou o braço pelo seu pescoço, tão depressa, que Ulrich, espantado, não a conseguiu afastar, e apertou os lábios nos dele, encolheu as pernas

com um gesto rápido e escorregou até ele, ajoelhando-se sobre seu colo, de forma que ele sentiu no ombro o pequeno volume dos seios dela. Ulrich quase não entendia as palavras de Clarisse. Ela balbuciava algo sobre sua própria força de redenção e a covardia de Ulrich, dizia que ele era um “bárbaro”, e que por isso era dele e não de Walter que receberia o redentor do mundo. Mas na verdade suas palavras eram apenas um jogo louco junto do ouvido dele, um murmúrio débil, antes um monólogo do que uma busca de diálogo, e só ouvia naquele regato sussurrante uma palavra isolada como “Moosbrugger” ou “Diabo” ou “Olho do Demônio”. Para defender-se, ele pegara pelos braços sua pequena assaltante e apertara-a sobre o diva; agora, ela procurava dominá-lo com as pernas, apertava os cabelos contra o rosto dele, tentava mais uma vez abraçar seu pescoço.

— Vou matá-lo se não ceder! — disse ela, em alto e bom som. Parecia um menino que, numa mescla de ternura e raiva, não se quer deixar enxotar, e cuja excitação cresce cada vez mais. O esforço de dominá-la fazia com que Ulrich só sentisse debilmente o jorro de prazer no corpo dela; apesar disso, o momento em que passou fortemente seu braço pelo corpo de Clarisse, forçando-a para baixo, lhe causou uma emoção intensa. Era como se o corpo dela tivesse penetrado nos sentimentos dele; já a conhecia há tanto tempo, volta e meia tinham lutado um pouquinho, mas nunca a tocara assim, da cabeça aos pés, aquela criaturinha familiar e estranha, de coração selvagem; e quando, dominada pelas mãos dele, Clarisse passou a se mover suavemente, e a languidez do corpo começou a brilhar com ternura em seus olhos, quase aconteceu o que ele não desejava. Naquele momento, porém, ele recordou Gerda, como se só agora tivesse de tomar uma decisão.

— Clarisse, eu não quero! — disse, e largou-a. — Quero ficar sozinho agora, e preciso arrumar muitas coisas antes da viagem!

Quando Clarisse compreendeu que ele recusava, foi como se alguns estremeções fortes tivessem posto a funcionar outra engrenagem em sua cabeça. Ela viu Ulrich parado à sua frente com os traços dolorosamente desfeitos, via-o falar, aparentemente não entendia nada, mas, seguindo os movimentos dos seus lábios e sentindo uma crescente repulsa, notou que suas saias tinham subido acima dos joelhos, e saltou do diva. Antes de poder lembrar qualquer coisa estava de pé, ajeitando cabelos e roupa, como se se tivesse deitado na relva, e disse:

— Claro que você tem de arrumar as malas, não quero impedi-lo mais! Retomara seu sorriso habitual, que forçava caminho, irônico e inseguro, pela estreita fenda dos lábios, e desejou boa viagem.

— Quando voltar, provavelmente Meingast estará hospedado lá em casa; ele anunciou sua chegada, e foi para dizer isso que vim! — comentou em tom casual.

Ulrich segurava a mão dela, indeciso.

O dedo de Clarisse acariciou a mão dele, brincando; ela teria dado a vida para saber ao certo tudo o que lhe dissera, pois devia ter sido toda a sorte de coisas; ficara tão excitada que nem se lembrava mais! Sabia mais ou menos o que sucedera, e não se importava, pois um sentimento lhe dizia que fora corajosa ou abnegada, e que Ulrich fora medroso. Desejava apenas despedir-se dele como amiga, para ele não ter dúvidas quanto a isso. E disse com simplicidade:

— E melhor você não falar a Walter dessa visita, e o que falamos ficará só entre nós até outra ocasião! — Na porta do jardim ela lhe deu a mão mais uma vez, e não quis que a acompanhasse.

Quando Ulrich voltou, teve uma sensação estranha. Tinha de escrever algumas cartas para se despedir do Conde Leinsdorf e de Diotima, e havia várias coisas a arranjar, pois previa que assumir sua herança o deixaria afastado dali por muito tempo; então, pôs alguns pequenos objetos e livros nas malas que o criado, a quem mandara dormir, preparara, e quando tudo estava pronto não sentiu mais vontade de descansar. Estava exausto e extremamente tenso, como consequência daquele dia agitado, e esses dois estados não anulavam um ao outro, mas empurravam-se alternadamente para o alto, de modo que, apesar do grande cansaço, ele estava sem sono. Sem pensar, mas seguindo suas lembranças que balançavam de um lado para outro, Ulrich admitiu primeiro que já não havia dúvidas quanto à impressão que tivera algumas vezes de que Clarisse não era apenas uma pessoa fora do comum, mas sim alguém que, em segredo, já estava mentalmente doente; no seu acesso, ou seja como for que se designasse aquele estado, ela dissera coisas muito parecidas com algumas das suas próprias afirmações, e isso o preocupava, poderia mesmo fazê-lo retomar a fundo suas reflexões, mas, contrariando o estado de sonolência, lembrava-o apenas desagradavelmente de tudo o que ainda tinha que fazer. Passara metade do ano que se propusera, mas não resolvera nada. Lembrou que Gerda lhe pedira que escrevesse um livro a respeito. Mas ele queria viver sem se dividir em uma parte real e outra espectral. Lembrou-se do momento em que falara sobre isso com o subsecretário Tuzzi. Viu a si mesmo e a Tuzzi, parados no salão de Diotima, e havia nisso algo de dramático, teatral. Recordou ter dito levianamente que iria escrever um livro ou matar-se. Mas também a idéia da morte, pensando nisso agora e, por assim dizer, de perto, não era a verdadeira expressão de seu estado; pois, se cedesse mais e imaginasse que, em vez de viajar, poderia matar-se antes do amanhecer, isso lhe parecia, no momento em que recebera a notícia da morte do pai, uma coincidência inconveniente. Ulrich se encontrava num semi-estado de sono, em que as imagens da fantasia começam a perseguir-se umas às outras. Viu o cano de uma arma, e olhando para dentro daquele buraco escuro, notou ali um nada sombrio, sombras que vedavam as profundezas; sentiu uma estranha harmonia e uma singular coincidência no fato de que essa mesma imagem de uma arma carregada tivesse sido, em sua juventude, o símbolo predileto de sua vontade ansiosa de vôo e alvo. E de repente, viu muitas dessas imagens como a da pistola e de sua presença junto a Tuzzi. A visão de uma campina ao amanhecer. Um longo e tortuoso vale de rio, visto de um trem, repleto de grossos nevoeiros noturnos. No outro extremo da Europa, um lugar onde se separara de uma amada; a imagem da amada fora esquecida, a das estradas de terra e das casas cobertas de colmo estava fresca como ontem. Os pêlos da axila de outra amada eram a única coisa que sobrara dela. Trechos isolados de melodias. A singularidade de um gesto. Aromas de canteiros de flor, que antes não percebera devido às palavras fortes que brotavam das almas com uma excitação intensa, e hoje sobreviviam às palavras olvidadas. Uma pessoa percorrendo vários caminhos, quase dolorosa de se ver: ele, que sobrara, como uma fileira de bonecos com as molas há muito partidas. Era de se pensar que tais imagens fossem a coisa mais efêmera do mundo, mas, num momento, desfaz-se a vida toda em imagens, apenas elas ficam no caminho da vida, ele parece ter corrido sempre de umas para outras; e o destino não obedeceu a idéias nem decisões, apenas àquelas imagens misteriosas e meio loucas.

Mas enquanto essa insensata impotência de todas as tentativas das quais se orgulhara quase o fazia chorar, uma emoção singular desenvolveu-se naquele estado

tresnoitado em que se encontrava, ou melhor, ela teve lugar ao redor dele. Em todos os aposentos ainda ardiam as lâmpadas que Clarisse acendera quando estivera ali sozinha, e aquele excesso de luz jorrava entre paredes e coisas, enchendo o espaço com algo quase vivo. Tratava-se provavelmente da ternura contida em todo o cansaço indolor, que transformava a sensação global do seu corpo, pois essa sensação que o corpo tem de si, sempre presente embora despercebida, de limites imprecisos, passou a um estado mais vasto, mais macio. Era um relaxamento, como se o nó de um barbante bem amarrado se tivesse desfeito; e como nada realmente se modificasse em paredes e coisas, e nenhum deus entrasse no quarto daquele descrente, e Ulrich não desistisse de um julgamento lúcido (na medida em que o cansaço não o iludisse), só podia ser a relação entre ele e seu ambiente, que sofria aquela transformação; mas não a parte física dessa relação, nem os sentidos, nem a razão que a ela correspondem na lucidez: o que parecia modificar-se era uma ampla sensação profunda como água de poço, sobre a qual repousam habitualmente as colunas da percepção objetiva e do pensamento; e agora afastavam-se, ou aproximavam-se, docemente: essa distinção perdera seu sentido no mesmo instante.

“É outro comportamento; estou mudando, e com isso muda o que se liga a mim!”, pensou ele, julgando ser bom observador de si mesmo. Mas também se poderia dizer que sua solidão — estado que não havia só nele mas ao redor dele, ligando as duas coisas —, se poderia dizer, e ele próprio sentia isso, que essa solidão era cada vez mais densa, ou maior. Ela atravessava paredes, crescia na cidade, sem realmente se estender; crescia no mundo. “Que mundo? Não há mundo algum!”, ele pensou. Parecia-lhe que esse conceito não tinha mais significação. Mas Ulrich ainda mantinha tamanha vigilância sobre si mesmo que essa expressão, exaltada demais, o atingiu desagradavelmente no mesmo instante; não procurou outras palavras, ao contrário, a partir daí aproximou-se de novo da lucidez total, e, poucos segundos depois, levantou-se. O dia clareava, misturando sua luz pálida na claridade da luz artificial que murchava depressa.

Ulrich levantou-se de um salto e esticou o corpo. Nele ficara alguma coisa que não se desprendia. Passou os dedos nos olhos, mas seu olhar conservou algo da maciez de um contato íntimo com as coisas. E de repente, de maneira quase indescritível, compreendeu que estava novamente onde se encontrara uma vez, há muitos anos. Balançou a cabeça, sorrindo. Um “acesso de esposa-do-major”, foi assim que chamou zombeteiramente ao seu estado. Sua razão dizia que não existia perigo, pois não havia por ali ninguém com quem pudesse repetir aquela loucura. Abriu uma janela. Lá fora, um ar indiferente, um armatinal-de-todo-mundo, com os primeiros rumores da cidade. Enquanto o frio lavava suas têmporas, começou a inundá-lo a repulsa do europeu pelo sentimentalismo, enchendo-o com sua dureza lúcida, e ele tomou o propósito de, se fosse necessário, tratar essa história com grande precisão. Mas, parado longo tempo à janela olhando a manhã sem pensar, ainda sentia em si algo do cintilante deslizar confuso de todas as sensações.

Ficou surpreso ao ver seu criado entrar de repente, para despertá-lo, com a expressão solene de quem se levantou muito cedo. Tomou banho, fez alguns movimentos enérgicos com o corpo, e dirigiu-se à estação.

## ÍNDICE LIVRO PRIMEIRO

### PRIMEIRA PARTE UMA ESPÉCIE DE INTRODUÇÃO

1. Do qual singularmente nada se depreende .....	9
2. Casa e moradia do homem sem qualidades .....	11
3. Também um homem sem qualidades tem um pai com qualidades .....	12
4. Se existe senso de realidade, tem de haver senso de possibilidade .....	14
5. Ulrich .....	16
6. Leona, ou uma mudança de perspectiva .....	18
7. Num momento de fraqueza, Ulrich arranja outra amante .....	21
8. Kakânia .....	24
9. Primeira de três tentativas de tornar-se um homem importante .....	27
10. Segunda tentativa. Inícios de uma moral do homem sem qualidades .....	28
11. A tentativa mais importante .....	30
12. A dama cujo amor Ulrich conquistou depois de uma conversa sobre esporte e mística .....	32
13. Um cavalo de corrida genial faz amadurecer em Ulrich a idéia de ser um homem sem qualidades .....	33
14. Amigos de juventude.....	36
15. Revolução espiritual .....	41
16. Uma misteriosa doença de época .....	42
17. Efeito de um homem sem qualidades sobre um homem com qualidades .....	45
18. Moosbrugger .....	50
19. Carta de exortação, e oportunidade de obter qualidades. Concorrência de duas ascensões ao trono .....	57

## SEGUNDA PARTE A MESMA COISA ACONTECE

20. Contato com a realidade. Não obstante a falta de qualidades, Ulrich porta-se com energia e fervor .....	61
21. A verdadeira invenção da Ação Paralela pelo Conde Leinsdorf .....	64
22. A Ação Paralela, na forma de uma dama influente de indescritível graça espiritual, dispõe-se a devorar Ulrich .....	67
23. Primeira aparição de um grande homem .....	70
24. Propriedade e cultura; a amizade de Diotima com o Conde Leinsdorf, e o ofício de harmonizar convidados famosos com a alma .....	72
25. Sofrimentos de uma alma casada .....	75
26. União entre alma e economia. O homem que consegue isso quer saborear o encanto barroco da antiga cultura austríaca. Com isso nasce uma idéia para a Ação Paralela .....	79
27. Natureza e substância de uma grande idéia .....	81
28. Um capítulo que pode ser omitido pelos que não tiverem opinião favorável sobre a atividade de pensar .....	81
29. Explicação e interrupção de um estado de consciência normal .....	84
30. Ulrich ouve vozes .....	86
31. Aquém você dá razão? .....	87
32. A esquecida e importantíssima história da esposa de um major .....	89
33. Rompimento com Bonadéia .....	93
34. Um raio ardente e paredes frias .....	94
35. O Diretor Leo Fischel e o princípio da razão insuficiente .....	97
36. Graças ao mencionado princípio, a Ação Paralela é palpável antes mesmo de se saber o que ela é .....	99
37. Um jornalista causa grandes aborrecimentos ao Conde Leinsdorf, ao inventar o termo “Ano Austríaco”; Sua Alteza convoca Ulrich urgentemente .....	101
38. Clarisse e seus demônios .....	104
39. Um homem sem qualidades é feito de qualidades sem homem .....	108
40. Um homem com todas as qualidades, mas elas lhe são indiferentes. Um príncipe do espírito é preso, e a Ação Paralela recebe seu secretário honorífico ..	110
41. Raquel e Diotima .....	118
42. A grande sessão .....	121
43. Primeiro encontro de Ulrich com o grande homem. Na história universal nada acontece de insensato, mas Diotima afirma que a verdadeira Áustria é o mundo inteiro .....	126

44. Prosseguimento e final da grande reunião. Ulrich agrada-se de Raquel. Raquel de Solimão. A Ação Paralela recebe uma organização firme .....	129
45. Silencioso encontro de duas sumidades .....	132
46. Ideais e moral são o melhor meio de preencher o grande vácuo a que chamamos alma .....	134
47. Arnheim é, numa só pessoa, o que todos os demais são separadamente .....	136
48. As três causas da fama de Arnheim, e o segredo do todo .....	138
49. Contrastes iniciais entre antiga e nova diplomacia .....	141
50. Novos acontecimentos. O subsecretário Tuzzi decide informar-se bem sobre a pessoa de Arnheim .....	144
51. A família Fischel .....	147
52. O subsecretário Tuzzi constata uma falha no funcionamento de seu ministério ..	151
53. Moosbrugger é levado a outra prisão .....	153
54. Em conversa com Walter e Ciarisse, Ulrich mostra-se reacionário .....	155
55. Solimão e Arnheim .....	159
56. Animada atividade nas comissões da Ação Paralela. Clarisse escreve a Sua Alteza sugerindo um ano de Nietzsche .....	162
57. Grande progresso. Diotima tem experiências singulares quanto à natureza das grandes idéias .....	165
58. A Ação Paralela provoca dúvidas. Porém, não existe retorno voluntário na história da humanidade .....	168
59. Moosbrugger reflete .....	170
60. Passeio ao reino lógico-moral .....	175
61. O ideal dos três tratados ou a utopia da vida exata .....	177
62. Também a Terra, e particularmente Ulrich, cultuam a utopia do ensaísmo .....	179
63. Bonadéia tem uma visão .....	186
64. O General Stumm von Bordwehr visita Diotima .....	192
65. Das conversas entre Arnheim e Diotima .....	194
66. Algumas coisas não vão bem entre Ulrich e Arnheim .....	196
67. Diotima e Ulrich .....	199
68. Digressão: As pessoas precisam concordar com seu corpo? .....	204
69. Diotima e Ulrich. Continuação .....	206
70. Clarisse visita Ulrich para lhe contar uma história .....	210
71. Começa a reunir-se a comissão para tomada de uma resolução diretiva quanto ao jubileu dos setenta anos de reinado de Sua Majestade .....	213
72. O dissimulado sorriso da ciência, ou primeiro encontro detalhado com o mal .....	217
73. Gerda, filha de Leo Fischel .....	221
74. O século IV a.c. contra o ano de 1797. Ulrich recebe outra carta do pai .....	227
75. O General Stumm von Bordwehr considera as visitas a Diotima uma bela variação em seus deveres profissionais .....	230
76. O Conde Leinsdorf mostra-se reservado .....	232
77. Arnheim, amigo dos jornalistas .....	234
78. Metamorfoses de Diotima .....	236
79. Solimão apaixonado .....	241

80. Conhece-se o General Stumm, que aparece de surpresa no concílio .....	244
81. O Conde Leinsdorf se pronuncia a respeito da Realpolitik. Ulrich funda associações .....	249
82. Clarisse exige um “Ano Ulrich” .....	252
83. Acontece a mesma coisa, ou: por que não se inventa a História? .....	257
84. Afirmar-se que também a vida comum é de natureza utópica .....	260
85. Esforço do General Stumm para colocar ordem no espírito civil .....	265
86. O comerciante-rei e a fusão de interesses alma-negócios. E mais: Todos os caminhos para o espírito partem da alma, mas nenhum conduz de volta a ela .....	273
87. Moosbrugger dança .....	281
88. A ligação com grandes coisas .....	285
89. É preciso acompanhar os tempos .....	286
90. Destronização da ideocracia .....	291
91. Especulação sobre espírito em alta e em baixa .....	293
92. Regras de vida de gente rica .....	299
93. Mesmo através da cultura física é difícil dominar a mentalidade civil .....	301
94. Noites de Diótima .....	302
95. O grande escritor visto de costas .....	306
96. O grande escritor visto de frente .....	309
97. As forças e tarefas misteriosas de Clarisse .....	311
98. Sobre um Estado arruinado por um lapso de linguagem .....	318
99. Da meia-inteligência e sua fecunda outra metade; da semelhança de duas épocas; da amável natureza de tia Jane, e desse disparate que se chama novos tempos .....	323
100. O General Stumm se infiltra na Biblioteca Pública e colhe experiências sobre bibliotecários, serventes de bibliotecas, e ordem intelectual .....	327
101. Os parentes inimigos .....	332
102. Guerra e amor na família Fischel .....	341
103. A tentação .....	347
104. Raquel e Solimão na trilha de guerra .....	354
105. Amantes sublimes têm problemas .....	358
106. O homem moderno acredita em Deus ou no chefe de uma empresa mundial? A indecisão de Arnheim .....	361
107. O Conde Leinsdorf consegue um inesperado êxito político .....	366
108. As nações irredentas e os pensamentos do General Stumm sobre o termo redenção .....	369
109. Bonadéia e Kakânia; sistemas de felicidade e equilíbrio .....	373
110. Dissolução e preservação de Moosbrugger .....	378
111. Para juristas não há semiloucos .....	381
112. Arnheim inclui seu pai Samuel entre os deuses e decide conquistar Ulrich. Solimão deseja saber detalhes sobre seu régio pai .....	384
113. Ulrich conversa com Hans Sepp e Gerda na linguagem mista da fronteira entre supra e sub-racionalidade .....	391



114. A situação se agrava. Arnheim se mostra muito afável com o General Stumm. Diotima toma providências para lançar-se ao ilimitado. Ulrich fantasia sobre a possibilidade de se viver como se lê .....	401
115. O bico do teu seio é como uma pétala de papoula .....	410
116. As duas árvores da vida e a exigência de um secretariado-geral da exatidão e da alma .....	415
117. O dia negro de Raquel .....	428
118. Então mate-o! .....	431
119. A Bolsa e a sedução .....	439
120. A Ação Paralela causa tumultos .....	445
121. A conversa .....	451
122. A caminho de casa .....	460
123. Reviravolta .....	465

## FIM DO LIVRO I

Este livro foi impresso na cidade de São Paulo, em agosto de 1999,  
pela Lis Gráfica e Editora, para a Editora Nova Fronteira.  
Os fotolitos do miolo foram feitos pela  
Minion Tipografia Editorial, e os da capa pela Madina Fotolitos.  
O papel do miolo é Chambril 75g/m<sup>2</sup> e o da capa, cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo reembolso postal à  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.  
Rua Bambina, 25 - Botafogo - 22251-050 - Rio de Janeiro - RJ